Ghost Rider

A ESTRADA DA CURA

neil peart

BalasLetras

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Ghost Rider

A ESTRADA DA CURA

© 2002 by ECW Press
Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução no todo ou em parte em quaisquer meios.

Editor
Gustavo Guertler

Assistente editorial
Manoela Prusch Pereira

Capa
Hugh Syme

Adaptação da capa e diagramação
Celso Orlandin Jr.

Foto da capa
Neil Peart

Tradução
Candice Soldatelli

Preparação
Bruno Mattos

Revisão
Felipe Boff

Produção de ebook
S2 Books

E-ISBN: 978-85-8174-174-1

Edição digital: 2014

[2014]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA BELAS-LETRAS LTDA.
Rua Coronel Camisão, 167
Cep: 95020-420 – Caxias do Sul – RS
Fone: (54) 3025.3888 – www.belasletras.com.br

Ghost Rider

A ESTRADA DA CURA

neil peart

Tradução
Candice Soldatelli

BelasLetras

Dedicado ao futuro, com honra ao passado

We’re only immortal for a limited time

Somos imortais apenas durante um determinado período

(Dreamline, 1991)

Sumário

Créditos
Folha de Rosto
Dedicatória
Livro 1 NA ESTRADA DA CURA
- Capítulo 1 PARA O EXÍLIO
- Capítulo 2 RUMO AO OESTE
- Capítulo 3 PARA O NORTE ATÉ INUVIK
- Capítulo 4 RUMO AO OESTE ATÉ O ALASCA
- Capítulo 5 ANDARILHO DE PRIMEIRA CLASSE
- Capítulo 6 A ESTRADA MAIS SOLITÁRIA DA AMÉRICA
- Capítulo 7 DESERT SOLITAIRE
- Capítulo 8 CARTAS PARA BRUTUS

Livro 2 DE VOLTA PARA CASA
- Capítulo 9 INTERLÚDIO DE INVERNO
- Capítulo 10 DESORDEM AFETIVA SAZONAL
- Capítulo 11 DE VOLTA À ESTRADA
- Capítulo 12 FEBRE DE PRIMAVERA
- Capítulo 13 INTERLÚDIO DE VERÃO
- Capítulo 14 RUMO AO LESTE
- Capítulo 15 NO CURSO DO VENTO
- Capítulo 16 O MOTOQUEIRO DA COSTA
- Capítulo 17 TELESCOPE PEAK
- Capítulo 18 EPÍLOGO: PARA SEMPRE
- Agradecimentos

Livro 1

NA ESTRADA DA CURA

Suddenly
You were gone
From all the lives
You left your mark upon

De repente
Você sumiu
De todas as vidas
Que você marcou

(Afterimage, 1984)

Capítulo 1
PARA O EXÍLIO

You can go out, you can take a ride
And when you get out on your own
You get all smoothed out inside
And it's good to be alone

Você pode sair, dar uma volta
E quando estiver lá fora sozinho
Tudo ficará calmo por dentro
E é bom estar só

(Face Up, 1991)

Lá fora, à beira do lago, a chuva torrencial parecia reter a escuridão, transitando com relutância do negro para o azul e depois para o cinza. Enquanto eu preparava o último café da manhã em casa, espremendo as laranjas, cozinhando os ovos e sentindo o aroma das torradas e do café, olhei pela janela da cozinha e vi à meia-luz as matas de Quebec entrarem gradualmente em foco. O verão úmido chegava ao fim, e os abetos, bétulas, álamos e cedros estavam viçosos, brilhantes e úmidos.

Para essa despedida importante, esperava um prognóstico melhor do que uma manhã fria, escura e chuvosa, mas com certa empatia, pois apresentava uma sincronia com meu clima interior. Mas pouco importava o tempo lá fora: de qualquer maneira, eu estava de partida. Ainda não sabia para onde (Alasca? México? Patagônia?) nem por quanto tempo (dois meses? quatro meses? um ano?), mas eu sabia que tinha de partir. Minha vida dependia disso.

Enquanto bebia a última xícara de café, coloquei com esforço as minhas roupas de couro, calcei as botas, lavei a xícara na pia e peguei o capacete vermelho, que coloquei por cima da balaclava fina. Prendi a capa de chuva ao redor do pescoço e vesti as grossas luvas à prova d'água. Eu sabia que esta seria uma viagem fria e úmida, e, ainda que minha mente não estivesse pronta para isso, o meu corpo estaria preparado. Ao menos nisso eu podia dar um jeito.

A casa do lago tinha sido meu santuário, o único lugar que eu ainda amava, a única coisa que me restara, e eu estava prestes a me afastar dela contra a minha vontade – mas precisava fazê-lo com urgência. Eu esperava ficar fora por um tempo considerável, e um canto escuro da minha mente temia que talvez eu *nunca mais* voltasse para casa. Esta seria uma jornada perigosa e que poderia terminar mal. A esta altura da minha vida, eu sabia que coisas ruins podiam acontecer até mesmo comigo.

Eu não tinha um plano definido, apenas uma vaga ideia de ir para o norte seguindo o curso do rio Ottawa e, em seguida, partir em direção ao oeste. Talvez cruzasse o Canadá até Vancouver para visitar meu irmão Danny e sua família; ou eu podia seguir para noroeste e atravessar o Yukon e os Territórios do Noroeste até chegar ao Alasca, para onde eu nunca tinha ido. Dali eu atravessaria de barca até a costa da Colúmbia Britânica, prosseguindo em direção a Vancouver. A

passagem precisava ser reservada com bastante antecedência, portanto essa tinha sido a única reserva que eu ousara fazer. Contando a partir do momento em que eu me preparava para partir naquela manhã escura e chuvosa de 20 de agosto de 1998, eu teria duas semanas e meia para chegar a Haines, no Alasca. Mas eu sabia desde o início que, na verdade, não faria nenhuma diferença – para mim ou para qualquer outra pessoa – eu manter ou não aquela reserva.

Na entrada da garagem, a motocicleta vermelha se apoiava no cavalete e era gotejada pela chuva, reluzindo devido aos meus preparativos cuidadosos. O motor estava aquecendo em ponto morto, expelindo para trás uma nuvem de fumaça branca enquanto o ronco contínuo era abafado pelos meus tampões de ouvido e pelo capacete.

Tranquei a porta sem olhar para trás. Parado ao lado da moto, conferi a bagagem mais uma vez, ajustando as capas e os cordões elásticos. Respirei fundo, e esse gesto clássico selou o meu compromisso com o dia e com a jornada. Então enfiei a bota esquerda no pedal, passei a perna direita por cima da moto carregada e me ajustei no assento que me era tão familiar.

Minha já bem rodada BMW R1100GS (modelo "*adventure-touring*") estava carregada com tudo o que eu poderia precisar em uma viagem de duração indeterminada rumo a destinos desconhecidos. Dois maleiros ladeavam a roda traseira, e eu havia alocado atrás do assento uma bolsa esportiva, uma barraca, um saco de dormir, um colchonete inflável, lona, um kit de ferramentas e um galãozinho vermelho de plástico para gasolina. Queria estar preparado para qualquer situação em qualquer lugar.

Como, às vezes, eu gostava de andar mais rápido do que os limites de velocidade estabelecidos, principalmente nas estradas do oeste, largas e livres – seguras em termos de riscos visíveis, mas perigosas em termos de fiscalização oculta – decidi tentar usar um pequeno detector de radar, que enfiei no bolso da jaqueta, com o fone passando por dentro do capacete.

Alguns outros itens pessoais, ferramentas extras e uma pochete enchiam a bolsa em cima do tanque à minha frente e, preso sobre tudo isso, havia um mapa rodoviário protegido por uma capa de plástico. O resto da bagagem que eu levaria comigo naquela manhã tinha menos

volume, mas era mais pesado – eram os fardos invisíveis que me fizeram partir em uma jornada que já se assemelhava a uma espécie de exílio.

Mas naquele momento, antes mesmo de virar o guidão ou recolher o cavalete, obtive a primeira recompensa dessa jornada: foi no exato instante em que meus pensamentos e minhas energias se retraíram, ajustando seu foco para a pilotagem da máquina. Minha mão direita girou um pouquinho mais o acelerador e a mão esquerda limpou as gotas de chuva que já se acumulavam na minha viseira. Então soltei a alavanca da embreagem. O pé esquerdo empurrou o pedal até a primeira marcha e subi lentamente pela alameda em meio às árvores úmidas. Parei no topo para trancar o portão atrás de mim, limpei novamente a viseira e acelerei pela estrada de chão enlameada, partindo para longe de tudo aquilo.

Apenas um ano antes, na noite de 10 de agosto de 1997, uma viatura de polícia tinha chegado por aquela mesma estrada para nos trazer a notícia da primeira tragédia. Naquela manhã, minha esposa Jackie e eu havíamos beijado e abraçado Selena, nossa filha de 19 anos, antes de ela partir de volta para Toronto, pronta para começar as aulas na universidade em setembro. A noite caíra, e já passava da hora em que deveríamos ter recebido notícias dela. Jackie começou a ficar cada vez mais preocupada. Um otimista incorrigível (pelo menos naquela época), eu ainda acreditava na possibilidade de que nada de mal poderia acontecer a Selena, nem a qualquer um de nós. Eu tinha certeza de que era apenas uma falta de consideração típica de adolescente. Ela ligaria, haveria uma desculpa.

Quando vi os faróis descendo pela alameda até onde as luzes da casa permitiram ver os detalhes de uma viatura de polícia, lembrei-me do verão anterior, quando policiais locais vieram até nós perguntando sobre um assalto na rodovia. Achei então que deveria ser algo do tipo. No entanto, as mães têm um certo detector de radar embutido que desenvolvem com o tempo, e no instante em que disse que era a polícia, vi os olhos de Jackie se arregalarem e seu rosto empalideceu; ela sabia.

Instintivamente, segurei a mão dela enquanto saíamos de casa e seguíamos até a alameda para encarar o chefe da polícia local, Ernie

Woods. Ele nos levou de volta para dentro e nos entregou um fax que tinha recebido da Polícia Provincial de Ontário. Tentamos assimilar suas palavras: “más notícias”, “melhor vocês se sentarem”. Então tentamos ler as linhas negras no papel, buscando dar sentido ao incompreensível e acreditar no inaceitável. Meus pensamentos rodopiavam em uma batalha inútil para tentar assimilar aquelas palavras: “acidente com apenas um carro,” “aparente perda de controle,” “morte no local.”

– Não – Jackie sussurrou, e então repetiu mais alto: – NÃO! – várias vezes, enquanto desabava no chão do corredor da entrada.

Num primeiro momento, apenas fiquei parado lá, paralisado pelo horror e pelo choque. Somente quando vi Jackie começar a se levantar é que fiquei com medo do que ela poderia fazer, e caí ao lado dela, abraçando-a. Ela se debateu e pediu que eu a soltasse, mas não fiz isso. Nosso cão Nicky, um samoieda branco e de grande porte, estava em pânico e confuso com a situação, e latia desesperadamente enquanto tentava se enfiar entre nós. Ernie, o chefe de polícia, ficou com medo de encostar no cachorro, e eu não podia largar Jackie. Nicky estava tentando proteger *alguém,* para nos fazer *parar* com aquilo. O resultado foi um pandemônio em que nós dois o chutávamos e gritávamos com ele enquanto seus latidos estridentes ecoavam pela casa.

Abracei Jackie até que ela sucumbisse à proteção entorpecedora do choque, e pedi ao chefe Ernie que ligasse para o nosso médico. O tempo não significava nada naquele instante, mas sei que lá pelas tantas Nicky se embrenhou em algum lugar para ficar escondido, e o Dr. Spunt chegou na casa e tentou dizer coisas reconfortantes, mas fomos pouco receptivos. Algum tempo depois o chefe Ernie foi embora, assim como o Dr. Spunt. Pelo resto da noite, caminhei em círculos ao redor do tapete da sala de estar, sem parar (depois me disseram que isso é chamado de “modo de busca”, no qual, inconscientemente, “eu tentava encontrar o indivíduo perdido”, algo que certos animais e pássaros também fazem). Enquanto isso, Jackie permanecia sentada olhando para o nada, sem que trocássemos uma palavra. No amanhecer cinzento, colocamos o deprimido Nicky no carro e fomos para Toronto, dirigindo em meio à chuva para encarar o

fim do mundo.

Um pouco antes de avistar aqueles faróis na alameda que chegaram para transformar nossas vidas relativamente agradáveis e tranquilas num pesadelo aterrador, Jackie estava ocupada com alguma tarefa na varanda enquanto eu assistia despreocupado a um documentário na TV sobre a peregrinação dos mórmons rumo ao oeste em 1847. O programa citava o relato de uma das sobreviventes a respeito do martírio e das terríveis privações daquela jornada, e as últimas palavras de que me lembro eram: “A única razão pela qual estou viva é porque eu não conseguia morrer”. Essa terrível frase retornaria para me assombrar nos meses seguintes. Logo ficou claro que o mundo de Jackie desmoronou completamente e para sempre: ela se despedaçou e nunca mais conseguiu se recompor.

Na verdade, nenhum de nós dois se recuperou, embora eu tenha tentado fazer tudo o que podia por ela. Enquanto minha vida me forçou a aprender de uma hora para a outra muito mais do que qualquer um gostaria de saber sobre luto e perda, compreendi o triste fato de que muitos casais não permanecem juntos após a perda de um filho. Ultrajante! Tão errado, tão injusto, tão cruel acrescentar mais dor e injustiça àqueles que já haviam sofrido tanto. Na minha abençoada ignorância, eu teria imaginado o oposto – que aqueles que compartilharam a dor de perto iriam se apoiar um no outro. Mas não.

Talvez porque duas pessoas de luto representem uma lembrança constante, quase uma reprimenda, ou talvez porque se trate de algo tão profundo quanto os “genes egoístas” que rejeitam um esforço malsucedido de reprodução. Fosse o que fosse, era duro pensar que Jackie e eu tínhamos sobrevivido a 22 anos de união estável, permanecendo juntos tanto nas épocas boas quanto nas ruins (com apenas alguns “estranhamentos temporários”); enfrentando a pobreza e a riqueza, o fracasso e o sucesso, crises de juventude e de meia-idade (ela tinha 42, e eu, 45), através de todas as etapas da infância e da adolescência de Selena, e tudo isso apesar de minhas ausências frequentes, tanto como músico em turnê quanto como viajante inveterado. Tínhamos sobrevivido a tudo isso, e agora a perda do que era mais valioso para nós estava nos afastando.

Durante as terríveis primeiras semanas em Toronto, nossos amigos

e familiares encheram a Casa do Luto dia e noite, tentando da melhor forma possível nos distrair e nos ajudar a lidar com a realidade insuportável, mas Jackie continuava inconsolável, consumindo-se, transformando-se a olhos vistos em um espectro de sofrimento. Um dia, ela sacudiu a cabeça e olhou para mim:

– Não fique magoado, mas eu sempre soube que essa era a única coisa com a qual eu simplesmente não conseguiria lidar.

Jackie não me deixava confortá-la e, na verdade, não estava interessada em nada que tivesse a ver comigo. Era como se soubesse que precisava de mim mas não houvesse lugar em seu coração atormentado para quem quer que fosse. Como ela não podia ter Selena, não queria ter mais nada – queria apenas morrer. Tínhamos que persuadi-la para que comesse o que quer que fosse, e ela falava constantemente em suicídio. Eu tinha que ficar de olho nos seus sedativos e remédios para dormir e me certificar de que ela nunca ficasse sozinha. Quando, dopada, ela finalmente pegava no sono, tinha em seus braços um porta-retrato com uma foto de Selena.

Depois de algumas semanas, levei Jackie para Londres acompanhado de nossos amigos, Brad e Rita. Eu conhecia Brad desde a infância. No início dos anos 1970, nós dividíamos um apartamento em Londres – cidade onde ele conheceu Rita, uma refugiada do regime político do Irã, e depois a trouxe com ele para o Canadá. Brad e Rita já tinham enfrentado grandes tragédias em suas próprias vidas, então eram uma boa escolha para ajudar Jackie e eu a começarmos nosso exílio. Depois que eles voltaram para casa, outros amigos vieram passar uma ou duas semanas conosco, até que nos mudamos para um apartamento pequeno próximo ao Hyde Park, onde permanecemos por seis meses. Passamos a visitar diversas vezes por semana uma terapeuta especializada em luto, a Dra. Deborah, na Clínica de Estresse Traumático. Parecia ajudar um pouco e, na pior das hipóteses, servia de desculpa para que *saíssemos de casa* de vez em quando. Era difícil para mim tentar forçar Jackie até mesmo a fazer uma caminhada, porque ela se atormentava com tudo que via: anúncios de volta às aulas (Selena!), crianças brincando no parque (Selena!), garotas tendo aulas de equitação (Selena!), belas moças em pleno frescor da juventude (Selena!). Esses mesmos sinais também eram

como punhaladas para mim, obviamente, e eu me sentia sombrio e taciturno. Chorava com frequência, mas parecia que eu já estava criando um bloqueio contra tudo o que fosse doloroso demais, preparando-me para evitar esse tipo de associação mental sempre que saía pelas ruas movimentadas de Londres. Eu apenas me esquivava, mas Jackie continuava exposta e vulnerável, incapaz de se proteger do horror de suas lembranças.

Num esforço para garantir que ela se alimentasse corretamente, aprendi a preparar refeições simples na nossa pequena cozinha (graças ao setor de alimentos da loja Marks and Spencer na Oxford Street, que oferecia instruções de preparo para cada item vendido, até mesmo peixe fresco e legumes). Apelidei a mim mesmo de "Chef Ellwood", baseado em meu pouco utilizado nome do meio. Mas nada disso foi suficiente. Mesmo que eu tentasse cuidar de Jackie de todas as maneiras possíveis, deixando-a sozinha apenas para uma rápida caminhada à tarde pelo parque ou pelas ruas de Londres (com as pílulas trancadas num cofre) ou para comprar a comida do dia, a sensação era a mesma de testemunhar um suicídio desencadeado por uma total apatia. Ela simplesmente não se importava com nada.

Em janeiro, quando finalmente estávamos pensando em deixar Londres e encontrar alguma maneira de viver no Canadá novamente, Jackie começou a sentir fortes dores nas costas e a tossir durante a noite. Ela se recusava a consultar um médico, dizendo:

– Eles vão dizer que é apenas estresse.

Mas a Dra. Deborah finalmente me convenceu a tomar uma atitude e chamá-lo de qualquer jeito. Na véspera de nossa partida, Jackie foi diagnosticada com um câncer em fase terminal (os médicos chamaram de câncer, mas era claramente um caso de coração partido), e um segundo pesadelo teve início.

Steven, o irmão de Jackie, encontrou-nos em Toronto e logo se tornou o responsável por tomar conta da casa, controlando o número de visitantes (que o chamavam de "O Guardião do Portão") e cuidando de Jackie, enquanto eu me vi caindo numa espécie de "loucura protetora", um refúgio entorpecido repleto de álcool e drogas.

Jackie, contudo, recebeu a notícia quase com gratidão – como se

esse fosse o único destino aceitável para ela, o único preço que se poderia cobrar dela. Após meses de aflição, desespero e raiva (geralmente direcionada a *mim,* visto que eu era o "objeto" mais próximo), ela nunca proferiu uma palavra dura depois do diagnóstico – nem sequer chorava. Para ela, a doença era uma espécie terrível de justiça. Para mim, no entanto, era apenas terrível. E insuportável.

Depois de dois meses com um comportamento autodestrutivo em Toronto, tomei jeito e fomos a Barbados, como Jackie desejava. Dois anos antes, tínhamos passado uma memorável temporada de férias em família naquela ilha agradável, onde havia serviços médicos suficientes para que continuássemos com o tratamento em domicílio de Jackie. Ela passou a definhar rápido e precisava de oxigênio na maior parte do tempo. Deteriorou-se tanto mental quanto fisicamente, até que uma série de derrames trouxesse um fim relativamente misericordioso.

Exausto e arrasado, voltei a Toronto e permaneci lá apenas o tempo suficiente para organizar a casa e colocá-la à venda, novamente com a ajuda da família e dos amigos. Então me refugiei na casa à beira do lago, ainda sem saber o que fazer. Antes de morrer, Jackie me deu uma pista, dizendo:

– Ah, apenas saia por aí em cima de sua moto.

Naquela época, eu não poderia sequer *imaginar* fazer isso. Mas, à medida que as noites e os dias vazios daquele verão escuro passavam lentamente, isso começou a parecer a coisa certa a se fazer.

Eu não tinha um motivo *de verdade* para continuar, não tinha interesse algum na vida, no trabalho ou no mundo lá fora. Mas, ao contrário de Jackie, que sem dúvida desejava a própria morte, eu parecia estar blindado por algum instinto de sobrevivência, algum reflexo interno que se atinha à convicção de que "algo aconteceria". Devido a uma força (ou falha) de caráter, nunca me questionei "por que" deveria sobreviver, mas apenas "como" o faria – embora essa fosse uma questão relevante o suficiente para ocupar minha mente na época.

Lembro-me de ficar pensando: "*Como* alguém sobrevive a uma coisa dessas? E quando sobrevive, em que tipo de pessoa se transforma?" Eu não sabia, mas ao longo daquele tempo de luto,

tristeza, desolação e completo desespero, alguma coisa dentro de mim parecia determinada a seguir em frente. Algo aconteceria.

Ou talvez fosse mais como aquela frase da mulher mórmon: “A única razão pela qual estou viva é porque eu não conseguia morrer”.

De qualquer maneira, agora eu partia com a minha motocicleta para tentar descobrir que tipo de pessoa eu me tornaria e em que tipo de mundo eu viveria. Ao longo daquele primeiro dia na estrada, enquanto deixava um rastro no asfalto molhado pela chuva e seguia para o norte cruzando a parte montanhosa de Quebec, minha determinação hesitante seria posta à prova algumas vezes. Tenso e tremendo, tentando ver algo em meio ao jato turbulento de água lançado por um caminhão transportador de madeira para que eu pudesse ultrapassá-lo, pensei mais de uma vez em desistir de vez daquela ideia. “Quem precisa disso? Nem estou me divertindo e não acho que esteja forte o suficiente para lidar com isso neste instante. Por que não dou meia-volta, retorno para a casa à beira do lago e fico escondido por lá mais um pouco?”

Mas não. Essa também poderia ser uma estrada perigosa.

Quando eu me permitia cogitar um retorno para casa, o pensamento que me fazia continuar era: “E depois, faço o quê?”. Por mais de um mês eu havia tentando viver lá sozinho, recebendo visitas ocasionais de amigos que tentavam me tirar do meu estado de autoimersão, e mesmo assim eu sentia que estava começando a escorregar para dentro de um buraco escuro e profundo. Vários estimulantes e antidepressivos me ajudavam durante os dias e as noites, mas, como escrevi para um amigo recentemente: “Eles são bons como um abrigo temporário, mas não dá pra *viver* assim”.

Eu já tinha tentado o estilo de vida Ermitão, agora era a vez de tentar o estilo Cigano. Eu evitava pensar no que faria se desse errado.

Viajar sempre foi algo mais ou menos normal para mim – não apenas como algo necessário para um músico que esteve em turnê durante os últimos 23 anos com o Rush, mas também como uma espécie de escapismo. Entre os shows, viajei pelas estradas da China, da África, da Europa e da América do Norte, primeiro de bicicleta e mais tarde de moto, e aquele tipo de jornada independente tinha aguçado minha imaginação, adicionando boas doses de curiosidade e

desafio.

Desde o começo, mantive um diário das minhas viagens. Quando eu voltava para casa, usava-o para exercitar meu interesse pela escrita em prosa, experimentando diferentes abordagens para contar a história de uma jornada. Meu interesse pela escrita havia começado com a composição de letras de música para a banda, e tinha deixado de ser apenas um gosto por escrever cartas para se tornar um caso sério de amor pela tessitura de palavras numa página. Como eu continuava a desenvolver a arte com as minhas histórias de viagem, imprimi algumas cópias para amigos e companheiros de estrada. Então, depois de aprender o ofício, já com cinco livros impressos por conta própria, finalmente me senti pronto para publicar, em 1996, *The Masked Rider,* livro sobre a minha aventura pedalando no oeste da África.

No entanto, eu não havia escrito quase nada nos últimos tempos, exceto por algumas cartas para amigos que viviam longe. Mas, durante nossa temporada em Londres, a especialista em luto, Dra. Deborah, havia me encorajado a começar um diário de "cartas para Selena", algo que acabou se revelando muito terapêutico. Neste começo tímido de um novo tipo de viagem (com um objetivo, mas sem propósito), achei que não seria mais capaz de sentir a velha necessidade de registrar o que via e sentia, nem de ter qualquer ambição de transformar esta triste jornada num livro. Mas, só por garantia, eu trazia comigo uma das minhas cadernetas pretas, e naquele primeiro dia fiz um registro experimental:

Ugh. Frio e úmido. Almoço em Cadillac, Quebec. A chuva pesada durou algumas horas, trânsito surpreendentemente pesado. Caminhões avançando em meio a uma nuvem de água. Cenário? Escuro, úmido, sombrio – como eu. O entorno já bem desmatado do Escudo Canadiano, um ou outro lago represado ou drenado, minas e fábricas aqui em cima, Val d'Or e Noranda. Mal chegou a 10°C nesta manhã, e agora não está muito mais do que isso.

Enquanto eu cruzava Ontário, a chuva finalmente parou, mas o dia continuou frio. Por fim busquei refúgio no Northern Lites Motel, em

Cochrane: 850 quilômetros eram mais que o suficiente para um dia daqueles. Ao servir em um copo de plástico uma dose do The Macallan que eu trazia em meu frasco de bolso, senti o calor percorrer o meu corpo enquanto pendurava meus equipamentos de viagem ao redor do quarto.

No chuveiro, pensei em Cochrane, isolada na extremidade norte da fronteira de Ontário, e vieram à tona fantasmas surgidos da lembrança de um show que a banda fez naquela cidade em meados dos anos 70. Depois de passarmos a noite inteira na estrada vindos de Winnipeg, nos apresentamos lá e recebemos apenas alguns aplausos esparsos. No final, deixamos o palco achando que aquilo era tudo. Mas, quando chegamos ao camarim, o produtor, um franco-canadense atarracado e cabeludo, com o apelido bastante ilustrativo de "Tronco", entrou correndo, incomodado porque não havíamos tocado o bis. Falou que nosso agente tinha prometido que tocaríamos.

Rebatemos alegando que o bis geralmente era um pedido de mais uma música por parte do público, e não parecia haver aquele desejo. Tronco foi ficando cada vez mais nervoso, dizendo com seu forte sotaque:

– *Nunca* pensei *quiu* Rush pudesse fazer *isssso* comigo!

Nós três nos olhamos, demos de ombros e voltamos para o palco. O público aguardava em silêncio. Tocamos mais uma música, e todos foram para casa. Ninguém parecia muito empolgado, mas todos pareciam satisfeitos. Tínhamos consciência de que a cidade inteira sabia quanto havíamos recebido para tocar (provavelmente 1 mil dólares) e que o agente tinha prometido um bis para Tronco. Depois que todo o equipamento já estava encaixotado no caminhão, sete de nós (entre membros da banda e da equipe) nos amontoamos numa perua e rodamos a noite toda de volta para Toronto.

Cochrane. Tronco. Fantasmas.

Tudo parecia ter acontecido há muito tempo e em um lugar muito longe, como se fizesse parte de outra vida. Após a minha primeira terrível perda eu já não sentia mais vontade de voltar a trabalhar com a banda. No dia do funeral de Selena, disse aos meus companheiros do Rush, Geddy e Alex (todos nós com lágrimas no rosto), que eles deveriam "me considerar aposentado". Eu não me preocupava com o

fato de que talvez não tivesse condições financeiras para parar de trabalhar; era simplesmente impensável. Depois de 23 anos juntos, Geddy e Alex foram amigos leais e atenciosos ao longo da minha sequência de pesadelos, e é óbvio que os dois me apoiaram e foram compreensivos com relação às minhas dúvidas quanto ao que fazer. Agora que eu tentava lidar com o peso de mais uma tragédia insuportável, havia ainda outro motivo a menos para que eu me importasse com o futuro, ou mesmo com a possibilidade de *ter* um futuro.

Eu certamente não estava mais interessado em tocar bateria ou escrever letras para canções de rock. Antes daquela noite em que o mundo desabou ao meu redor, eu estava trabalhando num livro sobre as minhas aventuras sobre duas rodas com meu amigo Brutus durante a recém-encerrada turnê *Test For Echo,* e eu não conseguia me imaginar retomando aquele projeto.

Naquela noite em Cochrane, busquei refúgio outra vez nas anotações do meu diário enquanto aguardava sentado no restaurante do Northern Lites depois de jantar um lúcio frito (geralmente um dos mais saborosos peixes de água doce, mas não era o caso desse espécime em particular). As únicas outras pessoas no restaurante eram dois casais de aposentados, e os escutei conversando deslumbrados por descobrirem que ambos vinham de cidades em Ontário, Brantford e Peterborough, a apenas duas horas de distância uma da outra. Uma das senhoras ficou comovida a ponto de afirmar:

– É mesmo um mundo pequeno.

Um dos homens decidiu tentar socializar também com o sujeito solitário, e se virou para mim dizendo:

– Você está terrivelmente quieto aí no seu canto.

Embasbacado, uma dúzia de respostas possíveis apareceram no meu repertório mental. Todas eram verdadeiras, mas algumas não passavam de meros cortes de conversa. No fim das contas, dei uma risada tímida e acenei a cabeça, dizendo:

– Ah… Estou bem.

Então escrevi no meu diário: "Perigos da solidão. Nº 1: As pessoas *conversam* com você. Eu prefiro *escutar.*"

Na manhã seguinte, continuei rumo a oeste cruzando Ontário,

permanecendo na estrada desde a madrugada até o final da tarde e parando apenas para abastecer ou, de vez em quando, para esticar as pernas e fumar um cigarro no acostamento. Eu apenas permanecia em movimento, com medo de parar por tempo demais, com medo de me dar tempo para pensar. Pilotar uma moto com concentração total, dedicar atenção infinita à estrada em constante mudança e ao trânsito: isso bastava para manter a maior parte do meu cérebro ocupado.

Meus pensamentos também se acalmavam com o movimento, pela espécie de transe proporcionado pela vibração contínua, pelas curvas e pelos solavancos eventuais, e pelo mundo vindo até mim quilômetro após quilômetro, hora após hora.

Um pouco antes naquele verão, ao contemplar as ruínas da minha vida, eu tinha decidido que minha missão agora seria proteger certa essência que havia dentro de mim, uma força vital que brotava, um espírito frágil, como se eu envolvesse com as mãos uma vela bruxuleante. Nas cartas, passei a denominar essa chama remanescente de "minha alma de bebê"; decidi que, a partir daquele instante, a minha tarefa seria cuidar daquele espírito da melhor forma que eu pudesse.

Minha alma de bebê certamente não era uma criança feliz, pois tinha muito do que se queixar. Mas, como qualquer pai aprende, um bebê inquieto geralmente se acalma quando o levam para passear. Aprendi que meu espírito vociferante poderia ser apaziguado da mesma forma – pelo movimento –, e então tomei a decisão de partir nesta jornada rumo ao desconhecido. Decidi levar minha alma de bebê para dar uma volta.

Quando cheguei a Quebec vindo de Toronto, quando não me restava mais nada, eu já não me interessava pelo mundo ao meu redor. Não gostava de nada, não me importava com nada, não queria fazer nada. O primeiro indício de que as coisas poderiam mudar para melhor veio na tarde em que me sentei no ancoradouro junto ao lago, com um copo de The Macallan numa mão e um cigarro na outra. Ao longe, na margem mais afastada do lago brilhante, meus olhos se fixaram em duas rochas escarpadas de formato triangular que rompiam a superfície da água perto de uma das ilhas. Para mim, aquelas duas rochas sempre se pareceram com dois patos olhando um

para o outro, e de alguma forma minha alma de bebê decidiu imbuí-las naquele dia de *significado.* Uma voz falou dentro da minha cabeça:

– Sabe, eu ainda gosto daquelas duas rochas.

Minhas sobrancelhas se ergueram diante do estalo: eu realmente *gostava* de alguma coisa. Então, a partir daquelas duas rochas, comecei a construir um novo mundo. Teria de ser um mundo no qual minha alma de bebê suportasse viver e que incluísse a possibilidade de tudo o que já havia acontecido; portanto, este seria um mundo muito diferente daquele em que eu vivera até então. Entretanto, eu estava começando com o primeiro elemento, a Terra, e enquanto eu viajava rumo ao oeste comecei a reagir também às paisagens ao meu redor, às encostas escarpadas, às florestas em torno do Lago Nipigon e à margem norte do Lago Superior.

Se não era bem *alegria* o que eu estava encontrando naquele cenário esplendoroso, como costumava ocorrer antes, pelo menos eu estava "ressonante" outra vez, sentindo a beleza ao meu redor e curioso para saber como seria a próxima linha do mapa.

Mas, enquanto eu rodava em direção àquela linha no mapa, minha serenidade, meus pensamentos, minha música interna foi interrompida repentinamente por um som horroroso. Mesmo chegando através dos fones e do capacete misturado ao barulho do vento, era impossível confundir aquele ruído eletrônico alto. Lancei um olhar para o retrovisor, que no mesmo instante se encheu com o flash insistente de luzes vermelhas e azuis de uma viatura de polícia. Praguejando, parei no acostamento e desci da moto. O oficial veio caminhando até meu lado, estendeu a mão e disse:

– Posso ver o seu detector de radar, por favor?

Aturdido, protestei:

– Mas esse aparelho deveria ser indetectável!

Ele balançou a cabeça:

– Não deviam deixar que dissessem uma coisa dessas. Alguém devia ir atrás deles. Eu sabia que era do tipo 'indetectável' por causa do sinal esquisito que ele emitia.

Droga. A situação tinha piorado. Enquanto conferia minha carteira de habilitação, notei que ele fez um leve gesto erguendo a cabeça, e então se aproximou de mim. Espiou para dentro do meu capacete,

sorrindo:

– Então você é *músico?*

Repassei meu repertório mental de respostas outra vez, procurando uma resposta evasiva, porém verdadeira (uma tarefa nada fácil quando se é questionado por um homem de uniforme e com uma arma).

Por fim, murmurei:

– Ah… Não sou mais.

Ele parou por um momento, dando uma olhada no seguro e no registro:

– Você *era* músico, então?

– Ah… Anos atrás.

Ele começou a falar sobre um lugar em Toronto, cidade onde morava, que, pelo que entendi, era próximo a outro que poderia ser significativo para a pessoa que ele achava que eu era. Eu ainda buscava alternativas no meu repertório de respostas.“Eu costumava ser um monte de coisas.”

Nos últimos tempos, eu tinha escrito para um dos meus amigos: “Não sei quem sou, o que estou fazendo, ou o que *devo* fazer”. Eu só podia esperar que o tempo me dissesse. E se o tempo é supostamente o melhor remédio, o melhor que eu tinha a fazer era “deixá-lo passar” da maneira menos dolorosa possível e tentar minimizar as ânsias autodestrutivas mantendo-me longe da casa à beira do lago por algum tempo.

Deixar o tempo passar. Levar minha alma de bebê para dar uma volta.

O policial terminou de preencher a multa, e eu voltei para a estrada.

The road unwinds toward me
What was there is gone
The road unwinds before me
And I go riding on
It’s my turn to drive

A estrada se descortina à minha frente.

O que havia ali já se foi.
A estrada se descortina diante de mim.
E eu continuo andando.
É minha vez de dirigir

(Driven, 1996)

Capítulo 2
RUMO AO OESTE

What a fool I used to be

Como eu era tolo

(Presto, 1990)

Antes que o amanhecer chegasse a Thunder Bay e à margem norte do Lago Superior, eu já estava levando minhas mochilas e o capacete em direção ao estacionamento do hotel. Parei ao lado da moto para observar o espetáculo da aurora boreal — véus tremeluzentes de luz esverdeada drapeando o céu do norte. Enquanto eu cortava as florestas do noroeste de Ontário, a estrada solitária exercia seu efeito calmante e hipnótico sobre o meu estado de espírito. O som contínuo do motor, o constante barulho do vento, o ar frio, o perfume da floresta e meu olhar fixo na estrada à frente ocupavam quase todos os meus sentidos, enquanto minha mente transcendia sua função de alerta para dentro dos campos da memória.

O Fantasma do Natal Passado me levou de volta para uma tarde com neve em dezembro de 1993, alguns dias antes do Natal. Selena, Jackie e eu passávamos a maior parte do ano em Toronto, mas geralmente íamos para a casa à beira do lado em Quebec nos verões e feriados. Para nossa pequena família, o Natal lá era uma época especial.

Havia nevado muito naquele inverno e uma camada de meio metro se acumulava nas matas e sobre o lago congelado. A casa estava caprichosamente decorada por dentro e por fora, com luzes penduradas nas árvores brancas. A sala de estar tinha sido tomada por uma árvore de Natal alta e brilhante. Selena, com 15 anos na época, cobriu uma mesa ampla com sua maquete da "Cidade do Natal", um conjunto de casas de porcelana sobre colinas nevadas feitas de algodão, árvores em miniatura com luzes coloridas, um trem de brinquedo soltando fumaça de verdade enquanto circulava entre as casas e até mesmo bonequinhos patinando num lago espelhado graças a um sistema magnético. A Cidade do Natal era diferente a cada ano e, mesmo na adolescência, era uma forma de Selena expressar seu amor pelos ritos natalinos.

Selena sempre ficava muito animada ao chegar de Toronto e começar a decoração, com a lareira ardendo ao som de nossos CDs natalinos de Frank Sinatra, de Nat King Cole, do coral Harlem Boys e um particularmente especial: *A Charlie Brown Christmas*. Naquele ano, também tivemos música ao vivo. Nossos convidados eram a mãe de Jackie, sua irmã Deb e seu namorado Mark, músico e engenheiro de

gravação. Formamos uma pequena orquestra com Selena na flauta e no violão, Mark no violão e eu tentando tocar marimba — um instrumento de percussão de madeira que eu tocava feito "amador" —, tarola e chimbal com baquetas de vassourinha. Eu estava mais familiarizado com os dois últimos, e por isso tinha mais facilidade de manter a batida com eles.

Naquela tarde, ensaiávamos um repertório de cinco ou seis canções natalinas, preparando um pequeno show para Jackie, Deb e a vovó na véspera de Natal. Eu estava me esforçando para aprender um trecho particularmente difícil na marimba enquanto Selena reclamava que eu era "um desastre" (sua forma carinhosa de tratar quem ela amava), quando ouvi barulho de motor na entrada da garagem e uma porta batendo. Jackie me chamou da cozinha:

— Neil, é pra você.

Mas eu estava tão preocupado em fazer com que minhas baquetas acertassem o tom na marimba que apenas resmunguei:

— Como é que você sabe?

Como eu era tolo. (As palavras mais verdadeiras que já escrevi, e que se tornam ainda mais verdadeiras a cada dia.)

Com um suspiro de impaciência, caminhei até a porta da frente e vi lá fora uma caminhonete guiada pelo irmão de Jackie, Keith, que cuidava da nossa casa em Quebec. Atada à caminhonete, num reboque, havia uma motocicleta BMW vermelha. Imediatamente me dei conta de que era um presente de Jackie para mim. Fazia muito tempo que eu vinha dizendo que queria andar de moto quando "eu crescesse" e que minha máquina seria uma BMW. Boquiaberto e ainda de pantufas, corri pela calçada coberta de neve, subi no reboque e sentei no banco da linda R1100-RS vermelha. Eu não sabia *nada* sobre motocicletas naquela época, nunca tinha sequer andado de moto, mas eu simplesmente subi nela, olhei para os controles e instrumentos e girei o acelerador. Uma frase veio à minha mente já completa, do nada, direto de um romance: "E nada mais foi como era antes…"

Durante o resto do inverno de 1994, trabalhei com o Rush na turnê de *Counterparts,* então eu só podia ler revistas sobre motos enquanto sonhava pilotar aquela linda fera vermelha. Em abril, tive uma aula sobre pilotagem de motos em Toronto, com meu companheiro do

Rush, o guitarrista Alex, que também havia sido tomado pela mesma febre naquele inverno e tinha comprado uma Harley-Davidson.

Uma parte estranha e irônica da minha interface física e mental é que, embora eu ganhasse a vida tocando bateria havia mais de 20 anos — com mãos e pés fazendo isso e aquilo, cada um de maneira mais ou menos independente —, sofri minha vida inteira com problemas de coordenação motora. Nos esportes, por exemplo, sempre fui um fiasco. Tentei amenizar essa ferida na minha autoestima teorizando que, enquanto tocava bateria, eu tinha que dividir meus membros numa espécie de independência quádrupla, e por isso meu trabalho exigia certa "descoordenação". Mas é claro que isso não tem lógica nenhuma, porque no fim das contas todos os membros têm de trabalhar juntos. De qualquer maneira, até mesmo com as motocicletas menores fornecidas pela escola eu tive dificuldade em coordenar o equilíbrio entre os controles de marcha e de aceleração, e fiz um esforço meio patético durante os três dias do programa.

Alex já tinha habilitação para moto e, com aquele porte natural de atleta, passou facilmente pela prova final, mas eu fui reprovado na minha primeira tentativa. Senti-me humilhado e desanimado, ainda mais quando fui reprovado novamente na minha segunda tentativa, durante o intervalo seguinte da turnê. Antes da minha terceira tentativa, decidi finalmente contratar um instrutor para aulas particulares. Ele me ajudou a compreender rapidamente minhas dificuldades e a corrigi-las. Como fiquei orgulhoso e feliz (e aliviado) quando finalmente passei na prova de habilitação para moto!

Havia outra característica da minha interface física e mental: sempre que eu me interessava por alguma atividade, fazia dela uma *obsessão*. Isso aconteceu com tocar bateria, ler todos os grandes livros já escritos, escrever prosa e letras de música, praticar esqui cross-country, andar de bicicleta e, então, andar de moto. Selena, Jackie e eu passamos todo aquele verão de 1994 na casa do lago. Várias vezes por semana eu levantava antes do amanhecer e dava uma volta de moto por algumas horas nas estradas vazias e cheias de curvas nos Montes Laurentides, em Quebec, adquirindo habilidade e confiança pouco a pouco.

Naquele verão, alguns amigos alugaram um chalé num lago

próximo: a melhor amiga de Jackie, Georgia, seu marido, Brutus, e o filho deles, Sam. Naquela época, Brutus e eu éramos amigos do tipo "o-marido-da-amiga-da-minha-mulher", mas quando ele viu que eu estava tão empolgado com a minha nova moto, comprou uma para si próprio, uma BMW K-1100s. Em setembro, ele se juntou a mim na minha primeira viagem de motocicleta, cruzando Quebec, Terra Nova e as Províncias Marítimas, para depois encontrarmos Jackie e Georgia na Nova Escócia. Elas foram de avião até Halifax e alugaram um carro (nenhuma das duas parecia gostar de andar de moto na garupa — pelo menos não numa distância maior do que o trajeto até a banca de revistas —, diziam que não *gostavam* de ficar apertadas, cheias de roupa, desconfortáveis e com frio) para nos seguir por alguns dias ao redor de Cabot Trail na Ilha de Cape Breton e de volta a Halifax, de onde pegaram o voo para casa enquanto Brutus e eu voltávamos para Quebec de moto.

Brutus e eu descobrimos duas coisas importantes nessa nossa primeira viagem juntos: gostávamos de andar de motocicleta e gostávamos de viajar juntos. Ele batizou nossa turma de dois caras de "Scooter Trash" — apelido do típico motoqueiro americano —, e começamos a sonhar e a fazer planos para novas aventuras juntos. Na primavera de 95, despachamos nossas motos para o México para uma viagem de três semanas (onde Brutus sofreu um acidente e quebrou duas costelas, e em seguida seus alforjes pegaram fogo). No começo do verão daquele ano, conseguimos encaixar mais uma aventura (ambos podíamos nos ausentar do trabalho, pois eu tinha o intervalo entre as turnês e Brutus era dono de sua própria empresa, mas se faziam necessárias uma séria negociação e alguma habilidade de barganha para convencermos nossas famílias).

Em junho de 95, atravessamos o Canadá numa jornada de duas semanas até Yellowknife, nos Territórios do Noroeste (onde nós dois caíamos repetidamente na lama, uma história que foi publicada como "Pegando alguns raios à meia-noite", na revista *Cycle Canada*), antes de reencontrarmos nossas famílias em Quebec para passar o verão.

Em setembro, Jackie me deu de presente de aniversário um cartão que dizia "sete dias de liberdade". Tiramos vantagem daquilo – e da resignação tácita de Georgia – e aproveitamos para viajar rumo ao

leste novamente, para Nova Brunswick e Nova Escócia. Depois de mais um inverno de trabalho e de um tempo com a família, na primavera de 1996 levamos as motos para o outro lado do Atlântico, em direção a Munique, onde começamos uma nova jornada de três semanas em que cruzamos a Bavária e os Alpes Austríacos (onde Brutus bateu a moto), Itália, Sicília e Tunísia (onde a moto de Brutus quebrou no meio do Saara), e então de volta a Sardenha, França e Suíça.

Mas isso foi apenas uma preparação para a Jornada Verdadeiramente Longa. Durante o verão de 1996, os planos para a turnê do álbum *Test For Echo* mostravam que ela incluiria 67 shows nos Estados Unidos e no Canadá. Comecei a pensar sobre como iria enfrentar mais uma turnê de rock, que sempre havia encarado como uma combinação de tédio esmagador, exaustão constante e insanidade em torno do circo montado – nada que combinasse com meu temperamento reservado, independente e impaciente.

Paradoxalmente, eu curtia a preparação para a turnê, porque gostava de ensaiar com a banda naquela intensidade compartilhada de trabalhar por uma "apresentação perfeita". Os primeiros shows de fato aumentavam nossos índices de adrenalina a cada vez que subíamos em um palco diante de 10 mil ou 12 mil pessoas numa grande arena. Contudo, lá pelo terceiro show, acertávamos o tom: a banda, a equipe e o público se uniam em uma performance transcendente, e por mim era *isso* e pronto. Se o meu trabalho era fazer um bom show, já estava feito. Objetivo alcançado, desafio superado, caso encerrado. Posso ir para casa agora?

É claro que as coisas não são assim tão simples, mas parecia que pelo resto da turnê eu apenas subiria no palco, noite após noite, e na melhor das hipóteses eu conseguiria repetir aquela experiência. Não que isso fosse simples; tampouco era. Quando um show em particular ficava um pouco abaixo daquele padrão, eu me sentia vazio e enojado comigo mesmo. Por outro lado, se eu tocasse bem o suficiente para atingir aqueles parâmetros, isso não era nada mais do que aquilo que eu esperava de mim – e, portanto, nada de muito animador. Então, para mim, sair em turnê era algo que podia gerar um conflito longo, implacável, exaustivo e capaz de destruir minha alma. E estou falando apenas em relação aos momentos no palco, uma pequena fração do

caos que era viajar, esperar, sair do hotel para o ônibus e depois para o local do espetáculo, depois de volta ao hotel etc. por meses a fio.

Por várias turnês ao longo dos anos 80 e no início dos anos 90, eu levei uma bicicleta no ônibus, o que me garantia uma excelente oportunidade de fuga e distração. Durante a folga entre os shows, eu às vezes passava o dia inteiro pedalando de uma cidade a outra – bastava que estivessem a uma distância menor do que 160 quilômetros. Nas tardes que antecediam um show, eu costumava cruzar as cidades de bicicleta até o museu de arte local para alimentar meu interesse crescente em pintura, história da arte e esculturas africanas.

Mas agora eu estava pensando em como a motocicleta me permitiria percorrer algumas distâncias *consideráveis.* Elaborei um plano que envolvia utilizar um dos ônibus da turnê como trailer para as motos e convenci Brutus a se unir a mim durante a turnê como navegador, supervisor de equipamento e (mais importante) companheiro de jornada. A partir do local de abertura da turnê em Albany, no Estado norte-americano de Nova York, criamos nosso próprio roteiro de acordo com o itinerário da banda, o que nos levou a percorrer cerca de 60 mil quilômetros, atravessando quase todos os estados norte-americanos (a única exceção foi Dakota do Norte, que, por alguma razão, parecia nunca cruzar nosso caminho) e várias províncias canadenses.

O logo principal da turnê *Test For Echo* fora tirado da capa do álbum, que retratava um ícone humanoide formado por pedras empilhadas, uma versão gigante de um *inukshuk* inuíte, que significa "à semelhança de um homem". Sugeri o uso dessa imagem inspirado por aquela longa viagem até Yellowknife no ano anterior, quando vi um daqueles marcos de pedra de aparência mística posicionado de maneira que seu olhar parecia lançar-se sobre a remota cidade ao norte, bem na fronteira com a verdadeira natureza selvagem. Sabendo que essas figuras de pedra eram tradicionalmente usadas para marcar rotas de viagem e de caça através do árido Ártico, fui tomado pelo poder desse símbolo humano numa terra hostil.

Agora, apenas um ano após o último show da turnê *Test For Echo,* quando tocamos em Ottawa em 4 de julho de 1997, acontecia o verão

negro de 1998, e tudo havia mudado muito, pelo menos aos meus olhos. Estava andando de moto de novo, mas andava sozinho, motivado em parte pelo meu desejo de ver se uma viagem solitária poderia ajudar a apaziguar minha atormentada alma de bebê, e em parte porque Brutus não poderia me acompanhar. Ele esperava me encontrar em algum lugar mais tarde.

No primeiro dia da minha viagem para o oeste a partir de Quebec, vi um pequeno inukshuk sobre um rochedo ao lado da rodovia. Vi outro no segundo dia, e novamente no terceiro. Talvez eles tivessem sido montados por outro viajante solitário, um caroneiro passando tempo até que surgisse a próxima carona. Um bom presságio, pensei, embora me trouxesse um sorriso sardônico ao refletir sobre a definição: "à semelhança de um homem".

Porque definitivamente era assim que eu me sentia: tão vazio e desanimado que eu mal conseguia imaginar "o tolo que eu era". Às vezes, tentava desviar minha mente para longe das memórias do passado, mas quando meu humor se alterava elas pareciam tão remotas e tão irreais que eu ousava pensar sobre o passado sem desmoronar.

O Fantasma do Verão Passado me levou de volta para o verão de 1996, provavelmente a época mais produtiva da minha vida. O álbum *Test For Echo* recém havia sido lançado, e eu considerava aquele trabalho a minha obra-prima como baterista. Eu havia trabalhado duro para aperfeiçoar minha técnica nos dois anos anteriores àquelas sessões de gravação. Naquele verão, eu estava acertando os detalhes de pós-produção de uma videoaula de bateria intitulada *A work in progress* ao mesmo tempo em que corrigia as provas do meu primeiro livro publicado, *The Masked Rider*. (Eu tinha feito um acordo com Jackie e Selena: elas permitiam que eu trabalhasse em meu escritório até o meio-dia. Depois, eu devia parar e passar as tardes e as noites com elas — um acordo bastante justo.) Apenas dois verões mais tarde, tudo aquilo eram cinzas, e aqueles já pareciam feitos de tempos muito distantes.

Minha batalha no momento não era para criar ou produzir, ou planejar aventuras, mas apenas uma questão de sobrevivência. Quando eu refletia sobre minha antiga vida, tinha a tendência de

pensar que o protagonista era “aquele cara”, alguém com quem eu meramente dividia as lembranças. E naquele momento eu estava tentando me esconder de algumas dessas memórias, escapar delas, correr para longe.

Eu até podia correr – mas não podia me esconder.

Na terceira manhã, cheguei a Manitoba e parei à beira da Rodovia Trans-Canadá num refúgio em meio a um bosque de sempre-vivas (abetos, percebi quando estiquei os dedos enformigados — e lembrei um ditado de lenhador: “Nas florestas de abetos, a lagarta se alimenta”). Lá havia um velho ônibus escolar que tinha sido transformado em uma lanchonete. Comprei um cachorro-quente, um milk-shake e fritas (cedendo aos meus impulsos gastronômicos infantis) e levei tudo para uma mesa de piquenique à sombra. Um pica-pau cabeludo buscava suas próprias proteínas (nada de carboidratos para ele) em uma árvore próxima, enquanto um bando de ampelis americano, pássaros de cor cinza-perolada e encrespados com marcas elaboradas, voava feito flechas entre os galhos das árvores.

Os pássaros me atraíam desde a infância, quando eu consultava as pequenas ilustrações num livro da minha avó e tentava identificar as espécies que via voando pelos arredores da cidade onde eu vivi e pelas florestas do sul de Ontário. Era um tipo de entusiasmo juvenil que permaneceu quando atingi a idade adulta. Mesmo nesta jornada desafortunada eu levava comigo um pequeno binóculo e um guia de campo, como sempre costumava fazer em qualquer parte da África, da Europa, da América do Norte ou do México que eu visitava. Durante nossa temporada em Barbados, quando eu passava a maior parte do tempo confinado em nossa casa alugada e nos jardins viçosos ao redor dela, eu costumava me sentar ao lado de Jackie; enquanto ela lia, eu explorava as árvores com meu binóculo. No fim das contas, consegui identificar 22 das 24 espécies nativas de Barbados.

De volta à rodovia, as florestas ficavam para trás como uma muralha e a margem da estrada se abria numa pradaria ampla e verde. O sol aquecia o ar, carregando o aroma delicioso de relva úmida, e eu seguia observando os agricultores em seu trabalho com semeadeiras, colheitadeiras, empacotadeiras e ceifadeiras. Parte de mim invejava a

natureza objetiva da tarefa: homens guiando suas máquinas ao longo de linhas geométricas entre a terra e o céu. Entretanto, parte de mim tinha inveja de *todo mundo*.

Logo em seguida a linha do horizonte até então vazia passou a ser pontilhada a intervalos regulares pelos "arranha-céus da pradaria": elevadores de grãos que emergiam como pontos de exclamação ao lado das linhas de trem em cada cidade da região. Certa vez, vi um exemplo da dimensão colossal da agricultura moderna: fardos de feno do tamanho de carros em pilhas tão altas como prédios, com amplas avenidas entre eles para que os caminhões trafegassem com suas carretas. Tenho muitas lembranças de infância relacionadas às fazendas de parentes e de amigos dos meus pais, que deixaram o campo quando eu tinha um ou dois anos e meu pai decidiu começar sua carreira vendendo equipamentos agrícolas. Isso também preencheu parte da minha vida, pois eu trabalhava no verão e nos feriados na revendedora do meu pai, chamada International Harvester. Mais tarde, aos 20 e poucos anos, atuei como subgerente da loja até a época em que me juntei ao Rush.

Naquela noite, liguei para a casa da minha mãe e do meu pai e conversei com ele sobre o que eu tinha visto e lembrado. Ele me contou que quando seu pai e o tio John eram jovens, eles costumavam viajar de Ontário para Manitoba, no oeste, nos "trens da colheita", que reuniam jovens de lugares tão longínquos quanto as Províncias Marítimas para ajudar a colher o trigo, principalmente durante a guerra, quando a força de trabalho se tornou escassa no campo. Ele também me contou que depois da guerra, quando as primeiras colheitadeiras motorizadas chegaram aos Estados Unidos, os operadores seguiam até o norte como faziam os pilotos de aviões pulverizadores e os vaqueiros, percorrendo todo o caminho entre o Texas e o Manitoba e tentando arranjar algum emprego ao longo do percurso.

Depois de Winnipeg, dobrei no sentido noroeste para a Rodovia Yellowhead, só porque eu nunca tinha ido para o oeste por aquele caminho, e comecei a pensar onde passar a noite. Eu tinha deixado Thunder Bay naquela manhã às 6h, sob o arco das luzes tremeluzentes do norte (não confundir com o "Northern Lites" – "Luzes do Norte" –

em Cochrane). Assim, ganhei uma hora quando cruzei meu primeiro fuso horário. Quando o relógio digital da moto mostrou 16h30min, eu já estava na estrada havia quase doze horas e tinha percorrido 945 quilômetros. Então, já era hora de começar a procurar um lugar para pernoitar.

Nas pradarias, assim como no deserto, avistar um grupo de árvores a distância era geralmente um indício de que havia uma cidade por perto; então, decidi parar no próximo bosque do horizonte. Mais de perto, Neepawa parecia acolhedora, e meu quarto no hotel à beira da estrada era uma marcante volta no tempo. A porta rangeu ao abrir e revelar três camas de casal com cabeceiras de courino com capitonet, paredes revestidas de "mogno", com um calendário ilustrado com fotos de silos e um folheto religioso ("Porque Deus tanto amou o mundo"), teto revestido de vidrotil e carpete felpudo de um marrom num tom meio alaranjado que era chamado de "uísque" (embora não combinasse nada com meu copo plástico de The Macallan).

Levei meu drink para a varanda do lado de fora e fiquei olhando as nuvens negras chegando do noroeste, traços espectrais de chuva. Ao lado da rodovia se formavam redemoinhos de poeira, varrida pelo vento que anunciava a tempestade. Logo a chuva desabou, golpeando o telhado e encobrindo o calçamento reluzente. Um trovão ressoou ao longe, e raios relampejaram ao sul. Fiquei parado observando por um instante, encantado, então coloquei minha capa de chuva e fui caminhando até o Mr. Ribs, um restaurante à beira da estrada.

Naquela manhã, eu havia escrito um título otimista na frente do meu diário, "A estrada da cura", e depois de uma salada e de um "combo triplo" de costelinhas, souvlaki e camarão, escrevi as seguintes reflexões sobre o tema:

Enquanto me empanturrava, eu pensava que me sinto melhor hoje à noite do que jamais me senti em mais de um ano. Alcancei a "imersão" na Jornada, o que costumava ser um estado de espírito obrigatoriamente limitado: principalmente quando era interrompido pelo trabalho. Ou pelo fim da jornada. Na presente situação, nenhuma das duas coisas é uma possibilidade real...

Talvez hoje tenham sido 950 quilômetros de cura. *"Não é sempre*

agradável pensar isso?”

Esta frase final de *O sol também se levanta*, obra de Ernest Hemingway, tinha adquirido um sentido novo para mim nos últimos tempos, na ironia consciente de alimentar um desejo sem acreditar na sua *possibilidade.* Eu não acreditava realmente que chegaria ao destino chamado “cura”, mas pelo menos eu havia começado a acreditar na *estrada,* e isso era o suficiente para me manter rumo ao oeste. Ao longo daqueles dias e noites, nem sempre eu me sentia “melhor”, já que o processo de luto oscilava ao longo de cada dia de um pouco melhor para um pouco pior, do total desespero existencial para aqueles raios ocasionais de esperança e *interesse* – o que era, definitivamente, um indício de que eu estava cicatrizando.

A manhã seguinte me levou a outra reação positiva frente à beleza do mundo. Aconteceu enquanto eu deixava Neepawa ao nascer do sol numa agradável manhã na pradaria, fresca e parcialmente nublada. A estrada ainda estava molhada das pancadas de chuva da noite anterior. A Rodovia Yellowhead serpenteava gentilmente com os contornos do relevo, para depois correr em linha reta e infinita em direção ao horizonte, enquanto eu acompanhava um longo trem que seguia para o sul. O sol espiava por entre as nuvens atrás de mim e reluzia nos retrovisores, transformando o asfalto brilhante numa fita dourada entre os ricos campos verdes. Meu capacete foi tomado pelo aroma fresco e nostálgico de feno molhado.

E às vezes havia também música tocando no meu capacete, pois minha “jukebox mental” transformava o ruído branco do vento numa trilha sonora de ricos detalhes em alta-fidelidade. Às vezes, uma mesma canção parecia repetir o dia todo; outras vezes, a playlist alternava músicas diferentes; o único ponto em comum parecia ser o fato de que nenhuma delas fazia parte da “trilha sonora da família”, pois é claro que eu tentava direcionar a seleção do dia para hits da minha juventude ou para os clássicos de Sinatra. Afora isso, a escolha parecia aleatória, embora às vezes fosse motivada pela paisagem (*“The wheatfields and the clotheslines and the junkyards and the highways come between us” / “Os trigais e os varais e os depósitos de ferro-velho e as autoestradas nos separam”),* pelo clima *(“Here’s that rainy day” / “Aqui*

está aquele dia chuvoso"), por uma placa de trânsito *("By the time I get to Phoenix*" / "*Na hora em que eu chegar a Phoenix"*) ou pelo meu humor *("Everything happens to me" / Acontece de tudo comigo*). Quando a estrada exigia mais atenção, a música recuava para o fundo de minha mente. Mas nos momentos em que éramos apenas eu e a motocicleta numa grande extensão da estrada, meu cérebro aumentava o volume do rádio.

Como era muito cedo e uma manhã de domingo, praticamente não havia trânsito. Então eu guiei a moto com as pernas esticadas à minha frente, apoiadas sobre a tampa do motor. Os lagos e pântanos pelos quais eu passava de vez em quando estavam cheios de pássaros aquáticos, e perto de Yorkton vi meu primeiro corvo de riacho, um claro sinal de que eu estava no oeste.

Café da manhã no Russell Inn: hotel de aparência agradável e "restaurante familiar". Ainda não estava pensando em parar, mas não pude resistir.

Logo após 8h, ultrapassei a marca dos 160 quilômetros de um jeito bem agradável. "Música de pradaria" do Rheostatics na cabeça, eventuais pensamentos tristes, algumas lágrimas, mas afora isso não poderia ser melhor (?).

Obviamente, eu não tinha perdido meu senso de humor e ironia, e isso era bom, pois depois de bater o meu recorde pessoal de 1.176 quilômetros para chegar a Edmonton naquele dia, eu seria testado duramente no dia seguinte. Após arrumar o vazamento de uma mangueira, trocar o óleo numa concessionária BMW e reabastecer meu estoque de The Macallan, saí de Edmonton um pouco mais tarde do que o planejado. Agora eu rodava para o norte, abrindo caminho em direção à Rodovia do Alasca. Parei em um posto de gasolina na zona rural e apoiei a moto em seu cavalete em frente à bomba. Enquanto eu me ocupava em tirar a bolsa posicionada sobre o tanque, o jovem atendente me alcançou o bocal da mangueira, e eu comecei a abastecer. Percebi que o combustível parecia meio espumoso, mas não pensei muito a respeito até que o garoto viesse para fora de novo e perguntasse:

– Sua moto é a *diesel*?

Olhei para a alavanca da mangueira e percebi que era verde, o que geralmente (mas não sempre) indica se tratar de uma mangueira de diesel. Então olhei para o combustível oleoso espumando no bocal. Sacudi a cabeça sem acreditar naquilo e disse:

– Não.

Então, com os dentes cerrados, perguntei:

– Você tem um sifão?

Drenamos o diesel venenoso do tanque e reabastecemos com gasolina, mas quando dei a partida na moto e tentei acelerar, ela morreu no limite do estacionamento. O lado bom deste obstáculo em particular foi o proprietário do posto, um homem atarracado cujos traços sugeriam ancestrais indígenas, que se revelou bastante eficiente. Sua oficina interiorana estava bem equipada com todas as ferramentas de que precisaríamos para tentar fazer a moto funcionar de novo. Comecei descarregando toda a bagagem da moto e abrindo o meu kit de ferramentas. Então, começamos a trabalhar.

Outros fregueses paravam com suas caminhonetes altas e cobertas de lama, muitos deles com o mesmo jeito caipira e os mesmos traços nativos do proprietário do posto. Davam palpites e sugestões úteis. Usem o sifão no tanque novamente. Removam as velas de ignição e depois limpem duas vezes. Removam os injetores e limpem duas vezes. Amarrem uma corda na moto e reboquem atrás de um carro como se fosse um esqui aquático, e enquanto isso o piloto tenta dar a partida de soco. (Parecia uma boa ideia...) Ainda assim, a ignição engripava, impotente.

Quanto ao garoto que havia causado tudo isso, ele ficou sumido por um bom tempo, e torci para que seu chefe não tivesse sido muito duro com ele. Afinal, era seu primeiro dia no emprego, e algo dentro de mim sentiu compaixão pelos seus gestos conscientemente medidos e seu jeitão desengonçado, esquelético e cheio de espinhas.

Chame isso de memória.

Eu sabia como eu me sentia naquela idade: envergonhado, amedrontado e ignorante. Senti o fantasma do tolo que eu era.

Contudo, se não fiquei furioso com o *garoto*, eu certamente fiquei doido com a *situação,* principalmente à medida que as horas

passavam. Por volta das 16h30min, decidi ligar para a concessionária BMW de Edmonton enquanto ainda estava aberta para ver se poderiam enviar um caminhão para recolher a moto afogada. Descrevi o problema para o mecânico e ele concordou que havíamos tentado fazer as coisas certas. Então, sugeriu uma última medida desesperada, embora tivesse me alertado para "ter cuidado".

A meu pedido, o proprietário taciturno arrumou uma lata de fluído de partida à base de éter e borrifou-o no respiro da moto enquanto eu pressionava o já gasto botão de partida mais uma vez. Uns dois estouros altos nos deixaram prestes a nos jogarmos ao chão em busca de abrigo, mas de repente o motor pegou sob nuvens de uma espessa fumaça branca, e eu acelerei com tudo para mantê-lo funcionando.

Enquanto eu acelerava freneticamente a moto e acionava a marcha para andar, ávido por voltar para a estrada e *rodar* novamente, um dos nativos mais falantes fez um comentário sobre a altura da BMW, e disse rindo baixinho:

– Alta demais para orientais.

Foi então que me dei conta de que aqueles rapazes interioranos que haviam me ajudado com tanta boa vontade e com tanto conhecimento de causa não eram "nativos" de modo algum: eram na verdade *chineses,* provavelmente a apenas uma ou duas gerações de distância de seus ancestrais que cultivavam painço e falavam mandarim, ou plantavam arroz e falavam cantonês. Seus avôs talvez tivessem uma daquelas longas tranças do imperador mongol; suas avós talvez usassem chapéus cônicos de tecido para se proteger do sol nos arrozais. Agora, esses jovens tinham se tornado tão "nativos" que eu realmente os havia confundido com os "primeiros povos", aqueles que estavam ali há mais tempo do que quaisquer outros (no caso daquela área, provavelmente a nação Cree).

Esses indivíduos rudes pareciam e agiam tão maravilhosamente fora dos padrões em suas botinas e roupas caipiras, suas caminhonetes enlameadas com quadriciclos na caçamba e sua conversa sobre a temporada de caça e *snowmobiles* que percebi que agora esses canadenses *eram* definitivamente "nativos" em todos os sentidos, totalmente adaptados ao seu ambiente. Pela primeira vez ficou claro para mim que quando tentamos classificar os outros pelos estereótipos

de raça, na verdade estamos falando de sua *cultura.* O comportamento, o modo de vestir e os hábitos do "Outro" que consideramos estranhos ou exóticos, ou às vezes até mesmo desprezíveis, são padrões culturais desenvolvidos ao longo de centenas de gerações em um lugar específico, sob influências locais do clima, da subsistência, da dieta e dos costumes diários.

Finalmente eu conseguia explicar em palavras algo que eu já sentia instintivamente havia muito tempo, mas que era incapaz de articular. Percebi que era completamente *errado* avaliar as pessoas de acordo com a raça, porque era claro que a *cultura* era o divisor real entre as pessoas. Dado tempo suficiente, uma geração ou duas, todos nós nos tornamos o "Outro", não diferindo mais em comportamento dos nossos vizinhos ou colegas do que eles diferem uns dos outros. Mesmo as diferenças físicas desapareceriam no curso de mais algumas gerações de "assimilação", adotando a dieta local, os hábitos sociais e os cromossomos, e finalmente se dissolvendo no *pool* genético.

A palavra *raça* vem do mesmo radical latino que a palavra francesa *rascin* – raiz. Daí a origem da palavra *deracinated* do inglês: "ser arrancado pela raiz". Exilado, talvez. Bem, afinal de contas, o exílio é melhor do que o aprisionamento, e de qualquer maneira me parece que as raízes são superestimadas. Mas *racemus* é a palavra em latim para "cacho de uvas", e talvez sejam aquelas azedas. Eu já não tinha quaisquer raízes; eu só tinha a estrada.

E, seguindo no trecho daquela estrada no qual me encontrava, eu esperava chegar a Dawson Creek, na Colúmbia Britânica, mas agora isso estava totalmente fora de questão. Ainda assim, depois de um revés tão frustrante, eu estava determinado a percorrer alguma distância antes do escurecer. Então, acelerei como um demônio, ultrapassando caminhões, trailers, caminhonetes e carros.

Atrás de uma longa fila no trânsito, eu aguardava tenso pela oportunidade de ultrapassagem na pista seguinte quando percebi que o motorista da frente estendeu a mão pelo teto solar aberto e fez uma voltinha no ar com o dedo indicador. Reconheci o sinal de que havia um carro de polícia à frente e reduzi, mas já era tarde demais. Mais uma vez, os retrovisores se encheram com as luzes vermelhas e azuis, desta vez de um carro da Real Polícia Montada do Canadá, e minha

adrenalina explodiu em um palavrão triste enquanto eu dava o sinal para parar no acostamento da rodovia.

Apertei o botão para desligar a moto e fiquei em pé ao lado dela, cabisbaixo e ainda de capacete. O policial claramente leu minha linguagem corporal enquanto caminhava até chegar ao meu lado. Em um tom jocoso, bem-humorado e meio hesitante, ele disse:

– Bem, eu *ia* pedir sua carteira de motorista e o documento da moto...

Lentamente, tirei o capacete e os óculos de sol e me virei para olhá-lo nos olhos.

– Só desta vez, você *tem* que escutar minha história.

Contei meu suplício de três horas no posto de gasolina de Cottonwood e expliquei que estava tentando ganhar um pouco de tempo para chegar a Grande Prairie antes do anoitecer.

O policial bigodudo foi simpático e solidário, e desta vez minha carteira de habilitação de Ontário apenas gerou uma história de como ele havia morado em Toronto e também teve uma motocicleta, mas que desistiu dela porque era "perigoso demais". Seu equipamento de radar havia me flagrado a 140 quilômetros por hora numa região onde a velocidade máxima permitida era de 100 km/h. Isso resultaria numa multa de 174 dólares e custaria vários pontos na carteira, mas ele me deu uma chance.

– Tenho que multar você, mas vou dar uma aliviada.

Ele anotou uma infração genérica sobre "desobedecer à sinalização", que saiu por exatos 100 dólares. Bastante justo – ele foi legal a respeito disso também e me aconselhou a ir devagar, numa velocidade constante e com segurança; eu conseguiria chegar a Grande Prairie a tempo. Segui seu conselho, mais por resignação desalentada – e por um medo maior de novos encontros com as autoridades – do que pelo desejo de ir devagar, numa velocidade constante e com segurança.

Por volta das 18h30min eu me entreguei e desejei fortemente uma grande dose de uísque e um banho quente. Então parei no Horizon Motel, em Valleyview. Como em muitos dos hotéis de beira de estrada pelos quais eu havia passado ao longo daquela jornada, o estacionamento estava cheio de caminhonetes enormes, que

transportavam operários que trabalhariam nos reparos da estrada. (Devido aos desgastes causados pelo clima brutal, dizem que o Canadá tem apenas duas estações: Inverno e Construção.) Roupas de trabalho sujas estavam estendidas sobre os corrimãos no piso superior, botas e engradados de cerveja ficavam do lado de fora das portas, e, acima do meu quarto no térreo, havia muito barulho de passos pesados em torno do lugar designado como "salão de festas".

Se valentões "à solta" eram comuns nestes hotéis das estradas secundárias, mulheres sozinhas, de qualquer idade, eram bastante raras. Quando peguei uma mesa em um restaurante chinês das redondezas, notei uma mulher de meia-idade, sozinha, debruçada sobre uma taça de vinho. Seu rosto era redondo e coberto por uma maquiagem fantasmagórica, o cabelo num tom de ruivo nada natural e jovial demais, e me perguntei futilmente se ela não seria uma prostituta em decadência, terminando sua carreira como seguidora das equipes de reparos.

Sem dúvida havia uma história ali, mas logo percebi que não era uma história feliz, pois ela estava resmungando havia um bom tempo com o jovem garçom de rosto vermelho que aparentemente havia esquecido o pedido dela. Ela parecia ter tomado aquilo como um insulto e exigira a presença do gerente, para quem reclamou indignada com aquela argumentação repetitiva e típica dos bêbados. O gerente trouxe outra taça de vinho para acalmá-la e explicou que era o primeiro dia do garoto no emprego. Outro novato tendo um dia ruim.

As bochechas do rapazinho estavam ardendo quando ele chegou à minha mesa, e sua voz estremeceu quando ele perguntou se eu gostaria de algo para beber. A crueldade e a desconsideração da mulher tinham me deixado com raiva (como tinha sido o primeiro dia de trabalho *dela*?), e por isso tentei ser extremamente educado com o pobre garoto. Contei para ele o que tinha me acontecido naquele dia e disse:

– Não fique chateado por causa *dela*.

Ele suspirou um "obrigado" sincero que fez com que eu me sentisse melhor. Espero que ele tenha se sentido também.

De volta ao meu quarto, zapeei pelos canais de TV procurando a previsão do tempo e parei num antigo especial de Sinatra, do final dos

anos 60. Frank estava com a voz estupenda, e sua performance excepcional em “Old Man River” atingiu em cheio minhas emoções à flor da pele. Fiquei com vontade de chorar, porque ele era tão grandioso e, suponho, porque ele estava *morto*. Outro fantasma. Já estava na estrada antes das 6h numa manhã fria, cruzando plantações de feno, descampados e algumas áreas desmatadas. (Uma placa na estrada informava que algumas daquelas árvores haviam sido cortadas para eliminar parasitas dos abetos, e para acabar com os restos que eles deixavam para trás.)

Pegas, corvos, um coiote e uma raposa me fizeram companhia à medida que eu cobria os 250 quilômetros antes de parar para abastecer e tomar café da manhã em Dawson Creek, na Colúmbia Britânica. O escapamento da pobre e violada GS soltava um estouro às vezes, quando eu reduzia a marcha, mas parecia que estava funcionando corretamente de novo. Notei que meu dedão estava dolorido de tanto apertar o botão de partida tentando fazer a moto pegar no dia anterior, e aquilo me deixou preocupado com o próprio botão. Torci para que suas brochas e seus circuitos não tivessem se desgastado com todos aqueles excessos. Agora estávamos oficialmente saindo “da civilização”, já que uma placa em Dawson Creek anunciava “Marco Zero da Rodovia do Alasca”, e não haveria uma concessionária BMW antes do final da estrada, em Fairbanks, a mais de 1.600 quilômetros de distância.

A manhã seguia gelada. O céu levemente nublado deixava passar claridade suficiente para exigir o uso de óculos escuros. Uma velocidade constante de 120 km/h era suficiente para cobrir a distância me mantendo mais ou menos dentro dos limites legais, só que logo me gelei até os ossos, mesmo com meu traje aquecido (com a fiação semelhante à de um lençol térmico e conectado à bateria da moto), os controles aquecidos sob minhas luvas pesadas e minha capa de chuva sobre a roupa de couro.

Em Fort Nelson, parei no The Pantry para tomar uma sopa e aproveitar a oportunidade de me esquentar um pouco, e escrevi no meu diário:

A melhor rodovia de pista dupla que se poderia imaginar até o

momento – larga, bem pavimentada, pouco movimentada. Alguns trechos de paisagens bonitas, mas eu sei que a parte espetacular está apenas começando, visto que vou seguir rumo às montanhas do Oeste.

Adesivo de para-choque em um trailer:
PARA ONDE ESTAMOS INDO?
E POR QUE ESTAMOS NESTE CESTINHO?

De volta à minha motocicleta no estacionamento, catei meu telefone celular de emergência e liguei para Sheila, a contadora da banda, em nosso escritório em Toronto. Sheila fazia parte de nossa vida familiar há anos, já que costumava vir à nossa casa para atualizar os livros contábeis a cada duas semanas nas noites de terça, no mesmo horário em que Selena tinha aula de flauta. A casa se enchia com os ricos acordes do acompanhamento da professora ao piano e com as performances por vezes hesitantes da menina (assim como o pai dela, ela adorava tocar, mas era impaciente como a mãe e odiava *praticar*).

Sheila havia sido uma amiga muito querida e solidária durante minha fase difícil, e eu tirei vantagem de sua bondade transferindo gradualmente todos os meus negócios para a mesa dela, e transformando-a em minha "central de contato" para mensagens de amigos e familiares. Eu até podia ser um viajante solitário, desprendido de tudo ao meu redor, mas eu nunca estava realmente *sozinho* – sempre havia alguém pensando em mim, preocupando-se comigo e tomando conta dos negócios da vida que eu abandonara.

Quando meu mundo inteiro foi arrancado de mim, fiquei me sentindo tão para baixo, fraco e desprotegido que me tornei incapaz de lidar com os detalhes rotineiros da vida, então tive que aceitar a ajuda que me foi oferecida com muita boa vontade pela família e pelos amigos. Depois que assimilei a ideia, fiquei impressionado com tudo o que eles podiam e estavam dispostos a fazer para me ajudar a sobreviver naqueles dias negros. John Steinbeck uma vez escreveu que às vezes a melhor coisa que se pode fazer por alguém é permitir que essa pessoa faça algo por *você,* e aprendi que isso era a mais pura verdade. Talvez pela primeira vez na minha vida, abdiquei da minha independência e da minha orgulhosa autossuficiência e, uma vez

aberta, essa fresta da janela deixou entrar uma brisa quente de compaixão. Minha visão de mundo foi totalmente transformada. Atirei-me na direção de meus amigos de braços abertos.

Meu irmão Danny era um dos que me cuidavam, e ele me mandou uma citação de Thoreau: "Perante a morte, ou nossos amigos e parentes se aproximam de nós, e são descobertos, ou se afastam, e são esquecidos". Quase todas as pessoas próximas a mim tinham se aproximado ainda mais naquela época. Certo dia, na Casa do Luto, lembro-me de ter dito ao meu amigo Brad:

– Sabe, eu pensava: "A vida é ótima, mas as pessoas são um saco". Mas agora eu tive que admitir que é o oposto: "A vida é um saco, mas *as pessoas* são ótimas".

Na minha antiga visão de mundo superficial e talvez um tanto insensível, eu aproveitava a vida e curtia a minha família e os meus amigos, mas geralmente me sentia incomodado, com a sensação de que todos os outros apenas *queriam* algo de mim. Mas agora a vida – que antes eu idealizava como uma divindade generosa que me oferecia aventuras e prazer – tinha traído a minha confiança de um jeito cruel. No balanço final, percebi que as *pessoas* me ajudaram a me recompor com cuidados irrestritos e carinho sem precedentes.

A respeito do "carinho sem precedentes", confesso que sou um daqueles indivíduos que mantêm um segredo: bem no fundo, eu nunca fui capaz de entender por que razão alguém iria *gostar* de mim de verdade. Talvez respeitar, ou mesmo admirar, mas não realmente se importar comigo. Tal traço psicológico (ou psicótico, ou neurótico) não tem nada a ver com autoestima ou orgulho, já que a maioria das pessoas parece ter um grau suficientemente alto das duas coisas: é mais um sentimento de inaptidão nas relações interpessoais, uma "incapacidade" perceptível para o que parecem ser rotinas de convívio normais, que incluem ser encantador, engraçado, divertido e *receptível* com as outras pessoas.

Esse desconforto existencial causa mais estranhamento social do que a autoimagem oposta (como ficou provado por um amigo meu que, também em segredo e bem no fundo, não consegue imaginar por que razão alguém *não* gostaria dele). E para aqueles de nós que se sentem deficientes nessas qualidades sociais tão valorizadas, o esforço

de nos abrirmos para os outros é tão difícil que talvez só estejamos dispostos a tentar fazer isso com as pessoas mais próximas, mas não com aqueles com quem deparamos na vida cotidiana.

Aparentemente, essa parte de mim continuava igual, mas eu havia aprendido que tentar se doar para os outros pode ser *recompensador*. Eles certamente haviam se doado para mim. Até mesmo quem nunca tinha sido muito próximo de mim antes estava comovido. Lembro-me de um ex-funcionário da banda que eu não via há anos e que apareceu na Casa do Luto. Entre lágrimas, tentou falar de um jeito meio incoerente o que basicamente expressava o sentimento de muitos outros:

– Não sei o que dizer, mas aqui está o meu coração.

No mesmo espírito de fazer aos outros o "favor" de deixá-los me ajudar, eu tinha abusado da boa vontade do chefe de Sheila e empresário do Rush, Ray, e pedi que ele cuidasse da venda da casa da família em Toronto. Na minha primeira reunião com a corretora de imóveis, cerca de duas semanas após a morte de Jackie, tive de encarar a ferida ainda aberta e dizer para ela por que estava vendendo a casa – foi uma das primeiras vezes em que fui forçado a contar minha triste história em palavras breves e dolorosas. Depois de me oferecer uma expressão formal de condolências, ela me explicou como isso poderia afetar os possíveis compradores da casa. Depois, discutimos por um bom tempo devido à minha objeção de abrir a casa para visitação. Eu sabia que, se isso acontecesse, qualquer um poderia entrar e conhecer a casa assombrada – de compradores sérios a meros curiosos, passando por verdadeiros *urubus*.

Portanto, fiquei satisfeito em evitar outros contatos diretos com corretores de imóveis e a constante lembrança dos momentos felizes de nossa vida em família naquela casa. Durante nossa conversa por telefone, naquele dia, Sheila disse:

– Ray quer falar com você, acho que ele já vendeu a casa.

Isso revirou minha cabeça. Era o que eu queria, claro, mas agora parecia tão... definitivo.

Tentei ligar para Ray, mas não consegui falar com ele. Então vesti minhas roupas de viagem e peguei a Rodovia do Alasca novamente, pensando sobre todas essas coisas enquanto rumava para oeste. A

estrada se estreitava enquanto eu serpenteava pelas florestas de coníferas em direção ao braço norte das Montanhas Rochosas Canadenses. O dia continuou frio sob o céu nublado, e às vezes a estrada brilhava por causa da chuva. Por isso, geralmente as montanhas eram mais presumidas do que vistas. Quando surgiram, não havia florestas, porque a esta latitude estávamos a uma altura em que as árvores já não crescem: ao ultrapassar-se os 1.200 metros em relação ao nível do mar em Sumi Lake, as árvores pareciam desaparecer repentinamente bem ao lado da rodovia.

Depois de dias percorrendo os terrenos planos das pradarias, descrevi no meu diário essa paisagem tridimensional como "monumental" e "gloriosa". Após todas aquelas retas, referi-me à viagem como "bem mais divertida". Já estávamos no fim do verão (dia 25 de agosto): o trânsito estava tranquilo e a maioria dos motor-homes gigantes viajava no sentido oposto, voltando do Alasca. Contornando um trecho da estrada no meio de uma mata fechada, fiquei embasbacado ao ver um pequeno rebanho de caribus – uma espécie de pequenos alces – às margens da rodovia e desacelerei para poder observá-los sem assustá-los.

Eu ainda estava reagindo às paisagens, às autoestradas e à vida selvagem, "criando" o mundo enquanto rodava. Aparentemente, eu estava começando a reagir até mesmo às *pessoas* – inclusive a estranhos. Parecia que eu conseguia até mesmo me *importar* com elas, como no caso do garoto do posto de gasolina, ou dos "nativos" orientais, do desafortunado garçom, do "tolo que eu era". Essa empatia era um sentimento raro para mim naqueles dias, pois todas as minhas emoções estavam associadas a um paradigma (perda!). Minha atitude com relação aos estranhos pendia mais para a amargura e a inveja, e poderia ser resumida numa acusação raivosa: "*Por que vocês estão vivos?"* (e não "elas", é claro).

Agora, tudo indicava que eu estava começando a incluir estranhos no meu admirável mundo novo. Talvez, enquanto eu viajava pela Estrada da Cura, também começasse a *gostar* deles novamente. Tudo era possível. No entanto, apesar desses momentos preciosos de Verdade e Beleza que eu estava vivenciando na estrada, em boa parte do tempo eu me sentia perdido e solitário, e todos os dias eu chorava

ao ser assolado por momentos de profunda desolação.

Então, após ter percorrido 1.000 quilômetros em um dia frio e úmido na Rodovia do Alasca, fiquei feliz ao chegar no Northern Rockies Lodge, às margens do Lago Muncho. O hotel é conhecido como "a maior estrutura em madeira crua da Colúmbia Britânica", com uma sala de jantar central de quase 15 metros de altura. Tinha sido construído apenas dois anos antes, em 1996, pouco antes de meu amigo Brutus e eu fazermos uma breve parada ali em nossa viagem de motocicleta até Yellowknife. Naquela época, o Northern Rockies Lodge me pareceu um ótimo lugar para nos hospedarmos, um posto avançado de civilização num lindo lago cercado por árvores altas e picos escarpados cinzentos. Quando eu parti naquela manhã, lembrei-me daquele hotel e torci para que conseguisse chegar até lá.

O estacionamento de cascalho na frente do Northern Rockies Lodge estava repleto de carros e de SUVs com placas de Dakota do Sul, Nova York, Washington, Colorado, Texas, Utah, Flórida e Alasca. Entre o hotel e o lago havia algumas cabanas pequenas de madeira, já desgastadas pelo tempo, com uns dois metros de altura cada e uma área de mais ou menos três metros quadrados, remanescentes de um empreendimento anterior. As cabanas eram oferecidas aos párias, fumantes como eu. "Fabuloso", escrevi no meu diário, e comecei a pensar seriamente em ficar mais um dia. Eu andava com medo de sequer cogitar permanecer num mesmo lugar por mais do que uma noite, porque não queria me dar tempo para *pensar* muito. Contudo, já fazia seis dias desde que eu havia deixado a casa no lago, e eu já tinha percorrido 5.000 quilômetros desde então. Além de me dar a oportunidade de um descanso noutra casa à beira de um lago, havia questões práticas a se considerar: eu tinha apenas seis mudas de meias, cuecas e camisetas, e o Northern Rockies Lodge oferecia aos hóspedes serviços de lavanderia. Havia também alguns pequenos barcos a motor para alugar, a possibilidade de fazer trilhas e minha pequena cabana de madeira era um santuário convidativo onde eu poderia me esconder com uma dose de The Macallan e um livro.

Ainda sem saber se essa era uma boa ideia, deixei a decisão para a manhã seguinte, que estava fria (8°C) e com ameaça de chuva. Não era um dia muito convidativo para quem pensava em pegar a estrada,

então resolvi tentar ficar. Caminhei até o hotel para o café da manhã e parei na recepção para reservar mais uma noite.

Os proprietários do Northern Rockies Lodge eram um piloto suíço chamado Urs e sua esposa, Marianne, ambos aparentando ter 40 e poucos anos. As fotografias expostas na parede indicavam que Urs tinha sido piloto da companhia petrolífera AGIP na Líbia. Talvez ele tivesse ganhado dinheiro suficiente lá para comprar esta propriedade num lugar remoto, construir o novo hotel e adquirir os dois hidroaviões da Liard Air que estavam parados na doca, disponíveis para os esportistas ou para quem desejasse realizar um voo panorâmico.

Com minha roupa já limpa, seca e dobrada novamente, perguntei a Marianne onde poderia fazer uma caminhada, e ela me mostrou uma trilha do outro lado da estrada que ela chamava de "a borda". A manhã ainda estava fria e nublada, mas logo me aqueci com o esforço de subir as rochas, as pedras e o cascalho no pé de um cânion estreito parecido com uma moraina glacial ou uma base rochosa, de onde a neve derretida pingava durante a primavera. A parte mais baixa tinha sido aterrada para canalizar o fluxo, e eu me arrastei por sobre elas e para cima das rochas, seguindo os bancos de um pequeno riacho para dentro da mata não muito fechada.

Um passarinho conhecido como mergulhador, ou melro aquático, recuou à minha frente mais acima no riacho. Era fácil identificá-lo por causa de seu hábito de colocar a cabeça na água, ou "mergulhar", para se alimentar de insetos ou pequenos crustáceos. Avistar uma nova espécie como aquela sempre causava uma leve comoção para um amante de pássaros de longa data como eu. Depois, naquela tarde, quando aluguei um pequeno barco a motor para circundar o lago, vi uma águia careca sobrevoando a floresta escura e tive outro encontro inédito: uma mobelha do Ártico, mais insinuante e de cores mais claras que as mobelhas comuns que vivem próximas à minha casa do lago. Havia também alguns patos *merganser* esguios pescando no lago e um grande bando de patos menores, parecidos com papagaios-do-mar, que saíram em revoada antes que eu me aproximasse o suficiente para identificá-los.

Uma breve pancada de chuva durante meu passeio de barco me

deixou feliz por ter levado comigo minha jaqueta e meu chapéu impermeáveis, mas as nuvens finalmente se foram para leste, deixando em seu rastro um arco-íris e raios de sol brilhantes sobre os picos áridos acima da floresta. Quando voltei para o hotel, disse para Marianne na recepção:

– Aqui era pra ser um lugar de descanso, mas estou *exausto.* Tem tanta coisa pra fazer!

Eu até poderia estar exausto, mas também me sentia relaxado: meu primeiro dia permanecendo num único lugar tinha sido muito bom. Como sempre, o principal era continuar *movendo-me,* manter-me ativo, levar minha alma de bebê para dar uma volta. Só precisava de *vontade,* e eu sabia que sempre estaria me agarrando por um fio àquela determinação necessária. Ainda estava sujeito às lágrimas e à tristeza abjeta várias vezes ao dia, mas eu tentava deixar esses momentos passarem, além de evitar o mergulho em uma espiral descendente para dentro do abismo da memória.

Aquelas lembranças estavam sempre comigo, é claro, e parecia que parte do que Freud chamava de "trabalho do luto" envolvia recuperar e processar cada lembrança que eu tinha daquelas que eu havia perdido. Cada risada compartilhada e cada palavra dura tinham que ser repassadas e marcadas porque eu precisava formar um juízo a respeito delas, alguma coisa com a qual eu talvez pudesse me sentir melhor no fim das contas. E havia também outros fatos que eu teria de ficar reprisando na minha mente, como um vídeo em repetição do acidente de Selena ou do último suspiro de Jackie, até que eu pudesse depositar essa lembrança para que descansasse em um recanto tranquilo nos jardins da memória.

Por alguma razão, como parte do tal trabalho de luto, também parecia ser necessário rever cada pequeno incidente da minha própria vida. Certa vez, quando estava acordado no meio da noite num hotel remoendo essas coisas, tentei transcrevê-las em palavras.

*Percebo nessas "vigílias noturnas", ou enquanto estou rodando (ou a qualquer hora), um padrão de tormenta (*tormenta, *palavra em espanhol para tempestade). Não tenho apenas que reviver e examinar cada acontecimento da vida com Jackie e Selena, mas também cada*

acontecimento da minha própria vida. Cada momento embaraçoso, cada ato de estupidez, cada julgamento equivocado, cada erro, tolice etc., voltando até a infância e por todo o caminho em frente até este momento.

Eu me encolho fisicamente, solto um "uau" em voz alta, ou "merda", dependendo do caso, e mal posso suportar. Às vezes, são coisas tão estúpidas, mas parece que minha confiança ou minha crença em mim mesmo, ou alguma coisa *está tão abalada, tão sabotada, tão tênue, que não tenho tolerância, nem compreensão, nenhum* perdão*, nem para mim ou para quem quer que seja.*

Nenhum perdão...

Sem saber, eu havia identificado uma parte sutil, mas importante, do processo de cura. Não haveria paz para mim, nem *vida* para mim, até que eu aprendesse a perdoar a vida pelo que ela havia feito comigo, perdoar os outros por ainda estarem vivos e, finalmente, perdoar *a mim mesmo* por estar vivo.

Tendo que nadar contra tais correntes no oceano existencial, cada dia em movimento me ajudava a me manter à tona. Eu era forçado a ser um pouco curioso com os meus arredores e a me concentrar no que eu estava fazendo, principalmente quando estava pilotando a moto e lidando com o malabarismo, literal e figurativo, de operá-la: a estrada, o clima, o trânsito, a paisagem inspiradora e os vislumbres ocasionais de pássaros e outros animais.

Paisagens, rodovias e vida selvagem – minha nova santíssima trindade. Parecia mesmo que eu estava encontrando o suficiente naqueles simples elementos para ficar um pouco mais animado. Cada um daqueles momentos de Verdade e Beleza era um importante passo na Estrada da Cura, e novos fios para serem entrelaçados ao tecido do pesar e do desespero.

Da mesma forma como quando eu estava sozinho na casa do lago, eu nunca me senti conscientemente *solitário,* porque sempre gostei da minha própria companhia, e a leitura era sempre uma distração, uma fuga e um consolo. Percebi que estava escrevendo muito no meu diário, que se tornou uma espécie de companhia durante minhas refeições solitárias. Eu também estava utilizando o telefone com uma frequência atípica, ligando para dois ou três amigos ou familiares

todos os dias – algo bem incomum para mim.

Ou, pelo menos, era bem incomum para o tolo que eu *era*.

"Sr. Sociável", escrevi no diário, debochando de mim mesmo.

Apesar de tudo, isso provavelmente é bom para mim. Eu me flagro conversando comigo mesmo com bastante frequência, o que me faz rir (velho caduco). Mas tudo bem. Se liga nisso!

Fortune is random – fate shoots from the hip
I know you get crazy, but try not to lose your grip

A sorte é aleatória – o destino age impulsivamente
Sei que você fica louco, mas tente não perder o controle

(Neurotica, 1991)

Capítulo 3

PARA O NORTE ATÉ INUVIK

The point of the journey
Is not to arrive –
Anything can happen

O principal em uma jornada
Não é chegar –
Tudo pode acontecer

(Prime Mover, 1987)

Estacionar minha moto em frente a um hotel no fim de um longo dia na estrada era certamente agradável, como soltar o ar após segurar a respiração o dia todo. Mas o melhor de tudo era partir pela manhã. Quaisquer que fossem as tormentas que a noite tinha trazido e seja lá quais fossem as condições climáticas que o novo dia jogasse sobre mim, toda a minha perspectiva se alterava no instante em que eu carregava a moto e passava a perna sobre o assento. O foco se ajustava para a mecânica e a capacidade mental de operar a máquina, e minha consciência se estreitava sobre as exigências impostas pela atividade. Quando eu soltava a embreagem e acelerava, minha visão de mundo se expandia à medida que eu me movia para dentro de um novo paradigma de paisagens, estradas e vida selvagem. Infinitas possibilidades.

Muitas vezes, os escritores de livros de viagem se sentem compelidos a tentar explicar e justificar a diferença entre ser um turista e ser um viajante. Citam a etimologia do termo inglês "travel", oriundo da palavra francesa *travail,* trabalho, e assinalam que qualquer jornada independente para além das desgastadas rotas turísticas requer extrema boa vontade e resistência simplesmente para que se *continue seguindo adiante.* Um dos mais incansáveis viajantes sérios, Paul Theroux, explica que, ao terminar uma de suas viagens, não é como se ele tivesse *tirado* férias; ele *precisava* de férias. Mas a maioria dos seus leitores, "viajantes de poltrona", quer apenas compartilhar a experiência virgem e ilusória, e não a realidade suja e exaustiva.

O viajante solitário é frequentemente visto pelos outros como alguém dotado de uma aura de romance, mito e *desejo.* Muitas pessoas se sentem presas à previsibilidade de suas vidas envoltas em rotinas de trabalho, e suas frustrações e descontentamentos podem ser a um só passo estimulados e aplacados pela fantasia um tanto abstrata de "cair na estrada". Mas, como todas as fantasias, essa visão onírica não traz qualquer resultado, e é isso que determina a diferença fria e profunda entre a fantasia e a realidade: a ausência de consequências.

Assistir a um filme ou ler um romance pode deixá-lo triste ou amedrontado, até mesmo inspirado, mas no final daquela experiência nada realmente *aconteceu* na sua vida. As experiências da vida real

não são assim, como eu certamente acabei aprendendo. A imagem fantasiosa de um espírito livre vagando sem cuidado ou esforço por algum filme em IMAX de paisagem deslumbrante não apenas ignorava as possibilidades mais tenebrosas (pane, acidente, ferimento, morte), mas também omitia meros cortadores de barato como mau tempo, indigestão, dor de dente ou diesel no seu tanque de gasolina. Qualquer coisa pode acontecer, e o cenário nunca é "neutro".

Então, se eu sentia uma emoção a cada vez que partia para os mistérios de um novo dia, ela era geralmente amenizada por esses fatores imprevisíveis, que podiam ser tanto potenciais quanto imediatos. Por exemplo: ao partir de Lago Muncho antes das seis numa manhã nublada e fria, o perigo era potencial, mas o frio era imediato. Vesti meu traje completo para tempo horrível, com ceroula por baixo da roupa de couro, o colete térmico e o aquecedor de manopla ligados no máximo e a fina balaclava sob o capacete cobrindo o rosto totalmente.

E a capa de chuva sobre tudo isso ajudava a me proteger do vento cruel.

Uma viagem diferente começava enquanto eu deixava para trás o ambiente relativamente seguro das autoestradas e das cidades e mergulhava nas áreas remotas das estradas mais brutais e acidentadas e dos pequenos povoados bastante distanciados uns dos outros. Daquele dia em diante, senti-me menos um viajante e mais um aventureiro (ou um desventurado), porque eu estava bem consciente das graves consequências que um "erro de pilotagem" ou um acidente poderiam trazer. O medo era meu copiloto, e havia muito com que se preocupar agora, tanto na imaginação quanto na realidade.

O primeiro obstáculo do dia foram os trechos da rodovia que estavam sendo reconstruídos (ou melhor, desconstruídos). Assim que vi o asfalto acabando numa longa faixa de terra que aparentava ser instável, fiquei tenso e prendi a respiração. As rodas afundaram nos sulcos do lamaçal pesado e profundo que poderiam me derrubar facilmente. Por vários quilômetros, meus olhos não se fixaram em nada além da terra marrom junto às rodas. Concentrei-me para desviar para áreas mais compactas da forma mais suave possível, pegando leve nos freios, pegando leve no acelerador, equilíbrio, equilíbrio,

equilíbrio.

Então veio a primeira recompensa do dia. Enquanto eu cruzava uma ponte acima do amplo rio Liard, dei uma olhada para baixo e vi algo grande e escuro no meio da água. Parecia estar atravessando a água a nado, e deixava atrás de si um rastro prateado em forma de "V". Desacelerei para enxergar melhor. Em um primeiro momento, achei que se tratava de uma vaca, embora isso fosse bem improvável. Então presumi que se tratava de um alce. Andei ainda mais devagar, depois parei para observar. Enquanto a massa escura alcançava a margem ao longe e subia no barranco, arregalei os olhos ao perceber que era um enorme urso-negro, sacudindo-se todo e arrastando todo o seu peso para dentro da floresta.

Os pássaros característicos do extremo norte eram os corvos, que voavam em bandos no céu cinzento. Ocasionalmente eu avistava algum tetraz canadense parado em silêncio à beira da estrada. A manhã parecia clarear gradualmente, e tive alguma esperança de que o calor do sol pudesse diminuir meu tremor, mas o dia permaneceu gélido.

Parei numa clareira à margem da estrada para um descanso, e enquanto olhava para a vista ampla do rio e suas margens com a floresta verde e amarela ao redor, um motor-home grande parou atrás de mim. Seu motorista, um simpático idoso, veio até mim para dar uma olhada na moto e me contou que teve uma BMW em 1960, mas que agora andava com uma Honda Gold Wing em sua terra ao sul de Illinois. Enquanto conversávamos sobre nossas viagens, soube que ele e sua esposa estavam voltando do Alasca. Quando disse que estava pensando em sair da rodovia asfaltada naquele dia e pegar um pouco de estrada de chão, ele apontou o dedão para o motor-home e disse com um sorriso de lamento:

– Ela não me deixa sair do asfalto!

O destino que eu tinha em mente era Telegraph Creek, porque... bem, porque eu gostava do nome. Ouvi falar da cidade pela primeira vez num artigo da *Equinox* ("A revista da descoberta canadense", infelizmente já extinta), no qual o autor destacava que os cartógrafos pareciam gostar de Telegraph Creek porque o local lhes servia como um nome para ser colocado em uma região antes vazia, onde o norte

da Colúmbia Britânica encontrava o sudeste do Alasca.

O povoado tinha prosperado brevemente em dois períodos: primeiro, durante a corrida do ouro de Klondike, quando era o ponto mais longínquo até onde os barcos a vapor que navegavam pelo rio Stikine podiam levar os esperançosos garimpeiros. De lá, eles poderiam viajar por terra até as minas de ouro do Yukon pelo caminho que ficou conhecido como *The Bughouse Trail*, cuja história está repleta de relatos ao estilo de Jack London sobre fome, escorbuto, congelamento e loucura. O segundo ciclo de prosperidade da cidade – e a origem de seu nome – veio de um empreendimento americano que almejava implantar um cabo de telégrafo que atravessasse as terras no Alasca, depois o Estreito de Bering e toda a Rússia, até conectar-se com a Europa. Mas logo após o fim da etapa de pesquisas o projeto se tornou obsoleto devido à instalação do cabo subatlântico. Telegraph Creek mais uma vez esmoreceu, até tornar-se praticamente uma cidade-fantasma. Atualmente, os poucos visitantes parecem ser atraídos por excursões de barco, pela prática de rafting e pelos passeios de caiaque no rio Stikine. Ou pelo nome.

Outro canto de sereia que exercia seus efeitos sobre mim era o charme romântico de um destino isolado e histórico que ficava "no fim da estrada". Telegraph Creek era um pontinho no mapa situado no final de uma longa estrada de chão, longe de tudo, o tipo de lugar que Brutus e eu sonhávamos explorar (na verdade, foi Brutus, numa recente conversa de telefone, que me encorajou a ir até lá). Os guias de viagem ofereciam informações contraditórias, e eu não sabia se deveria trafegar por 74 milhas ou 74 quilômetros naquela estrada – mas eles concordavam ao afirmar que o caminho era "duro" e "frequentemente traiçoeiro". Na verdade, foram 112 quilômetros sinuosos (mais ou menos 74 milhas) de poeira e cascalho através de uma floresta fechada, com subidas e descidas pela serra que compunha as paredes do "Grand Canyon de Stikine". Em alguns trechos, os penhascos escarpados de rocha erodida lembravam mesmo uma versão modesta do famoso vale do rio Colorado, e às vezes a estrada era apenas uma saliência assentada naquelas paredes verticais, pendendo para um abismo assustador.

Descrevi aquele trecho em meu diário como "uma estrada

assustadora, assustadora" e eu estava tremendo consideravelmente quando parei na frente do café Stikine River Song, um misto de empório, alojamento e centro de passeios de barco. Tudo isso ficava dentro de um amplo casarão branco de madeira com vista para o rio e suas corredeiras. Mais tarde soube que tinha sido ali o posto avançado original da Hudson's Bay Company, situado logo abaixo no rio, e que a construção tinha sido movida pedacinho por pedacinho até Telegraph Creek. Havia ainda algumas outras casas com cara de abandono e uma igrejinha encravada à beira do rio, mas somente o River Song mostrava sinais de vida.

Os guias de viagem diziam que deveria haver quartos disponíveis lá, mas se estes estivessem ocupados eu teria um longo caminho até chegar a qualquer outra opção de hospedagem. O clima frio e sombrio tornava pouco convidativa a ideia de acampar, mas novamente fiquei contente por estar levando a minha pequena barraca e o saco de dormir, sobretudo quando o dono me disse que ele estava fechando para o final de semana e levaria seus funcionários para um passeio rio acima a fim de celebrar o final da temporada. Então, depois de pensar um pouco, disse que eu poderia alugar um dos quartos e ficar lá sozinho. Hospitaleiro, ele teve muita consideração e confiança em mim, e apenas perguntei onde eu poderia arrumar comida. Ele me disse que havia uma cozinha no andar de cima onde eu poderia preparar minhas próprias refeições, então comprei no armazém que havia na parte de trás do casarão algumas provisões – incluindo salmão fresco do próprio rio – e levei minhas malas para um quartinho no andar de cima.

Observei pela janela do café o dono do River Song e seus três funcionários carregarem seus equipamentos de camping no barco a motor, e meu único arrependimento foi ter perdido a oportunidade de fazer eu mesmo um passeio pelo rio. Permaneci à beira do rio e fiquei olhando o barco acelerar rio acima contra a forte corrente, o que me animou e me assustou um pouco.

Pelo visto, a única outra empresa de passeios de barco, Trina Anne Excursions, também estava fechada para o final de semana, e as únicas almas vivas na cidade eram um Mountie (guarda da Polícia Montada do Canadá) e sua esposa no posto RCMP, do outro lado da cidade.

(Como o rio Stikine corria para a cidade de Wrangell, no Alasca, Telegraph Creek era uma espécie de posto avançado na fronteira entre os dois países.) Eu estava praticamente sozinho na minha cidade-fantasma particular, observando a correnteza do rio.

No andar superior do velho casarão vazio, o silêncio parecia quase opressor e apenas acentuava os impressionantes estalidos do chão enquanto eu caminhava entre o meu pequeno quarto, o banheiro compartilhado e a área comum com cozinha e sala de estar. Do telefone público, liguei para meu amigo e colega Alex para parabenizá-lo por seu aniversário, e ele ficou feliz por receber notícias minhas, embora um tanto perplexo ao saber de onde eu estava telefonando. O atraso na linha fazia com que eu me sentisse ainda mais como uma voz da natureza selvagem. *Vox clamatis in deserto.*

Como escrevi no meu diário: "Bem, já estive em alguns lugares estranhos durante minhas viagens. Houve casos em que apenas o *caminho de ida* já garantia uma grande aventura. Mas este... Este entrou na lista."

Dormi profundamente com minha janela aberta para deixar o ar fresco e frio entrar e para ouvir o murmúrio do rio. Em mais uma manhã nublada e gelada, fui caminhar antes mesmo do café da manhã. Passei por cabanas abandonadas em ruínas, por carros cobertos de musgo e por caminhonetes dos anos 1950 até chegar a um caminho estreito e íngreme que levava para um morro alto formado por rochas vulcânicas onde havia um velho cemitério com vista para a cidade. Enquanto caminhava entre as sepulturas lendo as inscrições, o simples fato de haver nomes e datas nelas tinha significado completamente novo para mim, porque os sentia como parte de uma história como a minha, uma história de amor e perda. Pensei em "Honey Joe", que morreu com 105 anos e foi enterrado ao lado de "Mrs. Joe", que morrera 40 anos antes. Então havia todos os bebês, crianças, adolescentes, jovens homens e mulheres, e me peguei chorando por todos os que se foram, os deles e os meus. De fato, era uma cidade-fantasma.

Na parte mais elevada do outro lado da estrada principal havia um assentamento indígena com casas pré-fabricadas. De lá, o mapa mostrava que as ruínas de uma cidade chamada Glenora ficavam 25

quilômetros rio abaixo. Este era o local onde o posto da Hudson's Bay Company, que agora abrigava o River Song, ficava originalmente. À tarde, vesti minha roupa de estrada e fui dar uma volta naquela direção para conferir se havia algo a ser visto. Mas assim que peguei a estrada de chão estreita começou a chover, e a superfície sob as minhas rodas se transformou em lama. No final da estrada, encontrei apenas duas caminhonetes e reboques para barcos, e puxei a moto tentando dar meia-volta. Os pneus deslizaram no barro e perdi o equilíbrio. Saltei para o lado quando a moto caiu, e nós dois ficamos deitados na lama. Mesmo sem todas as bolsas e alforjes, a moto ainda pesava quase 300 quilos, e precisei de toda a minha força para erguê-la de novo enquanto escorregava por causa de minhas botas enlameadas. Um dos espelhos estava quebrado e pendia, solto, mas não parecia haver maiores estragos. Resvalando pelo caminho, voltei para River Song debaixo da chuva incessante.

Catei um pedaço de madeira para colocar debaixo do cavalete a fim de evitar que a moto afundasse no barro e caísse novamente. Tentei em vão consertar o espelho, depois olhei com mais cuidado à procura de outros estragos. Aparentemente não havia nada, mas percebi que as pastilhas de freio estavam um pouco gastas, e era possível que a viagem sob chuva e cascalho fino as tivesse desgastado mais rapidamente que o normal. Mas, como tudo estava coberto de lama, era difícil ter certeza disso, e de qualquer forma não havia nada que eu pudesse fazer. Mesmo assim, essa era mais uma coisa com a qual me preocupar.

E ainda por cima a chuva continuava a cair, hora após hora, e comecei a temer a viagem para fora daquele lugar no dia seguinte. Se aquela estrada de chão de 100 quilômetros já tinha sido traiçoeira e assustadora com a pista *seca,* como seria agora com o atoleiro escorregadio pendendo para o precipício? Não queria pensar nisso; mas pensei.

Do telefone público em River Song, finalmente consegui falar com Ray para me informar sobre como estava indo a venda da casa de Toronto. Pelo visto, no dia anterior, enquanto eu estava me escondendo lá fora na natureza selvagem alheio a quaisquer notícias do mundo exterior, o mercado de ações também havia afundado na

lama, o dólar canadense tinha caído de novo, e o sujeito que estava comprometido com a compra da casa tinha arranjado uma desculpa e dado para trás no último minuto. Bem quando eu tinha me acostumado com a ideia de dar adeus àquela "casa assombrada", com todos os anos de lembranças de família, ela estava de volta ao mercado, e de volta à minha mente.

Justamente o que eu precisava. Às vezes fica difícil não me sentir o Maior Fracassado de Todos os Tempos.

Chuva e desespero, má combinação.

Estou com a sensação de ter sido "jogado para a beira de um buraco escuro e profundo", por assim dizer. Bem consciente de me afastar disso: "Não vá para lá".

Depois de uma noite maldormida, eu estava de pé às 5h, nervoso e irritado, e preparei rapidamente um café forte acompanhado de suco de laranja e cereal. Ainda estava escuro enquanto eu carregava minhas bolsas para a moto. Embora o chão estivesse encharcado, fiquei feliz ao perceber que a chuva tinha parado e olhei para cima, para um pedaço de céu claro onde se viam estrelas e um planeta.

Enquanto caminhava de volta para a porta após a primeira leva, parei no meio do caminho ao avistar uma raposa pequena e marrom com a ponta da cauda branca. Ela estava parada na soleira da porta e me observava tranquilamente. Num primeiro momento, fiquei extasiado por ver tal animal selvagem esquivo assim tão de perto, mas me dei conta de que esse não era seu comportamento natural, o que me deixou inquieto. A raposa poderia estar contaminada com raiva, ou poderia ter sido domesticada por alguém que a alimentava, era impossível saber. Quando retornei com a segunda carga ela ainda estava lá, apenas me olhando. Fiquei preocupado, pois ela poderia entrar no casarão em busca de comida, então fechei a porta com o pé. Bem no momento em que ouvi a tranca se fechando, senti uma pontada de temor e contraí os músculos ao lembrar que a porta se trancava sozinha, e que eu tinha deixado a chave na mesa da cozinha.

Ah, meu velho. Eram 5h30min da manhã, ninguém do River Song voltaria antes do final daquele dia e, a não ser que eu quebrasse

alguma coisa, minha única esperança de destrancar aquela porta era o Mountie, só que eu não poderia ir bater na casa *dele* àquela hora.

Lembrei que havia uma escada pendurada na parte da frente do casarão, cujos degraus de tábua levavam ao segundo andar – uma espécie de saída de emergência à moda antiga. A janela do meu quarto ainda estava aberta, e talvez eu pudesse subir pelo lado de fora. Já vestindo toda a minha roupa de estrada, menos o capacete (ao menos estaria protegido se eu caísse!), escalei a lateral do casarão, embrenhei-me pela janela e garanti o meu resgate.

No crepúsculo sombrio, a luz do farol da moto refletia nas poças e na vegetação gotejante enquanto eu guiava com cautela e ansiedade através do cascalho e do barro encharcados do vale Stikine. Mais à frente, a estrada parecia tão seca quanto estivera na vinda, e consegui chegar com cuidado até a rodovia principal em Dease Lake. Havia muito vento e a manhã estava fria, mas fiquei contente em voltar ao asfalto. Acelerei rumo ao norte novamente para tomar café da manhã em Watson Lake, bem na fronteira com o Yukon.

De volta à Rodovia do Alasca, parei para admirar a famosa "Floresta de Placas", onde mais de 30 mil placas de cidades de todas as partes do mundo estavam à mostra numa vasta área aberta. Aparentemente, o costume tinha começado a partir de uma única placa que serviu de inspiração. Ela havia sido pendurada por um soldado com saudade de casa durante a construção do que originalmente era chamado de Rodovia Alcan, durante a Segunda Guerra Mundial.

Continuando para oeste, brotos de álamos amarelos pontilhavam a floresta verde-escura, e acima da linha das árvores os pontos mais altos das montanhas arredondadas estavam salpicados de neve. Alguns lagos reluziam à luz do céu nublado, e cheguei a testemunhar uma águia careca descendo para as águas rasas cor turquesa. Algumas motos passaram por mim na direção oposta, incluindo três BMWs GS como a minha, e trocamos acenos efusivos de reconhecimento.

Minha GS, além de estar toda embarrada e com um retrovisor faltando, precisava de uma nova lâmpada de pisca e de uma nova troca de óleo – algo que eu tentava fazer a cada três mil quilômetros. Então decidi continuar andando sem almoçar para chegar a

Whitehorse cedo o suficiente para fazer o serviço. No início da tarde, depois de ter percorrido 858 quilômetros, circulei pelas ruas amplas e limpas do centro de Whitehorse à procura do local adequado. Eu tinha ferramentas e um filtro extra para fazer eu mesmo a troca de óleo, mas eu precisava achar um lugar para comprar óleo novo e drenar o velho. Na loja Canadian Tire encontrei a lâmpada de que precisava, mas como era sábado os mecânicos estavam de folga, e ninguém mais sabia onde eu poderia retirar o óleo usado. Eles me mandaram para a oficina "Enviro-Lube", mas ali eles disseram que não "mexiam" com motocicletas (mesmo se eu mesmo "mexesse"), e então me mandaram para uma concessionária Honda, que estava fechada. Entreguei-me ao destino e fui procurar um lugar onde me hospedar.

O Westmark Hotel contrastava nitidamente com minhas duas noites anteriores em Telegraph Creek, pois o prédio alto estava lotado com turistas em excursão, e a janela do meu quarto dava para um poço de luz com vista para as janelas cerradas dos outros quartos. O restaurante também era uma vergonha se comparado à refeição da noite anterior (o salmão fresco preparado por *moi,* Chef Ellwood), e meu serviço também tinha sido muito melhor, pois a garçonete fora desatenciosa, era esquecida e não estava ciente de sua própria ineficiência. Durante o jantar, escrevi em meu diário brincando com a ideia maluca de realmente dizer a ela a verdade: "Sabe, você é uma péssima garçonete".

Mas anotei: "Como acontece com muitas outras verdades, não há sentido em fazer isso".

Contudo, a música que estava tocando no restaurante me chamou a atenção. Em anos anteriores, eu sempre me mantinha atualizado sobre as novidades do mundo musical, não tanto como um profissional do ramo, mas como um amante de música mesmo. No entanto, no decorrer das minhas tragédias, essa foi uma das coisas que acabei deixando para trás. Depois de ter ficado alheio ao circuito da cultura pop por mais de um ano, eu estava recém-começando a ouvir algumas das coisas que eu havia perdido.

Uma música surpreendentemente decente – desconhecida, meio country, mas do tipo, hum, "esperta". E também sincera. Artistas e

vocalistas diferentes, homens e mulheres, letras intrigantes, arranjos interessantes. Bem incomum e inesperado, aqui em Whitehorse. E com todo o resto que acontecia dentro de mim e ao meu redor, aquilo tinha um efeito surreal.

Isso é a música pop que eu perdi no último ano? Se for, estou agradavelmente surpreso.

Na manhã seguinte, o canal do tempo informava -3°C e havia gelo no banco da moto, então decidi ficar mais um pouco, tomar café da manhã e ligar para minha mãe, já que era aniversário dela. Ninguém atendeu o telefone na casa dos meus pais naquela manhã, e, depois de algumas horas sem fazer nada, eu estava inquieto e ansioso para partir. Enquanto seguia pela Rodovia Klondike em direção a Dawson, passando por muitos corvos e por dois coiotes, a temperatura não tinha subido muito, mas pelo menos o dia estava claro e ensolarado.

Em Braeburn Lodge, num daqueles locais "com tudo" que pontuam o extremo norte (café, posto de gasolina, armazém, quartos de hotel de aparência humilde, depósito de equipamentos de manutenção da rodovia e estação de rádio de ondas curtas), o proprietário me vendeu um pouco de óleo e me deu um balde para que eu depositasse o óleo usado da moto. Estendi minha lona plástica azul no pátio de cascalho para deitar sobre ela, tirei parte das minhas roupas e completei uma bem-sucedida troca de óleo e de filtro em cerca de 20 minutos.

Reabasteci o óleo da moto e vesti novamente a roupa de estrada. Parti sentindo uma pequena satisfação por ter dado conta dos serviços necessários à motocicleta. Cruzei o rio Yukon em Carmack, e agora eu estava fora nas montanhas outra vez. A floresta boreal se espalhava pelo horizonte em todas as direções, as árvores decíduas já totalmente matizadas com as cores de outono no final de agosto. Parei numa banca de beira de estrada chamada Penny's Place, sentei num banco de piquenique e apreciei um excelente hambúrguer, o melhor almoço da viagem até aquele momento. Enquanto conversava sobre o tempo com Penny, ela me contou que, lá no norte, a primavera e o outono duravam cerca de uma semana cada.

Três outros motociclistas pararam atrás de mim em motos Kawasaki Dual Sport bem carregadas (como a minha GS, elas eram

projetadas com um vão livre do solo bem alto, suspensão long-travel e rodas fortes para suportar bagagem pesada e estradas ruins). Compartilhamos algumas de nossas histórias de viagem: eram um pai e seus dois filhos provenientes do sul da Colúmbia Britânica que estavam a caminho do Alasca, onde planejavam rodar pelo Círculo Ártico na rodovia Dalton, a estrada de serviço que seguia o oleoduto do Alasca até Prudhoe Bay (um percurso de cascalho para a circulação dos veículos da companhia petrolífera que não se assemelhava em nada a uma rodovia). Contei que estava inclinado a seguir para a Rodovia Dempster, outro trajeto de chão equivocadamente chamado de estrada, situada no lado canadense e que também cruzava o Círculo Polar Ártico até Inuvik, nos Territórios do Noroeste. Enquanto eu me preparava para partir, desejamos uns aos outros uma boa jornada. "Mantenha o lado brilhante para cima e o lado de borracha embaixo."

Mais montanhas salpicadas de neve surgiam no horizonte à medida que eu me aproximava de Dawson, no final de um dia de viagem relativamente tranquilo por uma estrada seca e pavimentada sob céu ensolarado. Ainda era início da tarde, e eu tinha percorrido apenas 565 quilômetros naquele dia. Dawson era o ponto de partida para a Rodovia Dempster, então eu precisava tomar algumas decisões e, talvez, fazer alguns preparativos. De qualquer maneira, era agradável encerrar mais cedo um dia que não tinha sido tão "épico", e fiquei contente em fazer o check-in em outro hotel da rede Westmark (também lotado com ônibus de excursão, provavelmente o mesmo grupo), levar as roupas para a lavandeira e passear pela cidade.

Com exceção de Front Street, um prolongamento da estrada principal, nenhuma rua era pavimentada, e cada uma delas tinha um passadiço de tábuas ao lado servindo de calçada. Se fosse diferente, o *permafrost* ergueria o pavimento todo o ano como se o mesmo fosse um carpete enrugado. O passadiço ajudava a atribuir ao lugar um ar de típica cidade fronteiriça, assim como algumas construções antigas como o fórum e o banco. Embora a parte principal da cidade fosse um pouco talhada especialmente para os turistas, com *saloons* inspirados nos "Dias de Klondike" e coisas do gênero, por trás da fachada Dawson tinha o aspecto rústico e desgastado pelo clima de qualquer outra cidade pequena no extremo norte. Vários motor-homes estavam

estacionados ao longo da margem do rio Yukon, entre eles algumas Kombis com placas de Colúmbia e da Califórnia. Uma delas tinha calotas com uma carinha de "Smiley". Neo-hippies.

Outra atração em Dawson era o Jack London Centre, que celebrava a época em que o escritor, ainda jovem, havia vivido na área trabalhando como mineiro durante a corrida do ouro de Klondike, em 1897. As histórias e romances inspirados por essa fase de sua vida, incluindo *O chamado selvagem* e *Caninos brancos,* deram início ao seu sucesso e à sua fama. Coincidentemente, eu tinha lido recentemente um texto de Jack London numa antologia chamada *The very richness of that past,* uma coletânea de artigos escritos por "visitantes" sobre o Canadá. (O título, *A verdadeira riqueza daquele passado*, vinha de uma história escrita por outro autor americano, Wallace Stegner, cuja literatura eu também passei a amar depois dessa apreciação inicial de seu trabalho). A abertura do texto de London, *In a far country – Num país distante* – era pertinente à minha jornada atual, tanto literal quanto metaforicamente:

Quando um homem se aventura num país distante, deve estar preparado para esquecer muitas das coisas que havia aprendido e adquirir os costumes que são herdados com a existência na nova terra; deve abandonar seus velhos ideais e seus antigos deuses, e muitas vezes deve reverter os próprios códigos com os quais sua conduta havia sido moldada até o momento.

Àqueles que possuem a versátil faculdade de se adaptar, a novidade gerada por tal mudança pode até mesmo ser fonte de prazer; mas para aqueles que por uma causalidade estejam mais presos às raízes de sua criação, a pressão do ambiente modificado é insuportável, e eles têm o corpo e o espírito esfolados sob as novas restrições, as quais são incapazes de compreender. Esse atrito está ligado à ação e à reação, gerando males diversos e levando a várias desgraças. Seria melhor que o homem que não consegue se encaixar à nova rotina retornasse ao seu próprio país; se demorar demais, certamente morrerá.

A responsável pelo museu estava pronta para fechá-lo naquele dia, mas conversou comigo por alguns minutos sobre a vida e a obra de

London e desqualificou a biografia que eu havia lido como "sensacionalista". Recomendou outras duas biografias, e quando citei alguns livros de London que eu havia lido até aquele momento, ela me disse que eu iria me deliciar quando chegasse às verdadeiras obras-primas, como *O Lobo do Mar* e *Martin Eden.*

Do lado de fora do museu, havia uma réplica de uma pequena cabana de troncos na qual diziam que London permaneceu durante seu longo e escuro inverno ouvindo o chamado selvagem bem acima no rio Yukon. As ruínas tinham sido identificadas por uma inscrição entalhada "Jack London, Escritor e Mineiro", que ele supostamente teria escrito em uma tábua do interior da cabana. Duas réplicas dela haviam sido construídas com os restos originais; uma estava em Dawson, e a outra, em Oakland, Califórnia, a cidade natal de London.

De volta ao estacionamento do hotel, conversei com um homem que recém havia voltado da Rodovia Dempster no seu Jeep. Ele sacudia a cabeça enquanto me relatava como tinha sido dura a sua viagem: ele mal tinha conseguido trafegar, mesmo estando com sua 4x4. Ele disse que eram cerca de 800 quilômetros de estrada de chão só na ida, e havia apenas um posto de gasolina no meio, além de algumas áreas de recapagem lamacentas onde ele havia encontrado outros motociclistas passando maus bocados, caindo o tempo todo e tendo de empurrar uns aos outros em meio ao barro.

Naquela noite, finalmente consegui conversar com minha mãe no telefone e desejar a ela um feliz aniversário. Ela pareceu preocupada quando contei sobre os meus planos. Depois da morte de Selena, eu me apoiei demais na minha mãe (algo não muito surpreendente), e meu pai também esteve ali para me dar força, ajuda e consolo sempre que podia. (Nunca esquecerei aquela primeira noite de volta a Toronto, parado de pé no hall de entrada nos braços do meu pai e soluçando, "É tão *ruim!".)*

Mesmo depois que Jackie e eu nos mudamos para Londres, eu ligava para minha mãe diariamente, porque simplesmente precisava do refúgio de sua voz. Nos últimos tempos, quando eu me desculpava por não telefonar com tanta frequência, ela dizia: "Tudo bem, quando não recebo seus telefonemas eu sei que você está bem!"

Meus pais foram até Londres para nos ajudar a passar o primeiro e

terrível Natal sem Selena, e mais tarde nos visitaram em Barbados, um pouco antes de Jackie morrer. Dias atrás, quando eu ainda não tinha coragem de encarar o aniversário da morte de Selena sozinho, fui de moto até Ontário para a casa dos meus pais a fim de passar a noite com eles.

No telefone em Dawson, em parte para acalmá-la e em parte para me acalmar, finalmente decidi contar que iria ao Círculo Polar Ártico (recém passara da metade do caminho até lá) e dar meia-volta na primeira vez em que caísse. Nenhum de nós dois simpatizava muito com aquela ideia, mas pelo menos eu tinha me comprometido com um plano.

Embora estivéssemos no fim do verão (30 de agosto), o sol ainda estava brilhando sobre o topo das montanhas atrás da cidade às 21h30min e às 22h15min, enquanto eu ainda tentava colocar em dia minhas anotações no diário, percebi que estava bastante claro lá fora.

Ainda é difícil acompanhar o ritmo desta viagem, em termos de escrita, mesmo quando penso que estou levando numa boa. Acontecem coisas demais num único dia – simples assim –, como Selena observou certa vez.

No final de junho de 1997, perto do fim da turnê *Test For Echo,* Selena se juntou a Brutus e a mim na nossa turma "Scooter Trash" por alguns dias, dormindo no ônibus, viajando de moto até os locais dos shows e então se arrumando toda para a "hora do show".

Ao final de uma apresentação no anfiteatro Greatwoods, perto de Boston, corri direto do palco para o ônibus da "Scooter Trash". Brutus e Selena já estavam a bordo, e nosso motorista, Dave, deu a partida para cruzarmos a Nova Inglaterra enquanto eu me secava e trocava de roupa. Então nos sentamos na parte da frente do ônibus, onde ficamos conversando e ouvindo música. Brutus e eu brindamos com um copo de The Macallan, e Selena pegou uma cerveja.

Logo nos jogamos em nossos beliches (Selena dizia que seu lugar favorito para dormir era o beliche de um ônibus em movimento) e sacolejamos pela noite no descanso clássico de um músico em turnê. Brutus tinha escolhido uma "área de preparação" para a viagem do dia seguinte em algum canto do Maine, e Dave dirigiu até uma área de

descanso próxima, onde pudemos apreciar um sono sem movimento por mais algumas horas.

Ao amanhecer, acordei Selena e nos amontoamos na estreita área de convívio do ônibus para colocar a roupa de viagem. Brutus e eu tiramos as motos do reboque, Selena subiu na minha garupa e rodamos para as Montanhas Brancas em New Hampshire, onde Brutus tinha organizado um encontro com um piloto de helicóptero e um cinegrafista.

Nas seis horas seguintes, Selena trocou seu desconfortável assento na minha garupa da moto por um assento desconfortável ao lado do piloto do helicóptero, enquanto ele fazia toda espécie de acrobacias para o cinegrafista e para Andrew, o fotógrafo (que não gostava muito de ficar pendurado na lateral do helicóptero para registrar Brutus e eu pilotando nossas motos).

Depois do suplício, a pobre Selena subiu de novo na garupa da motocicleta e andamos por mais seis horas até Wheatcroft Inn, em Lenox, no Estado de Massachusetts. Foi um dia muito, muito longo para ela, que estava dolorida, cansada e num estado deplorável; todos nós estávamos. Contudo, num daqueles momentos especiais dela, em cerca de três minutos minha garotinha tinha trocado a roupa de couro de motoqueira por um lindo vestido verde e arrumado o cabelo num coque, convertendo-se em sua faceta mais elegante. Nós a chamávamos de “Selena, a Princesa Guerreira”.

Nós três estávamos muito bem-humorados durante o jantar daquela noite. Selena ficava provocando Brutus por causa do mau planejamento dele e, em tom de brincadeira, reclamava sobre o quanto ela estava cansada e dolorida. Então, enquanto conversávamos sobre os acontecimentos daquele dia, Selena balançou a cabeça e disse:

– Não consigo acreditar em quanta coisa pode acontecer *num único dia!*

Ela me dava muito orgulho.

Alguns dias depois, antes da segunda parte do show no anfiteatro perto de Buffalo, no Estado de Nova York, Selena estava de partida para Toronto, e me despedi dela do lado de fora do camarim. Enquanto eu a abraçava e beijava, disse:

– Te amo e tenho orgulho de você por diversos motivos.

A última vez em que a vi, na manhã de 10 de agosto de 1997, eu estava pilotando a minha moto à frente dela para guiá-la pelas estradas secundárias de Quebec até um posto de gasolina em Hawkesbury, Ontário, e mais uma vez eu a abracei e a beijei, dizendo a ela o quanto a amava e quanto orgulho eu tinha dela. Agora, fico muito feliz por aquelas palavras terem sido ditas, e também sou grato por diversas outras boas lembranças.

A maioria das nossas viagens em família acontecia conforme o que ficava melhor para *mim*: no final de uma das minhas aventuras solitárias, por exemplo, quando Jackie e Selena vinham ao meu encontro em Hong Kong, Nairobi, Costa do Marfim ou Paris, ou se juntavam a mim num intervalo da turnê do Rush em Boston, St. Louis ou São Francisco.

No ano anterior, na primavera de 1997, levei Jackie para uma viagem a dois com quinze dias de duração por Bora Bora, Taiti e Moorea. No final, ela me disse que o melhor de tudo havia sido a minha atenção exclusiva a ela, que ela sentira o tempo todo. Caracteristicamente, eu não havia pensado em como isso era importante para ela, mas pensando agora percebo que fiquei feliz por ter feito aquilo. Às vezes — mesmo sem querer — eu *não tinha* sido tão tolo.

31 de Agosto, Dawson

Já de pé às 5h30min, tirando o gelo de cima do assento. Agora em Klondike River Lodge para o café da manhã, na saída para Dempster. Devo ir ou não? 380 km até o primeiro posto de gasolina. O ponteiro do tanque de combustível mostra que dá para ir até lá... no limite. Só que há também o lance da lama — barro profundo e escorregadio aqui no permafrost, a coisa mais perigosa de todas quando o dia está úmido.

Bem, de qualquer maneira, estou aqui no "Quilômetro Zero", então alguma coisa *(teimosia? otimismo? estupidez?) está me empurrando para aquela direção. Houve pelo menos dois dias secos desde que o cara do Jeep esteve lá, então... talvez.*

Um cara no Klondike River Lodge recém perguntou para um caminhoneiro: "Como foi a viagem?"

Ele apenas deu de ombros: "Lamacenta".
Ah, meu velho!

No começo da Rodovia Dempster, uma placa grande anunciava que não havia serviços de emergência disponíveis naquela estrada. Basicamente, o que ela dizia era: "Você está por sua própria conta e risco". Conseguir combustível era minha principal preocupação, e mantive o motor abaixo de 3.000 Rpm, fui devagar no acelerador e até soltava a embreagem para o ponto morto nas descidas. A superfície da estrada variava de cascalho solto, onde eu tentava seguir os sulcos mais firmes deixados pelos caminhões, a longos trechos de barro compactado que quase pareciam pavimentados. Eu encontrava outro veículo — carretas grandes que deixavam longas nuvens de poeira, motor-homes e, mais raramente, um carro ou caminhonete – mais ou menos a cada hora. Mas percebi que aquela era uma estrada "velha e solitária".

Uma floresta de coníferas baixas se estendia por quilômetros em todas as direções, abrindo espaço pouco a pouco para a tundra rasteira, e descrevi a paisagem em meu diário como "espetacularmente sombria e árida". As pequenas poças na beira da estrada apresentavam lâminas de gelo nas beiradas, e o ar estava tão frio que o medidor mal registrava a temperatura do óleo da moto. Cobri metade do filtro de ar com um pedaço de papelão tirado de uma carteira de cigarros, e funcionou direitinho.

Além dos costumeiros corvos, vi algumas gralhas cinzentas e muitos ptarmigans, uma ave parecida com um tetraz, que nesta época se encontra com sua plumagem entre o marrom do verão e o branco do inverno. Eu andava devagar o suficiente para identificar várias aves de rapina: falcões peregrinos, gerifaltes, gaviões butios-patudos e tartaranhões que sobrevoavam as campinas. Uma raposa cruzou a estrada bem na minha frente, era marrom com a ponta da cauda branca, igual à raposa amigável de Telegraph Creek. Avistei algumas lebres e marmotas, além de um casal de caribus entre os arbustos ao longe. Ainda faltavam algumas semanas para a grande migração de caribus, e não vi nenhum bisão ou urso como os que Brutus e eu havíamos encontrado no nosso caminho para Yellowknife.

Eagle Plains marcava a metade do caminho para Dempster, e fiquei aliviado ao ver o longo complexo de edifícios baixos entrando em meu campo de visão. Outra espécie de oásis "com tudo" em meio à natureza selvagem, que incluía posto de gasolina, restaurante, hotel, vários galpões para abrigar o equipamento de manutenção da rodovia, uma torre de rádio alta e uma biruta para orientar pousos de helicóptero. Parei ao lado das bombas de gasolina por volta de 13h30min, feliz em ver que minhas medidas de economia de combustível haviam funcionado: eu tinha percorrido os primeiros 380 quilômetros sem sequer usar o tanque de reserva, quanto menos o meu galão de combustível extra. Se tudo corresse bem, parecia que eu conseguiria chegar até Inuvik dentro de seis horas, mas eu estava consciente de que os trechos duros de lama ou aqueles que necessitavam de reparos ainda estavam por vir, então nada era muito certo.

Um cartaz na porta do restaurante dizia: "Por favor, tire calçados molhados, enlameados ou ensanguentados". A última observação me fez parar para pensar, mas presumi que era direcionada aos caçadores. Amplas áreas às margens da estrada tinham sido demarcadas como reservas indígenas, sendo que caça era permitida "apenas com ordem por escrito".

As paredes estavam repletas de fotos emolduradas e documentos que contavam a história da "Patrulha Perdida", formada por soldados da Real Polícia Montada do Canadá que ficaram desorientados e morreram de fome numa região um pouco mais ao norte no inverno de 1910. A Rodovia Dempster tinha este nome por causa do policial que encontrou os restos mortais dos membros da patrulha na primavera seguinte.

Nas áreas mais abertas, eu havia notado uma longa linha reta de vegetação sem viço cortando a paisagem, e pelas outras fotografias expostas em Eagle Plains eu fiquei sabendo que aquela trilha tinha sido deixada por um "trem Caterpillar", um conjunto de reboques puxados por um trator que seguia as linhas sísmicas à procura de petróleo. De qualquer maneira, esses reboques tinham passado por ali apenas uma única vez, *44 anos antes,* o que demonstrava a fragilidade da paisagem no território do Ártico.

Vistas daqui impressionantes e radicais: colinas, a tundra ondulante, ao longe as montanhas. A área aberta depois de Eagle Plains tem cores carmesim e ferrugem, entre colinas arredondadas e gigantescas. Vento brutal soprando através das gramíneas silvestres e arbustos, e me empurrando por toda a estrada. Quando era forte e contínuo, eu praticamente andava montado de lado, no canto do assento.

Para cima e para baixo e ao redor, a estrada como um canal de cascalho depositado sobre a tundra.

Mais ao norte de Eagle Plains, uma placa anunciava a passagem do Círculo Polar Ártico, e parei para deixar minha marca neste novo território, à moda primitiva e animalesca. Uma van parou no estacionamento varrido pelo vento e horrivelmente frio. Seu motorista solitário se ofereceu para tirar uma das poucas fotos que tenho dessa viagem em que *eu* apareço: parado em frente à placa e abrindo meus braços envoltos pela capa de chuva.

A próxima placa pela qual passei anunciava a fronteira com os Territórios do Noroeste, e o vento pareceu mudar repentinamente para a direção oposta, para depois cessar completamente enquanto eu descia até o amplo delta do rio Mackenzie. Segui a trilha de lama e cascalho através de paredes de abetos que batiam no meu ombro, com algumas tamargas atrofiadas e arbustos amarelos e laranjas. As bétulas nanas e os salgueiros do campo distribuídos a intervalos regulares me lembravam dos arbustos creosotes do deserto de Mojave na Califórnia, uma das muitas semelhanças entre as paisagens do Ártico e a de um deserto.

A estrada piorou consideravelmente à medida que eu avançava, particularmente nas áreas de recapagem. Logo após atravessar de balsa o rio Mackenzie até Fort McPherson, deparei com um longo trecho de estrada que tinha sido aplainado sem cascalho e umedecido com caminhões-tanque, provavelmente para conter a poeira. Uma "gatinha da bandeirinha" um pouco mais velha, com um walkie-talkie, estava controlando o tráfego na pista aberta. Quando ela acenou para que eu avançasse, minhas rodas afundaram nos trilhos de argila escorregadia. Diminuí a velocidade o máximo que pude, lutando

gentilmente para manter o controle da moto, mas eu não tinha nenhuma tração para me auxiliar. Minha roda traseira deslizou de lado, e num instante eu estava no chão, derrapando no barro enquanto a moto avançava sobre mim vinda de trás, lentamente formando um círculo.

Naqueles poucos segundos de percepção em câmera lenta, tive certeza de que a moto iria acabar *em cima* de mim, mas ela escorregou até parar logo atrás de mim. Nós dois ficamos cobertos de lama marrom-avermelhada. Eu estava todo embarrado, mas não me deixei abater, pois estava aparentemente sem ferimentos e mais uma vez grato pelas minhas botas fortes e pelo enchimento reforçado por dentro da roupa de couro, o que protegeu meus cotovelos, ombros, joelhos e quadril na queda.

O único estrago visível na moto foi um pisca quebrado, que eu poderia consertar com um pouco de fita adesiva. Mas o tombo que levei em Telegraph Creek tinha mostrado que eu mal seria capaz de erguer a moto sozinho, mesmo que ela não estivesse carregada. Tirei a bolsa do tanque, a barraca e o saco de dormir, o galão de gasolina e o alforje do lado direito, mas o do lado esquerdo estava preso debaixo da moto tombada.

Eu me dei conta de que uma das *minhas pernas* poderia ter ficado presa exatamente daquele jeito, comprimida sob o cano de escapamento quente, e me senti sortudo por um instante. Só que eu ainda tinha que resolver o problema de como me pôr *novamente* em movimento. Minhas botas chafurdavam na lama viscosa enquanto eu agarrava o guidão e me inclinava para colocar o joelho sob a moto. Coloquei o meu corpo sob ela e me estiquei com toda a força, arriscando-me a sofrer um ataque cardíaco ou a desenvolver uma hérnia. Apesar dos meus esforços e rosnados, o barro glutinoso não cedia. Naquele instante, encarei o fato de que nunca deveria ter feito aquela viagem sozinho, já que eu não conseguia nem mesmo erguer a moto quando ela caía. A julgar pelas minhas experiências com Brutus em nossa primeira viagem à terra do permafrost e das áreas de recapagem sob chuva incessante, era provável que isso acontecesse de novo.

Uma carreta se aproximava, vinda da outra direção, então eu

escorreguei através da lama e para fora da estrada, fora de seu caminho. Levei um momento para me recompor e assimilar minha situação dramática, enquanto torcia para que o enorme caminhão conseguisse se espremer e passar pela moto tombada. A moça da bandeirinha veio correndo do posto dela, 400 metros longe dali, para ver se eu estava bem, e fiquei comovido com sua amável preocupação. Não quis pedir para ela me ajudar a erguer a moto, e tentei decidir se valeria a pena engolir o orgulho e parar o caminhão que estava vindo para pedir ajuda.

Nem precisei. A carreta veio devagar e parou ao meu lado, e um homem baixinho, negro, vestindo um macacão, desceu da cabine, perguntou se eu estava bem e se abaixou para me ajudar a erguer a moto. Ele obviamente reconhecia minha situação, e nas remotas estradas do Ártico os viajantes se ajudam uns aos outros, sabendo que um dia eles mesmos poderão passar por dificuldades e precisar do auxílio de um estranho. Com duas costas e quatro pés no chão, o trabalho ficou relativamente fácil, e meu Bom Samaritano do Norte me ajudou a colocar aquele caos coberto de barro sobre as duas rodas e a empurrá-lo para o acostamento.

Ajeitei a moto e fui adiante, chegando até a próxima balsa no rio Arctic Red. Durante a curta travessia, tive a chance de dar uma olhada mais cuidadosa na pobre moto embarrada, e vi que havia mais estragos do que um simples pisca quebrado. O guidão e o pedal de câmbio estavam levemente tortos, a proteção de motor estava quebrada e o protetor de plástico transparente do farol tinha sido trincado por uma pedra, provavelmente levantada do chão por alguma carreta. A lista de reparos a serem feitos em Fairbanks estava aumentando.

O condutor da balsa, um homem simpático que era provavelmente do povo Dene (den-ay) da nação Gwi'chin (a menos que fosse chinês), contou que os outros motociclistas mencionados pelo motorista do Jeep eram belgas, e que um deles tinha "pegado carona com uma carreta semi-reboque de nove eixos". Parece que estava ferido. O condutor parecia surpreso com o fato de que eles haviam conseguido chegar até aqui para depois se acidentar em *Dempster,* mas eu não. Eu estava preocupado.

O condutor conseguiu um pano e limpou meus faróis e a placa. Em seguida, trouxe uma fita adesiva para consertar o protetor do farol dianteiro. Educadamente, perguntei se poderia "pagar um café para ele", mas ele recusou elegantemente com seu sotaque direto e quase monótono, típico do extremo norte. Quando ele perguntou o que eu estava achando da minha viagem, disse-lhe que estava sendo árdua, mas muito bonita. "Principalmente nesta época do ano", ele concordou, e então apontou para a tundra ondulante acima do delta e disse:

– Lá em cima, é como uma *pintura*.

Dali em diante, a estrada estava melhor (o que quer dizer que não estava em reparos), e fiz uma viagem rápida e tranquila (com poucos daqueles episódios que chamei no meu diário de "momentos uau") nas trilhas estreitas e compactadas de cascalho grosso deixadas pelos caminhões.

Tendo perdido um fuso horário ao cruzar a fronteira, cheguei a Inuvik pouco antes das 21h. Quando peguei o pequeno trecho de estrada asfaltada que ligava o aeroporto de Inuvik à cidade, senti-me aliviado e animado. Eu tinha levado 14 horas, mas havia avançado todos os 820 quilômetros. A não ser por aqueles últimos 10 quilômetros de lindo asfalto escuro, eu havia pegado apenas cascalho e poeira (e lama).

O primeiro prédio que encontrei foi o Finto Motor Inn. Como eu não tinha vontade nenhuma de explorar ainda mais naquele dia, parei bem ali.

Conquistei a Dempster (ao menos no caminho de ida) e o Círculo Polar Ártico, para sempre.

Jantar tardio em Cabin Lounge, um uísque grande, uma salada Caesar decente, frango à moda kaiser, vinho tinto.

Música boa tocando outra vez, Nirvana Unplugged. Me faz pensar em Kurt Cobain: ele se deu um tiro, deixou esposa e filha para trás. Para mim é difícil imaginar isso, mas ainda assim tenho pena do cara.

Os pensamentos me levam com bastante frequência para Jackie e Selena, principalmente para o fim delas, e tenho que fazer um esforço consciente para tentar afastá-los dali.

A manhã seguinte, de 1º de setembro, estava escura e sombria, e eu me sentia cansado e preocupado. A previsão do tempo tinha mudado de “chuvoso” para “nublado”, mas a garçonete me disse que achava que iria chover. Eu estava realmente fatigado e precisava de um descanso. Muito dolorido após tanta tensão e esforço, e eu queria passar um dia em Inuvik, bem no final da estrada mais ao norte do Canadá. Talvez eu pudesse encontrar um jeito de visitar Tuktoyaktuk, uma comunidade Inuíte que ficava perto dali, junto ao Oceano Ártico.

Mas, se chovesse torrencialmente, eu teria problemas. Havia uma única saída, a Rodovia Dempster, e embora aquela estrada já não fosse mais desconhecida para mim, ela ainda representava um obstáculo. Eu não conseguiria atravessá-la em um dia chuvoso e correria o risco de ficar preso em algum lugar por dias, a não ser que conseguisse uma carona de caminhão, como o motociclista belga tinha feito. Então eu estava com medo, mas não era um medo de cair ou me machucar, ou de que a moto quebrasse ou um pneu furasse (embora todos esses perigos certamente passassem pela minha cabeça). O mais perigoso para mim era a ideia de ficar *preso* em algum lugar, com tempo demais para pensar e a sensação de estar aprisionado. Decidi esperar por outro dia seco para cair fora dali.

Bem quando eu estava começando a carregar a moto, as gotas de chuva começaram a cair. Escorei-me na porta do hotel com as bolsas nas mãos, pronto para partir. O que fazer? Ficar e esperar a chuva cessar, ou ir e torcer para não acabar ficando preso em algum lugar? Eu realmente não sabia o que fazer. Não se pode adivinhar o tempo. Dei uma volta rápida pela cidadezinha, passando pelos principais cruzamentos e vendo algumas lojas, outro hotel grande e a famosa igreja em formato de iglu. Então enchi o tanque e fui em direção ao sul.

No curto trecho asfaltado na saída da cidade, lembrei-me de como eu estava ao fazer o trajeto inverso na noite anterior: orgulhoso e feliz. Agora eu estava assustado, fraco e com vontade de chorar. Estava realmente desalentado. Assim que o asfalto terminou, peguei-me praguejando em voz alta contra a estrada, a chuva, a minha vida e qualquer Poder que pudesse ser responsável por todo o meu azar.

Mas, não tendo o consolo da fé, eu também não tinha ninguém a quem culpar.

You can drive those wheels to the end of the road
You will still find the past
Right behind you

Você pode levar essas rodas até o final da estrada
Você ainda encontrará o passado
Logo atrás de você

(*Carve Away the Stone, 1996*)

Capítulo 4

RUMO AO OESTE ATÉ O ALASCA

Shadows on the road behind
Shadows on the road ahead
Nothing can stop you now

Sombras na estrada que ficou para trás
Sombras na estrada à frente
Nada pode te parar agora

(Ghost Rider, 2001)

O sol surgiu na hora em que cheguei à balsa do rio Arctic Red, e o dia continuou ensolarado (e *seco*), embora eu fosse compelido a amaldiçoar o mesmo caminhão de água que fui obrigado a seguir ao longo do mesmo caminho no qual eu caíra no dia anterior. No início da tarde, alcancei a metade do caminho, Eagle Plains, e sabia que o pior já tinha ficado para trás. Decidi parar ali para passar a noite e descansar um pouco. Enquanto eu fazia o check-in, disse ao cara da recepção:

– Ontem isso parecia a natureza selvagem; hoje parece a civilização.

Ao pôr do sol, servi-me um copo de uísque e dei uma caminhada lá fora para apreciar a vista espetacular, vasculhando com o olhar as faixas tremeluzentes de verde, cinza e vermelho-escuro. A paz se debruçou sobre a terra quando o vento finalmente parou, pois a incessante ventania parecia hostil e caótica, pelo menos para minha alma de bebê. Na obra *Songlines* de Bruce Chatwin, ele escreve sobre um australiano que fica louco e começa a *atirar* contra o vento, e sempre me identifiquei com aquilo – principalmente enquanto eu lutava contra o vento andando de bicicleta, mas também quando eu tentava apenas ficar parado em pé.

Saí de Eagle Plains cedo numa manhã de sol. O resto do caminho de volta a Dawson passou bem rapidamente através da floresta salpicada de carmesim e amarelo e das montanhas cinzas de cumes pontudos. Poças perto da estrada refletiam o céu claro, e percebi que havia gelo ao redor delas, embora eu não estivesse sentindo tanto frio assim. Acabei me acostumando ao frio, pensei, para não ter que me acostumar a vestir *todas* as minhas roupas. Mais confiante e menos preocupado em economizar combustível, demorei uma hora a menos para retornar a Dawson do que as seis que havia levado na ida, mas desta vez tive que usar meu galão extra de gasolina. Contudo, observei, era para isso mesmo que eu o carregava comigo.

Em Dawson, parei para comer um sanduíche no Nancy's, depois encontrei um telefone público para ligar para a concessionária BMW em Fairbanks e marcar uma revisão dali a alguns dias: trocar os pneus, o óleo, dar uma olhada nas pastilhas de freio frontais e fazer mais alguns reparos. A voz no telefone era grosseira e lacônica, e quando eu

disse a ele que estava viajando em sua direção e queria fazer alguns serviços, ele rosnou:

– É meio *tarde,* não é?

Pensando que ele quis dizer que eu deveria ter ligado antes para marcar a revisão, expliquei que recém tinha chegado a Dawson e que somente agora eu tinha uma previsão de quando chegaria a Fairbanks.

– Não – ele disse. – Eu quero dizer que já é meio tarde na *temporada.*

– Bem – disse eu – é quando eu *cheguei aqui.*

– Já estamos em setembro, sabe. Pode nevar a qualquer dia. E daí você vai fazer o quê?

– Bem, eu coloco a moto num caminhão e pego carona, eu acho. Sei lá.

Apelidei-o de Senhor Rabugento, mas o tempo acabaria provando que eu estava errado. Seu tom era apenas um reflexo do "velho toque do Alasca", que fazia com que os nativos tivessem pouca paciência com os viajantes ingênuos do sul. Quando mencionei minha preocupação com as pastilhas de freio frontais, ele perguntou o ano da moto. Eu respondi que ela tinha três anos de uso, e ele disse que achava pouco provável que elas já estivessem gastas. Então ele perguntou:

– Quantos quilômetros rodados?

Quando disse a ele "um pouco mais de 64 mil", seu tom se abrandou:

– Ah, então você é um *estradeiro.* Você é um *verdadeiro* viajante.

Depois disso, ficou evidente que eu tinha me tornado digno de respeito, e ele concordou em fazer o que pudesse quando eu chegasse a Fairbanks.

Desci até o rio Yukon e peguei a balsa para cruzá-lo, e em seguida subi para a "Rodovia do Topo do Mundo". Eu estava meio cético com relação àquele nome, pensando que talvez fosse mais um dos exageros do norte – como tantas vezes acontecia com o termo "rodovia". Talvez "topo do mundo" significasse apenas que ela ficava no *extremo norte*. Mas a hipérbole acabou se revelando totalmente justificada.

A estrada pavimentada e estreita serpenteava ao longo do topo de uma alta cadeia montanhosa com vistas alternadas em cada lado:

olhando para baixo, colinas verdejantes e íngremes; mais ao longe, picos em púrpura e cinza. Eu realmente *me senti* no topo do mundo, e tive certeza de que aquela era uma das mais espetaculares estradas pelas quais eu já havia passado. Enquanto traçava suavemente as curvas com o giro alto e a moto inclinada, procurando o ângulo apropriado (e tomando cuidado com os eventuais restos de cascalho solto), pensei o quanto isso se parecia mais com um *esporte* do que com a "luta pela sobrevivência" que fora o percurso em Dempster. (Embora eu deva confessar que ter conseguido ir a Inuvik e voltar de lá me dava certo orgulho. De um jeito meio bobo.)

O asfalto deu lugar ao cascalho grosso perto da fronteira com o Alasca, onde parei num posto pré-fabricado que parecia temporário (um posto de fronteira montado apenas para a temporada de verão) e desliguei o motor para conversar com o simpático oficial. Com o carimbo em que se lia "Poker Creek, Alaska" estampado em meu passaporte, eu finalmente terminei de visitar todos os 50 estados dos EUA. Durante os 23 anos excursionando, o Rush tinha tocado nos outros 49 estados; eu tinha pedalado por uns 40 deles; e durante a turnê de *Test For Echo*, Brutus e eu tínhamos acelerado nossas motos em 47 dos 48 estados continentais. Mas, até aquele momento, eu nunca tinha conseguido ir até o Alasca, e isso também me deixou um pouco orgulhoso. (De um jeito meio bobo.)

Agora eu estava na Rodovia Taylor (o sobrenome de Jackie e de Selena, infelizmente), outra nomenclatura exagerada para uma estrada de cascalho sinuosa que levava a uma zona de mineração (incluindo o minúsculo povoado de Chicken) coberta por florestas e de volta à Rodovia do Alasca (que, após ter andado por três estradas de chão, descrevi como "veludo"). No último trecho, comecei a ver motor-homes grandes parados no acostamento, geralmente com quadriciclos sobre um reboque ao lado de maletas protetoras no formato de rifles. A migração dos caribus recém havia começado nesta área, e os caçadores podiam estacionar seus veículos luxuosos na redondeza, subir nos quadriciclos, ir até a rota da migração e ficar prontos para mirar e atirar sem nem mesmo ter que *ficar em pé*. Nem passaria por suas mentes se darem o trabalho de ficar de tocaia em meio aos arbustos à espreita de suas presas esquivas. Pessoalmente, nunca fui

contra a ideia de caçar animais que existam em abundância e que tenham uma carne comestível e saborosa, sobretudo quando são *comidos* de fato, mas fiquei um pouco desencantado com estes "esportistas".

"Aquilo não é caça", escrevi, "é apenas *tiro*".

Naquela noite, ouvi no bar do hotel um homem dizer para seu vizinho que caçar era "uma tradição nacional" e que os caçadores substituíam os predadores naturais, como ursos e lobos, que haviam sido varridos do mapa. Embora fosse possível argumentar que os predadores naturais mencionados haviam sido varridos do mapa pelos próprios caçadores, havia um pouco de razão em seu argumento. Contudo, ainda parecia o mesmo tipo de raciocínio conveniente usado pelas madeireiras quando declaravam que o desmatamento (perdão, a "colheita") oferecia os mesmos benefícios dos incêndios florestais de causas naturais.

Na pequena cidade de encruzilhada chamada Tok (pronuncia-se "toke", da mesma maneira como se fala "baseado" em inglês. Inclusive, havia algumas placas em que o "e" havia sido pichado, supostamente por maconheiros das antigas), o hotel Westmark deveria ter sido um destino tranquilo para uma noite de quarta-feira, mas de novo eu estava na "terra do ônibus de excursão", e o bar e o restaurante estavam lotados com uma multidão de turistas de meia-idade, gritalhões e obesos que usavam crachás. Eu me espremi num banco junto ao bar para um jantar rápido regado a margarita e enchiladas, e logo escapuli para o meu quarto para dormir mais cedo. Acordei diversas vezes durante a noite com o estômago embrulhado e sonhos perturbadores.

3 de setembro Tok – Fairbanks
66.627 (*357 km)*

Dormi uma hora a mais, mas estou zangado. Restaurante lotado com o pessoal da excursão, ovelhas holandesas e americanas (um pouco mais velhas do que eu, pelamordedeus, então o serviço não era nada amistoso e a fila do bufê imensa como se fossem hipopótamos em busca de comida. Eles estão usando as merdas dos crachás, *e se agrupam, como se por*

segurança. Morram todos. (Tenho o direito de me sentir assim!)

Se eu conseguir chegar a Fairbanks e convencer o Senhor Rabugento (não, não eu!) *a fazer o serviço na minha moto ainda hoje e lavar minhas roupas, tudo ficará bem. Terei tempo para visitar "Los Anchorage." [Como os moradores locais chamam o lugar.]*

Antes de sair de casa eu tinha feito apenas aquela única reserva, uma cabine no ferry que ia de Haines, no Alasca, até Prince Rupert, na Colúmbia Britânica, para o dia 7 de setembro. Agora, faltavam apenas quatro dias para aquela data, e portanto eu queria ver o máximo que eu pudesse do Alasca antes de seguir para o porto de Haines.

Saí de Tok bem cedo em mais uma manhã gelada, marcada por intervalos de sol, nuvens e respingos de chuva. O caminho para Fairbanks me conduziu através de uma floresta verde e amarela, com picos cobertos de neve, e numa ocasião um alce se atravessou bem na minha frente na estrada.

Chegando a Fairbanks por volta do meio-dia, dei uma volta rápida no centro da cidade e parei no Centro de Informações Turísticas ao lado do rio Chena. Depois de dar uma olhada nos folhetos procurando por uma hospedagem, acabei escolhendo outro hotel da rede Westmark, este bem grande e de aparência moderna. Fiz o check-in, larguei as bagagens e levei a moto para ser revisada.

A concessionária BMW Trail's End ficava nos limites da cidade, atrás de um bosque de coníferas altas, e à primeira vista sua aparência era a de uma cabana de um caçador de peles com um velho trailer anexado a ela. Debaixo das árvores, no lado da casa, um telhado rústico abrigava algumas motos novas, além de pedaços e peças de um velho *sidecar* para motocicleta. George, o proprietário, vendedor, mecânico e gerente do setor de peças – e também a voz rude no telefone – parecia um velho mineiro grisalho, embora tivesse a barba e o bigode cuidadosamente aparados e fosse simpático à sua maneira lacônica e, de certa forma, distraída. Embora ele obviamente conhecesse muitas coisas sobre as motos BMW, parecia um pouco disperso, então fiquei com a sensação desconcertante de que ele estava absorto em seus próprios pensamentos e mal ouvia o que eu dizia.

Eu tirei as bolsas e os alforjes da moto para facilitar o trabalho dele e perguntei onde poderia colocá-las. George abriu a porta

decrépita de uma caminhonete dilapidada, empurrou algumas coisas para o lado e disse:

– Aqui é um bom lugar.

Ele me ofereceu uma carona de volta ao hotel em seu sidecar BMW clássico, o que teria sido uma experiência totalmente nova para mim. Só que a moto não pegou.

– Água no carburador – disse ele, que acabou me dando uma carona em seu velho Mercedes a diesel.

Fairbanks parecia uma cidadezinha agradável, com cerca de 30 mil moradores – muito simpáticos, a julgar pelos que conheci enquanto caminhava pelas ruas do centro e vasculhava lojas em busca de adesivos e cartões-postais. Quando Brutus e eu viajávamos juntos, nós geralmente procurávamos adesivos coloridos, e às vezes nostálgicos, como lembranças pequenas e fáceis de carregar. Nesta viagem, comecei a caça ao souvenir como uma desculpa para dar uma volta e espiar a cidade.

Outra missão recorrente em minhas viagens anteriores havia sido enviar um cartão-postal para o meu avô, que já tinha 90 e poucos anos e estava confinado num "lar para idosos".

Depois do funeral de Selena, o vovô sussurrou no ouvido de minha mãe:

– Diga ao Neil para correr para a floresta.

Embora naquela vez não houvesse sido possível seguir seu conselho, agora sem dúvidas eu estava correndo para a floresta.

De volta ao hotel, lavei algumas roupas, enviei alguns cartões e fiz uma ótima refeição no Bear 'n' Seal Grill. Apesar das cicatrizes que me faziam sofrer, o meu entusiasmo com boas comidas e bebidas parecia continuar intacto.

Lá pela metade da manhã seguinte, cumprindo com sua palavra, George já tinha deixado a moto pronta. Parti para Anchorage com óleo novo e várias peças ajustadas ou afixadas. George me mostrou que as pastilhas de freio ainda tinham alguma vida útil, e também me senti mais seguro pela sensação resiliente de solidez proporcionada pelos pneus novos entre a estrada e eu. Logo na saída de Fairbanks, parei para observar um bando enorme de grous canadenses que se alimentava em uma faixa de campina, reunindo-se antes da migração

para o sul. Logo depois, o odômetro da moto marcou 10 mil quilômetros da minha própria migração, tudo isso em duas semanas.

Continuando para o sul ao longo do trecho final da Rodovia do Alasca, o céu parecia repleto de montanhas por todo lado, dominado pelo pico branco do monte Denali, antes conhecido como Mount McKinley (em homenagem a um presidente que sequer pôs os pés no Alasca durante sua vida). Com 6194m de altura, o Denali é o mais alto pico da América do Norte. O parque nacional que o circunda havia dado um passo importante para o futuro dos parques superlotados dos Estados Unidos ao proibir a entrada de veículos e oferecer ônibus de traslado para levar as pessoas até os locais de camping e trilhas dentro do parque. Comparado com a competição nociva entre a procissão de veículos e a natureza intocável de parques norte-americanos como Yellowstone, Yosemite ou o Grand Canyon, é evidente que isso era algo positivo. Contudo, também significava que a entrada e o estacionamento do parque estavam *congestionados* com carros, trailers, minivans, caminhonetes e motor-homes, então desisti da ideia de fazer um passeio espontâneo pelo parque.

De qualquer maneira, Anchorage ficava logo adiante, no final da Rodovia do Alasca, e aquele destino tinha o fascínio de um nome que parecia quase mítico. Por isso, fiquei feliz por escapar das multidões e continuar para o sul em direção à costa, rodando por um vale de fazendas e regiões pastoris, uma das raras partes do Alasca com solo fértil e clima ameno o suficiente para tornar a agricultura viável. Mais uma faceta da diversidade do Alasca. Rodando naquele dia, eu pensava em quanto os Estados Unidos ficariam enfraquecidos sem o Alasca. Da mesma maneira como a visão de mundo canadense é profundamente afetada pelas vastas áreas do “Verdadeiro Norte” que são praticamente *desabitadas* — nossa noção de “lar” é claramente moldada por lugares onde *não* vivemos –, a imagem mental que os norte-americanos têm de seu próprio país inclui as pradarias, as Montanhas Rochosas, o deserto do sudoeste, os campos escarpados da Nova Inglaterra, o noroeste do Pacífico, as ilhas distantes do Havaí e a natureza selvagem do Alasca, mas a maioria raramente reflete a respeito disso.

Muito do caráter americano, ou ao menos de sua autoimagem, foi

construído sobre a realidade e o ideal da "fronteira", e mesmo para a vasta maioria dos americanos que talvez nunca visite "A Fronteira Final" (como apregoam os slogans das placas dos carros), a mera noção de o que é o Alasca deve brilhar como parte do seu *imaginário,* representando um posto avançado em sua geografia psicológica. Nem que seja apenas para saber que ainda há uma parte de seu país que não está totalmente povoada, ou totalmente gasta — embora talvez não por muito tempo. Não deveria causar surpresa o fato de que um processo de industrialização assustador está devorando também aquela natureza selvagem de maneira inexorável através de exploração de petróleo, perfurações, mineração, refinarias e madeireiras. E Anchorage é o centro daquele vórtice comercial.

Com mais de 200 mil habitantes, é a metrópole do Alasca, sete ou oito vezes maior que Fairbanks, que por sua vez era mais populosa do que Juneau, a capital do Estado. Embora o apelido "Los Anchorage" seja um tanto exagerado (apesar dos inúmeros estabelecimentos de "Drive-Thru Espresso" que passei a encontrar), tudo é relativo. Depois de duas semanas percorrendo a ampla pradaria, as cadeias de montanhas e os territórios livres do Ártico, Anchorage certamente parecia uma metrópole enquanto eu levava cerca de uma hora para me localizar em meio às ruas movimentadas. De qualquer maneira, como Vancouver ou Seattle, a face urbana de concreto, vidro e aço era suavizada pela moldura da natureza ao seu redor: o azul brilhante da enseada de Cook e as montanhas altas.

Seguindo minha atração inexplicável pela rede Westmark (acho que o motivo era mais ou menos pelo fato de ser uma rede *da região*), entrei logo à frente dos grupos de excursão na sede local, localizada em um prédio alto. Enquanto estava desfazendo a mala no meu quarto, o atendente da recepção ligou e me alertou para que não deixasse meu equipamento de camping e o saco de dormir na moto, como eu geralmente fazia. Perguntei a ele:

– Você acha mesmo que alguém se daria o trabalho de roubar *aquilo*?

– É noite de sábado em Anchorage – ele disse. – Eles levariam *qualquer coisa.*

Mais tarde naquela noite, fiquei deitado no meu quarto escuro do

hotel, ouvindo os assovios e gritos dos arruaceiros e me sentindo pra baixo. No meu diário, escrevi novamente que meus pensamentos se voltavam demais para Jackie e Selena.

Uma lembrança inocente, que te faz rir, leva tão frequentemente para aquela direção. Ver uma família viajando, todos juntos, assistir a um antigo programa de TV, ouvir uma velha canção ou uma peça de flauta que Selena costumava tocar ressoando no restaurante Muzak. Tantas conexões.

5 de setembro, Anchorage – Tok
67.792 (550 km)

Outra noite mal dormida e irritação pela manhã. Apenas um elevador funcionando. Estou no décimo andar, todos os outros hóspedes decidiram sair ao mesmo tempo para retornar ao seu navio de cruzeiro.

[Mais tarde] Parei num trecho de construção na Rodovia 1. Dia lindo, mais paisagens majestosas, a estrada parecendo um percurso de regata, não fosse pelos motor-homes e caminhões.

Se a palavra para ontem foi "majestosa", a de hoje seria "gloriosa". O cenário, diga-se de passagem, é formado pelas montanhas Wrangell logo à frente no primeiro trecho, e uma estrada sinuosa em meio a explosões de folhas amarelas e laranjas, picos cobertos de neve quase etéreos, "oníricos", bem lá em cima. O segundo trecho, que corta Tok ao meio, não é menos glorioso; talvez mais, com aquela geleira brilhante descendo pelas montanhas cobertas de floresta, e muito menos trânsito.

Só que eu continuei bem pra baixo, sem cantar, apenas rodando.

[Mais tarde] Tok, Restaurante Fast Eddy's, em frente ao hotel Young's. (Abaixo o Westmark!) Um lugar agradável e despretensioso, pão servido com tabletes de margarina, um bom bufê de saladas, e ainda assim o jantar com pernas de caranguejo custava cerca de 25 dólares, e muitos dos outros restaurantes tinham os mesmos preços. É assim mesmo com as refeições "nível margarina" aqui?

Uma caneca grande e pesada de água colorida e quente. Na verdade, o único café bom que tomei foi em Telegraph Creek, quando eu mesmo o preparei. Claro que nem tentei os estabelecimentos de Espresso *drive-thru.*

Terminei de ler O conservacionista*, de Nadine Gordimer, recomendação do [irmão] Danny. A referência ao "homem só" talvez seja apropriada, mas o enredo não é nada edificante. Ah, cara.*

6 de setembro Tok — Haines
68.583 (791 *km)*

Chovendo nesta manhã, mas ainda aguardo ansiosamente aquele momento "dar o fora", quando o mundo se contrai e se expande ao mesmo tempo.

Podem haver bons momentos no caminho, ou períodos satisfatórios de "estado zen", mas as melhores partes do dia são partir e chegar.

[Mais tarde] Almoço em Haines Junction, parada na doca do ferry em Haines. Hoje a palavra mágica é "aborrecido". Mais para o melancólico do que para o sombrio, eu acho. Chuva na maior parte do caminho, mas tudo bem. Pouco trânsito, e uma estrada especialmente boa. Paisagem se apresentou majestosa atrás das cortinas de nuvens baixas, e era linda ao redor de um grande lago na região de Burwash. Folhas amarelas iluminam o acostamento. Alguns coiotes cruzam a estrada. Falcões perseguindo corvos, um gavião com listra branca no rabo. [Tartaranhão, ou tartaranhão-azulado.]

Travessia de fronteira número um, do Alasca para o Yukon, bem tranquila: "Comprou ou recebeu alguma coisa?" "Combustível, óleo e pneus". O oficial de fronteira também andava de moto, e depois de um pouco de "papo de motociclista" ele acenou para que eu passasse. Avistei cisnes num dos lagos, subindo para a região de "tundra alpina". Depois, desci para a floresta tropical costeira, ainda verde. Um cantinho da Colúmbia Britânica, o clima tão típico: estou de óculos escuros e capa de chuva.

Outro oficial motociclista na fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos, R100 GS (BMW), outra passagem tranquila. Descendo pela famosa reserva Chilkat River Bald Eagle Preserve, havia apenas um espécime jovem por lá.

Ainda pensando muito sobre "quem eu perdi" e falando sozinho com frequência.

Pelo menos, perceber o que estou fazendo às vezes me faz rir, e isso é

bom.

O pequeno porto de Haines provou ser a minha experiência definitiva no Alasca. Parei numa pequena loja de bebidas para comprar uma garrafa de uísque *single-malt* e ouvi um pescador contando ao proprietário sobre o halibute de 22 quilos que ele recém tinha fisgado. Na saída, perto da porta, ele apontou em direção à Main Street, a algumas quadras de distância, onde um urso-negro estava atravessando a rua a passos largos.

Com algumas horas de espera até que o ferry partisse, fui para o restaurante Lighthouse e peguei meu próprio halibute – no cardápio. Alguns outros viajantes pareciam também estar matando tempo por ali, a maioria casais de aposentados, e eles logo começaram a conversar uns com os outros entre as mesas, confortáveis em meio a estranhos iguais a eles, da mesma geração de americanos simpáticos e extrovertidos. Ouvi um dos homens tentando lembrar o nome de uma cidadezinha bem ao norte nos Territórios do Noroeste, junto ao Oceano Ártico, e dei um palpite:

– Tuktoyaktuk?

E logo estávamos todos compartilhando histórias de viagem. Um casal mais jovem estava se mudando de Anchorage para Reno, e uma senhora lembrou que ela e o marido tinham ido a Las Vegas pela última vez em 1958 e imaginava como estaria diferente agora.

Um dos homens perguntou à garçonete sobre o local de pesca de salmão e ela contou que tinha vencido a competição de pesca de salmão no ano anterior ao fisgar um peixe de 20 quilos, que "rendeu" a ela 1.600 dólares, uma viagem de três dias a Juneau, 350 dólares em equipamento de pesca e um jantar grátis no Whitehorse.

Depois do jantar, dei uma volta bem devagar ao redor da enseada e, no topo, onde o rio Chilkoot desemboca, avistei algumas pessoas paradas sobre uma pontezinha. Diminuí a velocidade para ver o que era que eles estavam olhando, então parei e desliguei o motor. Descendo da moto, observei cinco ursos cinzentos à beira do rio: uma fêmea com três filhotes e um já meio crescido – não tão grande quanto um adulto, mas grande. Um jovem australiano me emprestou seus binóculos e consegui ver de perto os ursos se alimentando de salmão.

Esses ursos acinzentados da costa são conhecidos como ursos-escuros, e sua farta dieta de salmão faz com que sejam consideravelmente maiores do que seus primos da montanha.

Na doca do ferry, coloquei a moto no cavalete na fila dos veículos que aguardavam o embarque, peguei o livro *O Lobo do Mar*, de Jack London, e me recostei no assento, apoiado na minha mochila com as pernas erguidas sobre o cabeçote do motor (uma característica útil do design de dois cilindros contrapostos). Ao cair da noite, o cheiro do mar parecia ficar mais forte, e um vislumbre da lua cheia foi tomado pelas nuvens. A chuva começou a cair com intensidade crescente, então me abriguei sob o terminal por um instante e depois caminhei um pouco protegido por minha capa de chuva.

Passei por uma moça que levava um cãozinho pela coleira, e ela parecia bonita sob as luzes do estacionamento lavado pela chuva. Ela deu um sorriso que pareceu me cortar ao meio, do jeito que as garotas conseguem fazer às vezes, e eu me senti repentinamente galvanizado – bobo, nervoso e assustado. Garotas bonitas sempre tiveram a tendência de exercer esse efeito em mim nas raras ocasiões em que eu ficava frente a frente com uma delas, mas eu já não sentia tal tipo de sentimento havia muito tempo.

Talvez alinhado com o solilóquio anterior sobre "afetos impensáveis", eu nunca me senti particularmente atraente para as mulheres, mas agora algo parecia ter mudado. Mais tarde, em conversas com meus amigos, eles me confirmariam que eu parecia atrair certa *atenção* das mulheres. Embora eu ainda estivesse usando minha aliança de casamento (eu e Jack usávamos alianças, embora não fôssemos casados nem pela igreja, nem pelo Estado) e definitivamente não estivesse dando abertura para ninguém – ao menos não de maneira consciente –, algumas garçonetes apoiavam os dedos levemente no meu braço, as moças do caixa sorriam com simpatia e algumas mulheres na rua às vezes me encaravam. Tomando o lado romântico das coisas, gostava de imaginar que seu radar feminino fosse capaz de detectar o Ar da Tragédia que certamente me envolvia como uma aura. Talvez esta fosse a forma mais prosaica do Ar de Disponibilidade. Ou é como diz o trecho de Baudelaire: "As mulheres amam estes inválidos que retornam para casa vindos de

terras quentes".

A garota bonita na doca do ferry em Haines, Alasca, parecia estar viajando sozinha com seu cachorrinho, e se ela *estava* me dando certa abertura, o que eu deveria fazer? Essa era uma daquelas "oportunidades" que eu deveria levar em conta, ou era apenas fruto de minha imaginação hiperativa? Fosse o que fosse, eu não estava pronto para lidar com aquilo, e como não a encontrei de novo a bordo do ferry tirei a dúvida da minha mente. Contudo, minha pequena alma de bebê parecia estar disposta a esboçar reações diante de outros aspectos da vida além da estrada, da paisagem e da vida selvagem.

7 de setembro a bordo M/V Taku

*Depois de uma longa, longa espera sob a chuva incessante, depois da ansiedade de embarcar subindo as rampas de metal escorregadias e de afivelar a moto (tentativa patética, como sempre; tenho que aprender a me controlar diante dessas situações), aí sim uns dois goles de uísque e uma caminhada pelo ferry (todo empolgado com a pequena cabine, a prometida janela e a emoção de estar no mar, o jato de água da hélice ondulando ao fundo). Peguei no sono lá pela uma da manhã, então acordei às quatro para ver Juneau (*não *– para mal ver uma ilha de luz na escuridão bem afastada da cidade), então dormi das cinco até as oito horas. Lá fora, no vento frio e na chuva para ver os "fiordes enevoados" de montes retrocedendo um atrás do outro em tons de cinza claro (e cinza normal), a água estava agitada com jeito de tempestade.*

Percebi que Haines mudou completamente a visão que eu tinha do Alasca: urso-negro na Main Street, águia careca e ursos cinzentos comendo salmão. Tudo de verdade.

[Mais tarde] Baleias jubartes saltando!

[Mais tarde] Um bom dia de descanso, lendo O Lobo do Mar *(uma "história fantástica", tão "elemental" quanto Conrad) [Note-se também que o navio da história se chamava* Ghost*], observando a linha da costa que passava envolta em nuvens, tomada pela floresta, escura e envolvida por aquelas camadas nebulosas... e cochilando.*

Escutei algumas frases da intérprete do serviço florestal, Fran, enquanto olhava para alguns baleen *["ossos de baleia", flexíveis como*

placas de plástico, usados pela baleia para filtrar sua comida, e pelos europeus, para outros propósitos, como tiras de corselete]. Isso ressoa o que London escreveu sobre o massacre sangrento da caça às focas: "Todo esse morticínio por causa da vaidade de uma mulher". Brutalidade a serviço da vaidade. Profundo.

O ferry atracou em Prince Rupert às nove da manhã, e eu peguei a estrada debaixo de chuva pesada. Ocasionalmente, via de relance as montanhas altas ao lado da rodovia, mas minha visão focava principalmente no asfalto escorregadio sob a chuva incessante e as nuvens baixas. O dia clareou lentamente quando eu estava próximo a Prince George, mas a temperatura não subiu. A estrada bem asfaltada serpenteava gentilmente através de um vale de fazendas de feno e montanhas baixas, as florestas perceptivelmente mais verdes agora que eu estava viajando para o sul, de volta para o verão.

Quando cheguei a Quesnel, eu já tinha percorrido 882 quilômetros. Circulei pela cidade à procura de um lugar para ficar. O lugar de melhor aparência não tinha restaurante, e apenas dois quartos estavam disponíveis: uma suíte com dois quartos conjugados ou a suíte de lua de mel. Então segui em frente até o Wheel Inn, que mais tarde percebi que era "barato – e valia isso mesmo". Mesmo assim, era totalmente satisfatório para um viajante nada exigente como eu: "limpo, bom chuveiro e Weather Channel, o canal do tempo".

Um restaurante próximo localizado numa antiga loja da rede Hudson's Bay me serviu bem com carne de panela, vinho tinto, torta de cereja e café. Depois, dei uma caminhada pós-prandial pelas ruas vazias e escuras. Quesnel é mais uma das cidades que surgiram na febre do garimpo – esta aqui durante a corrida do ouro de "Cariboo" em 1858 – e sua área central abriga uma antiga ponte restaurada para o uso de pedestres e ciclistas, um parque à beira do rio e caprichada jardinagem em toda a extensão das ruas.

Depois de uma boa noite de sono no Wheel Inn, eu estava de volta à estrada às seis horas da manhã seguinte, clara e ensolarada, mas *horrivelmente* fria. Continuei para o sul através das florestas de vegetação rasteira, avistando também algumas fazendas, grandes lagos (Williams e La Hache) e pequenas cidades. Parei para o café da manhã

numa cidadezinha cujo nome no mapa sempre tinha me intrigado: 100 Mile House, batizada pelos caçadores da Hudson's Bay Company devido a sua distância de Vancouver nas rotas de comércio de pele.

E embora eu estivesse seguindo por uma rota menos direta, Vancouver era meu destino naquele dia, visto que eu desejava visitar meu irmão Danny, sua esposa Janette, o filho deles, Max, e Tara, uma cadela labradora retriever preta. Danny e Janette sempre tinham sido mais como amigos para mim do que membros da família, e ao mesmo tempo mais família do que amigos. Eles ajudaram a cuidar de Jackie e de mim em Toronto após o acidente de Selena. Depois estiveram novamente conosco durante nosso "exílio" em Londres, e finalmente em Barbados, apenas algumas semanas antes da morte de Jackie. Antigamente, eu costumava visitar a casa deles em Vancouver enquanto excursionava com a banda. Depois deste meu recente período de viagem solitária, eu aguardava ansiosamente pelo momento de sair da estrada por uns dias e passar um tempo com pessoas que conheciam a mim e a minha história.

Nas semanas finais do declínio de Jackie, ela ficava presa na maior parte do tempo a um tanque de oxigênio, cada vez mais fraca – tanto física quanto mentalmente – e menos capaz de enfrentar o calor das tardes tropicais, mas frágil demais para viajar a qualquer outro lugar. Ela e sua irmã, Deb, passavam horas no quarto com o ar-condicionado ligado, repassando a lista de suas joias, que ela queria dividir entre a família e as amigas mais próximas. Numa de minhas primeiras viagens de bicicleta, de Munique a Veneza, eu tinha comprado para ela uma pulseira de pérolas em Zermatt, Suíça, e então a levei comigo pelos Alpes até Veneza em minha *bik*e. Mais tarde, comprei um colar que combinava com a pulseira. Dizem que as pérolas, por serem orgânicas, ficam imbuídas com a essência de quem as usa, sendo assim a mais *pessoal* das joias. Então pareceu adequado que elas ficassem com Janette, de quem nós dois gostávamos e que admirávamos muito. Assim, eu estava carregando aquelas pérolas cuidadosamente embrulhadas, em uma missão de entrega que agora ultrapassava os 13.000 quilômetros e já durava quase três semanas.

Mas antes de chegar a Vancouver eu ainda me deliciaria com a estrada que, mais tarde, classificaria como uma das melhores de todo

o mundo para se andar de moto. A rodovia Highway 99 começava entre as montanhas repletas de pinheiros e sálvias, perto de Marble Canyon; depois de passar por Lillooet, ela seguia serpenteando através de uma floresta densa, acompanhando as corredeiras dos rios e os lagos verde-azulados. O céu permanecia claro, o ar estava fresco e delicioso e a estrada sinuosa que se desdobrava à minha frente era tão desafiadora e recompensadora que fiquei tentado a entrar na zona da adrenalina. Meu ritmo se acelerava curva após curva, até que eu estava rodando com o máximo de atenção, inflamado pelo perigo iminente e por um ocasional arrepio de medo, correndo contra a física e contra meu próprio senso de autopreservação em um ritmo sublime de trocas de marcha, freadas e inclinações nas curvas mais fechadas, para então acelerar novamente. Senti uma carga de emoção que não experimentava havia muitos meses e me vi gritando bem alto, entusiasmado com a absoluta emoção da existência.

From first to last
The peak is never passed
Something always fires the light
That gets in your eyes

De primeiro a último
O ápice nunca é transposto
Algo sempre acende a luz
Que chega aos seus olhos

(Marathon, 1985)

Capítulo 5
ANDARILHO DE PRIMEIRA CLASSE

I believe in what I see
I believe in what I hear
I believe that what I'm feeling
Changes how the world appears

Acredito no que vejo
Acredito no que ouço
Acredito que o que estou sentindo
Muda a aparência do mundo

(Totem, 1996)

Na época em que escrevi os versos acima, num tempo que só posso descrever como “antes”, eu estava ciente da contradição existente entre a rejeição cética a tudo que não fosse tangível (agnosticismo verdadeiro) e o modo totalmente subjetivo com que muitas pessoas viam e julgavam o mundo através dos filtros de suas emoções e de seus humores em constante mudança. Nos dias que se seguiram à morte de Selena, eu aprendi na marra como aquela síndrome era capaz de ser profunda e penetrante: um dia ensolarado podia parecer realmente *escuro*, o sol podia estar totalmente *errado*, e o mundo ao meu redor, as vidas ocupadas de todos aqueles estranhos sem qualquer noção do que estava acontecendo podiam parecer tão fúteis e irreais. Tão fúteis e irreais quanto o que se passava em minha própria vida.

Algumas das anotações no meu diário parecem mal-humoradas, e até mesmo misantrópicas, mas devem ser compreendidas como uma espécie de inveja – sentimento que com tanta frequência deixa para trás um gosto amargo. No rastro das minhas perdas devastadoras, para mim era difícil aceitar que o destino pudesse ser tão injusto, que as vidas das outras pessoas permaneceriam sem qualquer cicatriz causada pelo mal que havia caído sobre mim. A maior pergunta – “Por quê?” – era um tormento sem fim, à medida que meu cérebro buscava um significado (Isso é uma punição? Um julgamento? Uma praga?), e quando eu via outras pessoas com seus filhos, ou com seus amores e companheiros, ou até mesmo simplesmente aproveitando a vida, não era exatamente má vontade o sentimento que me tomava, mas sim inveja, ressentimento e uma sensação de injustiça cruel.

Mas quando se tratava daqueles que se preocupavam comigo, esses pensamentos tenebrosos não vinham à mente. Eu sentia carinho e gratidão não apenas por seu auxílio, mas também por serem tão *compreensivos*, pelo fato de simplesmente saberem o que eu tinha enfrentado. E porque tiveram compaixão, exigindo de mim apenas que eu permanecesse vivo. Por três semanas, meu único contato com essas pessoas tinha sido por telefone, enquanto eu viajava entre estranhos e carregava o peso da minha história sozinho. Por isso, eu não via a hora de visitar Danny e Janette em sua pequena casa vermelha em Kitsilano, logo após a ponte do centro de Vancouver.

O quarto de hóspedes era confortável, com uma boa luminária

para leitura perto da cama, e eu me senti bem apenas por estar em seu *lar*, longe dos hotéis, restaurantes e postos de gasolina por alguns dias. Eu tinha esperança de que permanecer num único lugar seria suportável desde que eu me mantivesse ocupado e não ficasse *sozinho*.

Na primeira noite que passei lá, cumpri minha missão de entregar as pérolas para Janette. Ela e Danny se esforçaram muito para não demonstrar o quanto ficaram comovidos (cientes de que as emoções são contagiosas e de que eu ainda estava muito sensível, e também porque eles já tinham visto uma quantidade suficiente de minhas lágrimas entre Toronto, Londres e Barbados).

Quando perguntaram se havia alguma coisa que eu queria fazer em Vancouver, eu respondi que só precisava permanecer *ocupado*, e eles garantiram que isso aconteceria. Danny tinha um trabalho puxado como *personal trainer* e gerente de várias academias, e Janette era oftalmologista. Ambos faziam malabarismos para cuidar de Max, com quase dois anos de idade, e de sua cadela, Tara. Com babás que lhes permitiam ter tempo para trabalho e diversão, Danny e Janette eram as pessoas mais ativas que já conheci, e eles me inseriram em sua rotina vigorosa.

Danny e eu levamos Max em seu carrinho de bebê enquanto caminhávamos rapidamente pelas ruas buscando serviços e fazendo compras para mim. Janette e eu fizemos trilha pelas ravinas enlameadas e arborizadas (que as placas glorificavam como "cânions" e eu menosprezei como "valas") perto da praia. E nós três escalamos a trilha íngreme ("*Stairmaster* da natureza") até o pico da montanha Grouse, um suplício também conhecido como *moedor* Grouse. Remamos de caiaque na baía Burrard com a vista para a cidade de Vancouver ao fundo e a mata fechada de Stanley Park e as montanhas altas ao norte. Depois remei sozinho através da massa pesada de água salgada por entre navios cargueiros, embarcações de lazer e sinalizadores de navegação flutuantes.

Um casal de focas parecia me seguir, com suas caras de cachorro subindo várias vezes à superfície bem ao meu lado, e ficavam apenas olhando para mim. Flutuei com os remos apoiados sobre a água, incapaz de resistir ao charme daquelas duas focas curiosas e amistosas que cuidavam de mim como se fossem dois espíritos guardiões. Sendo

um cético-racional-científico de coração, nunca fui do tipo que acredita em reencarnação, mas, assim como eu achava difícil rejeitar noções supersticiosas de retribuição e maldições como uma "causa" para minhas desgraças recentes, eu não conseguia deixar de me sentir confortado de certa maneira pela ideia de que quem eu perdi ainda pudesse estar ao meu redor, em algum lugar. Ao mesmo tempo, eu não era capaz de comprar as afirmações dos "espiritualistas", mesmo que suas fantasias sejam tão acolhedoras para aqueles que acreditam nelas. Eu refletia sobre tais contradições como, por exemplo, de que jeito uma alma pode passar para outra forma de vida e ainda assim estar disponível para consulta numa sessão espírita. O cético-racional-científico pode se contentar com tal dialética lógica sobre o assunto, mas meu espírito primitivo geralmente tinha anseios diferentes.

De qualquer maneira, minha alma de bebê havia sido confortada por aqueles seis dias ativos e agradáveis em Vancouver, e eu me sentia pronto para partir novamente (ou talvez eu apenas precisasse de um bom *descanso*). Minha moto tinha sido revisada cuidadosamente numa oficina local. Passei uma tarde inteira lavando e polindo a BMW com carinho na garagem de Danny e Janette, e toda a minha bagagem e o meu equipamento estavam limpos e organizados. Danny e Janette acordaram cedo, ainda no escuro, antes do amanhecer, para se despedir de mim. Parti às seis da manhã para rodar pelas ruas vazias da cidade iluminada até chegar à doca da *ferry* em Horseshoe Bay.

O percurso de uma curta viagem de balsa pelo estreito de Geórgia começa com a saída em Vancouver e, logo em seguida, circunda o longo contorno da ilha de Vancouver, prolongando-se em direção ao norte e ao oeste, para dentro do oceano Pacífico. As únicas partes da ilha de Vancouver que eu tinha visto antes, nas primeiras turnês com o Rush, tinham sido a capital da Colúmbia Britânica, Victoria – que é tão singular e inglesa como seu nome sugere (com casas de chá, campos de críquete e um jornal chamado *Times-Colonist*) –, e Nanaimo, outra cidade pequena, menos pretensiosa, construída em torno da mineração, da pesca e das madeireiras. Eu sempre tinha imaginado o resto daquela ilha enorme, aparentemente desabitada, como um vasto parque de florestas ancestrais, e nesta viagem eu decidi explorá-la mais a fundo.

Como sempre, minha rota era qualquer coisa menos direta, começando no *ferry* no lado continental com destino a Langdale, numa área chamada de "A Costa do Sol" (e era mesmo, com nuvens altas e delicadas e vista para as montanhas e para o oceano, os quais eu só poderia descrever como "gigantescos"). Depois, um passeio curto ao longo da estrada sinuosa até o segundo *ferry*, de Earls Cove até Saltery Bay, outra volta de moto curta até Powell River, cidade que abriga uma fábrica de celulose (onde encontrei uma floricultura e enviei um buquê de agradecimento a Danny e Janette) e, finalmente, uma terceira travessia de *ferry* no estreito da Georgia até Comox, na margem leste da ilha de Vancouver.

Enquanto eu seguia a rodovia ao norte de Comox através de Campbell River, onde finalmente escapei do tráfego pesado e fiz um bom passeio, minha imagem mental da ilha de Vancouver lentamente começou a sucumbir. As montanhas e o oceano formavam uma moldura majestosa, mas o cenário lá dentro era um tanto sinistro: a ilha parecia ser nada mais do que uma imensa "fazenda de árvores", com lotes alternados de segundo estágio de crescimento, terceiro estágio e áreas de estágio nenhum, completamente desmatadas. Placas em frente a cada lote traziam o nome da madeireira, informando o ano em que aquele trecho em particular havia sido "colhido", "podado", "replantado" (ato que, às vezes, era sobrevalorizado com o termo "reflorestado") e "fertilizado". Cada cidade tinha uma fábrica de celulose expelindo fumaça para o céu, e um olhar mais atento ao mapa mostrava a rede disseminada de estradas de madeireiras. Passei por caminhões transportando troncos de árvores tão grandes que tinham de ser cortados em três ou quatro pedaços para possibilitar o transporte, e uma única delas constituía toda a carga de uma carreta, mesmo daquelas de rodado duplo. Eu sempre conseguia farejar os caminhões à frente na estrada – uma habilidade de grande serventia –, principalmente na chuva, porque eles deixavam um perfume doce de madeira recém-cortada pelo caminho, mas mesmo assim eu ficava triste ao ver as carcaças daquelas árvores nobres.

Eu me dei conta, então, de quanto estava sendo moralista e hipócrita sobre a venda de madeira no atacado: bastou que eu me lembrasse de minha sala de estar em Quebec, com suas vigas de

“abeto da Colúmbia Britânica”. De onde eu achava que *elas* tinham vindo? Lembrei-me da piada dos políticos de Vermont sobre a diferença entre um ambientalista e um empreendedor: o ambientalista tem uma cabana na floresta; o empreendedor ainda não conseguiu a sua própria cabana.

Apesar de ter começado cedo e do dia que parecia longo, decidi seguir para o extremo norte da ilha e tentar me hospedar em algum lugar por lá. Isso me manteria na estrada por mais tempo do que eu geralmente gostava (por exemplo, após a hora dos meus aperitivos da tarde), e já passava das seis quando vi a placa de Port Hardy (“Minério, Madeira, Pesca”). Minhas expectativas não eram demasiadamente elevadas: eu só esperava encontrar um quarto de hotel limpo com uma ducha quente e uma refeição nutritiva, mas, infelizmente, no final daquela viagem pesada de doze horas, eu acabaria me frustrando mesmo com expectativas tão modestas.

A cidade parecia ser composta por um punhado de lojas tão insípidas e sem personalidade que me perguntei se a cidade original não teria sido destruída por um incêndio e depois reconstruída da forma mais barata possível. Minha volta de reconhecimento não levou muito tempo e revelou poucas opções de hospedagem: havia um hotel que parecia um pouco melhorzinho, mas havia também outro com melhor localização, ficava bem ao lado das docas, que estavam cheias de barcos de pesca e pareciam ser o “coração” da cidade.

Por sorte (eu acho), o Seagate Hotel ainda tinha um quarto disponível, e mais uma vez era do tipo “barato, e vale o que custa”. Decorado com o que pareciam as sobras do Holiday Inn, o quarto fedia e tinha uma cama esponjosa com molas barulhentas (eu mal podia lembrar a última vez em que tinha ouvido *aquele* som!). Quando desci para o jantar, o bufê de saladas apresentava um tom nitidamente marrom e o único peixe oferecido era frito – algo surpreendentemente típico em muitos portos de pesca no Atlântico e no Pacífico. Optei pelo que costuma ser o pedido mais garantido em um lugar desses: bife. Olhando pelo lado positivo, escrevi que estava “bem passado, com um bom sabor de carvão”.

Alguns pescadores profissionais estavam reunidos ao redor de uma mesa, e percebi que, quando falavam sobre o tempo, não

mencionavam a temperatura ou a chuva, mas o vento: “Noroeste 15”. Depois do jantar, fui passear pelas docas e observei os barcos sendo descarregados e a carga sendo colocada em caminhões frigoríficos. Escrevi o seguinte: “Eu gosto de ver estes lugares, estas pessoas; onde eles vivem e *como* eles vivem”.

Eu me senti um pouco deprimido naquela noite, e não apenas pela recompensa decepcionante após o final de um longo dia de viagem. Reconheci os sintomas da “síndrome pós-visita” que eu já havia experimentado lá em Londres. Durante os seis meses que passamos naquela cidade, Jackie e eu recebíamos um fluxo contínuo de queridos visitantes, amigos e familiares que vinham para passar alguns dias. Enquanto eles estavam conosco, nos entretínhamos e nos mantínhamos distraídos, nossos espíritos se animavam e as coisas pareciam melhores por um tempo. Então, num piscar de olhos as visitas voltavam para casa e para suas famílias, enquanto nós ficávamos novamente a sós: duas almas tristes incapazes de superar seu próprio luto e exílio, quanto menos de animar um ao outro.

Desta vez, eu tinha saído de um ambiente familiar acolhedor no lar de Danny, Janette, Max e Tara. Deixava-os seguindo com suas vidas ocupadas e gratificantes, enquanto eu precisava partir para… bem, de volta para a estrada.

Naquela manhã, a rodovia me levava outra vez para o sul através de trechos com neblina no amanhecer frio e claro, sob nuvens pontilhadas de rosa e púrpura. Mais uma vez, o trânsito ficou mais pesado conforme eu seguia para o sul, e o resto do dia pareceu ser preenchido pela tarefa de ultrapassar, contornar e desviar de outros veículos.

Uma hora, eu ultrapassei acelerando um casal da terceira idade e sorri enquanto imaginava a conversa entre eles: ele reclamando de mim, e ela lhe dizendo para não ser um velho resmungão. Então, de repente, eu estava chorando ao pensar: “Nunca serei um avô velho e resmungão!”

Já tendo percorrido dois terços do caminho até o extremo sul da ilha, dobrei para oeste e segui rumo ao Pacífico. Parei num raro trecho de cedros de floresta primária conhecido como Cathedral Grove. Fiquei parado de pé, na penumbra abafada sob as colunas imensas,

que justificavam bem a referência a uma catedral, pois se pareciam com um templo pagão dedicado à santidade e ao mistério da natureza. Mas era preocupante o fato de que, assim como as sequoias encontradas cada vez em menor número na Califórnia ou os pinheiros brancos em Ontário, os bosques remanescentes tinham se tornado tão raros que cada um deles já recebia um *nome próprio*. É claro que era admirável que os poucos ainda restantes tivessem sido preservados, mas era deprimente pensar no que eles realmente *representavam*: todos os milhões de árvores que um dia lançaram sua sombra sobre aquelas terras, e na maior parte do continente, agora tinham desaparecido. As florestas-fantasmas.

Um outro resquício de floresta primária rondava um conjunto de enseadas na costa do Pacífico conhecido como Clayoquot Sound, que foi o cenário de uma das batalhas mais ferozes entre ambientalistas e madeireiras já ocorridas no Canadá. Pelo que eu me lembrava, os manifestantes tinham conseguido pelo menos uma vitória preliminar, mas mais uma vez fiquei estarrecido ao ver o quão imensa era a batalha que eles – nós – estávamos travando. Não era uma luta para desacelerar a destruição e trazê-la para um ritmo mais controlável, mas apenas um esforço para proteger os últimos espécimes de uma floresta em extinção a fim de termos tempo o suficiente para apreciá-los. E lamentar sua extinção. Numa rocha ao lado do acostamento, um artista grafiteiro com uma boa sacada tinha pintado: "POSTES DE TELEFONE – OS ÚLTIMOS ESPÉCIMES DA FLORESTA ANCESTRAL".

O Wickaninnish Inn, em Tofino, uma cidadezinha turística às margens do Pacífico, foi um bem-vindo contraste com o Seagate Hotel de Port Hardy. Construído na encosta sobre as ondas que quebravam gentilmente na praia de areia e pedras – onde se escutava a buzina de um navio, soando como uma tuba ao repetir sempre as mesmas duas notas, que chegavam vindas das nuvens espessas que se viam a oeste no horizonte –, o hotel tinha quartos confortáveis e luxuosos, e o restaurante era realmente sublime.

Danny me contou que uma amiga nossa tinha perguntado sobre mim. Era Gay Burgiel, companheira de pedaladas de longa data, e que também tinha sido minha correspondente em um período anterior, quando eu costumava escrever cartas (assim como todo o resto era

"anterior"). No jantar, decidi começar uma carta para ela, da forma como costumava fazer durante minhas refeições solitárias, e ver se isso daria certo.

Gay e eu tínhamos nos conhecido numa volta de bicicleta que dei pelo nordeste da China em 1985, junto com Bob e Rosie Boysen – um casal membro do clube de ciclismo de New Jersey, o Western Jersey Wheelmen. Nos anos seguintes, eu me juntei a eles em suas próprias viagens de bicicleta, que batizei de "BoysenTours". Cruzamos os Alpes algumas vezes, atravessamos os Pirineus e, cerca de doze anos antes, tínhamos cruzado as montanhas rochosas canadenses, indo de Calgary até Vancouver numa rota semelhante à que eu estava prestes a fazer, mas no sentido contrário.

16 de setembro de 1998
Wickaninnish Inn
Tofino, Colúmbia Britânica

Querida Gay,

Sei que já faz muito tempo que você não tem notícias minhas, mas… eu tive um ano ruim (ultimamente, ando com uma propensão a dizer meias-verdades). E faz ainda mais tempo que não tenho um "convidado para o jantar" como estou tendo agora, mas decidi dar uma chance. Nos últimos tempos, minha vida tem consistido em experimentar fazer coisas das quais eu costumava gostar e ver se elas ainda são boas. Recomeçar, de diversas maneiras e com passos muito hesitantes. Tudo em que sempre acreditei foi varrido do mapa, até mesmo o meu simples lema cármico de "faça o bem e ele voltará para você". Infelizmente (muito infelizmente), não é bem assim.

De qualquer maneira, antes que eu me envolva (e a você) em abstrações, vou tentar meu velho padrão para essas cartas de "colocar a conversar em dia": vou começar deste exato instante e depois recuar no tempo – pelo menos até onde eu ousar estando em público, num restaurante…

"Agora" é a hora do jantar no Pointe, no hotel mencionado acima, com sua visão semiduodecagonal (eu acho que é "meia dúzia"?) de Clayoquot

Sound, uma aquarela em estilo japonês de ilhas, nuvens e mar. Estou no meio de um extraordinário jantar de ostras, peixe ensopado (embora o que tenho aqui seja bem superior aos pratos convencionais de mesmo nome) e robalo, com todo tipo de deliciosos acompanhamentos (arroz, aspargo, caranguejo, salsa etc.) e uma sobremesa que só posso descrever como "uma sinfonia de ameixa": sorvete, musse e açúcar cristalizado acompanhados de café e vinho do Porto. Você sabe bem que já fiz algumas boas refeições na minha vida, e esta se coloca entre as melhores. A vista também é linda.

17 de setembro
Doca do ferry, Nanaimo

Depois de uma boa noite de sono ao som da música gentil das ondas ao lado do meu quarto, parti cedo esta manhã através da ilha de Vancouver (no que eu chamo de uma estrada "de entretenimento", com várias curvas de todos os tipos) de volta a uma pequena área de floresta primária chamada Cathedral Grove, café da manhã em Port Alberni, e depois para a doca do ferry, próxima a Nanaimo.

Parti em 20 de agosto, dois meses após a morte de Jackie e um ano e dez dias após a morte de Selena, no que logo comecei a pensar como sendo minha "Estrada da Cura" (pelo menos, é o que eu espero). Na época, não tinha como saber se viajar "daria certo" para mim, ainda mais sozinho, mas até o momento isso tem se mostrado o melhor remédio possível. Depois de voltar de Barbados, para onde tínhamos ido para um fim que acabou sendo bastante rápido e misericordioso para Jackie (um coração partido agia ainda mais rápido do que aquilo que os médicos chamaram de câncer), passei algumas semanas em Toronto cuidando de alguns negócios e colocando nossa casa de lá à venda; depois fui para "casa", em Quebec.

Passei um mês lá, o que não foi de todo mal (apesar de estar cercado de incontáveis lembranças felizes de nossa família), mas eu sabia que ficar lá sozinho no outono e no inverno não seria bom. Não importa para onde eu vá, sinto este "buraco escuro e profundo" de forma muito palpável e bem ao meu lado. Houve momentos em que tive um impulso quase físico de me afastar dele. Certamente este é um momento perigoso para mim, e se eu caísse numa amargura escura e me afundasse numa garrafa de uísque ou

numa trouxinha de pó branco, quem iria me culpar? Logo no início desse duplo pesadelo, lembro de ter pensado: "Como alguém sobrevive a uma coisa dessas? E, se sobrevive, em que estado esse alguém ressurge do outro lado?"

Bem, eu não sei, mas vou descobrir, porque estou protegido por um pequeno reflexo, característico de minha natureza: "Alguma coisa vai acontecer".

Viajar tem me proporcionado pequenos momentos de Verdade e Beleza (estradas, paisagens, vida selvagem) e até mesmo alguns momentos efêmeros em que curto a vida novamente. Ainda há lágrimas e humores sombrios, e aquele onipresente "buraco negro profundo", mas é sempre melhor estar em movimento.

E agora, a hora de embarcar no ferry que se aproxima…

Mais tarde no mesmo dia…
Hope, Colúmbia Britânica

Lembranças de nossa estada aqui durante um dos BoysenTours… que ano? 86? 87? De qualquer maneira, saí de um piquenique ensolarado em um banco da doca para uma travessia nublada – e depois chuvosa – de duas horas. Coloquei minha roupa para tempo ruim e acelerei em meio à chuva forte e ao tráfego pesado. Junte a isso a dificuldade de se orientar por estradas bem complicadas e desconhecidas – pilotar a moto acabou se tornando um trabalho que demanda muitos esforços. Hoje eu fiquei pensando que pedalar não serviria tão bem na "Estrada da Cura", porque andar de moto requer um esforço mental *muito maior, o que ajuda a manter meus pensamentos ocupados com tomadas de decisão, execução física (não aeróbica, mas, ainda assim, há muito trabalho nessas estradas "interessantes"), mapeamento, direção defensiva (assim como na bicicleta, é melhor presumir que você é* invisível *para os outros), navegação, monitoramento da máquina e, talvez, um pouco de apreço pela paisagem ao mesmo tempo.*

Talvez você e outros membros do Wheelpeople se animem ao saber que andei de bicicleta em grande estilo em Barbados. Para dar uma breve escapada da vigília constante de Jackie, eu a deixava sob os cuidados de sua irmã, Deb: a cada dois dias, eu saía de manhã pelas estradas

cansativas e mormacentas ao norte de Barbados, e acabei percorrendo praticamente todas as estradas, ladeiras e trilhas num raio de duas horas a contar da casa que tínhamos alugado. Isso e observar pássaros foram minhas distrações principais durante os dois meses e meio que ficamos lá, o que, somado a muita leitura, ajudou a preservar uma parcela da minha sanidade mental (quantidade esta ainda a ser determinada!). Consegui identificar 22 das 24 espécies de pássaros da ilha.

Hoje à noite, instalei-me em um hotel da rede Best Western com o nome apropriado (para mim) de Hope – esperança, em inglês – depois de dar uma olhada no que a cidade tinha para oferecer. Em perfeito contraste com a noite anterior, jantei no restaurante "caseiro": peru com purê de batatas, molho, couve-flor e um milk-shake de chocolate. Durante toda esta viagem, procurei alternar noites de luxo com noites passadas em lugares mais humildes, ou seja, hotéis e restaurantes pequenos, administrados por famílias. Evitei fazer reservas, exceto pelo navio do Alasca a Prince Rupert, que era difícil de conseguir até mesmo com seis semanas de antecedência, e pelo hotel da noite passada, que foi recomendado por Danny e Janette quando os visitei na semana passada. Para a noite de hoje, tentei fazer uma reserva de dois dias no Chateau Lake Louise, porque sempre quis me hospedar lá, mas não tive sorte. Ao invés dele, acabei reservando o Banff Springs Hotel, que parece semelhante, mas não tem aquela *vista.*

Depois do jantar, dei uma caminhada para procurar o local onde havíamos ficado naquela outra vez [no passeio da BoysenTours de Calgary a Vancouver] e, embora agora seja um Quality Inn, reconheci-o de cara. Também encontrei o restaurante onde aquele cara insuportável [um "animador"] estava apresentando um esquete ridículo; hoje há um restaurante chinês no lugar. Não foi ali que você e Stan saíram à procura de peças para a roda livre? De qualquer maneira, parece uma cidadezinha bonita, e só uns poucos detalhes mudaram nos últimos 11 ou 12 anos.

*[*Então segue uma recapitulação das minhas viagens, levando a esta conclusão:*] 14.500 quilômetros em quatro semanas, incluindo cinco dias "de ócio" em Vancouver com a família Lindley-Peart.*

18 de setembro

Nelson, Colúmbia Britânica

Hoje de manhã encontrei um lugar onde todo o nosso grupo de ciclistas parou para o almoço perto de Hedley naquela vez: um casarão com aspecto de lugar interiorano, um deck atrás e, lembro bem, uma garçonete muito lerda. Mais cedo, dei uma volta até Cascade Lookout, em Manning Park, onde Bob, Henry e eu fizemos o circuito "opcional" de doze quilômetros, uma subida de 600 metros, enquanto pessoas sensíveis (como você) ficavam descansando no gramado em frente ao alojamento.

De Princeton, peguei uma rota diferente, permanecendo próximo à fronteira com os Estados Unidos através de Osoyoos ("O único deserto do Canadá", e uma cidade linda próxima a um grande lago), Trail (sede dos Jogos Olímpicos de Inverno alguns anos atrás, mas basicamente uma cidade de mineração) e Castlegar (outra que visitei pelo nome, geralmente vista no Canal do Tempo do Canadá). Nos arredores de Castlegar, começou a chover forte outra vez, então optei por outro hotel da rede Best Western em Nelson (uma cidadezinha agradável, com várias lojas ao ar livre). Depois de tomar uma ducha e pendurar as roupas para secar, a chuva já tinha parado, e uma perambulação sem destino certo me trouxe até aqui: ao Heritage Inn e ao restaurante General Store. Até agora, comi uma boa salada Caesar, e um bife que ainda está para chegar.

Nesta viagem, estou levando comigo minha pequena barraca e um saco de dormir, apenas por precaução, e mesmo que eu ainda não os tenha usado, eu simplesmente amo tê-los *comigo, porque nunca preciso me preocupar em encontrar um quarto para dormir. O mesmo acontece com meu pequeno galão de gasolina: usei apenas uma vez até agora, e adoro não ter que me preocupar com o nível do tanque. Lá no norte, em Yukon e no Alasca, fazia frio demais para que eu pensasse em acampar, mas espero fazer isso ao menos uma vez no meu caminho até Mojave, porque acho que seria fantástico. Não me preocupei com equipamento para cozinhar, porque comida é algo que sempre se arranja, mas espero me encontrar com meu velho companheiro de estrada Brutus por uns quinze dias no mês que vem e, mesmo que levássemos conosco apenas alguns sanduíches e uma garrafa de vinho e fôssemos acampar no deserto, já seria bom.*

Meu tipo de plano para o longo prazo (agora que estou ousando ter um) é ziguezaguear até o sul, mantendo-me ao oeste do Mississippi, e talvez chegar até o México e Belize. Se eu pudesse ficar na estrada até

depois do Natal (que antigamente era uma época feliz para a minha família), seria melhor. Então, pode ser que eu deixe minha moto em algum lugar por lá e pegue um voo para Quebec, permanecendo lá em janeiro e fevereiro (temporada de neve, própria para a prática de esqui cross-country e para fazer trilhas com sapatos especiais para neve), e depois eu poderia tanto me reunir com minha fiel montaria e seguir para o norte quanto continuar descendo até a América do Sul. Desde o primeiro dia dessa odisseia homérica (monstros por todo lado!), eu decidi manter as coisas flexíveis, com muitas oportunidades para mudar de planos ou mesmo para desistir se assim eu quisesse. O lema é "qualquer coisa que funcione". Não estou impondo exigências *para mim mesmo, nem comprometimentos ou metas. Exceto sobreviver.*

Por favor, mande meu abraço (e/ou esta carta) para Bob, Rosie e Henry. Quero que todos vocês saibam que estou lentamente juntando os cacos da minha vida despedaçada. Nós só temos que esperar para ver o que o quebra-cabeças vai revelar!

Por agora, ficarei bem, contanto que eu me mantenha em movimento…

Com cordial afeição,
NEP

Entre as poucas faíscas de esperança – pequenas, mas ainda assim radiantes – em minha crença de que "alguma coisa vai acontecer" e entre aquelas ideias vagas que me mantinham seguindo para o sul, havia no fundo de minha mente um lampejo fantasioso de que eu acabaria esbarrando com meu próprio Éden pessoal. Nas minhas viagens anteriores pelo mundo, sempre que eu encontrava um lugar pelo qual eu me encantava, deixava-me fantasiar com a ideia de morar lá por uns tempos: um vilarejo nos Alpes Bavários, uma ilha no Caribe, as ruas estreitas de Île de la Cité em Paris, um acampamento na planície do Serengeti. Ultimamente, aquela fantasia tinha se tornado especialmente convidativa para mim, como um desejo secreto de descobrir um lugar de beleza e paz onde eu pudesse me esconder para sempre.

Eu já ouvi histórias de pessoas que tinham encontrado de maneira repentina um lugar onde quiseram passar o resto de suas vidas, um lar

de sua *escolha* em vez do local acidental em que cresceram. Eu esperava que essa epifania pudesse acontecer comigo algum dia, em algum lugar. Só de pensar na total discrepância entre os quatro exemplos mencionados acima – vilarejo alpino, ilha tropical, cidade europeia e savana africana –, eu já imaginava que não poderia haver um lugar único que realmente pudesse satisfazer todos aqueles anseios; mas ainda assim eu podia ter esperanças e pensar também sob esse viés a cada vez que explorasse um novo lugar.

Nesta jornada, a área em torno de Nelson foi a primeira que despertou esse tipo de pensamento. A própria Nelson tinha uma atmosfera de cidade pequena moderna e era rodeada por montanhas cobertas por florestas que ilustravam aquilo que eu tinha em mente quando pensava em um "refúgio". Para algumas pessoas, o Xangrilá interior se projetava em uma praia; para outros, em um chapadão no deserto; outros ainda preferiam uma cidade frenética. Mas para mim sempre foi um lago nas montanhas, cercado de árvores, como a casa no lago nos Montes Laurentides (o que não era mera coincidência), dos quais agora eu já estava longe há cerca de um mês. Eu já sentia falta daquele lugar quando permitia que meus pensamentos retornassem a ele. Só que aquilo não satisfazia minha fantasia atual: eu estava procurando, sem nenhuma pressa, por um *novo* refúgio da alma: um lugar que não fosse atormentado pelos Fantasmas do Natal Passado.

Sob tempo nublado e fechado, a estrada que seguia ao norte partindo de Nelson corria ao longo da margem de um braço comprido do lago Kootenay. Eu me imaginei lá na água, remando quilômetro após quilômetro sob as nuvens baixas, meu espírito inquieto acalmando-se ao empurrar os remos em um ritmo forte e constante de esquecimento, para depois voltar à minha cabana solitária entre as sempre-vivas escuras e ler um livro até cair no sono diante da lareira.

Contudo, deixei essas fantasias de lado assim que a estrada passou a exigir atenção total. As nuvens baixas começaram a gotejar, e depois de uma hora de asfalto liso e sinuoso, a BC 31 me levou para 100 quilômetros de cascalho e pó. A estrada foi piorando gradualmente até definhar num caminho de escoamento para as madeireiras, uma pista única cheia de barro se contorcendo morro acima ao lado do Trout,

um lago comprido e estreito cercado de montanhas marcadas pela sarna das áreas de desmatamento. Eu andava devagar pelo caminho apertado em zigue-zague, escolhendo cuidadosamente onde colocar minhas rodas entre poças, rochas, sulcos e montes de cascalho. A chuva continuava a cair, e não vi mais que dois outros veículos naquele trecho inteiro. Eu tinha partido com a ideia vaga de parar em algum lugar para o café da manhã, mas não havia nada ao longo daquela estrada e acabei desistindo do plano, concentrando-me na chuva e em meu lento avanço pela pista perigosa e de extensão desconhecida. Com o tempo, veio uma vontade de me enfiar dentro de um casco, o que, de qualquer maneira, deixou-me desanimado para parar em qualquer lugar.

Cruzei o lago Upper Arrow de balsa junto com um surpreendente número de carros e motor-homes, que tinham chegado ao mesmo destino por uma rota mais civilizada (eu conseguia deduzir porque estavam todos limpos, enquanto minha moto e eu estávamos cobertos por lama e com uma aparência vergonhosa). Rodei para o norte até Revelstoke para abastecer e peguei a Rodovia Trans-Canadá, chuvosa e movimentada, mantendo sempre uma distância cuidadosa dos jatos de água expelidos pelos caminhões e dos motor-homes guiados de forma negligente. Enquanto subia em direção ao pico invisível de Rogers Pass, eu sentia o frio penetrando na minha roupa de couro e atravessando a capa de chuva. Então, liguei o colete e as manoplas no aquecimento, contemplando com uma carranca a estrada à frente e pensando no título de uma canção: *Clouds hanging on my handlebars* (*Nuvens logo abaixo do meu guidão*). (Não que eu estivesse pensando em escrever letras de música, mas eu devo ter ficado com aquele faro embutido para o ritmo de palavras líricas.)

Em anos anteriores, eu havia cruzado Rogers Pass de carro e de bicicleta. Agora estava de moto, e ainda não tinha conseguido ver os lendários picos brancos. Pareciam lindos nas fotos. Alguns alces no acostamento foram as únicas atrações cênicas daquele dia.

Os encantos de Banff também estavam obscurecidos, embora não pelas nuvens e pela chuva. Em contraste com Nelson, essa antes pitoresca cidadezinha nas Rochosas tinha sido *devorada* pelo turismo. Suas ruas estavam cheias de lojas de souvenir bregas e congestionadas

com carros, motor-homes e incontáveis ônibus de excursão.

O hotel Banff Springs tinha a presença imponente de um castelo e, no lado de dentro, havia uma atmosfera palaciana, venerável pela magnitude, embora o lugar parecesse impessoal e de caráter industrial, assim como os hotéis para ônibus de excursão no Alasca. O encanto das "belezas naturais" tinha sido reduzido a uma polegada do que era, até o ponto em que a experiência não só foi maculada como também se tornou vazia.

Caminhando pela sala de jantar do hotel, que tinha o nome de "Alberta", como a cidade, fiquei impressionado em um primeiro momento por sua vastidão, e, depois, pela multidão formada pelos grupos de excursão, com bandeiras numeradas em suas mesas redondas enormes, e percebi que a maioria parecia ser do Japão. Um trio de guitarra, piano e bateria estava tocando num palco baixo, e ri alto ao reconhecer a canção que eles estavam tocando: "Sukiyaki", um hit do início dos anos 60 que eu sempre achei que fosse uma *paródia* da música japonesa. No entanto, recebeu uma rodada de aplausos aparentemente genuínos, e enquanto a banda continuava a tocar músicas dos Gipsy Kings, de Duke Ellington e de Billy Joel, havia também algo completamente desconhecido (e meio bobinho) mais ou menos a cada três canções – possivelmente música pop japonesa, a julgar pelos aplausos animados que as seguiam.

Depois de uma refeição decente com peixe ensopado, um bom salmão assado e um *parfait* de chocolate, escapuli para as cadeiras confortáveis do Rundle Bar para tomar café, beber conhaque e fumar um cigarro (ah, os três "Cs"), olhando para os penhascos rochosos lá fora e para o vale coberto de árvores sob um teto de nuvens baixas. O pianista estava arpejando melodramaticamente *Memories*, de um dos tonéis de sentimentalismo compostos por Lloyd Webber, e vi ali uma grande oportunidade para ele seguir com *Arabesque*, de Debussy, meu repertório favorito para ouvir no piano enquanto bebia conhaque, mas ele não atendeu ao meu pedido telepático.

Eu tinha pensado em ficar em Banff por duas noites, mas já estava desencantado com a ideia e decidi pensar em minhas opções. Lembrei-me de um conhecido, o artista Dan Hudson, que morava na cidade vizinha, Canmore, com sua namorada, Laurie. Eu os havia encontrado

apenas uma vez, numa festa em Toronto, mas por vários anos convivi com um dos quadros de Dan (um quarteto de gansos canadenses em tamanho real sobre um fundo de colagem de fotos de família, com uma camada sobreposta de caças desenhados em linhas azuis), e alguns anos antes eu tinha encomendado dele uma pintura para a capa do CD de retrospectiva do Rush (apropriadamente chamado de *Retrospective*).

Com a ajuda de uma lista telefônica, liguei para Dan, e ele me convidou para visitá-lo no dia seguinte, um domingo. Em um dia frio, mas ensolarado, percorri o caminho junto à parte da cadeia de montanhas que ficava no território de Alberta até chegar à cidadezinha de Canmore e estacionei a moto coberta de lama em frente à casa de Dan e Laurie, que ficava em uma rua bem arborizada. Não somente passei um dia e uma noite agradáveis com eles, como também levei comigo várias ideias inspiradas para o meu futuro imediato.

Apertados na caminhonete deles, primeiro fomos ver o cavalo de Laurie num estábulo próximo, e depois prosseguimos para o parque nacional Banff para fazer trilha em Johnston Canyon. Sob o céu azul e límpido da metade de setembro, Laurie levou seu cão para mais um passeio enquanto Dan e eu fizemos a trilha até as cachoeiras e lagos cristalinos chamados de Inkpots, conversando intensamente sobre Vida e Arte por todo o caminho. Dan complementava a renda inconstante de seu trabalho como pintor escrevendo e fotografando para revistas de *snowboard*, e me contou sobre suas aventuras em partes remotas da Colúmbia Britânica e do Alasca. Seu conhecimento sobre arte e seu bom gosto eram tão admiráveis quanto a maneira como ele os colocava em prática (um daqueles momentos memoráveis aconteceu enquanto passeávamos em sua caminhonete e tentávamos lembrar o nome de um artista: Dan me disse para abrir o porta-luvas e procurar na sua “enciclopédia de bolso sobre arte” – esse tipo de coisa me impressiona). E ele também sabia *cozinhar*. Depois de preparar uma deliciosa refeição de cogumelos e azeite no pão, massa com salmão defumado, frutas e legumes e uma garrafa de Barolo (minha humilde contribuição para o banquete), ele me mostrou seu estúdio no barracão do jardim, algumas de suas pinturas recentes e fotografias de

suas aventuras com *snowboard*.

Das inspirações que levei comigo na manhã seguinte, a mais importante foi ter me dado conta de que fazer uma trilha a pé poderia me envolver tanto e ser tão tranquilizador quanto andar de moto – um vislumbre que eu já havia tido lá em Muncho Lake e também em Vancouver, no Moedor Grouse. Comecei a cogitar ficar mais um ou dois dias e sair pelas matas a pé. Isso casou perfeitamente com a recomendação de Dan e Laurie para que eu visitasse o parque nacional Waterton Lakes, na fronteira com o parque nacional Montana's Glacier, e me hospedasse no hotel Prince of Wales. Dan também indicou uma estrada secundária através da região de Kananaskis, ao pé das montanhas, e esta acabou se revelando uma rota perfeita: um pouco de cascalho, um pouco de asfalto e um cenário *muito* lindo, com montanhas à direita e pradarias à esquerda. Vi um alce jovem, alguns cervos e até mesmo alguns bisões, e quando peguei as ruas da pequena comunidade de Waterton Park, já dentro do parque, vi bandos de carneiros selvagens pastando no gramado. Ao meu redor havia uma paisagem alta e majestosa de árvores que se erguiam abruptamente em pinceladas de verde-escuro que entremeavam os picos cinzentos e escarpados sob o sol brilhante e um céu muito, muito azul.

O Prince of Wales era um hotel enorme, construído em parte com madeira, localizado em um promontório sem árvores um pouco acima do nível do lago. Eu tive sorte por pegar um quarto perto do topo do prédio, com uma janela alta em estilo antigo com vista para a margem rodeada de árvores e para a vastidão tremeluzente de águas tranquilas que se estendia até Montana. A uma altura de 1.200 metros, o ar era fresco, limpo e delicioso. Por isso, escancarei a janela, empurrei uma cadeira de madeira para junto dela e me sentei com um copo de The Macallan diante daquela vista magnífica. Antes do jantar, reservei uma segunda noite e fiz planos para me manter ocupado e "não-pensativo" no dia seguinte.

De manhã, saí de moto até o cais do vilarejo e me juntei a um grupo de turistas para um passeio de barco ao redor do lago. A guarda florestal falava no sistema de som da embarcação enquanto seguíamos lentamente ao longo da margem de pinheiros, choupos-do-canadá, aspens balançando ao vento e lariços (que, conforme aprendi, nós do

leste chamamos de tamargas). Ela direcionava nosso olhar coletivo para as várias atrações da paisagem deslumbrante, incluindo uma faixa sem árvores de seis metros de largura que marcava a fronteira internacional e uma encosta de rochas que despencaram, chamada de "talus", constituída por rochas maiores do que as formações geológicas que eu já conhecia. Quando ela apontou para um urso-negro, o barco inclinou porque todos se dirigiram ao lado voltado para a margem para vê-lo.

Aparentemente, os ursos-negros e os ainda mais assustadores ursos-cinzentos eram abundantes nos parques geminados, e ela nos deu algumas dicas de como se comportar em relação a eles. Como eu planejava dar uma caminhada naquela tarde, prestei muita atenção em suas palavras. Primeiro de tudo, não os alimente ("Um urso alimentado é um urso morto"), e – algo que talvez fosse óbvio – tente ficar fora do seu caminho. Pelo jeito o lance era não *surpreendê-los*, e por isso ela recomendava que jamais caminhássemos pelas trilhas sozinhos (o que, no meu caso, era algo muito difícil de evitar) e fizéssemos muito barulho. Decidi tentar cantar – isso deveria assustá-los, a julgar pela reação típica dos *humanos* às minhas tentativas anteriores.

Depois de uma troca de óleo bem-sucedida no estacionamento atrás do "Pat's" – talvez o postinho de gasolina, oficina e loja de conveniências ideal –, e de uma visita à lavanderia do outro lado da rua (fiquei contente em perceber que minhas preocupações com a manutenção deram prioridade à moto!), dei uma volta ao redor do deslumbrante lago Cameron até o início da trilha de caminhada em direção às cachoeiras Backiston Falls. Enfiei minha roupa de estrada nas bolsas vazias e vesti jeans e tênis para fazer a trilha, depois me dirigi ao caminho estreito pela mata que seguia o curso do rio. Enquanto eu caminhava, cantei todas as canções de que consegui me lembrar, a maioria clássicos no estilo de Sinatra, como *I've got you under my skin*, *Gentle on my mind*, *The shadow of your smile*, *I can't get started* e, apropriadamente, *Old man river*. Acho que deu certo: não encontrei nenhum urso.

Contudo, outro tipo de predador estava à espreita. Sentei numa rocha perto do riacho e ouvi seu canto, como uma multidão

sussurrando. Avistei dois gaios-canadenses em um pinus contorta, uma das espécies de pinheiro existentes no parque. Estava pensando em como um verso como este tinha um bom ritmo – "*Two gray jays in a lodgepole pine*" ("*Dois gaios-canadenes num pinus contorta"*) – quando vi duas mulheres se aproximando: uma com seus 30 e poucos anos, a outra com talvez o dobro disso. Sem pensar muito nelas, achei que pareciam uma professora solteirona viajando com a mãe. Quando chegaram mais perto, a mais jovem gorjeou:

– Olá outra vez!

Confuso, não consegui imaginar nada a não ser que elas deviam estar no mesmo grupo de turistas do barco, e respondi:

– Hum, olá.

Ela se aproximou, olhando fundo em meus olhos, e disse com um entusiasmo jovial:

– Você deve ser o dono daquela BMW *maravilhosa*!

Eu amava muito a minha fiel montaria, mas sabia que aquela moto era tudo, menos "maravilhosa" – sobretudo aos olhos de uma pessoa "delicada e sensível", e senti aquele desconforto de ansiedade novamente.

– Bem, eu não diria que ela é *maravilhosa*, mas é segura e confiável.

Se eu tivesse pensado mais rápido e fosse um pouco mais charmoso, talvez tivesse acrescentado: "Como eu". Mas raramente sou sofisticado a esse ponto, e eu me sentia confuso demais por aparentar outra vez ter um charme irresistível. Ainda estava desconfortável com a aura estranha que eu parecia projetar: o brilho do meu Ar de Tragédia. Encolhendo-me todo, sorri para elas, acenei e escapei de volta para a trilha, cantando para os ursos. Ou talvez não *para* eles, para dizer a verdade, e sim *contra* eles.

De volta ao estacionamento, vesti novamente a minha roupa de estrada, e, enquanto procurava minhas chaves no bolsinho do cinto superlotado, os meus dedos se perderam em meio a um amontoado de coisas: carteira, diário, bloco, caneta, cigarros e isqueiro. Tive uma explosão de raiva e comecei a *falar* com as minhas coisas:

– Parem de tirar sarro de mim, todos vocês, ou vou levá-los de volta para casa!

Quando me dei conta do que estava fazendo, soltei uma gargalhada alta. Não havia mais dúvidas: eu estava enlouquecendo.

De volta ao hotel Prince of Wales, decidi ir até o bar em vez de ficar bebendo sozinho no meu quarto. Enquanto eu tomava um Glenfiddich e admirava a maravilhosa vista para o lago, me envolvi em outra cena de espontaneidade amigável entre desconhecidos. A guarda florestal do passeio de barco tinha mencionado que, comparado a Banff ou a Lake Louise, o parque nacional Waterton Lakes recebia dez vezes menos turistas, e que isso definitivamente ajudava a torná-lo mais atraente para aqueles que o visitavam. Afinal, era isso que permitia que as pessoas apreciassem não apenas a paisagem e a vida selvagem, mas também *umas às outras*. Outro fator que contribuía positivamente para a atmosfera do próprio hotel era que o fechamento da temporada ocorreria dentro de dois dias. Assim, havia um clima descontraído entre os funcionários e um tipo de camaradagem entre os hóspedes por fazer parte do clube dos "últimos a sair".

Vendo meu binóculoo sobre a mesa, um turista inglês apontou para um urso na relva, junto ao declive da margem mais longínqua desta parte estreita do lago. Enquanto ele saía, passei a localização do urso para outros clientes do bar; cheguei até a lhes emprestar meu binóculo para que pudessem vê-lo melhor. Como no restaurante Lighthouse lá em Haines, no Alasca, uma onda de conversas compartilhadas e de apreciação mútua emergiu do grupo.

De volta ao bar depois do jantar (para os "Três Cs"), o *barman* me serviu uma taça gigante de conhaque Remy Martin. Ele me disse sorrindo:

– Fim de temporada.

Perguntei a respeito das músicas que estavam tocando naquela tarde, e soube que faziam parte da trilha sonora de *Os Últimos Rebeldes*, um filme de que Selena gostava. Agora, estava tocando outro CD legal – o álbum ao vivo do Counting Crows –, seguido de um grupo irlandês mais tradicional chamado Irish Descent. O hotel Prince of Wales estava definitivamente conquistando minha cobiçada classificação cinco estrelas, e poderia se dizer o mesmo do parque que o circunda.

Ainda assim, o local também foi assombrado – até mesmo por alguns fantasmas *novos*. Naquela noite, meu irmão Danny me disse no telefone que nosso velho cão, Nicky, que estava sob os cuidados dos meus pais, tinha contraído um tipo de tumor e que eles haviam decidido submetê-lo à eutanásia. Sob as atuais circunstâncias, essa notícia não me abalou seriamente em comparação com minhas outras perdas, mas ainda assim era uma perda a mais. Se eu pudesse me sentir ainda mais triste, eu o teria feito.

Na noite anterior, eu tinha deixado minha janela aberta para que o ar noturno entrasse até cerca de três da manhã, quando acordei tremendo. Pulei da cama para fechar a janela e então me aconcheguei sob as cobertas. Percebi que meu pequeno termômetro no chaveiro marcava 10°C. Na segunda noite, contudo, não foi o frio que me acordou, mas um som alto e estranho do lado de fora da minha janela, um tipo de som agudo e áspero, como um "Riiiii!"

Tendo sido despertado de maneira tão abrupta, escutei o som outra vez e senti um tremor tenso gerado por algo mais do que o ar gelado da noite. Mais uma vez, Riiiii!, como o grito de uma gaivota. Parecia vir do lado de fora, mas era muito próximo. Eu tinha visto gaivotas-de-bico-riscado sobrevoando o lago naquele dia, mas por que uma gaivota estaria do lado de fora da minha janela nas altas cumeeiras do hotel à uma da manhã? Meus dedos tatearam a luminária ao lado da cama até que achei o interruptor. Quando acendi, a luz brilhou e iluminou uma coruja grande e clara sentada ereta, do jeito que as corujas fazem, bem do lado de fora da minha janela. (Mais tarde, procurei no meu guia de campo e a identifiquei como uma coruja-do-nabal.)

O mais estranho era que esse predador noturno não estava gritando seu desafio e seu alerta para o ar noturno, mas diretamente para mim – como o corvo de Poe, talvez –, e agora estava sentado calmamente, observando-me do parapeito a apenas alguns metros do pé da cama. Por uns trinta segundos, fui dominado por uma mistura de curiosidade e medo primitivo. Então, ela se virou e desapareceu em um voo silencioso.

"Uau!" foi o melhor que pude fazer em termos de reação verbal àquela aparição bizarra, porque esse aparente mensageiro do mundo

espiritual era muito mais intimidante do que as duas focas fofas na enseada de Burrard. Pensei no título de um livro de Margaret Craven, *I heard the owl call my name* (*Eu ouvi a coruja chamar meu nome*), e lembrei que na história o chamado da coruja simbolizava a Morte se aproximando daquele que o ouvia. Senti outro tremor involuntário.

Então, sacudi a cabeça com repulsa diante da ideia e revirei os olhos:

– Isto está ficando esquisito demais.

We suspend our disbelief
And we are not alone

Deixamos em suspenso as nossas descrenças
E não fomos os únicos

(Mystic Rhythms, 1985)

Capítulo 6
A ESTRADA MAIS SOLITÁRIA DA AMÉRICA

Try to hold some faith in the goodness of humanity

Tente ter um pouco de fé na bondade dos homens

(Nobody's Hero, 1993)

Por experiência própria, concluí que os pequenos postos situados nos pontos mais remotos da fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos sofriam de transtorno de personalidade múltipla. Na maior parte das vezes, o oficial perguntava duas coisas (De onde você é? Para onde você vai?) e mandava você seguir. Às vezes, fazia perguntas sobre a moto e as viagens apenas para ser simpático, ou mesmo se fosse um pouco curioso. Contudo, em raras ocasiões, os oficiais da alfândega com empregos ruins por terem sido mandados a esses lugares pequenos e longe de tudo pareciam meio "doidos", e decididos a criar grandes problemas.

Ao sair do Parque Nacional Waterton Lakes, eu planejava visitar o Parque Nacional Glacier, logo na fronteira com Montana (a outra parte do que era conhecido como "Parque Nacional Waterton Glacier"). Mas, enquanto consultava o mapa, percebi que a cidade de Fernie, na Colúmbia Britânica, onde meu amigo e companheiro de Rush Alex tinha nascido, ficava logo a oeste. Não seria divertido enviar para ele um cartão-postal de lá? Ficava apenas 800 quilômetros fora do meu caminho (uma mera alternância de paisagem) e oferecia uma rota mais ao sul, de volta às Rochosas e passando sobre Crowsnest Pass, pela qual eu nunca tinha andado antes. De lá, eu poderia seguir as curvas da rota Highway 3 até a cidade de nome eufônico, Yahk, cruzar a fronteira para o Estado norte-americano de Idaho e rumar para leste novamente em direção a Glacier.

O Idaho Panhandle, ou "cabo de frigideira de Idaho", é um canto dos Estados Unidos um tanto quanto infame, pois sabia-se que ali survivalistas (uns tipos que se preparam para o fim do mundo armazenando alimentos e armas) e supremacistas brancos se reuniam e viviam "fora dos padrões". Achei que poderia ser interessante atravessar aquela região, então escolhi um ponto no mapa com o símbolo de bandeiras cruzadas que representava uma fronteira internacional e segui até lá.

Mesmo a mais inocente das pessoas fica apreensiva antes de cruzar uma fronteira, e quanto mais eu me aproximava dela, mais eu pensava sobre possíveis fontes de "incômodo". Antes de partir, eu tinha pedido a Sheila que me arranjasse alguns cartões de crédito sob um pseudônimo, John Ellwood Taylor (um bom nome para um *bluesman*,

pensei, criado a partir do sobrenome de Jackie, meu próprio nome do meio e o mais comum dos prenomes em inglês). Isso ajudaria a preservar meu anonimato em hotéis, restaurantes e postos de gasolina. Pensando como um policial, imaginei que isso poderia parecer suspeito. Além disso, eu portava alguns "sedativos de emergência" (em caso de eu ficar preso em algum lugar!) receitados pela doutora Janette ainda em Vancouver, e ela tinha feito a receita discretamente para o meu pseudônimo. Dessa forma, isso também poderia ser um problema.

Logo antes do pequeno posto da Polícia de Alfândega e Imigração dos EUA, parei para remover meus tampões de ouvido, então rodei até em frente à cancela e desliguei o motor. Um uniforme com uma cara de fracassado dentro se inclinou em minha direção e perguntou se eu tinha algo a declarar. E eu disse:

– Duas carteiras de cigarros canadenses.

Então ele fez sinal para que eu fosse até o acostamento do outro lado do posto.

Lá dentro, um oficial mais jovem e muito sério me informou que eles haviam tido "incidentes com reféns" e ordenou, em um tom severo e militar, que eu tirasse minha jaqueta lentamente e esvaziasse todos os meus bolsos (ele suspeitou do tubinho de plástico onde eu guardava os tampões de ouvido e de um recibo de lavanderia).

Então, ele disse:

– Puxe sua camiseta e vire-se lentamente para me mostrar que você não está portando uma arma. Ok, sente-se ali e não se levante nem faça qualquer movimento, a não ser que você seja instruído por outro policial. Agora eu vou inspecionar seu veículo.

Intimidado? Acho que eu estava mesmo. Normalmente, quando submetido a qualquer inspeção desse tipo em qualquer passagem de fronteira ao redor do mundo, eu exigiria estar presente durante a revista da moto, mas fiquei tão chocado com esse nível de paranoia que apenas fiquei lá sentado, nervoso e preocupado com o que ele estava prestes a encontrar. Alguns minutos depois, o oficial veio até mim com minha carteira e suas "luvas de busca" brancas e exigiu que eu verificasse seu conteúdo. Então, dez longos minutos depois, ele voltou, tirou as luvas e me cobrou dois dólares e quarenta centavos

por “exceder a cota de cigarros”. Cara!

Mais tarde, escrevi: “Dia agradável até o momento da passagem de fronteira com os fascistas”.

E tinha sido mesmo. Mais cedo naquele dia, em mais uma manhã fria e ensolarada de setembro, eu tinha seguido para oeste até Crowsnest Pass, parando no local de uma famosa tragédia, a Frank Slide, onde em 1903 a lateral da montanha desabou no meio da noite (por que os deslizamentos e terremotos parecem sempre acontecer no meio da noite?) e soterrou a maior parte da cidadezinha de Frank, matando 60 pessoas. Fiquei lá sobre o campo elevado acima do entulho e pensei naquelas pessoas, tentando imaginar a enormidade daquele acontecimento, e outra vez a palavra “cidade-fantasma” me veio à mente.

Como Nelson, Fernie era uma pequena comunidade nas montanhas construída em parte pelo trabalho pesado (mineração e corte de madeira) e em parte pelo lazer ao ar livre que proporciona, já que é cercada de montanhas e lagos que oferecem atividades tanto no verão quanto no inverno. Enquanto passeava pela rua principal um tanto incomum e um tanto prosaica (as praticidades das ferragens e das lojas de roupas de trabalho ao lado dos “brinquedinhos” para *snowboard* e das bicicletas), decidi que o melhor lugar para encontrar um cartão-postal com “Fernie” escrito seria a farmácia. E, de fato, alguns minutos depois eu estava sentado em minha moto apoiada no cavalete escrevendo um cartão para Alex.

Preocupado apenas com que o nome “Fernie” aparecesse no cartão, nem prestei atenção na foto quando o comprei, mas antes de começar a escrever nele eu reparei na legenda: “Ghost Rider”. Virando o cartão, vi a foto de uma nuvem lenticular desprendendo-se do pico da montanha Trinity. Parece que *Ghost Rider* era a nomenclatura local dada a esse fenômeno atmosférico.

Agora é hora de explicar que Alex e eu tínhamos um jeito específico de escrever um para o outro que chamávamos de “idiotês”. Com a caneta na mão esquerda (a errada), comecei a rabiscar: “Mim ser *u goust raider*”. Então parei, atirei a cabeça para trás e pensei: “Uau, é isso aí! Eu *sou* o *ghost rider*!” Os fantasmas que carregava comigo, o modo como o mundo e as vidas das outras pessoas pareciam

irreais e diáfanas e como eu mesmo me sentia alienado, desintegrado e desligado da vida ao meu redor. “É isso aí”, pensei, “sou bem eu mesmo. Eu sou o *ghost rider*!”

Mas nem mesmo um *ghost rider*, um motoqueiro fantasma, poderia passar pelas fronteiras internacionais sem ser molestado por fascistas, e depois daquele acontecimento desagradável eu fiquei perturbado pelo resto do dia. Pelo menos a viagem foi boa, seguindo por uma estrada de pista dupla através da floresta e das montanhas banhadas pelo sol. Ainda curioso devido à reputação local, explorei uma estrada de chão que cortava um ponto no mapa chamado de Moyie Springs, mas não vi sinais visíveis de supremacistas brancos ou de survivalistas (embora eu imagine que eles dificilmente quisessem *chamar a atenção*).

No final da tarde, parei num hotel em Kalispell, no Estado de Montana, o que me permitiria sair cedo no dia seguinte para uma dar uma volta pela famosa estrada *Going to the Sun Highway* (*Estrada Rumo ao Sol*) no parque nacional Glacier. O jantar veio somar-se ao que foi uma recepção pouco agradável por parte dos Estados Unidos, com uma “refeição medíocre de tortellini de gosto estranho e sopa de lentilha sem lentilha com um ‘hottle’ de café – não tinha mais visto um desses por... bem, não por tempo o suficiente”. Também me senti inclinado a anotar, nem sei por que razão, que a refeição tinha custado vinte dólares americanos. Talvez porque fosse ruim e ao mesmo tempo superfaturada.

Escrevi também sobre quantos homens mais velhos eu tinha visto naquela viagem. Eram americanos e canadenses que usavam calças jeans com um cinto *abaixo* de suas barrigas protuberantes e suspensórios, permitindo que fingissem que ainda vestiam o mesmo tamanho de roupas da juventude. Para isso, puxavam seus cintos ainda mais para baixo sem, contudo, deixar a parte de trás exposta. As mulheres que os acompanhavam geralmente demonstravam a mesma vaidade sem noção (“vaidade sem dignidade”, como defini): pareciam incapazes de enxergar a aparência que elas tinham *de fato*. Mulheres com seus 50, 60 anos vestindo-se, arrumando-se e agindo como as garotas que imaginavam ainda ser, embora as décadas passadas as tenham deixado enrugadas, endurecidas, embotadas e – quase sempre

– *grandes*. (Pensamentos de um cérebro amargo em um período especialmente amargo).

Para completar minha noite de "boas-vindas" à América, eu não pude sequer fazer uma caminhada depois do jantar, pois o hotel estava localizado numa rua movimentada repleta de restaurantes, postos de gasolina, lojas e outros hotéis, e não havia calçada ou passadiço em que se pudesse andar. Com o trânsito a mil e carros entrando e saindo dos estacionamentos, logo concluí que dar uma volta por ali seria uma missão escura, perigosa e nada gratificante. Então, decidi me refugiar no meu quarto para ler *Martin Eden*, de Jack London.

O hotel tinha cafeteira nos quartos, e levantei cedo para tomar uma xícara de café forte, carregar a moto e rodar pela manhã fria e nublada até a entrada do parque nacional Glacier. A estrada *Going to the Sun Highway* tinha sido construída a pedido de Joshua Logan, um dos primeiros diretores do parque, a fim de facilitar o acesso à paisagem deslumbrante do local, e na época ela foi considerada um triunfo da engenharia. Aberta somente no verão, ela sobe por curvas estreitas e sinuosas até Logan Pass, a 2.000 metros de altura, cercada de picos que chegam a 3.000 metros. Enquanto eu trafegava por declives escarpados e trechos em zigue-zague, fui convencido a ir mais devagar e apreciar a vista. "Não é um trecho para andar de forma impetuosa", escrevi, "mas é deslumbrante." Olhei para o mapa assim que avistei uma coruja-do-nabal voando, e vi o ponto em que eu estava: a cerca de 16 km do parque nacional Waterton Lake, onde eu havia estado apenas dois dias e 900 quilômetros antes, e me perguntei se minha "volta panorâmica" tinha sido uma escolha inteligente. De qualquer maneira, apesar dos fascistas na fronteira e da estadia deprimente em Kalispell, ao menos ela tinha servido para que eu descobrisse que *era* o Ghost Rider.

Ao meio-dia, cheguei ao Glacier Park Lodge, um resort enorme feito de vigas de troncos que havia sido construído perto da estação de trem da Great Northern Railway, em Glacier East (outra imponente estrutura de troncos, agora operada pela companhia ferroviária Amtrak). A estação tinha sido construída numa época anterior às rodovias interestaduais e aos motor-homes, quando turistas com

recursos e tempo de lazer suficientes chegavam de trem e faziam viagens no lombo de cavalos de carga através do parque, cruzando por vezes a fronteira até chegarem ao hotel Prince of Wales.

Mais uma vez, cheguei a este hotel poucos dias antes do fechamento de fim de temporada, e portanto havia menos hóspedes que de costume e a atmosfera estava mais tranquila. O amplo interior do lobby tinha pilares e colunas de troncos gigantes que se erguiam pelos três andares até as vigas superiores de madeira, bem acima das lareiras cavernosas e da mobília confortável. Fui arrebatado de imediato pelo seu esplendor rústico, tão reminiscente de outra era, e reservei uma segunda noite, preparado para tentar fazer uma trilha realmente difícil. Como tinha pulado o café da manhã, eu estava mais do que pronto para um vigoroso almoço de chili com vinho tinto, seguido de uma caminhada até a vila vizinha para comprar uma mochila pequena e uma garrafa de água.

Numa "caminhada de aquecimento" à tarde, parti numa trilha que tinha placas com o seguinte aviso: "Você agora está entrando no território do urso-cinzento". Novamente, cantei por todo o caminho, e bati palmas quando não consegui me lembrar de outra canção rápido o suficiente (os guardas do parque disseram: "Apenas continue fazendo sons claramente *humanos"*). A trilha era uma subida no meio da mata até o topo de uma colina com vista panorâmica, exposta ao vento e com capim ondulante e pinheiros atrofiados, a cerca de 1.500 metros de altitude. Daquele ponto espetacular e privilegiado, consegui entender o significado do *slogan* dos dois parques: "Onde as montanhas encontram a pradaria". Numa direção, via-se o vale de florestas até os declives verdes e picos cinzentos das Rochosas. Erguendo meu binóculo para observar melhor, avistei um alce atravessando lentamente a relva alta. Na outra direção, havia a pradaria dourada que balançava calmamente, e ergui meus óculos para observar uma ave de rapina domando o vento tempestuoso à distância.

O dia seguinte trouxe tempo nublado, temperaturas baixas e uma chuva ameaçadora, mas durante o café da manhã eu consultei os mapas das trilhas e pedi um almoço embalado para levar na minha nova mochila. Optei pela trilha até Squaw Peak, que parecia ter uns

15 quilômetros já contando a ida e a volta, e perguntei aos funcionários da recepção do hotel, a maioria jovens estudantes, se eles sabiam algo sobre aquela trilha. Felizmente, um deles havia feito aquela mesma trilha no mês anterior, e ele me deu algumas dicas valiosas – principalmente ao me informar que tinha se perdido quando voltava por uma seção sem sinalização e que precisara "abrir caminho a facão" por um tempo. Decidi que, quando eu alcançasse aquela parte da trilha, no ponto em que ela desaparecia em meio a uma barreira de arbustos raquíticos, faria algumas marcas estratégicas com meu canivete suíço.

Uma chuva fina caía enquanto eu caminhava pelas matas escuras, mas por sorte o solo tinha cascalho e era bem drenado, de modo que a trilha nunca ficava lamacenta demais. Vestido com um chapéu e uma jaqueta impermeáveis, eu estava quente e seco o suficiente (exceto pelos meus pés), e logo engatei um ritmo consideravelmente rápido. Cantei e falei alto por todo o caminho.

Um tetraz canadense estava parado ao lado da trilha enquanto eu me aproximava. Parei e me virei para cantar para ele o refrão de *Gentle on my mind: "But not to where I cannot see you, standin' on the back road, by the river of my memory, ever smilin', ever gentle on my mind" ("Mas não para onde eu não possa te ver, parada na estrada secundária, perto do rio da minha memória, sempre sorrindo, sempre gentil em minha mente")*.

O tetraz ficou estático na minha frente o tempo todo, a uns três metros de distância, parecendo hipnotizado pela minha performance da canção – um dos grandes clássicos da poesia americana em forma de letra de música, como também eram *Ode to Billie Joe*, *By the time I get to Phoenix* e *Little green apples* (ao menos quando era o Sinatra quem cantava). Mais uma vez, contemplei o estranho comportamento de pássaros e de mulheres.

Enquanto eu subia acima da linha das árvores para dentro de um terreno de arbustos esparsos e rochas nuas, comecei a ver muitas pegadas de animais no solo macio, bem como algumas pilhas de excrementos ao lado delas. A julgar pelo conteúdo dos dejetos, achei que podia identificar um alce, um veado ou uma ovelha – e também um espécime fresco e cheio de frutinhas semidigeridas que só poderia

ter sido deixado por um urso. Em lugares onde a terra tinha sido cavada com garras afiadas, sinal inconfundível de que um urso-cinzento tinha passado por ali, tive certeza de que poderia farejar um almíscar denso e desagradável no ar úmido que só poderia ser o odor corporal de um urso. Sentindo-me exposto e vulnerável, juntei uma pedra pontuda do tamanho de um punho fechado e a levei comigo. Até naquela hora isso me pareceu patético, mas eu não me entregaria sem antes lutar.

Eu estava quase alcançando as nuvens quando a trilha definhou em uma descida de pedras que marcava a base do pico, uma pirâmide escarpada de rochas úmidas e expostas. Abrigando-me do vento gelado atrás de uma das rochas, abri o meu embrulho e me sentei para devorar um sanduíche, uma maçã e biscoitos. Fiquei o tempo todo batendo as mãos contra as calças jeans para continuar emitindo "sons humanos", imaginando que havia um urso-cinzento à espreita atrás de cada uma das rochas. Curvando-me sobre o meu diário para protegê-lo da chuva, escrevi: *"Definitivamente, é assustador saber que eles estão por toda a volta e que seu comportamento é imprevisível. Além disso, eles devem estar querendo o meu sanduíche de presunto e queijo!"*.

Após observar a vista encharcada na direção ao minúsculo hotel, que ficava a três quilômetros de distância, e da floresta que abria caminho para a pradaria, olhei para cima e contemplei a próxima parte da escalada: uma longa subida por rochas escorregadias devido à chuva. Percebi que a vista não seria muito mais abrangente lá de cima – se é que eu conseguiria ver alguma coisa, já que as nuvens estavam descendo ainda mais. E se eu ficasse perdido naquela neblina? Ou se eu caísse e me machucasse? A parte de mim que se focava mais em cumprir metas ainda queria subir, mas o survivalista pensou melhor e, pelo menos desta vez, foi ele quem deu a palavra final.

Comecei a descida, uma caminhada tranquila morro abaixo. A chuva estava ficando cada vez mais forte. Na hora em que cheguei ao hotel, o monte Squaw Peak já tinha sido engolido pelas nuvens, e então eu soube que o survivalista tinha tomado a decisão certa. Tirei minhas roupas molhadas para tomar uma ducha quente, enchi meus sapatos embarrados e molhados com jornal e os coloquei sob o radiador da calefação, que emitia sons que pareciam ter saído do filme

Eraserhead. Pendurei o resto das coisas pelo quarto para que secassem enquanto eu descia até o bar para uma merecida dose.

A chuva continuou por horas, e a previsão do tempo na TV do bar chegou a mencionar a possibilidade de neve. Parecia que eu não poderia "ir para o sol" no dia seguinte, como prometia o nome da rodovia. Sentei com o mapa aberto à minha frente no bar enquanto bebia o meu uísque e pensei para onde iria em seguida. Havia uma frase pendurada na parede, atribuída a alguém chamado Reggie Leach:

"Sucesso não é o resultado de combustão espontânea; você tem que incendiar a si mesmo".

Boa, Reggie, seja lá quem você for. (Um jogador de hockey dos anos 70, pelo que fiquei sabendo).

Escrevi às pressas um cartão-postal para o vovô, que estava em sua casa de repouso em Ontário, contando a ele sobre como tive sorte ao escapar dos ursos-cinzentos. Escrevi também para um amigo negligenciado, meu outro colega (junto com o já mencionado Alex), Geddy, baixista e vocalista do Rush. Assim como Alex, Geddy tinha sido um amigo leal e solidário ao longo de todos os meus problemas: depois da morte de Selena, ele passava o tempo todo na Casa do Luto (ele foi o primeiro a fazer Jackie rir naqueles dias terríveis, assim como Alex foi o primeiro a fazer com que ela comesse alguma coisa, ainda que fosse apenas um caldo. Quando ela não conseguia empurrar nem aquilo pra dentro, Alex a fazia rir de novo, dizendo: "Ora, tudo bem – agora você pode ser uma *top model*!")

Certa noite Geddy nos visitou em Londres durante uma de suas passagens pela cidade. Enquanto eu ("Chef Ellwood") trabalhava na cozinha, escutei Jackie conversando e rindo com ele, enquanto ele a distraía e animava. Por uma noite, que fosse.

Geddy e Alex, meus parceiros de Rush ao longo de 24 anos de altos e baixos na profissão, tinham provado ser também amigos bons e dedicados. Quando contei a Geddy que eu estava partindo para esta "viagem para algum lugar", ele se ofereceu para me encontrar "em qualquer lugar, a qualquer hora" caso eu precisasse de companhia. Eu sabia que ele estava falando sério, e prometi que manteria isso em mente. Tentei escolher um lugar bom, como os estados norte-

americanos de Dakota do Norte ou Iowa, para intimá-lo a fazer uma visita de "resgate".

No cartão-postal para Geddy, também fiz brincadeiras sobre os ursos-cinzentos da minha caminhada, e contei para ele que tinha levado uma "pedra pontuda para socar o urso – yeah! Isso aí" e que eu estava tão bem quanto se poderia esperar. Essa era uma frase que eu e Jackie tínhamos adotado como resposta oficial para os amigos que perguntavam como andávamos. "Tão bem quanto se poderia esperar."

Embora "quanto se poderia esperar" fosse algo discutível, a frase ainda estava em consonância com a maneira como eu me sentia e com o estado da minha pequena alma de bebê. Meus dias continuavam parecendo tramas entrelaçadas de luz e escuridão, esperança e desespero, embora minhas noites fossem na maior parte negras e "assombradas".

O pior de tudo era que muitas vezes eu acordava às três ou às quatro da manhã e ficava deitado por uma hora ou mais, olhando fixamente para a escuridão e tendo pensamentos ruins – muito ruins. Essa maldição parecia ter aumentado desde nossa estada em Londres, e o problema parecia ser meu estômago – embora eu nunca sentisse dor, apenas um pouco de desconforto, como se fosse uma má digestão. Às vezes, não conseguia sequer entender por que estava acordado. Nunca conseguia identificar o que poderia ser a causa daquele tormento – comida pesada, carne, álcool. Perguntei ao meu diário: "O abuso que causou este insulto à minha antes saudável constituição foi autoinfligido, ou é fruto dos incômodos profundos e constantes da minha vida recente?". Uma ótima pergunta.

De qualquer forma, nos últimos tempos eu definia meu progresso geral na Estrada da Cura como: "Um passo à frente, um passo para trás".

Na manhã seguinte, a combinação clarividente entre o mapa e a previsão do tempo decidiu que eu deveria voltar para o oeste, cruzando Idaho até chegar ao rio Colúmbia, e então deixar o clima me dizer para onde seguir depois. Apesar da previsão nada promissora, no fim das contas peguei bastante sol, e isso me encorajou a tomar alguns caminhos paralelos para não percorrer a mesma rota outra vez. Saindo de Whitefish para o norte com destino a Eureka, através das

inevitáveis montanhas cobertas de florestas (meu “refúgio da alma”, afinal das contas), então de volta ao sul para Libby (na “excelente estrada 37”, como descrevi no diário) ao longo da breve extensão do lago Koocanusa (fiquei me questionando sobre o nome dado a essa represa que contornava a fronteira: acho que é um nome composto pela floresta nacional Kootenai, que fica nas redondezas, e os nomes dos dois países, Canadá e Estados Unidos – USA, em inglês. Algo semelhante à falta de imaginação encontrada nas fronteiras entre os estados americanos mais ao sul, que traziam sempre combinações de seus nomes: Texoma, Uvada, Calneva, Mexicali e por aí em diante).

Cruzando novamente o Idaho Panhandle, dobrei para o sul em Bonners Ferry (na “movimentada estrada 95”) atravessando Coeur d’Alene (a fonte deste nome, “coração de uma sovela”, é ao mesmo tempo estranha e desconhecida) e Moscow. Rumei para o sul através do canto oeste de Idaho, em meio a “mares tempestuosos de trigo” naquele dia claro e de muito vento, até Lewiston, nomeada em homenagem ao explorador Meriwether Lewis. Seu parceiro, William Clark, foi imortalizado no lado oposto do rio Snake, em Clarkston, no Estado de Washington. Parei num belvedere alto e, com um “uau” automático, olhei para baixo a 600 metros de altura para ver as duas cidades pequenas junto ao grande rio. O local em que eu estava deveria ter sido um banco do rio na era pós-glacial. Um cartaz com informações históricas indicava uma antiga estrada para carroças logo abaixo de uma ladeira íngreme, e decidi entrar em Lewiston por aquele caminho, feliz por encontrar um hotel após nove horas e 761 quilômetros.

Do restaurante do hotel, chamado “Meriwether’s”, olhei de volta para aquele mesmo ponto lá em cima. O penhasco enrugado e sem árvores estava encoberto pela sombra no entardecer translúcido, as luzes começando a surgir nos ranchos acima, junto à velha estrada de carroças. O próprio restaurante era uma estranha mistura do melhor e do pior da tradição americana: uma sala de jantar elegante decorada com velas, toalhas de linho, delicadas luzes cintilantes e janelões de vidro laminado com aquela vista esplêndida, um garçom eloquente e bem-vestido, que usava gravata e tinha a barba bem aparada, e um menu ambicioso que oferecia sugestões de vinho ao lado de cada prato

(eu escolhi uma jambalaia bem apimentada e um Chardonnay para acompanhar).

Contudo, o "entretenimento" no Meriwether's era proporcionado por um piano com som abafado, tocado por um homem robótico que lembrava o Harpo Marx cantarolando músicas de cabaré. E os poucos clientes (apenas seis, num sábado à noite) estavam vestidos como "motoristas de trailer tentando ser chiques", com um visual unissex composto por cortes de cabelo curtos na frente e compridos atrás (mais conhecidos como "mullets"), bonés de beisebol, bermudas e camisetas estourando por causa da obesidade, óculos enormes com armação de plástico e o inevitável estraga-prazeres de uma criança mal-educada berrando. (Maldoso outra vez, pode até ser, mas perceba que só um pobre freguês no Meriwether's estava sentado sozinho…)

Muitas vezes, sair cedo numa manhã de domingo era algo que me recompensava ao oferecer um mundo só para mim enquanto a população local dormia até tarde e mantinha seus carros e caminhonetes ainda estacionados na entrada de suas casas e nas garagens. Vivenciei outra manhã clara e fria por estradas vazias conforme cruzava para a margem do rio Snake situada no Estado de Washington, rumo ao que eu descrevi como "colinas sharpei": sem árvores e cheias de sulcos cobertos de relva amarela. "Andando dentro do limite, 100-120 km/h."

Em Walla Walla – a "capital da cebola", conforme tanto as placas quanto o perfume no ar atestavam –, comprei mapas dos estados de Oregon e Washington. Depois parei para o café da manhã num restaurante do centro com ar nostálgico chamado Red Apple. Com um tempo tão bom, arrisquei ir para oeste, região dos dois estados onde geralmente chovia muito, porque eu tinha ouvido falar de certas atrações misteriosas junto ao rio Colúmbia: uma réplica em tamanho real de Stonehenge, um *château* chamado Maryhill – que tinha sido transformado em um museu de arte no meio do nada – e a estrada Columbia River Scenic Highway.

Uma estrada-fantasma.

Hoje em dia, restam apenas dois trechos curtos da Columbia River Scenic Highway, uma maravilha da engenharia inaugurada em 1915 e agora quase que totalmente substituída pela rodovia Interstate 84. Era

uma anomalia na história das estradas americanas, porque não tinha sido construída para levar os pioneiros até a fronteira ou para transportar produtos aos mercados, mas simplesmente para tornar a paisagem espetacular do cânion do rio Colúmbia acessível aos motoristas. E, embora tenha sido paga pelos contribuintes do Oregon, ela era o resultado da visão e do sonho de um único homem: Samuel Hill.

Quando ainda era um jovem advogado a serviço da Great Northern Railway, Sam Hill se casou com a filha do chefe, e dessa forma deslanchou sua carreira como magnata da ferrovia e das finanças (no seu atestado de óbito, em 1931, constava como profissão "capitalista"). Mas, ao contrário do clichê de "barão ladrão" movido a ganância e poder, Sam Hill pertencia a outra espécie de norte-americanos típica da época: um homem cujos sonhos não terminavam quando ele juntava uma fortuna; eles apenas *começavam* ali.

Numa faixa remota de bancos descampados do seu amado rio Colúmbia, Sam Hill construiu uma comunidade utópica que perdurou por pouco tempo e se chamava Maryhill (o nome de sua então ex-mulher, que havia se mudado para Washington D.C.), fez experiências com fazendas irrigadas e pomares, construiu a primeira estrada pavimentada do Estado de Washington, comissionou um memorial de guerra que era uma réplica em tamanho real de Stonehenge (como Stonehenge teria sido quando "nova" – e se os druidas tivessem construído seus observatórios celestiais e altares para sacrifícios humanos em concreto armado). Na fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos, ao sul de Vancouver, ele também comissionou um "Arco da Paz" em estilo romano (se os romanos tivessem construído seus arcos do triunfo em concreto armado).

Na margem elevada ao norte do rio Colúmbia, Sam Hill construiu um enorme *château* (sim, de concreto armado), também nomeado Maryhill, embora Mary aparentemente já tivesse partido havia muito tempo e nunca tenha feito uma visita ao local. Sam se consolou com amantes, vários filhos bastardos e um longo relacionamento com Marie, a rainha da Romênia, que ele tinha conhecido quando promovia ações da Great Northern junto à realeza europeia.

O biógrafo da rainha, Edmond S. Ellerby, descreveu Sam Hill como

“um delirante excêntrico americano, um homem gigante com cara de cão pastor adulto e querúbico, cabelo espantosamente grisalho e pendor para a construção de monumentos precários para dar vazão aos seus sonhos”.

A própria rainha escreveu: “Às vezes suas ideias surgem tão rapidamente e ele fala tão depressa que seus amigos mal conseguem entendê-lo. Às vezes, as coisas que os sonhadores fazem parecem incompreensíveis para os outros, e todo mundo se pergunta por que os sonhadores não veem o mundo da mesma forma que os outros veem”.

Quando ficou pronto, em 1926, Maryhill se tornou um museu de arte, e assim permaneceu até os dias de hoje. Ele exibe arte nativa, uma coleção de desenhos e uma escultura de Rodin, além de abrigar exposições sobre a família real da Romênia.

“Às vezes, as coisas que os sonhadores fazem parecem incompreensíveis para os outros.” O mesmo pode ser dito a respeito de “ghost riders”. Contudo, aquele dia seria descrito em meu diário como um “dia de turismo perfeito – clima, mudanças de paisagens, atrações à beira da estrada”.

De Walla Walla, fui levado para o oeste passando por lindas cidadezinhas da zona rural. E, como acontecia com frequência nos centros dos condados americanos, fiquei impressionado com os foros de Justiça. Deveria existir um livro ilustrado sobre a variedade de locações e estilos encontrados nesse tipo de construção ao redor de todos os Estados Unidos. Eu me perguntei se aquelas cidadezinhas tinham economizado o dinheiro de seus contribuintes compartilhando os mesmos projetos arquitetônicos de seus imponentes edifícios neoclássicos com os centros de outros condados – que, afinal de contas, poderiam estar a centenas ou milhares de quilômetros de distância. Concluí que o orgulho cívico provavelmente excluiria tal possibilidade. “Temos que ter um imponente edifício neoclássico *só nosso!”*

Um nome de cidade – Irrigon, no Estado de Oregon – me fez rir (sua localização entre as fazendas de irrigação deve ter inspirado esse nome composto). Num posto de gasolina próximo, dei uma gargalhada ao ver que a tradicional placa de “mecânico em serviço” tinha sido trocada por uma de “maníaco em serviço – possui certificação”.

Quando elogiei o proprietário, que estava de macacão, pelo seu senso de humor, ele me disse que poucas pessoas notavam a piada. Às vezes, as coisas que os piadistas fazem parecem incompreensíveis para os outros.

As colinas sharpei continuaram à vista, embora numa escala bem maior, ao longo das margens do rio Colúmbia, onde peguei um trecho da estrada Interstate 84 que me conduziu rio abaixo até Maryhill. Mais à frente, o domo alto e branco do monte Adams brilhava sob o céu azul e límpido. Parei numa área de descanso para um intervalo biológico e um cigarro. Enquanto eu estava lá, ao lado da moto, um homem mais velho estacionou sua antiga Mercedes ao meu lado e puxou conversa. Admirando a BMW, ele me contou, com forte sotaque alemão, que muito antes, nos anos 30, ele tinha andado com uma BMW. Depois, tinha pilotado uma Zundapp com um *sidecar*, que ele afirmou ser "môito melhôr dôque a BMW". Como se não fosse nada, ele me contou que abandonou a Zundapp em Kiev porque o combustível tinha acabado, depois caminhou 1.200 quilômetros até sua casa, com nada além de uma garrafa de vodka e um pedaço de pão congelado, marchando dia após dia, até mesmo enquanto dormia. De repente, me dei conta de que ele estava descrevendo a retirada de Hitler da Rússia em 1943, e que ele devia ter sido um soldado alemão naquela época. Outra história de fantasmas.

Perto de Biggs, vi uma placa de Maryhill e cruzei o rio na ponte Sam Hill Memorial. Depois dei uma parada no centro de informações turísticas, onde um voluntário da terceira idade me contou toda a história do lugar. Fui conferir a réplica pontiaguda e desbotada pelo sol de Stonehenge. Sua imponência era inegável, mesmo que fosse feita de concreto. Depois, percorrendo um trecho da margem do rio no lado de Washington, cheguei ao *château* de Maryhill, que se erguia em seu solitário esplendor diante do bravo rio Colúmbia.

Depois voltei cruzando o rio para The Dalles (presumo que seja o único lugar na América com "the" no nome), onde as margens altas do rio geravam o efeito de um túnel de vento, tornando-o um local famoso para a prática de windsurf. Ali, as árvores começavam a aparecer novamente, e procurei por um dos trechos remanescentes de 14 quilômetros da estrada Scenic Highway. Mais tarde, eu expressaria

minha reação no diário com o entusiasmo típico de quem acaba de perder o fôlego: “Subida sinuosa e estreita, de um jeito bem divertido. Uau! Já não se fazem mais estradas como antigamente”.

No rio Hood, dobrei para o sul em direção ao enorme topo branco do monte Hood, sem sequer uma nuvem que ocultasse sua perfeição. A rodovia sinuosa e bem pavimentada era sombreada pelas árvores grossas da floresta nativa, com algumas vistas deslumbrantes dos campos de neve da montanha. Eu andava rápido, inclinando-me muito nas curvas (“hoje estou usando tudo o que o pneu tem para oferecer!”), a temperatura perfeita para o “código de vestimenta mínimo”, composto por roupa de couro e camiseta. Chamei isso de “alegria”. O trânsito estava um pouco pesado, mas todos pareciam estar se dirigindo para o sentido contrário, voltando a Portland após o final de semana.

Em mais uma mudança completa de cenário, a floresta se abriu repentinamente para dar lugar a um campo seco no leste do Oregon, o Deserto da Grande Bacia, com vista para o cânion escarpado, as pastagens e a sálvia que cobre a região leste de Washington e do Oregon, o sul de Idaho, a maior parte de Nevada e um pedaço de Utah. “Inexplicavelmente espetacular”, escrevi, enquanto rodava para o sul em direção a Bend (a cidade natal de um dos coadjuvantes de *On the road*: *pé na estrada*, de Jack Kerouac, nem sei como me lembrei disso). Resolvi parar para passar a noite depois de “um dia longo por opção, simplesmente perfeito demais”. Sem dúvidas tinha sido um dia de cura, mas, como sempre, era alternado por períodos de luto. Um passo à frente, um passo atrás.

Meu quarto no Riverhouse Motor Inn tinha vista para um rio pequeno, de corredeiras rápidas, e o ar carregava o perfume de tamargas e pinheiros. Em contraste, o *lounge* e o restaurante estavam bem movimentados, com conversa alta competindo com uma *big band* que se apresentava ao vivo. A vocalista de meia-idade era surpreendentemente boa, e eles claramente amavam as canções que estavam tocando. Pensei em como meu pai teria gostado de ouvir suas interpretações de *Sing, sing, sing*, *Jumpin’ at the woodside*, *Come rain or come shine*, *A foggy day in London Town*, *Little brown jug*, *I’ve heard that song before*, *Boogie woogie bugle boy from company B* e *Sentimental*

journey. Anotei os títulos das canções para mim mesmo para usá-las como sugestão de repertório para as futuras trilhas na terra dos ursos.

No dia seguinte, o mapa onisciente me mandou de volta para o leste, em direção a Idaho. Cruzei o planalto na longa e solitária Highway 20 sentindo a deliciosa fragrância apimentada da sálvia no ar da manhã fria e clara. Pinheiros dispersos e zimbros pontilhavam a campina num primeiro momento, e logo abriram caminho para arbustos baixos e colinas rochosas. Minhas narinas se dilataram com o cheiro de queimadas em campo aberto, e depois para o aroma complexo da água dos irrigadores perto de Burns, o mais exuberante dos perfumes encontrados naquela terra seca. No vale irrigado perto de Ontário, o odor das cebolas voltou de maneira surpreendentemente tentadora.

Eu tinha decidido chegar a Boise o mais cedo possível, porque queria passar numa concessionária da BMW para trocar o óleo e fazer alguns pequenos reparos: uma lâmpada nova para o farol e um medidor de combustível, que tinha se desprendido lá em Alberta. Embora eu estivesse me baseando no odômetro, nessas intermináveis e vazias estradas do deserto era importante que eu ficasse de olho no consumo de combustível, então esperava que pudessem consertar o medidor.

Infelizmente, não seria fácil consertá-lo, mas uma parada na Big Twin Motorcycles deu conta dos outros problemas. Entrei em Boise (do francês *boisé,* que significa “de madeira”) pelas ruas arborizadas, buscando um bom hotel central para minhas outras missões: ir até uma farmácia e a uma loja de bebidas e encontrar alguém para consertar minhas roupas de couro. Com a moto estacionada e as malas desfeitas, a simpática mulher na recepção me recomendou (com olhos solidários) o sapateiro Nick’s Shoe Repair, que em duas horas não apenas consertou um zíper quebrado como também restaurou dois pares de luvas desbotadas pelo sol e limpou meus tênis para caminhada (que serviam para trilha e para o dia a dia, e ainda estavam cobertos de lama da caminhada em Glacier). Depois, ainda fez a gentileza de entregar tudo no hotel. Uma cidade bem simpática, pensei.

Depois de uma refeição copiosa no restaurante do hotel chamado

Gamekeeper (“Sim, lá em cima com Wickaninnish: *coquilles* St. Jacques, *fettuccin*e com um salmão perfeito, cerejas jubilee, *chardonnay* Echelon e um bom café”), dei uma longa caminhada pela noite quente do fim de setembro. O ar noturno me fez pensar na palavra “suave”, e vi os refletores que brilhavam no imponente domo neoclássico do foro State Capitol (*algum* deles usou o mesmo projeto?). Havia poucos pedestres naquela noite de segunda-feira, mas muitos carros passavam sem fazer barulho, e percebi que havia uma grande loja de discos ainda aberta. Fiquei surpreso e me senti tentado a entrar, mesmo que brevemente, embora logo tenha abandonado a ideia: “Quase entrei, mas para quê?”. Havia um desejo esperançoso, acho, de ficar interessado o bastante para vasculhar uma loja de discos, mas não era o suficiente para que eu realmente fizesse isso. E, mesmo se eu tivesse comprado algo, eu não teria onde tocar.

Partindo cedo no dia seguinte (“belíssima manhã na estrada, ensolarada e agradavelmente fresca”), vi placas anunciando o Centro de Aves de Rapina, mas eu já tinha consultado no guia de viagens e lido que o centro não abria antes das 9h, quando eu já estaria a 160 quilômetros dali. Nos arredores de Boise, reparei que havia muitas cafeterias, geralmente com uma fila de caminhonetes estacionadas do lado de fora, e fiquei imaginando os rancheiros e caubóis juntos com seus *lattes* descafeínados e *frappucinos* de leite de soja. Para mim, escolhi um clássico restaurante familiar na pequena cidade de Weiser (“wi-zer”), e finalmente sucumbi ao encanto das cebolas locais e pedi um *Farmer’s Omelette*, embora soubesse que sua combinação travessa de cebolas e pimentas ardidas iria roncar dentro de mim o dia inteiro.

Foi mais um dia de desvios para cenários deslumbrantes: primeiro, a represa Hell’s Canyon, na base da garganta estreita do rio Snake e das montanhas Seven Devils; depois, outra subida de 30 quilômetros numa difícil estrada de cascalho, poeira e pedras (“o efeito leito de rio seco”) guarnecendo um penhasco íngreme (“não olhe em volta, vertigem instantânea”), até Seven Devils Vitas, em Heaven’s Gate. No final da estrada, subi os últimos 300 metros a pé, observando um par de pássaros azuis da montanha que saltitavam juntos na última árvore conífera do lugar (meu primeiro avistamento da espécie). Em seguida, parei no posto de observação do pico (2.569 metros) e olhei na

direção do Hell's Canyon, situado no Oregon, e fiquei admirando a paisagem de montanhas longínquas em tons cinza e azul que tocavam quatro estados. "Um desvio complicado", escrevi, "e uma vista conquistada com muito esforço".

Meu pequeno galão vermelho de gasolina tinha desaparecido da parte traseira da moto, e me dei conta de que ele devia ter caído durante as partes mais "divertidas" da subida. Vi uma família que passava confiança – pai, mãe e duas filhas adolescentes – preparando-se para sair do posto de observação e aglomerando-se dentro de uma caminhonete. Perguntei ao homem, que estava ao voltante, se ele não se importava de ficar atento no meu galão durante a descida e deixá-lo no acostamento caso o encontrasse.

Não sei por que gostei tanto dessa família, mas nos poucos segundos que conversei com eles, irradiavam tanta simpatia, franqueza e saúde que eu me derretia por dentro só de olhar para eles. Eram um contraste e tanto com os tipos bovinos que eu tinha encontrado na outra noite em Lewiston (a apenas 50 quilômetros dali, mesma distância que os pássaros azuis da montanha conseguem voar). Eles definitivamente reequilibraram o saldo na minha escala de avaliação da humanidade. Sem dúvidas, essa família "pesava" menos, em vários sentidos, mas *contava* mais, como acontece com os bons. Sua caminhonete já era um tanto velha, suas roupas não eram feitas da mais recente mistura de *goretex-cordura-kevlar*, mas eles eram legais comigo e uns com os outros. Senti uma pontada ardente de inveja. Conforme o esperado, no caminho de volta eu encontrei meu galão de gasolina colocado com cuidado no acostamento.

Riggins, no Estado de Idaho, era nada mais que uma linha de prédios ao longo das duas pistas da rodovia Highway 95, e parecia prosperar por ser um raro ponto de acesso para praticantes de *rafting* e caiaque e excursões de lancha até uma curva do rio Salmon, "O rio das almas perdidas", que não tinha nenhuma estrada acompanhando seu traçado. Pensei no antigo filme com esse título, *O Rio das Almas Perdidas,* estrelado por Robert Mitchum e Marilyn Monroe, no qual eles descem um rio perigoso numa jangada, como dois náufragos (três, contando com o filho órfão de mãe de Mitchum) à deriva devido às vicissitudes da vida de pioneiros. Marilyn "toca" violão e "canta" uma

canção metafórica com o título *Rio sem volta*, em referência à vida. O filme não era nada de especial, mas a paisagem e a metáfora eram boas.

Saí do meu agradável quarto no hotel Riverview e caminhei pela rua escura até o restaurante Seven Devils Steak House and Saloon. Resolvi sentar em frente a uma mesa do lado de fora, sob as encostas íngremes do vale, as montanhas secas e a lua crescente que surgia no céu.

Nos últimos dias, eu já tinha visto o nome "John Day" em diversos mapas e placas: era o nome de um rio no Estado do Oregon, de uma cidade da redondeza e de uma represa. Havia até mesmo um sítio geológico chamado John Day Fossil Beds, e fiquei me perguntando: "Quem é esse cara?". Seria John Day outro visionário do oeste, como Sam Hill, que deixou seu nome gravado na paisagem, como um memorial para seus sonhos de grande escala e já meio esquecidos?

Bem, nada disso. Parece que John Day não era exatamente um visionário americano, mas apenas o alvo de uma velha piada. Ele tinha feito parte da expedição de John Jacob Astor em 1810, que tinha como objetivo fundar um posto de troca de peles na foz do rio Colúmbia, mas seu grupo acabou dividido e restaram apenas dois homens. Na foz do que era então chamado de rio Mah-hah, um bando de índios roubou tudo que John Day e seu companheiro carregavam consigo, incluindo suas roupas, e os deixaram nus à margem do rio. Felizmente, eles foram resgatados por outra expedição, mas a partir dali os viajantes que passavam pelo Colúmbia sempre apontavam o lugar onde John Day havia sido roubado e deixado nu. Por volta de 1850, o rio Mah-hah ficou conhecido como rio John Day, que também emprestou seu nome à cidade de John Day, à represa John Day e ao sítio geológico John Day Fossil Beds.

E por falar de americanos de feitos questionáveis…

Uma recente conexão com Evel Knievel, ao redor do rio Snake; fiquei pensando: de onde ele tentou saltar? Também o Red Lion [hotel] em Bend me lembrava das rondas no Red Lions durante as turnês no noroeste em idos tempos, e de sua Ferrari Daytona conversível (com a placa "Evel 1") na frente do Red Lion, em Yakima. Agora ele está todo fodido. Como eu.

Quantas vezes por dia a "real situação" invade meu cérebro e ameaça me derrubar? Tantas vezes. Memórias de antes, e remorsos pelo agora. Ainda inaceitável.

30 de setembro Riggins – Sun Valley
77,606 (864 kms)

Acordei cedo demais. Escuro demais para partir, então li mais um pouco de Martin Eden *[um romance semiautobiográfico de Jack London], aproximando-me do que eu já sabia que seria um final sombrio. (Revelado por notas de editores em outros de seus livros; odeio isso. Parei de ler até mesmo as sinopses na contracapa dos livros depois que vi que isso teria arruinado a maravilha de* The twyborn affair [*de Patrick White*]*, por exemplo*.)

Outra manhã fria e limpa, sol sobre o topo das montanhas a oeste, rosa e cinza. Para cima, bem para cima, até White Bird Grade, a 1.200 metros. Café da manhã em The Crossroads, Grangeville.

Percebe-se que os caipiras modernos são velhos hippies brancos, com longos rabos de cavalo.

Ontem notei que, sempre que eu me perguntava por que uma estrada em particular existia, a fórmula era simples: havia dinheiro numa extremidade, e um banco na outra. Minério, agricultura, petróleo, madeira, água mineral etc. Aplicável a todas as estradas que davam na Interestadual, à exceção de algumas alamedas construídas para que se apreciasse a paisagem, geralmente resultantes da visão de algum homem. Going-to-the-Sun, Columbia Gorge: Joshua Logan e Sam Hill.

Em maio de 1997, na turnê de *Test For Echo,* o Rush tocou no The Gorge, um anfiteatro ao ar livre com vista para as margens do rio Colúmbia, uma campina que ondulava para oeste da área dos camarins em protuberâncias musculares de relva amarela. No início da noite, a claridade perfeita lançava infinitos tons de luz sobre a paisagem simples e dramática. Entramos no palco em frente a 20 mil pessoas (uma de nossas maiores plateias em toda a carreira) bem na hora em que o sol se punha no crepúsculo transparente e sem nuvens – logo sobrepujado pelas luzes coloridas do palco, pelos holofotes e

pelos telões, com a lua minguante surgindo acima. Foi o local mais lindo em que eu já tinha me apresentado.

Depois do show, como de costume, corri direto para o ônibus, e o motorista Dave seguiu dois seguranças que, de moto, abriram caminho na alameda de cascalho grosso que atravessava o estacionamento, certificando-se de que não ficássemos presos no trânsito pós-show. De manhã, Brutus e eu pegamos as motos e partimos de uma área de descanso em Missoula, no Estado de Montana, para começarmos um de nossos melhores dias de viagem de todos os tempos: rumo ao sul através do vale do rio Bitterroot, entre as montanhas Sapphire e Bitterroot, e pela passagem até Idaho. Descemos margeando o rio Salmon e as montanhas Sawtooth, com um breve desvio até Lemhi Pass, onde Lewis e Clark tinham cruzado a Divisória Continental da América do Norte vindos da cabeceira do Missouri.

Dormimos no velho Sun Valley Lodge, construído por Averell Harriman no final dos anos 1930, com quartos amplos e graciosos com vista para as coníferas altas, o ringue de patinação e as montanhas. (Outro filme antigo e medíocre passado em Idaho, *Quero casar-me contigo*, foi feito nos anos 1940 para fazer propaganda do resort. O elenco incluía Glenn Miller e a patinadora olímpica Sonja Heinje, que se apresentava no ringue de patinação.) Numa elevação de cerca de 1.800 metros, o ar estava frio e revigorante, e deixei a janela e a porta da sacada abertas a noite toda, embora a temperatura tivesse caído a -1ºC (“enfiado debaixo de ótimas cobertas”).

Era outro dos muitos lugares pelos quais eu e Brutus tínhamos passado tão brevemente, na pressa entre um show e outro, que acabamos resolvendo que valeria a pena ficar um pouco mais, ou pelo menos visitar outra vez. Mas, cedo na manhã seguinte, tiramos a geada dos assentos das motos e rodamos para outro memorável “caminho para o trabalho”, pegando de propósito uma rota mais longa até Boise.

No final da primavera, as montanhas e até mesmo os acostamentos e arbustos ainda estavam brancos de neve, e o derretimento do gelo enchia os rios agitados como uma tempestade no mar, as corredeiras irrompendo contra a margem. Brutus observou que já fazia três dias que estávamos apenas seguindo os rios, pois não havia outro lugar

naquele terreno acidentado em que fosse possível abrir estradas. Lembrei-me de que ele tinha dito isso enquanto estávamos parados perto de Banks, onde uma mocinha com a bandeirinha sinalizava um ponto em que recentemente houvera um deslizamento de terra que tinha coberto metade da estrada. Vimos indícios de muitos outros deslizamentos naquela rota, e por vários quilômetros andamos através da cicatriz escura de pinheiros-ponderosa queimados e sálvia da montanha.

Num dia ensolarado de maio, Boise também tinha parecido muito boa para nós, com suas ruas guarnecidas por árvores verdes e o prédio branco do foro reluzindo. O trânsito era tranquilo naquela cidadezinha, e depois de uma viagem tão espetacular pela manhã nós chegamos ao auditório da universidade bem cedo e nos sentindo bem.

Infelizmente, segundo meus próprios padrões, o show naquela noite foi muito *fraco*. Depois de já estarmos tocando juntos por tanto tempo, Geddy, Alex e eu nunca fazíamos um show realmente ruim, ao menos não o suficiente para que alguém percebesse. Mas nós tínhamos nosso próprio padrão de qualidade para seguir, e nossos critérios eram por vezes severos. Minha batida parecia atrapalhada e desleixada, e me lembro de ter corrido para o ônibus no final do show decepcionado comigo mesmo. Enquanto eu desabava sobre a mesa no *lounge* do ônibus com um copo de The Macallan e despejava minhas mágoas em Brutus, ele me disse:

– Você é muito duro com você mesmo.

Dei de ombros e respondi:

– Este é o meu trabalho.

No diário que eu escrevia durante aquela turnê, anotei: "Sem levada e sem *groove*, mentalmente ou fisicamente. Introdução tosca para *Limbo* e vários outros trechos desastrados. Cotovelo dolorido outra vez, e as pernas indo ladeira abaixo. Ah, pois é".

Aquele último comentário mostrava uma medida incomum de desapego filosófico para o "tolo que eu era", e essa minha característica tinha se tornado mais intensa nessa minha nova visita a Sun Valley um ano e meio depois.

"Fings ain't wot they used do be", como no musical sobre os cockneys

– "As coisas não são mais o que costumavam ser". Manobrei para o modesto Inn [ao invés do Lodge], mas pelo menos estou jantando na sala de jantar. Hotel lotado com os participantes de uma convenção, mas eles não estão aqui; provavelmente estão enfiados em seus coquetéis e bufês livres. A sala de jantar está vazia (nove pessoas às 20h; adivinha quem é o único solitário?) Ostras à Rockefeller e medalhões de alce com cogumelos, beterrabas e o famoso prato local, huckleberries *(pedi ao garçom que dissesse ao chef que aquela era uma "ótima composição", que consistia em batatas gratinadas e uma mistura de legumes, cenouras, vagem e abobrinha).*

Este lugar parece uma cidade *badalada depois que se passa a explorar um pouco. Lojas demais para um resort de esqui. Contudo, há muita música ao vivo: um trio na sala de jantar, outro no bar, e também um pianista no outro restaurante. Legal.*

Uma viagem longa, mas excelente, no dia de hoje. Fria, ensolarada, desafiadora e sem muito trânsito. Perus selvagens e uma gralha crestada em Lolo, carneiros-selvagens na passagem em Lost Trail.

Estou ficando mal-acostumado, sem dar valor ao fato de que às vezes rodo por horas sem parar uma única vez. Exceto talvez para uma manada de gado passar! (Como hoje.)

Também estou ficando mal-acostumado com o clima. Vi uma única nuvem hoje e pensei: "O que é isso, um pico nevado?"

Tive que parar para fotografar uma placa: "AVISO – ESTRADA SINUOSA PELOS PRÓXIMOS 120 QUILÔMETROS". Ah, não!

Quis anotar que, depois da segunda vez que vi uma loja de antiguidades chamada Thistle Dew*, comecei a me perguntar por quê. Então eu me dei conta:*

*Lendo em voz alta, soa como "*This'll do*", do inglês "Isso vai servir" (Eu acho).*

Vi dois picos de 2.400 metros hoje, e eles também eram impressionantes (como também deveria ser o frio lá em cima). Os picos nevados de maio um ano atrás [apenas um ano; é inacreditável!] estão totalmente limpos agora, exceto por alguns trechos pequenos na face norte.

Hoje, depois de 41 dias, passei dos 20.000 quilômetros nesta viagem.

Após outra noite interrompida para um "intervalo" estomacal e

uma hora acordado com pensamentos sombrios, levantei cedo e decidi tentar fazer uma trilha que cruzava as pistas de esqui até o topo do monte Baldy, logo do outro lado de Ketchum partindo de Sun Valley. Estacionei a moto na loja de esquis e comecei a subida longa e implacável por uma trilha de inclinação constante, que avançava em ritmo constante através da floresta e das pistas de esqui. Era um longo caminho de duas horas e meia a contar do início da trilha, que começava a 1.700 metros de altitude e subia até os 2.788 metros no topo, chamado de The Lookout. Parei ali para comer o almoço que eu tinha trazido do hotel.

No deck de um chalé no topo de um teleférico, eu me sentei e olhei em volta para o vale 700 metros abaixo e para o contorno das montanhas Sawtooth (apropriadamente chamadas de "dentes de serra" em inglês) sob dramáticas nuvens *cumulus*. Uma repentina série de trovoadas retumbou ao longe, e em um primeiro momento o som parecia o de dinamite. Observei a tempestade passar ao norte, deixando atrás de si rastros de chuva escura. Quando senti que o vento ao redor do chalé começou a soprar em rajadas geladas, fiquei contente (de um jeito um pouco metido) por ter trazido minha jaqueta impermeável, mas quando procurei por ela na minha mochila, descobri que a tinha esquecido no hotel. Felizmente, consegui fazer a descida de uma hora e meia até a moto e o curto trajeto até o hotel antes que dois estrondos de trovão anunciassem uma pancada repentina e breve do lado de fora do meu quarto.

Na manhã seguinte, comecei a rodar para leste na estrada Sun Valley Road, parando por um momento no Hemingway Memorial, um busto de bronze em um bosque perto de Trail Creek. Ernest Hemingway acabou com sua própria vida em 1961 com um tiro de espingarda na cabeça no hall de entrada da sua casa em Ketchum, Idaho, perto de Sun Valley. Ele está enterrado sob uma lápide simples de pedra no cemitério local, ao lado de sua quarta esposa, Mary. Perto do fim ele estava doente, debilitado e sofrendo de paranoia e dos efeitos colaterais da terapia de eletrochoque. Mais cedo naquele ano ele tinha passado *dias* tentando escrever uma simples resposta ao convite para a posse de John F. Kennedy, e talvez ele tenha notado que, se não pudesse mais escrever, ele não conseguiria mais viver.

Uma canção do Rush chamada *Losing it*, de 1982, abre com um verso inspirado no triste fim de Hemingway, tentando expressar a frustração de ser incapaz de fazer algo que, para ele, era mais importante que a própria vida: *"Sadder still to watch it die, than never to have known it."* ("É ainda mais triste assisti-lo morrer, do que nunca saber que tinha existido").

O próprio memorial exibia uma inscrição que Hemingway tinha escrito em forma de elegia para um amigo local.

Mais que tudo ele amava o outono
As folhas amarelas nos campos de algodão
Folhas boiando nos arroios de trutas
E sobre as colinas, os céus altos, azuis, sem vento
Agora ele será parte deles para sempre.

Nas minhas viagens solitárias, eu com frequência me via perseguindo, e até mesmo procurando, as pegadas fantasmagóricas dos escritores mortos: Hemingway, Steinbeck, Jack London, Mark Twain, Ezra Pound (que tinha nascido justamente em Boise), Edward Abbey, Sinclair Lewis, Wallace Stegner, Willa Cather, Mary Austin, Ernie Pyle, Jack Kerouac, Truman Capote (nos arredores de Garden City, Kansas, onde ele fez a pesquisa para escrever *A Sangue Frio*). Mais abaixo, em direção ao México, B. Traven e Malcolm Lowry. Todos grandes, todos já falecidos. Escritores fantasmas. Também senti a presença de alguns escritores vivos em locais que haviam sido "iluminados" por eles: Annie Proulx, William Least Heat-Moon, Robert Pirsig, Cormac McCarthy.

O sofrimento quase nostálgico que me assolava enquanto eu viajava por esses lugares assombrados era similar a algo que eu às vezes sentia ao passar por locais históricos com os quais deparava em minhas viagens. Lugares que marcavam a passagem de outros fantasmas: a Oregon Trail, a Pony Express Trail, o caminho de Lewis e Clark até o Pacífico, cenário de tragédias como Wounded Knee ou o acostamento da rodovia Pacific Coast Highway, no Oregon. Neste último, havia um memorial de caráter mais pessoal dedicado a um jovem que havia sido arrancado das pedras para dentro do mar por

uma onda traiçoeira. Triste, triste, triste.

Depois da minha peregrinação até o Hemingway Memorial, eu pretendia tentar uma estrada não asfaltada que levava para o leste, sobre as montanhas Pioneer, mas não havia uma boa perspectiva para isso. Uma chuva incessante começara a cair, e a placa de aviso – "Estrada não propícia para veículos de passageiros" – poderia ser tomada literalmente: logo em seguida, a superfície de terra estava inundada, e pedras do tamanho de um punho fechado desciam pelo paredão e atravessavam a estrada à minha frente. Dei meia-volta e retornei a Hailey através de Ketchum.

A chuva diminuiu gradualmente na manhã fria e com bastante vento, mas meu humor permaneceu sombrio. No parque nacional Craters of the Moon, parei brevemente para fumar um cigarro e olhar os campos negros e ondulados formados por lava ressecada. Então segui novamente para oeste e fiz outra pausa para olhar o que a placa anunciava como as maiores dunas de areia da América do Norte. Como se fosse uma miragem entre a sálvia e a relva, as pontiagudas pirâmides de cor marrom pálido se erguiam contra o céu cinzento, formando picos de duzentos metros de altura. Depois segui adiante, e saí de Idaho para entrar em um canto do Oregon, passando por plantações irrigadas e cânions de terra erodida sob nuvens altas e baixas.

Após dobrar para o sul em uma estrada de pista dupla asfaltada, a Highway 95, eu rodei por horas a fio numa rodovia deserta, reta e vazia, com raros veículos à vista. Apesar das perfeitas condições para ganhar tempo, tentei manter a velocidade baixa, porque o Estado do Oregon achou prudente impor um limite de 90 km/h, embora tão logo eu cruzasse a fronteira com Nevada, o limite subiu para os mais razoáveis 100 km/h.

Por vezes, o Estado do Oregon era de um paternalismo irritante. Quando fez *lobby* para a construção de sua rodovia em 1912, Sam Hill tinha se rebelado contra a "mistura incompreensível de conservadores e liberais", e o governador do Oregon tinha descrito seus cidadãos para Sam como "bons, mas peculiares pra caramba". (Contudo, o governador também lhe assegurou: "Eles vão segui-lo porque você cheira a dinheiro e já segurou a mão da rainha da Romênia".)

Embora o progressismo do Oregon nos dias de hoje seja muitas vezes admirável, a mesma mentalidade liberal-conservadora (ou conservadora-liberal) poderia nos levar a presumir que seus cidadãos (e visitantes) não estavam prontos para ter liberdade demais. Os limites de velocidade irracionais eram um exemplo; outro era a proibição dos postos de gasolina *self-service* (comuns em outras partes dos Estados Unidos), presumivelmente porque as pessoas não eram responsáveis o suficiente para abastecer seus próprios veículos sem o risco de vazar combustível fóssil e provocar incêndios e danos ao meio ambiente. Ou talvez isso tenha sido planejado para aumentar o emprego no nível de salário mínimo.

Como a maioria dos motociclistas, eu prefiro abastecer minha própria moto, de modo que eu possa encher o tanque o máximo possível sem que ele transborde e deixe vazar gasolina sobre as laterais do motor quente – o que oferece risco de incêndios e danos ao meio ambiente. Abastecer também representava uma oportunidade de dar uma olhada na máquina, checar o nível do óleo no medidor, inspecionar os pneus... ou seja, fazer o que os pilotos de avião chamam de "walkaround". Então, no espírito da tradição de desobediência civil inaugurada por Thoreau, quando parava nos postos de gasolina do Oregon eu tomava as rédeas da situação: pegava o bocal, ligava a bomba e abastecia eu mesmo. (Você tem que resistir à opressão!)

Numa estrada como a Highway 95, eu ficava de olho no meu nível de combustível e aproveitava sempre que encontrava um posto de gasolina, pois eles podiam ser raros. Logo após uma parada para abastecer na cidade de McDermitt, na fronteira com o Estado de Nevada, parei no acostamento para um breve descanso ao lado de uma placa que sinalizava "Sítio histórico". Li que o rio Owyhee tinha esse nome por causa de uma corruptela de "Hawaii": ele tinha sido batizado por Peter Skene Ogden, caçador da Hudson's Bay Company, que havia mandado dois caçadores havaianos (???) até lá para caçar, mas ambos foram prontamente assassinados por índios. Outra história de fantasmas.

Meu destino seguinte, em parte por vontade e em parte pela falta de alternativas (porque havia poucas opções no norte de Nevada, uma

região praticamente desabitada), foi a cidadezinha de Winnemucca. A parte da "vontade" desta escolha foi inspirada por uma canção que Brutus havia me apresentado chamada *I've been everywhere*, interpretada pelo canadense Hank Snow. Talvez seja a canção *hobo* por excelência; talvez seja até mesmo a canção de estrada por excelência. Ela abre com o seguinte verso: *"I was totin' my pack, along the dusty* Winnemucca road*" – "Eu estava levando meu bando ao longo da empoeirada estrada de Winnemucca".* (Brutus e eu escrutinamos os caminhoneiros e o atlas rodoviário por *dias* antes de descobrirmos que Winnemucca ficava em Nevada). Então essa abertura leva a uma declamação acelerada de nomes de lugares conectados com sagacidade:

Reno, Chicago, Fargo, Minnesota
Buffalo, Toronto, Winslow, Sarasota
Wichita, Tulsa, Ottawa, Oklahoma
Tampa, Panama, Mattawa, La Paloma
Bangor, Baltimore, Salvador, Amarillo
Tocopilla, Baranquilla e Padilla – I´m a killer

I've been everywhere, man, I've been everywhere, man
Breathed the mountain air, man
Crossed the deserts bare, man
Of travel I've done my share, man
I've been everywhere

Reno, Chicago, Fargo, Minnesota
Buffalo, Toronto, Winslow, Sarasota
Wichita, Tulsa, Ottawa, Oklahoma
Tampa, Panama, Mattawa, La Paloma
Bangor, Baltimore, Salvador, Amarillo
Tocopilla, Baranquilla e Padilla – Eu sou matador

Já estive em todo lugar, cara, já estive em todo lugar, cara
Respirei o ar da montanha, cara
Cruzei os desertos vazios, cara

Já viajei muito na vida, cara
Estive em todo lugar

E assim continuava por mais três ou quatro versos. Levou um tempo até que eu me lembrasse perfeitamente de um dos versos já enraizados em minha cabeça e começasse a cantá-lo no limite do fôlego, mas a verdade é que eram coisas demais para que as "declamasse" dentro do capacete (não cometamos o exagero de chamar minhas vocalizações de "cantar"), especialmente numa estrada de pista dupla que levava infinitamente pelos espaços abertos do deserto da Great Basin – até Winnemucca.

A "estrada empoeirada de Winnemucca" correspondia à descrição da canção, com uma fileira de modestas dunas de areia que se esparramavam sobre o asfalto. Mas meu destino, afinal, era apenas uma entediante cidadezinha junto à estrada interestadual, com um hotel da rede Red Lion que havia sido construído, como quase todos os hotéis em Nevada, em cima de um enorme cassino. Apesar de eu continuar sem a perspectiva de melhorar o meu humor, passei a apreciar os longos trechos livres da estrada de pista dupla através do mar de sálvia e do platô adornado pelas montanhas da Great Basin. Mas com as cidades a história era totalmente diferente. Eu gostava da parte *natural* de Nevada, mas não fiquei tão impressionado assim com a parte feita pelos *humanos*.

No Red Lion, em Winnemucca, esperei na fila para entrar no restaurante do hotel ao lado de um moleque hiperativo que importunava sua mãe pedindo moedas. Enquanto isso, ela o ignorava e alimentava mecanicamente a máquina caça-níqueis "Roda da Fortuna". Quando finalmente consegui uma mesa, escrevi:

Quantidade impressionante de pelancas – barrigas e traseiros enormes (e bocas grandes, logo atrás de mim). Todos devem morrer. Humor terrível o dia todo, e o cenário não ajuda em nada.

Percorrer 920 quilômetros para isso? É bem isso. Tive que vir, na verdade. (Não importa o porquê.)

De Winnemucca, tomei a decisão um tanto vaga de seguir em direção a Salt Lake City para fazer alguns reparos na moto. Mas era final de semana, então não havia motivo para me apressar. Localizei no mapa o deserto de sal Bonneville Salt Flats e resolvi dar uma olhada naquela atração com a meta de passar a noite na cidade próxima de Wendover.

Contudo, minha rota estava longe de ser direta: traçando um grande círculo, cruzei o centro de Nevada, segui para o sul de Battle Mountain através de Austin Summit e então fui para oeste até Ely num longo trecho da Highway 50. Depois subi para o norte pela longa estrada Highway 50. O dia foi mais uma experiência esquizofrênica em Nevada: 700 quilômetros de estradas vazias cruzando um deserto elegantemente sombrio, apenas para chegar a outro destino de brilho decadente, campainhas e zumbidos eletrônicos e de humanidade sem vida.

West Wendover, ainda em Nevada, se estendia através da fronteira até Wendover, no Utah, mas é claro que a "ação" estava toda na parte que ficava do lado de Nevada – luzes piscantes acima de uma fileira de cassinos, alguns com hotéis gigantes em anexo. Numa noite de sábado, os estacionamentos enormes estavam lotados de caminhonetes com placas de Utah, onde os mórmons não praticantes desprovidos de pecado se reuniam nesta Las Vegas insignificante e no meio do nada para um final de semana de (presumíveis) prazeres com um fundo de culpa.

Muitos dos hotéis estavam completamente lotados, e eu me conformei em me hospedar num hotel Super 8 – medíocre, embora eu tenha entrado para seu clube especial (assinando como John Ellwood Taylor) e recebido dez por cento de desconto naquela diária, e para cada diária subsequente. Então deixei a curiosidade me levar até o cassino Rainbow, que ficava ao lado. O letreiro iluminado gigante anunciava a apresentação de uma banda veterana de San Francisco chamada Starship (antes conhecida como Jefferson), e um *revival* das bandas dos anos 1960 The Lovin' Spoonful e Jan and Dean.

Com a esperança de encontrar um lugar para jantar, entrei no cassino barulhento e iluminado que tinha o tamanho de vários armazéns. O cenário do local era composto por diversas luzes de neon

piscantes, espelhos e milhares de caça-níqueis tilintantes, mesas de *blackjack* e dois restaurantes impessoais metidos num canto, de acordo com o papel de função secundária que eles claramente desempenhavam.

Fiquei fortemente tentado a escapar daquela loucura e trocá-la pelo Burger King que ficava do outro lado da rua (um lugar muito mais normal na comparação), mas esperei na fila por um jantar ruim para ser comido em bancada de plástico. Depois, fiquei por lá para ouvir a apresentação do Lovin' Spoonful num barzinho que ficava de frente para o enorme cassino. Seus hits dos anos 1960 eram pontuados por sinetas e campainhas dos caça-níqueis e por anúncios do sistema de som.

A banda incluía o baixista original e o baterista, que agora era também o vocalista, harpista e tocava o tamborim (e era muito bom em todos esses instrumentos). Havia também um outro baterista, mais jovem, que tocava dentro de uma grande caixa de plástico (para isolar o som), uma guitarrista que também tocava teclado e um cara que aparentemente substituía Zal Yanofsky, que havia sido o guitarrista original durante o auge da banda. John Sebastian, o vocalista original e membro mais conhecido da banda, fazia mesmo muita falta, mas ainda assim a banda tocou versões satisfatórias de todos os seus hits, além de canções de bandas surgidas na mesma época, como The Association (*Cherish*) e Left Banke (*Walk away Renée*). Apesar das distrações das luzes ofuscantes, das vozes e das máquinas eletrônicas, os músicos veteranos pareciam estar se divertindo, enquanto os mais jovens trabalhavam duro, e a plateia de umas 200 pessoas de meia-idade parecia estar curtindo ouvir *Summer in the city, You didn't have to be so nice, Nashville cats, Do you believe in magic* e *Jug band music*.

De maneira geral, acho que o que eu estava vendo era um bando de pessoas normais se divertindo no final de semana, mas toda a atmosfera parecia muito estranha para mim. Das duas, uma: ou tudo *aquilo* era muito bizarro, ou eu era. Inquieto e desanimado, eu havia viajado sozinho por três longas semanas, cobrindo milhares de quilômetros à toa das Montanhas Rochosas de Montana e Idaho até o deserto de sálvia na Great Basin, no leste do Oregon, e depois percorrido um grande caminho em círculo em Nevada. O *Ghost Rider*,

acelerando através de uma terra de vegetação esparsa e com lindas cadeias de montanhas sob céus límpidos à procura da Estrada da Cura.

Mais cedo naquele mesmo dia, eu tinha passado várias horas rodando para o leste na Highway 50, que corta toda a extensão de Nevada. À noite, escrevi uma nota sobre seu apelido, e acrescentei uma reflexão triste:

"Highway 50, conhecida como 'A estrada mais solitária na América'. Eu bem sei."

Na manhã seguinte, parti para ver o deserto de sal Bonneville Salt Flats, onde todos os anos o evento Land Speed Trials atraía um bando de máquinas trazidas de regiões distantes para tentar estabelecer novos recordes de velocidade em várias classes – de carros com turbinas a jato até motocicletas aerodinâmicas. Esse tipo de coisa me fascinava quando eu era garoto, e eu pensei que poderia me entregar à nostalgia e dar uma conferida.

Mas quando subi a estrada de acesso, elevada e estreita, até chegar a uma placa enorme que marcava o local exato do evento, me vi cercado de *água* por todos os lados. A placa informava que os eventos de corrida aconteciam durante o verão, "antes das chuvas". Mesmo que chovesse apenas duas vezes no ano, em uma região tão árida, quando a chuva *caía* ela geralmente se acumulava sobre a superfície por dias e até semanas, mesmo que a camada não ultrapassasse uns poucos centímetros de profundidade.

Um sedã ponta de linha com adesivos de uma empresa de aluguel estacionou ao meu lado, e um homem de meia-idade com forte sotaque alemão deu uma olhada em volta antes de dizer para mim com sua careta teutônica:

– É uma pista de corrida para *navios*.

Pegando o caminho de volta para Nevada na encruzilhada de Oasis, entrei em uma estradinha solitária que seguia para nordeste de volta a Utah. Viajei zunindo pela planície áspera e desgastada em um dia frio e com vento fraco. Ingressei em um ótimo fluxo mental: "levado pela corrente para a zona, meus pensamentos distantes enquanto 'a parte principal do cérebro' lida com a estrada – até o momento em que o vento exige foco total".

A chuva intermitente me atormentou pela estrada interestadual até

Salt Lake City, onde me hospedei no hotel Marriot cedo o suficiente para que desse tempo de lavar minhas roupas e fazer alguns telefonemas. Brutus me garantiu que me encontraria mais adiante, e disse que apenas tinha que "cuidar de alguns negócios antes". Também falei com minha mãe, e tentei parecer mais alegre do que realmente estava.

A previsão do tempo do Weather Channel para os dias seguintes era sinistra, com neve nas montanhas e em quase todos os pontos ao norte e ao leste. Por isso, eu precisava pensar no que fazer em relação ao meu futuro imediato. Eu tinha cogitado voltar para Montana e talvez ir até o parque nacional Yellowstone, mas parecia que ao menos pelos próximos dias as estradas por lá estariam mais convidativas para um *snowmobile* do que para uma motocicleta.

O hotel havia sido invadido por um exército de corretores de companhias de investimento que tinham se reunido para uma "convenção" (que, como de costume, pode ser traduzido para "festa"), e eu tinha sido colocado bem ao lado de uma de suas "suítes de socialização". Vozes muito altas e risadas forçadas e vigorosas ricocheteavam pelas paredes. Então, coloquei os tampões de ouvido que usava na estrada e dei prosseguimento à minha leitura de *Northland Stories*, de Jack London. No restaurante do hotel, eu tinha escutado um desses corretores-piadistas da mesa ao lado falando sem parar aos seus companheiros de mesa sobre os detalhes de suas corridas: suas melhores marcas, seu batimento cardíaco, seu nível de endorfina e por aí vai, até o ponto em que fiquei tão entediado quanto seus colegas deviam estar. Então ele começou a falar sobre a filha dele, Rhiannon, e eu zombei dele para mim mesmo: "Você deu o nome da sua filha por causa de uma canção da Stevie Nicks? Nem precisa falar mais nada". (Invejoso, invejoso.)

Finalmente, a "socialização" da companhia de investimentos no quarto ao lado diminuiu, e os participantes da festa – quero dizer, *da convenção* – se dirigiram para outro bar. Então eu pude dormir e levantar cedo para levar a moto até a concessionária para trocar o óleo e os pneus e fazer reparos no escapamento, que estava meio solto. Brutus e eu tínhamos parado na concessionária BMW de Salt Lake durante uma turnê do Rush e, de todas as concessionárias que

visitamos, achamos que esses eram os caras mais simpáticos e com maior conhecimento, então eu estava feliz por retornar.

Uma longa análise do mapa e do Weather Channel me levou a voltar para o oeste, para longe da neve. No começo da tarde, saí de Salt Lake em direção a Nephi, pegando a Highway 6, The Grand Army of the Republic Highway (“*A rodovia do grande exército da república”)*, e depois para Highway 50, A Estrada Mais Solitária da América, desta vez para fazer o caminho que atravessava todo o Estado de Nevada. Uma placa alertava: “Sem serviços disponíveis pelos próximos 140 quilômetros”. E era verdade: não havia nada até a fronteira (eu podia prever que lá haveria um cassino). O vento estava terrivelmente frio no deserto alto de Great Basin, penetrando em cada poro da minha indumentária de múltiplas camadas, e a previsão para a noite era de ainda mais frio, com números negativos em todos os lugares da região de Intermountain West.

Estacionei para pernoitar em Ely (pronuncia-se “Eli”, como aprendi com um dos caras da BMW – e não “Elai”, como seria de se esperar pelo padrão inglês) e subi a rua caminhando até o hotel Nevada, uma relíquia dos anos 1920 que tinha sobrevivido ao ter seu elegante lobby transformado num inevitável cassino, tomado pelas luzes piscantes e pelos incessantes zunidos e campainhas e bipes das máquinas caça-níqueis. Isolado num canto, o restaurante manteve seu charme *vintage*, com mesas em semicírculo, uma bancada em estilo antigo e paredes repletas de fotos históricas da época da mineração. No entanto, o restaurante ficava exposto a todo aquele barulho, e a comida era medíocre. Eu já tinha observado isso lá em Wendover: “Acho que as pessoas não vão para um cassino ou para Nevada para *comer*”, e esse lugar não era exceção, embora a torta de cereja fosse muito boa.

A Estrada Mais Solitária da América estava surtindo efeito sobre mim, e naquela noite liguei para vários amigos em busca de consolo e de companhia, mas eu continuava me sentindo perdido e muito sozinho. Quando acordei no Best Western Parkvue, o termômetro marcava cinco graus negativos. Então, resolvi ficar para o café da manhã e esperar que a temperatura subisse um pouco. De volta ao hotel Nevada, os zunidos e campainhas e bipes continuavam, e escrevi: “a diversão nunca para em Nevada”.

Apesar do frio gélido, gostei da minha longa travessia pela Estrada Mais Solitária da América: passei por planícies de sálvia, montanhas de zimbros, desertos de sal, redemoinhos de poeira e algumas dunas, tudo descortinando-se diante de mim sob um céu de cristal. Num determinado ponto, eu estava rodando por um vale amplo, uma concavidade rasa que se estendia até distantes dentes marrons dispostos nos dois lados. Eu conseguia ver até 30 quilômetros de distância à minha frente e o mesmo às minhas costas, e não havia qualquer outro veículo à vista. Sentindo o chamado da natureza, por alguma razão eu fui inspirado a simplesmente estacionar a moto no cavalete no meio da rodovia, desligá-la e caminhar até o acostamento para me aliviar. Como ainda não havia nada à vista, alonguei os braços, as pernas, o pescoço e as costas, acendi um cigarro e caminhei um pouco pelos arredores enquanto me alongava e fumava.

Peguei minha câmera e tirei uma foto da parte de trás da moto, de um jeito que ela parecia andar sozinha pela estrada: *ghost rider*, o motociclista fantasma.

Dali em diante, essa configuração se tornou um "truque" recorrente e uma fonte de diversão, porque todo dia eu ficava de olho em busca de um local adequado para fazer uma fotografia do Ghost Rider, tentando capturar um fundo perfeito e, é claro, um trecho vazio da estrada.

Depois de várias horas tranquilas e contemplativas de uma jornada contínua pelo deserto, alcancei a cidade de Fallon num entroncamento, e de uma hora para outra a Highway 50 se tornou qualquer coisa *menos* solitária. Havia trânsito pesado em volta de mim por todo o trecho até a rodovia interestadual e em direção a Reno – "A maior cidade pequena do oeste", como indica sua famosa placa. Embora seja sempre ofuscada por Las Vegas (parecendo, por assim dizer, uma dura e beligerante Jean Harlow em comparação com a exuberante Mae West), Reno tinha sua própria rua movimentada, um carnaval de luzes piscantes, alto-falantes estridentes, cassinos com iluminação excessiva e tráfego intenso no meio do caminho. Depois da calma da estrada naquele dia, tudo aquilo parecia uma insanidade.

Fiz uma peregrinação até o National Automobile Museum, que visitei todas as vezes em que a banda tocou em Reno, durante os anos

1970. Naquela época, ainda estava em exibição a coleção pessoal de Bill Harrah, um magnata dono de cassino que poderia muito bem ser caprichosamente consumista (já disseram que apostar só vale a pena se o cassino for seu). No fim das contas, Harrah acabou enchendo dois galpões gigantes no subúrbio de Sparks com cerca de 3.000 carros, às vezes adquirindo-os às pencas de outros colecionadores, enquanto sua própria oficina os restaurava até a completa perfeição. Sua coleção cresceu até incluir raridades como um modelo de cada Ford lançado num período de 50 anos, alguns carros de corrida e algumas extravagâncias customizadas, muitos exemplos de clássicos opulentos dos anos 1920 e 1930 (tanto europeus quanto americanos) e alguns carros que tinham pertencido a celebridades, como o Corvette de John Wayne, a limousine Cadillac de Joan Crawford, a Maserati de Carroll O'Connor e o sedã Plymouth de Howard Hughes do início dos anos 1950 (outro magnata que podia pagar pelos seus caprichos: sua fobia a "germes" transmitidos pelo ar o levou a ter um carro com um sistema elaborado de filtragem de ar que ocupava quase todo o porta-malas).

Depois da morte de Harrah, a corporação Holiday Inn comprou toda a sua rede de cassinos e hotéis, incluindo a coleção de carros, e depois leiloou cerca de 90 por cento deles, incluindo dois dos meus favoritos: um Bugatti Type 57 Atalante, com seu corpo curvilíneo e acabamento deslumbrante em dois tons de creme e caramelo, e uma Ferrari 166 MM Barchetta vermelha (a "heroína" de uma antiga canção do Rush, *Red Barchetta*). Provavelmente, esses tesouros foram parar nas garagens particulares de alguém em algum lugar, como aconteceu com tantos outros clássicos únicos de Harrah, que ao menos tinha o hábito de compartilhá-los com o público.

Os cerca de 300 ou 400 carros que a corporação manteve foram manipulados em troca de abatimento de impostos, transformados no *National* Automobile Museum – Museu *Nacional* do Automóvel –, e os que permaneceram em exposição eram apenas os carros que agradariam às multidões, como os que pertenciam a celebridades. Ainda assim, uma seleção representativa de diferentes eras permanecia em exibição em dioramas de tamanho natural e em cenários que reconstituem o ambiente das ruas, com *showrooms* e

garagens repletas de detalhes sobre a época retratada. É bem organizado e sempre vale uma visita, mas lamentei a perda do que tinha sido em outra época. (Os carros fantasmas.)

Uma pena que não tenham garantido sua sobrevivência; mas talvez Harrah nem se importasse. Entendo isso. Mas é muito triste assim mesmo. Eu me lembro daquele*s que se foram.*

Sim, essa última linha cravou fundo em mim no mesmo instante em que a escrevi.

Eu me lembro daqueles que se foram, com certeza, a cada minuto de cada dia. Na manhã anterior, eu tinha conversado por telefone com o paisagista que estava fazendo o projeto de um memorial para Jackie e Selena, que ficaria no espaço do cemitério de Toronto que eu havia comprado. Aquela não vinha sendo uma missão prestimosa. Eu não sabia se o monumento significaria algo para mim, ou se algum dia eu iria querer visitá-lo, mas eu sabia que tinha de ser feito, por mim mesmo e por outros que sentiam falta delas. Para que nos lembrássemos daqueles que se foram.

Em Reno, eu ainda depararia com outra lembrança pungente de tudo o que eu tinha perdido. Assim que decidi me hospedar numa cidade como aquela, quis ficar no lugar mais ridículo entre suas inúmeras teatralidades. Então fiz o *check-in* no Circus Circus, um prédio enorme com apresentações ao vivo de números circenses e os incessantes zunidos e campainhas e bipes das máquinas caça-níqueis. Em meio ao barulho do lado de dentro e em torno do Art Gecko's Southwest Grill, um casal mais velho que estava ao meu lado iniciou uma conversa amistosa comigo. Eles me contaram que estavam celebrando seu aniversário de 60 anos de casamento. Casais sempre representavam um sofrimento para mim, principalmente aqueles que haviam envelhecido juntos, mas engoli a lâmina da dor e parabenizei os dois.

Chamei a viagem da manhã seguinte de "A fuga de Reno". Acelerei em meio a um dia frio e claro, seguindo por uma estradinha sinuosa morro acima até chegar na pitoresca e turística Virginia City, que

ainda estava tranquila de manhã cedo, antes da chegada dos turistas. Depois contornei o Tahoe, um lago profundo e de águas azuis incrustado na floresta de Sierra Nevada, outra área que sempre se adequou à minha ideia de refúgio ideal com lago, floresta e montanhas. Infelizmente, acabei preso em uma sequência frustrante de atrasos em razão de trechos que estavam sendo reconstruídos. Por isso, passei horas rastejando e caminhando – ou apenas arrastando os pés no chão – em uma fila de caminhões e de carros.

Enquanto eu contornava com a moto um dos caminhões com equipamentos para fixação do asfalto, o motorista se inclinou para fora da cabine e conversou comigo um pouco sobre minha GS. Falou a respeito de uma motocicleta que ele iria comprar, então sugeriu que eu pegasse outra que passava por sobre as montanhas e não estaria tão movimentada. Feliz por escapar do trânsito pesado, saí da Highway 89 para Luther Pass, então peguei a 88 até Carson Pass, a 2.613 metros, subindo em um cenário que incluía ar rarefeito, o granito esculpido da era glacial, os pequenos lagos e os pinheiros altos. Em certo momento, minhas narinas se dilataram diante de uma fragrância deliciosa e irresistível que não consegui identificar naquele contexto. Então sorri quando alcancei uma fila de caminhões de feno que subiam lentamente a ladeira – a essência da minha infância na fazenda.

Ao descer pelo lado da fronteira pertencente à Califórnia, percebi que o ar estava ficando mais quente (pela primeira vez desde que eu havia chegado a Vancouver, quase um mês antes), e logo estava quente o suficiente para que eu parasse e tirasse algumas camadas de roupa sob e sobre a roupa de couro. O preço de tal conforto, contudo, era o *trânsito*: parecia que eu era obrigado a compartilhar este estado mais temperado e fértil com muitos outros humanos e seus veículos por todo o caminho que cruzava a base da cadeia de montanhas amarelas e secas e as fazendas irrigadas do norte de Central Valley.

Confirmei que o outro aroma que perfumava o ar vinha de um caminhão cheio de alho (provavelmente vindo da cidade vizinha Gilroy, a “capital do alho”), e quando alcancei o Napa Valley, que estava ainda mais movimentado, fui cercado por vinhedos verdejantes e pela fragrância dos eucaliptos. Urubus-de-cabeça-vermelha voavam alto e em círculos à procura de animais mortos na estrada. Pensei que,

apesar dos inúmeros desenhos animados sobre desertos desolados, poucas vezes eu tinha visto urubus nos desertos *de verdade*. Obviamente, esses caçadores de carniça se reuniam onde era mais provável que encontrassem comida, e uma terra com mais vida inevitavelmente significa mais morte. (Infelizmente.)

A pousada Inn at South Bridge, em St. Helena, bem no coração do Napa Valley, estava muitos níveis acima das minhas acomodações recentes, e dormi em uma suíte clara e luxuosa que imediatamente me convenceu a ficar mais uma noite ali. Depois de vários jantares em restaurantes "humildes", eu estava em busca de uma boa refeição. A moça da recepção sugeriu um restaurante vizinho de boa reputação, chamado Tra Vigne. Sem conseguir fazer uma reserva por telefone, tentei aguardar no bar, mas depois do tempo que passei no deserto eu também estava desacostumado com multidões – e com certas "posturas".

Esse restaurante era muito estilo "Califórnia moderna" e estava cheio de… californianos modernos. Pergunta: algumas lésbicas se vestem como homens para que não tenham que se vestir como mulheres? Só estou perguntando…

Uma das mesinhas do bar estava livre, então eu me sentei lá, sentindo-me oprimido pelas pessoas, e tomei um drinque enquanto dava uma olhada no cardápio. Perguntei ao *barman* se podia fazer o pedido, e ele me informou, com certo desdenho arrogante, que eu só poderia comer no *bar,* mas não numa mesa do bar, porque não havia um "prestador de serviços para aquela área".

Quando perguntei se poderia escolher minha comida no bar e depois comê-la na minha mesa, ele empinou ainda mais o nariz e disse em tom esnobe:

– Uma cafeteria é o que *não* somos!

Percebi que ele era um daqueles imbecis artificiais da Califórnia (um "*californicator*"), saí de lá e caminhei pela rua até a parte principal de St. Helena, onde encontrei um bistrô modesto, mas excelente, e jantei no balcão. De volta ao hotel, tentei ligar para Brutus, porque já fazia dias que não conseguia falar com ele e

esperava acertar nossos planos para que nos encontrássemos em breve. Como ele não atendeu o celular, deixei uma mensagem na secretária eletrônica de sua casa. Eu estava começando a ficar preocupado com ele.

Havia coisas sobre a vida de Brutus que eu não *queria* saber, mas de um modo geral eu estava ciente de que nosso empreendedor Brutus às vezes se envolvia com a logística de importação e exportação de certos remédios herbais, o que levantava suspeitas das autoridades. Eu sabia que ele estava num hotel perto de Buffalo fazendo uma negociação. Então, quando ele não atendeu o celular e a recepcionista do hotel me falou que ele já tinha partido, temi pelo pior.

Na manhã seguinte, peguei uma estrada estreita e sinuosa através das colinas verdejantes entre os vales Napa e Sonoma, em mais uma peregrinação literária até o Jack London State Park. London chamava seu amado Sonoma Valley de "O Vale da Lua", e o parque preservava uma parte de seu sítio Beauty Ranch, onde ele tinha experimentado métodos modernos de agricultura numa paisagem cheia de relva amarelada e de uma espécie de carvalho conhecida como *carvalho sempre-verde*. O parque também abrigava as ruínas de sua casa dos sonhos, Wolf House, cuja conclusão estava prestes a acontecer quando o imóvel pegou fogo misteriosamente. London ficou profundamente abalado por sua destruição e pela possibilidade de que fosse o resultado de um incêndio criminoso, já que ele se considerava um amigo de todas as pessoas. Dizem que a perda contribuiu para sua morte alguns meses depois, em 1916.

Foi o fim de uma vida vivida em sua plenitude, mas tristemente curta demais, já que ele tinha apenas 40 anos quando foi derrubado por uma falência do fígado. Aparentemente, sua morte foi causada por anos de alcoolismo, excesso de trabalho e por um vício recente em láudano e outros opiatos, que ainda eram bastante receitados naquela época. A famosa citação de Scott Fitzgerald sobre não existir "segundos atos nas vidas dos americanos" poderia ter sido inspirada por Jack London tanto quanto por ele mesmo, outro escritor fantasma, um "ghost writer", que se consumiu e morreu jovem.

Os votos publicados por Jack London:

Prefiro ser cinzas a pó!
Prefiro que minha chama arda em brasa brilhante
A sufocar em podridão.
Prefiro ser um meteoro esplêndido,
Cada átomo de mim em luz magnífica,
Do que um planeta permanente e adormecido.
A função própria do homem é viver, não existir.
Não devo desperdiçar meus dias tentando prolongá-los.
Devo usar o meu tempo.

Filho de mãe solteira e de família pobre em Oakland, Califórnia, em 1876, a juventude de London foi dura, mas aventureira: caçador de ostras na baía de São Francisco, trabalhador em fábrica de conservas, marinheiro numa viagem para caçar focas através do Pacífico, estudante temporário, socialista fervoroso e até mesmo andarilho nas linhas de trem através da América, antes de viajar para o norte, até Yukon, em 1897, quando tinha apenas 20 anos. Ele não tinha como saber que, enquanto buscava por ouro sem sucesso e sofria durante o inverno interminável com queimaduras de frio e desnutrição num chalé de apenas um quarto (aquele que vi reconstruído em Dawson), estava coletando o material que iria provê-lo com dúzias de histórias e vários livros e lhe traria inimagináveis fama e fortuna. Seu primeiro livro, *Son of the wolf,* foi publicado em 1900, e ele logo se tornou o escritor mais publicado ao redor do mundo, superando até mesmo Mark Twain e Charles Dickens. (Ao comentar a afiliação juvenil de London com o socialismo, Twain observou: "Espero que o companheiro London tenha seus desejos alcançados com o socialismo – depois ele pode enviar uma milícia para recolher seus *royalties*!").

Contudo, após ter alcançado o sucesso, London foi generoso demais, e talvez gastador demais. Ele tinha que trabalhar incessantemente para poder arcar com seu estilo de vida, que incluía indulgências ambiciosas como a construção de um veleiro chamado *The Snark,* no qual ele e sua segunda esposa, Charmian, partiram para velejar ao redor do mundo em 1906 – uma história encantadora narrada em *The Cruise of the Snark*.

Mesmo durante aquela difícil viagem através do Pacífico (que

acabou sendo abortada devido à saúde frágil de London), ele manteve sua produção diária de mil palavras escritas, como havia feito ao longo de todos os dias de sua vida. Na verdade, ele *precisava* continuar produzindo artigos para revistas para pagar o veleiro, a viagem, a construção de Wolf House, a manutenção de Beauty Ranch, a pensão de sua primeira esposa e das duas filhas e as vastas quantias que ele doava a amigos, conhecidos e até mesmo estranhos que escreviam pedindo dinheiro para ele.

Como London conseguia manter seu fluxo de *ideias* para escrever prolificamente dúzias de textos para as revistas continua um mistério, mas encontrei uma pista interessante numa recente peregrinação em busca de mais um "escritor fantasma" (sempre uma boa desculpa para visitar um destino espúrio em minhas andanças sem rumo). Em Sauk Centre, Minnesota, cidade natal do primeiro americano a receber um Nobel de Literatura, Sinclair Lewis, parei no museu dedicado a ele e vi uma carta escrita por London a Lewis quando este ainda era jovem, agradecendo-o pelo último lote de sinopses, pelas quais London lhe pagava 50 dólares cada. Para mim, isso foi uma revelação surpreendente de como London fazia para manter uma produção tão prolífica. Mas assim como a literatura magistral de Shakespeare foi construída geralmente em torno de sinopses de segunda mão, esse fato não diminuía em nada o talento artístico natural que London empregou para escrever suas lindas histórias e romances, como *O Lobo do Mar* e *Martin Eden.*

Pelo que se sabe, Jack e Charmian eram muito apaixonados e compartilharam uma vida de igualde de direitos que era bem incomum naquela época. A casa em que ela viveu após a morte de London ficava próxima das ruínas de Wolf House, e não muito longe da sepultura de London (sob uma rocha na floresta, onde ele tinha pedido para ser enterrado). Ela chamava essa mansão de pedra de "A casa das paredes felizes". Agora, funcionava nela um museu repleto de souvenirs da carreira literária de London e das viagens que os dois fizeram juntos. Ver todas aquelas relíquias de suas vidas esvanecidas me deixou triste e com lágrimas nos olhos, e mais uma vez me fez execrar não a inutilidade da vida, mas a inutilidade da morte.

Eles se amavam, e fizeram muitas coisas legais juntos, mas isso não o manteve vivo. Nem a ela, para sermos mais precisos, embora ela ainda tenha vivido sozinha por outros tantos anos (ai!).

Naquela tarde de um dia de semana no começo de outubro, vi apenas umas poucas pessoas pelos caminhos do parque, e o clima melancólico permaneceu comigo enquanto eu passeava pela mata e almoçava ao lado das ruínas de pedras desmoronadas de Wolf House. Dei uma caminhada para ver um pequeno lago e uma casa de barcos ao lado da colina, e visitei um pequeno chalé onde Jack e Charmian viviam na época em que ele morreu. Apesar da atmosfera sombria, do mesmo modo que minha temporada infeliz em Barbados tinha sido enobrecida com os pássaros, os carvalhos salvaram o meu dia: as árvores abrigavam uma maravilhosa variedade de espécies, e com meu binóculo avistei oito ou nove pássaros diferentes, do pica-pau *acorn* ao elusivo melro-eremita, que talvez tenha o mais lindo canto entre todos eles – uma acrobacia de notas líquidas que às vezes são ouvidas na calada da noite.

Quando voltei ao Inn at South Bridge, vi a luz de mensagem não atendida piscando no meu telefone, e um alarme disparou na minha cabeça: a única pessoa que sabia onde eu estava era Brutus. Quando atendi a mensagem de voz, contudo, não era ele, era sua esposa, Georgia. A voz dela parecia perturbada, e a mensagem era breve: "Estou na casa da minha mãe. Eu *realmente* preciso falar com você."

Quando liguei para ela, sua voz tremia enquanto me contou que Brutus tinha sido preso e que "era sério". Disse a Georgia que faria o que pudesse, e ela me deu o número de um advogado em Toronto que alguém tinha arranjado para que ele me deixasse por dentro do assunto. Tentei ligar para ele, e depois para o meu próprio advogado, mas eram oito horas da noite no leste, e não consegui encontrar ninguém.

Triste, triste, triste. Agora o meu melhor amigo está na prisão. Não tenho detalhes, mas Georgia disse, "é sério", e tenho certeza de que é.

Vou fazer tudo o que puder, claro, mas não tenho muitas esperanças. Isso não escureceu apenas o meu dia, mas a minha vida. O plano era nos

encontrarmos para viajarmos juntos em breve – e agora? Não sei o que fazer.

Por enquanto, acho que seguirei em frente. Mas aquela chama que me mantinha andando está… quase apagando. Ai.

Também conversei com o doutor Earl por telefone de manhã; ele acha que tenho uma úlcera, e disse para eu tomar quatro Zantacs todas as noites por um mês. A vida só melhora. Ai.

Naquele ponto, percebi que minha existência tinha alcançado seu nadir absoluto, e meu inferno pessoal, de modo apropriado, parecia uma canção country muito ruim:

Minha filhinha morreu, minha esposa morreu, meu cachorro morreu,
E meu melhor amigo foi para a cadeia.
Então estou rodando por essa longa estrada solitária

Com uma úlcera.

De qualquer maneira, não havia muita coisa que eu pudesse fazer quanto a isso, exceto tentar ajudar o amigo que estava na cadeia. Assim, Brutus se tornou uma das poucas "missões" da minha vida. Na manhã seguinte, liguei bem cedo para o advogado de Toronto, o senhor Bloomenfeld, que me contou que Brutus tinha sido preso com um "caminhão carregado" de uma substância controlada de natureza herbal, e que com suas duas condenações anteriores nos Estados Unidos por "lapsos" semelhantes (meu amigo e colega Geddy um dia definiu a cadeia como "A casa das más decisões") na ficha, Brutus estava metido numa encrenca séria.

Então o advogado acrescentou: "Se perdermos o controle deste caso, ele pode acabar com uma pena perpétua sem liberdade condicional". Apavorado com essas palavras, catei meu próprio advogado na Flórida e falei com ele por telefone, pedindo que encontrasse o "melhor advogado criminal de Buffalo". Depois liguei para Sheila no nosso escritório em Toronto para que ela garantisse auxílio financeiro à família de Brutus por um tempo; assim, ele ao menos se livraria de uma preocupação.

Sem saber o que mais fazer e me sentindo cansado, agitado e

muito pra baixo, carreguei a moto e continuei rodando, seguindo por uma rota que, ironicamente, Brutus e eu tínhamos percorrido um ano e meio antes. Fui para o norte, através de Napa Valley, até chegar a Calistoga, cortando as florestas úmidas do Robert Louis Stevenson State Park (outro escritor fantasma) até atingir a terra árida ao redor do lago Clear. Depois tomei uma estrada menor, a State Highway 16, que Brutus e eu tínhamos percorrido em uma ocasião em que eu faria um show em Sacramento – e onde nós quase ficamos sem combustível, vendo-nos obrigados a comprar uns dois galões na pequena oficina de reparos de uma fazenda decrépita.

Quando passei por Arco Arena, um enorme monte de concreto logo depois de Sacramento, lembrei de alguns shows que eu tinha feito com o Rush naquele lugar no passado. Minha recordação do interior da arena – uma multidão de milhares de fãs gritando no show com música barulhenta e luzes piscantes, e *eu* no centro de tudo aquilo – parecia algo tão remoto e tão irreal como as memórias da cena de um filme.

A última vez que eu tinha chegado em Arco Arena tinha sido de moto ao lado de Brutus (ai!), e em uma passagem anterior pela cidade eu tinha circulado pelas ruas de Sacramento sozinho na minha bicicleta, onde fiz o percurso do meu hotel até a arena. Naquele dia, no final dos anos 1980, eu vi duas mulheres paradas numa esquina com seus filhos, segurando um cartaz que dizia: “Trabalhamos por comida”. Naquela época, esses indícios deploráveis de desespero ainda não haviam se tornado comuns, e quando passei por elas com minha bicicleta, fiquei chocado e comovido. Dei a volta e entreguei uma nota de 100 dólares a uma das mulheres, que ficou surpresa, e voltei a pedalar, sacudindo a cabeça com tristeza.

Ah, era um mundo triste, e ele parecia ficar cada vez mais triste. Enquanto eu acelerava pelo centro da Califórnia, continuei pensando em todos os que já tinham partido deste mundo, em todos os fantasmas, e minha pequena alma de bebê ficou escura e fria enquanto eu rodava pela estrada que realmente acabou se provando A Estrada Mais Solitária da América.

When I heard that you were gone

I felt a shadow cross my heart

Quando soube que você tinha partido
Senti uma sombra atravessar meu coração

(Nobody's Hero, 1993)

Capítulo 7

DESERT SOLITAIRE

We travel on the road to adventure
On a desert highway straight to the heart of the sun
Like lovers and heroes, and the restless part of everyone
We're only at home when we're on the run
On the run

Nós viajamos na estrada para a aventura
Numa rodovia deserta direto para o coração do sol
Como amantes e heróis, e a parte inquieta de todos
Nós só estamos em casa quando estamos correndo
Correndo

(Dreamline, 1991)

Se as montanhas cobertas pela mata representavam meu "refúgio" pessoal, havia outros tipos de paisagens que também tinham um forte apelo a diferentes *partes* de mim. Quanto mais eu viajava pelos quatro grandes desertos do oeste dos EUA, mais eu passava a amá-los, cada um com sua própria personalidade: os arbustos de sálvia e zimbros de Great Basin, os arbustos creosotes e as árvores de Josué no Mojave, as agáveas e cotinus do Colorado e os ocotillos, palos verdes e cactos saguaros de Sonora. Comecei a pensar nessas paisagens de deserto como minha "imagem dos sonhos", pela escala impressionante de *espaço* amplo nessas terras áridas e cheias de mistério, sutileza e beleza bruta que compunham um cenário ao mesmo tempo surreal e familiar; sinistro, mas ainda assim cheio de graça.

A palavra "deserto" refere-se apenas à deserção de *humanos,* é claro, porque a vida animal e vegetal é rica e encantadora nessas regiões, e perfeitamente adaptada ao que Mary Austin chamou de "A terra de pouca chuva". Basta pensar no humilde arbusto creosote: uma planta verde-escura maltrapilha que pontilha o deserto alto de Mojave aos bilhões, todas espaçadas de forma regular (alguns cientistas acreditam que suas raízes emitem toxinas que impedem qualquer outra planta de crescer perto dela) e exalam um aroma pungente que preenche o ar depois da chuva (a origem de seu nome está relacionada ao elemento químico creosoto). Tomados em seu conjunto, os incontáveis arbustos creosote representam não apenas a maior biomassa de qualquer forma de vida do oeste, mas também as *mais antigas* formas de vida da Terra: certas colônias de creosotes crescem a partir dos mesmos rizomos por períodos de dez mil a doze mil anos.

Quanto mais se estuda o deserto, mais se percebe o quão *vivo* ele é, e isso vale para o que vemos e para o que não se pode ver. Coiotes, tarântulas, corvos, pica-paus gila, cotovias, lebres, arbustos, ambrosia dumosa, todos os tipos diferentes de cactos e até mesmo flores – às vezes, o acostamento brilhava com os trompetes das daturas sagradas, flores semelhantes aos lírios brancos, ou com os delicados botões vermelhos de ocotillos altos e esguios. Como essas eram aparições raras, pois algumas delas só ficavam floridas uma vez por ano, sua presença era sentida mais profundamente do que as flores do campo nas pradarias e nas matas do leste.

Andar de moto numa estrada de pista dupla vazia também tinha um quê de sonho. Sem trânsito para me ameaçar ou distrair, sem curvas fechadas em meio às árvores, sem preocupações com cascalho no asfalto ou caminhões pesados e lentos escondidos no fim da curva. Tudo era *aberto* – cada perigo estava literalmente a quilômetros de distância, assim como qualquer fonte de beleza. A paisagem se descortinava num quadro lento conforme eu rodava em direção à próxima elevação da estrada, ou até a cadeia de montanhas seguinte, e havia bastante tempo para olhar para o panorama geral e também para os detalhes: era só deixar as pernas descansando sobre os cabeçotes do motor e esperar que as coisas viessem em minha direção.

Na fuga da superpovoada Califórnia, enquanto morria de preocupação por saber que Brutus estava trancafiado em alguma cadeia dos infernos em Buffalo, segui novamente para o leste, rumo às montanhas e ao deserto. Já que eu não poderia ver Brutus por uns tempos, eu tinha decidido encontrar a irmã de Jackie, Deb, e seu companheiro, Mark, além de seu filho de dois anos Rudy e seu cão da raça bull terrier, Dexter, que também estavam viajando pelo oeste a bordo de um motor-home alugado.

Ao longo do último ano e de mais alguns meses, Deb também vinha tentando superar o luto por Jackie e Selena, e de certo modo sua perda era tão grande quanto a minha. Afinal de contas, ela tinha morado conosco por cerca de dez anos em Toronto, então era muito próxima tanto de sua irmã quanto de sua sobrinha. No final, fomos Deb e eu que seguramos as mãos de Jackie enquanto assistíamos ao seu último suspiro no hospital em Barbados. Então, nós dois *entendíamos* um ao outro.

Eu vinha ligando para ela com frequência ao longo de minhas viagens, tanto para a casa dela quanto para o celular no motor-home. Nós havíamos combinado que nos encontraríamos assim que eles chegassem à minha "vizinhança", em algum lugar do Oeste. Quando comecei a me sentir sufocado e sem rumo na Califórnia, decidi que não havia nada mais importante a fazer do que voltar ao deserto, minha imagem de sonho, e rodar 1.600 quilômetros através dos estados de Nevada e Utah para visitá-los. Impossível uma missão melhor do que essa para o *Ghost Rider*.

Após algumas horas, voltei para Sierra Nevada e parei em meio à longa subida da Highway 108 para tomar café da manhã na cidade de Sonora (durante a corrida do ouro na Califórnia iniciada em 1849, este se tornou um dos lugares mais selvagens e sem lei do Oeste, mas agora não passava de uma sonolenta cidadezinha da montanha). Eu me lembrei de Brutus de novo quando vi um grupo de motociclistas ao lado de suas motos estacionadas, obviamente fazendo um passeio de domingo juntos. Um deles me convidou para tomar café da manhã com o grupo, mas eu recusei, meio desconfiado de suas "cores" – seus coletes e jaquetas tinham o símbolo de um clube de moto cristão (apenas um entre vários que existem). Tão desconfiado como sempre fui em relação aos proselitistas, sobretudo à luz daquilo que "os deuses" me fizeram passar, eu estava ainda menos aberto a debates teológicos. Não importava qual fosse a divindade a que aquelas pessoas se agarravam em busca de explicações, justificativas ou consolo metafísico – *nenhuma* delas tinha sido muito bondosa comigo. Na falta da paciência e da fé cega de Jó (ou tendo falhado no "teste de fé"), Ele, Ela, ou Eles não tinham nenhuma utilidade para mim.

Antes de deixar o restaurante, vesti minha roupa de baixo sob as roupas de couro e peguei minhas luvas pesadas de inverno e a capa de chuva, pois eu seguiria para Sonora Pass, uma das mais altas passagens nas Sierras, a 2.933 metros. Agora, no início de outubro, poderia fazer muito frio por lá, e dentro de apenas algumas semanas, quando a neve começasse a cair, a passagem seria fechada por todo o inverno. A subida (através de Harte Twain, uma cidade de escritor fantasma e *doppelganger* – ela tinha sido batizada assim em homenagem em Bret Harte e Mark Twain, ambos famosos na época da corrida do ouro) me levou até meu refúgio da montanha em um dia glorioso, claro e frio, a estrada sinuosa subindo infinitamente a serra até o alto e depois descendo novamente. No ponto mais longínquo das Sierras, olhei para baixo em direção à vastidão azul do lago Mono, encontrando às vezes alguns picos esculturais das formações de rocha calcária ao longo da margem sul. Mais ao fundo, via-se a imagem onírica do deserto elevado.

O lago Mono é um raro exemplo de área desolada e de visual único que tinha *escapado* de ser destruída pela exploração irracional, ainda

que tenha sido por muito pouco. Nos anos 1970, o lago estava diminuindo rapidamente, escoado pela sede voraz de Los Angeles, uma megalópole em constante expansão. Contudo, uma campanha para salvá-lo conseguiu divulgação e apoio suficientes para influenciar a opinião pública, e Los Angeles foi obrigada a interromper sua "pirataria" e até mesmo a reassentar os córregos que abasteciam o lago Mono.

No final do século XIX, Mark Twain escreveu uma observação visionária sobre a questão da água no Oeste: "Uísque é para beber; água é para brigar". E assim foi durante o século XX, quando praticamente todos os rios do Oeste foram represados e distribuídos entre diferentes estados (e, em alguns casos, até mesmo entre o Canadá e México). Todos os aquíferos foram bombeados do subsolo profundo, até que cada gota da *commodity* mais preciosa nos estados secos do Oeste tinha sido coletada, redirecionada, debatida e, finalmente, subsidiada pelo governo federal.

Se o lago Mono foi salvo para o presente, o lago Owens, logo mais para o sul, não teve tanta sorte – na verdade, nem era mais um *lago,* mas uma *playa* branca e mineralizada. Toda a bacia do rio Owens tinha sido literalmente roubada pela cidade de Los Angeles na virada do século, quando o consumo decorrente da expansão fenomenal da cidade tinha excedido em muito a capacidade de abastecimento do minúsculo rio Los Angeles, ao lado do qual ela tinha começado a crescer (como o "Pueblo de Nuestra Señora de La Reina de Los Angeles", ou "Povoado de Nossa Senhora Rainha dos Anjos"). O primeiro encarregado de tomar conta da água da cidade, William Mulholland, ficou responsável por encontrar uma nova fonte de abastecimento, e atravessou o Mojave em uma carroça até chegar ao vale do Owens. O rio Owens recebia água do derretimento da neve de Sierra Nevada e das Montanhas Brancas, em Nevada, e escoava no lago Owens, então cercado de fazendas irrigadas e de pomares e até mesmo navegado por barcos a vapor que serviam às áreas de mineração próximas de Death Valley e Panamint Valley.

Passados poucos anos, a maior parte da terra em torno do rio e do lago tinha sido comprada, de maneira sub-reptícia e por vezes fraudulenta, por representantes de Los Angeles, e um vasto aqueduto

foi construído para levar a água através do deserto até a cidade sedenta. Sem dúvidas, Mulholland era um funcionário público dedicado. De origem humilde, ele começara a carreira como cavador de valas e ascendera até chegar ao posto de chefe de todo o sistema de abastecimento de Los Angeles, e não tirou lucrou dos esquemas ilícitos que cresceram em torno de seu trabalho junto ao poder público. Quando ele abriu o aqueduto, Mulholland talvez tenha proferido o mais curto discurso da história, apontando para a água e dizendo: "Aqui está. Peguem".

Contudo, outras pessoas com menos consciência cívica ganharam muito dinheiro, incluindo o prefeito da época – que comprou as únicas terras de todo o Owens Valley adequadas para receber a represa – e as famílias Otis e Chandler, proprietárias do *Los Angeles Times (*que tinha feito campanha aberta pela emissão de letra de câmbio para pagar pelo empreendimento). Juntamente com outros capitalistas perspicazes, eles compraram a terra seca e sem valor em San Fernando Valley e depois usaram o "excesso" de água do aqueduto para irrigar o que se tornariam as plantações mais lucrativas de frutas cítricas do país – e, mais tarde, os terrenos mais produtivos do Oeste.

Mulholland, porém, morreu em desgraça, depois que uma represa construída sob sua supervisão em San Francisquito Canyon arrebentou no meio da noite durante uma enxurrada e causou imensa destruição e muitas mortes. Nos dias de hoje, ele é lembrado principalmente pela famosa Mulholland Highway, uma estrada de belas paisagens ao longo do paredão entre Hollywood Hills e Santa Monica Mountains.

Em Bishop, a principal cidade do vale de Owens, parei em um posto de gasolina e tirei algumas das camadas de roupa de baixo. Então, segui na direção sul até Big Pine e dobrei para leste na California 168, uma estradinha que Brutus e eu tínhamos percorrido em nossa primeira viagem até o Death Valley, durante a turnê de *Test For Echo.* Tracei as curvas e subi por uma pista dupla quase vazia e de asfalto perfeito, mas logo depois tive que me espremer na pista única entre as rochas de Westgard Pass. Em seguida, mais duas passagens de 2.000 metros em Gilbert Summit e Lido Summit. Desci para o alto deserto de creosote e árvores de Josué em um dia fresco e ensolarado e cruzei a fronteira para Nevada.

No cruzamento com a 95, deparei com o Cottontail Ranch ("Sempre Aberto"), que na verdade não era um rancho, mas um bordel com um grande estacionamento de cascalho na frente onde uns dois caminhões e alguns carros representavam todo o movimento daquela tarde. ("Não parei", escrevi.) Enquanto seguia para o norte, passando por Goldfield, uma cidade quase fantasma, até chegar à junção com a Grand Army of The Republic Highway, decidi procurar um quarto na cidadezinha de Tonopah (o sufixo "pah" significa "água" no idioma dos indígenas shoshone, e por isso aparece com regularidade nos nomes de localidades das regiões áridas da Great Basin, como Ivanpah e Pahrump – que deve ser o equivalente em shoshone para Soggy Botton, ou Brejo Encharcado).

Tonopah era uma cidade pequena, mas grande o suficiente para abrigar um hotel decente da rede Best Western e um acolhedor restaurante mexicano, o Su Casa, que fora inaugurado recentemente em um local respeitado por sua antiguidade e que, obviamente, já tinha servido "boa comida" sob diversos outros nomes antes, com a mesma decoração e com os mesmos móveis de courino, fórmicas, cromados, guardanapos de papel e copos de água de plástico.

Tonopah também era grande o suficiente para ter criminalidade nas ruas, porque notei naquela noite que havia dois garotos de 10 ou 11 anos brincando pelo estacionamento. E na manhã seguinte, quando fui checar a pressão dos pneus da moto, vi que as tampinhas das válvulas haviam desaparecido. Sem dúvida, um souvenir exótico para esses garotos de cidade pequena, uma traquinagem inofensiva, mas fui obrigado a manter a velocidade baixa nas estradas abertas do deserto com medo de que as válvulas sem proteção pudessem sucumbir à força centrífuga. Só fui encontrar uma oficina grande o suficiente para me vender duas tampinhas de válvula (por cinquenta centavos) em Utah, e então senti que poderia acelerar *com segurança.*

Do meu diário, sobre aquele dia, 10 de outubro:

Manhã fria, mas clara e ensolarada, com lindas paisagens no deserto vasto e picos escarpados e pregueados, seu contorno fazendo sombra no sol da manhã. Pássaros parecidos com andorinhas [corvinas] por toda a estrada, voando à minha frente, muitas vezes escapando por poucos

centímetros. Também havia algumas vacas na estrada.

Eu não pude resistir à tentação de tomar o café da manhã em Rachel, Nevada, um aglomerado de casas pré-fabricadas e trailers na "Estrada Extraterrestre". Pelo que li em um cartaz, Rachel se autoproclamava "A capital do OVNI na América: alienígenas são bem-vindos", e o balcão de souvenir no restaurante estava repleto de mercadorias desse tipo, como palhetas de guitarra em formato de alien e canecas e adesivos de para-choques com a sigla UFO. A proximidade de Rachel com a base de força área de Nellis (incluindo a lendária, talvez mítica, Área 51) e a área de testes de Nevada atraíam certa fama baseada em relatos de estranhos objetos voadores que podem ter sido resultado de "engenharia reversa" retirada de espaçonaves capturadas, tais como aquela que supostamente caiu perto de Roswell, Novo México. Não importa se você "quer acreditar" (como diz o *slogan* do seriado de TV *Arquivo X*) ou não, tudo é muito interessante de qualquer maneira.

Para mim, era igualmente interessante observar o tipo de pessoa que era atraída por esses mitos. As paredes do restaurante, chamado "Little Ale'Inn" (uma corruptela tosca que formava "Pequeno Alien"), estavam cobertas com charges e frases de efeito contra o governo, o presidente, sua esposa, o Departamento de Gestão Pública Territorial, os defensores do controle de armamento e qualquer outro que pudesse estar interferindo na "liberdade" do Oeste. (A suposta independência reivindicada ardentemente pelos rancheiros dos estados do Oeste junto ao governo federal, do qual dependem para angariar subsídios e direitos para explorar ao máximo as terras federais, já foi definida como: "Deixe-me em paz, e me dê mais dinheiro".)

Cartaz sobre o bar: "Obrigado por prender a respiração enquanto eu fumo". Como o proprietário de uma pousada no Alasca sobre o qual eu tinha lido: "É claro que há uma área para não fumantes – lá fora!"

Passei por Warm Springs (vapor no riacho) e pelo Five Mile Ranch, onde Brutus e eu "roubamos" gasolina naquela vez.

Outra vez, essa referência remonta à turnê do Rush durante a

primavera de 1997, quando Brutus e eu estávamos cruzando os Estados Unidos na nossa segunda *blitz cross-country* (de costa a costa em cinco dias). Aparentemente, nós ainda não tínhamos aprendido a aplicar um pouco de ceticismo saudável quando olhávamos os mapas do Oeste americano – um nome no mapa poderia tanto não significar necessariamente um posto de gasolina quanto poderia não significar *nada*.

Quando saímos de Rachel, Nevada, naquela manhã, decidimos não reabastecer naquele momento. Achávamos que ainda havia combustível para uns 90 quilômetros e que conseguiríamos chegar facilmente à próxima cidade do mapa, Warm Springs. Contudo, o trecho seguinte da rodovia era uma pista dupla reta e deserta, e fomos levados a acelerar mais e mais na estrada livre, até que estávamos rodando em formação a 160 quilômetros por hora. Alta velocidade implica alto consumo de combustível, e nossos medidores de gasolina caíram vertiginosamente, até que percebi que a luz amarela do tanque reserva estava acesa.

Então, de repente, meus olhos congelaram na estrada à frente, e se arregalaram porque não acreditavam no que viam. Uma resposta instantânea de medo me fez soltar o acelerador sem pensar, e olhei fixamente para frente, na direção de uma forma preta enorme que tinha surgido mais adiante na estrada, materializando-se por trás de uma elevação na pista. Era um caça da base da Força Aérea que ficava ali perto, e sua forma ameaçadora parecia pairar à nossa frente, para depois se inclinar acentuadamente e acelerar para o sul. O piloto deve ter decidido se divertir um pouco e nos assustar; e conseguiu. (Percebi que minha reação instintiva a uma aparição dessas era pensar: "POLÍCIA!".)

Quando chegamos a Warm Springs, é claro que não havia ninguém lá. Paramos num estacionamento de cascalho ao lado de dois prédios desertos e, quando desligamos os motores, ouvimos apenas o vento. Olhamos um para o outro, descemos das motos, tiramos os capacetes e fumamos um cigarro. E agora?

Brutus viu um telefone público fixado a uma parede e folheou o guia telefônico à procura de um posto de gasolina. Poderíamos oferecer dinheiro para que nos trouxessem combustível, mas nenhum

atendeu. Uma caminhonete com um reboque para cavalo parou no estacionamento ao nosso lado, e um fazendeiro de meia-idade, uma mulher mais jovem e uma adolescente desceram e tiraram os cavalos, deixando-os respirar ar puro e beber água à sombra. Enquanto Brutus telefonava, fui até o fazendeiro e perguntei se ele sabia de algum posto de gasolina nas redondezas. A mulher estava abrindo uma embalagem de alumínio com frango frito sob o capô da caminhonete. Enquanto conversávamos, ficou claro que ela era sua filha, e a menina era sua neta.

Os dois me disseram que os postos mais próximos ficavam em Ely, 160 quilômetros ao norte, ou Tonopah, 80 quilômetros para o sul. Quando expliquei nossa situação difícil, o fazendeiro disse:

– Eu queria poder ajudar – então apontou para a caminhonete com uma coxa de galinha –, mas ela é a diesel.

Com a boa hospitalidade do Oeste, ele nos ofereceu um pedaço de galinha também, que recusei educadamente. Ainda estava de barriga cheia com o café da manhã ruim que tínhamos feito em Panaca, e também estava preocupado demais com o que iríamos fazer para resolver a situação. A filha sugeriu que talvez pudéssemos comprar um pouco de gasolina de algum fazendeiro e disse que haviam passado por um rancho de tamanho razoável que ficava a cerca de 11 quilômetros dali.

O rancho se chamava Five Mile Ranch, e exibia um símbolo formado por cinco automóveis Chevron em uma placa sobre o portão. Andamos pelo caminho da entrada e paramos no pátio, mas não vimos ninguém. O complexo incluía uma casa, vários prédios anexos e alguns trailers. Uma Chrysler novinha e mais algumas caminhonetes e tratores de aparência respeitável estavam estacionados no pátio. Ou seja, o lugar parecia habitado, mas mesmo assim não apareceu ninguém. Um pequeno pulverizador girava, espalhando suas gotas sobre um gramado protegido por cercado. A porta da frente da casa estava trancada com um cadeado (!), mas as portas da garagem estavam escancaradas, com ferramentas e equipamentos à vista lá dentro.

Nervoso, caminhei de volta até onde estavam os trailers e um prédio mais afastado no meio de uma plantação de algodão. Gritei

“Olá”, mas não houve resposta. Quando voltei para as motos, Brutus estava cutucando o grande tanque de combustível pendurado sobre uma estrutura de madeira.

– Você consegue saber se é gasolina ou diesel? – ele perguntou.

– Pelo cheiro eu consigo.

Ele me entregou a mangueira, eu cheirei e disse que era gasolina.

– Bem, eu vou pegar um pouco. Nós podemos deixar um dinheiro.

Não me importo em confessar que estava apavorado, mas eu não tinha uma ideia melhor. Exceto uma coisa:

– Vamos deixar o dinheiro primeiro – eu disse, já imaginando a porta se abrindo de repente, o click-click do gatilho e uma voz falando lentamente: “U quê cêis moço pensa que tão fazendo?”

Mais tarde, naquele dia, eu escrevi: “Não me lembro de alguma vez na vida ter ficado com tanto medo”, e eu mal podia esperar cair fora de lá. Antigamente, costumavam enforcar os ladrões de cavalos porque, ao roubar o cavalo de um homem, você praticamente o condenava à morte. Será que não encarariam o roubo de gasolina com a mesma seriedade? De qualquer maneira, pegamos sete litros cada um, e Brutus deixou uma nota de 20 dólares (provavelmente 20 vezes mais do que o preço na bomba naquela época) com um bilhete explicando nossa situação.

Tínhamos nos livrado de uma situação ruim graças à engenhosidade destemida de Brutus (e para onde foi que isso acabou o levando?), mas eu me sentia culpado. E até mesmo agora, um ano e meio depois, fiquei nervoso quando passei por aquele rancho no meu caminho para tomar café da manhã em Rachel e resgatei mais memórias das minhas viagens com Brutus.

Continuei para o leste pela Estrada Extraterrestre, reparando no asfalto avermelhado perto de Panaca (provavelmente um sinal do espaço sideral), segui adiante até a fronteira com Utah, onde as regularmente espaçadas árvores-de-josué (chamadas assim pelos colonos mórmons porque eles achavam que a árvore lembrava os braços erguidos de um profeta) cederam espaço para arbustos de zimbros, que mais adiante deram lugar a zimbros maiores e cânions rochosos repletos de formas pontiagudas.

Naquela noite, Deb, Mark e sua família planejavam chegar até um

estacionamento para motor-homes em Springville, Utah, perto de Provo. Percorri mais de 800 quilômetros naquele dia antes de fazer o check-in em um hotel da rede Best Western, do outro lado da rua em relação ao estacionamento. Fiz uma série de telefonemas referentes à situação do Brutus (fiquei com "dor de ouvido", escrevi) e depois jantei rapidamente no Flying J, um paradouro de caminhoneiros, enquanto os esperava chegarem.

Foi quando me dei conta de que não via um rosto familiar já havia quase um mês, desde Vancouver, e eu estava animado com a ideia de passar um tempo com pessoas que eu conhecia e, principalmente, que me conheciam. Ter uma folga de ficar sempre prevenido ou evitando certos assuntos com estranhos (por exemplo, como eu temia que alguém me perguntasse algo gentilmente para puxar assunto, como: "Então, você tem família?"). Eu podia simplesmente ficar à vontade com eles, compartilhar sentimentos em silêncio ou fazer brincadeiras familiares que poderiam evocar o passado – mas de um jeito que eu e Deb achássemos *reconfortante* em vez de lancinante. Mantínhamos Jackie e Selena vivas um para o outro e também compartilhávamos o sentimento de que éramos os únicos que realmente sabiam o que havia sido perdido.

Outro motivo para o nosso encontro era que todos estávamos indo para Las Vegas. Depois que Mark tinha enfrentado o desafio de tentar cuidar de sua esposa inconsolável e ao mesmo tempo tomar conta de um filho recém-nascido, Deb queria fazer alguma coisa legal para ele, e tinha aderido a um plano originalmente sonhado por Brutus – que tinha planejado me encontrar em Las Vegas e correr de moto numa pista local com o tricampeão mundial Freddie Spencer. Mark andou de moto por muitos anos, e Deb havia inscrito o marido na escola de pilotagem como parte de seus planos para as férias em família. Obviamente Brutus não iria se juntar a nós, mas pelo menos eu tinha Mark para compartilhar a experiência.

No dia seguinte, seguimos por caminhos diferentes até Las Vegas. Eles deixaram o motor-home estacionado no Circus Circus, e eu fui para o hotel designado pela escola de pilotagem, o Excalibur, uma enorme atração turística que tentava imitar o estilo dos tempos do Rei Arthur, construído, é claro, sobre um enorme cassino. Lá eu

finalmente consegui um endereço para o qual poderia enviar cartas a Brutus e contei a ele sobre minhas experiências em Las Vegas numa carta do parque nacional Zion, em Utah – a primeira de muitas cartas longas e escritas à mão que eu enviaria durante nossos exílios mútuos. Acabou sendo uma boa terapia para mim, e também não parecia magoar Brutus.

A comparação no início da carta de Zion como um oposto à Babilônia veio de uma canção do Rush chamada *Digital man*, para a qual eu peguei emprestada a dicotomia dos rastafáris – embora Bob Marley talvez tenha se referido a Zion como uma "terra prometida" localizada na Etiópia, enquanto a malvada Babilônia (como no título do álbum ao vivo, *Babylon by bus*) parecia ser os Estados Unidos. Alguns podem dizer que ele entendeu tudo exatamente ao contrário.

16 de outubro de 1998, Zion Lodge

E aí parceiro,

Cerca de 15 anos atrás, um trouxa que eu conhecia colocou essas palavras numa canção de rock:

"Ele queria passar a noite em Zion,

Já faz muito tempo que ele está na Babilônia"

É a mais pura verdade sobre a minha situação hoje, após quatro noites em meio ao imenso caos e à sociedade irritantemente degradante de Las Vegas! Cara, eu não estava com saco para aquele lugar. No passado, sempre achei a cidade moderadamente divertida (ou pelo menos o outro cara achava), mas o trânsito, o barulho e o tilintar irritante das máquinas caça-níqueis, as multidões de gente feia e gorda, a comida ruim, o serviço ruim e o quarto de hotel brega me deixaram maluco. Fiquei totalmente feliz em escapar de lá nesta manhã.

Também me dei conta de que você não se importaria em passar uma noite em Zion também. Outro verso que o trouxa vidente teria escrito para você: "Onde você preferiria estar? Em qualquer lugar, menos aqui". Tenho certeza de que isso é verdade, não é? Agora, é a minha vez de não saber o que dizer ou fazer, mas espero que eu possa ser um amigo tão bom para você nessa época ruim quanto você foi nos meus maus momentos. Já te disse antes, mas é bom repetir: ninguém *foi um amigo tão devotado*

quanto você, e fico contente em ter a oportunidade de retribuir um pouco de sua dedicação. Então, antes que eu escape desse rigor sentimental, deixe-me dizer apenas que não somente farei qualquer coisa que puder para ajudar você a se livrar ou superar essa situação ridícula, como também garantirei que sua família fique amparada por tanto tempo quanto for necessário. Apenas não se preocupe com isso. Enquanto eu estiver por perto, eles estarão bem.

Agora, pare de choramingar, ou darei a você alguma coisa que realmente faça você soluçar.

O curso com Freddie Spencer foi muito bom – ou seja, não sofri nenhum acidente! Não deixei meu joelho bem baixo, mas consegui "pendular" muito bem, e definitivamente aprendi uma ou outra coisa sobre como fazer curvas com uma motocicleta. Como suspeitávamos, o Freddie era uma figura, embora ele só "aparecesse" de tempos em tempos para contar algumas anedotas do tempo em que corria, ou para fazer demonstrações ocasionais de sua habilidade de pilotagem sublime. Durante o segundo dia, cada um de nós teve a oportunidade de segui-lo na "faixa de corrida" ao redor da pista, e só isso já valeu a viagem. Foi no mínimo uma boa lição de humildade.

Nick Ienatsch (antigo editor da revista Sport Rider*) foi nosso professor na maior parte do tempo, expressando de forma articulada os princípios de Freddie quanto à suavidade, ao controle da moto e aos movimentos corporais de um jeito que nós, mortais, pudéssemos compreender. Havia apenas sete alunos na turma, então todos conseguiram receber uma boa dose de atenção individual e passaram um tempo substancial na pista (embora não fosse de maneira alguma o suficiente!).*

Mark também se divertiu (e tampouco se acidentou), e foi legal ficar com eles no estacionamento de motor-homes, assistindo a episódios de South Park e comendo porcarias dos bufês do Circus Circus e do Excalibur. Delícia. E isso me lembrou de uma coisa: no mesmo dia em que descobri nosso "infortúnio", entreguei os pontos e liguei para o dr. Earl para perguntar por que eu estava acordando no meio da noite exatamente seis horas após comer, e ele disse: "é um sintoma clássico de úlcera*" *****! (Não sei se você pode ler palavrões onde está – haha). Por isso, agora eu tenho que tomar uns Zantacs todas as noites durante* um mês*, e espero que isso ajude, especialmente antes de eu chegar ao México.*

E só para você não achar que estou me divertindo demais, não consegui uma mesa para jantar aqui antes das 20h30min. Cara! A Babilônia pode ter sido um lugar congestionado com lixo humano de ponta a ponta, mas Zion também está entupida. (Embora eu de fato tenha percebido uma grande diferença entre o tipo de americano que visita os parques nacionais e os frequentadores de Vegas: aqueles têm a metade do tamanho e duas vezes mais vitalidade.)

Você certamente se lembra da visão panorâmica breve, mas inesquecível, que tivemos desta área, vista de cima em Cedar Breaks. Ela é igualmente espetacular vista de perto. O Lodge se aninha entre os paredões do cânion, mais alto do que largo, todo formado por arenito avermelhado. Lá na base, ao longo do rio Virgin, há diversos pinheiros e choupos-do-canadá. Tive a sorte de conseguir uma cabana, embora fosse um daqueles combos "quadruplex", e a lareira de pedra fosse apenas uma lareira falsa a gás. Acho que você provavelmente já está chorando por mim. Hoje à tarde fiz uma caminhada pelos paredões do cânion até Emerald Pools, e uma hora dessas mando as fotos que tirei por lá. Uma hora em que eu estiver realmente com ódio de você e quiser torturá-lo…

Ok, sim, foi lindo, mas havia um número surpreendente de outras pessoas que pareciam pensar que tinham o direito de, tipo assim, compartilhar *o lugar comigo, sabe?*

O mesmo aconteceu na Califórnia. Depois que conversei com você em Salt Lake City, e havia neve bloqueando meu caminho até os estados de Wyoming e Montana, segui para o oeste cruzando Reno, e de lá em diante fiquei preso num trânsito ultrajante. Passar pelo lago Tahoe era como já estar em Los Angeles, com trechos em obras por todo lugar, e o trecho de lá até Napa passava a mesma sensação que se eu estivesse numa droga de desfile. (Talvez eu estivesse mal-acostumado depois de semanas em Yukon, Alaska, Colúmbia Britânica, Idaho e Nevada.) Passei alguns dias em St. Helena (onde, infelizmente, fiquei apavorado em ouvir as notícias sobre você*) e dei uma caminhada pelo Jack London State Park no vale Sonoma (a propósito, Deb queria escrever para você também, então pedi que ela te enviasse alguns livros de London que li recentemente e de que gostei). Enquanto descia as Sierras, percebi que fazia calor de verdade pela primeira vez em trinta dias. Na manhã anterior, depois que falei contigo em Ely, fazia cinco graus negativos, então foi ótimo poder viajar pela*

Califórnia apenas com a roupa de couro e uma camiseta.

Mas o preço a pagar por isso eram todos aqueles veículos ao meu redor, então fugi rapidamente de lá. Retornei a Nevada após fazer uma grande volta a 2.895 metros de altura, partindo de Sonora Pass até Big Pine, onde peguei aquela estrada fabulosa por onde já viajamos no sentido oposto, cruzando Westgard Pass. Depois de uma noite em Tonopah e do café da manhã em Rachel (parei para me ajoelhar diante do Five Mile Ranch, nossos samaritanos desconhecidos), rodei até Springville, em Utah, para me encontrar com Deb e Mark.

E isso meio que nos traz até o presente momento. *Consegui só uma noite aqui, então amanhã vou para Bryce Canyon, e devo circular por essa área até que o tempo fique assim. Estava agradavelmente quente em Las Vegas, mas aqui em cima voltou a fazer um frio maldito. Mas pelo menos não está nevando.*

Só que não sei, parece que falta alguém*, sabia? (Na verdade, faltam* algumas *pessoas.)*

Não sei se eu quero tentar a estrada Hole-in-the-Wall sozinho, ou a North Rim, mas talvez eu siga em direção ao Moab para ver como as coisas andam por lá. Em 3 de novembro, vou encontrar Alex e Liam na casa de Alex em Santa Fé, e vai ser legal, mas às vezes tenho que admitir que me sinto meio "perdido". Ser um "motoqueiro andarilho" me cai bem de muitas maneiras, mas em certas manhãs eu apenas queria estar em Quebec, preparando minha própria comida, e circular pela casa ao invés de circular pela América.

Mas não. Esta é a melhor coisa a se fazer, pelo menos até o Natal, e quando tenho um daqueles momentos de fraqueza, a única coisa a fazer é continuar em movimento.

Tenho saudades suas, cara, e queria muito que você estivesse aqui comigo em Zion, e não aí na Babilônia. Nós dois *nos divertiríamos muito mais!*

(Cedo na manhã seguinte…)

Eu ia continuar a escrever por mais um tempo, mas já que eles têm um posto de correio aqui no hotel, decidi enviar a carta para que você a receba mais cedo. Pela minha experiência com meu amigo inglês e seus

períodos de "feriado a contento da Vossa Majestade", sei que "algum dinheiro" pode ser útil, e como também consigo fazer uma ordem de pagamento daqui, vou lhe enviar algumas centenas de dólares para qualquer "utilidade" que você possa adquirir por aí.

Se você estiver com humor para tanto, adoraria ter notícias suas. Além disso, recebo lotes de cartas de Sheila com certa regularidade por meio do escritório, caso você queira escrever algumas linhas. Se houver qualquer outra coisa que eu possa fazer por você ou por sua família, é só pedir; estarei aqui. (Talvez não aqui *exatamente, mas em* algum lugar*!)*

Estou torcendo para que o lance da fiança dê certo, e que seus apoiadores leais (como eu) consigam levantar o "tributo do rei" para te tirar de uma vez desse buraco!

"Te adoro um tantão assim."

"O quê?"

"Endoideceu."

Do amigo da vizinhança

Ghost Rider

Enquanto eu estava fazendo o depósito para a ordem de pagamento e enviando a carta a Brutus, soube que minha cabana estaria disponível para mais uma noite e decidi reservá-la novamente. Durante o café da manhã, perguntei à garçonete sobre o prédio principal, porque sabia que tinha sido outro destino frequente da época das antigas viagens de trem (neste caso, da companhia Union Pacific), mas o edifício não parecia ter sido construído naquele tempo. Ela me contou que o prédio original tinha sido destruído por um incêndio nos anos 1960, e que depois tinha sido reconstruído em 90 dias. "E estão tentando consertá-lo desde então." As cadeiras e as mesas tinham sido feitas pelo neto do marceneiro original, com estruturas de "vime e taquara".

Na parede do restaurante, reparei na versão de Utah para o aviso contra o álcool, semelhante àquele exibido nos restaurantes e bares da Califórnia.

"aviso – o consumo de bebidas alcoólicas adquiridas neste estabelecimento pode ser perigoso para sua saúde e para a segurança dos outros."

Eu tinha pouca paciência com esse tipo de paternalismo exagerado no estilo "papai-sabe-tudo", e editorializei no meu diário: "Ah, vá se foder".

Mais tarde naquele mesmo dia, escrevi outras opiniões sobre tudo o que havia na minha mente em outra carta para um amigo distante. Parecia que eu havia entrado em um período de reflexões profundas e, como sempre, o melhor a fazer era expressá-las no papel. Esta carta foi escrita para Mendelson Joe, um pintor, músico, ativista, ambientalista, motociclista e escritor de cartas maravilhosamente idiossincráticas canadense, morador das florestas do norte. Joe era um homem grande física e filosoficamente. Ele tinha uma inteligência aguçada, uma integridade inflexível, opiniões ardorosas, humor ácido e desprezo causticante pela maior parte da humanidade. Concordávamos em muitas coisas, discordávamos em algumas e apreciávamos nossa correspondência estimulante, embora esporádica.

17 de outubro de 1998
Parque Nacional Zion

Prezado Joe,

Você vai ser meu convidado para jantar hoje à noite, num dos lugares mais lindos que você, ou eu, já vimos. Estamos jantando no Lodge, onde estou hospedado há dois dias, e estou comendo alcachofra, sopa de legumes e carne e truta a Ruby Red *e tomando um* chardonnay *Kendall Jackson. Pode se servir!*

Nos dois lados, as paredes de arenito vermelhas do cânion se erguem a 600 metros de altura e a base do cânion mal tem essa largura. Por isso, os choupos-do-canadá e a vegetação exuberante ao longo do rio Virgin só veem o sol ao meio-dia. Noite passada, no caminho de volta do restaurante para minha pequena cabana, parei para observar o bando de cervos mais manso que já vi pastando no gramado. Um deles era um veado com chifres, então olhei para cima e vi as estrelas mais brilhantes que vi desde... desde sei lá quando.

Hoje nós (isso é, você e eu) saímos para uma caminhada de 16 quilômetros. Subimos aquelas paredes de 600 metros no primeiro trecho de

pouco mais de 6 km, até chegarmos ao ponto de observação na beira do cânion, onde paramos para um piquenique com vista panorâmica para os paredões erodidos – alguns angulares que lembravam um forte, outros arredondados em declives e curvas formadas pela ação da água e das pedras que caíam lá de cima. Na parte mais elevada a rocha é branca, enquanto nos trechos de baixo o ferro e outros minerais deixaram os rochedos manchados com vários tons de vermelho e marrom. Resumindo, é deslumbrante.

The Great White Throne, The Three Patriarchs, The Weeping Wall, Angels' Landing, The Emerald Pools, The Temple, todos esses lugares agraciaram nossos olhos, binóculos e câmeras. E Joe, você provavelmente está respirando com dificuldade, porque a base do cânion fica a 1.300 metros, chegando a quase 2.000 metros de altura no topo, então foi literalmente uma caminhada de tirar o fôlego.

E assim têm sido meus dias ultimamente, vivendo como um motoqueiro andarilho dos tempos modernos. Descobri lá no norte da Colúmbia Britânica que fazer caminhadas por trilhas é uma alternativa apropriada ao motociclismo – com a mesma finalidade de me manter em movimento –, então sempre que chego a um lugar como esse tento dar uma pausa e captar a paisagem e os pássaros.

O exercício é bom e também diminui o meu ritmo um pouco. Momentos de Verdade e Beleza estiveram dolorosamente ausentes da minha vida nos últimos tempos, e foi a moto que primeiro me trouxe até esses encontros sublimes com as estradas, as paisagens e a vida selvagem. Parando ao longo do caminho, principalmente em parques nacionais, e entrando nas matas tem sido… se não edificante, ao menos estabilizante.

Você sabe que as tragédias inacreditáveis e inaceitáveis dos últimos 14 meses abalaram minhas estruturas. Você sabe melhor do que qualquer um o modo como tentei viver minha vida – e se eu praticasse o bem, receberia coisas boas, acreditando no simples princípio básico de que "se você fizer o bem, você terá o bem". Mas isso não é verdade de maneira alguma, porque também era assim que Jackie vivia, e foi assim que ensinamos Selena a viver. Mesmo com 19 anos, toda a vida dela estava direcionada ao ato de lutar contra as injustiças *do mundo. Mas agora ela já não pode fazer isso, e o mundo sai perdendo.*

Quanto a mim, tenho que começar tudo de novo. Não apenas tenho

que construir uma nova vida, mas também construir uma nova pessoa. *Eu chamo meu eu antigo de "aquele outro cara", porque eu não compartilho nada com ele além de suas memórias. Tenho tentado descobrir todas as coisas de que ele gostava novamente, uma após a outra. Então eu continuo apegado a coisas como, por exemplo, ler, andar de moto e observar pássaros, mas ainda não tenho muita certeza quanto à arte e à música (eu posso ver ou escutar, mas não com o mesmo "envolvimento" que costumava ter), e sei que não tenho interesse no trabalho, na caridade, nos acontecimentos do mundo ou em qualquer pessoa que eu não conheça. Na minha atual vida cigana, encontro muitas pessoas todos os dias. Gosto instintivamente de algumas delas, e nesses casos reajo com ânimo a um encontro breve num posto de gasolina ou num restaurante de cidade pequena. Mas a maior parte das vezes eu vejo apenas pessoas feias e mesquinhas, e penso: "Por que vocês estão* vivos*?"*

E tem mais: às vezes, tenho um forte desejo de pegar uma metralhadora e abater esses desgraçados (é claro que eu tenho um pouco de raiva!). Dei-me conta disso abruptamente semana passada, quando estive em Las Vegas por alguns dias. Antigamente, sempre achava o lugar um pouco divertido (ou pelo menos o outro cara achava), mas desta vez foi insuportável: Porcos! Gentalha! Vacas! Bestas sem classe! Morram, morram, morram!

Contudo, eu estava lá por uma boa razão: a escola de Freddie Spencer na pista de corrida Las Vegas International Racetrack. Meses atrás, Brutus e eu tínhamos marcado as aulas, e embora ele não tenha conseguido ir por razões que já vou esclarecer em breve, encontrei-me com a irmã de Jackie, Deb, que estava fazendo sua própria viagem pela "Estrada da Cura" num motor-home com sua família. O companheiro dela, Mark, motociclista há muito tempo e dono de uma CBR 600, também fez o curso de dois dias.

Lembro de escrever para você quando eu estava fazendo o curso de Jim Russel com os carros da Fórmula Ford na pista de Mont Tremblant, em Quebec. Enquanto aquele curso era mais emocionante, este pareceu bem mais sério*, do mesmo modo que andar de moto nas ruas é mais sério do que dirigir um carro. O maior desafio, é claro, era não* se acidentar*, e fiquei feliz o bastante por ter sucesso nesse quesito, mas também porque me* diverti *(algo raro e bem-vindo na minha vida recente) com a adrenalina e aprendi algumas coisas sobre como pilotar a moto. Mesmo na viagem de lá até aqui, senti-me mais confortável e seguro na minha velha GS do que*

quando estava descendo a mesma estrada alguns dias antes.

A minha R1100 GS recém passou dos 84.000 quilômetros, dos quais 27.000 foram percorridos nos últimos dois meses, e continua sendo a moto mais confiável, versátil e divertida *que posso imaginar. Dos 1.600 quilômetros de pó, cascalho e barro lá em Inuvik e no caminho de volta às curvas intermináveis nas estradas de Idaho, bem como para os trechos longos e desolados da Highway 50 em Nevada ("A estrada mais solitária da América"), a GS tem sido minha fiel montaria e minha companheira. Algumas trocas de óleo, dois conjuntos de pneus, pastilhas de freio novas e duas revisões de 10.000 quilômetros, em Vancouver e em Las Vegas, e estamos prontos para seguir adiante. Meu plano/não plano bem vago é vagar para o sul cruzando os estados do oeste (já fui expulso de Wyoming e Montana pela neve precoce nas montanhas, e enfrentei temperaturas negativas nos pontos mais altos) e chegar até o México, e talvez Belize, até sobreviver ao Natal – aquela antiga época de felicidade junto à família em Quebec. Então, estou pensando em deixar a moto em San Diego e voltar para casa de avião para passar lá janeiro e fevereiro, os primeiros meses de inverno, com a esperança de que praticar esqui cross-country ou fazer trilhas pela neve "deem certo" para mim do mesmo modo que dão certo as caminhadas pelos parques em dias como hoje, ou nos outros dias em Glacier Park, Montana, Sun Valley, Idaho ou no Jack London State Park, na Califórnia.*

Há pessoas que realmente dizem me invejar*, embora a maioria seja de estranhos, e duvido que você teria sido tão limitado ou egoísta a ponto de dizer uma coisa dessas. Isto é muito mais liberdade do que qualquer um jamais deveria desejar, e carrega muito mais bagagem do que a "liberdade" jamais poderia sustentar. Isto é mais como um "voo desesperado", e um outro nome que tenho para mim mesmo é "Ghost Rider". Sou um fantasma, carrego alguns fantasmas comigo e viajo por um mundo que não é muito* real*. Por enquanto fico bem, contanto que eu me mantenha em movimento…*

Então – Brutus. [Resumo da história dele.]

Cara! É horrível para ele, para a esposa e para o filho, e também estou sofrendo com isso. Primeiro minha filha, depois minha esposa, depois meu cão (meus pais estavam cuidando dele, mas ele teve que ser sacrificado um mês atrás) e agora meu melhor amigo. É duro ser filosófico, sabe?

Mas vou ajudar a cuidar da família dele (disse que perdi minha vocação para a caridade, mas não a generosidade para as pessoas com quem me importo) e ver se posso ajudá-lo a sair sob fiança ao menos por um tempo, mas é quase certo que vai demorar muito até que possamos viajar juntos de novo. Claro, ele sabe bem o lema (se-não-consegue-cumprir-a-pena, não-cometa-o-crime etc.), mas, ainda assim, é uma merda.

E naquele mesmo dia eu descobri que tenho uma úlcera. *(Por que será?)*

Mas amanhã eu vou para o parque nacional Bryce Canyon, depois para Capitol Reef, Canyonlands e The Arches (Utah é um estado bastante rico em paisagens, cheio de lugares incríveis) e apenas continuar em movimento. Não tenho outra coisa para fazer.

Ruby's Best Western Inn
Parque Nacional Bryce Canyon, Utah

Bem, aqui estamos em um novo cenário, ainda mais espetacular que o de ontem. A 2.700 metros, olhando para o sul em direção ao Grand Canyon e cercado por formações rochosas inacreditáveis que criam pináculos, arcos, torres e ameias góticas. A origem de seu nome vem de um colono mórmon, Ebenezer Bryce, que teria dito: "É um inferno de lugar para perder uma vaca!" Sem dúvida. (Interessante notar que o guia de parques do Estado de Utah troca a palavra "inferno de lugar" para "péssimo lugar".)

Hoje não fiz nada além de dar um passeio para apreciar a paisagem em torno do parque, parando em vários mirantes para observar e fotografar (tirei mais fotos nos últimos dois dias do que costumo tirar em duas semanas), e amanhã vou sair e fazer uma caminhada pela trilha. Já nevou bastante aqui alguns dias atrás, então estou feliz porque as estradas (e o céu) estão limpos no momento.

De qualquer maneira, queria terminar esta carta e enviá-la de uma vez, então agora eu vou calar a boca. Espero que as coisas não estejam tão ruins com você, Joe, e agora que estou recolhendo os cacos da minha nova vida, tenho certeza de que entrarei em contato com mais frequência nos meses e anos que virão.

Câmbio e desligo aqui na "Estrada da Cura", Highway 12, em Utah.
Seu amigo,
NEP

Numa longa caminhada pela parte do parque nacional Bryce Canyon chamada Fairyland Canyon, desci os paredões erodidos de arenito e as torres em meio a pináculos esculpidos chamados "hoodoos", todos eles entalhados numa simetria horizontal de camadas coloridas. Esses elementos pontuais da paisagem se pareciam mais com obras de arte do que com resultados da ação da natureza, e a paisagem se parecia com um *museu.* Entre as comparações que me vieram à mente estavam os esplêndidos trabalhos orgânicos de Gaudí em Barcelona, como a catedral da Sagrada Família; as mesquitas de barro que vi ao longo do rio Níger em Mali; as ruínas gregas esfareladas em Éfeso ou no Parthenon; os *pueblos* Anasazi do Novo México; o forte da Legião Estrangeira em *Beau Geste; o Vale dos Reis* no Egito; ou talvez alguma coisa igualmente monumental, mas fantasmagórica, como uma visão do continente perdido de Atlântida.

Num centro de informações turísticas no parque nacional, comprei um livro chamado *Desert Solitaire,* de Edward Abbey, que foi guarda florestal no parque nacional Arches, em Utah, durante os anos 1950, e fiquei profundamente impressionado com seus ensaios e histórias passadas no deserto alto e nos cânions de Utah e do norte do Arizona. Ele escreveu sobre como era fazer *rafting* e longas caminhadas pelo Glen Canyon, no Colorado, um pouco antes de ele ser inundado e se tornar o lago Powell. Eu comecei a entender um pouco do que tinha sido *perdido* com as construções dessas grandes represas. Há alguns *insights* sobre os *humanos,* como este: "Com a idade de 40 anos, um homem é responsável pelo seu rosto. E por seu destino". Querendo compartilhar essas descobertas com um amigo que certamente as entenderia, mandei imediatamente uma cópia de *Desert Solitaire* para Brutus pelo correio, junto com uma antologia de vários escritores chamada *A Desert Reader.*

Abbey mencionava muitas vezes Moab, uma cidadezinha no leste de Utah localizada entre dois parques nacionais, Arches e Canyonlands, e eu resolvi seguir por aquele caminho, passando por

uma variedade impressionante de paisagens no sudeste de Utah, que iam das pradarias e cenários lunares até as pedras vermelhas e a floresta de altitude (2.800 metros), passando pela sálvia e pelos zimbros. Então, segui para o alto cortando Hanksville e circundando as montanhas Henry (as últimas a serem batizadas em todos os Estados Unidos, conforme li em um livro sobre a exploração do rio Colorado pelo major Powell, *Beyond the hundredth meridian,* de Wallace Stegner) até Moab, no Estado de Utah.

Moab acabou se mostrando a cidade pequena perfeita, ao menos segundo os critérios exigentes do *Ghost Rider*, que são os seguintes: deve haver um hotel decente, um bom restaurante, um museu sobre a história local, um posto de correio simpático e uma loja de bebidas com um bom estoque. St. Helena, na Califórnia, localizada no Napa Valley, tinha sido a minha favorita até então, mas Moab a superou por sua localização isolada e espetacular e pela ausência de multidões e de trânsito e de atitudes "arrogantes". Somava-se a isso um ambiente que poderia ser comparado a um oásis de cultura no meio de milhares de quilômetros quadrados de natureza selvagem e inacessível.

O Center Café, por exemplo, era um deleite totalmente inesperado para o paladar de um viajante cansado, com sua elegância despretensiosa, seu cardápio sofisticado e uma carta com pelo menos 20 tipos diferentes de vinho. Havia um pequeno e bom museu que ficava aberto até oito horas da noite e exibia mostras sobre a vida aborígene naquela área, geologia, história natural e contos dos pioneiros e dos mineiros. Havia ainda uma biblioteca vizinha a ele (com uma exposição das primeiras edições de Edward Abbey) que ficava aberta até nove da noite.

Edward Abbey era claramente uma espécie de herói local em Moab, porque a livraria se chamava "Back of Beyond", como uma empresa fictícia que aparece no livro *The Monkey Wrench Gang,* no qual (com seus típicos humor e irreverência) Abbey introduzia o conceito de ecoterrorismo que, acredita-se, inspirou ativistas da vida real, como o pessoal do Earth First! Como muitas das lojas na rua principal de Moab, que forneciam suprimentos para os parques nacionais próximos dali e para as trilhas de *mountain bike* e para veículos *off-road* de renome internacional, a Back of Beyond estava

aberta naquela noite, e gostei de vasculhar as prateleiras como forma de lazer após o jantar. Havia uma estante inteira de livros marcada como “Abbey e amigos”. Não consegui resistir e acabei comprando uma caixa inteira de tesouros, que enviei para casa pelo correio naquele simpático posto.

Durante minhas viagens, eu via com frequência um “peixe” de plástico com revestimento cromado – um emblema cristão – afixado na traseira dos carros. Algumas vezes, fui surpreendido com uma variante “evolucionista” em que o peixe tinha perninhas, e estava escrito “Darwin” no meio. (Havia ainda outras variações, nas quais um tubarão chamado “Jesus” engolia o anfíbio darwiniano, com certo nível de ironia talvez acidental, e uma vez eu ri alto ao ver uma versão em que se lia “Gefilte” dentro do peixe – o nome de um conhecido prato da culinária judaica.) Fiquei um tanto animado quando finalmente encontrei um daqueles peixes do Darwin à venda na Back of Beyond. Mas, embora tenha ficado tentado a colar um deles na parte de trás de um dos meus alforjes, decidi que não queria ofender nenhum crente anunciando minha “descrença”, mesmo que eles dirigissem a mim essa mesma cortesia.

Na manhã seguinte, saí para uma caminhada pelo parque nacional Arches sob uma garoa contínua. Abriguei-me sob o Navajo Arch para almoçar, vesti minha jaqueta impermeável e continuei. (Embora eu percebesse que a atmosfera melancólica podia ser resumida em três palavras simples: “chuva no deserto”)

No dia seguinte, segui para um “passeio cênico” ao redor da seção Island in the Sky do parque nacional Canyonlands, e a estrada sinuosa por si só já teria feito a viagem valer a pena. Com o tempo ainda nublado, as chances de aproveitar a vista de Grand View Point se tornaram bastante pequenas, mas paciência: lá estava a confluência dos rios Green e Colorado, o começo de Cataract Canyon e, mais ao longe, o lendário Maze.

Mark e Deb estavam passando por Moab a caminho do norte, e naquela noite visitei-os no parque de motor-homes. Combinamos de nos encontrar em Monument Valley no dia seguinte. Eu ainda estava esperando notícias de Brutus e mantinha contato com o advogado dele para discutir a respeito da audiência da fiança, mas não havia

nenhuma novidade a respeito do caso.

Durante uma folga na turnê de *Test For Echo,* na primavera de 1997, Jackie e sua velha amiga Georgia pegaram um voo para encontrar Brutus e eu em Durango, no Colorado. Passamos alguns dias viajando juntos pela região de Four Corners: Brutus e eu nas nossas motos, e as garotas numa minivan alugada. Pelos próximos dias, eu viajaria pelas mesmas estradas, acompanhado das inevitáveis e pungentes lembranças daquela época.

24 de outubro
Mexican Hat, Utah

Dei uma grande volta pelos arredores ontem, passando por Monticello, Dolores, Mexican Water, Bluff, Kayenta e Monument Valley. Muitas nuvens na maior parte do caminho, e até mesmo uma breve pancada de chuva. O dente está piorando: agora, suspeito que seja uma infecção, mas é claro que é final de semana, em Mexican Hat!

Algumas gotas de chuva ao norte de Blanding, onde nós quatro tomamos café da manhã na outra vez, e logo após a saída de Mexican Hat, onde Brutus e eu tínhamos esperado pela "minivan perdida". Fiquei com uma dor forte no peito por toda aquela estrada onde tínhamos viajado juntos, e me sentia muito triste ao me aproximar do San Juan Inn. Fui às lágrimas quando me encontrei no mesmo quarto onde Jackie e eu nos hospedamos. Ai.

Jantei ontem à noite no Goulding's (medíocre), em Monument Valley, com Deb e Mark, e o caminho de volta me deixou nervoso. Tão escuro por lá. *Acordado até duas da manhã, terminando* The Monkey Wrench Gang *(excelente) e começando* Desert Anarchist. *Comprimidos de Bufferin finalmente me trouxeram algum alívio, e de novo hoje de manhã. Talvez dirigir para Flagstaff, tratar-me. Antibióticos, sem dúvida.*

"Somewhere Down That Crazy River" (Em algum ponto daquele rio maluco). Neste caso, o rio San Juan. Trilhei pelo chapadão do "Goosenecks" [cânion alto e sinuoso], sem trilha, mas com um ou outro 4x4, quadriciclo ou mesmo pegadas de botas. Tentando tomar cuidado com as cascavéis e não caminhar sobre "solo criptobiótico" (os avisos do National Park Service e Edward Abbey estão surtindo esse efeito em mim).

Sentado aqui no chapadão do cânion, em Goosenecks, no silêncio exceto pelo murmúrio do rio marrom lá embaixo (e o zumbido de praxe nos meus ouvidos ensurdecidos de baterista!). Brisa leve, agradavelmente fresca, algumas pinceladas de nuvens brancas aqui e ali.

Voltando com as silhuetas dos "monumentos" acima do cânion, atráves das pedreiras e dos aterros antigos, crateras cheias de cascalho a distância. Caíram da trilha na encosta acima do hotel: assustador. Arenito avermelhado esfarelento, e aparentemente não havia um modo de descer. Mas, como sempre, nada de voltar atrás!

Se o dente continuar inerte, talvez tentarei ir a Page amanhã. Aluguei um barco e dei uma olhada em volta do lago Powell e no Glen Canyon, que ficava ali antes da região ser inundada. O cânion fantasma.

Decorações de Halloween por aqui na noite passada. Segundo evento mais "celebrado" dos Estados Unidos, pelo que Mark ouviu no rádio. Deve perder só pro Super Bowl.

Num dia sombrio e de chuva forte, rodei para o norte do Arizona e depois segui para oeste, cruzando Black Mesa e a ferrovia elétrica que aparece no livro *The Monkey Wrench Gang,* de Edward Abbey, junto com a enorme usina de carvão (chamada Navajo Scrubber Plant ou algo do tipo) direto para Page, Arizona ("Capital Bunda-Mole do Condado de Coconino", segundo Abbey). Circulando pela cidadezinha, que tinha crescido em razão da construção da represa, andei pela "Fileira de Jesus" de grandes igrejas e depois atravessei a represa, onde estacionei para admirar o lago e imaginar como teria sido o cânion que havia ali antes.

Desencorajado a continuar devido à chuva e à dor de dente irritante, pensei em seguir até Flagstaff. A chuva se tornou bíblica, deixando as ruas da cidade inundadas, e me refugiei em um Hampton Inn perto da interestadual. Fiquei assistindo ao Weather Channel, que continuava a alertar sobre a tempestade, e as fortes chuvas em Flagstaff eram a notícia principal. (Sim, eu sei.)

Uma espécie de lençol enorme e úmido cobria todo o sudoeste no mapa que eu via na TV, mas Yuma aparecia ensolarada, com temperatura de 26°C. Então, saí cedo na manhã seguinte. A chuva

gelava a minha viseira e deixava a estrada I-40 embarrada, mas mesmo assim continuei *descendo* (no que diz respeito à elevação) o mais rápido que podia. Um longo trecho da antiga Rota 66 tinha sido contornado pela interestadual, cortando fora de seu percurso e decretando a morte de uma série de cidades, de Seligman a Topock (a legítima "Estrada-Fantasma"), e eu dobrei naquela longa volta, tão solitária, cenográfica e "divertida" – ao menos pelo que eu me lembrava da vez em que Brutus e eu seguimos por aquele caminho na primavera de 1997.

O trecho em Sitgreaves Pass era íngreme, sinuoso, estreito e árduo, e eu me lembrei de ter lido que, durante a migração massiva rumo ao oeste durante a Grande Depressão, os *okies* – como são chamados os moradores de Oklahoma em *As vinhas da ira* – às vezes pagavam aos moradores locais para que dirigissem seus veículos sobrecarregados naquele trecho. Algumas das inclinações eram tão íngremes que eles tinham de subir de *marcha à ré*.

Depois passei pelo lago Havasu, onde parei perto da "ponte fantasma" – a original e verdadeira London Bridge, comprada, desmontada, transportada através do Atlântico e montada novamente no deserto do Arizona por Robert McCullough, proveniente de uma família de proprietários de uma fábrica de motosserras (ele alegava que o lago tinha sido criado para testar os motores de popa da marca).

Depois de finalmente despir minha roupa para chuva e as camadas de baixo, fui para o sul passando por motor-homes estacionados a intervalos regulares sobre o cascalho e alguns deles "acampados" ao lado da interestadual em Quartzsite. Depois desci até Yuma, no Arizona, cortando trechos cheios de fazendas irrigadas por riachos drenados do Colorado (naquela época, quase todos os riachos já haviam sido sugados para as cidades e projetos de irrigação da Califórnia, do Arizona e de Nevada).

Yuma tinha uma parte antiga lindamente restaurada, e eu me hospedei num hotel clássico da franquia Best Western, o Coronado, construído nos anos 1930. Os quartos eram providos de garagem sob telhas vermelhas, buganvílias floridas e máquinas de lavar ao ar livre sob as varandas. Parecia um bom lugar para ficar um dia a mais e dar conta de algumas tarefas.

27 de outubro, Yuma

Dia ocupado. Começou com telefonemas para Sheila, meu "contato central", depois para o advogado de Brutus (mandei um fax com "referências de caráter" e "oferta de emprego"), então saí para procurar um local e fazer a troca de óleo. Nada fácil! Algumas recusas, e depois uma loja de bicicletas relutantemente permitiu: se eu "não levasse muito tempo". Cara, qual é o problema? De qualquer modo, está feito.

Então fiz uma visita ao museu em Territorial Prison (ofereço prêmio nenhum para quem adivinhar em quem eu estava pensando enquanto estava lá), enviei mais alguns livros lidos por correio, vaguei pela área em torno da rua principal (ainda bem deserta) e fui ao museu Century House. A moça de lá me deu mais informações do que eu era capaz de absorver, mas fiquei sabendo que a represa Laguna, próxima daqui, foi a primeira do Estado do Colorado, e que a alface é inundada para manter o solo frio, sempre semeadas em fileiras na direção norte-sul, e que há campos que são aplainados por máquinas guiadas a laser. *Também há cultivo de repolho, brócolis e couve-flor.*

Cerca de 40 motos do grupo "Iron Horse Tours" em um estacionamento, a maior parte delas de estradeiras: Harleys, Hondas, uma [BMW] R1200C. Fiquei com inveja da camaradagem deles? Pensando bem, não. Prefiro ser um motoqueiro andarilho solitário.

Ah, sim – o dente melhorou, sozinho! A vida é boa…

[Carta para Brutus]

30 de outubro de 1998
Bisbee, Arizona

Oi, puddle-jumper!

Já faz uma semana que eu vinha adiando esta carta, pois sabia que uma audiência da fiança estava chegando. Bem, liguei para Bloomenfeld [o advogado de Toronto] de um telefone público no meio da reserva natural de Organ Pipe Cactus ontem, apenas para descobrir que o juiz

tinha "suspendido o julgamento". Bem, foi o suficiente: vou escrever uma carta sem-noção e ver o que acontece mais tarde*! Não queria que você se sentisse negligenciado…*

De qualquer maneira, acho que é uma boa notícia (pelo que aprendi com o seriado Law and Order*). Basicamente, "Vou pensar sobre isso", não é? Hoje eu estava pensando que você geralmente tem azar o suficiente para* entrar *numa situação ruim, mas sorte o suficiente para sair dela. Pelo menos foi assim até agora. Estou contando com a sua boa sorte.*

Então, o que me traz a este frenético povoado de Bisbee? Pensei que você não ia perguntar…

[Recapitulando minhas viagens até Yuma]

Saindo de Yuma em direção ao leste pela I-8, esta moto meio familiar apareceu atrás de mim, preta com alforjes protundentes, farol aceso e andando em formação adequada, escalonada, por uns 160 quilômetros até Gila Bend. Lembrou-me de alguém com quem eu costumava viajar, mas, infelizmente, não era. Era apenas outro Ghost Rider.

Ao sul de Why, e um pouco a oeste de Gunsight (no dia anterior, passei por Nothing, Arizona – adorei!), decidi dar uma olhada na reserva natural de Organ Pipe Cactus, e acabei acampando por duas noites naquele lugar. Depois de dois meses carregando minha barraca e o saco de dormir, finalmente estava quente *o suficiente para que eu começasse a utilizá-los, e havia um armazém, e, seguindo pela estrada em direção a Lukeville, na fronteira com o México, (antes, a cidade era conhecida – e anunciada – como Gringo Pass) eu sabia que encontraria um café. Por isso, fui até lá. Ocupei rapidamente um dos poucos lugares* à sombra*, debaixo de uma algarobeira e de uma árvore palo verde, e me instalei entre cactos das espécies arborescentes, organ pipes, chollas, ocotillos, figos do mato e arbustos creosote. Dei uma volta panorâmica de 32 quilômetros ao redor da seção leste do parque por uma clássica estrada deserta (cascalho, areia, pedregulhos), peguei pão, carne e queijo em Gringo Pass e caminhei pela trilha ao redor do camping enquanto o sol se punha, dando lugar a uma brilhante lua crescente, estrelas, planetas, um satélite em órbita e alguns jatos da base da Força Aérea próxima daqui (a Barry M. Goldwater Range).*

Acordei cedo na manhã seguinte para ver o sol nascer, e depois fui até Gringo Pass para tomar café da manhã (passei por umas 100

caminhonetes da patrulha de fronteira no caminho até lá). Então, fiz uma caminhada de 12 quilômetros até a mina abandonada de Victoria, caminhando e procurando o nome de todos os cactos e arbustos que eu avistava pela primeira vez. A observação de pássaros também foi muito proveitosa: avistei muitas espécies que são encontradas apenas naquela parte do deserto de Sonora.

Cedo na manhã seguinte
Ainda em Bisbee

Então: já tendo usado todo os filtros de óleo que eu tinha em Yuma, anotei o endereço de uma concessionária BMW em Tucson com a ideia de parar naquela cidade caso ela "cruzasse meu caminho". Ainda bem que isso aconteceu, porque conversei com uns caras lá e, quando contei a eles que estava pensando em seguir para o norte até o Canyon de Chelly, um deles me disse que estava nevando por lá e em todas as regiões de altitude superior a dois mil metros – além disso, estava chovendo em todo o resto dos lugares. Muito flexível, eu disse, "Bem, então talvez em vez disso eu vá para Tombstone", e o outro cara indicou: "Sim, desça através de Tombstone até Bisbee e se hospede no Copper Queen". E foi isso que eu fiz.

Para ter uma ideia de como é Tombstone, imagine que ela é muito parecida com um "parque temático", com apresentações regulares de "Tiroteiro no curral" e pessoas vestidas de caubóis e dançarinas de saloon *nos passadiços de madeira. Mas, ainda assim, muitas coisas aconteceram* de fato *por lá, então a cidade tem um quê de autêntica, principalmente num dia nublado e frio, com um vento tempestuoso soprando pó pelas ruas. E que canção eu escuto justamente quando estou estacionando a moto na frente do* saloon? "Ghost riders in the sky"

Não sei se já te contei ou não, mas este tem sido o título do meu "livro" [imaginário] nos últimos tempos – e o meu nome: "Ghost Rider." Literal e metaforicamente, sinto-me um pouco como um fantasma vagando pelo oeste; certamente eu carrego alguns fantasmas comigo *(você está entre eles, sem querer ofender), e com muita frequência me encontro seguindo os rastros fantasmagóricos de Jack London, Hemingway, Edward Abbey, Major Powell ou até mesmo de lugares como Telegraph Creek: uma cidade-fantasma que existe de fato (ou existiu, já que está morta). Às vezes, sou*

eu que não sou real; às vezes, é o resto do mundo. Mas, em ambos os casos, eu sempre tenho uma sensação de "alienação" em relação a tudo e todos.

Até este lugar serve. Bisbee já foi a maior cidade de mineração do mundo*, com 20 mil habitantes, e o hotel Copper Queen, construído por volta de 1903, era o seu ponto central. Atualmente, talvez seja possível comparar este hotel ao La Fonda, onde nos hospedamos em Taos, com um odor característico e apegado a um passado desbotado, assim como a cidade (e como eu!). Instalada num vale estreito a 1.500 metros, dizem que a cidade tem o melhor clima do Arizona ao longo de todo o ano, e por isso atrai muitos visitantes, bem como alguns aposentados e certas "comunidade de artistas" decadentes (imagino que sejam hippies da meia-idade), que a mantêm em funcionamento. Uma cidade-fantasma para um motoqueiro fantasma.*

Qual é aquele verso de Aquarius*,* "mystic crystal revelations" *("revelações do cristal místico")? Pois é, cara, é isso…*

Se eu puder um dia fazer o que Jonny Bealby fez [no filme Running with the moon*, a história de uma viagem de motocicleta pela África como uma terapia desesperada após a morte de sua noiva] e cristalizar essas reflexões místicas num livro, o título daria uma boa sequência a* The Masked Rider*. Mas isso a gente vê depois. Cada vez mais nesses dias eu sinto pontadas de saudades de casa, e eu adoraria estar sentado em frente ao meu computador e assistindo ao final do outono em Lac St. Brutus, mas… ainda não é a hora. Continuo determinado a perseverar até o Natal (ou perambular, ou perecer), e outra coisa boa que surgiu da minha visita à concessionária Iron Horse, em Tucson (eles trabalham com as marcas BMW, Triumph e MZ), foi descobrir que não haveria problema algum em guardar a moto lá, o que poderia me garantir um bom "caminho de passagem" para o México.*

E talvez até lá eu possa ver a sua cara horrível. Eu realmente não quero vê-lo aí (em vários sentidos), embora seja óbvio que irei visitá-lo caso este nonsense *se estenda por tempo demais, mas não acho que vá ser agradável. A última vez em que nos vimos no Quebec é uma lembrança melhor para se guardar, ao menos sob o meu ponto de vista.*

Mas veremos o que acontece, e é claro que vou visitar o grande El Cuervo em qualquer lugar, se assim ele quiser. Mesmo… aí…

O mesmo vale para o telefone: se você quiser falar comigo por meio deste instrumento amaldiçoado (para você ele deve parecer uma harpa angelical*!), é só falar. Por enquanto, eu me sinto bem em conversar com você dessa maneira, e não iria querer que nossa conversa fosse distorcida ou forçada pelas "circunstâncias" ou pelas imediações. Mas, da mesma maneira como as pessoas tiveram que fazer por mim durante minhas atribulações, eu seguirei os seus desejos, companheiro.*

Eu certamente gostaria de receber notícias suas*, se você tiver tempo para escrever (ha-ha) – isso também fica a teu critério. Li uma vez que Thomas Jefferson recebeu uma carta de um amigo reclamando que ele não tinha nada interessante para relatar, e o velho Tom falou para ele: "Apenas me conte sobre os eventos que se passam diariamente debaixo dos seus olhos". Então é isso, eu gostaria de saber o que você faz ao longo de um dia, o que você pode fazer, que tipos curiosos você tem encontrado por aí, o que você está lendo (Georgia me contou que você tem lido livros sobre Direito para passar o tempo – boa ideia! Você provavelmente pode conseguir um emprego numa firma de advocacia em Tarawnna!) e coisas assim. Sheila me envia a correspondência com certa regularidade, e eu adoraria saber de você. Ou quem sabe a gente consiga tirar você daí quando o juiz terminar de "adiar o julgamento", e então poderemos conversar como pessoas "normais". Estarei aqui para o que precisar, meu amigo!*

31 de outubro

Socorro, Novo México

Ou eu estou aqui. *Ou em algum lugar. De qualquer forma, pode contar comigo.*

E feliz Halloween para você. Escuta, você vai se fantasiar de quê?

Rá.

Hoje cedo passei por um lugar no leste do Arizona chamado Skeleton Canyon, e uma placa assinalava que Gerônimo, "o último dos hostis", tinha se rendido lá. Histórias e mais histórias em todos os lugares onde passo, e a maioria delas são "histórias de fantasmas", o que é bem apropriado.

Eu estava pensando hoje que é realmente impossível escrever sobre

essas áreas, ou conhecê-las*, sem estudar muito. O Oeste é tão* complicado*, sabe – com conflitos políticos emaranhados em torno da água, da mineração, das madeireiras, das pastagens e das reservas indígenas.*

Hoje à tarde, ameaçado por tempestades e granizo, cheguei até o hotel Super 8, que fica ao lado de um K-Bob's Steakhouse, após ter feito uma boa e longa viagem de 703 quilômetros. (Agora o odômetro marca 88.928 quilômetros, 31.821 deles nesta odisseia.)

Em altitudes entre 1.800 e 2.000 metros na maior parte do caminho, fazia muito frio*, mas a paisagem era esplêndida na floresta nacional Gila e no Very Large Array of Telescopes [o "Imenso Arranjo" de telescópios], a oeste daqui. Amanhã, espero dar uma olhada no Trinity Site – se eu conseguir entrar lá –, e então perambular até Roswell para fazer a "conexão do Espaço Sideral" entre Rachel e a estrada Extraterrestrial Highway.*

No dia seguinte, seguirei a Santa Fé para passar alguns dias com Alex e Liam, e estou ansioso por este momento – até porque estarei com alguém de casa pela primeira vez desde que saí de Vancouver, seis semanas atrás. (O motor-home de Deb e Mark não conta.) Não que eu não me sinta em casa no Super 8, sabe, mas… você sabe.

De qualquer maneira, hora de dar um fechamento a este manuscrito. Tenho certeza de que você tem coisas melhores para fazer do que ficar lendo os meus malditos disparates o dia todo! E se não tiver, bem, eu vou escrever novamente em breve! Tenho uma cópia de The Monkey Wrench Gang *para mandar para você, e assim que eu encontrar outra livraria vou lhe mandar mais coisas boas. Deve ter algumas coisas interessantes em Santa Fé. Enquanto isso, estou anexando duzentos* cruzeiros *para os prazeres da mesa e da boa dança: diga-me apenas se há qualquer outra coisa que eu possa mandar para você, ou fazer por você. Eu continuo sendo,*

Seu obediente servo
The Ghost Rider…

Antes de partir nesta jornada, e ao longo do caminho, eu tinha rabiscado os nomes de lugares que eu poderia gostar de ver – tanto

pontos geográficos, como Devil's Tower, em Wyoming (nunca cheguei até lá), e o Bonneville Salt Flats, quanto um museu de carros, a represa Grand Coulee e o Jack London State Park. E na pasta em que eu carregava o meu mapa, havia também a lista desses vários lugares tradicionalmente norte-americanos que poderiam cruzar meu caminho – ou, sejamos realistas, estar dentro de um raio de 1.600 quilômetros.

O Very Large Array of Telescopes estava naquela lista, e enquanto eu rodava pelo planalto de San Agustin, no Novo México, os quilômetros de antenas brancas simetricamente dispostas e voltadas para o céu tempestuoso formavam uma vista impactante.

Roswell, no Novo México, também estava naquela lista, pois era o local onde supostamente um OVNI tinha caído no final dos anos 1940, e que dera origem ao alvoroço em torno desse tema, bem como uma série de livros com teorias conspiratórias e filmes feitos para a TV sobre o incidente. Desde a adolescência, eu me interesso pelo lado romântico desses contos sobre as coisas misteriosas e o mundo sobrenatural, mas o museu – antes um cinema – foi uma decepção total para mim, que estava disposto a ser convertido à causa: ele apenas documentava a história do *relato,* e não havia uma única evidência real do acontecido. (Eu sei, eu sei – o *governo* roubou tudo…)

Outra atração deslumbrante na minha lista era a reserva natural de White Sands, com suas dunas de pó branco de gipsita que ficavam espetaculares sob o sol do deserto. Andando pelas estradas de um branco ofuscante com bancos de areia avançando de ambos os lados, não pude escapar da ilusão de que estava viajando por uma estrada cheia de neve em Quebec: o cenário mais perturbador para quem está sobre duas rodas.

Um final apropriado para minhas viagens pelo deserto elevado, e certamente para esta fase de jornada solitária, era ficar em Santa Fé. Alex e sua esposa, Charlene, tinham uma casa lá, e tínhamos combinado de passarmos alguns dias juntos no início de novembro. Por coincidência, nosso amigo de longa data e gerente de turnês, Liam, também estava voltando para casa após uma turnê no Japão com outra banda, e ele também concordou em ficar lá por uns dias.

A relação profissional de Liam com o Rush era difícil de definir,

porque era muito ampla e *crucial.* Formalmente, ele era o gerente de turnês da banda, além de produtor-executivo de nossos projetos de gravação (ambos os cargos podem ser definidos simplesmente como a responsabilidade de fazer com que tudo e todos estejam no lugar certo na hora certa – com tudo que *isso* possa implicar), e ele também era um amigo próximo de todos nós. (Inclusive, ele se casou com Sharyn, amiga de Jackie desde a adolescência.)

Na verdade, Liam estava com a banda havia mais tempo do que *eu* (antes de eu entrar no grupo, Geddy e Alex tinham tocado juntos por seis anos já com o nome de Rush, mas com outro baterista), e durante os anos em que se deu nossa ascensão de lugar nenhum a algum lugar, no que se refere ao sucesso, ele também trilhou seu caminho para cima, deixando de ser o "segundo mais importante em uma equipe de duas pessoas" para se tornar o "presidente absoluto e chefe de uma equipe de turnês com mais de 50 técnicos de palco, engenheiros de som, eletricistas, operadores de telões, operadores de guindaste e motoristas de caminhão e de ônibus".

Juntamente com Sheila, Liam talvez tenha sido a pessoa que mais contribuiu para que a minha vida se mantivesse organizada nesses últimos 14 meses de inferno, porque ele sabe muito bem "como o mundo funciona". Quando precisei de voos para a Inglaterra e hotel para Jackie, Brad, Rita e eu, foi para Liam que liguei. Quando precisei de uma terapeuta especialista em luto para Jackie em Londres, foi para Liam que liguei. E isso não é tudo: ele também era uma daquelas pessoas para quem eu ligava quando estava simplesmente me sentindo perdido e solitário.

Em todos os sentidos, era muito bom estar com alguém de *casa* novamente, pela primeira vez desde minha estadia com Danny e Janette em Vancouver. Depois de mais dois meses de hotéis, postos de gasolina e restaurantes em um mundo cheio de estranhos, eu pude relaxar com dois dos meus melhores amigos, uma lareira de verdade para brincar e a culinária legendária de Alex, além de ter tido uma oportunidade para compartilhar histórias de nossas respectivas aventuras, fazer algumas excursões ao redor de Santa Fé e até as ruínas de Anasazi, na reserva natural Bandelier, e dormir num agradável quarto de hóspedes com bons lençóis e travesseiros.

Como era inevitável, eu tive que pagar um preço por esse interlúdio, pois sofri outro ataque da "síndrome da visita" quando saí de lá para viajar sozinho, enquanto Alex e Liam voavam para casa para se reunir com suas famílias e tocar suas vidas. Mas, enquanto durou, eu me entreguei ao calor da companhia e ao sentimento de ser amado por bons amigos.

I turn my back to the wind
To catch my breath, before I start off again
Driven on, without a moment to spend
To pass an evening with a drink and a friend

I let my skin get too thin
I'd like to pause, no matter what I pretend
Like some pilgrim, who learns to transcend
Learns to live as if each step was the end

Eu dou as costas ao vento
Para recuperar o fôlego, antes de começar de novo
Levado adiante, sem um momento para jogar fora
Para passar uma noite com uma bebida e um amigo

Eu deixei minha pele ficar fina demais
Queria parar, pouco importa o que estou fingindo
Como algum peregrino, que aprende a transcender
Aprende a viver como se cada passo fosse o fim

(Time Stand Still, 1987)

Capítulo 8

CARTAS PARA BRUTUS

We are islands to each other
Building hopeful bridges on the troubled sea

Somos ilhas um para o outro
Construindo pontes de esperança sobre um mar agitado

(Entre Nous, 1979)

Certa noite em Santa Fé, quando Liam, Alex e eu estávamos sentados ao redor da mesa da cozinha bebendo e contando histórias, o telefone tocou. Naquela tarde, eu tinha tentado entrar em contato com o advogado de Brutus, e quando Alex me entregou o telefone, eu esperava que fosse uma ligação do senhor Bloomenfeld para me passar boas notícias. Mas o que ouvi saindo do fone era a voz do próprio Brutus, e a saudação familiar:

– E aí, cara, como vai?

Surpreso, feliz, comovido e sem palavras, deixei-o falar por alguns minutos. Então consegui perguntar como ele andava (surpreendentemente bem), qual era a sua situação legal (tão indefinida quanto antes) e se havia qualquer coisa que eu pudesse fazer por ele (mandar mais livros). Era definitivamente o velho Brutus, alegre e otimista (ao menos naqueles poucos minutos no telefone), e só de conversar com ele e ouvir sua voz eu me senti melhor e mais próximo dele novamente.

Depois de me despedir de Alex e Liam numa manhã chuvosa em Santa Fé, segui meio sem rumo para oeste e passei três dias escuros e solitários. A única coisa que parecia me manter suficientemente animado para continuar indo adiante (se é que era possível dizer que essa era a *direção* em que eu seguia) era o fato de que eu começava cada vez mais a ver minha jornada pelos olhos de *Brutus*. Apesar da gravidade de sua situação, de certa forma, aos olhos dele as coisas pareciam melhores do que aos meus olhos (pelo menos da forma como *eu via* a situação; talvez ele discordasse).

No telefone, em Santa Fé, Brutus tinha dito algo como: “Sai daí e dá uma volta por mim”. Eu disse a ele que faria isso, mas se era verdade que Brutus estava vivendo através de mim, por outro lado eu estava fazendo a mesma coisa que ele: viajando o dia todo e pensando em como eu descreveria para ele as coisas que eu via e sentia. Dali em diante, muito da minha história seria contada a Brutus em uma série de cartas nas quais eu pensava todo o dia enquanto cruzava o Oeste. Então eu anotava tudo enquanto sentava para beber um copo de The Macallan no meu quarto de hotel, ou no bar, ou em uma mesa para uma só pessoa em algum restaurante. Minha vida inteira se tornou uma carta para Brutus.

13 de novembro de 1998
Furnace Creek Inn
Death Valley Califórnia

E aí, acidente de percurso!

Se aquela linha com a data e o local já não torturaram você o suficiente, vou acrescentar que estou tomando uma *margarita* no terraço superior, com vista para o deserto de sal, as Panamints cor de chocolate e o leque aluvial cor de mocca. Para completar, há o sol poente num céu de nuvens diáfanas.

Será que eu deveria calar a boca agora? Claro que não! Estou sozinho e um tanto deprimido, e é tudo culpa sua! Bem, talvez não *tudo,* mas você sabe o que quero dizer. Era para você *estar* aqui*,* fazendo com que eu me divertisse, em vez de ficar aí matando tempo com todos os seus *novos* amigos.

De qualquer maneira, estou feliz em ficar hospedado aqui por algumas noites, porque ultimamente tenho tido alguns dias bem ruins. A semana em Santa Fé foi boa, mas assim como Jackie e eu descobrimos em Londres, era ótimo receber a visita dos amigos, mas as coisas *pioravam* quando eles iam embora. Saí de lá na segunda de manhã me sentindo pra baixo, frágil e desanimado, e fui imediatamente atormentado por chuva fria, neblina, vento forte no sentido contrário, trechos em recapagem através de Albuquerque e até mesmo flocos de chuva congelada, que atrapalhavam minha visão e me deixavam preocupado. Conforme ia descendo pela I-25 (indo para o *sul* tão rápido quando possível!), a neve desapareceu, mas os ventos contrários eram *mortais,* principalmente quando eu ultrapassava os caminhões. Quando contornei a velha Las Cruces rumo a Deming, a chuva gelada ficou ainda pior. Parei em Lordsburg para pernoitar, chorando e me sentindo perdido (num hotel da rede Best Western que excedeu o quesito mediocridade, assim como o restaurante vizinho, “Kranberry’s”). Segui em frente na manhã seguinte (ensolarada, pelo menos, embora ainda estivesse frio e houvesse vento forte) até Tucson para uma troca de óleo com os meus camaradas de lá.

Tracei a minha rota cuidadosamente de modo a evitar a aglomerada e fedida Phoenix (segundo Abbey, "a bolha que comeu o Arizona"), mas 80 quilômetros depois de Tucson meu velocímetro parou. Como odeio dar meia-volta, continuei para o norte até a concessionária em Phoenix e convenci um relutante gerente de serviços a consertá-lo ("Não consigo fazer hoje", "Todos já estão trabalhando noutras coisas", "Não tenho um em estoque", o de sempre). Do meu jeito tímido e retraído, dei uma cansada no cara e sugeri que, se houvesse uma GS por aí, ele poderia pegar o velocímetro daquela. (Por que esses caras nunca são os *primeiros* a pensar nisso? Pode-se dizer que eles nunca foram gerentes de peças de uma loja de equipamentos agrícolas, como eu fui na loja do meu pai, onde você tem que atender os seus clientes *pra ontem!*) Então, algumas horas depois, eu estava novamente me acomodando em um hotel medíocre da rede Best Western, a oeste de Phoenix (tive que *sair* de lá, pelo menos). No dia seguinte, chuva e frio de novo enquanto eu seguia para uma misteriosa parte do sudeste da Califórnia (oficialmente parte do Deserto do Colorado), com terras irrigadas quase desde o Colorado até Imperial Valley, e um trecho impressionante de dunas, as Algodones Dunes.

Nuvens e chuva aumentaram enquanto eu seguia para o lado leste de Salton Sea (ou Salton *sewer* – *"esgoto de Salton"* – segundo uma simpática velhinha do museu em Yuma), e eu só podia ver que a paisagem *provavelmente* era linda em qualquer outro dia do ano. Ai. Tentei ir para o leste pela I-10 até Joshua Tree, mas o frio e a umidade criaram um "pântano" sobre a pista. Eu tinha planejado parar no hotel Roy's Motel naquela noite, mas estava tão adiantado que, se eu fosse direto para lá, chegaria por volta das 2h30min – cedo demais. (Para mim, isso é resultado de uma regra da turma Scooter Trash sobre não beber até que estejamos parados: assim, tão logo eu estivesse estacionado, já começava a beber!)

Então, pensei em ir para o leste por aquela estrada em 29 Palms, a 62, pois o mapa mostrava um caminho que levava para o noroeste até Cadiz, não muito longe de Amboy. Não parecia nada promissora (nem pavimentada) e, como eu soube depois, na verdade ela sequer *existia*: como é possível que, com apenas umas cinco rodovias e 10 cidades em

todo o Mojave, eles não consigam acertar nem os *mapas*? Então continuei até encontrar aquela estrada que pegamos em Parker e Havasu quando *nós* fomos para Joshua Tree (e para o Roy's), depois fui para o norte pela 95, que estava cheia de caminhões. E o céu escureceu, e *choveu.* (Agora eu trago chuva para todos os desertos da América, de Great Basin até o Mojave, passando pelo Colorado e por Sonora. Será que não deveriam me pagar para fazer isso?)

(Pausa para ver o sol se pôr atrás de Telescope Peak e saborear uma segunda margarita. Está me acompanhando?)

Ótimo, só que ver o sol se pôr às 16h20min é meio cruel.

Como anteontem, andei sob chuva forte numa rodovia estreita do deserto, com barro e areia voando atrás de caminhões em nuvens densas e compridas, caindo sobre mim e sobre a moto (que tinha deixado Santa Fé *reluzente,* o que durou cerca de um minuto), enquanto limpava minha viseira freneticamente e tentava ultrapassar os caminhões. Perigoso, desagradável e *deprimente.* E quando a escuridão precoce chegou, me arrastei novamente para um medíocre Best Western, em Needles. Seu restaurante, "California Pantry", era ainda mais medíocre: é claro que eu não podia fumar depois do meu fettuccine glutinoso e do meu *cabernet* meio doce. (Está me acompanhando?)

Mas, ontem de manhã, o sol voltou escapulindo das nuvens com vagar e relutância (com vergonha de si mesmo, não tenho dúvidas), e eu peguei a velha Rota 66 por todo o caminho até o Roy's Motel. Walt [o proprietário] e eu sentamos lá na frente por cerca de uma hora, e eu só lhe disse que você "não tinha conseguido vir desta vez" (verdade) porque é óbvio que ele perguntou por onde você andava. Eu vinha perseguindo aquelas velhas cidades-fantasma nas antigas paradas de reabastecimento de água [da ferrovia de Santa Fé] em ordem alfabética, mas não consegui encontrar aquelas que começavam pelas letras "F" e "B". Walt me disse onde elas ficavam, mas falou que não sabia da existência da parada "H", e ficou feliz quando lhe informei a respeito. Então, as cidades eram Amboy, Bolo, Cadiz, Danby, Essex, Fenner, Goffs e Homer.

O Roy's Motel estava quase igual em seu "esplendor descolado", embora eles tivessem sido obrigados a instalar aqueles "bicos

retráteis" no bocal das antigas bombas de gasolina. Também houve um tornado no verão passado, que destruiu a cobertura do posto e arrancou a placa "Café" do teto do pórtico. Neste final de semana, Walt conseguiu uns "caras endinheirados" que vieram de Nova York e Vegas para discutir a instalação de uma piscina e de um campo de golfe (!) no hotel e o conserto dos quartos da parte de trás do hotel. Ele parece achar que pode acabar rolando. Mas quando *nós* descobrimos esse lugar...

De lá, depois de tirar uma foto do "Ghost Rider" com a moto em seu cavalete voltada para a estrada com o Roy's Motel e a Amboy Crater à distância, dobrei para o norte pela estrada Kelbaker Road até Kelso. Graças a toda a chuva que eu trouxe para o sudoeste, o Mojave parecia um *mar* verde de arbustos creosote. As portas e as janelas de Kelso Depot estavam lacradas com placas de acrílico, com um aviso na frente anunciando que eles estavam "estudando a possibilidade" de transformá-lo no quartel-general do Mojave National Preserve. Parece uma boa ideia. Então, cruzei Baker, terra do Termômetro Gigante (que registrava só uns 18°C) e cheguei ao restaurante Mad Greek. Bem, lá a vida começou a ficar um *pouco* melhor. Do meu diário:

Comecei a me sentir melhor admirando a vista do Mojave: um mar em declive pontilhado por ilhas de rochas amareladas se estendia ao longe no horizonte amplo. Perdi a entrada para o mirante Dante's View, mas parei e dei meia-volta. Não perderia a oportunidade de começar a minha visita com aquela vista panorâmica. Frio lá em cima, mas não aqui embaixo*! Peguei o último brilho do pôr do sol sobre Panamint Range em minha varanda. Siiiiiim...*

E que privilégio é estar aqui. Recém terminei um ensopado apimentado com caranguejo e milho numa elegante sala de jantar, e tenho meu pequeno quarto aconchegante para onde voltar. Gostei muito deste hotel aqui depois de três Best Westerns e três dias difíceis.

Aqui fora para tomar um café, beber um conhaque e fumar. As estrelas estão brilhantes.

Lembro-me de ter visto o Hale-Bopp [cometa] desta mesma mesa, apenas um ano e meio atrás. Tanta coisa mudou...

Está me acompanhando? Sei que está.

Infelizmente, está meio movimentado aqui: há algum tipo de encontro de torcedores do "49ers", time de futebol americano, em Furnace Creek, com cerca de um zilhão de motor-homes ao redor do terreno. Fui ao centro de informações turísticas para conseguir um "carimbo de passaporte" para a capa do meu diário (percebi a existência do carimbo lá em Zion, e comecei a colecioná-los nos parques nacionais e reservas naturais – ou "fazedores de dinheiro", como diz Abbey – e tenho nove deles até o momento), mas saí de lá bem rápido. Filas de tendas vendendo "Arte do Oeste", música antiga ao vivo (arranhando violinos) e multidões de pessoas grisalhas com jeans apertados, botas de caubói e barrigas grandes saídas dos motor-homes.

Felizmente, não chega muito daquela algazarra até aqui, embora eu tenha sido cumprimentado no saguão de entrada por um trio formado por guitarra, baixo e violino. Além disso, enquanto eu estava sentado perto da *lareira ao ar livre* ao lado da piscina (como nós pudemos ter perdido isso da outra vez?) na noite passada, escutei ondas distantes de barulho que subiam a colina vindas do estacionamento de motor-homes. Fiquei cutucando as brasas da minha própria fogueira (além de tudo, ela cheirava como uma algarobeira) e olhando para a fumaça que subia em direção às estrelas. Então, como de costume, fui dormir antes das nove.

Tendo passado o último mês vivendo em outro fuso horário, isso era compreensível, e não havia problema algum – exceto que isso fazia com que eu já estivesse de pé às cinco. Quando estou viajando, não faz sentido partir cedo demais numa manhã fria (ao menos não quando eu não tenho nenhum tipo de itinerário lunático, complicado, impossível e longo para alcançar um destino longínquo inalcançável no mesmo dia!). Por outro lado, é uma hora ruim do dia para ficar aqui deitado *pensando.* (Imagino que esteja me acompanhando aqui também.)

Então, a melhor coisa a fazer é ler, não é mesmo? Hoje terminei o livro *Best of Abbey,* que vou enviar pra você em breve. Tem muita coisa boa nesse livro, mas fiquei especialmente maravilhado com sua alusão espirituosa ao Death Valley, que parece insuperável, seguida imediatamente por outra sobre Nova York em que, acredite ou não, ele captura toda a beleza e o horror daquele lugar. A essa altura,

espero que você já tenha recebido *The monkey wrench gang* e o livro de Stegner. O livro de Abbey, *The brave cowboy,* foi outra excelente leitura, mas fiquei em dúvida se o enviava para você porque a maior parte da história se passa na *cadeia*!

De qualquer maneira, eu estava achando todas as minúcias da vida na cadeia meio pesadas, mas talvez você pensaria nisso apenas como algo, sei lá... bem pesquisado?

Sobre esse assunto, fiquei bastante surpreso ao ouvir sua voz no telefone semana passada. Alex tinha me dito que era seu advogado retornando minhas ligações, algo que de fato eu estava esperando que acontecesse, mas quando ouvi seu tom de voz agradável, bem, o velho clichê "caí pra trás" parece adequado para descrever a situação. Espero não ter ficado muito "jingled"(para usar uma das palavras lindas empregadas por Jack London, que se refere ao som alegre de algo metálico tilintando), porque nós três – Alex, Liam e eu – tínhamos começado a falar nisso, mas para mim pareceu uma boa conversa. Definitivamente, você respondeu a todas as perguntas que fiz na minha última carta e me deu uma noção melhor de como é o lugar onde você está (cara!). (Além de estar aqui comigo, quero dizer.) Eu me sinto um pouco mal por não ter entrado em contato com o Sr. Bloomenfeld nesta semana (estive envolvido em minhas próprias desgraças, e também há a diferença do fuso horário de três horas), então não sei das últimas novidades a respeito do "julgamento adiado".

Como me sentia culpado porque não ligava para minha mãe havia mais de uma semana, telefonei para ela na noite passada, mas preciso ligar de novo e contar que estou um *pouco* melhor agora. Um pouco. Por outro lado, eu tenho feito basicamente o que uma tartaruga faz: me escondo dentro do meu próprio casco em busca de proteção.

Hoje dei uma caminhada em que subi o Golden Canyon até Zabriskie Point, passando de 57 metros abaixo do nível do mar para 216 metros de altitude. Depois, desci através de Gower's Gulch, com uma parada no meio do caminho para um piquenique numa rocha à sombra. Você deve se lembrar da vista surreal e sem vida daquele ponto, e era por causa dela que eu tinha feito a trilha. Me fez bem...

Amanhã, infelizmente, vou para Los Angeles, para que deem uma

olhada na moto (pneus novos e uma revisão completa pré-México) e para fazer o "seguro" mexicano e outras coisas. Reservei quatro noites no velho Sunset Marquis, em Hollywood, para ter tempo de dar conta de *tudo*. Depois disso, não sei. Para falar a verdade, não tenho nenhuma pressa para descer até o México. Tudo vai ficar apenas um pouco mais *difícil,* sabe, e no momento não estou com muito ânimo pra isso. Em Tucson, peguei o livro de Clement Salvadori sobre sua viagem de moto por Baja, e todas aquelas estradas ótimas na aparência são na verdade estradas de chão traiçoeiras, é claro, e não acho que eu queira tentar ir até lá sozinho. (Sim, mais uma vez é tudo culpa *sua*, porque você não está aqui comigo!) Contudo, minha "área de atuação" está sempre encolhendo devido ao clima, então em breve eu serei meio *forçado* a me sentir mais aventureiro. E tenho certeza de que vou. Não posso continuar perdido e descontrolado assim *para sempre.* (Posso?)

Quando meu velocímetro quebrou num outro dia, isso acabou gerando um daqueles "momentos de virada". Parei no acostamento e "fiz uma reunião" comigo mesmo – eu deveria simplesmente voltar para Tucson e *deixar a moto* lá, "vestir o colete salva-vidas" e *pular da barca?* Decidi que não, que eu não estava pronto para me esconder em Quebec e, principalmente, para encarar o *Natal* por lá. Então, para a frente. Walt sugeriu que eu voltasse ao Roy's e ficasse lá por mais um ou dois dias: "Vamos sentar, tomar um vinho e observar os carros passarem" (como você e eu fazíamos), e eu não acharia ruim voltar lá para uma estadia mais longa (se os "49ers" já tivessem ido embora; li, em uma revista que encontrei no saguão do hotel, que eles têm "encampado" o lugar todos os anos desde 1949, e no próximo ano, o 50º, o evento será *realmente* grande. Não perca.)

Certamente há muitas outras opções de trilhas para se fazer nas redondezas, e é um ótimo lugar para se hospedar. Mas acho que vou decidir quando chegar a Los Angeles. Pelo menos estou me acostumando a não saber para onde estou *indo*, mesmo em um determinado dia, e até que consigo viver assim. Meu "Procedimento Operacional Padrão" nos últimos tempos tem sido: "Alguma coisa vai acontecer".

Há uma frase legal que Salvadori usa para dar direções: "Apenas

siga a roda da frente". É o que vou fazer.

Tudo isso nos trouxe direto para outra refeição excelente (nos dias que faço trilha, tenho direito à sobremesa), café e cigarro lá fora na "nossa mesa", conhaque no bar (a luz é melhor para escrever). Voltei para o meu quarto depois de dar uma olhada nas estrelas. Agora, meu "querido telespectador", está ficando tarde (são quase *nove*), e é hora de planejar uma rota para The Big Smoke (ah, que alegria).

Vou tentar ligar para você em seu"número especial" e deixar o meu número para você. (Tenho certeza de que vou ter histórias emocionantes sobre Hollywood para contar, que você vai ouvir antes de receber esta carta. Tudo está ficando confuso demais.)

Está me acompanhando?

Sei que está.

Siga a sua roda da frente...

Ghost Rider

O fotógrafo de longa data da banda e nosso assistente pessoal durante duas turnês no começo dos anos 1990 (*Presto e Roll The Bones), Andrew MacNaughtan*, tinha se mudado recentemente de Toronto para Los Angeles, e me enviou uma mensagem por intermédio de Sheila lá no escritório dizendo que eu ligasse caso fosse para aquela direção. Eu não tinha muita vontade de lidar com a aglomeração ensandecida de Los Angeles, mas se eu pretendia ir para o México (ainda incerto), precisava fazer o seguro, revisar a moto e me preparar para novas aventuras. Assim, resolvi que poderia fazer tudo isso por lá mesmo.

Assim que minha moto estava estacionada na garagem embaixo do hotel Sunset Marquis, onde eu tinha me hospedado diversas vezes com a banda desde nossa primeira turnê, eu me sentei à beira da piscina, pedi uma margarita e bebi em homenagem ao que torci para que fossem alguns dias suportáveis.

Caminhei por Hollywood e ao longo de Sunset Boulevard para dar conta de várias tarefas enquanto a moto ficou na concessionária da BMW. Deixei meu número na "residência" de Brutus, porque ele não podia receber telefonemas, mas podia me ligar para termos outra boa

conversa. Comprei mais alguns livros para mandar para ele, agora que sabia que ele podia recebê-los (embora não mais que quatro de cada vez, e nenhum de capa dura – ao que parece, drogas e lâminas de barbear poderiam ser escondidas nelas).

Andrew me levou até um escritório da AAA (Associação Automobilística Americana) para que eu fizesse o seguro e pudesse trafegar no México. Como mais um amigo leal e atencioso, ele também me fez "sair de mim mesmo" um pouco, apresentando-me para um grupo de expatriados canadenses que ele tinha conhecido, incluindo Dave Foley – da trupe de comediantes "Kids in the Hall" –, um cara tranquilão, moleque e esperto; o afável músico John Kastner, cheio de *dreads* no cabelo; o amigo dele, Rob, um jovem ator e roteirista que também tinha um cabelo interessante e era bom de conversa; e o amigo deles, Tim, que comandava uma gravadora independente, e com uma percepção silenciosa, frequentemente parecia ser o nosso "gerente de turnê" quando saíamos pela cidade.

O nosso grupo passou algumas longas noites memoráveis ao redor da mesa da cozinha da casa de Dave em Hollywood Hills, e conheci algumas pessoas legais por lá, como Matt Stone, um dos criadores do seriado de animação South Park. Fiquei feliz em dizer para ele o quanto seu trabalho tinha ajudado a me manter firme, e até mesmo me feito rir durante alguns momentos muito ruins. Suas histórias engraçadas sobre os desafios do mundo corporativo eram tão reminiscentes dos meus próprios conflitos com o lado "executivo" do mundo da música que senti uma empatia instantânea por ele e por seu companheiro, Trey. Como eu e meus próprios companheiros de Rush, eles eram apenas dois caras meio desengonçados do subúrbio (de Denver, no caso) que tinham subido na vida fazendo algo que amavam, e agora estavam enfrentando pessoas que realmente não os entendiam de maneira alguma.

Certa noite, Andrew e eu participamos de uma gravação ao vivo do programa de TV de Dave, News Radio, e em outra noite Dave nos convidou para seu show de *stand-up comedy* no Club Largo. Ambos me garantiram raras gargalhadas, e me lembrei do quanto é mais "acessível" a comédia ao vivo (assim como a música ao vivo), e de como é raro um homem rir alto quando está sozinho. Principalmente

um homem que está sozinho com um monte de fantasmas.

Dave estava namorando uma linda garota canadense naquela época, Gabrielle, e Andrew e eu nos encontramos com os dois para jantarmos antes do show. Mais tarde, Andrew me contou que ela tinha me achado "um gato", e ficou rindo e brincando comigo por causa disso. Eu apenas fiquei ruborizado (ninguém jamais tinham *me* chamado de "um gato" antes – deve ser o Ar de Tragédia de novo) e não pensei mais sobre o assunto.

No fim das contas, fiquei em Los Angeles por uma semana inteira, algo que eu decididamente não esperava – e esperava ainda menos *apreciar* isso –, mas perto do último dia eu já estava me sentido inquieto e um pouco instável. Enquanto caminhava por West Hollywood e dava conta dos últimos compromissos, vi uma BMW conversível igualzinha à de Jackie, e depois vi o pôster de um filme de Drew Barrymore, que se parecia um pouco com Selena, e de repente as lágrimas estavam correndo pelo meu rosto.

Bem cedo na manhã seguinte, voltei para a estrada e segui para o México, ainda pensando em tudo o que tinha visto e feito na forma de uma "carta para Brutus".

25 de novembro de 1998
Loreto, Baja California Sur

¡Hola! Remador

Só para constar, foi Walt quem recomendou esta cidade, e até agora parece muito agradável. O Hotel Oasis, que está quase vazio, fica logo à beira da praia do Golfo da Califórnia, que também está quase vazia. Como esta é a semana do feriado de Ação de Graças nos EUA, pensei que as coisas poderiam ficar um pouco loucas por aqui, mas até agora não há nenhum indício de que isso vá acontecer. Ao menos não aqui. Tenho tentado controlar o ritmo para ficar longe de "Cabos" até passado o final de semana, então espero que dê tudo certo.

No geral, tenho seguido o conselho de Clement Salvadori até o momento, e estou tão feliz por ter escolhido o livro *Motorcycle*

Adventures in Baja lá em Tucson. Está sendo muito útil, e tem me levado a lugares que eu não teria achado e para estradas que eu *definitivamente* não teria encontrado.

De Los Angeles, segui para o leste pela I-10 e cortei para o sul naquela estrada de serra que eu e você pegamos com destino a San Diego, subindo pelas florestas altas, campinas e fazendas, e descendo para o deserto Anza-Borrego. Mais uma vez, foi bom ir *devagar*: circulei pelo parque estadual e pelo bizarro oásis de motor-homes em Borrego Springs, o lado oeste de Salton Sea. Depois, atravessei El Centro e as enormes fazendas irrigadas de Imperial Valley. A recomendação de Salvadori em Calexico, o De Anza, parecia agradável, mas infelizmente não era mais um *hotel,* mas um prédio de apartamentos. Assim, acabei indo para o atroz El Rancho, que não valia nem mesmo sua diária de 30 dólares. Eu queria ficar no *centro*, como sempre, mas por nenhuma razão especial. A "cidade", se podemos chamá-la disso, foi pensada exclusivamente para os compradores do *freeshop*, e não havia nenhum lugar para comer a não ser restaurantes chineses de aparência suspeita e franquias de *fast-food*. Acabei na filial de uma rede de pizzarias comendo um espaguete abominável e bebendo Pepsi. E ficando deprimido. Aconteceu o mesmo em Los Angeles, quando fiquei alguns dias a mais do que devia por lá, e o mesmo em Santa Fé. Eu fico pensando "está tudo bem, está tudo bem", até que, de repente, *nada* estava bem e eu começava a surtar!

Aqui está o que escrevi no meu diário (um "alter ego", de certa forma) naquela noite em Calexico:

Esta deveria ser a última página neste diário dos EUA, cobrindo um período de quase dois meses. Altos e baixos. Tenho pensado tanto que não *consegui escrever, como sempre, mas um pensamento constante diz respeito à sensação de estar machucado. Além do luto, da tristeza, da dor e, como esperado, das reações previstas, é um estado de espírito que faz com que eu me sinta compassivo e ferido, como se tivesse sido traído (sim – pela* vida*) e marcado de uma maneira além da minha compreensão.*

Este deve ser o nadir de toda a jornada (que completou três meses ontem; difícil de acreditar. Ou... não).

Pensando com frequência na minha casa *ultimamente, e esperando*

chegar lá – inteiro – antes do Ano Novo. Tanta coisa pode acontecer, como bem sabemos, mas eu gostaria de sobreviver para estar lá neste inverno, ver como eu me viro, se eu posso reorganizar alguma espécie de vida *sem cair naquele buraco escuro e profundo...*

De qualquer maneira, a passagem pela fronteira foi fácil. Em cerca de uma hora, eu já tinha meu adesivo "holográfico" ao custo de 11 dólares, ao invés daqueles três dias e sabe-se lá que taxas e comissões [quando levamos as motos de avião para a Cidade do México] e estava nas ruas empoeiradas de Mexicali – onde me perdi *imediatamente*. É claro: estava no México, e faltava uma placa em algum lugar na *glorieta* [rotatória]. No final das contas, encontrei a estrada no oeste para Tecate, onde ultrapassei caminhões lentos que soltavam fumaça, ônibus idosos que aceleravam na pista, caminhonetes que queimavam óleo, cães sedentos com a língua de fora, *topes* [quebra-molas] repentinos e mal sinalizados, postos de controle do Exército com soldados adolescentes bem armados que não falavam inglês, acostamentos empoeirados com acúmulo de lixo, buracos enormes e motoristas que vinham pelo lado contrário costurando e rodando na minha direção. Só coisa boa.

Como diria nosso amigo Mills: "Hora de ter medo!"

Desviando de Tijuana, cortei caminho para o oeste e depois para o sul até Ensenada (movimentada e urbana, mas bem agradável, com a maior bandeira mexicana imaginável tremulando na praia), então de volta para o leste até... Mike's Sky Rancho! Trata-se da Meca dos adeptos do motocross e dos pilotos de Baja, mas Salvadori avisa: "Podem ser 35 quilômetros duros". E realmente foram. Poeira, areia, rochas, pedras, riachos, raízes e tudo mais. Mas ele assegura: "Uma bem rodada Gold Wing [moto pesada e luxuosa modelo *touring*] pode fazer a trilha, para o desgosto dos pilotos de *motocross*". Com certeza, quando finalmente parei no acostamento (depois de dar uma boa olhada na passagem do riacho de seis metros de largura, cheio de areia e pedras), uns caras estavam de pé ao lado de suas motos de um cilindro, próprias para motocross, e um deles começou a gritar:

– Como você fez isso? Como você *fez* isso?

Eu só disse:

– Morrendo de medo.

Eles vieram para junto de mim, e um dos caras perguntou:

– Você veio pela mesma estrada que nós?

Eu respondi:

– Acho que sim.

E ele se saiu com essa:

– Mas você sequer está *sujo*!

Verdade, eu parecia bem aprumado: o mecânico na concessionária da BMW em Hollywood tinha polido a moto; e eu estava vestindo meu traje Vansons [roupas de couro para o verão] relativamente novos pela primeira vez, e tinha até mesmo engraxado as botas lá em Los Angeles.

– Bem – eu disse – acho que eu não estava atrás de ninguém.

Na verdade, era porque eu tinha ido *muito devagar!*

De qualquer maneira, era engraçado ver minha GS grande e vermelha ao lado de cerca de 30 motos sujas e de dois quadriciclos no pátio naquela noite. Eu era o herói deles (exceto para aqueles que me *desdenhavam,* com "repulsa"). Quase todos que estavam lá integravam excursões organizadas de Baja, e por isso, durante o jantar coletivo, acabei me sentando com as outras "ovelhas negras": dois caras mais velhos que tinham vindo de caminhonete – um era ornitólogo, Jim, que pilotava seu próprio avião até Baja havia 20 anos, e o outro, um botânico, Norm, que *morava* no sul de Baja. Foram ótimas companhias para o jantar, e aproveitei o conhecimento deles para discutir sobre a flora e a fauna que eu já tinha visto no sudoeste dos EUA. (Foi Jim quem me confirmou que os pássaros parecidos com andorinhas que eu tinha visto no deserto alto eram cotovias). Eles também me falaram sobre os pássaros e plantas que eu veria mais ao sul, em Baja. (Aqui, em Loreto, comprei o livro de Norm, *Plantas e Árvores de Baja Califórnia,* e assim pude aprender mais sobre as nomenclaturas dessas espécies).

Como Salvadori descreve o Mike's: "Não é luxuoso, mas é divertido". E a uma altitude de 1200 metros, também era um lugar onde fazia um frio danado (um grau negativo). Dormi com todas as minhas roupas sob as cobertas. Como o gerador havia sido desligado às 21h e as lampadinhas para leitura que havia lá não eram muito

boas, peguei no sono bem cedo sem nenhuma pressa para seguir viagem na manhã seguinte. Apesar da forte impressão que eu tinha causado nos pilotos de motocross, eu não estava me "achando", porque ainda tinha que superar outros 35 quilômetros de obstáculos para *sair* dali.

Claro, geralmente é mais fácil na segunda vez – e de fato foi, principalmente sem o sol na minha cara, pois assim eu podia distinguir o que era pó, areia, rocha e pedras antes de estar *sobre* eles (ou *dentro* deles).

Peguei outro "atalho" (50 quilômetros de uma estrada de chão decentemente nivelada até a estrada principal no sentido norte-sul) depois que o ornitólogo, o botânico e o próprio Mike (que, aparentemente, era filho do Mike original) tinham me garantido que não haveria *areia funda.* E, de fato, à exceção de alguns trechos escorregadios e de alguns trechos mortais em ziguezague (como em Hunter Mountain), era um belo trecho de estrada de chão.

Então retornei para o meio das caminhonetes queimando óleo e para o cheiro enjoativo de diesel por um tempo. Naquela noite, parei no que Salvadori descrevia como "parada obrigatória", "se você não for desencorajado pelas condições da estrada": eram cinco quilômetros de areia *odiosa* sobre uma superfície cheia de "costelas" (ãããi!), até um lugar na costa do Pacífico chamado de The Old Mill, local que antes abrigava uma refinaria mineral e uma fábrica de conservas, agora um agradável hotelzinho (25 dólares a diária) com restaurante e bar. (Em relação ao dólar, o peso está sendo trocado em uma proporção de dez para um, e por isso as coisas são *baratas.*)

Um grupo de pilotos de motocross também estava hospedado lá, e parecia que eles estavam apostando entre si para ver que rota o cara da "moto urbana" tinha seguido. Alguns deles sacudiram a cabeça com descrença quando eu disse que tinha vindo por "aquela adorável estrada de chão que sai de Valle de Trinidad rumo ao oeste". Ha-ha-ha! Scooter Trash *mandando ver!*

Ou algo assim. Ou, pelo menos, era o que *fazíamos.* Alguma gangue rival fez um feitiço contra nós em alguma encruzilhada e nos *amaldiçoou,* é o que *eu* penso. Não tem outra maneira de explicar tudo isto: só podem ter nos rogado uma *praga.*

Os últimos dias também têm sido quase cômicos no que diz respeito a isso. Sei lá como, torci minhas costas no caminho de Los Angeles para cá. (pelo que posso lembrar, a melhor hipótese é que deve ter sido quando olhei para trás numa daquelas intersecções de 45º em forma de V) e isso está me causando fisgadas de dor, rigidez e limitação de movimentos (algo familiar para você, eu sei). Então, depois de 38 mil quilômetros livre de problemas, minha GS começou a fazer uma guinada brusca quando reduzo para a terceira (embora não faça o mesmo quando eu troco da segunda para a terceira). Dias atrás, em Los Angeles, comprei um farol sobressalente e uma lâmpada traseira para trazer comigo, e hoje foi a lâmpada do pisca que falhou (claro). Consegui achar uma aqui, mas enquanto estava instalando, destravei o guidão para testá-la e bati o capacete numa das barras, arranhando toda a viseira. Claro que eu tinha uma viseira extra, mas é a minha velha companheira da última viagem, já toda marcada de cascalho. Nenhuma dessas coisas teria sido um problema uma semana atrás, mas agora é como... bem, talvez eu consiga resolver isso em duas semanas, na Cidade do México, junto com seja lá o que mais der errado antes disso. E tem ainda o lance da minha *úlcera de merda.* Ontem eu experimentei comer *huevos rancheros* no café da manhã e passei mal o dia todo. Hoje eu não pude resistir a uma omelete "*com chorizo y chesa"*, e me senti como se tivesse comido um maldito cacto saltitante.

Que merda está acontecendo aqui, sabe?

E é claro que, como previsto, todos os serviços básicos se tornaram um pouco mais difíceis de encontrar por aqui: gasolina, comida, água, hospedagem, viajar, rodar, telefonar, enviar cartas, esse tipo de coisa. (Meus companheiros de jantar no Mike's, especialistas em Baja, alertaram-me para que eu tentasse enviar qualquer coisa para casa por meio do correio mexicano, então só o que posso fazer é torcer para que esta carta *chegue* até você.) Um dos guias de motocross também me desaconselhou a abastecer em El Rosario ontem, porque mesmo que o mapa mostrasse um posto Pemex em Catavina, aparentemente ele estava sempre sem combustível ou as bombas não estavam funcionando. Sem dúvida, eu teria que andar mais 300 quilômetros antes de encontrar outro posto, mantendo a velocidade em torno de

110 km/h e percorrendo 370 quilômetros com um tanque cheio. No dia anterior, eu tinha precisado usar meu galão extra para conseguir chegar até um dos insanamente espaçados postos “Magna Sin”, da Pemex. O posto onde parei hoje tinha apenas *uma* de suas quatro bombas funcionando.

Mas, para citar uma expressão inglesa que Brad e eu adoramos: “Ainda assim... nada de resmungar”. (Frase que sempre era seguida por uma prolongada lista de palavrões em voz alta, como agora!)

Ontem percorri um trecho longo de 600 quilômetros para o sul, cruzando o deserto Vizcaino (não sei por que os nomes vão mudando, visto que, como estou percebendo, toda a Baja é um único deserto), passando pelas famosas árvores “boojum”, cactos *organ pipe* e *cardón, chollas,* algumas agaváceas semelhantes às árvores de Josué, ocotillos, cactos barrel e árvores de troncos grossos como baobás (chamadas de árvores elefantes), palos verdes e algarobeiras. Então, tendo passado por Guerrero Negro, percorri um longo trecho de arbustos baixos.

No geral, a estrada era boa: estreita, mas sem muitos buracos. Parei para dormir num oásis de tamareiras em San Ignacio, que Salvadori classificou como “a cidade mais charmosa de Baja”. Até o momento, sou obrigado a concordar – ali há um zócalo [praça principal] à sombra de loureiros cercado por lojas antigas e uma missão espanhola do século XVII. A cidade é totalmente silenciosa exceto por latidos dos cães, canto dos galos e barulho das crianças jogando futebol. Ela está aninhada em um vale repleto de tamareiras em meio a quilômetros de deserto de cactos. No pôr do sol, centenas de abutres se abrigavam nas tamareiras e nas torres de transmissão.

A diária do hotel com seis quartos custava 20 dólares (tendo dinheiro em mãos, não havia necessidade de se registrar ou qualquer outra coisa “oficial” tipo essa). Pelo que me disseram, o hotel tinha sido construído por um marinheiro alemão que saltou do navio em Santa Rosalia (o porto logo no fim da estrada onde tomei café da manhã hoje), na virada do século XX, e os atuais proprietários são seus descendentes. Tantas *histórias* em todos os lugares por onde passo. Santa Rosalia foi colonizada pelos *franceses,* criada como um centro de minério de cobre, e a igreja de lá foi projetada por Gustav Eiffel: é uma construção toda trabalhada em metal com painéis

rebitados, construída para a Exposição de Paris de 1886. Em seguida, foi desmontada e trazida até *aqui,* para a Baja California. Loucura. (Parece uma mistura de cabana *Quonset* com o Nautilus, do Capitão Nemo – personagem principal de *Vinte mil léguas submarinas*. Mas de um jeito *lindo.*)

Acho que a anotação que abre o diário no dia de hoje é bem "ilustrativa":

25 de novembro San Ignacio – Loreto
95.057 (303 quilômetros)

Rodando entre as palmeiras em uma manhã brilhante, rumo ao deserto e aos vulcões.

Rara parada para café da manhã, no terraço ensolarado do hotel Frances, em Santa Rosalia, velha cidade de mineração com locomotiva e vagões de trens enferrujados em exibição. Legal. Silenciosa.

Um pica-pau gila num poste, beija-flores num loureiro, um abutre abre as asas, de costas para o sol, num poste de eletricidade do outro lado da rua.

A igreja pré-fabricada de Eiffel é uma visão interessante. Tantas histórias por todos os cantos.

Também vi o Golfo da Califórnia pela primeira vez, azul e tranquilo. Uma ilha no horizonte. Dormi bem, as costas estão um pouco melhores. Rasgando o Cadillac Desert – melhor não ficar sem livros para ler!

Hoje, enquanto viajava, fiquei pensando que minha sobrevivência continua sendo um ato de pura vontade. Me mantenho equilibrado como um soldado ferido em batalha, e sinto que posso desabar por dentro a qualquer momento. Não há paz em nenhum lugar, nenhuma redenção imaginável. Apenas uma sensação de esperar, de matar o tempo. Esperando o quê? Esperando o tempo passar, eu acho. Pode haver cura? Acho que não. Lutar apenas para minimizar as cicatrizes. Para não ficar perturbado demais, ou aleijado demais por dentro.

(Mesmo assim, nada de resmungar...)

26 de novembro de 1998

Loreto

Tudo bem, tudo bem, vamos tentar deixar as coisas um pouco mais leves. Não quero que *você* também fique todo deprimido (ah, não!). Obviamente, estou me estendendo por mais um dia, e também pode ser que eu fique até amanhã. Estou tentado a ficar, mas vou esperar e decidir amanhã de manhã. Não importa o que aconteça, estou destinado outra vez a permanecer um dia além da conta.

Ontem eu estava tomando um banho de mar quando um morador local começou a gritar alguma coisa e a apontar para as solas dos pés. Pensei que estava se referindo a pedras pontudas, corais, ou talvez ouriços-do-mar, mas perguntei ao recepcionista do hotel e ele me contou que haviam me alertado sobre *arraias* e me disse que não era uma boa ideia entrar no mar de pés descalços. Então saí e comprei umas sandálias pretas de borracha chiques, que também serviriam para andar por aí agora que estou descendo em direção aos verdadeiros *trópicos*.

(Já está entediado por me ouvir falar sobre *compras?* Bem, foi mal, seu fracassado de merda*;* está muito ocupado? Ha-ha-ha!)

Como eu escrevi há pouco em um cartão-postal para o meu avô: "Venha para cá imediatamente; é quente, é ensolarado, é barato, e você pode deitar numa rede debaixo das palmeiras e ler o dia todo!" Foi o que eu fiz, além de caminhar pela cidade agradável, visitar a antiga missão e seu museu bem organizado e observar pássaros ao longo do "malecón" (paredões junto ao mar), da praia e da pequena lagoa.

Agora vou para o Oasis saborear o jantar "Especial de Ação de Graças". Não é exatamente a *cuisine* local, mas meu estômago estúpido provavelmente ficará mais contente (embora Baja seja quase toda voltada aos frutos do mar, e isso não tem sido um problema). Vamos ver o que acontece quando eu for até a "terra firme" (como chamam aqui), o que planejo fazer pegando o *ferry* entre La Paz e Mazatlán. Ainda não olhei o mapa além daquele ponto. Talvez eu siga para Oaxaca, para começar. Só em sua homenagem.

Porque, é claro, está nas entrelinhas que você faz muita falta nesta viagem, mas tenha certeza de que há várias estradas e lugares

interessantes altamente recomendados por Salvadori, sobretudo alguns desvios por estradas de chão particularmente tentadores que vou desconsiderar por enquanto. E não apenas porque eu sou "un pollo" [um frango] (é só perguntar para os caras no Mike's Sky Rancho, cara!), mas tenho que guardar alguns lugares para nós explorarmos depois, né?

(A propósito, me esqueci de desejar a você um Feliz Dia de Ação de Graças, já que atualmente você é um "Cidadão Americano". Eles te deram um jantar especial? Ah, e se você ficar aí por tempo suficiente, você acha que eles vão te dar um *green card?* Provavelmente…)

De qualquer maneira, já está na hora de encerrar este episódio emocionante, com a esperança de que eu consiga *postar* a carta amanhã. (E então a aventura *dela* vai começar: daqui para La Paz, depois para Mazatlán e para a Cidade do México e para sabe-se lá onde, e, esperamos, para onde *você* está*)*. Na nossa última conversa por telefone, fiquei com a sensação de que você está lidando bem com sua situação, com expectativas realistas (não são bem uma "esperança") em relação ao seu futuro imediato, e torço para que tudo corra de maneira mais ou menos "tolerável".

Tenho certeza de que nos últimos tempos você não tem sido exatamente alguém acampando alegremente, e imagino que você esteja tão ansioso para o Natal quanto eu. E, como eu, o melhor que pode fazer é se conformar: "apenas uma sensação de esperar, de matar o tempo. Esperando o quê? Esperando o tempo passar, eu acho". (Mesmo assim, nada de resmungar...)

Seu amigo,
Ghost Rider

Depois de uma longa caminhada através da linda cidadezinha de Loreto até o correio, voltei pelo *malecón* para ver os meninos pescando no píer. Eles fisgavam os peixes tão rápido quanto possível. Um rapaz alto e magro veio até o meu posto numa rocha grande e tentou começar uma conversa. Disse que era de Sinaloa, o estado diretamente do outro lado do Golfo da Califórnia, de frente para a Baja California. Quando eu disse a ele que era de Toronto, ele assentiu com a cabeça e

disse:

– Blue Yays.

Isso me deixou embasbacado por um momento, até que percebi que ele deveria ser um fã de beisebol. Ele me perguntou se eu queria ir a uma "festa mexicana", com "um monte de garotas". Quando recusei, ele perguntou se eu queria "mota". Eu não conhecia aquela palavra, mas ele traduziu como "erva" (pelo que parece, a origem da palavra vem de *la motivadora,* "a estimuladora"). Quando disse "não, obrigado", ele falou:

– Você prefere fumar 'erva skunk', como os americanos?

Sacudi a cabeça, recusando novamente, e disse:

– Muitos policiais.

Enigmaticamente, ele falou:

– Eu tinha esquecido isso.

Continuei a ignorar o rapaz o máximo possível, observando os peixes e os pássaros, mas ele insistiu e me confidenciou:

– Também sou tímido.

Concordei com a cabeça e trocamos um aperto de mãos, então voltei a pé para o hotel Oasis e fui nadar no mar de águas mornas e rasas. Depois fiquei deitado na rede por um tempo. Terminei de ler *Cadillac Desert* e comecei o livro de Mark Twain *Roughing it,* a história de suas viagens saindo do Missouri com destino à terra da corrida do ouro durante os anos de 1850.

À noite, voltei para o *malecón* para ir a um restaurante com o nome de El Chile Willie's. Pedi um peixe ensopado que não chegava nunca, e esperei por tanto tempo pelo meu petisco de camarão e lagosta que escrevi seis páginas de uma carta para minha amiga Gay no meio tempo, atualizando-a a respeito de minhas últimas viagens por dentro e por fora.

Voltei por um percurso ao lado do mar e parei no bar do hotel, à procura de um lugar para me sentar com um conhaque e continuar a escrever para Gay. Havia apenas outros dois fregueses: um casal inglês muito bêbado, mas bem simpático. O homem mal conseguia falar, e seu rosto estava todo mole enquanto ele tentava com muita atenção despejar o conteúdo da molheira em sua caneca. A esposa do inglês, por outro lado, começou a falar e parecia que não conseguia *parar*.

Com um sotaque conhecido como “inglês do estuário”, falado pelas pessoas de alta classe da área em torno do estuário do Tâmisa, tudo o que ela dizia parecia terminar com um ponto de exclamação.

– Você está tão *quieto!* – disse ela. – Tenho *observado* você! Você deve estar num período *sabático,* não é? É isso? Sempre lendo e ficando na sua, não é? Você não quer *nada* com a humanidade, quer? A propósito, o que é que você está lendo aí todo sério?

Fiquei vermelho e apenas murmurei alguma coisa a respeito de Mark Twain enquanto olhava para os meus pés, mas ela continuou.

– Você não quer nada com a humanidade, dá pra ver! Ah, claro! Eu estava observando você!

Fiquei vermelho e murmurei algo de novo.

– Você é um cavalheiro *muito atraente*, não há dúvidas!

(Eu?)

– Vou chamar você de gigante gentil!

(O quê?)

– Você é *meu* gigante gentil!

(Eu?)

– Verdade, você é *meu tipo* – você e meu marido!

E o tal do marido olhou para cima e numa risada bêbada disse:

– Você pode tentar fazer *esse* papel por 24 horas, amigo, se quiser.

Fiquei vermelho e murmurei algo mais, e ele fez sinal para o *barman* me trazer mais um conhaque por conta dele. Agradeci e me despedi rapidamente da esposa dele. Fui lá fora para me sentar e escrever, e no fim das contas confidenciei para o meu diário: “Tenho que admitir que ela me deixou todo *atrapalhado”*.

De Loreto, continuei para o sul ao longo da península estreita de Baja até chegar a La Paz, pegando uma rota panorâmica recomendada por Clement Salvadori em *Motorcycle Adventures in Baja*: 64 quilômetros de terra macia através do deserto de cactos até um trecho pavimentado do que costumava ser a estrada principal, então chamada de “West Side Highway”.

La Paz, a capital de Baja California Sur, era uma cidade de tamanho considerável (100 mil habitantes) com uma doca para barcos de pesca e uma orla bonita, além de uma catedral de pedra imponente em meio às árvores e aos jardins no *zócalo*. Depois de fazer o *check-in*

no hotel que ficava na doca, a primeira coisa que fiz, enquanto pegava um dinheiro para dar gorjeta ao porteiro, foi derrubar minha carteira no poço do elevador. Passaporte, cartões de crédito, dinheiro, cheques de viagem – tudo. Foram necessários dois caras da manutenção e cerca de meia hora para tirar a carteira de lá, fisgada por dois pauzinhos enfiados através da fresta entre o elevador e o poço.

Uma das minhas razões principais para parar em La Paz era reservar uma passagem no *ferry* para Mazatlán, e como as coisas "essenciais" já tinham sido recuperadas, eu corri para o escritório que gerencia o *ferry*, onde fui informado de que só poderia reservar a passagem *um* dia antes da viagem, e não dois ou três. Ah! Contudo, fiquei sabendo que poderia reservar minha cabine no escritório da companhia em Cabo San Lucas, então decidi cuidar disso lá.

No caminho de volta para o hotel, passei pela catedral e me senti compelido a entrar. Como é de costume em igrejas católicas, o interior era amplo, ornamentado e silencioso, e estava repleto de estátuas douradas e coloridas da Virgem Maria e de vários santos, com crucifixos sangrentos e com as estações da Paixão de Cristo circundando as paredes, velas de devoção queimando nos altares, e a luz da tarde filtrada através das janelas altas com vitrais. Havia algumas pessoas ajoelhadas, a maioria mulheres. Escolhi um banco vazio no meio e sentei para apreciar um momento de quietude e de paz. Não era exatamente um instante para oração, mas talvez para "sair um pouco de mim mesmo".

Quando estava dentro de uma igreja católica, eu sentia com frequência uma conexão com Selena – não em um sentido *religioso,* mas por causa de uma lembrança que tenho da reação dela na igreja Sacre-Coeur, em Paris. Perto do final da mais recente turnê do Rush pela Europa, *Roll The Bones*, em 1993, Jackie, Selena e Deb tinham me encontrado em Paris para passar uns dias por lá. Depois de um dia passeando juntos, Selena foi comigo e com meu motorista, Peter (um velho amigo da minha juventude em Londres), até Amsterdã para ver um show, e depois voltamos a Paris, onde passamos mais alguns dias percorrendo as ruas daquela linda cidade. Foi a primeira visita de Selena a Paris, e ela estava profundamente impressionada.

Um dia, nós quatro subimos as escadarias altas até a igreja de

Sacre-Coeur, com todo o seu esplendor branco no topo de Butte de Montmartre. Como seus pais, Selena nunca "sacou" as religiões, mas todos nós compreendíamos a espiritualidade. Com seus 15 anos à época, Selena ficou repentina e completamente hipnotizada pela atmosfera de devoção dentro daquela igreja: as freiras cantavam suavemente, o silêncio era respeitoso, e havia incensos e velas. Ela quis acender ela mesma uma das velas votivas, e decidiu acendê-la para o seu primo Sean, único católico que conhecia.

Enquanto caminhávamos em silêncio pela igreja e subíamos até o domo para admirar a vista sobre Paris, Selena estava de olhos arregalados, tomados pelo *espírito* do lugar: as dimensões impressionantes, a tranquilidade, o esplendor e a graça – exatamente o efeito para os quais as igrejas haviam sido projetadas, mas que a religião muito frequentemente degradava. Depois daquele dia, Selena ficou impressionada para sempre com o encanto daquela igreja. Agora que ela tinha partido, descobri no México que visitar igrejas católicas me ajudava a me conectar com ela da forma como ela tinha sido, e com as boas lembranças daquela ocasião em Paris.

A viagem de volta para casa também tinha sido memorável. Deb pegou um avião para Toronto, enquanto Peter levou Jackie, Selena e eu até Southampton, na Inglaterra, onde embarcamos no Queen Elizabeth II para uma viagem de cinco dias até Nova York. Para falar a verdade, as garotas ficaram meio entediadas em alguns momentos, mas eu simplesmente *adorei* aquela travessia – lemos juntos em nossa cabine com deck privativo e porta de vidro de correr que davam para o mar aberto, vagamos pelos decks desertos nas tardes frias e nebulosas, jogamos jogos de tabuleiro juntos, consumimos comidas e bebidas maravilhosas, e vestimos traje formal para jantar todas as noites – Selena adorou essa parte, porque ela sempre amou se arrumar toda. Eu ficava contente por ao menos ter todas essas lembranças, mas elas ainda ardiam em mim. As lágrimas vieram quando sentei num banco em uma igreja mexicana e pensei em como as coisas eram antes. Um passo para frente, um passo para trás.

No dia seguinte, continuei para Cabo San Lucas e, durante o jantar daquela noite em um restaurante ao ar livre, escrevi no diário algumas impressões sobre aquela lendária cidade-resort.

29 de novembro La Paz – Cabo San Lucas
95.779 (243 quilômetros)

Bem. Conforme o esperado. Não, não tão ruim, até agora. Não posso nadar no oceano, por causa da maré alta. O som ambiente de surf é agradável, contudo, e o ar está perceptivelmente mais quente desde que cruzei o Trópico de Câncer hoje.

Hotel Solmar Suites, bares dentro das piscinas (há três delas), praia enorme e bem cuidada (vazia), lindas rochas e penhascos atrás. Nas mesas do bar há poinsétias reais e pequenas, um ventilador de folhas de palmeiras verdadeiras (abrigo), música pop mexicana romântica (sentimental, de qualquer maneira), boa margarita.

Cambaxiras de cacto, pardais ingleses, americanos tagarelas.

Pensando em como foi suavizada a minha opinião em relação àquele tipo de americano gordo, que fala alto e fica se gabando, com um rosto embrutecido e um charuto. Hoje havia três deles pegando peixe-espadas, e um deles lutou por 45 minutos com o seu, e disse (ou gritou): "Eu nunca vou esquecer este dia! Eu nunca vou esquecer este dia!" Tive que perdoar a ignorância dele por causa da emoção infantil. Ao menos perdoar um pouco...

[Mais tarde] Jantar. É estranho estar sozinho em uma atmosfera de resort como esta.

E agora – lá vêm os mariachis! Coloquei meus 20 pesos no violão enorme e pedi que tocassem "Guadalajara", o que foi... perfunctório, eu acho. Talvez eu esteja mal-acostumado por causa do Mariachi Cobre [um excelente grupo "mariachi progressivo" cujos CDs Brutus e eu tínhamos comprado na Cidade do México]. Ou em Oaxaca [onde ouvimos pela primeira vez a verdadeira *música mariachi].*

(Outra teoria recém-formulada, esta sobre as raízes do estilo mariachi: uma combinação de flamenco, música cigana, folk, ópera e música árabe. O nome vem do francês "mariage", ou "casamento", já que eles eram contratados para as festas de casamento durante a ocupação francesa nos anos de 1800.)

Já faz uma semana que estou no México. Metade do tempo em Loreto, percebi. Aquele parece ser o lugar. Se eu fosse esperto, não contaria para

ninguém sobre ele.

Mas eu não sou, e contarei.

[Mais tarde] Grande anel ao redor da Lua, três ou quatro dias até que seja cheia. Chuva pela frente? A cada 10 segundos, escuto uma grande onda, às vezes como uma explosão distante, uma crescente nota de baixo.

Depois de uma longa batalha travada com o telefone (por razões estúpidas demais para que eu fale a respeito, só para citar Mark Riebling), finalmente consegui ligar para Steven, que parecia exasperado por não ter tido notícias de mim e louco para saber o que eu queria fazer; eu achava que já estava tudo certo, e estava esperando saber dele lá em Los Angeles. Oras. Acho que ele também tem seus próprios problemas...

O irmão de Jackie, Steven, era um instrutor de mergulho semiaposentado e um "velho marujo". Ele também tinha sido duramente afetado pelas tragédias na família e pelas ondas que reverberaram por toda a nossa rede de amigos – o choque vindo da percepção de que essas coisas também *podem* acontecer conosco... Steven tinha sido parte da minha vida e um dos meus melhores amigos (em todos os sentidos da expressão) desde a adolescência, quando ele e seu irmão Keith (que agora cuida da minha casa em Quebec) trabalhavam na loja de discos local, Sam the Record Man, na minha cidade natal de St. Catharines, em Ontário. A loja de discos era o segundo lugar favorito para um jovem músico frequentar, perdendo apenas para a loja de instrumentos musicais, Ostanek's, onde ficávamos ao lado de guitarras e baterias por horas, conversando e sonhando com os nossos futuros dourados.

Quando tínhamos 20 e poucos anos, Keith, Steven e eu morávamos juntos numa casa na zona rural com outro amigo, Wayne, um pouco antes de eu começar a namorar Jackie. Para ser honesto, eu acabei saindo daquela casa porque fui morar com *ela,* e eu me lembro de ter ficado nervoso para contar a eles a novidade, com medo de que se aborrecessem por eu "viver em pecado" com sua irmãzinha caçula. Mas, na verdade, Steven era quem tinha nos aproximado, pedindo às vezes que eu desse uma carona para Jackie da loja de discos até a casa dela se eu estivesse por lá perto da hora de fechar. Então, eu não devia ter me preocupado: ambos os irmãos estavam felizes por nós.

Por meio das inimagináveis reviravoltas do destino, tudo tinha mudado para todos nós. Como eu, Steven achou isso tudo um fardo pesado para carregar. Ele era o tipo de homem que se sentia responsável por todos na sua família o tempo todo, e talvez ele sentisse em seu âmago que as perdas tinham sido um tipo de "fracasso" – como se as pessoas queridas tivessem morrido enquanto *ele* era o encarregado de "tomar conta delas" e mantê-las vivas. Eu entendia esse sentimento porque, é claro, eu sentia *a mesma coisa*. Talvez a primeira responsabilidade de um marido e de um pai seja proteger sua esposa e sua filha, e em meu âmago eu sentia que também tinha fracassado nessa tarefa. Para todos que conheciam e amavam Jackie e Selena, havia muitos tons de escuridão naquelas tragédias.

Eu já descrevi o papel principal de Steven naquele pesadelo de longa-metragem: ele nos visitou em Londres e nos ajudou a nos situarmos ao se mudar para a casa de Toronto e para Barbados conosco, onde supervisionou os tratamentos de Jackie e os cuidados com ela (ele também era um paramédico treinado) e atuou como "guardião do portão" quando o número de amigos preocupados à nossa porta se tornou impressionante.

Sua esposa Shelly, uma médica especializada em emergências, tornou-se outra amiga incansável e de valor inestimável, que emprestou seus conhecimentos e compartilhou as vigílias noturnas durante o declínio de Jackie. Eu não os tinha visto mais desde Barbados. Eles estavam planejando uma viagem a Belize em dezembro, e eu tinha prometido encontrá-los por lá. Ainda tinha a intenção de fazer isso. Acho que Steven tinha esquecido que quando eu digo que vou fazer algo eu geralmente faço, e esperava que alguns planos mais formais fossem feitos. Ele não entendia meu estilo flexível de viajar, em que eu criava a minha rota de maneira gradual ao inventar um objetivo espúrio após o outro: ir a Vancouver para visitar Danny e Janettel a Las Vegas por causa da escola de pilotagem; a Belize para encontrar Steven e Shelly. De alguma forma, tudo aquilo fazia sentido para mim, mas talvez não fizesse para mais ninguém.

De Cabo San Lucas, voltei a La Paz para fazer a travessia de *ferry*, e então comecei a trilhar meu caminho cruzando a "parte continental"

do México, uma história que foi narrada em uma carta que escrevi para Brutus alguns dias depois, e na qual compilei alguns trechos do meu diário:

5 de dezembro de 1998
Hotel Camino Real
Oaxaca
¡Hola, Pollo Loco¡

Mais uma vez, este é um lugar que não preciso descrever para você, mas não saia correndo (rá rá); tenho algumas histórias para contar sobre *como cheguei* até aqui.

Quando conversamos pela última vez, eu estava "curtindo em Loreto" (espero que tenha recebido aquela carta – e esta aqui, por sinal!), o que fiz por mais um dia depois daquele. Ela entrou para minha lista seleta de cidades pequenas e maravilhosas junto com St. Helena, na Califórnia, e Moab, em Utah. Talvez eu leve você até lá algum dia.

[Recapitulando a viagem de Loreto para La Paz e para Cabo San Lucas]

Com tudo o que eu tinha lido e ouvido falar sobre Cabo San Lucas, eu estava preparado para *odiar* o lugar, mas até que não foi de todo ruim. Fiquei numa espécie de resort mais afastado da cidade, na direção de Land's End ("Finisterre"), que estava bem vazio (continuando minha carreira de "Senhor Fora de Temporada"), e caminhei até a cidade diversas vezes para cuidar de uns negócios e até mesmo para jantar e dar uma volta à noite. E sabe que, apesar do Hard Rock Café, do Planet Hollywood e até mesmo de um KFC, de um Domino's e de um Burger King, a cidade continua mexicana em seu coração, algo perceptível de diversas maneiras sutis, mas inconfundíveis. Essa é uma característica que não desaparece facilmente. Como consequência, as *franquias* ficam parecendo deslocadas e, apesar de tudo, a cidade sobrevive. Ao menos se você a estiver procurando.

De Cabo, segui o "circuito" de volta a La Paz, com o Pacífico azul de um lado e quilômetros de cactos cardón verdes (semelhantes aos cactos arborescentes) do outro. Parei em uma cidadezinha charmosa

chamada Todos Santos para o café da manhã, no hotel Califórnia (fundado em 1928 e que, segundo alguns, foi a inspiração para a canção dos Eagles), onde eu acho que deveria ter ficado hospedado.

Talvez eu leve você até lá algum dia.

Cheguei de volta a La Paz tranquilo e cedo. Parei numa pequena loja de motos que tinha sido recomendada pelo valoroso senhor Salvadori e comprei um bom óleo 20-50, e fiz uma troca de óleo *épica* bem ali na calçada. "No problema", um grande contraste com Yuma, ou mesmo com Whitehorse, onde não me deixaram fazer isso em nenhum lugar. Nunca entendi o porquê.

Em Cabo, Eduardo, um solícito agente de viagens, assegurou-me que eu precisava estar na doca do *ferry* ao meio-dia (para partir às três da tarde). Então, lá estava eu, apenas para ficar sentado e passar calor por três horas e ser o último a embarcar, junto com três caras da Califórnia com suas motos de motocross inacreditavelmente carregadas, que carregavam pacotes enormes, pranchas de surfe e até mesmo um *violão.* Eles admitiram que não tinham muita vantagem em relação a mim, e que andavam com alguns problemas para passar pelos trechos de areia. Só imagino!

O *ferry* acabou propiciando uma das viagens mais agradáveis que já fiz até hoje. Embora fosse antigo (construído em 1974, um veterano da linha entre Cabo e Puerto Vallarta, havia muito descontinuado), eu tinha à disposição uma boa cabine com dois beliches separados por um sofá pequeno e uma mesa, e havia um bom restaurante, como no *ferry* entre Nápoles e a Tunísia. As pessoas eram simpáticas e tocava música *em todos os cantos:* havia uma banda no bar principal e uma *jukebox* repleta de CDs no bar ao ar livre que ficava na popa. Até mesmo quando vagava pela cabine de comando eu escutava música vindo lá de dentro. No restaurante, tocava uma coletânea da Madonna, e fiquei um pouco triste ao ouvir músicas como "La Isla Bonita", que me lembravam dos passeios de Porsche com Selena em Lac Echo, com a capota baixa e aquela canção tocando no volume máximo. Todo o resto que eu ouvia, contudo, era música mexicana em espanhol, o que novamente testemunhava a força de sua excelente cultura.

A lua estava quase cheia, e o Golfo da Califórnia estava calmo,

com um vento de popa atrás de nós que fazia o ar no *deck* parecer parado. No balanço final, foi uma travessia muito agradável, e chegamos a Mazatlá às 8h da manhã seguinte.

6 de dezembro de 1998
Cuernavaca

Ok, agora estamos em um novo cenário: espero que você esteja acompanhando a programação. Estamos hospedados no superexcelente "Las Mananitas", um daqueles hotéis da rede Relais and Chateaux, pelo que percebi na entrada quando cheguei, depois de circular por um tempo até achar o lugar! Cuernavaca continua sendo um lugar tão difícil de transitar durante o dia quanto era naquela vez em que chegamos aqui à noite.

Aparentemente este lugar tem sido considerado um dos melhores hotéis do mundo, e não é difícil de acreditar: seus gramados e jardins são exuberantes, situados em meio a um pátio tranquilo e cercado por muros, decorado com pavões, grous-coroados-orientais, flamingos e papagaios. Além disso, as suítes são elegantes e dispõem de terraço privativo. E, sim, eu o encontrei no guia Lonely Planet. Não consigo imaginar como acabamos naquela "posada" abjeta da última vez, a não ser que você estivesse se baseando pelo Rough Guide quando estávamos naquela Kombi da (como era mesmo o nome dela?) no caminho do aeroporto!

Mas estamos nos adiantando demais em nossa história, não é mesmo? Ao desembarcar do *ferry* em Mazatlán, lá pelas oito da manhã, eu estava muito tentado a seguir direto para o velho "Devil's Backbone" até Durango e as "cidades prateadas". Mas ao contar quantos dias eu tinha, subtrair os domingos (por "razões práticas", como por exemplo a busca por serviços e o reabastecimento na Cidade do México) e como eu planejava me encontrar com Steven em cerca de uma semana, lá em Belize, decidi seguir um pouco para o sul, até porque não queria repetir *exatamente* o mesmo trajeto. Agora, vejamos em anexo a anotação que fiz em meu diário naquele dia:

Restaurante Cuiza numa ilha no meio do rio, centro de Puerto Vallarta, bom jazz tocando. Olhos e pés exaustos de tanto procurar adesivos,

acredite se quiser, mas isso me mantém fora das – quero dizer, nas *ruas.*

Numa cidade turística, essa poderia parecer uma tarefa fácil. Mas nada disso. Devo ter olhado em 25 ou 30 lojas (quanto mais brega melhor) por todo o malecón. Cruzei toda a parte antiga da cidade e encontrei um único e pequeno adesivo ordinário num canto longínquo, perto de Playa des Arcos. Mas é bom ter um desafio, uma busca, mesmo que barata e sem muito sentido. Ou talvez principalmente por ser assim.

Bom hotel, embora um pouco desorganizado com as reformas pré-temporada. É isso que eu ganho por ser o "Senhor Fora de Temporada" mais uma vez. O restaurante também era agradável, bem ao lado do rio, com luzes nas árvores, velas nas mesas e boa música. Vergonha por estar sozinho. (Sem lágrimas hoje à noite, por favor).

Verde tão exuberante hoje. Estava tentando lembrar quando foi a última vez que rodei à sombra. Juro que não consigo lembrar. Túneis de árvores e de palmeiras cheias de trepadeiras, gramíneas silvestres altas, penhascos e montanhas, alguns trechos excelentes *em zigue-zague, subidas e descidas sinuosas em meio às árvores.*

Este lugar, o hotel do outro lado do rio, e as ruas secundárias da cidade (por exemplo, a linda igreja) provam que sempre há uma cidade de verdade atrás da porcaria. Talvez até mesmo em Acapulco. Mas provavelmente não em Cancún e Cozumel.

A refeição também foi boa: ensopado de milho azul mexicano com caranguejo, um combo de três raviolis com caranguejo, camarão e peixe ao molho cremoso. Agora, cheesecake com frutas e café.

É estranha a sensação de sair de Mazatlán. Parece menos remota, de certo modo; talvez por ser ao menos parcialmente "familiar". Embora eu não tenha reconhecido nada de fato, talvez porque Brutus e eu estávamos tensos demais quando seguimos naquela direção, saindo de Manzanillo devido a um acidente sério pelo qual havíamos recém passado. [Como já mencionei, em nossa primeira viagem cruzando o centro do México, Brutus tinha caído para fora da estrada nessa área. Ele quebrou duas costelas e destruiu a moto]. Ainda assim, eu tinha um forte sentimento de "estrangeiro". Talvez porque não *seja um deserto! Verde tropical, por toda a volta, até a vista da baía (também havia cerração fechada o dia todo), que acreditam ter se formado a partir de uma antiga cratera.*

Tanta coisa passando *hoje, caminhões e ônibus aparecendo em ritmo*

constante, principalmente antes de Tepic, local do desvio para Guadalajara e Cidade do México. Queijo de diesel!

Um mexicano jovial na rua me pergunta: "Señor! Onde está sua esposa?" Ai.

3 de dezembro Puerto Vallarta – Zihuatanejo
97.200 (752 quilômetros)

Uma cidade difícil de soletrar, mas não de cantar! [Zii-uá-ta-nei-ho!] Passei por aqui com Brutus no caminho para tomar café da manhã em Ixtapa, antes de seu acidente impressionante. Revivi aquele dia todo hoje, só que na ordem reversa.

Hoje passei dos 40 mil quilômetros durante esta longa, longa jornada. Às vezes bem dura, com muitos caminhões e ônibus, outras relativamente vazias e continuamente estreitas e sinuosas ao longo da costa. Nenhum Pemex [posto de gasolina] por um longo trecho. Devemos ter tido sorte naquela vez, porque precisei usar o galão extra cerca de 340 quilômetros depois de ter abastecido próximo a Manzanillo. Tinha pensando em seguir para Acapulco, mas isso já era distância suficiente por hoje. Eram cerca de 16h30min, e eu já havia viajado nove longas horas; e sem café da manhã. Meu primeiro esboço de plano para hoje era parar em Las Hadas por dois ou três dias, mas comecei a olhar o mapa e a contar os dias que me restavam. Então decidi "fazer" Oaxaca agora, e talvez chegar até Palengue ou algum lugar por ali depois da Cidade do México.

"O barulho das ondas" é diferente aqui, mais próximo de um "ruído branco" e constante. Levantei na noite passada para ver as grandes ondas chegando à costa, como uma tempestade. Nesta manhã passei pelo restaurante "John Huston's" (acho que ficava na Playa La Blanca), onde conservaram os sets *de filmagem originais de A Noite do Iguana. Como Las Hadas, fica para a próxima vez. Tão lindamente verde e exuberante por aqui, com as encostas das montanhas forradas de palmeiras, e a mesma coisa por todo o caminho. Eventualmente há trechos um pouco mais secos e com mais arbustos, mas sempre verde.*

Tarde demais e longe demais (e cansado demais) para procurar o "lado verdadeiro" desta cidade, mas a música ao vivo da noite passada no anfiteatro à beira-mar tinha uma plateia quase só de locais. *Parece ser*

uma verdade universal que em qualquer lugar em que houve *uma pequena cidade, ainda há uma pequena cidade. Você apenas tem que procurá-la.*

A cultura mexicana é forte: "Você não tem como pará-la". E fico feliz com isso.

Bem, não queria copiar um trecho tão *longo*, mas pensei que você acharia todas essas coisas interessantes. Desculpa por todas as descrições de boas refeições; provavelmente é algo que causa certo sofrimento ao ser comparado com o que você está recebendo no *seu* hotel da rede Relais and Chateaux.

De acordo com o mapa (aquele mapa mexicano mentiroso!), resolvi que ir de Zihuatanejo para Oaxaca poderia ser "exequível", então lá fomos nós. O primeiro obstáculo foi nosso velho nêmesis, Acapulco: se havia um modo de contorná-la, certamente não consegui encontrá-lo, e nenhuma placa foi útil para me ajudar (surpresa, surpresa). Então, andei direto por *quilômetros* na movimentada, mormacenta, enfumaçada, empoeirada e frustrante Pie de la Cuesta, até o "centro" de Acapulco e depois para fora da cidade pela passagem próxima a Las Brisas, o "palácio rosado". Como escrevi no meu diário a respeito de Acapulco: "Estou realmente começando a odiar aquele lugar!" Embora eu não possa negar que há muito do *México* ali – mas nenhuma das partes boas.

Então eu tive que parar em pelo menos quatro trechos de rodovia que estavam bloqueados durante o dia de hoje, a maioria pelo exército, e um deles com os já notoriamente corruptos "Judiciales". Não me lembro de ter visto *nenhum* da última vez, você lembra? Serão resultado da ação dos zapatistas ou do crescimento do crime devido à economia falida? Pressão dos EUA para *parecer que estão* combatendo a imigração ilegal e o tráfico de drogas? Ou um projeto para fazer os militares trabalharem e mantê-los sem pensar em "golpe"? Pode ser qualquer um dos dois.

De qualquer maneira, com todos esses empecilhos, já eram cerca de três horas da tarde quando finalmente segui em direção às montanhas por uma estrada diferente daquela que usamos na outra vez, mas ainda assim eu achava que poderia chegar por volta das sete. Como eu sou tolo. A estrada estava inundada e cheia de buracos, com

curvas intermináveis em segunda ou terceira marcha e trechos de cascalho solto, vilarejos com *milhares* de *topes* [lombadas] – geralmente sem sinalização –, caminhões e ônibus para ultrapassar e porcos, cães, galinhas, vacas, cavalos e burros dos quais me esquivar. Só coisa boa.

E logo começou a escurecer...

Cara, eu estava ficando *apavorado!* Foi a primeira vez nesta longa jornada que viajei à noite, e foi justamente nas montanhas de Oaxaca. Para somar-se aos perigos óbvios que colocavam em risco a minha vida e os meus membros, parece que os *bandidos* têm representado uma ameaça real nas estradas de Oaxaca nos últimos tempos, mesmo nos trechos ao longo da costa, e o guia Lonely Planet alerta: "a melhor defesa é não viajar à noite". Mas eu não sabia que outra coisa fazer; não havia um hotel da rede Best Western em qualquer lugar à vista, e acampar no acostamento também não parecia ser a opção mais inteligente. Só que, estando num estado tão enfraquecido no que diz respeito à força e à resiliência, eu quase chorei tentando encarar esse momento de crise. Não havia outra coisa a fazer a não ser seguir em frente, ainda que devagar e com cuidado e medo.

Já passava das 21h30min quando cheguei ao hotel Camino Real, em Oaxaca, 918 quilômetros e 14 horas depois de Zihuatanejo. Acho que você poderia considerar isso "fazível". Eu tinha visto um hotel na rua principal e empoeirada de Tlaxiaco (uma vez chamada de "Paris Chiquita"), que de fora parecia ser uma cidade vibrante, mas naquele instante eu tinha uma hora e pouco para me acostumar à escuridão, a lua estava surgindo e, para falar a verdade, o lugar parecia bem assustador. Naquela altura eu ainda não estava *tão* desesperado, mesmo depois de me perder lá dentro (não havia sinalização na intersecção principal), e logo depois disso eu fiquei verdadeiramente feliz ao ver uma placa que dizia "Oaxaca a 144 km".

"Ah, não é tão ruim assim", pensei.

Pelo menos os últimos quilômetros eram em uma "cuota" [rodovia pedagiada]: rápida, segura e com pouco movimento. Mas escura! Foi a primeira vez que andei à noite nesta viagem inteira; espero que seja a última. Não foi tão horrível quanto eu pensava que seria quando me dei conta pela primeira vez de que iria mesmo acontecer, mas é ruim

o suficiente. E tem potencial para ser *muito* pior: um pneu furado, uma pane, um acidente, *bandidos*.

Não há dúvidas de que nunca há um segundo de tédio, e também não houve nenhum momento em que me senti realmente cansado, a ponto de ficar *sonolento*. Ontem e hoje, fui impulsionado por um sentimento de missão, compromisso e atenção total. Estava pronto para qualquer coisa a qualquer hora.

Contudo, *agora* estou bem cansado.

Mas, na manhã seguinte, eu estava sentado num café ensolarado no *zócalo,* comendo "huevos oaxaquenos" e observando as pessoas com traços fortemente indígenas que passavam, quando me perguntei: "Valeu a pena?"

Claro que não! Eu estava exausto, dolorido, com os olhos cansados, todo duro, com bolhas nas mãos e o traseiro *bem* sensível! Eu me sentia *péssimo*. Mas pelo menos eu estava em Oaxaca e tinha um dia inteiro para passar ali. Não estava com vontade de visitar nenhuma atração mais importante, como as ruínas de Monte Alban, mas havia um excelente museu novo no convento ao lado da igreja de Santo Domingo, e uma coleção de arte pré-colonial no museu Rufino Tamaya – e, é claro, a caça aos adesivos (contudo, ela se mostrou sem sucesso).

Infelizmente, eu não consegui uma mesa de frente para o *zócalo* no El Asador Vasco (afinal de contas, era um sábado à noite), mas acabou dando tudo certo e a noite foi agradável. O "*pollo en mole negro*" *valeu* toda a dificuldade de chegar até ali (e tinha sido minha principal motivação). Não havia muita coisa rolando no *zócalo* ainda, e àquela hora havia um grupo excelente, "Los Romanceros de México", tocando dentro do restaurante, com três bandolins de 12 cordas, duas guitarras, e um jovem tocando tamborim e maracas (ele também era bom). Depois do jantar, caminhei por ali em meio ao movimento noturno que, às nove horas, estava recém começando, e engraxei cuidadosamente minhas velhas e destruídas botinas Rockports. Músicas com acompanhamento de marimba pareciam estar muito na moda em Oaxaca neste ano, porque havia dois grupos na praça, e apenas um grupo de *mariachis*. Ainda não estava bombando tanto quanto naquela outra vez em que estivemos aqui, ou talvez ainda

fosse muito cedo, porque havia muitas *pessoas* em volta, mas eu ainda estava cansado demais para ficar circulando até tão tarde. E não tenho reclamações, continua sendo uma cidade *excelente.* Talvez eu leve você até lá de novo algum dia.

As ruas estavam repletas de vendedores ambulantes (muitos balões), famílias e um bom número de policiais. Apesar dos meus protestos, devo admitir que isso fazia com que eu me sentisse mais seguro numa rua lotada, principalmente depois de ler as últimas notícias sobre a atual situação da criminalidade na Cidade do México – opa! Parece bem *pior* do que quando estivemos aqui, já que a economia sofreu uma grande queda. Depois de ler aquilo, eu fiquei mais preocupado com a segurança, e estava usando três carteiras separadas – uma na perna, a segunda no cinto e uma terceira escondida com meus relógios bons no bolso da lancheira desgastada de minha bolsa de viagem. *Alguma coisa* acabaria sobrando. Também havia muitas histórias de sequestradores à noite nas estradas de Oaxaca; isso também me manteve alerta na noite passada!

De qualquer maneira, agora já estávamos na manhã seguinte, em Cuernavaca, e na noite anterior eu tinha feito uma caminhada agradável pelos arredores até Jardín Borda, a casa de verão dos nossos velhos companheiros Mad Maximilian e da adorável Carlota [Imperador e Imperatriz do México por três anos, nos anos 1860, o que resultou na execução dele por um pelotão de fuzilamento em Querétaro; Carlota, por sua vez, ficou louca e viveu sob custódia do Vaticano pelos 30 anos seguintes, achando que ainda era a Imperatriz do México], o Palacio de Cortés. Também vaguei pelas ruas movimentadas dessa cidade um tanto vibrante, na qual este hotel e seus lindos jardins formam um oásis encantador.

Tanta *vida*, tantos sorrisos e tanta música, compras e vendas, engraxates, política nas ruas, e pássaros piando tão alto no topo das árvores que eu tinha certeza de que eram brinquedos ou algo assim (iraúnas). A cidade é um pouco suja, é verdade, e há muito trânsito nessas ruas pequenas – mas, assim como se sabe em muitas cidades daqui e da Europa, isso é algo difícil de resolver. Também reparei nos vendedores no semáforo: chiclete, doces, toucas de Papai Noel, bilhetes de loteria, jornais e, o melhor de tudo, um *engolidor de fogo.*

Hoje sairei para visitar nossos amigos no Grupo Bavaria [a concessionária da BMW na Cidade do México que conhecemos na nossa outra viagem], Pablo, Rodolfo e Miguel (acho que era esse o nome do mecânico baixinho, não era?). Estou torcendo para que eles ainda estejam no mesmo lugar, na Calzada Tlalpan. Se não estiverem, será um problema, porque hoje é o meu dia de "não dirigir" na Cidade do México. [Para combater a poluição do ar na cidade, a prefeitura permite somente o tráfego de veículos cujas placas terminem em determinados algarismos, que mudam a cada dia da semana.] Mas eu tinha anotado o velho número do Martin ["embaixador" do clube BMW] caso eu viesse a precisar de ajuda.

O interessante é que a subida de Oaxaca até aqui não pareceu tão dramática quanto foi fazer o sentido contrário alguns anos atrás. Perguntei a mim mesmo no meu diário: "Mais experiente, ou era só porque *conhecia o caminho*? Bem, eu *gostei* mesmo assim, só não me senti *intimidado!"*

De qualquer maneira, estou partindo outra vez de "Make-sicko" City [cortesia do escritor mexicano Octavio Paz, que fez o trocadilho com o nome da cidade e as palavras "Deixa-doente" em inglês], de onde enviarei esta carta para você junto com mais alguns livros. O próximo capítulo emocionante desta história, a viagem para Belize, sairá em breve. Por enquanto, saiba que eu penso em você todos os dias, e que há muitos lugares incríveis apenas esperando por você.

Talvez você possa me levar lá um dia!

El viajero fantomo

[Anotações do diário]

9 de dezembro

Hotel Four Seasons, Cidade do México

No El Restaurante, com um excelente duo de violão tocando na sacada no jardim. Contudo, queria que eles deixassem de lado as canções de Natal. Não há mais ninguém aqui, às 19h, mas eu vou tomar champanhe sozinho mesmo. Eles vão ver só!

E escrever uma carta para mim mesmo.

Hoje mais cedo, enquanto rodava, fiquei pensando no quanto a

saudade das minhas garotas é grande, ao ponto em que parece uma dor física e imediata, que se conecta ao Ghost Rider – "uma dor fantasmagórica". Sentindo dor em um pedaço seu que lhe foi arrancado.

Tudo está bem organizado para a partida. Lavei as roupas, lavagem a seco, uma caixa de coisas já foi enviada para casa, e por isso a bagagem está um pouco mais leve. Livros e carta enviados para Brutus, dei conta de uns negócios, o de sempre, e espero que a moto também esteja feliz. Estou nas últimas.

Boa conversa com o garçom sobre as diferentes regiões do México. Neste lugar há uma equipe muito boa em todas as funções. É caro, mas vale a pena. Saí para um jantar com caviar Oscietra e huachinangos com purê de tomate e huitlacoche. O garçom ficou surpreso apenas por eu conseguir pronunciar *corretamente a última [um tipo de fungo, como trufas, considerado uma iguaria], mas eu disse a ele: "Bem já estive aqui antes, e quando você aprende a dizer Teotihuacán, ou huachinango, você pega o jeito."*

Ah, cara, que refeição. *Devorada em cerca de três minutos, não pude me controlar. Boa demais.*

De repente, às 20h, todo mundo aparece. Mais mulheres lindas. (Não que eu me importasse). Brincando com a ideia de que, partindo dos critérios que expressei em The Masked Rider, o México oferece tanto a África quanto Paris. Alma e sofisticação.

Recém olhei em volta para ver se eu era o único sozinho por aqui. Não, há outro coitado. Quero dizer, solitário. Que alegria.

Também tive um vislumbre do futuro há pouco (bem, um bastante esperançoso). Por exemplo: quero transcrever essas anotações, e até mesmo expandi-las – talvez escrever um livro sobre tudo isso, no fim das contas. Espero que aconteça de alguma forma, mas... que estrada longa e misteriosa o futuro parece ser quando visto daqui. Na verdade, não consigo sequer imaginá-lo, exceto em pequenas parcelas de talvez dois meses. Assustador demais. Ainda assim, neste exato momento, dois meses é um monte de coisa em que pensar. É, tipo, o ano que vem!

Talvez tudo dê certo...

Depois do jantar, dei uma volta pelo pátio, o chafariz em funcionamento, os violões tocando, muita gente no terraço do andar de cima, muita gente no bar, eu não podia voltar para o meu quarto.

Mais um conhaque.
E boa noite.

Depois de uma pequena confusão na concessionária da BMW e de outra pequena confusão com as ruas movimentadas de sinalização enganosa, só consegui sair da Cidade do México no início da tarde. Então, segui caminho para Veracruz, no Golfo do México. Brutus e eu tínhamos pretendido ir até Veracruz na nossa viagem anterior ao México. Mas, depois de passar três dias em Manzanillo enquanto ele se recuperava dos ferimentos e aguardava os reparos na motocicleta para que pudéssemos seguir viagem, não tivemos tempo de chegar a Veracruz. Dessa forma, assim como acontecia em muitos outros lugares, parei lá pensando em Brutus.

Na verdade, na maior parte do tempo eu *rodava* com ele na minha mente, porque agora Brutus estava bem presente comigo nesta jornada. Diversas vezes, eu estava andando pela estrada e pensando no que escreveria para ele, em como iria descrever a paisagem, e guardando todos os detalhes na minha cabeça e nas minhas anotações no diário para colocar numa carta assim que chegasse a Belize e tivesse tempo para escrever novamente.

Por enquanto, eu estava tentando ganhar tempo, porque tinha combinado de encontrar Steven e Shelly dentro de alguns dias em uma cidadezinha chamada Corozal, logo depois da fronteira com Belize. Na estrada, eu sabia que havia outro lugar que Brutus gostaria que eu tirasse um tempo para visitar. Era uma vasta cidade maia em ruínas chamada Palenque, situada no estado turbulento de Chiapas. Na época da nossa viagem anterior, os rebeldes "zapatistas" frequentemente paravam os veículos e roubavam turistas, e viajar por lá era "não recomendado". Pelo que eu tinha ficado sabendo, ultimamente as coisas andavam um pouco mais calmas naquela área, então eu tentaria visitá-la, por Brutus.

De acordo com o guia Lonely Planet, a área de Palenque era a parte mais chuvosa do México (também estava "sempre abafada, raramente com uma brisa"), e comprovei isso na prática. Cheguei a um resort pequeno sob chuva torrencial e peguei uma cabana aconchegante à margem de um riacho lamacento, cercada de árvores

tropicais exuberantes e videiras. A chuva forte caiu por quase toda a noite, e de manhã escrevi no meu diário que isso sim era uma *floresta tropical* de verdade. Refleti sobre um contraste menos óbvio com os desertos pelos quais estive viajando por tanto tempo: "No deserto, todas as plantas são projetadas para *conservar* a umidade; aqui, as folhas são *enormes* e abundantes, para deglutir o máximo que puderem. *Vida* exuberante, vida *longa.* Cada pedra tem musgos ou fungos sobre ela, mas isso não é tão diferente no deserto, onde elas são apenas um pouco mais *modestas*".

Eu estava lendo um livro chamado *Lembrando Babilônia,* de David Malouf, e suas ideias sobre a "resistência", que ele considera qualidade essencial, fizeram-me pensar sobre as sementes dos pinheiros ponderosa, que só germinam após incêndios, assim como certas plantas do deserto que germinam apenas se suas cascas forem laceradas pelas pedras numa enxurrada, garantindo assim que terão umidade o suficiente para se desenvolverem. Eu também me lembrei de ter lido sobre algumas sementes de frutas que só germinam se forem *excretadas* por pássaros ou animais. Em termos darwinianos, isso aparentemente ajuda a assegurar sua dispersão, mas a metáfora que ocorria para mim tinha relação com os suplícios do novo crescimento – que, para uma sementinha (ou alma de bebê) poder crescer, teria que passar por fogo, enxurrada, ou... merda.

Durante esses longos dias cruzando o México, meus pensamentos se voltavam para minha casa com cada vez mais força – ou pelo menos para a *ideia* de casa que eu tinha. Eu ainda teria que enfrentar mais duas semanas de viagem e aquele dia negro no horizonte chamado Natal, mas enquanto andava eu parecia pensar apenas na viagem de volta para a Cidade do México. No que parecia a longa viagem *para casa*.

Progredir por mim mesmo ou o quê? Sentimentos de antecipação trazem de volta aquela noção de tempo da infância, sua linearidade incompreensível, como lá *parece irreal quando visto* daqui*, em ambas as direções.*

Ainda assim, completei quatro meses como um exilado, um vagabundo, um andarilho de moto, um ghost rider. Já chega!

Em Palenque, parecia que eu era o "Senhor Fora de Temporada" outra vez, porque sentei sozinho no bar do resort ("suportando – ou ignorando – as músicas natalinas"), e durante o jantar as mesas estavam vazias a não ser por duas famílias de americanos. Eu já estava no México havia tempo suficiente para pelo menos saber fazer o meu pedido em espanhol, o que tentei fazer por questões de princípio. Naquele dia, eu escrevi minha palavra-do-dia favorita, *mantequilla* (manteiga), e observei que, num primeiro momento, tinha achado que a manteiga deles tinha sido "flavorizada" com ervas ou algo assim. Mas depois percebi que não – ela apenas estava um pouco rançosa.

Naquela noite, comecei a ler *The Orchard Keeper,* de Cormac McCarthy, e escrevi que o livro era "tipicamente lindo, mas sombrio, o estilo oximorônico e particular de McCarthy. Escrito em 1965, por aí, seria seu primeiro livro?"

A chuva diminuiu gradualmente pela manhã, e segui até as ruínas onde passei algumas horas explorando o enorme complexo de pirâmides, as pedras derrubadas que haviam sido parcialmente recolocadas depois de terem sido cortadas e trazidas da floresta, tão densa e verde. Lembrei do livro de Graham Greene, *The Lawless Roads*, sobre suas viagens no México no final da década de 1930. Nele, Greene descreveu sua visita a estas ruínas quando elas eram apenas montes de pedras, e foi fácil perceber que, se elas fossem negligenciadas outra vez, logo seriam absorvidas pelo crescimento incansável e prolífico das plantas tropicais.

Num dia sombrio e nublado, apenas algumas excursões de estudantes mexicanos perambulavam pela grama úmida entre os templos. "Longe de estar lotado", escrevi, "a não ser pelos fantasmas". Bandos de melros-pretos melodiosos sobrevoavam o lugar, e vi outro pássaro que à primeira vista parecia um calau africano, por causa do formato e do ritmo de voo. Depois, identifiquei no meu livro *Pássaros do México* que se tratava de um tucano. Nas florestas vizinhas eu também avistei um cacique de cabeça-amarela, que o livro descreve como "elusivo".

Escalei os 69 degraus íngremes e estreitos da pirâmide maior, o *Templo de Las Inscripciones,* e então segui pelo corredor claustrofóbico que levava ao interior da cripta. Uma porta de pedra triangular e uma

enorme laje esculpida cercavam a pequena sala onde antes ficavam os sarcófagos, embora eles e todos os outros tesouros recuperados estejam atualmente no museu na Cidade do México – exceto por uma máscara da morte cravejada de joias, que foi roubada em 1985 e nunca mais foi recuperada. "Mais uma história de fantasmas", escrevi. Também fiquei intrigado pela lenda associada ao templo menor, a *Pirámide del Conde,* batizada assim por um alemão excêntrico, Count Walbeck, que morou dentro dela por dois anos no início do século XIX, com uma companheira que definia apenas como "sua amiga". Tentei imaginar como teria sido sua vida ali, comprando comida dos vilarejos vizinhos e coletando água da chuva, embora naquela hora eu não tenha pensado em me perguntar *por quê*.

Na manhã seguinte, segui até a fronteira e cheguei a Belize e ao vilarejo à beira da praia de Corozal. O Tony's Inn and Resort era um hotel pequeno bem na margem do Golfo do México, com palmeiras e pinheiros-de-norfolk acima de uma praia em curva cujo mar era azul-esverdeado. Eu não via Steven e Shelly desde Barbados, então foi um encontro emotivo, mas muito bem-vindo. Quando sentamos juntos no bar ao ar livre para beber margaritas, percebi que eu estava falando um quilômetro por minuto. A não ser por Andrew em Los Angeles, que estava apenas *começando* a se tornar um verdadeiro amigo próximo, eu não tinha visto mais ninguém que me conhecesse de verdade por mais de um mês, desde que tinha estado com Alex e Liam em Santa Fé. Era tão bom estar com pessoas com quem eu me sentia à vontade.

Steven e Shelly tinham alugado um Jeep no aeroporto da capital de Belize e se ofereceram para levar minha bagagem enquanto viajássemos juntos pela ilha. Assim, aproveitei o luxo de andar numa moto descarregada por alguns dias. Também gostei de ter alguém com quem conversar à noite, portanto não escrevi muito no meu diário, até uma certa manhã em que me sentei ao nascer no sol na grama úmida de orvalho em uma colina de forma piramidal – um sítio maia ainda não escavado no resort de Chan Chich. Lá, descrevi a vida selvagem durante o raiar do sol:

Acordado às 6 horas, de pé sobre uma colina voltada para o oeste, com as florestas da Guatemala às minhas costas. Bugios assustadores em volta, "sons de respiração estentóreos (ou estertorosos?)". Garça-azul, cauré,

alguns abutres, papagaios, o som dos melros-pretos melodiosos e as batidas altas de pica-pau numa árvore oca, "gargalhadas" do oropendola-de-montezuma (meu favorito entre os pássaros locais, pela aparência e pelo som).

Dois bandos de perus ocelados, árvore alta repleta de ninhos de oropendola ("rabos-amarelos"), muitos pássaros ouvidos, mas não vistos. A conversa ruidosa dos papagaios. Perus não são bonitos, mas lindos: têm cabeças azuis com verrugas vermelhas e uma plumagem espetacular.

[E que tal alguns desses nomes de pássaros? Arapaçu-de-coleira-mármore, tiê-do-mato-grosso, barranqueiro-camurça, trogon-macena-de-rabo-estreito.]

Conversando com Steven na noite passada sobre "Gallon Jug" [fazenda] ao redor de Chan Chich (bebendo mais uma vez o café produzido por ali nesta manhã), tudo parte do "feudo" da família Bowen, 250 mil acres ou algo assim, e sem dúvida há muito mais espalhado pelo país. A família também possui os direitos de engarrafamento de Coca-Cola no país, e já deve estar em Belize há sete ou oito gerações. Então devem ser descendentes de colonos britânicos, ou de barões da madeira.

O resort aqui em Belize foi tomado e roubado por bandidos guatemaltecos, e um ônibus foi sequestrado e um soldado foi morto. Histórias e mais histórias.

Confeccionando uma carta para Brutus nos últimos dois dias, atualizando-o sobre os acontecimentos desde Cuernavaca.

17 de dezembro de 1998
Chan Chich Lodge
Belize
¡Hola, Chupacabra¡

Estou a três quilômetros da fronteira com a Guatemala, no meio de centenas de quilômetros de selva e ao final de uma estrada de chão de 128 quilômetros; há 12 cabanas no meio de um sítio maia não restaurado, colinas verdes cobrindo as ruínas das pirâmides e dos templos ao redor de uma *plaza* de jardins tropicais, palmeiras, ceibas e árvores tropicais de madeira de lei. Hoje de manhã, uma caminhada guiada pela natureza rendeu uma página cheia de pássaros avistados.

Steven, Shelly e eu nos inscrevemos para uma caminhada noturna após o jantar. Depois de olhar as fotos da trilha próxima do hotel feitas com uma câmera equipada com dispositivo infravermelho – de jaguares, onças-pintadas e esse tipo de coisa – estou torcendo para que a gente depare com, bem, talvez com algumas formigas carregadeiras...

Então, sim, este é um lugar bem especial, e chegamos aqui vindos do Lamanai Outpost Lodge, que está localizado na parte larga de New River, ao lado de algumas ruínas maias *restauradas,* outro ótimo ponto para a observação de pássaros (incluindo dois tipos de tucanos e muitos papagaios), com sons assustadores dos bugios nas árvores. Embora não sejam tão chiques e de alta classe como este lugar, eles ainda assim são lindos e amistosos. Meus pensamentos que correm com essas linhas são de que Jackie e Selena teriam adorado esses lugares, e *você* teria adorado *chegar até aqui.*

E por falar em chegar até aqui. . . Quando conversamos pela última vez (eu realmente espero que você tenha recebido as minhas cartas do México; minha mãe me disse que nenhum dos cartões-postais para o meu avô tinha chegado depois de três semanas), eu estava pronto para seguir para a Cidade do México. Bem, fiz uma saída tranquila de Cuernavaca, pegando a "*cuota*" e subindo entre florestas surpreendentemente fechadas, com vários tipos de pinheiros e de árvores decíduas (que não vimos na escuridão de nossa passagem), numa altura de pouco mais de três mil metros, depois uma descida sinuosa até Calzada Tlalpan. Você deve se lembrar de que eu me perdi na lateral daquela serra, o que não era algo exatamente fácil, e quando executei, não encontrei nenhum Grupo Bavaria.

Desconfiado de que eu devo ter ido devagar demais, dei uma volta por aquela região outra vez até chegar ao Periférico, passando pela loucura usual. Durante todo o caminho, não conseguia tirar da minha cabeça a triste informação de que minha placa termina no algarismo "6", e cada vez que eu passava por um policial eu tinha certeza de que havia uma luz piscante sobre a minha cabeça dizendo "me prendam". De qualquer maneira, como era de se esperar, a loja da BMW não estava mais lá. (Na noite anterior eu até cheguei a pensar nisso, e ri de mim mesmo por me preocupar demais. Escrevi uma nota no diário:

“Claro que eu tenho uma droga de úlcera!”)

Agora já estamos na manhã seguinte, e antes que eu continue este relato impressionante, preciso contar a você como foi nossa caminhada noturna. Shelly deu pra trás, então éramos apenas Steven e eu com nosso guia, Luis. Cada um de nós carregava uma lanterna brilhante, e Luis tinha um holofote sobre seu ombro para quando *encontrássemos* alguma coisa. E lá fomos nós, rastejando pelas trilhas da floresta escura e focando nossas lanternas na vegetação rasteira e mais acima, nas copas das árvores. Parávamos ocasionalmente e desligávamos as luzes para ficar na completa escuridão e escutar. Assustador! Luis encontrou para nós um gambá de orelhas brancas, um jupará (uma espécie de gambá que fica nas árvores), um curiango-comum (um gavião noturno, ou “chupacabra” – veja sua saudação acima!) e, o melhor de tudo, uma onça pintada. *Trés* legal. (Não pude deixar de pensar que ela daria uma linda estola para as minhas roupas de couro Vansons, rá!)

Enfim, de qualquer maneira... lá estava eu, perdido em Calzada Tlalpan, no meio da manhã de uma segunda-feira frenética na Cidade do México, no meu dia de não dirigir. E agora? Bem, estacionei a moto, chamei um táxi – um fusca – e escrevi o nome “Grupo Bavaria” num papel. O taxista me disse que “cambió” e que era agora “un domicilio”, e que o novo lugar era “un poco largo” [eles se mudaram, agora o antigo endereço era uma casa, e o novo lugar ficava um pouco mais longe] e falou que eu poderia segui-lo até lá. Eu ainda me sentia como um “alvo ambulante” na rua, com aquele número seis gritando para todo mundo. Ou pelo menos para os policiais.

A nova concessionária ficava em San Angel, perto de Coyoacán, uma loja novinha, refinada e só para motos cujo proprietário é um jovem chamado Erik, que fala inglês perfeitamente. (Havia também um segurança de uniforme paramilitar na frente, com um pastor-alemão na coleira, o que combinava com a tensão social que havia na Cidade do México naquele momento.) Então, lá estava eu; ou melhor, eu não estava bem *lá.* O departamento de serviços ficava noutro lugar, e era preciso seguir reto de volta para a intersecção de Periférico e de Calzada Tlalpan. Ah, meu velho.

Armado com mapa e instruções de como chegar até lá, achei o

caminho com dificuldade, mas sem ser apreendido. (Erik sugeriu que eu deveria ter *removido* a placa, mas disse que de qualquer modo eles não prestavam muita atenção em motos.) Conheci Pedro, o gerente de serviços de 62 anos que tinha um jeito parecido com o do nosso amigo Martín. Um cara de primeira, e eu apenas tive que me render e ouvir enquanto ele dizia o que estava errado com a transmissão, onde eu deveria ir em seguida, como faria para chegar até lá, etc.

Outro indício sobre a atual situação da qualidade de vida na Cidade do México é que não é muito seguro chamar um *táxi:* há uma epidemia de roubos, principalmente contra estrangeiros, e relatos de pessoas que foram surradas até revelarem a senha dos seus cartões de banco. *¡Jesu Christo!* Então Pedro me conseguiu um Fusca, falou com o motorista e mostrou a ele um distintivo de polícia que tinha (por um motivo que não entendi muito bem), e eu o segui até o Four Seasons. Passei alguns dias bons por lá: cuidei dos meus negócios, enviei uma carta e alguns livros para você, fui ao dentista para colar algumas coroas de volta no lugar, fiz uns telefonemas, mandei um fax e enviei uma encomenda, comi bem e admirei as lindas mulheres que pareciam adornar aquele hotel (como você deve se lembrar – mas não que *nós* nos importemos com isso).

(Mais tarde no mesmo dia, na capital de Belize)

Como você sabe, é difícil escrever muitas cartas e manter um diário quando há *outras* pessoas ao redor, que esperam que você preste atenção nelas e tal. Ainda mais no meu caso, já que estou tão acostumado a ser um "andarilho solitário", o Ghost Rider, mas é claro que é bom ter companhia. Shelly voltou de avião para casa, saindo de Chan Chich ao meio-dia de hoje, e Steven me seguiu com seu Jeep Wrangler no caminho de volta através da selva e das comunidades agrícolas menonitas (há *muitas* delas nesse país) até a estrada principal, e depois para o sul pela savana seca até chegarmos a este lugar: uma boa pousada no que, pelo que todos dizem, é uma cidade bem detestável. Contudo, era um destino que poderíamos alcançar antes do sol se pôr, e nos deixar prontos para seguirmos para os Montes Maias, para passar uma noite no complexo de Francis Ford Coppola, o Blancaneaux Lodge. Se ele estiver perto de ser tão BM

quanto os lugares em que estivemos recentemente, estaremos bem acomodados.

(Eu andei contabilizando todos os meus avistamentos de pássaros dos últimos dias – porque eu sou um cara muito chato! – e descobri que já foram mais de 40, muitos dos quais eu nunca tinha visto antes. O melhor de tudo, é claro, é que observar a natureza mantém o meu cérebro ocupado com coisas mais saudáveis do que aquelas às quais ele tende quando vaga por conta própria.)

E depois desse parêntese comprido, de volta à Cidade do México...

Então eu cheguei ao departamento de serviços da BMW Altavista às 7h30min de uma quinta, porque era o horário marcado por Pedro, mas ninguém apareceu antes das 9h, quando fiquei sabendo que Pedro tinha *pedido demissão* (algum tipo de desentendimento com o proprietário, que me lembrava de um cara de rabo de cavalo da empresa Logística, enquanto Pedro, como eu disse, me lembrava de Martín – então você pode imaginar que havia certos "conflitos de personalidade").

A pressão do ar do meu pneu traseiro tinha diminuído 10 libras desde que eu tinha saído de Oaxaca, e eu ia calibrando ao longo do caminho. Eu tinha pedido a Pedro que checasse e trocasse o pneu caso ele estivesse furado. Quando fui até lá naquela manhã, o pneu e a roda estavam fora da moto, com uma marca mostrando um prego grande nele, mas o *novo* gerente de serviços, um jovem teuto-mexicano chamado Kurt, não sabia o que eu queria fazer a respeito disso, nem como entrar em contato comigo, e então ele disse:

– *Talvez* a gente consiga um pneu novo para amanhã...

Ah, meu velho.

Então vi duas motos GS na loja que pertenciam à empresa de turismo Edelweiss, e uma delas tinha um pneu Bridgestone quase novo na traseira... E você pode imaginar o resto. . .

Um pouco depois do meio-dia, circulei pelo Periférico indo para o oeste (o caminho que pegamos com Luis naquela vez), depois cruzei a cidade numa autoestrada central chamada Viaducto em direção ao aeroporto. Se tudo desse certo, meu plano era seguir para Puebla e para o leste. Depois de passar por várias confusões, pela sinalização precária e de ter ficado andando em círculos por algum tempo,

consegui escapar e segui para Veracruz.

Como você deve supor, era uma cidade bem movimentada, com um *zócalo* colorido sob uma torre de relógio iluminada e palmeiras envolvidas com luzes de Natal. Grupos de marimba, *mariachis*, acrobatas num fio elástico, uma orquestra dançante, centenas de pessoas numa noite úmida, uma movimentada galeria à beira-mar com barraquinhas de souvenirs (de novo, nada de *adesivos*, embora eu pelo menos tenha aprendido a palavra em espanhol: "*calcomanías*").

22 de dezembro de 1998
Placencia, Belize

Bem, Sr. Calças Fedidas, desculpe deixá-lo esperando assim por tanto tempo, mas eu estive... ocupado. Yeah, isso mesmo. Mas agora chegamos ao fim da estrada (e *que* estrada, mas já vou falar sobre ela), e daqui é só retornar pelo mesmo caminho – cruzar a Cidade do México e ir de volta para casa, casa, casa!

A essa altura, não sei muito bem em que direção levar *você*. Quer dizer, não sei por onde começar a atualizá-lo, porque mais uma vez há *muito* o que contar. Vou começar pela história de Veracruz, e tentar trazer você de lá até aqui (e agora posso dizer com certeza que você quase não consegue *chegar* aqui vindo de lá). Eu também estou um pouco mal-informado a respeito da sua situação, porque liguei para o elusivo senhor Bloomenfeld *duas vezes* da Cidade do México, mas ele não retornou a ligação. Deve ter pensado que era você ligando. Rá rá. . .

Bem, enquanto seguia para Palenque naquele dia, eu não achava que teria muita estrada pela frente (aquele mapa mentiroso de novo!), então eu peguei uma estrada panorâmica ao longo da costa; até que a chuva começou a cair torrencialmente e eu desertei de volta para a "cuota" [rodovia pedagiada].

Um trecho do diário:

Só um pensamento: eu realmente gostaria de um dia mais ou menos tranquilo para viajar. Não tenho tido isso desde Baja.

[Mais tarde] E não vou ter um dia assim hoje. Cerca de 140 pesos (40 dólares) em pedágio outra vez, incluindo duas pontes pequenas no início

da "estrada panorâmica". Provavelmente o mesmo que eu teria pagado se tivesse permanecido na "cuota", como teria feito uma pessoa sensata. ("Parecia boa no mapa." Clássico erro mexicano!) Outro longo dia, embora eu considere qualquer dia em que eu "esteja vivo" um bom dia. Mais ou menos.

Tudo começou... com uma saída relativamente fácil de Veracruz, então me perdi um pouco até achar a estrada certa. Com bastante frequência, o número está errado, ou o único destino possível nem mesmo está no mapa, ou está num ponto tão remoto e parece *tão errado (como Oaxaca partindo da Cidade do México) que você pensa que simplesmente* não pode *estar certo.*

Quanto aos números, será que o mapa *pode estar errado? Estava pensando hoje que adoro a* ideia *de um país que pode colocar placas erradas, ou melhor, imprecisas, mas a realidade é uma coisa totalmente diferente. É um inferno.*

Então veio a chuva, forte o suficiente para eu ter que parar e colocar a capa de chuva (observado por nativos curiosos o tempo inteiro). Naquele instante, a "estrada panorâmica" parecia sem propósito, então peguei uma "rota de fuga", acho que era a 175, que me levou a uma cidadezinha maravilhosa à beira do rio, com uma plaza *linda, uma igreja e casas em todos os tons de rosa, amarelo, azul e verde. Depois circulei pela entrada da* cuota *algumas vezes; novamente,* nenhuma *das entradas parecia ser a correta. Uma vez na estrada, peguei um longo trecho de quatro pistas, depois um trecho em construção em Lazaro Cárdenas. Nenhuma placa, apenas pó e caos e muito trânsito. Dali em diante, diversos caminhões e ônibus para ultrapassar, e foi a mesma coisa quando cruzei Villahermosa: nenhuma concordância entre o mapa e as placas, então apenas continuei indo e* torcendo *para que estivesse certo. Como escrevi depois da primeira viagem ao México: "mesmo que você esteja na estrada certa, você não tem como saber."*

Hoje vi vendedores ambulantes vendendo abacaxis, laranjas, bananas e papagaios (um claro sinal da mudança de clima). Eles são ainda mais comuns nos postos de pedágio. Também há sempre soldados por lá: nem pense *em furar a cancela!*

Comecei a ficar mais receoso sobre a viagem de volta *à Cidade do México. Podia ser longa, e dura. Parece totalmente livre no mapa.*

No mapa...

De qualquer forma, Palenque era exatamente como eu esperava. Passei um dia extra lá e fui caminhar ao redor das ruínas, subindo e descendo as pirâmides (minhas pernas ficaram doendo por *dias* depois daquelas escadarias íngremes e estreitas). De novo, eu era o "Senhor Fora de Temporada", e consegui uma boa cabaninha na floresta, ao lado de um riacho com árvores e videiras. Havia um som constante de cigarras; à noite, viam-se vagalumes em meio à chuva. Muito bom. Lembre-me de levar você lá um dia. Se estivermos naquela zona...

Depois chegou a hora de me largar para a fronteira com Belize, viagem em que fui atingido por um urubu-preto! Os urubus-pretos parecem ser um pouco mais lentos para pegar a carniça do que os urubus-de-cabeça-vermelha, com os quais estamos acostumados, e este desgraçado gordo voou direto para mim em vez de sair para o acostamento. Quando percebi que o impacto era inevitável, apenas abaixei a cabeça e segurei firme. Bati nele com força: meu pisca dianteiro esquerdo quebrou e ficaram pedaços de urubu por toda a moto: contadores, guidão, espelho, tanque e nas minhas roupas de couro. Tipo, *eca*!

Me limpei o melhor que pude com algumas folhas que peguei no acostamento (dei uma olhada na estrada para um amontoado preto de urubu morto – almoço para os seus irmãos) e continuei. Passei pela fronteira sem maiores problemas e trouxe você ao início desta carta.

Bem... para começar, o complexo do senhor Coppola é caro demais, e a maior parte dos funcionários não era muito prestativa. Sua localização – em meio a pinheiros novos (provavelmente no terceiro estágio) ao lado das corredeiras do rio Frio – era bonita, mas nada demais. Provavelmente não levarei você lá um dia.

(Casualmente, Chan Chich deixou de ser nossa queridinha após a descoberta de cerca de 50 picadas vermelhas, presumidamente percevejos, nos quadris, nas coxas, na parte de trás do joelho e em outras áreas mais sensíveis).

Na manhã seguinte, Steven e eu ficamos tentados a fazer uma viagem de 56 quilômetros até as ruínas maias em Caracol (no final da estrada), mas o clima era ameaçador. Já tínhamos seguido 32 quilômetros por uma estrada de terra um tanto quanto "dinâmica"

sobre a montanha quando decidimos sair de lá e seguir para o sul. Provavelmente fizemos a melhor escolha, porque uma chuva forte, estilo tropical, começou a cair tão logo desistimos da "Estrada do Beija-Flor". Enquanto procurávamos por um lugar para parar e colocar a roupa apropriada para chuva, limpando minha viseira a cada minuto, fomos atravessar uma daquelas pontes de tábuas de madeira: a base se estendia diagonalmente, com duas "pistas" da largura das tábuas. Geralmente, eu pegava as do meio, para evitar que as rodas ficassem presas nas frestas, mas desta vez isso se mostrou um erro, porque era onde todos os caminhões e ônibus derramavam óleo e graxa. Somando a isso a chuva forte e repentina e o calor, a ponte estava terrivelmente escorregadia.

A moto escorregou debaixo de mim, deslizando todo o caminho até o final da ponte e deixando todo o seu terminal frontal na mureta. Para-lama arrancado, farol esmigalhado, radiador retorcido, caixa de instrumentos esmagada no garfo contra o suporte, acabamentos laterais destruídos, proteção do motor amassada e o *outro* pisca frontal destruído. Quanto a mim, também levei um tombo, machuquei as costelas (não tanto quanto *você* daquela vez, é claro) e bati meu antebraço contra uma das muretas enquanto deslizava (tive tempo para pensar "braço quebrado, com certeza", mas foi só um machucado incômodo – ah, sim, e um pouco de dor). Minha roupa de couro Vansons me salvou dos estilhaços e de maiores danos, e uma das minhas botas rasgou um pouco, mas isso era sem dúvida aceitável.

Steven estava logo atrás de mim, e felizmente estava carregando toda a minha bagagem. Demos o veredicto: eu parecia estar inteiro. Então, peguei a moto (que não estava inteira) debaixo do *guard rail* (muitas dessas pontes temporárias nem mesmo possuem uma proteção lateral, e se fosse o caso desta a moto e eu provavelmente teríamos sido jogados para dentro do rio), e puxamos a caixa de instrumentos e a amarramos longe do garfo; depois, jogamos o resto das partes quebradas no Jeep. Apesar de tudo, a moto ainda estava funcionando e podia ser guiada normalmente, e um simpático cara da manutenção no hotel arrumou uma proteção de acrílico para o farol. O farol e os instrumentos ficaram num ângulo bizarro, mas todos eles funcionavam. Que máquina.

E então nós enfrentamos a *pior* estrada conhecida pelo homem. E é claro que estava chovendo mais do que no inferno. (Isto é, se chovesse no inferno seria assim, e esta estrada levaria até lá. Ou viria de lá – 64 quilômetros de costelas lamacentas, buracos enormes e barro solto.)

Você pode imaginar o quanto eu me sentia dolorido e duro: minhas costelas doíam por causa da pancada e meu braço machucado causava certa agonia tolerável – além, é claro, do fato de eu ainda estar bem assustado por ter me acidentado. E também estava tão perto do final, depois de exatos quatro meses e 44 mil quilômetros rodados; ah, sim, eu passei dos 100 mil quando estava saindo de Palenque, e parei para fotografar o odômetro durante esse evento emocionante. Num certo ponto, até mesmo paramos para nos abrigar sob um "palapa" no acostamento e esperar que a chuva diminuísse. Não diminuiu. Três horas e meia para percorrer 64 quilômetros, sempre em primeira, e geralmente com meu pé nas poças de água, como "outriggers", aquelas estruturas de metal que dão equilíbrio para barcos de pesca. Steven estava com o sistema de tração nas quatro rodas ligado durante todo o trajeto, e mesmo que estivesse sozinho não poderia ir muito mais rápido. Você teria *adorado*!

Contudo, este lugar é espetacular: chama-se Luba Hati, "casa da lua", onde Jackie e eu pretendíamos passar um mês em março passado, quando voltamos de Londres. Seria como um início para tentar uma nova vida. Bem, não aconteceu conforme planejávamos, não é mesmo?

De qualquer maneira, chega de falar de mim, né? (Cada carta parece ficar mais comprida, mas parece que *acontecem* cada vez mais coisas à medida que viajo pelo sul). Agora eu só quero sobreviver aos próximos dias, voltar para a Cidade do México, deixar minha pobre e amassada "La Roja" e voar para casa. De lá, conseguirei telefonar para você, e então vamos conversar.

Mas se você começar a rir do meu acidente, eu simplesmente desligo na sua cara. Afinal, a culpa é sua: só tenho que fazer meus próprios acidentes porque você não está aqui.

Até mais, companheiro.
El Exterminador de Pontes.

Certa tarde, o proprietário de Luba Hati me entregou um bilhete de um comerciante local, Steve Christensen, que escreveu dizendo que tinha visto minha moto amassada no estacionamento e ficou pensando se eu talvez não estivesse "de saco cheio" e quisesse vendê-la. Pensei nisso brevemente, mas decidi que nossas viagens juntos ainda não tinham terminado.

Steven e eu fizemos uma parada no pátio da madeireira de Christensen para conversar com ele. Soube que ele era americano (acho que tinha uns 40 anos) e que morava em Belize havia 13 anos. Ele disse que não conseguia viver no clima politicamente correto dos Estados Unidos. Mais uma vez, eu gostaria de ser um repórter mais *inquisitivo*, porque fiquei curioso para saber ao que exatamente Christensen estava se referindo.

Embora tenha ficado desapontado porque eu não quis vender a moto, ele me convidou para passar em sua casa e dar uma olhada na R100GS, um modelo mais antigo, que ele tinha reformado completamente. Além disso, também deixou que eu trocasse o óleo em sua garagem.

Outra figura interessante com quem Steven e eu conversamos na cidade de Placencia foi Larry, um morador local com *dreads* no cabelo que nos contou a história de sua "garota", que morava em Scarborough, perto de Toronto. Larry tinha ido de avião até lá e depois voltado para Belize dirigindo o carro dela, mesmo sem ter carteira de motorista. Difícil de imaginar como ele se safou dessa.

Depois encontramos Alva, uma jovem garçonete negra no Luba Hati, que tinha nos atendido com bom humor e sacadas perspicazes na noite anterior. Mas quando a vi no bar naquela tarde ela estava com um humor *terrível*, e disse que queria "dar um tiro em alguém". Eu disse a ela:

– Se você não tomar cuidado, vou te contar *todos* os meus problemas!

Sem dúvidas ela trabalhava muito e ganhava pouco, e parecia estar de mal com todo mundo, mas principalmente com um cara específico – aquele em quem ela queria atirar. Falei para ela:

– Não vale a pena ir para a cadeia por causa de um homem

estúpido.

E ela me disse que então sairia dali e daria um chute num cachorro. Então, eu falei:

– Sim, que tal você chutar todos os cachorros, e eu chuto todos os gatos?

Então Alva deu as costas para a gerente, Lynne, que queria que ela arrumasse as mesas para o jantar além de atender o bar. A garçonete ficou resmungando e bufando enquanto se movimentava rapidamente, reclamando e debochando da conversa animada de Lynne com alguns hóspedes que estavam chegando. Quando disse a ela que Steven e eu partiríamos na manhã seguinte, véspera de Natal, porque não havia quartos disponíveis na pousada, ela retrucou:

– Bem, pelo menos você não está *grávido*.

Boa, Alva.

Na manhã seguinte, Steven me seguiu de volta por aquela horrível estrada lamacenta, e passamos uma véspera de Natal sem alegria num resort decadente em Dangriga chamado Pelican Reef Beach Club. Depois, viajamos durante todo o dia de Natal, permanecendo em movimento para nos manter distraídos. Andamos de moto e dirigimos até Belize City, e depois fomos de volta para o Tony's Inn and Resort em Corozal, onde nossa viagem tinha começado.

Bem cedo na manhã seguinte, Steven e eu nos despedimos com muita emoção: tínhamos sobrevivido juntos a mais um momento ruim. Steven dirigiria até o aeroporto de Belize City e devolveria o Jeep alugado, para depois ir para sua casa em Ohio. Eu estava sozinho de novo, e cruzei a fronteira com o México em uma corrida com urgência desesperada até a Cidade do México.

Agora que o Natal tinha ficado para trás, eu mal podia esperar para estar em *casa* outra vez, de volta na casa do lago, e não pensava em nada além disso. Na tarde do segundo dia, eu já tinha percorrido todo o caminho até a Cidade do México. Deixei a pobre moto amassada na concessionária da BMW e fiz o *check-in* no Four Seasons. Eu fiquei empolgado só de ter chegado *tão* longe, ainda que meu voo não fosse sair até a noite seguinte. Só que, desta vez, a sorte estava comigo: havia uma poltrona disponível num voo naquela noite para Toronto, com uma conexão em Montreal. Então, depois de alguns

drinques para celebrar a boa sorte e de um bom jantar servido no quarto, saí do hotel perto da meia-noite e peguei um táxi até o aeroporto.

Casa. Fiquei imaginando quanta neve haveria do lado de fora. Pensei nos cômodos da casa e no estado em que eles estariam. Pensei nas fotos de Jackie e Selena espalhadas pela casa e me perguntei como seria olhar para elas agora. Pensei em todas as memórias e me perguntei como me sentiria em relação a elas, estando tão próximo delas mais uma vez.

Eu já estava longe havia quatro meses e uma semana, e tinha viajado 46.239 quilômetros. Tinha sido uma longa jornada, em todos os sentidos. Eu tinha mudado? Eu tinha me "curado" de fato?

Certamente, havia uma parte de mim que estava animada com a ideia de estar novamente naquela casa, mas também havia um fantasma de dúvida pairando por lá. Eu levava comigo uma *fantasia* nostálgica de como seria voltar para aquela casa, mas eu não tinha como saber se a experiência real acabaria sendo *positiva*. Eu poderia simplesmente dizer a mesma coisa que tinha dito antes sobre a fantasia de "viajar" a respeito da fantasia de "estar em casa". Como sempre, eu não teria como saber como me sentiria até que eu *sentisse*.

Naquele ponto da minha odisseia, tudo o que importava para mim era sentir que eu continuava me movendo para frente, ainda disposto a tentar, ainda encontrando a força necessária para encarar as sombras e os fantasmas, a cada manhã e a cada noite, na Estrada da Cura. Ainda acreditando que "alguma coisa vai acontecer".

The evening plane rises up from the runway
Over constellations of light
I look down into a million houses
And wonder what you're doing tonight
If I could wave my magic wand
I'd make everything all right

O avião noturno se ergue na pista
Sobre constelações de luz
Eu olho para baixo e vejo um milhão de casas

E me pergunto o que você estará fazendo nesta noite
Se eu pudesse sacudir minha varinha mágica,
Eu faria tudo ficar bem

(Presto, 1990)

Livro 2

DE VOLTA PARA CASA

I had a dream of a winter garden
a midnight rendez-vous
silver blue and frozen silence
what a fool I was for you

Eu tive um sonho de um jardim de inverno
à meia-noite, um encontro
azul prateado e silêncio congelante
que tolo eu era por você

(Presto, 1990)

Capítulo 9
INTERLÚDIO DE INVERNO

play of light – a photograph
the way I used to be
some half-forgotten stranger
doesn't mean that much to me
trick of light – moving picture
moments caught in flight
make the shadows darker
or the colors shine too bright

jogo de luzes – uma fotografia
do jeito que eu costumava ser
algum estranho meio esquecido
não significa tanto para mim
truque de luz – figuras que se movem
momentos capturados em andamento
tornam as sombras mais escuras
ou as cores brilham forte demais.

(Available Light, 1990)

Fotografias e lembranças. Depois de quase 20 anos de vida em família, uma longa fileira de álbuns de fotografia se alinhava na prateleira do hall na casa à beira do lago. Eu não poderia imaginar que *algum dia* eu iria querer abrir aquelas páginas novamente, a menos que eu realmente quisesse me torturar, mas, entre as muitas fotos emolduradas que se espalhavam pela casa, havia três em especial que eu amava – e odiava – mais do que as outras.

Uma delas era em preto e branco e tinha sido tirada por Deb: Jackie, Selena e eu sentados num banco nos Jardins das Tulherias, em Paris. Estávamos de costas: eu estava sentado no meio delas com os braços abertos apoiados sobre o encosto do banco, abraçando "minhas duas meninas"; Selena estava de perfil, olhando para mim e para sua mãe.

Outra delas era uma foto colorida tirada na última manhã, em 10 de agosto de 1997, pelo tio de Jackie, Harry, um pouco antes de Selena ir para Toronto em seu carro. Ela mostra nós três de pé no deck com as árvores e o lago ao fundo e a maçaroca de pelo branco que era o Nicky deitado à nossa frente. De um lado está um homem sorridente de cabeça raspada (eu costumava raspar o cabelo em 1º de julho e deixar crescer durante o resto do ano), vestindo uma bermuda e camiseta da Área 51. Jackie também está com roupas casuais de verão, de pés descalços, shorts e camiseta, o cabelo com um aspecto um pouco selvagem por causa do sol, do vento e da água. E Selena está no meio e parece jovem, forte e linda. Ela tinha se exercitado durante todo o verão: nadou, caminhou, fez aulas de golfe e correu na esteira enquanto assistia a reprises de *Perry Mason* e *Green Acres*, e todo esse esforço tinha dado resultado. Quando ela voltasse para Toronto para começar a faculdade e dominar o mundo, ela estaria com uma aparência ótima.

A terceira foto amada/odiada era outra imagem em preto e branco, esta de Jackie e eu, tirada pelo Andrew (o Andrew de Los Angeles) na ocasião em que os três membros do Rush receberam a Ordem do Canadá (a mais alta honraria civil do país, algo como um prêmio por "boa cidadania") em 1997. Eu estava vestindo meu smoking Armani e ostentava minha medalha com um sorriso de orgulho, e Jackie estava de vestido preto e de cabelo arrumado, sorrindo para a câmera com os

olhos brilhando.

Fotografias e lembranças.

Quando peguei o avião na Cidade do México e cheguei aqui na manhã de 28 de dezembro de 1998, depois de quatro meses em que viajei através do Canadá e do oeste dos Estados Unidos, cruzei o México de costa a costa e fui até Belize, eu sabia que estava voltando para encarar aquelas fotos novamente, e todo o resto que havia naquela casa mal-assombrada.

Keith me pegou no aeroporto e me levou até a casa do lago – embora agora aquele lago estivesse congelado e enterrado sob o mesmo manto de neve profunda que cobria a casa e as árvores ao redor. Tudo parecia maravilhoso para mim. Aquele seria meu refúgio na estação de inverno da minha alma.

Keith tinha permanecido ocupado durante minha ausência, não apenas mantendo o lugar conforme seus padrões usuais de perfeição, mas também trabalhando com seu amigo Pierre – um ótimo carpinteiro, que tinha ajudado a construir a casa em 1992 – para reformar o quarto de Selena e transformá-lo na Biblioteca Memorial Selena. Pouco antes de eu partir em agosto, eu tinha me encontrado com os dois e feito algumas marcas a lápis na parede. Agora, aqueles hieróglifos tinham sido transformados numa obra tridimensional de estantes de livros em madeira de bordo, um armário com portas de vidro que abria no meio da parede em direção ao hall e ao andar de cima e uma porta que ligava a biblioteca ao meu escritório. Eles tinham feito um belo trabalho.

Ao longo do verão e do outono, Keith também tinha transportado alguns tesouros da casa de Toronto até aqui em sua caminhonete. Eu e Deb já tínhamos selecionado algumas coisas pessoais por lá e encaixotado o que achávamos que deveria ser guardado (difícil saber, porque quando alguém tem a tendência de não se importar muito com as *coisas,* acaba guardando tudo o que possa parecer significante ou relevante para a pessoa que perdeu – ou *pessoas*, em nosso caso). Afora isso, havia apenas algumas pinturas da casa de Toronto que eu tinha certeza de que queria manter, além dos livros – as *centenas* de livros que antes preenchiam as prateleiras altas na sala de estar. Então isso ajudaria a manter minha mente inquieta ocupada pelos primeiros dias,

enquanto eu estivesse esvaziando a pilha de caixas no chão da Biblioteca Memorial Selena e preenchendo aquelas estantes de livros novinhas e vazias.

Durante a minha estadia no verão, eu tinha contado para Keith o meu plano de transformar a casa numa espécie de declaração de "rebelião", uma expressão da minha nova *persona* de "solteirão vingador". Mostrei a ele o gesto que simbolizava essa atitude: um punho fechado erguido para o céu e um grito desafiador de "*Vou mostrar a vocês*". Isto é, a Jackie e Selena, é claro, por terem me "abandonado".

Além das fotografias de cada uma delas espalhadas por toda a casa, eu colocava pelas prateleiras algumas das minhas miniaturas de carros ou motocicletas, ou algo tão tipicamente "masculino" quanto isso. Mas eu também violei deliberadamente a preferência de Jackie por espaços sem quinquilharias e enchi as estantes da sala com livros de arte e esculturas africanas. Pendurei um quadro ou dois em cada pedaço da parede, e nas paredes mais altas cheguei até mesmo a pendurá-los no mesmo estilo dos antigos *saloons*: isto é, em dois níveis distintos, posicionando algumas pinturas acima das outras.

Keith morava numa cidadezinha próxima dali, e enquanto eu estava em casa ele costumava vir a cada dois ou três dias para fazer as tarefas da casa e me ajudar a "redecorá-la". Via de regra, ele compartilhava o gosto de Jackie para decoração de interiores – um gosto mais austero (ou, se você preferir, um gosto mais "refinado"). Certo dia, enquanto eu segurava a escada para ele pendurar os quadros, eu disse:

– Você sabe, Jackie *detestaria* isso. Ela diria que está *entulhado.*

Sem olhar para a minha direção, Keith resmungou:

– Bem que ela poderia dizer isso.

"Rá", eu ri, erguendo meu punho e meus olhos para o céu de novo:

– Vou mostrar a *você* o que acontece depois que você me deixa completamente sozinho.

Na verdade, acho que o Keith meio que simpatizava com a minha postura de "solteirão vingador". Digo isso porque uma vez eu mencionei meio de brincadeira que andava pensando em colocar a minha Ducati 916 (uma das mais lindas motocicletas do mundo) no

meio da sala de estar. E, quando voltei do México, caí na risada ao vê-la através da janela da frente: lá estava ela, toda reluzente, vermelha e *nada* feminina, bem no meio da sala de estar.

Meu irmão Danny, Janette e Max tinham passado o Natal com a família de Janette em Nova Brunswick. Depois de visitar alguns amigos em Montreal, eles vieram até aqui de carro para passar alguns dias comigo depois do Ano Novo. Danny e Janette tinham visitado aquela casa muitas vezes em ocasiões mais felizes, e pareciam sentir bastante o peso dos "fantasmas". Mais tarde, Danny me escreveu uma carta dizendo que eu já tinha "avançado um pouco mais no processo de luto" do que eles.

Num primeiro momento, senti uma pontada de ofensa naquele comentário, porque certamente eu não me sentia muito "melhor", mas então percebi que, de certa forma, era verdade. Até certo ponto (que oscilava diariamente), eu tinha me *acostumado* à ideia de estar sozinho, e parte de mim tinha simplesmente *aceitado* que era assim que as coisas seriam agora. Ao pensar em meu estágio relativo no processo de luto, percebi que, até aquele momento, eu já tinha sido um enlutado profissional em tempo integral por um ano e quatro meses. Ao focar inteiramente na perda, na sobrevivência e no estado da minha pequena alma de bebê, a cada minuto de cada dia e de cada noite, eu realmente parecia ter feito algum progresso e reconquistado um pouco de força. No fim das contas, talvez a Estrada da Cura tivesse feito o seu trabalho. Talvez, ao longo de todo o caminho, o meu movimento na verdade tenha sido *dois* passos para frente e um passo para trás.

Embora eu agora estivesse abandonando o estilo de vida cigano por uns tempos e retornando ao meu modo ermitão, eu sabia que ainda precisava me proteger das armadilhas do excesso de solidão e do excesso de "reflexão". A primeira coisa que decidi fazer foi tirar vantagem dos meus amigos e da minha família e obrigá-los a me visitarem, talvez toda semana, ou a cada quinze dias, de modo que eu não corresse o risco de mergulhar muito profundamente dentro de mim mesmo.

Outra medida de proteção que receitei a mim mesmo (enlutados, curai-vos!) foi continuar minha "escrita terapêutica". Como as cartas

que eu escrevia tinham se mostrado boas confidentes durante minhas viagens, resolvi passar algum tempo na minha escrivaninha diariamente para contar a *alguém* como eu me sentia, o que eu tinha feito e o que eu esperava fazer. Ventilar as ideias.

Brutus ainda seria o meu "público-alvo" (e eu a sua "banda da casa"), mas também havia alguns outros amigos que eu queria contatar – aqueles com quem eu tive pouco contato durante os meus problemas recentes, mas que tinham escrito com frequência para que eu soubesse que eles estavam pensando em mim.

Vendo em retrospectiva, consigo perceber que essa era outra medida da minha modesta cura e da tentativa de voltar à vida: eu queria me abrir novamente para um círculo mais amplo de amigos. Claro que não seria tão amplo quanto costumava ser, porque nos últimos anos eu tinha mantido uma contínua e prolífica (e também esporádica, durante as turnês e viagens) série de cartas destinadas a amigos distantes, mas eu já não tinha o mesmo "entusiasmo" com a função toda.

Neste momento de recomeço em minha vida, com sua *tabula rasa* (para o bem e para o mal), eu escolheria as pessoas que eu tinha certeza de que ainda *queria* na minha vida, e as convidaria a retornar. Se elas quisessem.

E pudessem. Porque obviamente não era fácil ser amigo de um coitado como eu: era preciso estar disposto a compartilhar a realidade de tragédias muito horríveis, e eu não estava bastante ciente disso. Ainda assim, para minha surpresa constante, algumas pessoas muito boas pareciam ser capazes de suportar tudo isso, e eu certamente era grato a elas pela sua real magnanimidade – grandeza de alma.

Inevitavelmente, minha primeira carta escrita na casa à beira do lago seria escrita para o meu pobre amigo prisioneiro, Brutus, cujo pedido por fiança finalmente tinha sido negado, e que agora estava aguardando até que fosse possível negociar um acordo razoável. As autoridades federais estavam oferecendo a ele um acordo caso ele estivesse disposto a "dar alguns nomes", mas ele sabia que isso não faria bem para a sua saúde, nem para a de sua família.

A casa do lago também tinha sido desde sempre um lugar especial para Brutus; na verdade, foi ele quem *descobriu* o lugar e o mostrou

para mim. Em 1990, ele e Georgia estavam nos visitando em nosso chalé de troncos em Lac Echo, a cerca de 15 quilômetros de distância, e todos os dias Brutus saía de Jeep pelo lado sul dos montes Laurentides à procura de uma propriedade para comprar. Um dia, ao chegar de seu passeio, ele me contou a respeito de um lago que ele tinha encontrado e que recém havia sido aberto para empreendimentos, com apenas três casas construídas às margens – um lugar bem arborizado e com água tão limpa que era possível beber direto do lago.

No dia seguinte, colocamos uma canoa no teto do seu Jeep, e Selena e eu fomos com ele dar uma olhada nesse paraíso. O proprietário de diversos terrenos ao redor de lagos na área, Louie (mais tarde, ele se tornou meu vizinho e o mentor de minha paixão pelos bosques), também estava vendendo algumas ilhas neste local. Brutus, Selena e eu remamos pelo lago durante metade do dia para explorar as ilhas tão bem quanto podíamos (tivemos que abrir caminho a facão entre os arbustos para tentar ver a superfície de terra) e navegamos pela margem para olhar vários lotes que estavam disponíveis para compra.

As ilhas eram pequenas – nenhuma delas tinha mais do que um acre –, e não seria muito prático construir algo ali (devido ao congelamento no outono e o derretimento depois do inverno, só para começar a lista), mas ainda eram muito tentadoras do ponto de vista do nosso "lado infantil" – imagine a emoção de ter nossa própria ilha! Contudo, decidimos ser sensatos, e dentro de uma semana tínhamos comprado um terreno para cada um na margem do lado – *e* uma ilha.

Infelizmente, como todas as outras coisas que haviam deixado este lugar, o terreno de Brutus acabou voltando para Louie alguns meses atrás para pagar as despesas com o advogado. Mas assim como Brutus era a pessoa que melhor entendia meus sentimentos em relação ao motociclismo e às viagens, ele também entendia perfeitamente meus sentimentos em relação à casa do lago.

7 de janeiro de 1999
Lac St. Brutus, Quebec

E aí, Bacamarte!

Temos uma liiiiinnnnddddaaaa manhã de inverno por aqui, o sol está iluminando as árvores atrás da casa de Louie, os termômetros marcam revigorantes -12°C e há cerca de 25 centímetros de neve acumulada durante a noite. Caiu uma tempestade de neve moderada noite passada, e antes de ir para a cama eu desliguei as luzes aqui de dentro por um momento para observar o popular "efeito de globo de neve" nas luzes externas.

A fantasia para o inverno que levei na estrada comigo noite e dia nesses últimos meses se tornou realidade, bem do jeito que eu imaginava, e eu certamente estou "me afundando na neve". (Bem, na verdade Keith afunda na neve – eu apenas a admiro e brinco com ela).

Como falei para você no telefone, passei os primeiros dias bem feliz dentro de casa, me dedicando a simplesmente *estar* aqui (fazia tanto tempo que eu queria isto: estar vivo e estar aqui, e eu ainda não me cansei disso). Agora que a Biblioteca Memorial Selena foi organizada com sucesso e já decorada, e as estantes da sala estão cheias de livros sobre arte, carros, motos e pássaros (a melhor combinação de todas, eu acho), comecei a reintroduzir pouco a pouco meu físico amaciado pela moto às atividades ao ar livre novamente – não que eu tivesse escolha, com os incansáveis Danny e Janette de visita. Certo dia, eu fiz uma trilha pela neve com Danny de manhã, depois fui praticar esqui *cross-country* com Janette à tarde, então podemos dizer tive minha dose satisfatória de "ar fresco e exercício".

Havia quase 60 centímetros de neve no chão, o que é perfeito para se fazer uma trilha e o suficiente para a prática do esqui *cross-country* em Aerobic Corridor. Faço explorações pelas minhas matas a pé e vou de carro até a vila diariamente para esquiar em Corridor, indo um pouco mais longe a cada dia.

E por falar no inverno daqui, ele não parece *lindo* quando visto daí? Você sabe que sim, com neve sobre todas as árvores e tudo mais, e é interessante refletir que todos os lugares que vi nos últimos quatro meses, por mais lindos que fossem, apenas serviram para fazer com que aqui parecesse *melhor.* Esse é "O Lugar", sabe? Sei que você sabe.

Em meio a toda a animação que senti ao voltar para cá, havia

apenas uma dúvida sombria que continuava a me perturbar: do ponto de vista *emocional*, como seria encarar tudo isso novamente? Olhar todas as fotos que cercam a casa, as coisas que preenchem este lugar, e o próprio lugar em si; ver os rostos delas o tempo todo, por todo canto que eu olhasse, tanto nos porta-retratos quanto nas lembranças. (Eu posso já ter falado sobre tudo isso no telefone, mas cabe contar de novo, pelo meu próprio bem, se não pelo seu. E, no final das contas, você é meu público cativo, então tem que ler qualquer coisa que eu escrever. E também qualquer coisa que meu irmão escrever!)

Bem, o que parece ter acontecido durante este intervalo de tempo razoavelmente longo que passei a distância é que alcancei um daqueles estágios ao longo da "Estrada do Luto". Há uma série de "estágios" bem definidos pelos quais se passa (eu costumava saber essas coisas em detalhes, porque li diversos livros sobre como lidar com o luto quando estava em Londres, mas sabiamente deixei muito daquilo sair da minha mente), com vários passos em meio aos principais, que são o Choque, a Descrença, a Negação, a Raiva e tudo mais. No fim, supõe-se que você alcançará o estágio da Aceitação. (Não confunda com Felicidade, Paz ou Resignação).

De qualquer maneira, agora eu pareço estar no estágio da "Aceitação", porque quando vim até esta casa pela primeira vez e vi as fotos de Jackie e Selena, as palavras que vieram à minha mente foram: "Eu sei". Só isso. Não que eu consiga "aceitar" de fato, ou mesmo viver com isso, mas pelo menos "eu sei".

Acho que já é alguma coisa. Parece-me que nesse sentido a "Estrada da Cura" fez o trabalho dela. Recém comecei a dar uma olhada em algumas páginas do meu diário do começo da viagem, e percebi que naquela época eu apenas *tinha a esperança* de que eu pudesse perambular até o Natal, e talvez chegar até o México e Belize. E também – o que era um futuro bem distante naquele momento – voltar para cá para o ápice do inverno. Hoje posso afirmar que o plano realmente deu certo, tanto num sentido exterior quanto interior, e tudo o que tenho que fazer agora é atravessar o Estágio Dois.

Assim como aconteceu com o Estágio Um, não tenho muita certeza de como farei para as coisas darem certo, mas vou usar o mesmo *modus operandi:* sem pressão, sem obrigações, apenas tentando superar

as dificuldades de cada dia de um modo tão divertido e saudável quanto puder. Agora é outro "Momento Perigoso", é claro, pois posso facilmente escorregar para os "Desígnios do Mal"; então, eu fico de olho em mim mesmo. É por isso que andei entusiasmado com a ideia de sair para fazer trilhas na neve e esquiar, e espero entrar numa espécie de rotina com o esqui *cross-country*, dedicando-me a uma boa e longa prática ao menos três vezes por semana. Isso não apenas me manteria ocupado, mas também ajudaria a melhorar o meu "nível de condicionamento físico".

Tentarei me manter ocupado com atividades não destrutivas, e espero que eu consiga me interessar em fazer algo por aqui, como voltar a escrever. Mas, de novo, sem pressão e sem obrigações. Eu vou apenas começar a digitar algumas anotações e a selecionar o material que colhi para ver no que vai dar. Até o momento, eu tenho passado mais ou menos uma hora a cada manhã aqui no meu escritório apenas para dar uma olhada nas coisas e ver para onde o teclado me leva.

Aí está outra coisa com a qual tenho que me acostumar: voltar a digitar depois de tanto tempo atuando como o "Senhor da Escrita à Mão" em meu diário e nas minhas correspondências. Mas eu gosto disso. Não apenas a minha digitação é mais elegante do que minha caligrafia (sem falar na questão da legibilidade) como também acho que me comunico mais *espontaneamente* dessa forma, porque sei que qualquer coisa que parecer estúpida demais pode ser consertada depois! Mas acho que ambas as formas são boas. Depende das circunstâncias, não é?

Mas, sim, tenho um monte de coisas para fazer, beleza. O quarto de hóspedes e o hall da frente ainda estão cheios de caixas, e tem mais coisas para chegar de Toronto, então sempre há muitas coisas para selecionar e organizar. Meu velho escritório aqui, que agora se tornou um "anexo" da Biblioteca Memorial Selena no andar de cima, está terrivelmente bagunçado. Recém comecei a dar uma olhada na correspondência e nas coisas acumuladas, embora eu tenha encontrado uma boa carta sua que chegou depois que conversamos, e isso foi legal.

Fiquei angustiado por saber que você teve de abandonar a companhia daquele afável jovem afro-americano, Reginald, porque

tenho certeza de que tinha sido horrivelmente agradável conversar com ele da forma “colorida” que você descreveu. Você está realmente rompendo as barreiras culturais, não é?

Ué, alguém até poderia fazer um discurso bem longo e profundo sobre tais entusiasmos como aqueles ótimos shows de velhos menestréis. Tão charmosos, com todos aqueles personagens humorísticos de rosto pintado de negro que cantam e dançam de um modo tão entusiasmado. Ou com Sammy Davis Jr., um artista excelente. E a música vibrante daqueles grupos bem-vestidos da Motown dos maravilhosos anos 60. De fato, nos momentos de candidez que podem muito bem tomar conta de duas almas em uma cela compartilhada, você pode até se sentir tentado a “dar um rolé” na “quebrada” com os “manos”.

E não é tudo! Sem dúvidas, como uma decorrência natural desse intercurso verbal, você poderia até mesmo encontrar ocasiões para utilizar verbos e adjetivos tão deliciosos como “treta” e “em cana”! Tenho certeza de que seria uma diversão excelente, e você deve lamentar ter perdido uma companhia tão singular e divertida.

[Mais tarde, no mesmo dia...]

Bem, acabo de voltar de uma longa caminhada com os sapatos-raquete especiais para neve, e voltei pela floresta do outro lado da estrada. Lembro-me que uma vez nós dois fizemos uma trilha na neve ao redor do perímetro da “Floresta dos 100 Acres”, mas acho que nunca fui com você tão para dentro da mata no canto nordeste, onde ficam as concessões das madeireiras e as terras da Coroa. Alguns invernos atrás, consegui chegar até lá e pegar algumas estradas de escoamento da madeira, usadas apenas por *snowmobiles* no inverno e por caçadores no outono, e segui todo o trajeto até Aerobic Corridor. Contudo, com o crescimento da vegetação nos verões seguintes e, principalmente, depois da famosa Tempestade de Gelo do ano passado, a trilha ficou bastante obstruída. Então, hoje decidi pegar um tesourão de poda e fazer uma tentativa. Em duas horas de labor, dobrei e cortei galhos com ardor. Devo ter cortado uns dois milhões de brotos de sumagre, além de outros inúmeros vestígios “leves” do crescimento da mata, mas o bosque cerrado que há por lá ainda impede o meu avanço. Da próxima vez, terei que levar uma serra

comigo, porque há um número grande de árvores maiores caídas sobre a trilha.

Mas aquilo me manteve inofensivamente ocupado por algumas horas, e no caminho de volta eu peguei um atalho no terreno sobre a superfície congelada do lago Stinky, que Danny e eu desbravamos dias atrás (nossas pegadas desapareceram por causa da nevasca na noite passada), seguindo o som agudo de uma motosserra ao longe. Pierre e Keith estavam trabalhando em outra trilha, limpando os galhos e as árvores caídas nos limites da propriedade. Não tivemos a oportunidade de fazer isso no verão passado, porque só para limpar a trilha principal que cruza a estrada são necessárias quatro pessoas e um dia inteiro, mas eu pedi que eles pelo menos se livrassem das árvores maiores no meio da trilha, de modo que alguém pudesse caminhar por ela sem ter que passar por cima ou por baixo delas ou dar a volta.

E assim voltei para casa, onde esquentei uma deliciosa lata de carne de porco e feijão e em seguida me dediquei a outra sessão curta na escrivaninha. Só vou terminar esta carta e enviá-la para você hoje mesmo, o que será uma boa desculpa para sair um pouco de casa. Uma coisa que eu já aprendi ao tentar começar uma rotina com o esqui *cross-country* é que esquiar é uma boa desculpa para sair de casa, e sair de casa é uma boa desculpa para esquiar. Isso pode dar certo!

De qualquer maneira, essas são as grandes notícias do dia. Saiba que ontem eu enviei para você um pacote com dois livros, uma ordem de pagamento de duzentos *huitlacoches* e duas fotos que achei que você poderia gostar (já que você aparece nelas, é claro). Não tenho certeza se você tem lugar para guardar coisas assim aí onde você está, mas resolvi mandá-las mesmo assim para o caso de você ter.

Afora isso, você sabe o que fazer, nem preciso dizer. Como diz o aviso do teleférico da estação de esqui, “Segure as pontas durante a viagem!”. Ou, como deve ter dito o seu antigo e deplorável amigo, o “Muleque Manero”, Reginald: “Alguém tem que aceitar esses acontecimentos do cotidiano de um jeito sem treta, consanguíneo mano, cê tá entendendo?”.

Fight the Power, Brother

Ghost Rider

[Carta para Lesley Choyce, um autor prolífico e o fundador da empresa Pottersfield Press, que publicou meu primeiro livro, *The Masked Rider]*

15 de janeiro de 1999
Lac St. Brutus, Quebec

Bem, aqui estou, de volta para a casa no meio do mato, lugar ao qual eu certamente pertenço, e fico feliz em dizer que é exatamente do jeito que eu tinha sonhado, dia e noite, ao longo dos últimos dois meses do meu "exílio" autoimposto. Há uma nevasca forte e enfurecida caindo lá fora e o ar está tão opaco com a neve que não é possível sequer ver o lago. A neve se parece com uma cobertura de chantilly, depositando-se sobre os mais de 60 centímetros acumulados desde a minha chegada (em 28 de dezembro). A temperatura tem ficado em torno do meu "ideal de inverno" (-10ºC), embora tenha caído até os -30ºC por duas noites seguidas, o que me deu uma boa desculpa para acender o fogo no fogão a lenha.

Claro, tenho calefação e tudo o que é necessário para me proteger do frio, mas o fogão a lenha faz parte do meu programa de "prontidão para emergência". No canal de TV de Montreal no qual me informo diariamente a respeito do tempo eles não param de falar que há exatamente um ano aconteceu a grande Tempestade de Gelo, e embora esta área não tenha sido seriamente atingida (e embora estivéssemos em Londres naquela época), faltou energia aqui por cerca de 12 dias gelados. É por isso que eu tenho um fogão a lenha. E um gerador. E um carro 4x4. E sapatos-raquete especiais para neve.

E é por isso que todo morador de Quebec sabe que sempre deve estar bem abastecido com reservas de emergência de álcool e cigarros!

Estou me ajustando lentamente ao tipo de vida que terei por aqui, seja lá qual for ele. Um cara não pode simplesmente sair de casa e passar quatro meses por aí se comportando como um motoqueiro andarilho e irresponsável sem depois encontrar certo *caos* ao chegar em casa, mas é claro que há um pouco de caos dentro de mim

também, então... Há um equilíbrio.

[Uma recapitulação das minhas viagens e da minha teoria da "aceitação"]

...então, depois de quatro meses e 46 mil quilômetros, quatro países, seis províncias, dois territórios, 11 estados americanos e 17 estados mexicanos, talvez eu tenha precisado de tudo apenas para ser capaz de dizer: "Eu sei". Acho que isso é o suficiente para lidar com o que ficou para trás, mas apenas espero que seja o suficiente para o que estiver à frente de mim, sabe?

Bem, é como as imortais palavras de Cérebro [do desenho animado "Pinky e Cérebro"], em uma cena em que ele esgana Pinky e Pinky pergunta a ele: "Por que você fez isso, Cérebro?"

Cérebro responde sabiamente: "O tempo dirá, Pinky. O tempo dirá".

Selena e eu adorávamos esses dois.

Eu li bastante durante as viagens, o que inclui muitos livros sobre os lugares para onde eu me dirigia, principalmente livros sobre os desertos norte-americanos, mas isso me fez descobrir coisas interessantes. Você conhece um escritor americano chamado Edward Abbey? Descobri seu livro *Desert Solitaire* no centro de informações turísticas de um parque nacional e me tornei seu fã imediatamente. *The Monkey Wrench Gang, The Brave Cowboy* e muitos outros de seus trabalhos de ficção e não ficção acabaram viajando comigo na minha bagagem enquanto eu viajava pelo Oeste, sobre o qual ele escreveu com tanto amor e compreensão.

Meu interesse por Jack London também cresceu, e se transformou em uma completa admiração por obras-primas como *O Lobo do Mar*, *Martin Eden* e diversos contos excelentes.

[Trechos sobre a história da minha visita ao Jack London State Park e o final triste de London]

Ele e sua esposa Charmian parecem ter amado um ao outro, e tiveram muitas aventuras juntos. Não tenho dúvidas de que London tinha uma vida interessante e bem-sucedida. Mesmo assim, nada disso foi o suficiente para mantê-lo *vivo,* tampouco ela, só para constar. Isso me deixou triste. Muitas coisas me deixam triste.

Mas como devo ter deixado subentendido nos meus cartões-postais

(fico feliz em saber que você os recebeu, porque ao longo do caminho eu quis que algumas pessoas soubessem que estavam presentes nos meus pensamentos, e que eu ainda estava vivo nos pensamentos *delas!),* que mandei da Estrada da Cura, eu esbarrei com alguns momentos importantes de Verdade e Beleza.

Eram coisas simples como, por exemplo, um trecho de estrada que percorri durante o nascer do sol entre Saskatchewan e Neepawa, no Estado de Manitoba. Eu havia me abrigado ali na noite anterior para fugir de uma tempestade de fim de agosto, e a estrada na manhã de domingo estava vazia e parecia interminável. O chão brilhava devido à água na pista, refletindo o céu claro e o sol que se erguia atrás de mim. Outro exemplo é a ocasião em que passei pelos lagos e pelas montanhas cobertas de vegetação ao longo da Rodovia do Alasca, cruzando de tempos em tempos com uma família de caribus, um urso-negro ou uma águia careca. Gerifaltes sobre a tundra na Rodovia Dempster, que leva até Inuvik; ursos-cinzentos no Alaska; baleias pulando ao lado do *ferry* em que viajei até Prince Rupert. Estradas, paisagens, vida selvagem. Mais uma vez, concentrar-se no essencial.

Outro processo importante que tive que enfrentar durante esta jornada foi o de me *reconstruir*. Creio que esse trabalho ainda vá continuar por algum tempo. Nem preciso dizer que minha estrutura foi abalada tão profundamente que mesmo agora eu ainda não tenho sequer uma vaga noção de "quem sou eu" ou de "o que é a vida". Eu costumava saber essas coisas, ou sentia que sabia, mas no fundo da minha alma há um sentimento de rejeição a tudo que ficou no passado.

A "fé" elementar que eu tinha na vida se esvaiu completamente, e agora eu suponho que o que todas as coisas que eu costumava fazer provavelmente estavam erradas (ou não "funcionaram", que seja). E assim, cada pequeno elemento da minha antiga vida, do meu antigo comportamento e dos meus antigos interesses e hábitos está sendo reavaliado.

Então, voltei a ler, a andar de bicicleta, a andar de moto, a remar e a observar pássaros – e achei tudo isso bom. Agora, posso acrescentar a essa lista as trilhas pela neve e o esqui *cross-country*. E observar a neve caindo. Ah, e escrever cartas, é claro.

Durante a viagem, mantive um diário bastante bom (assim como ler, ter um diário para escrever quando se viaja sozinho é muito bom, principalmente quando se está em bares e restaurantes) e isso resultou em três volumes de anotações feitas pelo "Ghost Rider" (Canadá, Estados Unidos e México/Belize), embora eu ainda não tenha começado a transcrevê-los.

De qualquer maneira, queria agradecer novamente por você ter me desejado boa sorte, e saiba que agora estou são e salvo em meu território coberto de neve (uhul! nada além de olhar a neve cair), tateando meu caminho dia após dia. Por enquanto, planejo ficar aqui ao menos pelos próximos dois meses, à exceção de uma viagem a Toronto que terei que fazer (ainda que contra a minha vontade) em algum momento para lidar com questões médicas, dentárias, financeiras, legais e outras coisas tão divertidas quanto essas.

Vamos tentar arranjar uma oportunidade para nos vermos em breve – eu adoraria que isso acontecesse. Pode ser quando você vier a Montreal (fica só a uma hora daqui), ou quando nós dois estivermos em Toronto. Ou quem sabe quando chegar a primavera você veja na estrada uma aparição distante, pintada de vermelho e vestindo roupas de couro pretas, e você se dará conta que o primeiro e único Ghost Rider está vindo em sua direção....

Por enquanto, até breve.

Seu amigo,

NEP

[Carta para Mendelson Joe]

19 de janeiro, 1999

Lac St. Brutus, Quebec

Querido Joe,

Bem, estou aqui e estou vivo.

(Vamos começar pelo mais importante.)

Pelo menos ao longo do último mês do meu exílio autoimposto, isso era tudo o que eu queria – estar aqui e estar vivo. Foi uma longa

jornada pela velha Estrada da Cura, e é claro que ela ainda não chegou ao fim. Nem perto disso. Na verdade, acho que ela recomeça todos os dias. Bem, estou aqui, e estou vivo. Começar pelo mais importante.

Durante duas semanas no início de dezembro, viajei pela Baja California e gostei muito. Então, peguei um *ferry* rumo ao "continente mexicano", em direção a alguns dos lugares por onde Brutus e eu tínhamos viajado alguns anos atrás. Apesar das frustrações inevitáveis de se viajar num país "em desenvolvimento", eu realmente gosto do México, sobretudo do povo.

Para começo de conversa, eles entendem de *música.* A bordo do *ferry* noturno que peguei para fazer o percurso entre La Paz e Mazatlán, percebi que havia uma música tocando na sala de jantar, uma banda se apresentando ao vivo no bar e uma *jukebox* de CDs bombando na popa. Até mesmo quando fiquei parado perto da proa para olhar a lua que se erguia acima das águas tranquilas do Golfo da Califórnia, havia música latina ritmada escapulindo da ponte de comando. Há música por toda a parte e o tempo todo. Com bastante frequência, quando viajava por diferentes cidades, o meu ânimo se exaltava com apresentações de música ao vivo. Nas praças, havia sempre grupos de *mariachis*, de marimba, de música dançante e violinistas e guitarristas que tocavam sozinhos, entretendo as pessoas e recebendo suas contribuições espontâneas.

Além do mais, quase toda a música que toca por lá é *mexicana*, até mesmo as canções *pop*. Considerando o *status* do México e a sua localização (um ex-presidente mexicano uma vez afirmou: "Pobre México: tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos"), é de se admirar que os jovens em particular tenham escapado do alcance da influência vinda do gueto Disney-Americano.

Nas comunidades "nativas" do oeste dos Estados Unidos e do Canadá, e até mesmo no extremo norte, eu encontrava jovens locais "dando voltas" em carros velhos sem capota cujas portas vibravam por causa dos sons graves do rap. Provavelmente, a batida forte e as rimas furiosas dos "*gangsters* do gueto" realmente expressem frustrações universais de uma juventude "insatisfeita", mas tanto para os garotos inuítes quanto para os mexicanos, as coisas importadas certamente

estão numa “língua estrangeira”.

Que bom para os mexicanos que eles tenham sua própria música, e isso é parte de uma cultura muito forte. Até mesmo nas cidades-resort mais superdesenvolvidas (de uma forma detestável), com seus Hard Rock Cafés e Planets Hollywood, eu sempre encontrava os restos de uma cidade *mexicana* – era só uma questão de saber onde procurar. Inclusive em Puerto Vallarta, uma das praias mais “saqueadas” de toda a costa do Pacífico, consegui encontrar em meio às ruas secundárias estreitas e irregulares uma velha igreja peculiar, de frente para a praça ampla e apinhada de vendedores ambulantes. E bem no centro da parte turística, onde há lojas de souvenirs e bares próximos ao quebra-mar, havia um show de música ao vivo cheio de alegria e vida, com apresentações exclusivamente de artistas locais – e, da mesma forma, o público era totalmente local.

Provavelmente eu mencionei na minha carta anterior que a Natureza tem sido uma fonte importante de Verdade e Beleza para mim ultimamente, e ao longo das minhas viagens eu fui atraído especialmente pelos pássaros. Levar um pequeno guia de campo e binóculos funcionou muito bem durante minhas caminhadas, mas até mesmo quando eu rodava com a moto aprendi a dar uma olhada em, por exemplo, algum falcão parado sobre um poste do acostamento, e também a memorizar suas características: porte médio, bico amarelo, corpo com listras marrons e brancas, rabo com a ponta branca e penas primárias pretas. Assim, eu podia procurar mais tarde no guia e ser capaz de identificá-lo, com grande precisão científica, como sendo “algum tipo de falcão”. Quando eu tinha sete ou oito anos de idade, minha maior ambição na vida era me tornar um “observador de pássaros profissional”, e talvez eu finalmente tenha atingido esse objetivo.

No verão passado, quando parti para a minha jornada, fui motivado por uma intuição, ou uma esperança, de que o movimento poderia ser uma boa “distração” para mim – principalmente se comparado a ficar aqui sentado cozinhando na minha própria bile. Mas eu não tinha ideia de quanto isso seria importante. Em algumas manhãs eu acordava surtando: eu me sentia triste, solitário e desesperado, mas tão logo eu subia na moto, o mundo primeiramente

se contraía até ficar do tamanho da máquina que levava a mim e a tudo de que eu precisava, e então *se expandia* e ficava do tamanho do amplo mundo novo representado pela estrada, pela paisagem e pela vida selvagem que vinham até mim.

Depois que comecei a sair das cidades e a fazer trilha pelas matas e montanhas, descobri que o mesmo acontecia com essa nova atividade. Não era por causa do cenário lindo, da paz ou da serenidade da Natureza. Não era a *aparência* que importava: era o *movimento*. Estar na estrada e continuar andando – era isso o que importava.

Aqui eu encontrei a mesma "terapia" ao caminhar na neve e esquiar. Não que eu esteja aproveitando muito a beleza da floresta no inverno, até porque geralmente eu olho para o *chão* enquanto deslizo, mas sim porque a minha mente entra no "ritmo do movimento", e há determinados momentos em que penso: "Ei, onde passei os últimos 10 minutos?"

Aí pode ser que eu pare e olhe para a paisagem, com o cérebro recém-apaziguado.

E este tem sido o meu trabalho nos últimos tempos (além de ser um observador de pássaros profissional): cuidar da minha "pequena alma de bebê". Esse é o modo como tenho definido a minha vida neste momento. A expressão "uma alma em perigo" surgiu na minha cabeça outro dia e eu a achei bastante adequada, porque não há dúvidas de que estou enfrentando muitos perigos no momento. Até agora, o simples fato de saber que, estando prevenido e preparado, eu posso me "guiar" suavemente por caminhos menos destrutivos já tem ajudado. (De novo: continuar *em movimento*.)

Até agora as coisas têm dado certo, mas ainda não estou seguro, assim como não estarei por um bom tempo. O que realmente está fazendo falta é a minha antiga capacidade de me *entusiasmar,* de ficar motivado para fazer alguma coisa específica, ou mesmo para aprender mais sobre alguma coisa, de tal modo que essa coisa se torne mais importante do que qualquer outra no mundo. Eu costumava achar muito fácil me comprometer e me dedicar a atividades como pedalar por longas distâncias, esquiar na modalidade *telemark*, andar de moto, nadar, aprender sobre arte, história e até mesmo "coisas importantes" como música e escrita. Era tão automático que eu encarava isso como

se fossem missões.

Ultimamente, não há nada que eu realmente *queira* fazer – não com a motivação que eu costumava ter antigamente. E também não há nada que eu realmente *tenha* que fazer, ao menos não com a mesma urgência que temos para nos manter abrigados e alimentados. Talvez você concorde com um amigo meu da Inglaterra, que também passou a maior parte da vida na pobreza: ele diria que eu tenho mais sorte do que as pessoas que perderam tudo e, além disso, são *pobres.* Consigo aceitar essa ideia em partes, mas não totalmente. Eu realmente não me sinto com mais sorte do que ninguém,

Mas, sim, é verdade que eu não *tenho* que fazer nada (ao menos não por enquanto). Mas o perigo reside na "negação dupla": além de não ter que fazer nada, eu não *quero* fazer nada.

O que estou tentando dizer é que nos últimos tempos eu ando bem desconfiado da pergunta "Por quê?", já que não ouso perguntar isso em relação ao que aconteceu à minha filha, à minha mulher, ao meu cachorro e ao meu melhor amigo. Até onde eu saiba não há um "porquê", não há uma "justificativa". Então, por que sair da cama de manhã? Por que fingir que eu "estou levando a vida"?

Um escritor amigo meu, Lesley Choyce, me fez uma pergunta na carta que recebi ontem. Ele disse que estava feliz por eu ter encontrado alguma coisa que me faz seguir adiante, mas ele queria saber "o que era essa coisa".

Bem, para dizer a verdade para ele (e para você), não sei bem o que era, ou é; talvez eu descubra mais tarde. Parece que há um pequeno reflexo no meu cérebro que, ao longo de todos os momentos negros que vivenciei antes da época mais escura possível, se apega ao pensamento de que "alguma coisa vai acontecer". Por enquanto, isso tem sido o bastante. Eu só tenho que tentar me "levar" suavemente e de maneira saudável, evitando todos os perigos e venenos que eu puder. Em linhas gerais, preciso apenas me manter firme e esperar que o tal "jeito" apareça logo.

Pelo menos a neve voltou hoje, chicoteando pelo ar e trazendo um pouco de movimento e brilho a um dia cinzento. A neve no chão continua bastante ensopada depois da chuva de ontem, então não dá para esquiar, e acho que até os sapatos especiais para neve ficariam

lamacentos e pesados rapidinho. Então, vou tentar dar uma caminhada pela estrada. Há apenas outras cinco antes do fim da estrada sem saída, que geralmente só ficam ocupadas nos finais de semana pelos seus donos que vivem em Montreal. Por isso, é um lugar calmo para caminhar num dia de semana.

Joe, obrigado novamente pelas cartas que você mandou durante minha viagem e por sua preocupação genuína comigo. Como sempre, só o que posso dizer é que estou indo "tão bem quanto o esperado".

E, como sempre, espero que você também esteja bem.

Seu amigo,

NEP

[Carta para Steven, irmão de Jackie, que morava perto de Columbus, Ohio, onde sua esposa Shelly trabalhava como médica plantonista no setor de emergência. Eu tinha pedido a ele em uma carta que me contasse como ele *realmente* estava se sentindo.]

26 de janeiro, 1999

Lac St. Brutus, Quebec

E aí, seu americano feioso!

Tenho que dizer: que boa sessão de descarrego tivemos aqui!

Sério, muito boa. Eu pedi que você tentasse, e obviamente você aproveitou a chance de um modo sincero. Eu pude sentir o fogo e o veneno naquelas palavras, vindo diretamente da frieza da reprodução digital do fax.

"Como foi para você?" (Ele perguntou educadamente a ela.) Espero que ao escrever tudo aquilo você tenha se sentido um pouco melhor, assim como às vezes eu me sinto (pelo menos "no dia"), e também espero que você entenda que, de qualquer forma, isso não pode fazer mal, nem mesmo ser tomado "fora do contexto". Não quando está endereçada a este leitor em particular.

Para começo de conversa, você pode ter certeza de que ler coisas assim não me magoam nem um pouco. Como eu estava contando para você antes, essas coisas mundanas com certeza são irritantes e

desnecessárias para qualquer pessoa, e especialmente para nós, os "feridos em marcha". Mas, apesar de tudo, essas pestes e esses parasitas que aparecem em nossas vidas não são realmente *reais*. Não como os chupadores de virilha *Cimex lectularius* [os percevejos de Belize], cujo estrago ainda está completamente evidente na minha epiderme. *Isso sim* é real!

Em contraste com as coisas insignificantes, fiquei verdadeiramente comovido e preocupado em ouvir suas sérias reclamações, como aquelas a respeito de questões de saúde física e mental. E é assim que as coisas devem ser, porque eu me importo com você. Mas quando tratamos dos outros âmbitos de nossas vidas, eu até fico contente em saber o que você tem para dizer, porque assim me sinto mais próximo de você, mas isso não me *afeta,* sabe?

É igual à maneira como as coisas têm sido entre mim e Deb: nós já sabemos que compartilhamos a grande dor, a Perda massiva, fundamental, existencial e destruidora de mundos. E então, quando conversamos por telefone, essa perda fica subentendida, sem ser verbalizada. Assim, contamos um para o outro as pequenas coisas rotineiras que nos incomodaram naquele dia, feito duas donas de casa. É apenas uma chance de descarregar, ou de desopilar, e geralmente falar isso quebra o "feitiço" que envolve esses problemas.

Mas outra coisa que está bem clara em sua carta é que você ainda está se sentindo muito isolado e desorientado, e, embora eu entenda isso, há algo que aprendi de que você pode tirar proveito. Vou falar disso daqui a pouco.

Acho que posso dizer que fiquei mais "desolado" do que você, e não apenas porque perdi a minha família, mas porque perdi absolutamente *tudo* o que eu pensava que constituía minha vida. Minha vida e o meu "ser" foram reduzidos ao zero absoluto, e até agora eu ainda penso no meu eu anterior como sendo "aquele outro cara". Sinto que eu e ele não compartilhamos nada a não ser o mesmo conjunto de lembranças.

Talvez a única diferença entre você e eu neste trajeto é que já sei há algum tempo que tudo se foi e que preciso recomeçar do zero. Nos últimos seis meses, minha reação a isso tem sido tentar fazer todas as coisas de que eu *costumava* gostar e ver se isso ainda "funciona"

comigo, mesmo que de um modo totalmente diferente. Dessa forma, por exemplo, voltei a ler e caminhar quando estava na Inglaterra; a andar de bicicleta e observar pássaros em Barbados; e, desde que voltei de lá, a andar de moto, caminhar na neve e praticar esqui *cross-country*.

Algumas coisas da minha "antiga vida" ainda não me interessam, ou lidar com elas seria perigoso demais para mim. Um exemplo é o poder emotivo da música. Isso é um problema, porque eu mal posso imaginar uma vida da qual a música não faça parte, mas tenho que encontrar um novo jeito de usar o seu poder.

Neste exato momento, eu não quero nem preciso do envolvimento emocional da música, e tenho certeza de que não preciso das associações que a memória estabelece com as canções que fizeram parte da nossa "vida em família". Por isso, comecei com coisas "neutras": música instrumental e clássicos antigos, como Frank Sinatra, que me "levam para longe" da maneira que a música tem o poder de fazer – mas um "longe" que não inclui lugares ruins.

Vou dar um exemplo: ultimamente, tenho ouvindo diversas fitas cassete antigas que reapareceram direto do porão de Toronto, já que as caixas de coisas velhas foram trazidas até aqui. A maior parte das coisas que estavam ali são músicas que eu ouvia, digamos, uns 15 anos atrás – músicas que me envolvem em um sentido mais pessoal, e que posso escutar como se fosse simplesmente um prazer *sensorial*, e não um lembrete de tempos melhores.

É interessante que sempre que tento ouvir músicas de cuja produção eu participei, como quando Geddy me deu os CDs do álbum ao vivo do Rush no qual eles estavam trabalhando, eu não as recebo de um jeito pessoal. É sempre "aquele outro cara", e embora o "novo cara" que eu estou tentando construir a partir desses fragmentos, John Ellwood, possa apreciar o trabalho que o "outro cara" fez, este outro simplesmente não sou eu, sabe? Não consigo nem imaginar a dedicação e o esforço concentrado que ele colocou naquilo. Ainda admiro o seu êxito, e respeito o trabalho árduo que tornou possível para ele tocar bateria naquele nível, mas simplesmente não sou *eu*.

Outra noite, decidi assistir à videoaula de bateria que gravei alguns anos atrás, apenas como uma forma de "experimento", e

aconteceu a mesma coisa. Era como se o cara falando e tocando na tela não fosse eu. Fui capaz de admirar o que ele estava fazendo e o esforço necessário para tanto, e não acho que aquilo fosse uma perda de tempo nem nada. É só que aquilo não tinha qualquer relação com o "eu" dentro do qual eu vivo agora.

Então tudo bem, é assim que as coisas são. A mesma coisa acontece com os filmes: qualquer tipo de drama está fora de questão, até porque eu não *preciso* disso. O que Aristóteles chamava de propósito da arte, a "catarse" de extravasar emoções reprimidas, é simplesmente *irrelevante* no momento atual de minha vida. Estou expressando e explicitando completamente os meus sentimentos!

Assim, acabo assistindo a coisas estúpidas e nada comoventes, como as que passam no canal Speedvision: o rali Dakar, as corridas de moto do verão passado e até mesmo leilões de carros antigos. Numa noite dessas, eu ri de mim mesmo ao perceber que estava assistindo ao jogo das estrelas da NHL. Mas ver um troço desses na TV é como o futebol americano: pode até ser *estúpido,* mas não tem problema. Mantém a parte burra do cérebro ocupada, e isso é o mais importante de tudo. Seja lá como você chama aquela "parte burra" – subconsciente, inconsciente, hemisfério esquerdo –, é sempre ela que causa problemas.

Então, aqui vão algumas "diretrizes" ou "instruções" que sintetizam as coisas mais úteis que aprendi até o momento. A maneira mais adequada de encarar essas observações é pensar nelas como *adaptações.* Descobri que não faz sentido falar em "lidar com isso" ou "trabalhar aquilo". Não. *Isso*, especificamente, é algo com que não se pode lidar ou trabalhar. É o tipo de *Isso* que simplesmente muda tudo, e não há como chegar a uma conciliação com ele. Nenhum acordo a ser feito, nenhum termo em comum. (Acho que foi Ayn Rand quem escreveu que "Você não pode chegar a um acordo com o mal".)

Aqui e agora é onde tudo começa de novo, a partir do zero, da mesma forma como acontece com os organismos darwinianos: espera-se que se adaptem às novas circunstâncias. Adaptem-se ou morram. Não podemos mudar o jeito que as coisas são, nem os seus efeitos sobre nós e sobre nossa visão do mundo. Tudo já está feito. Se realmente quisermos tentar sair dessa encruzilhada escura, só o que

podemos fazer é tentar assumir nós mesmos as rédeas dessas mudanças inevitáveis. Não seríamos quem somos se isso fosse algo que pudéssemos "superar", ou se apenas continuássemos nossas vidas de onde paramos. Uma vez falei assim sobre a forma como vejo meu futuro: "Sei que estou *marcado* por essas experiências, mas não quero ficar *aleijado* demais por causa delas".

Se existe algum motivo para seguir em frente, esse motivo não é apenas continuar a *existir* para entulhar o mundo com mais um velho amargo e desagradável, com um ermitão sem alegria ou com um mártir que sofre eternamente porque vive no passado e pune as outras pessoas pelo que a vida fez com ele – *comigo*.

Não gosto muito da palavra "Aceitação", o termo técnico que é aplicado pelos especialistas em luto para se referir ao estágio do processo no qual me encontro atualmente. Ao retornar da Estrada da Cura, eu percebi que, depois de todo aquele tempo e daquela distância, eu no mínimo tinha transcendido a fase da "Negação". Mas, para mim, saber que essas coisas são verdadeiras não significa necessariamente *aceitá-las*. Longe disso. Do meu ponto de vista, *nunca* aceitarei que a vida deve ser assim. Principalmente *nossas* vidas. Não era assim que eu vivia, não era assim que Jackie vivia e não foi assim que ensinamos Selena a viver.

Essa definitivamente não é a forma como pensei que o mundo funcionasse e, afinal de contas, não é "aceitável" que Selena e Jackie tivessem que morrer. De jeito nenhum. Não no meu mundo. Então aquele mundo – ou aquela maneira de ver o mundo – se foi. Algumas pessoas bem-intencionadas tentaram me oferecer o que elas acreditavam ser um pensamento "reconfortante", e tentaram me convencer de que "tudo acontece por uma razão". Mas fiz com que elas parassem de falar imediatamente (da maneira mais educada que consegui). Por alguma razão, elas não percebem que pensar assim não serve de consolo – pelo contrário, só serve para trazer perguntas terríveis à mente: "Existe algum tipo de *razão?* Qual? Elas *mereciam* morrer? Eu merecia *perdê-las?* O mundo não *precisava* de pessoas como Jackie e Selena?".

Bobagem. Então, às vezes os meus pensamentos tendiam à paranoia ou a superstições primitivas: "Foi algo que eu *fiz?* Alguém

que me odeia me lançou uma *maldição?"*

Meu lado racional descartava facilmente essa hipótese de "vodu". Mas, no fim das contas, não é com o lado racional que eu estou tendo que lidar, mas sim com a "parte estúpida". E é claro que a minha mente não podia ser considerada *forte*. Se fosse, não ficaria acordada por horas no escuro, ponderando sobre questões mortíferas como essa.

Então, nós que estamos "por dentro", como eu e você, somos condenados a tentar "aceitar o inaceitável". Espera-se que reencontremos um ponto de equilíbrio e sigamos em frente (às vezes, pelas expectativas dos outros; às vezes, por uma parte inextinguível de nós mesmos). Mas, no fim das contas, a batalha que encaramos é um tanto desesperada, porque não há um ponto de equilíbrio!

Tudo o que éramos, tudo em que baseávamos nossas vidas e tudo em que acreditávamos se foi. Certa vez, expressei em meu diário a sensação de estar *ferido* que me acompanha – um sentimento muito semelhante ao de ser traído –, e concluí que eu *tinha sido* traído pela própria Vida, e que isso deixava marcas profundas. Então, os traídos (como eu e você) têm que começar tudo de novo, desde o Zero Absoluto, e construir alguma nova versão da "Vida" na qual possamos "viver". Não podemos de maneira alguma nos agarrar àquilo em que acreditávamos, e tampouco podemos esquecer o que realmente aconteceu em nossas vidas e nossos mundos. Nunca mais *confiaremos* na Vida de novo.

Contudo, mais uma vez, precisamos nos adaptar à realidade, mesmo que ela seja insuportável. E a realidade é que, de um jeito ou de outro, iremos morrer. Ponto final.

E assim chegamos à lista de diretrizes. Em alguns casos, essas teorias foram desenvolvidas a partir de estalos que eu tive ao ler todos aqueles livros sobre luto em Londres, mas essa base acadêmica (que, no fim das contas, é apenas uma coletânea das experiências de outros seres humanos, às vezes "interpretadas" por aqueles que têm estudado essa área sombria) e aqueles estalos só foram úteis porque eu os apliquei à minha própria experiência – testando o que funciona para mim e me faz seguir adiante de um modo não destrutivo em todos esses longos dias e noites desprovidos de alegria.

Outra vez: se é verdade que apenas o Tempo é capaz de curar as

grandes feridas, é necessário nos adaptarmos a *esta* realidade. Isso é o mais crucial para que consigamos "aguentar firme" e sobreviver, de tal modo que os supostos poderes mágicos da passagem do Tempo tenham a chance de fazer seu trabalho. Como eu disse a você, esse processo realmente parecia estar em curso durante minha odisseia de quatro meses, embora ainda haja um longo caminho a ser percorrido na "Estrada da Cura", e nenhum final à vista.

Um dos generais de Napoleão, acho que o Marechal Ney, tinha o seguinte lema: *D'abord, durer* (Antes de tudo, durar). Esse admirável "objetivo número 1" também foi adotado por Ernest Hemingway, tanto como uma pedra fundamental de sua vida pessoal quanto da profissional. O mesmo vale para nós. Se o Tempo vai nos servir como um agente de cura, então temos que estar por aí para que isso *aconteça,* entende?

Agora, as diretrizes. Vamos lá:

1/ CONTINUAR EM MOVIMENTO. A melhor coisa a se fazer, além de ser a mais simples e a mais importante. Assim como caminhar pelo parque em Londres ou andar de bicicleta em Barbados funcionou para mim, eu me senti grato ao descobrir durante a minha "jornada muito longa" que andar de moto e fazer trilhas em meio à natureza também funcionavam.

Se a sua "pequena alma de bebê" está aborrecida e inquieta, você tem de levá-la para dar uma volta e acalmá-la. Às vezes, parece que ela acaba pegando no sono logo no primeiro minuto – mas isso está longe de ser um problema (pode ser que você só queira ficar *quieto*, né?). Noutras, eu pareço entrar num transe, e "volto" dele pensando: "Ei, onde eu estive nos últimos 10 minutos?". A resposta é "longe", e por vezes este é um lugar bom para se estar. Eu costumo usar a prática de esqui *cross-country* como uma desculpa para sair de casa; saio para fazer alguma coisa e aproveito para esquiar no caminho. Ou vou esquiar e faço alguma coisa no caminho.

De qualquer modo, isso faz com que eu me mantenha em movimento e resolva as coisas que preciso resolver na rua. Que é outra diretriz importante:

2/ DAR UMA CHACOALHADA EM SI MESMO (MAS DE MANEIRA

GENTIL). Estou tentando estabelecer algumas metas modestas, tanto diárias quanto semanais. Ao longo de um dia, é bom executar algumas tarefas sem importância e riscá-las da sua "lista". Acho que isso acontece porque deixa a sensação de que você e o "resto do mundo" ainda têm alguma conexão!

O dia de hoje é um bom exemplo. Lembro de ter mandado um fax para o meu irmão que está de aniversário, deixado uma mensagem por telefone para o "hotel" de Brutus por causa de seu aniversário, telefonado para o meu pai e dizer feliz aniversário a ele (sim, todos eles no mesmo dia) e, em seguida, dirigido até Morin Heights para pegar dinheiro no caixa eletrônico e até St. Sauveur para comprar mantimentos. Planejei tudo isso de maneira que ainda sobrasse tempo o suficiente para dar uma caminhada pelas matas cheias de neve antes de o sol se pôr. E *mais tarde* eu talvez tome um drinque.

Não foi um dia de muita pressão ou de atividades muito estimulantes, mas eu mesmo as planejei e executei (embora em algum momento eu tenha ficado tentado a ignorar cada uma delas). Eu me dei uma chacoalhada de maneira gentil, ou xinguei a mim mesmo por ser um tolo preguiçoso, e por causa de tudo isso eu considero que esse foi um dia satisfatório. Tudo que precisava ser feito foi feito. E por falar em "necessidades", isso certamente incluiu levar minha pequena alma de bebê para dar uma volta. E beber.

Há alguns benefícios colaterais provenientes dessas atividades, como quando a moça do caixa no mercado me desejou um "*Bonjour*" genuinamente amável, e eu me forcei a olhar para ela para retribuir a saudação. O mundo ainda me parece irreal, mas eu tento não evitar de maneira proposital o contato com estranhos simpáticos. Isso seria falta de educação!

Outra "pequena meta" que tenho nos últimos tempos é passar uma ou duas horas na minha escrivaninha a cada manhã, para escrever uma carta ou um fax para alguém, você, Brutus, Danny ou alguma outra pessoa com quem eu queira falar ou, de maneira inversa, para alguém com quem eu não entre em contato há muito tempo, talvez um ano e meio ou dois. Esses são os amigos que eu ainda valorizo e que quero que façam parte da minha "nova vida", seja ela qual for.

Não importa o que, mas é importante simplesmente fazer algo para

que você possa dizer que interferiu em *alguma coisa* no decorrer do seu dia: um amigo negligenciado já não está mais negligenciado; uma tarefa que deveria ser feita foi feita.

3/ CONCEDA AOS OUTROS O PRAZER DE LHE AJUDAR. Bom para eles, bom para você. Tenho aprendido a me "amparar" nas outras pessoas durante esse tempo, e tenho encontrado muita gente eminentemente disposta a me apoiar. Talvez você seja o maior exemplo. Contudo, eu sei que você não tem pessoas assim ao seu redor em meio ao seu "exílio", e eu também estou ciente de que, como a "vítima principal" ou "enlutado central", recebo mais ofertas de ajuda e solidariedade do que você.

Mas aproveite o que aparecer, assim como tenho feito recentemente, por exemplo, com Keith. Empurro cada vez mais "tarefas" cotidianas para ele, e posso dizer que ele tem feito um trabalho ótimo para mim. E não apenas no sentido de "executar tarefas" – ele está fazendo tudo o que pode para tornar minha vida *mais fácil.* Ele é discreto de um jeito animador, e toma sempre cuidado para não "invadir" o meu espaço, mas, ao mesmo tempo, está sempre em busca de algo que ele possa resolver para mim. Espero que continue assim.

4/ A SÍNDROME DO "REPLAY". Ah, cara, isso é uma tortura. Desde o início de tudo, naquela noite de agosto em que Ernie, o chefe de polícia, chegou aqui com a terrível notícia, eu tenho sido atormentado por um *loop* infinito do acidente de Selena. Imagino a tragédia de diferentes maneiras, e todas elas são horríveis. Já é ruim o suficiente, mas continua acontecendo, e no fim das contas acaba sendo tão ruim quanto as lembranças *reais* dos últimos dias de Jackie.

Ultimamente, quando sinto que um desses "replays" está começando, tento pará-lo: levanto, dou uma caminhada e digo para mim mesmo em voz alta "vai se foder", "pare com isso agora mesmo". (Sim, eu tenho falado sozinho bastante nos últimos tempos, mas acho que acabo me dando bons conselhos!)

Outra vez, movimento: mova seus pensamentos para outro lugar – até mesmo fisicamente, se necessário for.

5/ FAÇA AS PAZES COM OS OUTROS SEMPRE QUE PUDER. E sempre que valer a pena. Eu e você passamos por extremos horrendos da experiência humana, talvez comparáveis apenas ao que acontece com os soldados numa guerra. Foi tenso e intenso. Todos fizemos o que podíamos, todos focamos em Jackie. As emoções se exaltaram, e qualquer fricção ou tensão que tenha surgido era resultado direto da situação, e por isso terminava junto com ela.

Espero que isso valha para o nosso caso. Podemos ter nos distanciado temporariamente pelo nosso modo de lidar com esse horror: você buscou se isolar, o que gera o efeito de lhe distanciar dos outros. Nada permanente, nada importante. Deixe isso para trás. Nenhuma discussão é necessária, nenhum "perdão". Não houve mal algum, ninguém ficou magoado. Foi só a maneira que encontramos para conseguir lidar individualmente com o "calor da batalha". Fico surpreso por ter *me* encontrado mais aberto aos outros ao longo daquela época, provavelmente porque já tinha a experiência da morte de Selena e dos cuidados com Jackie. Tive de depender dos outros e tive muitos "outros" de quem eu podia depender.

Em fevereiro de 1998, quando retornamos da Inglaterra com a "sentença de morte" de Jackie, foi somente por *sua* causa que eu pude (ou senti que pude) abandonar a mim mesmo depois de seis meses amparando Jackie, e depois de ter me esforçado tanto para ser forte e "bom" diante daquela que, como eu deveria saber, era inevitavelmente uma causa perdida. Naquele momento, tudo se tornou *demais,* e eu apenas queria ficar *entorpecido* por um instante. Eu tinha descoberto o valor disso antes, quando ainda estava na Inglaterra, mas sabia que eu não estava sendo bom para Jackie e que não conseguiria "fugir de tudo" e ainda cuidar dela e mantê-la *viva.*

Foi um fardo pesado, e que precisei carregar por muito, muito tempo. Então, quando voltamos a Toronto e você veio para o nosso resgate (ou, pelo menos, para nosso alívio), fiquei feliz em deixar tudo aos seus cuidados por um tempo. "Fugir de tudo" era algo que eu desejava muito (ainda desejo), e se alguém tivesse ousado me criticar, eu teria dito: "Claro que estou fodido – como eu *deveria* estar?".

Não estou sugerindo nada. Não me orgulho de nada daquilo, mas

eu “tomei jeito” quando chegou a hora, e sei que Jackie nunca me culpou *de verdade* por ter escolhido “fugir de tudo” por um tempo. Na verdade, acho que ela ficou mais tranquila em saber que fiquei abalado daquela forma, e eu fiquei feliz ao perceber que sempre que alguém ousava me criticar ela ficava do meu lado.

(Alguém me interrompa! Esta máquina de escrever está fora de controle! Aproveite o que puder e “recicle” o resto).

NEP

[Carta para Lesley Choyce]

5 de fevereiro de 1999
Lac St. Brutus, Quebec

Prezado Lesley,

Aqui estou novamente. Recém voltei da temida viagem a Toronto pela qual mencionei estar “aguardando com ansiedade” na minha carta anterior. Comprimir todo o desagrado em dois dias serviu para me manter ocupado por lá, e consegui dar conta de todas as porcarias de que precisava, mas eu também tive alguns momentos mais agradáveis, como jantares com meus parceiros de outrora.

Mas é certo que fiquei feliz por sair de lá. Lembranças demais, para começar, e muitas delas vinham do nada: um “sobressalto” mental enquanto eu dirigia pelas ruas e avistava uma loja da GAP na esquina da Bay com a Bloor, onde uma vez encontrei Selena para levá-la para fazer compras; ou quando vi o restaurante onde Jackie e eu jantamos certa vez com Louie Bellson e alguns outros caras “da turma dos bateristas”; as mesmas ruas pelas quais Jackie e Selena caminhavam ou dirigiam.

Sério, são coisas demais para ter que suportar.

E não apenas fiquei feliz por sair de *lá,* como também fiquei contente por voltar para *cá.* Nessas últimas semanas, ficou claro para mim que amo esta casa, e de um modo diferente também amo minha propriedade, “A Floresta dos 100 Acres”. No fim das contas, é bom ter algo para amar (isso me lembra do filme *As Vinhas da Ira:* “Não é muito. É só chão batido. Mas é o meu chão batido”). E esta casa, cheia

de arte e de tesouros que Jackie e eu colecionamos juntos e de todas as lembranças de Selena e de quando nossas três vidas estavam unidas, tem começado a se transformar em algo bom. Protegida e privada, tranquilizadora e linda. Eu sempre disse que queria morar em um "museu confortável", e é isso que estou construindo aqui.

Com a casa de Toronto à venda (veja bem, por todos esses meses), eu venho trazendo gradualmente todas as "coisas de arte" de lá e "encaixando" tudo nesta casa. Assim, agora eu tenho um ambiente que Jackie certamente teria descrito como "entulhado", mas que combina com minha alma entulhada e garante distração para os olhos.

"Solteirão vingador", isso é o que me tornei. Uma Ducati decorativa na sala de estar, uma canoa engenhosamente pendurada no teto, miniaturas de carros em exposição por todos os cantos e quadros cobrindo cada centímetro da parede. Agora que todos os meus livros estão guardados na Biblioteca Memorial Selena, aquele cômodo se tornou um ambiente "com vida", e para mim isso meio que representa o "coração" da casa. Com lembranças de Jackie e Selena à mostra na sala, essa sensação de certa forma acaba sendo... apropriada.

De vez em quando eu ainda sou surpreendido pela pontada repentina de uma lembrança dolorosa, despertada por uma foto ou por um objeto, mas isso não chega a ser surpreendente. Talvez eu acabe superando essas coisas uma a uma, de modo que apenas as *boas* lembranças continuarão passando por minha mente. De qualquer forma, há maneiras de escapar disso – basta atravessar a estrada em frente à minha casa. É muito terapêutico seguir para dentro das matas com meus sapatos de neve ou meus esquis *cross-country* e me perder nos movimentos da dança do esquecimento. Para você, "o litoral do esquecimento"; para mim, a Floresta de Lethe!

Uma coisa boa que surgiu na minha ida a Toronto foi a oportunidade de ler seu último livro, *World Enough,* e que trabalho maravilhoso ele acabou se revelando! O maior elogio que posso lhe dar é em relação ao modo como a história "me prendeu", e aqui está um exemplo perfeito: voltando de um jantar com amigos algumas noites atrás, eu pensei, "bom, agora posso voltar para o meu *livro"*. Esse é o maior encantamento que um escritor pode gerar, e posso dizer que fui verdadeiramente *arrebatado* pelo livro.

Parabéns, meu caro. Na minha opinião, você escreveu outra obra-prima, lado a lado com *The Republic of Nothing*. Os personagens são ótimos, as paisagens são "cheias de vida" (você é talvez o primeiro escritor a tornar lírico um parque industrial), o clima é vívido (amei o Rei e os Lordes e Damas, porque deram abertura para a sua "marca registrada" e suas metáforas pungentes) e a narrativa é habilmente entrelaçada.

Durante a minha leitura, ocorreram-me algumas das velhas expressões utilizadas para o ato de contar uma história, como "contar lorota" ou "quem conta um conto aumenta um ponto", e pensei que talvez existam duas abordagens básicas para uma narrativa: contar nos mínimos detalhes, parte por parte, no modo narrativo clássico; ou desenrolá-la, como uma cortina, para revelar a ação nos bastidores. Como afirmou Faulkner, ou Patrick White, não me lembro. Acho que você usou as duas técnicas em *World Enough*; por exemplo: o leitor é deixado na expectativa conforme o destino de Karen é revelado aos poucos. Claro, também é importante que a técnica seja *invisível,* de modo que eu só fui perceber essas coisas quando parei para pensar: "Como ele fez isso?".

O mesmo vale para a maneira que você aborda a política – de forma tão astuta, tão misericordiosa e tão relevante para a história –, que é trabalhada ao longo do livro no melhor do estilo "mostrar sem contar". As injustiças são reveladas sempre pelas ações ou pelas falas dos personagens, e o "autor onisciente" nunca se intromete para discursar. (Que isso me sirva de lição!)

Não sei se o título foi tirado do texto ou entrelaçado nele de modo habilidoso, mas, de qualquer maneira, ele funciona perfeitamente. Sobretudo para incluir a expressão inteira: "*world enough and time*" – "mundo e tempo suficientes". (De onde você tirou isso? Talvez tenha sido de Wordsworth?) Também amei a justaposição de *Folhas de Relva*, de Whitman, e de *A Canção de Amor de J. Alfred Prufrock*. Ultimamente, isso se aplica ao meu caso muito profundamente, porque eu me sinto como se tivesse sido transportado dos êxtases físicos e existenciais de Whitman para os "pensamentos de um cérebro seco em uma estação seca" de Eliot. (Essa citação é do livro *Gerontion,* mas serve.) Pode ter sido profético que alguns anos atrás eu tenha

precisado criar uma pessoa jurídica e escolhido o nome “Prufrock Interests”, embora naquela época eu tivesse a intenção de criar uma ironia bem diferente!

Uma questão que você levantou na sua última carta e que fiquei remoendo em meu cérebro (seco) é qual seria a “coisa” misteriosa que tem me mantido vivo nos últimos meses. A resposta é: eu não sei. Ao menos não por enquanto. Ando tão ocupado tentando descobrir *como* sobreviver que nem penso muito no *porquê,* e neste momento eu não tenho força mental ou a necessidade de pensar nisso. Mas não tenho dúvidas de que algum dia a resposta irá se “cristalizar”, como geralmente acontece nesses casos.

Meu palpite é que a principal força propulsora é instintiva, de origem biológica. O problema em pensar sobre o porquê de eu ter escolhido viver é que eu não posso deixar de pensar no porquê de Jackie ter escolhido *morrer*. (Pois não há dúvida de que foi uma questão de escolha e de vontade.) Pensando de maneira puramente darwinista e considerando os impulsos que as células recebem para sobreviver e se reproduzir, a resposta para ambas as questões pode ser bem simples. De qualquer modo, eu odeio isso. E não é justo. Como escrevi anteriormente para meu amigo Mendelson Joe: “Não há por quê, não é justo”.

Buen viaje, amigo

Why are we here?
Because we’re here –
Roll the bones
Why does it happen?
Because it happens –
Roll the bones

Por que estamos aqui?
Porque estamos aqui –
Lance os dados
Por que isso acontece?
Porque acontece –

Lance os dados

(Roll the Bones, 1993)

Capítulo 10

DESORDEM AFETIVA SAZONAL

Scars of pleasure
Scars of pain
Atmospheric changes
Make them sensitive again

Cicatrizes de prazer
Cicatrizes de dor
Mudanças atmosféricas
Deixam-nas sensíveis novamente

(Scars, 1990)

[Carta para Brutus]
roi-de-neige des Laurentides
8 e 9 de fevereiro de 1999
Lac St. Brutus, Quebec

E aí, *Mangeur de Merde*!

Por aqui, temos uma manhã de segunda-feira novinha em folha, e o padrão continua o mesmo. Um pouco de "pilotagem de escrivaninha" pela manhã e uma caminhada pelas matas à tarde. Ontem fui até a "Floresta dos 100 Acres" com meus sapatos de neve e dei uma volta completa pelo perímetro (acho que foi a primeira vez desde que você e eu fizemos o mesmo percurso juntos), e usei o último pedaço de fita laranja para demarcar os limites do terreno e as trilhas em potencial.

No dia anterior, percorri todo o caminho em meio à terra de Crown e as velhas estradas das madeireiras até chegar a Aerobic Corridor. Depois de dias limpando a trilha e podando os sumagres, como contei a você, eu finalmente pude caminhar por lá sem ter que fazer outras tarefas, e foi uma boa "marcha".

Pela primeira vez, percebi que os caçadores haviam colocado gamelas para alimentar os veados bem em frente aos seus postos de tocaia nas árvores. Não tenho dúvidas de que eles alimentam os animais *durante semanas* antes do início da temporada de caça, para em seguida só se preparar e esperar para abatê-los. Cara, é a mesma coisa que vi no Alasca: isso não é caçar – é só *tiro ao alvo!*

As pegadas de animais sobre a neve também se tornaram uma verdadeira fonte de fascinação, porque estou checando e aprendendo a lê-las. Claro que estou usando alguns manuais para aprender a fazer isso, mas há algumas pegadas que tenho visto com frequência e que me deixaram em dúvida, porque se parecem muito com pegadas de lobo. São maiores do que as pegadas de raposa, geralmente são de animais que andam em bandos de dois ou três e mantêm uma linha relativamente reta, como as raposas, os coiotes e os lobos fazem, mas diferente dos cães de estimação, que ficam perambulando e farejando tudo. Além do mais, até onde eu saiba não há cães nas redondezas.

Ontem, quando eu estava na mata, tive certeza de que um bando de lobos famintos estava seguindo a minha trilha, observando-me detrás das rochas e das árvores, só esperando uma chance para se aproximar de mim rastejando e então me retalhar em pedacinhos. Mas eu escapei.

Por todos esses motivos, a mata ao lado de minha casa tem se tornado muito importante para mim nos últimos tempos – e muito terapêutica –, e eu quero mais trilhas! Uma observação importante sobre o lance das trilhas é que ele envolve o *futuro,* e por isso me faz pensar à frente e até mesmo "aguardar ansiosamente" por algo. Isso não é algo que acontece todos os dias. Como falei a você, geralmente eu acordo e quase de imediato pronuncio uma antiga palavra anglo-saxônica. Então eu estou curtindo a mata.

Semana passada, tive que passar uns dias em (sonoplastia: ouvem-se barulhos de raios e trovões) Toronto. Não gostei. Havia muitas lembranças me açoitando por todos os lados, e gente demais. Dei um jeito de comprimir tudo o que eu precisava fazer em dois dias bem movimentados: fui ao dentista, ao médico, ao banco e ao agente funerário (uma visita muito agradável e uma "entrega" no cemitério Mount Pleasant [Monte Agradável, em inglês] – ai!). Numa das noites, jantei com Ray [empresário do Rush], e na outra, com Geddy, Alex e Liam. Foi ótimo estar com esses caras de novo, porque eles sempre me fazem rir, e a amizade deles está totalmente voltada para que me *deem uma força*, sem fazer pressão em relação às questões profissionais.

Assim sendo, essa parte da viagem foi bastante boa, embora no caminho de volta eu não tenha conseguido evitar "pensamentos deprimentes". Por exemplo, que fardo deve ser para os outros ter de conviver *comigo.* No curso deste longo pesadelo, todos os meus amigos vieram em meu auxílio de um modo virtuoso e em grande estilo. Mas, no fim das contas, não deve ser muito divertido estar ao meu lado: ter que pensar no que dizer, preocupar-se com uma conversa entediante, evitar comentários indelicados, sentir-se constrangido, triste e impotente para fazer qualquer coisa pelo "pobre e velho Neil". Não sei. Só sei que *eu* não iria querer ser meu amigo. ("E, por sinal, *não* sou." "Cala a boca." "Não, cala a boca *você*." "Você é quem está louco, sabe." "Cala a boca!")

Uma das reuniões que tive em Toronto foi com meu corretor de valores. Pedi a ele que fizesse uma estimativa de qual poderia ser a minha "renda fixa", caso eu estivesse aposentado e vivendo apenas dos meus investimentos. Então pedi a Sheila um panorama geral das minhas despesas anuais. E adivinha só? O número de Sheila era mais que o *dobro* do número do corretor. Claro que não sou nenhum matemático, mas sei que isso não é nada bom.

Fiquei angustiado por alguns dias por causa desse assunto (mais uma coisa com que me preocupar – ótimo!). Então, decidi apenas viver do jeito que eu faço e, quando acabar todo o dinheiro, eu vou *morrer*. Puf! Simples, não é? Não sei por que ninguém mais pensou nisso. Talvez eu consiga alguma renda extra trabalhando com planejamento financeiro para outras pessoas: "Bem, Sr. e Sra. Gluck, comparei seus bens e suas obrigações financeiras, e acho que vocês deveriam vender tudo, gastar todo o seu dinheiro e depois *morrer*".

Chega de resmungar – algo bom para falar, algo bom para falar…

Bem, a Biblioteca Memorial Selena se tornou um centro multimídia. Deb conseguiu um bom projetor de slides para mim e um telão para pendurar na parede. Assim, tenho passado algum tempo com os meus slides com as fotos do "Ghost Rider", organizando-os em carrossel. Assim que terminar, vou começar a repassar os slides com as fotos da Scooter Trash também.

Agora estou pronto para fazer as minhas próprias apresentações de slides! Imagina só, na próxima vez que você me visitar poderá se sentar e, completamente embasbacado, ver todos os meus slides durante *horas*.

Ou talvez você prefira ficar onde está…

Hoje eu vou sair para esquiar. Provavelmente darei apenas uma volta tranquila e fácil ao longo de Aerobic Corridor. Quando David Mills esteve aqui [outro amigo de longa data que, assim como sua esposa, Karen, foi muito solícito no decorrer de "tudo"], nós fizemos o Triângulo, um *loop* de 10 quilômetros (marcado no mapa como "difícil") que oferece muitas subidas e descidas, algumas delas íngremes e estreitas. Eu caí pelo menos uma dúzia de vezes (embora geralmente fosse apenas uma "resvalada" enquanto adernava morro abaixo, fora de controle), e aquele filho-da-mãe estiloso não caiu uma

vez sequer. Nem mesmo um tropeção simbólico para fazer o amigo desastrado aqui se sentir um pouco melhor. Dá pra acreditar?

Nossa, eu cheguei até mesmo a sangrar em um momento, quando caí de cara na neve e cortei o nariz em uma crosta de gelo. Eu disse muitos palavrões naquele dia. Contudo, como disse para David no caminho de volta, não há nada que eu preferiria ter feito ao invés daquilo, e certamente farei tudo de novo num outro dia. (É inútil usar as condições difíceis como desculpa, porque o meu suposto amigo não demonstrou ter qualquer problema.)

Mas eu ainda estou achando que sair com os sapatos de neve ou com os esquis distrai e acalma a mente – a alma – muito bem. Isso é bom, porque esta alma de bebê tem feito *muita* manha recentemente. Provavelmente está com cólicas ou algo do tipo. Talvez os dentes estejam crescendo. Sim, é isso: os dentes da minha alma de bebê estão começando a crescer!

Gosto da ideia.

De qualquer modo, hoje as trilhas estarão livres da movimentação intensa do final de semana, então eu espero ter um pouco de paz e tranquilidade interior. Embalar o bebê até ele adormecer...

Também gosto da ideia.

De qualquer modo (sim, mais um "de qualquer modo"), enquanto eu estiver fora vou checar a caixa postal no correio para ver se não encontro alguma carta sua, e mais tarde continuo a escrever esta carta.

9 de fevereiro de 1999

Então... Ontem passei uma ótima tarde esquiando. O dia estava ensolarado e frio, e com um pouco de parafina Green Wax as condições da neve eram perfeitas. Estacionei perto das caixas de correio no topo de Chemin des Blageurs e comecei em Corridor, e em seguida me dirigi para uma trilha secundária sobre o lago Cochon, evitando a parte mais fácil e indo direto para dentro das matas em busca de um terreno mais natural, com algumas subidas e descidas desafiadoras, e – sem cair nenhuma vez – fui seguindo o caminho até a junção com as trilhas do Viking Ski Club.

Pelo mapa das trilhas, parece que há um bom *loop* (um pouco menor) que posso fazer na trilha Viking, e talvez hoje eu vá até lá. (Localizar-se nas trilhas de esqui pode ser tão complicado quanto tentar entender as estradas mexicanas; então, se você não tiver notícias minhas dentro de uma semana, ligue para alguém.)

Ah, sim: fico feliz de saber que você gostou de *Islands in the stream,* de Hemingway. Também fizeram uma ótima adaptação para o cinema, um filme chamado *A Ilha do Adeus,* estrelado por George C. Scott e Claire Bloom, além de David Hemming no papel de um "beberrão" viciado em rum. (Talvez os rapazes gostassem de alugar esse filme uma noite dessas, hein?) No filme, fizeram um belo trabalho com a fala que fecha o livro: "Você nunca entende as pessoas que amam você".

Não é exatamente sobre isso que as minhas últimas cartas falam?

Profundo, cara.

Até mais, baby.

NEP

[Carta para Hugh Syme, meu parceiro na direção de arte das capas de álbuns do Rush desde 1975, e também da capa do livro *The Masked Rider,* da minha videoaula de bateria, *A work in progress*, e dos dois álbuns de tributo a Buddy Rich que produzi]

11 de fevereiro de 1999

Lac St. Brutus, Quebec

Prezado Hugh,

Desculpa ter ficado sem dar notícias por tanto tempo, mas... Meu ano não foi lá muito bom. (Também desenvolvi certo talento para eufemismos.) De qualquer maneira, tenho certeza de que vou superar tudo isso e ter de volta algum tipo de vida dentro de, vejamos, cerca de 10.000 anos. Até lá, vou tentar permanecer na ativa. É isso – apenas parecer ocupado. (Como a frase de para-choque de caminhão: "Jesus breve voltará / Mas parece que está ocupado".)

Faz cerca de seis semanas que voltei para Quebec, depois de uma

odisseia de moto de quatro meses que passei a chamar de “Estrada da Cura”. É claro que essa estrada não tem um destino efetivo, mas há algumas lindas paisagens ao longo do caminho, e isso me fez bem. Você pode imaginar o quão abalado eu estava quando voltei de Barbados, logo após também ter perdido Jackie. Eu não gostava de nada, não me importava com nada e não queria fazer nada. Foi um momento perigoso.

Então, num processo de tentar reconstruir algo, experimentei fazer coisas de que eu costumava gostar, para ver se elas ainda eram boas. Alguns dos “consolos” da vida voltaram até mim, embora nada fosse tão bom quanto *costumava* ser. Durante os seis meses que Jackie e eu passamos em Londres, comecei a ler novamente e em seguida a fazer caminhadas de *quilômetros* ao redor de Londres. Para o norte, rumo a Regents Park Canal e Primrose Hill; para o leste, caminhando ao longo do rio até St. Paul’s; no oeste, passando através do Hyde Park e de Kensington Gardens até chegar a Holland Park; ou ao sul, cruzando Kensington e Chelsea até Hammersmith Bridge. Marche, marche, marche...

Em Barbados, voltei a observar pássaros, o que continuou sendo uma boa distração nas minhas viagens recentes. Também foi em Barbados que voltei a andar de bicicleta. Com a bênção de Jackie (afinal, havia sido ela quem tinha comprado minha primeira bike de adulto, o que começou algo realmente *novo* em minha vida, e depois minha primeira moto, que começou *outra* coisa totalmente diferente), comprei uma *mountain bike*, e manhã sim outra não eu saía e me perdia em meio às colinas e ao calor da parte norte da ilha.

Remar voltou a fazer parte de minha vida no verão passado, e quando estava no lago eu puxava furiosamente os remos do meu pequeno barco, extravasando um pouco de energia e um pouco de raiva. (Sim, eu carrego uma quantidade considerável dessa *commodity* inútil, e digo muitos palavrões ao longo do dia.)

Durante esse longo e escuro inverno da alma, em que ela foi arrastada para o fundo por um redemoinho interminável de pesadelo e horror, só o que eu pude fazer foi me apegar à família e aos amigos próximos, que são como se fizessem parte dela, e felizmente eles vieram ao meu encontro de tal maneira que transformaram a minha

vida.

Por experiência própria e pela leitura de muitos "livros de luto" (que área de estudos mais empolgante!), sei que cabe a mim restabelecer contato com as pessoas que eu quero que continuem a existir na minha "nova vida". (Se elas quiserem, é claro.)

Nos últimos tempos, estou começando lentamente a entrar em contato com velhos amigos, uma carta por vez, e eu ainda aprecio muito o processo de reunir as palavras e tentar expressar as coisas por escrito. Contudo, no momento, minha ambição só vai até aí. Ou até *aqui.* Por ora, escrever cartas é o suficiente, e não devo exigir muito de mim mesmo. Para mim, me "comunicar" um pouco todos os dias e levar minha pequena alma de bebê para dar uma volta já é o suficiente. É o que tenho feito, junto com algumas outras tarefas rotineiras de menor importância.

Claro que sei que provavelmente há um livro com muito potencial que pode ser escrito a partir da minha vida e das minhas recentes "viagens", tanto existenciais quanto geográficas, e até mesmo sobre trechos da turnê do Rush, mas eu também sei que escrever um livro como esse daria um trabalho danado. Ainda não estou pronto para isso. Como aconselham os guias do Kilimanjaro na subida do monte: *pole, pole*. Devagar, devagar.

Meu antigo entusiasmo pela vida e pelo trabalho também sofreu um sério golpe. Agora é difícil imaginar que qualquer coisa *tenha muita importância,* e isso é exatamente o oposto da atitude mental necessária para que alguém fique obcecado por fazer algo. Então, eu apenas continuo em movimento.

Lá na estrada, comecei a me chamar de "Ghost Rider", o motoqueiro fantasma, porque me sentia completamente alienado e isolado de todas as vidas normais ao meu redor. Eu carregava muitos "fantasmas" comigo (na minha "bagagem") e viajava frequentemente atrás do "rastro" deixado por fantasmas mais antigos, quando eu visitava as paisagens reminiscentes de Jack London, Ernest Hemingway, Lewis e Clark, pioneiros, garimpeiros (até mesmo algumas "cidades-fantasma", que serviram para uma metáfora profunda), tropeiros da Pony Express, mórmons, lakotas, apaches, astecas e todas as almas perdidas do passado.

Comecei a tirar uma série de fotografias do "Ghost Rider": eu parava no meio de uma estrada deserta, estacionava a moto no cavalete de modo que parecesse que estava em movimento e então corria para trás para tirar a foto da moto em meio à paisagem circundante, com a rodovia se estreitando ao fundo. Depois que eu tive essa ideia, ela se tornou meu "pequeno truque", e consegui tirar algumas fotos ótimas, como a do deserto de sálvia na Great Basin, a do deserto de creosotes de Mojave, a dos monolitos de pedra enormes em Monument Valley, a dos desertos de cactos do Arizona e a de Baja California. Até mesmo as estradas lamacentas da floresta tropical na América Central renderam boas fotos.

Muito tempo atrás, Geddy me disse que estava trabalhando com você na capa de um álbum ao vivo, mas não vi a arte, e sequer escutei as gravações. Esse é outro âmbito de minha vida a respeito do qual me sinto seriamente dividido, porque todos esses trabalhos foram feitos pelo meu antigo eu, e me sinto particularmente alienado em relação ao "cara que estava na banda". (Isso indica um grave transtorno de personalidade; eu poderia estar personificando uma "Sybil" ao contrário, fragmentando-me em diversas pessoas. Legal!)

Mas todas as vezes em que tentei ouvir o som do Rush, ou até mesmo a assistir à minha videoaula, aquele cara simplesmente não parecia ser *eu.* É difícil de explicar, mas ainda mais difícil é ter que viver com isso, então eu busco me afastar desses pensamentos. De fato, a música em geral é estranha para mim. Eu mal posso imaginar a vida sem algum tipo de música, mas tenho que ser cuidadoso com o seu poder emocional. Lembra suas aulas de arte sobre Aristóteles, que definia o propósito da arte enquanto catarse, que provoca e libera emoções de maneira indireta? Bem, eu não preciso de nada desses lances gregos; já tenho emoções demais sendo provocadas e liberadas o tempo todo, e elas não são nada *indiretas.*

Se você pensar na música como uma espécie de "trilha sonora da sua vida", talvez você entenda que neste momento esse é o tipo de música de que eu não preciso para me fazer lembrar das coisas. (Foi um filme ruim, cara – ao menos o *final* foi péssimo, mesmo que a música tenha sido boa). E eu não estou mais interessado em explorar novas músicas ou em me manter "atualizado". Sequer escuto o rádio.

Então eu tenho ouvido coisas neutras, como o Grande Frank (Sinatra, é claro, principalmente a fase "swing", evitando as músicas tristes), e também muitas coisas dos anos 1980: músicas que posso ouvir apenas para me divertir, sem nada daquela maldita catarse.

E agora o Brutus "se foi" também. Porra. (Minha palavra favorita nos últimos tempos.) Suponho que devo segurar as pontas sem minha filha, sem minha esposa, sem meu cachorro e, agora, sem meu melhor amigo. Que tipo de teste é esse? E quem me inscreveu para participar dele?

Bem, só o que posso fazer é me apegar à filosofia "Roll the Bones" – isso é, do "Lance os dados" – e não me atormentar com perguntas acerca do "motivo" e da "justificativa". Aconteceu porque aconteceu, estou aqui porque estou aqui, e tentarei aproveitar essas informações de merda da melhor maneira que puder.

Afora isso, estou indo "tão bem quanto o esperado". Espero que você também.

Seu amigo muito preparado para o combate,
NEP

[Carta para Mendelson Joe]

26 de fevereiro de 1999
Lac St. Brutus, Quebec

Em primeiro, um cordial "muito obrigado". Foi um dos atos de maior consideração que fizeram por mim em muito tempo. O dia em que recebi seu pacote [com tintas acrílicas, pincéis e telas] estava sendo particularmente ruim, então a beleza do seu presente brilhou ainda mais forte.

Ainda não "joguei nenhuma tinta no branco", mas percebi que a simples ideia de fazer isso já interferiu no padrão dos meus *pensamentos.* Por exemplo, eu me pego olhando para os quadros da minha casa com um olhar diferente não apenas admirando os *efeitos* deles sobre mim*,* mas pensando também em como eles foram feitos.

Tenho na parede uma das paisagens invernais pintada por você (em forma de losango, com uma lua cheia amarela sobre um lago

congelado e uma cabana para pesca no gelo) e sempre gostei de "mergulhar dentro dela", mas no outro dia percebi que, enquanto olhava para ela, eu estava pensando nas sombras perspicazes sobre a neve: "Hmm... Como eu faria para conseguir esse mesmo efeito usando pincel e tinta?".

Ou me sento e fico olhando para a minha Ducati na sala de estar, observando o modo como a luz brinca através de sua forma curvilínea em diferentes tons de vermelho, e penso como eu poderia misturar as tintas para capturar uma forma como aquela usando a cor pura em vez de traçar um contorno. Esses são pensamentos "aventureiros", e você pode ver que seu presente já deu ao meu cérebro um exercício interessante. Veremos para onde isso vai me levar.

A crise que estou tendo nesta semana tem sido o contrário da Febre de Primavera: o derretimento do gelo definitivamente está vindo, e eu estou com medo. Embora ainda tenhamos bastante neve e eu tenha saído para fazer esqui *cross-country* todos os dias da semana passada e encontrado sempre condições perfeitas, nesta semana já dá para perceber que os dias estão ficando mais longos e o sol está ficando mais forte, e logo a temporada de inverno terminará. Há chuva, lama e melancolia no horizonte, e minha pequena alma de bebê não quer sair para brincar em meio a *essas coisas*.

Ao longo de janeiro e fevereiro, consegui elaborar uma maneira razoavelmente tolerável de passar os dias e as noites (como já contei a você), mas agora é o momento de começar a pensar em novas alternativas. Pode ter certeza de que ao menos vou tentar "jogar umas tintas na tela", e que caso eu precise encontrar um jeito de me *colocar em movimento*, sempre haverá a minha GS estacionada lá na Cidade do México.

Em uma carta recente, falei para Brutus que, desde que voltei da minha jornada, não sinto tanta falta de viajar quanto sinto de *pilotar*. Mesmo quando eu vou até a vila para ir ao correio ou ao mercado, gostaria de ir de moto. No começo deste mês tive que fazer uma viagem rápida até Toronto para resolver negócios e ir ao médico e ao dentista, e eu teria até gostado dessa obrigação se pudesse ter feito a viagem sobre duas rodas. O mesmo acontece com qualquer convite para visitar meus amigos e a minha família: "Esperem até eu poder ir

de moto". (Aqui, só é possível andar de moto com segurança a partir de maio, por causa de toda a areia, do cascalho e dos buracos no asfalto que o inverno deixa para trás nas estradas locais.)

Pouco tempo atrás, Geddy me deu um livro chamado *The Perfect Vehicle – What it is about motorcycles* (*O veículo perfeito – O que é que as motocicletas têm*), de Melissa Holbrook Pierson, e eu recomendo que você leia esse livro. Essa mulher é uma ótima escritora e uma motociclista séria (ela escolheu ter justamente uma Moto Guzzi), e ultimamente tenho feito a piada de que talvez eu seja obrigado a me casar com ela – se ela tiver dinheiro.

Ela escreve de forma comovente a respeito da aura romântica que envolve as motocicletas, e faz a mesma conexão que eu entre as motos e o desejo natural do ser humano por *movimento*. "Nós acalmamos nossos bebês com movimentos cíclicos, e nós acalmamos a nós mesmos ao continuar a rodar."

É óbvio que essa mulher entende minha pequena alma de bebê...

É engraçado você ter mencionado o gelo no lago. É uma coisa com a qual sempre fui *muito* cuidadoso, e nunca gostei de cruzar a água congelada sozinho, mesmo quando eu sabia que era seguro (como agora, pois o tempo tem estado bom e frio por meses, e o gelo tem vários centímetros de espessura). Às vezes eu caminho por ali se estiver *com* alguém, com sapatos de neve ou esquis, mas eu os faço caminhar a cerca de 15 metros de distância de mim e usar bastões de esqui. Só por garantia.

Bem, cansei de tentar adivinhar a espessura do gelo, principalmente no começo da temporada, então na semana passada eu comprei um medidor de gelo como aqueles que os pescadores usam. Agora eu posso fazer minha própria perfuração e medir. Ainda não testei, mas vai ser interessante fazer um pouco de perfuração exploratória por aí.

Afora isso, vou me agarrar a esses últimos dias perfeitos de inverno e tentar aproveitá-los bem. E também sei que eles são algo pelo que esperar no próximo ano – e, neste momento, isso é algo bem importante para mim. Há dias em que eu não sinto que tenho muito pelo que esperar (ou talvez eu só não tenha coisas com as quais eu *me importe o suficiente* para esperá-las). Então, se eu posso pensar em abrir

novas trilhas no próximo verão ou esquiar e caminhar na neve no próximo inverno, já está bom o suficiente pra mim.

Meus pequenos amigos de penas também têm oferecido outra distração – a tarefa de *alimentá-los*. Agora eu tenho três tipos diferentes de alimentadores para pássaros do lado de fora junto à janela da cozinha, com sementes mistas, sementes de girassol e uma bola de sebo. Até o momento eu só consegui atrair alguns *chickadees*, mas eles são bonitinhos o suficiente, e há também os gaios-azuis e muitos pica-paus ao redor que devem entender a mensagem de "comida grátis". Sem contar que a migração de primavera começará logo (ai!) e trará os "viajantes" para cá.

Você já ouviu alguém se lamentando tanto por causa da chegada da primavera? Bem, é claro que no meu caso é uma questão de *contexto*: minha vida acabou de alcançar um equilíbrio tênue, e a mudança da estação é o suficiente para interrompê-lo. Além do mais, eu acho que de certa forma o clima do inverno *combina* com a minha pequena alma de bebê: a desolação e a austeridade fria da paisagem branca, as matas inertes e o modo como minha casa – meu santuário – fica fechado e protegido por altos bancos de neve. Agora eu me sinto mais ou menos confortável vivendo como uma "alma de inverno", e não posso sequer imaginar como seria ter uma "alma de primavera".

Estava lendo em algum lugar que o *chickadee* pode ser considerado o pássaro canadense por excelência, porque até mesmo nos mais gélidos dias de inverno é alegre, ativo e cheio de vida. *Chickadees* também têm almas de inverno.

No entanto, eles também devem seguir as estações – adaptar-se –, e isso é o que venho tentando fazer nos últimos tempos. Adapte-se ou pereça. Então, eu devo guiar cuidadosamente a minha pequena alma de *chickadee* rumo ao solene novo mundo da primavera. Lembro de uma vez em que você descreveu a ordem na qual você criava uma pintura de paisagem, começando pelo que "já estava lá antes", e descobri que meu próprio processo de reconstrução do mundo teve de começar com a *terra.* As primeiras coisas que comecei a apreciar foram as paisagens, as estradas e a vida selvagem, e é claro que esses eram os elementos de que eu precisava para começar a construir um mundo – a partir do chão. É uma tarefa e tanto que tenho pela frente:

construir um mundo, uma pessoa e uma vida.

Bem, as coisas nunca são fáceis.

Mais uma vez, obrigado pelo seu presente atencioso, Joe, e saiba que ele já me concedeu o grande benefício de me dar "algo legal em que pensar". Isso tem se mostrado algo muito precioso para mim, nesta montanha-russa da minha suposta vida.

Semana passada houve alguns dias em que me senti muito bem no "aqui e agora", mas nesta semana passei por dias em que me senti muito mal em relação a *tudo.* Na verdade, quando tive alguns dias bons, sofri logo depois com uma dor aguda de *culpa,* como se talvez eu estivesse "superando" as coisas com facilidade demais. Mas eu nem precisava ter me incomodado com isso – o baque veio logo em seguida. Acho que também tenho que me adaptar a ciclos desse tipo. Que Zeus me ajude!

(Ou os *chickadees*, tanto faz)

Seu amigo,

NEP

[Carta para Brutus]

le petit oiseau d'hiver

1º de março de 1999

Lac St. Brutus, Quebec

E aí, *Fahrvergnügen*!

Um novo dia, uma nova semana, um novo mês, e também estamos quase em uma nova estação. Quanto a mim, não estou muito feliz com nada disso, e esta semana eu tive um ataque sério de "Febre de Primavera Reversa". Eu sinto a mudança chegando, e isso faz com que eu me sinta com frio e com medo.

Que droga, agora que eu estava começando a gostar da ideia de ter uma alma *de inverno!* Eu me dei conta de que não são apenas as atividades na neve que têm feito bem para mim e para a minha pequena alma de bebê: é também algo tão penetrante e elementar como a *aparência* do mundo ao meu redor – a paisagem austera e

clara. (Pensando sob esse ponto de vista, para o córtex visual o verão é realmente mais escuro que o inverno.) Em todos esses aspectos, o inverno combina com meu humor, e eu também gosto da sensação de estar abrigado em meu santuário cercado por camadas profundas de neve por toda a volta. É aconchegante.

Embora o inverno ainda não tenha terminado, visto que ainda há uma camada profunda de neve lá fora e o frio ainda castiga as terras por aqui, na semana passada começaram a aparecer os primeiros sinais de mudança. Os dias estão mais longos e o sol está mais forte, de modo que quando a temperatura sobe apenas um ou dois graus acima de zero tudo já começa a derreter. As calhas estão gotejando, e a água murmura pelos canos de escoamento e forma poças na alameda.

Ontem foi um dia particularmente sombrio, e caiu uma chuva levemente congelada que se transformou em neve à noite. Pela manhã havia alguns centímetros que "renovaram" a paisagem lindamente. As árvores estavam nuas, as estradas tinham voltado para o marrom e os bancos de neve estavam cheios de cavidades como aquelas de Athabasca Glacier, por onde caminhamos sob a chuva lá nos Campos de Gelo Columbia.

No entanto... Fico feliz em por dizer que minha temporada de alimentar pássaros está se tornando um grande sucesso na vizinhança (ao menos com os *chickadees*), e também recebi a visita de alguns tentilhões rosados outro dia. À medida que a temporada de migração for se aproximando (pobre de mim!), tenho certeza de que verei mais pássaros "exóticos" passando por aqui. É bom ter os passarinhos para admirar da janela da minha cozinha. Um pouco de vida lá fora.

Do livro Os pássaros do Canadá:

Alguém já viu um chickadee *deprimido? Mesmo no dia mais cinzento em pleno inverno, quando o termômetro permanece abaixo de zero e a neve se acumula sobre a terra, o* chickadee *é a personificação da alegria e do bom humor.*

Bem isso! Então agora minha alma é um *chickadee* (embora eu não reconheça a parte da "personificação da alegria e do bom humor",

mas estamos trabalhando nisso). O problema é que os pintarroxos estão chegando, e realmente não posso imaginar meu pequeno *chickadee* como uma "alma de primavera". Por isso, esta última semana tem sido difícil para mim. Acho que poderíamos chamá-la de "etapa de transição", para colocar o melhor brilho possível nela, mas eu sinto mais como se fosse... hm, digamos, "deprimente". Há esta perguntinha patética que surge na membrana da superfície do meu cérebro: "O que eu vou fazer?"

Ainda não sei, mas estou pensando nisso….

Nesta semana eu pretendo tentar digitar o que escrevi nos meus diários do Ghost Rider, o que pode ser um tipo de "projeto" que eu posso levar adiante mesmo com os recursos mentais limitados disponíveis no momento. Não se trata de *escrever,* apenas de datilografar. (Como Truman Capote disse ao se referir a Jack Kerouac.) Mas é claro que o meu principal problema para os próximos dois meses, à medida que a neve se transforma em lama, é como eu serei capaz de levar minha pequena alma de bebê para dar uma volta.

Assim eu também estou tentando me forçar a entrar em contato com meus parceiros na Cidade do México nesta semana e pedir para que eles comecem a trabalhar para colocar a minha pobre e velha GS em boas condições de viajar. Ter meu paraquedas pronto para o caso de eu ter de pular fora. Não tenho qualquer plano no momento, nem qualquer desejo particular de sair a esmo de novo, mas suponho que deva cogitar essa possibilidade.

Quando Mark Riebling veio me visitar duas semanas atrás, ele me trouxe a biografia de Keith Moon, o grande herói da minha adolescência, e eu estava lendo o livro na semana passada. Sua vida e sua época trouxeram aos meus pensamentos muitas memórias da minha própria vida durante os anos 1960 e 1970, quando toquei em bandas, fui ao meu primeiro show do The Who, vivia em Londres etc. Mas o que está no livro é a vida real do cara, que não foi muito bonita. Cada vez mais fora do ar o tempo todo, sempre sob o efeito de alguma coisa, ele entrava e saía de fazendas terapêuticas, clínicas de reabilitação e até mesmo de um hospital psiquiátrico, sempre quebrado, sempre fodendo com tudo, decepcionando os amigos e envergonhando-os ao invés de diverti-los. Um cara inseguro, infeliz e

geralmente patético. Praticamente liquidado antes dos 30 e morto aos 32. Uma boa vida sobre a qual refletir, e refletir contra a minha própria vida, durante uma semana de crise existencial! Mas foi assim que as coisas acabaram acontecendo….

[Então segue uma longa recitação de desgraças: problemas de saúde na família, uma cobrança de impostos gigante, a situação legal e financeira de Brutus, os problemas com a fossa séptica e a aflição existencial generalizada.]

Há apenas uma única palavra para tudo isso, e desta vez não há necessidade de proferi-la. Mas eu vou. PORRA!

Pronto, assim é melhor. Percebo que todo este "extravasamento" poderia estar prejudicando até mesmo *suas* fontes inesgotáveis de paciência e bom humor, e sinto muito por isso. (Sabe, eu acho que você é o verdadeiro *chickadee* por aqui, "a personificação da alegria e do bom humor". Sim, você é bem assim.) De qualquer maneira, desculpa por empurrar toda essa escuridão pro seu lado. Mas foi assim que as coisas acabaram acontecendo.

Agora não vá você exagerar só porque eu decidi "extravasar" um pouco. Provavelmente é bom para mim (deve ser, porque não "parece" muito bom), e tomara que não lhe cause nenhum dano. Presumo que você se sinta um pouco como eu me sinto, que eu tenho tantos problemas que Os Problemas dos Outros simplesmente não me afetam tanto.

Bem, é claro que os seus problemas me afetam, mas isso acontece porque, como disse William Jefferson Clinton, "eu sinto a sua dor". Mas não vá você sentir a minha dor, ou eu mato você.

Entendeu? Não coloque um dedo sequer na minha dor, cara!

Vamos falar de coisas boas... na semana retrasada eu tive uma ótima sequência de dias. Esquiei diariamente, como o *roi-de-neige* que sou, com condições climáticas perfeitas – sol brilhante e neve fresca –, o que me levou a um circuito épico nas trilhas Viking, pelo menos 25 quilômetros ao longo de mais de quatro horas. Retornei com uma moleza no corpo, exausto mas triunfante. Tudo foi excelente, mas aqueles foram os "bons dias de outrora". Apenas um pouco de luz entre dois túneis, porque a escuridão veio fulminante outra vez.

Ontem eu ia fazer a barba, como um gesto de mudança e de

renovação (agora me dei conta de que esta é uma cena extraída direto de *A Ilha do Adeus*), mas resolvi que tinha de aguardar até que Brad e Rita chegassem – não poderia negar a ela a oportunidade de expressar seu desprezo pela barba mais estúpida do mundo. (Nem aparei a barba desde julho passado, então, se você quiser ter uma ideia de como estou, é só imaginar o Major Powell com um cavanhaque. Está hor-rí-vel. O mesmo vale para o meu cabelo, mas eu vou deixar assim por um tempo: é bom acordar parecendo um verdadeiro maníaco após uma terapia de eletrochoque!)

Então, espero que você esteja indo mais ou menos como estou (nem melhor, nem pior), assim nós dois podemos ser infelizes juntos. Sempre que eu começo a pensar, "Credo, sou o maior fracassado da Terra", eu penso novamente e continuo: "Não, eu não sou – conheço alguém que é mais fracassado do que eu!".

Assim eu me sinto muito melhor. Espero que você também.

Do seu pequeno *chickadee*

[Carta para Brutus]
la neige est mon dieu

4 de março de 1999
Lac St. Brutus, Quebec

E aí, Seu Frutinha!

Como você está hoje? Aqui temos um dia escuro e úmido, com chuva, muito gotejamento e neve empapada por todos os lados, com uma aparência tão cinzenta e estufada como a sua cara depois de uma noitada. Tivemos cerca de 20 novos centímetros de neve ontem, caindo no formato mais pesado e grosso que você pode imaginar. Os flocos desabaram como se fossem uma cortina branca densa, e eu esquiei por aí (caminhei pesadamente, na verdade, porque a neve nas trilhas estava alta e ainda não havia sido ajeitada). A cena ao meu redor parecia definitivamente surreal.

Eu estava coberto da cabeça aos pés por uma camada de neve e

gelo, e a barba mais estúpida do mundo estava tão pesada que eu conseguia sacudi-la como se fosse um pêndulo. (É óbvio que fiz isso, e foi tão legal!) Quando cheguei de volta ao carro, ele estava enterrado debaixo de uns bons 10 centímetros de neve fresca, embora eu tivesse ficado fora por apenas uma hora e meia.

Nevou daquela forma ininterrupta até o entardecer, e então uma frente de ar quente vinda da sua direção chegou e trouxe temperaturas mais quentes e chuva ao longo da noite. É assim que o tempo está agora, embora o barômetro esteja no nível mais baixo que já vi (fiz uma marca com minha caneta Sharpie para celebrar o momento) e esteja muito escuro lá fora. Também há ventos intermitentes vindos do leste e do nordeste, e isso nunca é bom. A previsão do tempo do canal CBC diz que hoje mais tarde uma frente fria vinda do oeste trará a neve de volta e me garantirá um bom dia amanhã. Amém.

E isso resume um dia como este, tão melancólico quanto poderia ser. Mas a minha pequena alma de *chickadee* está tendo menos dificuldades para enfrentá-lo porque ontem eu dei uma boa esquiada e hoje de manhã a pressão barométrica superbaixa fez com que me sentisse agradavelmente duro e dolorido do esforço de deslizar por 10 quilômetros como um trator removedor de neve.

De qualquer maneira, é hora de este pequeno *chickadee* dar continuidade ao seu dia, e talvez também de levar esta carta ao correio. Embora eu recém tenha enviado uma para você na segunda-feira, tenho a sensação de que esta aqui está um pouco mais alegre. Minha mãe me ligou noite passada e perguntou se eu estava recebendo a tempestade de neve que ela "desejava" para mim. Depois de conversar comigo noutro dia (sob as circunstâncias tensas de que lhe falei), ela chegou à conclusão de que eu precisava de uma boa nevasca. Então, usou seus poderes de mãe para desejar que isso acontecesse. E ela não estava enganada.

Apesar da penumbra da manhã aqui, eu "sei" que a neve voltará em breve, e novamente no sábado, então está tudo bem. Muito bem, mamãe!

Outra noite recebi um fax de Liam que remexeu com o caldo negro do meu cérebro de um jeito bem ruim. Sua intenção era um tanto inocente: ele apenas disse que tinha se encontrado com Geddy e Alex

para discutir maneiras de cortar nossas despesas coletivas porque, hum, não há nenhuma renda entrando, e que eles tinham conversado sobre todo o equipamento no depósito e o que fazer com ele. Então, eu imagino que o pobre do Liam foi o incumbido de perguntar para mim o que eu pensava sobre essa "simples" questão que, é claro, abre um enorme conjunto de *outras* questões, e a resposta para uma precisa conter a resposta para todas as outras. Velho!

Ele deveria saber o que estava exigindo de mim (ou, pelo menos, o que ele *exigirá*!). E aquele fax me assustou tanto que fiquei alguns dias sem vir até o escritório, para não ter nem sequer que vê-lo sobre a minha escrivaninha.

No meu atual estado, já é ruim o suficiente eu ter que meramente *contemplar* essa decisão: como isso me afeta, mas quanto pior é saber que a resposta "certa" poderia fazer tantas *outras* pessoas felizes? (E não estou falando de estranhos.)

Portanto, podemos dizer que esta é uma pergunta com certo "peso".

Depois, há também o fato de que eu não pego uma baqueta há 18 meses, e nem tive vontade disso; na verdade, percebi que quando eu entro na sala da caldeira do sistema de aquecimento de minha casa, eu evito até mesmo *olhar* para a bateria que está guardada lá. Antes, tocar bateria era algo central em minha vida, e talvez seja consequência disso o fato de que atualmente ela é a coisa mais distante dos meus "interesses". Continuo longe de querer sequer pensar na mera noção abstrata de tocar bateria, e eu já disse a você antes como eu me sinto apartado "daquele cara". Então, por enquanto, eu tenho sido capaz de seguir o rumo sábio: estou ignorando a questão completamente.

Na verdade, enquanto esquiava ontem, pensei em todas as "condições" que eu poderia impor para voltar a trabalhar: "Só vou sair em turnê se *Brutus* for comigo de moto de novo, então vocês vão ter que tirá-lo da cadeia e conseguir para ele um visto permanente".

Bem, não sei se alguém tem *esse* tipo de poder. Mas, como diz a linda frase final de *O sol também se levanta,* "Não é sempre agradável pensar nisso?".

De qualquer forma, devo continuar *não* pensando sobre a questão

(porque ela é verdadeiramente impensável para mim neste momento) e vou tentar encontrar um meio de avisar para todo mundo que não estou pensando sobre isso (com muita dedicação).

Então, me conta, meu pequeno *chickadee* aprisionado, você acha que agora consegue entender o título do livro de Maya Angelou, *I know why the caged bird sings* (*Eu sei por que o pássaro engaiolado canta)?*

Continue assoviando.

[Carta para Gay Burgiel, minha amiga ciclista de New Jersey]
24 de março de 1999
Lac St. Brutus, Quebec

Querida Gay,

[Recapitulação das atividades de inverno]

Ao longo do inverno eu também recebi um bom "fluxo" de visitas, e meio que planejei alternar uma ou duas semanas sozinho com uma visita de parentes ou de amigos. Tenho sido um grande defensor da prática de caminhar na neve junto a esses visitantes vindos de Toronto, Vancouver ou Nova York, que querem descobrir os "verdadeiros bosques". Qualquer um pode aprender isso facilmente ("se você consegue caminhar, você…." etc.), e essa prática permite a eles que entrem nas matas e apreciem a beleza do "grande silêncio branco".

Na semana passada, Steven, irmão de Jackie, esteve aqui (o mesmo que ficou em Barbados conosco cuidando de Jackie e que eu encontrei em Belize para viajar comigo durante os dias negros do Festival Pagão do Meio do Inverno). Como outra alma que foi atingida pelas nossas tragédias recentes, ele foi capaz de identificar o mesmo "santuário" que eu na combinação de movimento e paisagem. Nós marchamos através da floresta e cruzamos os lagos congelados até chegarmos às partes remotas da mata ao redor, que eu ainda não havia explorado. Mergulhador aposentado e amante da natureza, Steve também ficou interessado no meu recente hobby de rastrear animais, tentando identificar e interpretar as marcas na neve deixadas pelos "animais

fantasmas".

Porco-espinho, alce, veado, coelho, lebre-americana, esquilo, raposa, camundongo, doninha, tetraz e um número surpreendente de outros rastros foram avistados e identificados por nós dois, mas alguns permanecem um mistério. Algumas pegadas grandes, caninas, podem ser tanto de coiotes do leste quanto de lobos cinzentos, mas pelo que apuramos os moradores locais nunca ouviram falar de coiotes por aqui, e embora os lobos tenham existido neste local no passado, eles foram impiedosamente capturados em armadilhas ou envenenados (por caçadores de veados) à medida que a região foi sendo povoada, então parece improvável que tenha restado algum espécime. Os guias de campo incluem tanto coiotes quanto lobos na lista de animais residentes nesta área, então estou listando ambos como "possíveis". Mas, até que eu tenha uma prova melhor, não estou disposto a afirmar: "Há lobos aqui". A pesquisa continua….

Meu elaborado comedouro para pássaros também é uma constante fonte de entretenimento, com pica-paus e *nuthatches* nos blocos de sebo do topo, *chickadees* e tentilhões, que comem as sementes nos potes do meio, e *redpolls, siskins* e juncos no chão. À noite sou visitado com frequência até mesmo por um esquilo-voador, que se lança de uma árvore próxima e persegue os camundongos que correm para dentro e para fora das tocas na neve para recolher as sobras.

E essa tem sido a rotina dos meus dias. Logo passaremos por algumas mudanças sazonais, mas continuarei me "adaptando" da melhor forma que posso. É preciso muita força de vontade, não me importo em admitir, mas estou igualmente feliz porque pelo menos eu posso me dedicar a mim mesmo em tempo integral. O que Freud chamou de "trabalho do luto" é algo pelo qual todo enlutado tem que passar, e embora certamente seja possível se distrair dessa tarefa com outras atividades, querendo ou não, isso apenas significa que o trabalho de luto ainda tem que ser feito.

Seria melhor se pudéssemos simplesmente nos concentrar no problema mais próximo, fazer os trabalhos que têm que ser feitos da melhor forma que pudermos, e encontrássemos uma diversão ocasional em alguma atividade terapêutica, como se manter em movimento, o que também traz outros benefícios: boa forma,

estímulo, distração temporária, algo a ser planejado e até mesmo algumas coisas menores para aguardar. Isto também é algo importante em que se amparar: ter algo para esperar.

Bem, por enquanto estou esperando o verão para poder pedalar, andar de moto, nadar, remar e desbravar trilhas – o que me faz antecipar o próximo inverno, quando poderei caminhar na neve e esquiar pelas trilhas que marquei. Não é uma vida muito movimentada, mas é tudo o que tenho no momento.

Talvez eu fique mais "sério" à medida que o tempo for passando. Ou talvez não. De qualquer modo, não tem nada a ver com o trabalho do luto e nada a ver com "o cuidado e a alimentação de uma pequena alma de bebê."

Nos últimos tempos, as prioridades têm sido outras.

Seu amigo,
NEP

[Carta para Lesley Choyce]
30 de março de 1999
Lac St. Brutus, Quebec

Caro Lesley,

[Recapitulação das atividades de inverno]

Infelizmente, a temporada de esportes na neve sofreu um abalo considerável nos últimos dias, porque a temperatura tem ficado em torno dos 10°C o dia todo, com céu claro e ensolarado, e quando você fica na rua tudo o que escuta é uma sinfonia da água gotejando do telhado, descendo pelas calhas e pingando na poça de gelo no chão.

Agora começa a temporada da lama aqui, uma época que eu vinha temendo. Minha necessidade por "terapia física" poderia ser preenchida com, digamos, pedalar ou até mesmo andar de moto, mas no próximo mês as estradas por aqui serão uma bagunça de areia, cascalho, lama e água corrente. Remar também seria legal, mas vai levar ainda algumas semanas para que o gelo do lago derreta completamente. E quanto a nadar…. bem, isso também vai ter que

esperar.

Chegou a temporada do Limbo.

"O quão baixo

Você pode chegar..."

Bem, espero que não muito. Tenho meu paraquedas pronto para o caso de eu precisar pular fora. Algumas semanas atrás eu senti a mudança do vento (na verdade, senti o sol no meu rosto) e entrei em contato com a concessionária BMW da Cidade do México para pedir que deixassem a moto pronta até meados de abril.

No momento, não tenho nenhum desejo particular de sair a esmo, mas seria bom pegar um voo até lá e voltar para casa de moto (por uma rota adequada, sinuosa e com lindas paisagens, é claro), e chegar aqui em algum ponto de junho, pronto para os esportes de verão. Um plano como esse poderia me fazer resistir até o final do verão, e isso deve servir.

Já falei para você alguma vez de um escritor americano chamado James David Duncan? Posso ter falado nele, porque, enquanto leitor, acredito que Duncan pareça ter um espírito do mesmo tipo que o seu. Embora sua "canção" seja sobre as regiões no noroeste do Pacífico, assim como você ele consegue mostrar seu amor não apenas pelo lugar, mas pelos personagens, e consegue sondar sua profundidade e seu destino, sem usar muito "chumbo". Tipo, ele é capaz de ser profundo sem ficar muito "pesado", cara.

Eu já tinha lido o livro *The river why* um tempo atrás, e recentemente eu li *The brothers K,* que é um dos melhores retratos dos anos 1960 de que posso me lembrar, englobando beisebol, budismo, drogas, Vietnã, religião e, é claro, sexo e amor.

Contudo, por razões pessoais, eu resolvi banir todos os romances baseados em beisebol ou na Primeira Guerra Mundial. Entendo que o beisebol promova um ambiente popular que permite que se explore um sem-número de temas, e que a Primeira Guerra tem um distanciamento romântico e uma aura de juventude trágica e tudo mais, mas já chega desses assuntos.

Entendeu o recado, mundo dos ficcionistas modernos?

Bem, fico feliz por ter tirado *isso* do meu peito magro. (É importante extravasar minha raiva. É o que todos dizem.)

Outra leitura recente absolutamente maravilhosa foi o livro *Hell's Angels – Medo e delírio sobre duas rodas*, de Hunter S. Thompson, e passei a achar que se trata de um escritor muito subestimado. Ele é no mínimo o Jack Kerouac de sua geração. Li apenas este e *Medo e delírio em Las Vegas,* mas em ambos Thompson foi capaz de contar uma história ultrajante e, ao mesmo tempo, de transcendê-la, oferecendo momentos de genuína Verdade e Beleza. Eu diria que ele é um escritor *de verdade*. Ao que parece, ele próprio se tornou um personagem tão sensacionalista que acabou sendo desprezado como escritor.

Seus *insights* sobre os Hell's Angels são impressionantemente precisos: os Angels não representavam o fim de alguma coisa antiga, como "os últimos fora da lei" ou "caubóis com cavalos de ferro", como o resto da imprensa popular insistia, mas sim o início de um *novo* tipo de "desobediência grosseira", que perdura até os dias de hoje.

O livro de Thompson foi escrito em 1966, quando os hippies estavam recém tomando o lugar dos *beatniks* e os conflitos raciais estavam varrendo os Estados Unidos. Hoje eu acho que podemos perceber que ele estava certo e foi espantosamente presciente. Os Hell's Angels foram os primeiros dos punks, das gangues, dos "*gangstas*" e de todos os grupos organizados de motoqueiros que seguem existindo. Colaboraram até para o incrível sucesso de marketing da Harley-Davidson entre os "pseudorrebeldes" de meia-idade de hoje em dia.

Esses executivos e pais de família com um toque de rebeldia cresceram vendo na revista *Life* as fotos das festas selvagens e das procissões de motocicleta no funeral de um Angel, ou lendo matérias na *Time* sobre as vidas de motoqueiros regadas a poder, violência, velocidade e sexo. E, sabe, eles ainda conseguem se "identificar" com os rebeldes, cara. Ou pelo menos com a imagem disso.

Talvez, até certo ponto, os extremistas de direita e as milícias dos dias de hoje tenham sido inspirados em parte pela KKK e em parte pelos Angels. É significativo que, na metade da década de 1960, os Angels costumassem ir até Berkeley e bater nos manifestantes pacíficos. Além disso, dizem que eles apenas adotaram os símbolos nazistas para ultrajar os "certinhos", mas não é difícil ler mais coisas nas entrelinhas.

E agora é hora de dar uma caminhada pela estrada lamacenta com minhas botas de borracha. Não é muito, mas vai me manter ao ar livre por um tempo. Como minha mãe sempre dizia quando me mandava sair de casa: “Vai lá fora – isso vai tirar teu fedor!”

Até,

NEP

[Carta para Martin Deller, um amigo de longa data e colega baterista que também foi muito solícito durante o começo dos meus problemas]

31 de março de 1999

Lac St. Brutus, Quebec

Prezado Marty,

[Recapitulação das atividades de inverno]

Nos finais de semana, só para variar, eu marcho em torno das matas com meus sapatos de neve, e já fiz muitas boas explorações naquela região. Eu também comecei a prestar atenção nos rastros de animais na neve. Ao retornar para casa, estudo os guias de campo sobre o assunto com um Macallan na mão. Ultimamente, tenho levado comigo uma trena para medir o tamanho das pegadas, o comprimento do passo e a largura da trilha – todas as coisas que você tem que saber para ser um “rastreador”. No próximo ano, terei minha própria rede de armadilhas...

Mas, agora, está chegando a minha temporada do Limbo, e não tenho certeza do que vai acontecer. Embora eu passe umas duas horas na minha escrivaninha todas as manhãs, só escrevo cartas e faxes ou cuido de alguns negócios necessários; não tenho vontade nenhuma de fazer um “trabalho sério”. Nem mesmo dei um jeito de digitar as anotações da minha jornada, e sempre que leio coisas nas quais estava trabalhando “antes”, perco o interesse na hora. Em agosto de 1997, eu já estava na metade de um livro que estava escrevendo sobre as minhas aventuras com Brutus durante a turnê de *Test for Echo,* mas agora eu simplesmente não *me importo.*

Ficou claro para mim que, seja lá qual fosse o ponto mais central da minha vida antes, agora ele se tornou o mais remoto. Isso se refere a tocar bateria e escrever, seja letras de música ou prosa "séria". Na "caça ao tesouro" que se tornou tentar estabelecer um novo tipo de vida, tenho sido capaz de tatear os cantos de antigos entusiasmos e ver se eles ainda servem – como foi o caso com ler, andar de moto, observar pássaros e praticar esqui *cross-country*. Mas minha mente e minha alma fogem de qualquer menção a tocar bateria ou escrever. Neste ponto, a falta de um "ímpeto criativo" não é nem boa nem ruim, porque de qualquer maneira esse ímpeto é um luxo que não tem nada a ver com a minha atual missão de *sobrevivência.*

Com o tempo, pode se tornar evidente que a "compulsão", a "alma", ou seja lá como você quer chamar aquela "zona central", está absolutamente fechada para reformas. Algum dia farei uma grande reinauguração, e estarei pronto para trabalhar de novo. Por outro lado, pode ser que a fonte dessas coisas tenha sido esgotada e que não haja mais chances de recuperação.

De toda forma, não há nada que eu possa fazer a não ser tentar sobreviver, porque se é para o Tempo fazer seu trabalho de cura, eu devo garantir que ele continue a passar de forma tão suave quanto for possível.

Com esse espírito, tenho tentado ampliar esta temporada de esqui o máximo que posso, o que tem me levado a desenvolver novas técnicas de enceramento de esquis. Certa vez, tentei usar *klister*, um tipo de lubrificante, mas isso se mostrou um pesadelo grudento e pegajoso. Parece que as coisas começaram a dar certo só quando eu desisti e dei meia-volta para ir embora….

Contudo, eu estou tendo alguns dias ótimos para esquiar, e a temperatura fica em torno de 0°C (cera púrpura), principalmente quando está nublado. Em março, o sol já está tão forte que afeta a neve independentemente da temperatura, então a pista fica quente e escorregadia nos trechos ao sol e fria e "aderente" à sombra. Mas eu definitivamente expandi meus conhecimentos na área da alquimia, porque hoje eu refiz a superfície de alcatrão de pinho dos meus esquis, queimei-a com uma tocha e todas aquelas coisas de macho e então apliquei umas duas camadas de parafina – que eu tinha derretido com

um *ferro elétrico*.

Apenas mais um dos meus atos desafiadores de "solteirão vingador". Certamente, nunca mais usarei o ferro de passar com as minhas roupas, então o que seria melhor fazer com ele do que usá-lo para derreter parafina? Aposto que nada.

Também gosto de chocar os outros (especialmente as *garotas*) tendo uma motocicleta estacionada na sala de estar, usando meu chapéu de caubói à mesa de jantar enquanto assisto Inside Nascar na Speedvision e deixando todos os pratos sujos na pia até a manhã seguinte. (Eu realmente não me importo de lavar a louça pela manhã, quando ainda estou meio sonolento e posso ficar observando os pássaros no alimentador, mas depois do jantar parece uma tolice não ir sentar em frente à lareira e descansar.)

Outra expressão da minha vingança foi ter deixado crescer a barba mais estúpida do mundo – um cavanhaque que não é aparado desde julho. Finalmente, ficou estúpida demais até mesmo para mim e, quando Brad e Rita chegaram algumas semanas atrás, Rita não perdeu a chance de me dizer:

– Você parece um mórmon.

Com isso, soube que a barba tinha cumprido sua função de servir como um símbolo de "tudo aquilo que todas as mulheres odeiam", e então eu estava pronto para me livrar dela.

Agora estou deixando o cabelo crescer, mas apenas até atingir um comprimento que mantenha o visual "eletrochoque matinal". É claro que, se ele ficar comprido demais, as garotas vão começar a gostar dele. Isso não serviria para nada.

Espero que tudo esteja bem com você e com os seus, meu amigo, e que talvez nós possamos nos encontrar um dia e esquiar um pouco.

Por enquanto, tchau.

NEP

[Carta para Mark Riebling, um amigo escritor que estava vivendo em seu próprio "isolamento rural" no interior do Estado de Nova York]

CAMP ELLWOOD®

Para o cuidado e a nutrição das pequenas almas de bebê™

5 de abril de 1999
Lac St. Brutus, Quebec

Ave, Marcus Magnanimus!

Seu fax do Central Market (que antiquado) chegou pelos fios faz pouco, mas infelizmente, dada a tecnologia ultrapassada, todas as páginas acabaram se sobrepondo em uma única, então foram divididas no tamanho do papel pela minha máquina. Além disso, o último parágrafo de cada página se perdeu. Cara, quantos problemas para uma simples *comunicação,* não é?

O Espírito da Época, eu acho. O *zeitgeist.*

Ei – anteriormente tinha me dado conta de que eu era *El viajero fantomo* em espanhol, e *Le cavalier fantôme* em francês, e agora me ocorre que na língua de Goethe (e de seus antecedentes) eu sou *die Geist Reiter.*

Seria legal ser o *Zeitgeist Rider,* mas acho que não estou à altura.

De qualquer modo, queria contar a você sobre a pequena falha técnica (que nós cientistas chamamos de "ih, fodeu") e perguntar se talvez você poderia mandar uma cópia para mim pelo correio, de modo que eu possa ler o resto do que pareceu ser uma carta muito boa. Fico contente em saber que você gostou da videoaula *A jerk in progress* e sim, tenho orgulho dela. "Aquele outro cara" fez um ótimo trabalho, e como você bem observou isso demandou muito esforço.

O inverno está dando lugar à primavera por aqui, embora de modo relutante (ou ao menos assim me parece, uma clássica falácia patética), porque, mesmo depois de uma semana de temperaturas acima de zero, ainda há uns 60 centímetros de neve nas matas e no lago. Com toda a neve que tivemos, principalmente em março, esse degelo parece ter que derreter uma *geleira* inteira. Agora, pensando nisso, os bancos de neve do acostamento da estrada têm a aparência suja de morainas glaciais, e as laterais também estão enrugadas e onduladas como a superfície de um antigo campo de gelo.

E este certamente tem sido um inverno épico para os *meus*

propósitos. Pratiquei esqui *cross-country* até a última semana de março, e a temporada de caminhadas na neve ainda não terminou: hoje, estou planejando atravessar mais tarde a estrada até a Floresta dos 100 Acres, porque o dia está gloriosamente ensolarado e a temperatura é agradável. Também há ainda algumas boas oportunidades para a prática de esqui *downhill*, e estou planejando tentar fazer isso amanhã (depois de ter passado uma semana procurando minhas botas *telemark* pela casa).

No geral, o mesmo mantra continua valendo: *continue em movimento.*

Essa necessidade tem me causado certa ansiedade à medida que a estação muda, porque agora estamos na Temporada da Lama, seguida de perto pela Temporada dos Mosquitos Borrachudos, e estou preocupado porque não sei como praticarei qualquer tipo de atividade ao ar livre no próximo mês. Talvez pedalar seja possível, embora nada *convidativo,* visto que as estradas estarão cobertas de lama e de restos de areia e cascalho, sem contar as chuvas geladas de primavera. E temos ainda os já mencionados borrachudos, que tendem a se amontoar ao redor da sua cabeça em nuvens furiosas, especialmente quando você está, digamos, ralando lentamente morro acima.

Então, com essa "época difícil" pela frente, tenho vivenciado o interessante fenômeno de observar meu cérebro enquanto ele trabalha em dois níveis distintos, e geralmente com objetivos contrários. Uma parte de mim – a parte consciente – está curtindo a vida cotidiana daqui e observando a natureza e o clima, e não quer sair para qualquer outro lugar.

Ao mesmo tempo, a outra parte do meu cérebro está ocupada contatando a concessionária BMW na Cidade do México para fazer com que a moto fique pronta para viajar, fazendo listas de coisas que precisam ser resolvidas antes que eu parta e até mesmo organizando "os bastidores" da pré-viagem no meu quarto. (Há um canto onde as coisas são dispostas à medida que as separo ao longo de uma ou duas semanas antes da partida. É um bom sistema: há tempo para se lembrar de tudo e para "cortar" o que não é necessário.)

Mas o mais estranho é que eu nem imagino o que o meu cérebro junguiano, o meu cérebro freudiano, o meu cérebro primitivo está

fazendo. Para onde ele está me levando? E quando vamos? Honestamente, posso te dizer – e quem fala aqui é a parte do cérebro que é mais mundana, cotidiana e burra – que eu não sei.

Ontem eu estava vasculhando a minha caixa de mapas do Ghost Rider e me peguei separando algumas coisas: o guia Lonely Planet México, mas *não* o de Baja; o mapa dos estados e províncias do oeste, mas *não* os do leste – embora até onde eu soubesse eu ainda cogitava pegar o *ferry* que vai de Yucatán até a Flórida. De qualquer maneira, você entende o que eu quero dizer? Há decisões sendo tomadas por aqui das quais não estou participando!

Desnecessário dizer que estou um tanto quanto confuso com esse processo.

Também no noticiário: ultimamente, tenho travado uma guerra muito prazerosa com o meu vizinho esquilo (bom título, não é? "Uma Guerra Muito Prazerosa"), que continua pulando da parede da casa sobre o meu alimentador para pássaros e depois fica pendurado lá insolentemente enquanto enche sua cara de roedor com as mais refinadas sementes de girassol. Primeiro eu tentei jogar bolas de neve nele, mas se eu fosse um lançador de beisebol eu certamente não faria parte da liga principal – nem mesmo de uma liga imaginária. A irmã de Jackie, Deb, que esteve me visitando por alguns dias, sugeriu uma arminha de água, e isso acendeu a proverbial lâmpada dos desenhos animados.

Na sala da caldeira, catei meu velho arco de atirar tubinhos amarelos e uma arma de água Super Soaker, e então a caçada começou. Está se transformando numa cena típica do filme *Clube dos Pilantras*, comigo no papel de Bill Murray, enquanto saio espiando pelas janelas e perseguindo o esquilo com minhas "armas" e escancarando a janela da cozinha para fazer alguns disparos.

"Rá rá, esquilo, peguei você!"

A Super Soaker é uma arma de contra-ataque mais eficiente, mas os tubinhos são mais divertidos. Outra manhã eu dei risada ao me flagrar de uma maneira como ninguém jamais me viu antes: um lunático de chapéu de caubói e camisa de lenhador na janela da cozinha, atirando tubinhos amarelos e causando estragos consideráveis.

É bom ter uma missão e é bom dar umas risadas.

Na verdade, estou vendo o esquilo lá fora neste exato instante, patrulhando as árvores da Terra de Ninguém, às 12 horas, obviamente num reconhecimento pré-ataque. Hora de resguardar o perímetro.

Meu Deus, às vezes eu realmente preciso questionar o que estou fazendo. Eu recém espiei pela janela aqui do andar de cima e vi o esquilo no meu alimentador para pássaros. Desci correndo três lances de escada, peguei a Super Soaker na cozinha (sem tempo para brincar com os tubinhos desta vez), saí em disparada lá para fora na neve de camiseta, jeans e pantufas e comecei a disparar loucamente.

A palavra-chave é "loucamente"...

Contudo, isso me mantém entretido. Assim como observar pássaros, rastrear animais, escrever cartas e assistir ao canal Speedvision, defender o alimentador de pássaros contra os esquilos está entre as poucas ocupações que são tanto inofensivas (até mesmo para os esquilos) quanto divertidas (possivelmente idem). Distrair-se também é bom.

Hoje, logo depois do amanhecer, eu estava parado perto da janela da cozinha (Patrulha da Madrugada para a Operação Esquilo) e vi uma raposa grande (uma daquelas híbridas cinzentas e avermelhadas que chamam de raposa "cruzada") trotando lentamente nos limites da matas, bem em meio ao meu campo de visão, e pude observá-la por vários segundos. A neve estava com uma crosta por causa do congelamento durante a noite, e a raposa se movia sobre ela tão suavemente que, mais tarde, não consegui encontrar sequer uma única pegada.

Foi uma bela visão para iniciar meu dia.

Eu não tinha ouvido falar do *The Pagan Book of Days,* mas ele parece oferecer um ótimo jeito de se viver. Eu adoraria se você me conseguisse um exemplar. A propósito, qualquer um dos meus nomes pode ser usado para me enviar coisas, porque anonimato não é um problema para uma caixa postal. Eles me conhecem aqui tanto como N.P. quanto como John Ellwood Taylor – bem, não acho que eles saibam de verdade quem John Ellwood seja. Mas, para ser sincero, nem eu sei!

E acho que é o suficiente por hoje, de um Walden para outro, e de

um Henry David para outro (você vai morar aí sem *água encanada?* – eita!). Embora eu sempre tenha ouvido falar que a muito louvada autossuficiência de Thoreau costumava incluir visitas regulares a Ralph Waldo Emerson para fazer umas refeições, lavar a roupa e "dar uns amassos" na Sra. Emerson...

Bem, parece ok. Com mais algumas outras necessidades bucólicas, como um uísque de puro malte e remédios herbais, e eu vou ficar aqui à beira do lago. De qualquer maneira, quem precisa de água, exceto para remar e nadar?

Ok, e fazer gelo...

Infelizmente, não acho que eu vá ficar aqui à beira do meu lago por muito mais tempo. O estrategista secreto que se esconde dentro do meu pequeno cérebro parece ter a impressão de que viajar me "alargaria" ou algo do tipo, e ele está claramente se preparando para me atirar no mundo frio e cruel dos desconhecidos e de seus veículos forjados no inferno.

Bem, o que eu posso fazer? Melhor fazer o que me mandam.

De qualquer maneira, eu espero que você e seu trabalho estejam indo bem, e que você consiga terminar *um* de seus livros até quem sabe o fim deste ano.

Seu amigo,

NEP

[Carta para Steven, que tinha me visitado recentemente]

9 de abril de 1999

Lac St. Brutus, Quebec

Saudações de Camp Ellwood, um retiro para as quatro estações com serviço completo, especializado em técnicas de terapia aeróbica de luto pelo nosso fundador, John Ellwood Taylor. Oferecemos atividades ao ar livre e observação da natureza até que você esteja muito, muito cansado. Na sequência, serviremos refeições deliciosas e nutritivas preparadas pelo Chef Ellwood (treinado na Europa pelo famoso instituto Marks & Spencer) complementadas por bebidas alcoólicas. O entretenimento à noite inclui apresentações de slides

pelo seu anfitrião, e seja lá o que estiver passando na CBC ou na Speedvision.

Depoimentos recentes de nossos clientes:

"Temos mesmo que sair para caminhar na neve debaixo de chuva?"
"Arganaz tem esse gosto mesmo?"
"Quando você vai arrumar sua antena parabólica?"
"Já posso ir para casa agora?"

[Carta para Brutus]
le fou au bout d'hiver

15 de abril de 1999
Lac St. Brutus, Quebec

Bonjour, Pierre Concassée,

Diz aí, esse é um bom pseudônimo de macho para você, hein? Eu vi isso numa placa na frente de uma pedreira e pensei em você na hora. "Pedra moída" em francês, isso aí!

Outra coisa me fez pensar em você nos últimos tempos. Ao que parece, quando esteve aqui da última vez (no longínquo verão passado), você me trouxe uma cópia em capa dura de *Cold mountai*n. Fazia algum tempo que eu vinha lendo a respeito desse livro em resenhas nos jornais (acho que até mesmo nos jornais da Grã-Bretanha), e tive a impressão de que eu apreciaria essa obra. Mas é claro que depois, quando parti daqui, não quis levar livros de capa dura comigo.

Então só foi nesta semana que finalmente consegui lê-lo, e sim, é muito bom, não restam dúvidas. Muito bom. Quanto mais eu penso sobre ele, mais impressionado eu fico com o que o autor fez no livro em relação à história, ao folclore, à construção dos personagens e, especialmente, ao retratar a paisagem de maneira tão brilhante.

Presumo que você tenha lido antes de me dar, porque em vários lugares no meio do livro havia pedaços rasgados de ingressos para o

cinema. É sempre interessante deparar com coisas assim dentro de um livro, seja ele novo ou velho. Mesmo que só tenha mais ou menos um ano de existência, esse livro acabou se tornando uma pequena "cápsula do tempo". Quando colocadas lado a lado, essas coisas revelaram a seguinte informação: "Eglinton Theatre, 18 de julho de 1998, 3:30, Armageddon, $6,50"

Isso traz alguma lembrança?

Ao longo de todo este inverno mantive um bloco de *post-its* e uma caneta ao lado da minha cama, mas eu não os tinha usado ainda até a semana passada, quando tive que anotar a palavra que Edward Abbey usou (em *Black sun*, outro livro bom, como você deve ter percebido) para aquelas pancadas de chuva que são vistas caindo sobre o deserto, mas que evaporam antes de atingir o solo: ele as chama de "virgas". Uma linda palavra para um lindo fenômeno.

Havia algumas passagens de *Cold mountain* em que me senti compelido a colocar um marcador, e as transcrevi hoje:

Havia verdade no que a voz sombria disse. Você podia ficar tão perdido na amargura e na raiva a ponto de não mais encontrar o caminho de volta. Não há mapa ou guia para essa jornada. Uma parte de Inman sabia disso. Mas ele também sabia que havia pegadas na neve, e que se ele acordasse mais um dia iria segui-las até o lugar a que elas levavam, por tanto tempo quanto ele fosse capaz de colocar um pé na frente do outro.

[...]

Você pode lamentar para sempre a perda de tempo e o estrago provocado. Pelos mortos, e pelo seu próprio eu perdido. Mas o que a sabedoria dos anos diz é que fazemos bem em não sofrer continuamente. E os antigos sabiam uma ou outra coisa e tinham verdades para contar, disse Inman, porque você pode enlutar seu coração, mas no final você ainda estará onde está. Todo o seu luto não mudou nada. O que você perdeu não será devolvido. Está perdido para sempre. Deixa em você apenas as cicatrizes para marcar o vazio. Tudo o que você pode escolher é seguir em frente ou não. Mas, se você seguir em frente, será com a certeza de que leva suas cicatrizes junto.

Sim, bem, cala a boca, tá? Não preciso de escritores sabichões *me* dizendo como a vida é ignorante etc. Nenhum deles sabe disso melhor do que *eu* sei.

Na noite passada eu comecei a ler o outro livro de Jonny Bealby, *For a pagan song,* e embora até onde eu li a história seja bem contada, o revisor deveria ser *executado*. Há muitos erros de digitação neste livro que são definitivamente *alarmantes,* e eles começam a aparecer logo na primeiríssima página! Como você sabe, esses erros saltam da página e me atingem como um soco na cara, e deixam meu cérebro tremendo de ultraje e confusão. É um grande desserviço a qualquer leitor ter de parar e adivinhar o que *era para estar escrito.* Como os rudes erros de digitação se acumulavam, acabei ficando tão perturbado que quase atirei o livro para longe no meio da sala. Mas sou perseverante.

Recém fiz uma lista de compras com alguns dos livros que você mencionou, especialmente *Sand County Almanac,* do qual ouço falar constantemente. Na noite passada, eu estava assistindo ao vídeo *Cadillac Desert*, que Steven arranjou para mim, e o autor, Marc Reisner, falou daquele livro.

Assim como você, eu continuo esbarrando no nome de Barry Lopez. Naquela livraria em Moab, a Back of Beyond, eles tinham uma seção especial intitulada "Abbey e Amigos", com uma porção de livros dele. Comprei *Desert Notes/River Notes* e, quando comecei a ler, fiquei interessado no início, conforme ele derramava poemas sobre o deserto, as plantas e os animais.

Então eu me dei conta de que o que ele estava dizendo não era *verdadeiro.* Quero dizer, literalmente. Para alcançar um efeito poético, ele estava mudando e inventando a "natureza da Natureza". Tenho certeza de que ele se sentiu no direito de fazer isso em sua busca por algum "objetivo maior" – um tipo novo e importante de "criação de mitos" –, e tenho certeza de que seus admiradores diriam isso. Todo um discurso de "imagens poderosas", e "visões", e "poesia pungente". Mas é um dos poucos livros que desisti de ler em minha vida porque fiquei enojado, e quase o atirei no lixo.

E isso ilustra o abismo que geralmente separa as pessoas que

aparentemente gostam das mesmas coisas. É parecido com o que senti em Belize, por exemplo, nos chalés em meio à natureza. Certa noite, eu estava olhando para os outros hóspedes que estavam ao meu redor, com seus chapéus caros e sua aparência bem cuidada, mas mesmo assim de cara amarrada. Então eu disse para Steve e Shelly:

– Isso quer dizer que nós *também somos* ecoturistas?

Shelly respondeu:

– Claro que não! Nós fumamos e bebemos e dizemos palavrões demais.

Bem isso! E isso é bom.

Você provavelmente deve ter lido que Abbey é considerado uma "vergonha" à Causa pelos autoproclamados ambientalistas de sempre ("De jeito nenhum, cara – ele não é um de *nós"*), porque ele gostava de procurar mulheres, beber, fumar charutos, atirar e matar cobras. (Li em algum lugar que ele costumava jogar latas de cerveja de sua caminhonete na estrada, explicando que se tratava de "uma estrada de *alta* velocidade").

Outra coisa me fez pensar em você nos últimos tempos. Como você sabe, estou tendo problemas para decidir o que fazer agora; e eu realmente quero dizer *agora.* Até ontem, fazia três dias que eu não saía de casa (me sinto como um *prisioneiro,* rá rá), e estava começando a ficar um pouco... sombrio. Pesado. Desanimado.

Hoje eu tentei me dar uma sacudida para começar a fazer algumas ligações e organizar algumas coisas, mas antes eu tive que arrastar meu traseiro para fora da porta e obrigá-lo a sair para uma longa caminhada. O resto de mim também foi junto, para ficar de olho nele. (Como você bem sabe, não é uma tarefa fácil.)

A neve está ficando irregular nos sulcos expostos aqui perto, e há ilhas de rochas e folhas marrons surgindo em meio a ela. Mas nos lugares onde ainda a neve permanece ela é profunda. Então eu dei uma volta em torno de Lac St. Ellwood novamente. Quando Deb e eu caminhamos por lá algumas semanas atrás, eu tinha medido com o odômetro do carro e vi que a volta tinha pouco mais de 10 km. Estava ensolarado e fazia cerca de 5°C, mas o vento estava cortante. Mesmo assim, com todas aquelas subidas, consegui extrair de meu corpo um suor modesto e, o mais importante, "me perdi" por uns tempos. (Não

consegui sair de mim mesmo *completamente,* porque eu continuava correndo atrás de minha mente. Pense só nisso.)

Como era uma quarta à tarde no meio de abril, não vi nenhuma alma por perto. Apenas dois ou três carros na entrada das casas, fumaça saindo de uma chaminé, e o som de alguém martelando. A caminhada acabou funcionando muito bem para induzir um transe do tipo "vácuo no cérebro", mas é claro que não gerou nenhuma decisão, nem organizou nada.

Mais tarde, fui até a cidade para comprar flores e mantimentos e para ir ao correio (apenas para provar que eu conseguiria concluir *alguma tarefa*), e pensei em você porque, logo que passei a vila, havia uma caminhonete de serviços bloqueando uma das pistas enquanto homens trabalhavam com alguns cabos. E você sabe o que eu descobri? Eles também têm *gatinhas da bandeirinha* por aqui! [As funcionárias da sinalização, geralmente mulheres, que controlam o fluxo do trânsito perto de trechos da estrada em obras].

Cara, ninguém mais que eu conheça entenderia o efeito que aquela visão teve em mim, mas você sabe que não há nada mais evocativo da liberdade da estrada, pelo menos *nosso* tipo de estrada, do que gatinhas da bandeirinha. Ri alto diante da estranheza dessa sensação, e tudo refletiu em minha mente, e percebi na hora que era um sinal. Hora de partir.

Quando você ler isso, eu já terei partido. (Parece uma daquelas cartas melodramáticas de uma dama ou algo do tipo.) Brad virá até aqui para passar uns dias e depois me dará uma carona até Tarannaw, onde vou passar uns dois ou três dias (ah, alegria!) cuidando de uns negócios, pegando os suprimentos de última hora e coisas do gênero.

Na noite passada, liguei para o Andrew em Los Angeles para conseguir o número do Clube do Automóvel do Sul da Califórnia para renovar o seguro que contratei com eles, que expirou no dia 1° de janeiro. Ele está insistindo para que eu dê uma passada lá e "vá para a balada" com ele, e Andrew ainda ficou me incomodando por causa da namorada de Dave Foley (parece que não estão mais juntos). Ela quer que eu volte lá – a mesma que disse que eu era "sexy". (Quem? Eu?) Bem, não estou nem pensando *nisso,* mas eu estive pensando em seguir para aquela direção. Não seria ruim ver Freddie [meu professor de

bateria, que mora em San Fernando Valley], e talvez a família Rich [a viúva de Buddy, Maire, a filha deles, Cathy, o neto, Nick, e o marido de Cathy, Steve, que se tornaram bons amigos meus durante a produção dos álbuns de tributo a Buddy Rich] em Palm Desert. Mas acho que não saberei para onde seguirei até chegar lá. (Agora você acaba de receber um manifesto existencial).

Foi assim no outono passado, e deu certo. As decisões sobre as rotas e os destinos sempre parecem claras no dia, então vou seguir a abordagem *laissez-faire*.

Pode ser que eu apenas queira voltar *aqui* o mais rápido que eu puder.

Para acrescentar mais um item à lista das coisas que tenho que resolver antes de partir, parece que a casa de Toronto foi vendida. Dada a maldição de família no que diz respeito a imóveis, hesito em acreditar até que seja definitivo (está marcado para 28 de maio), mas parece que está se encaminhando bem, e é claro que isso será um alívio. Depois que os bens que Jackie deixou para sua família forem entregues, o que sobrar deverá ao menos ajudar a pagar meus impostos neste ano. Que alegria!

Mas vou ficar contente em ter tudo resolvido, resolvido, resolvido.

E agora eu vou, vou, vou, meu amigo. É hora de parar de esculhambar, fechar esta carta e pegar o telefone. Há muito a ser feito. É claro que vou escrever a você de algum lugar, e espero que eu não demore muito para voltar aqui – onde você sabe que pode me encontrar!

Até, Chimichanga
Ghost Rider

Though we live in trying times –
We're the ones who have to try
Though we know that time has wings –
We're the ones who have to fly

Embora nós vivamos em tempos de provação –
Somos aqueles que devem tentar
Embora saibamos que o tempo tem asas –

Somos nós que devemos voar

(Everyday Glory, 1993)

Capítulo 11
DE VOLTA À ESTRADA

Too many hands on my time
Too many feelings —
Too many things on my mind
When I leave I don't know
What I'm hoping to find
When I leave I don't know
What I'm leaving behind...

Mãos demais no meu tempo
Sentimentos demais –
Coisas demais na minha cabeça
Quando eu partir eu não sei
O que espero encontrar
Quando eu partir eu não sei
O que eu deixo para trás...

(The Analog Kid, 1982)

A primeira parte do meu plano de fuga na metade de abril teve início quando o meu bom amigo Brad me levou até sua casa em St. Catharines para passar uns dias à beira do lago. De todos os meus amigos, Brad é o que conheço há mais tempo – desde a infância – e, assim como sua esposa, Rita, ele havia ficado ao meu lado nos momentos ruins (Toronto, Londres, Barbados), e sua dedicação era tão profunda que ele acabou se tornando a pessoa com quem eu mais me sentia à vontade e confortável. Voltei de carona com Brad até Toronto, onde ele me deixou num hotel, porque eu precisava cuidar de alguns negócios antes de pegar o avião para a Cidade do México.

Toronto tinha se tornado uma "cidade-fantasma" para mim. Morei lá com Jackie e Selena por quase 15 anos, e eu ainda não estava com vontade de ficar por lá. Quando eu caminhava por suas ruas familiares, lembranças abruptas poderiam surgir e me *arrebatar*.

Num ambiente controlado como a casa do lago, eu aprendi a me proteger contra essas memórias, de modo que olhar para as fotos de Jackie e de Selena por toda a casa, por exemplo, são coisas com as quais acabei me *acostumand*o – e, de alguma forma, eu me adaptei e talvez até mesmo tenha aceitado a situação. Mesmo na casa do lago, eu às vezes olhava por cima do ombro e tinha um vislumbre inesperado de uma daquelas fotos, sentindo uma dor física que me apunhalava de surpresa.

Assim, quando eu precisava ir a Toronto – onde a maior parte dos meus "afazeres" estavam: afinal de contas, lá viviam meu médico, meu dentista, meu contador e meu advogado, todos eles, assim como muitos dos meus amigos –, eu chegava na cidade vestindo minha "armadura", preparado para manter a guarda em relação aos lugares em que eu ia, às coisas que eu olhava e ao que eu permitia a mim mesmo sentir.

Eu tinha começado a desenvolver uma camada finíssima de pele em torno da minha pequena alma de bebê. Às vezes, eu podia direcionar meus pensamentos para longe de certos lugares, e até mesmo *me prevenir* conscientemente para não me sentir triste ou desanimado. Às vezes, eu conseguia fazer isso... Mas não o tempo todo.

Em alguns dias, podia parecer normal dirigir pela Avenue Road e

ver a Brown School, onde Selena estudou do Jardim da Infância até o sexto ano, enquanto em outros isso me fazia desmoronar. Num dia eu podia visitar o cemitério e ver como o túmulo delas ficaria quando estivesse concluído; em outro, apenas a *ideia* de ir até lá era insuportável.

O ciclo do luto ainda parecia para mim "um passo à frente, um passo atrás", embora o progresso que eu tinha feito desde o verão pudesse indicar que foi mais como "um passo à frente, um passo atrás – mas dois centímetros mais curto". Minha pequena alma de bebê se movia a passos de bebê. Às vezes, parecia que eu estava ficando um pouco mais forte; noutras, eu tinha a impressão de que apenas fazia de conta que estava melhor e, ainda que talvez estivesse conseguindo enganar alguém, não estava enganando a mim mesmo.

Também percebi que eu tinha começado a usar diferentes "máscaras" para combinar com a armadura, e em retrospecto eu pude ver que esse processo havia começado em agosto, quando eu parti para minha jornada. Naquela época, eu ainda me sentia tão cru, tão vulnerável e tão alienado que foi necessário encontrar um modo de lidar com o mundo, adotar uma "postura" com a qual eu pudesse lidar com estranhos diariamente: levar adiante uma conversa casual enquanto fizesse o *check-in* num hotel ou manter uma conversa com um desconhecido simpático.

Minha primeira *persona* defensiva foi John Ellwood Taylor, o pseudônimo que eu tinha criado para os meus cartões de crédito (e para o meu novo cartão de fidelidade da rede Super 8). O nome designava um personagem que era pragmático, estoico e um tanto quanto cortês. Um viajante: ele ficava na dele, cuidando de sua moto, lendo mapas e placas de trânsito, escolhendo hotéis e sorrindo timidamente para estranhos.

O Ghost Rider foi outra faceta da minha personalidade, um tipo mais romântico e reflexivo, aquele que me trouxe o impulso incansável de continuar rodando, que respondia bem às estradas, às paisagens e à vida selvagem e escolhia as estradas e as paisagens pelas quais John Ellwood Taylor iria nos conduzir.

À medida que o tempo passava, eu notei que mais dessas "personalidades adaptáveis" iam surgindo para preencher os papéis

necessários no meu drama em andamento, todas elas amplificações de algum traço do meu eu verdadeiro (seja lá quem ele fosse). Eu podia me esconder atrás delas se precisasse de proteção conforme as coisas se desenrolavam. Eram os meus guarda-costas espectrais.

Contudo, eu sempre me senti centrado numa entidade única, ainda que ela fosse amórfica (ou polimórfica), e pensava em mim mesmo apenas como um homem construído dos restos do "tolo que eu era". Eu estava aprendendo a encarar o mundo em todas as suas facetas e estava começando a me sentir mais confortável com as pessoas, independentemente da máscara ou da armadura que estivesse usando.

Outro fator que me levava a partir era o aniversário de Selena que se aproximava (dia 22 de abril), e eu sabia que não queria passar aquela data em Toronto. Uma coisa que aprendi com os livros sobre perda e luto é que, nessas ocasiões, o melhor a se fazer é transformar o dia em uma espécie de "cerimônia" a fim de encontrar um meio de lembrar de quem perdemos de um modo apropriado, e não pensar que você pode simplesmente deslizar por uma data tão cheia de significado no calendário. O mesmo acontece com as lembranças: se você não encontrar um modo de lidar com elas, elas podem armar uma cilada.

Pensei no que eu tinha sentido na igreja em La Paz, no México, e achei que a antiga catedral da Cidade do México poderia ser um local adequado para uma cerimônia em memória de Selena. Por mais caótico e improvisado que fosse o resto da minha vida, a ideia de ir até a Cidade do México antes daquela data foi cuidadosamente planejada.

Em 21 de abril, peguei um voo noturno para a Cidade do México, e, mais uma vez, comecei a documentar a história da minha vida em "cartas para Brutus".

26 de abril de 1999
Creel, Chihuahua
(*Barranca del Cobre)*
[O Desfiladeiro de Cobre]

El Cuervo Fantasma!

Tudo começou mal. Lá pela uma da manhã cheguei ao hotel Four Seasons na Cidade do México e descobri que ele já estava lotado. Então, fui mandado para o Marriott por uma noite. (De graça, pelo menos!) Na manhã seguinte, permiti que se curvassem perante mim. Principalmente a querida Monica, a moça da recepção. Cara, eles têm algumas *señoritas* lindas naquele lugar, como você certamente lembra. (Não que *nós* nos importemos com isso.)

O primeiro dia no México foi também o dia do aniversário de Selena, e eu tinha feito planos cuidadosos para "prestar homenagem" naquela data. Cedo pela manhã, caminhei até a enorme catedral no Zócalo, entrei e comprei duas velas votivas (as maiores que havia, é claro) e as acendi em frente à capela de *Nuestra Señora de Guadalupe* (por causa de uma plaqueta em que se lia "*mujere et niño*", que substituí por *niña*). Sentei lá por um momento e chorei um pouco (bem, chorei muito), entre as velhinhas beatas, os turistas e os pedreiros.

(No livro *Cadillac Desert* eu fiquei sabendo que aquela catedral está afundando *30 centímetros* por ano por causa do excesso de bombeamento de água do lençol freático. Parece mesmo que a cidade não tem sorte alguma. Também soube recentemente que mil pessoas se mudam diariamente para as favelas da periferia. Mas as coisas parecem *um pouco* melhores do que no ano passado: o peso subiu um pouco, graças ao aumento do preço do petróleo, que segundo meu parceiro Erik, da Moto Altavista [a concessionária BMW], responde por 60% das exportações do México.)

Depois de ficar sentado lá por algumas horas observando as velas queimarem e examinando algumas lembranças de Selena enquanto deixava as lágrimas rolarem à vontade, saí e vaguei pelas ruas da Cidade do México num torpor provocado pelo *jetlag* (e drenado pelo luto) pelo resto do dia, depois jantei bem e fui dormir.

No dia seguinte, fiz outra visita ao Museu Antropológico para dar uma olhada na exibição sobre Palenque. Em seguida, fui até San Angel para dar uma olhada na minha moto, a pobre e velha Viajero Fantasma. E não é que agora ela está parecendo ótima?

Toda limpinha e consertada, com uma nova proteção frontal e

alguns outros novos “apetrechos”. O quebra-vento está polido como se fosse novo, e eles haviam até mesmo pintado o tanque. O lado ruim é que eles perderam meu galão de combustível extra (todas as vezes em que tentei comprar um aqui, eles me ofereceram uma *jarra de leite!*), um dos pedais de passageiro desapareceu, esqueceram-se de instalar o suporte para a bolsa que vai sobre o tanque (percebi tarde demais, mas eles enviarão o suporte mais tarde pelo correio) e o computador de bordo não estava funcionando. Logo, não tenho termômetro, nem medidor de combustível, nem relógio. Oras. (Não que *nós* nos importemos com isso.)

Mais alguns fatos sobre a Cidade do México para você: a população agora já é estimada em 18 milhões de pessoas, e li numa matéria do *Los Angeles Times* que há um problema sério relacionado ao cocô de cachorro nas calçadas – parece que o cocô fica seco, se esfarela, flutua pelo ar e cai sobre a comida vendida nas ruas. (Posso dizer as coisas que *eu* não comeria na Cidade do México.)

Mais uma vez, percebi que há vários soldados fortemente armados por toda a cidade, principalmente do lado de fora das agências bancárias. Vi até mesmo um blindado estacionado em frente a um banco, cercado por uns 10 soldados com armas pesadas.

Por razões óbvias, planejei minha partida da Cidade do México para um sábado de manhã. Depois de quatro meses sem andar de moto, é bom começar sem *aquele* tipo de trânsito. Você sabe bem como é (e também é claro que nesse horário não estava *escuro* também!), e de fato foi um pouco estranho nas primeiras horas. Naquele primeiro dia, segui para o norte, em torno do velho *Periférico,* depois peguei um longo trecho de “cuota” [rodovia pedagiada] até San Luis Potosí e depois para Zacatecas.

Foi muito mais fácil encontrar a Quinta Real *desta* vez! (É que agora eles colocaram até mesmo algumas *placas* ao redor da cidade para ajudar.) No final de um dia de 640 quilômetros, aquele lugar foi uma maravilha outra vez. Inclusive, encontrei o mesmo garçom no restaurante – o cara com o aparelho ortodôntico incrivelmente estético que nos perseguia até nossos quartos para assinarmos a conta. Ele parecia mais velho, contudo. Não tão velho quanto *nós.*

No dia seguinte, finalmente consegui pegar umas estradas boas e

vazias de pista única cortando o interior seco e amarelado com algarobeiras, figueiras-da-índia, creosotes e algumas árvores *yucca* altas, parecidas com as árvores-de-josué, estendendo-se na bruma das colinas distantes. Fiz uma breve parada para tirar fotos em Canutillo, a *hacienda* que o governo comprou para Pancho Villa (para mantê-lo quieto, tenho certeza). Depois, segui 80 quilômetros para o norte até Parral, onde ele recebeu "somente desertos". Um grupo de cidadãos, cansados dos modos ditatoriais do "*generalísimo*", atirou nele e nos seus comparsas que estavam num carro. Agora há uma estátua equestre enorme de Pancho naquele local (embora não tão legal quanto a estátua em La Bufa, em Zacatecas, que eu podia avistar do meu quarto no Quinta Real). Parece que o automóvel Dodge que ele dirigia na ocasião está em exibição em Chihuahua, com os buracos de bala e tudo.

E por falar em armas e bandidos, eu tive que passar por alguns bloqueios do Exército e da polícia hoje, mas o único que achou que deveria vasculhar as minhas coisas foi um policial vestindo uma camiseta. Cara, odeio isso. Ao menos esse sabia falar inglês, embora isso não tenha ajudado: ele foi mais insistente em suas perguntas, e eu mais "falante" nas minhas respostas. Tenho mesmo que ter cuidado com isso.

Na noite passada terminei de ler *The treasure of the Sierra Madre,* que me lembrou de como o México pode ser! Em seguida comecei *A sangue frio* (outra história animadora), que menciona *The treasure* bem no início como um dos livros favoritos de um dos caras malvados.

De qualquer maneira, foi outro dia muito longo – quase 700 quilômetros –, mas àquela altura eu já estava de volta ao ritmo da estrada com a minha moto, e isso é bom, porque me deixou pronto para *hoje.* Eu não estava planejando vir por este caminho, mas meu camarada Erik me disse que o caminho que passa por Copper Canyon, o Desfiladeiro de Cobre, era a "melhor estrada para moto em todo o México".

Eu ri sem acreditar nele e perguntei:

– Melhor que *El Espinazo del Diablo?*

Ele riu e disse:

– Muito melhor.

Ele não estava mentindo.

Tinha todas as coisas boas que encontramos naquela viagem que fizemos em 1995 – a alta Sierra, as perfumadas florestas de pinheiros, as vistas incríveis, as formações de rocha impressionantes em vermelho e cinza, as curvas e mais curvas e os penhascos assustadores –, mas sem quase nenhum trânsito e com asfalto perfeito por todo o percurso. O céu mais azul imaginável, o ar mais fresco, o perfume mais doce, a melhor de todas as condições para pilotar. Pensei *tanto* em você. (Porém, eu não acho que você teria sido capaz de me acompanhar, porque usei muitas das manobras que aprendi com Freddie Spencer. E gastei *todos* os meus pneus!)

Em seguida, havia um desvio de cerca de 60 quilômetros de estrada de chão em direção a um vilarejo Tarahumara [indígena] na base do cânion. Bem, já que estamos *lá,* não é mesmo? Combinava os elementos mais assustadores da estrada que vai até Mike's Sky Rancho (pista estreita de cascalho fino, pedras, terra seca, pedregulho solto e pó) e a estrada para Telegraph Creek (solitária, sinuosa, subidas apertadas em zigue-zague e penhascos terríveis bem ao seu lado: não olhe para baixo!), e a temperatura subia cada vez mais. Cerca de 30 quilômetros depois, parei junto a uma placa no meio da estrada: "*Camino Cerrado Por Obras*". Então, pensei que se uma estrada *mexicana* estava fechada para obras é porque deveria estar *realmente* ruim. Como o clima estava abafado, o ar estava empoeirado e a visão já era assustadora o suficiente, decidi pela "melhor face da coragem" e dei meia-volta. Mais tarde, encontrei alguns caras com suas *motocross* (uma turma chamada "Rosen-Rides", do Texas), e eles disseram que tinham ido em frente e que não estava "pior", mas... bem... vou deixar o resto da estrada para aproveitar *com você.*

Você também adoraria esta cidade. Três mil habitantes, muitos *indígenas* Tarahumara (pessoas lindas, com a pele acobreada, iguais aos antigos retratos dos Apaches), a uma altura de 2.337 metros, com o perfume de serrarias, de madeira queimada e com muitos restaurantes pequenos. Também há algumas pousadas decentes, já que esse é um dos principais pontos de parada da ferrovia Copper Canyon e a entrada principal do parque. E há muitas outras coisas para se fazer e ver por aqui. Então, apresse-se!

Um momento engraçado na Moto Altavista: enquanto eles fechavam a minha conta, eu estava lá fora fumando um cigarro. Quando o rapaz do caixa disse que a conta estava pronta, perguntei se eu podia entrar fumando.

Erik deu uma risada e disse:

– Aqui é o México, você pode fumar dentro de *um hospital* se quiser!

Bem isso aí.

Tive um momento ruim na hora do jantar noite passada, quando estava passando o filme *Nos Tempos da Brilhantina* na TV do restaurante. Aquele era um dos filmes favoritos de Selena, e logo comecei a chorar. Alguém parece ter lido a minha mente e apareceu para trocar de canal.

Depois, hoje de manhã, eles estavam passando o funeral dos adolescentes mortos no Colorado, o que me deixou triste e me fez chorar de novo. Ai.

Holiday Inn,
Deming, Novo México

Sim – uma cidade bem no meio da Interestadual, e da minha janela consigo ver caminhões e até mesmo um ou outro trem passando. Deus abençoe a América! (Sei que *eu* abençoo, embora talvez você não o faça).

Li há pouco que costumavam recolher os foras da lei no Arizona e dar a eles uma passagem para Deming – deve ser um lugar bem divertido.

Outra ótima viagem hoje: comecei de manhã nas florestas de pinheiros de High Sierra (vestindo gola alta e colete aquecido, e também liguei o sistema de aquecimento dos controles da moto) e então tracei as curvas em meio aos zimbros e às impressionantes formações rochosas até chegar ao deserto amplo e agradável com creosotes, as montanhas a distância, alguns ranchos esporádicos e poucas áreas de fazenda irrigada (agora, quando eu vejo aquilo, não consigo parar de me perguntar: “De onde vem toda essa água e quem está sendo prejudicado por isso?”). Também vi redemoinhos de poeira

impressionantes, com vários metros de altura, às vezes quatro ou cinco deles de uma única vez. Em seguida, peguei algumas longas retas para nos lembrarmos do quanto amamos viajar pelo deserto. (Claro, rolou até um pouco de cantoria.)

Passei por um corvo que estava atacando um *roadrunner* – um tipo de pássaro parecido com um cuco –, tentando roubar a cobra que ele tinha capturado. Logo depois disso, atravessei uma densa nuvem de abelhas assassinas (pelo que soube depois), que me atingiu como cascalho e encobriu completamente meu capacete e a frente da moto. Tive que parar no acostamento e limpar minha viseira para poder enxergar a estrada. Eca!

Fico feliz de poder dizer que a passagem pela fronteira de Columbus, no Novo México, foi bem tranquila (nunca se sabe, né?). Tive apenas que esperar brevemente para mostrar minha "Autorização temporária de importação de veículo", que peguei um tempão atrás lá em Mexicali. Em seguida, tive que parar no museu em Columbus (dando continuação à temática de Pancho Villa, este foi o único lugar nos Estados Unidos invadido por "tropas" estrangeiras, embora pelo que parece *El Generalísimo* não tenha participado, mas apenas incitado seus seguidores com o lema: "Vamos lá matar uns *gringos*!"). Continuei até aqui por mais 700 quilômetros num único dia (este parece ser meu número mágico nos últimos tempos). Servi-me um copo grande de Glenmorangie (que comprei no *free shop* no caminho para cá) e peguei o mapa do oeste dos Estados Unidos.

Obviamente, a pergunta neste momento é: "e agora?". Bem, telefonei para os Rich em Palm Desert e combinei de me encontrar com eles. Depois liguei para o bom e velho Ingleside Inn (tive que usar o seu nome para conseguir um quarto!). Então eu vou ficar em Palm Springs por alguns dias, e depois eu talvez vá perambular por Hollywood e sair com Andrew e o resto da turma de expatriados que ele tem por lá. Agora que posso ver adiante com um pouco mais de clareza, eu bem que poderia seguir para o norte através das montanhas e de Great Basin para visitar a família Lindley-Peart em São Francisco. É um rascunho de plano que se delineou um pouco nas últimas horas.

Mas é claro que, de qualquer maneira, esta seria a coisa certa para

eu fazer no momento, e fico contente por ter me dado uma sacudida e voltado para a estrada outra vez. E sei que *você* também está contente.

Quando eu ficar mais tempo em um mesmo lugar de novo (provavelmente acontecerá em Los Angeles), vou telefonar para você, e espero que a gente consiga conversar. Eu liguei da Cidade do México na quinta de manhã, esperando ter notícias suas naquela noite ou na sexta, mas não consegui. Espero que o lance do tribunal tenha dado certo. Há muitas coisas acontecendo aqui que precisam da *sua* participação. Muitas gatinhas também.

Não que *nós* nos importemos com isso.

Um câmbio e desligo do velho chapa do oeste, seu bom companheiro, e declaro encerrada a sessão.

Ghost Rider Redux

Just an escape artist
Racing against the night
A wandering hermit
Racing toward the light

Apenas um artista em fuga
Correndo contra a noite
Um ermitão que vaga
Correndo em direção à luz

(Ghost Rider, 2001)

Capítulo 12

FEBRE DE PRIMAVERA

We can wear the rose of romance
An air of joie de vivre
Too tender hearts upon our sleeves
Or skin as thick as thieves

Podemos vestir a rosa do romance
Ter um ar de joie de vivre
Corações muito afetuosos debaixo da manga
Ou pele tão durona quanto criminosos

(Force 10, 1987)

“É primavera no deserto”, pensei, enquanto admirava as sutis transformações na árida paisagem onírica logo após ter deixado Deming, seguindo para o oeste na Interestadual 10 e cruzando o sul do Novo México até o Arizona. Em uma terra tão severa, todas as formas de vida costumam se configurar tendo em vista a conservação, e até mesmo certa postura defensiva. Abrigam cada gota de umidade em suas células e minimizam a superfície exposta ao calor árido. No deserto de Sonora, há uma breve temporada de chuvas que ocorre durante a primavera, e são necessárias apenas algumas pancadas de chuva para despertar os adornos de reprodução e germinação, que são sempre de caráter breve e urgente, mas ainda assim contidos.

As árvores franzinas de palo verde abrigam um conjunto de pequenos brotos amarelos; os braços longos e esguios do cacto *ocottilo* estavam pontilhados por um vermelho vibrante; um grande número de plantinhas e arbustos exibiam suas joias sutis e as algarobeiras, os cactos *cholla* e os cactos gigantes *saguare* estavam totalmente revestidos de verde. O vento que soprava feroz e constante vindo do oeste, erguendo nuvens de poeira ao longo do acostamento, atingia em cheio a lateral da moto. Andar de moto com o atrito do ar esmurrando meu capacete e batendo contra a máquina e o meu corpo já seria ruim o suficiente, mas tentar guiar a GS em meio a uma parede de vento inconstante como aquela era ainda pior. Para completar, eu tinha que pilotar a uma velocidade de 120 km/h com um vento de 60 km/h fazendo força no sentido contrário.

Parei em Tucson para fazer uma revisão da moto na excelente concessionária da BMW e continuei seguindo para o oeste na I-8, ainda lutando contra o vento implacável e cruel. Lá pelas 16h, eu estava pronto para procurar um lugar para dormir à noite, e peguei o retorno para sair da Interestadual seguindo para a cidade de Gila Bend, no Arizona, ou para o que havia restado dela.

A cidade era assim chamada por causa do rio Gila (ou do que tinha sobrado dele), que serpenteava em direção ao sul a partir de Phoenix e depois dobrava para oeste em direção ao poderoso rio Colorado – ou ao que havia restado *dele*. Só a função da cidade como centro do condado de Maricopa parecia evitar a designação de legítima “cidade-fantasma”, pois as nuvens de poeira ao longo da curta rua principal e

os trens de carga que passavam de hora em hora já estavam ali. Nem o vento nem os trens paravam em Gila Bend. Um novo foro de Justiça e uma nova delegacia de polícia eram os únicos prédios de aparência próspera, embora os habitantes realmente parecessem resistir ao declínio de sua cidade.

Algumas áreas à beira da estrada tinham sofrido uma interferência paisagística com um projeto natural de "xeriscape" – um estilo de paisagismo que não requer muita água para manutenção e que usa as plantas nativas em arranjos decorativos –, só que essas áreas logo acabaram ficando cobertas com poeira e lixo. Uma tentativa recente de criar um centro comercial à beira da estrada parecia ter fracassado, mas aparentemente a lavanderia tinha sobrevivido. A rua principal, quase moribunda, tinha um supermercado, uma videolocadora, alguns hotéis e postos de gasolina com uma oficina automotiva decrépita, uma marcenaria (de certa forma irônica, pois não há árvores de qualquer tipo ou tamanho num raio de centenas de quilômetros dali), e uma *Llantera* abandonada – uma recapagem de pneus – com um gostinho do Velho México.

Palmeiras altas balançavam ao vento nas imediações do hotel da rede Best Western, chamado ali de "Space Age Lodge", ou "Alojamento da Era Espacial". Esse hotel era bem diferente dos outros da mesma rede, pois era temático: o lobby apresentava um mural do espaço sideral e os quartos eram decorados com fotografias emolduradas de ônibus espaciais. O restaurante se chamava "Outer Limits", ou "Além dos Limites", mas tinha sido destruído recentemente por um incêndio e estava em reformas. Essa foi uma das ocasiões em que eu desejei ser mais *sociável*, pois gostaria de ter entrevistado a pessoa que idealizou este lugar. Mas já fiquei contente apenas por ter a experiência de visitar o lugar e enviar cartões-postais para Brutus e para o meu avô.

O leito do rio Gila estava seco, mesmo após as chuvas recentes, porque seu fluxo fora desviado para um canal de concreto que, por sua vez, estava cheio. A garota da recepção do Space Age Lodge me contou que a água estava "podre" por causa de Phoenix, e que por isso não era sequer permitido pescar no rio. E tal projeto estava longe de "controlar enchentes", função alegada pelos responsáveis por sua

construção para justificar seus lucros exorbitantes a curto prazo: houve um ano em que o canal transbordou e arrasou com os poucos campos irrigados que havia ali.

Um exemplo mais dramático dessa trapalhada sem consideração dominou a viagem do dia seguinte, enquanto eu circulava pela margem de Salton Sea. Essa depressão na superfície da Terra era anteriormente chamada de Salton Sink – "o Piscinão de Salton" –, até que o rio Colorado transbordou seus bancos artificiais em 1905 e inundou toda a área. Salgado demais para que a água fosse potável ou usada para irrigação, o novo mar dentro do continente logo se tornou um "piscinão" de outra espécie, contaminado com resíduos de agrotóxicos das plantações de Imperial Valley, ao sul, e das plantações de tamareiras e pomares de Coachella Valley, ao norte, até que se tornou conhecido como "Salton Sewer" – o "Esgoto de Salton".

29 de abril – Gila Bend – Palm Springs CA

106786 (486 km)

Acordado às 4 da manhã (ruim), frio e com menos vento (bom), café colonial gratuito (ruim), uma boa viagem pela I-8 até Imperial Valley e, em seguida, ao longo de Salton Sea (fedido).

Numa manhã fresca e nublada, peguei um desvio para explorar os restos de Salton City, antes projetada para ficar em meio aos vários condomínios de aposentados e resorts à margem de Salton Sea – que poderia ter oferecido um clima de deserto e um visual imponente por causa das montanhas circundantes, se não estivesse localizada em torno de uma vala de detritos. Em seguida, fui para oeste até Borrego Mountains, depois para o norte no planalto junto às Montanhas San Jacinto, e então desci novamente para Coachella Valley, onde ficam o resort e o condomínio de aposentados de Palm Springs. Esse verdadeiro oásis, situado em uma das regiões mais quentes do deserto, estava enfrentando seu próprio declínio devido à poluição urbana. Corria o risco de se tornar uma Phoenix em miniatura (infelizmente!) devido aos seus subúrbios em pleno crescimento em Cathedral City, Palm Desert, Rancho Mirage, La Quinta, Indian Wells e por todo o caminho até Indio.

Depois de rodar pela autoestrada íngreme até "a região metropolitana de Palm Springs", parei e telefonei para Cathy Rich para perguntar como eu fazia para chegar até sua casa em Rancho Mirage. Saudado por uma cachoeira artificial na entrada, fui admitido no portão por um segurança e em seguida rodei pelas ruas bem cuidadas em meio a muros altos e prédios baixos com telhados cobertos de telhas cerâmicas, construídos às margens de dois lagos artificiais. Havia muita *água* – símbolo da riqueza no deserto –, e sem dúvida tinha o efeito psicológico de suavizar o calor no verão escaldante, quando o termômetro poderia alcançar 48ºC por vários dias seguidos. Lembro-me de conversar com Cathy ao telefone num dia assim, quando ela me disse:

– Estou morando... no inferno!

É claro que nenhum lugar é perfeito, e a área de Palm Springs certamente era bela à sua maneira: uma extensão de palmeiras verdes e campos de golfe localizada junto à subida íngreme das Montanhas de San Jacinto, a oeste, e de frente para o vale onde estão Indio Hills e as Montanhas Little San Bernardino, cuja mistura de marrom e dourado parecia brilhar de maneira ininterrupta. Ou quase: o Ghost Rider deu um jeito de trazer chuva para mais este deserto, e durante os três dias que passei lá pancadas leves de chuva caíam de um céu atipicamente cinzento. A chuva no deserto tinha um efeito diferente da melancolia inoportuna que ela geralmente traz a outros climas, porque atenuava o forte brilho implacável do sol e trazia um tipo mais leve de tristeza, iluminada pela certeza de que essa chuva era rara e trazia vida ao deserto.

Mais uma vez, quando estacionei minha moto para sair da estrada por uns alguns dias, era como finalmente soltar o ar depois de prender a respiração por um longo tempo. Desta vez parei no Ingleside Inn, onde Brutus e eu tínhamos ficado durante os ensaios do intervalo da turnê de *Test For Echo,* na primavera de 1997. Os quartos e as cabanas aconchegantes ficavam localizados em meio a jardins exuberantes de uma rua secundária de Palm Springs. Era outro tipo de oásis para minha pequena alma de bebê, já que havia coelhos pulando nos gramados, *mockingbirds* e pombas arrulhando e beija-flores lançando-se de flor em flor. O paredão íngreme da montanha se erguia

praticamente a partir do portão de trás da casa, onde vi um *roadrunner* e uma família de codornas entre os cactos de um jardim no estilo "xeriscaped". Naquela noite, ouvi coiotes uivando para a lua cheia.

E mais uma vez, como costumava acontecer durante minhas visitas à família Rich, entreguei-me à paz e ao sossego de estar no *lar* de alguém. Cathy, Steve e eu ficamos contando piadas bobas que haviam nos animado durante as semanas frenéticas e emocionantes da gravação do álbum tributo em Manhattan. E eu fiquei bem amigo de Nick, agora com 15 anos, como aconteceu quando nos encontramos pela primeira vez e ele tinha nove anos e tocamos juntos num show no Buddy Rich Memorial Scholarship em Nova York. Duas horas antes do início do show, eu estava batendo nervosamente com o meu bloco de anotações no colo quando Nick apareceu na porta do meu camarim, de olhos arregalados e nervoso, e falou:

— Estou *tão* nervoso! Posso ficar um pouco aqui com você?

Eu respondi:

— Também estou nervoso, entre.

Então nós fizemos companhia um para o outro até a hora do show. Algumas semanas depois, Cathy me contou que um dia ela chegou em casa e disse para Nick que havia uma carta minha para ele. Ele ergueu os olhos do valo onde estava caçando rãs e disse:

— Eu amo o Neil! Ele pode vir morar com a gente?

Que garoto mais amado.

Eu também sentia a mesma coisa por ele, e agora percebi que ele estava me ajudando a preencher um vazio na minha vida: eu tinha um garoto esperto e petulante para fazer algazarra e brincar do modo como eu costumava fazer com Selena. Descobri que ainda havia um adolescente imaturo dentro de mim, e estar por perto de um ótimo garoto como o Nick era ao mesmo tempo um tormento e um consolo. Visitamos juntos o zoológico e os jardins de The Living Desert, onde a chuva leve do dia trouxe para fora de seus retiros na sombra alguns animais como o guepardo e o leão da montanha, e nós caminhamos um pouco pelas trilhas da montanha, conversando e brincando confortavelmente juntos. Foi bom para a minha alma.

Depois de três dias, voltei a Los Angeles para o que eu esperava que pudesse ser outra visita divertida. Mais uma vez, Andrew estava

determinado a me "tirar de mim mesmo" e me levou para fazer uma trilha em Topanga State Park, acima do amplo azul do Pacífico no final da Sunset Boulevard, acompanhado de seu cão Bob, da raça *Jack Russell terrier*. Na volta, Andrew pegou o meu braço e apontou para uma cascavel que cruzava a trilha bem à nossa frente, e nós ficamos paralisados quando vimos que, de alguma maneira, Bob já estava do outro lado. Com medo de que Bob pudesse ficar tentado a "brincar" com a cobra, eu disse a Andrew para que ele se concentrasse em mantê-lo longe enquanto eu atirava algumas pedras nela, até que finalmente ela deslizou para dentro do chaparral.

Andrew também mantinha meu calendário social repleto de noitadas com a turma de expatriados canadenses, além de Matt Stone (um "canadense honorário", decidimos, já que ele era do Estado do Colorado) e seu colega de apartamento, Wil, um jovem inteligente e articulado de São Francisco. Todos nós compartilhamos longos jantares e discussões à mesa da cozinha na casa de Dave Foley (embora o próprio Dave não estivesse na cidade naquela época, vários dos outros caras ficavam na casa dele, que era o "centro de alojamento dos franco-canadenses"). Ah, e lá estava Gabrielle, a garota que Dave estava namorando durante a minha visita anterior. Andrew me contou que eles tinham terminado, e a atitude dela comigo parecia muito calorosa.

Ao que parecia, meu Ar de Tragédia estava atacando novamente. Certa noite, quando Andrew e eu estávamos saindo de uma festa na casa de Dave um pouco depois da meia-noite (Andrew tinha uma sessão de fotos cedo no dia seguinte), Gabrielle parou na minha frente e disse para mim:

— *Você* não precisa ir embora.

Ela olhou diretamente dentro dos meus olhos com o que pareceu ser um raio telepático, e fiquei totalmente eletrizado por alguns segundos. Atordoado (e confuso), eu murmurei algo sobre "salvar Andrew dele mesmo", e saí com ele (salvando a mim de *mim mesmo*, para dizer a verdade).

Na tarde seguinte, eu saí para caminhar por Hollywood e cuidar de alguns afazeres no correio, no banco e na excelente livraria da Sunset Boulevard, a Book Soup. No caminho de volta, pensei no convite de

Gabrielle para que eu fosse até o restaurante onde ela trabalhava (enquanto aguardava por algum teste de atuação, como muitos outros jovens em Hollywood). Trabalhando como *hostess* no restaurante, ela estava ocupada demais para conversar, mas me deu um largo sorriso e um abraço enquanto eu pegava um lugar no bar. Pedi uma sopa de ervilha, uma Coca-Cola e um café *espresso* (depois de tantas noitadas longas, é claro que eu precisava de um pouco de cafeína), dei uma olhada nas minhas aquisições (Nelson Algren, Joseph Conrad, T.C. Boyle, Saul Bellow, Graham Greene e *Great plains*, de Ian Frazier) e atualizei minhas anotações no diário. "Poderia ser divertido estar aqui, se isso não me *matasse* por dentro..."

Truman Capote escreveu uma vez que ele acreditava que qualquer um que amasse alguém e o perseguisse com suficiente ardor iria finalmente *conquistar* a pessoa, porque ninguém consegue resistir a ser tão *amado*. Eu acho que há certa verdade nisso e, num grau menor, eu achava difícil resistir a alguém (bem, ao menos a uma mulher atraente) que parecia estar interessada em mim. Ou talvez minha pequena alma de bebê tinha decidido que já era hora de *responder* ao chamado. No meu diário, tentei ser a voz da razão: "Um pequeno ataque de 'abstinência de garotas'. Fico dizendo para mim mesmo não, não, não. Espero que eu ouça! Aqui não há nada além de problemas".

Mas não foi o suficiente.

Naquela noite, nosso grupo se encontrou no Club Largo para ver uma excelente apresentação de Aimee Mann (que cantou na faixa do Rush *Time stand still*, de 1987) e seu marido Michael Penn. Depois, fomos de bar em bar, liderados pela irreprimível Gabrielle. Quando estávamos voltando para casa de táxi, havia quatro pessoas espremidas no banco de trás, então eu estava pressionado de encontro a *ela* sem chance de defesa. Um beijo de boa noite meio atrapalhado, meio de amigo na bochecha, meio nos lábios, e ela murmurou:

– Não saia da cidade sem falar comigo – com uma carga de outros significados implícitos que atormentaram meu cérebro.

Eu disse que não faria isso, mas fiz. Tinha falado a todos que havia decidido ficar mais um dia, mas na manhã seguinte, com uma ressaca daquelas, eu me peguei arrumando as malas, carregando a moto e saindo correndo de Dodge.

Incapaz de lidar com o confuso afloramento de sentimentos com os quais eu não estava pronto, e nem para *admitir*; sentimentos que eu achava estarem mortos (talvez para sempre). Então, resolvi cair fora por uns tempos e tentar pensar melhor naquilo, "como faria uma pessoa *sensata*".

Então, cruzei Hollywood Hills até San Fernando Valley e parei em Encino para visitar Freddie Gruber, um homem que definitivamente merece uma breve apresentação. Freddie é originário de Nova York e, quando ainda era jovem, se tornou um prodígio da bateria na cena musical de *jazz* do final dos anos 1940. Mas ele fugiu daquela cena autodestrutiva e abriu caminho no oeste, passando por Chicago e Las Vegas, até que se estabeleceu em Los Angeles para tocar em clubes noturnos e desenvolver uma carreira totalmente nova como exímio professor. Ele havia sido o melhor amigo de Buddy Rich até a sua morte, em 1987 (com muita frequência eu ouvia Freddie dizer: "Ainda sinto saudade dele, cara"). Freddie permaneceu próximo de muitos músicos proeminentes do seu tempo, assim como de muitos dos seus alunos, que tinham se tornado músicos proeminentes dos tempos *de agora.* Seus nomes talvez não sejam conhecidos ao ouvinte comum, mas sua batida pode ser ouvida no rádio todos os dias.

Solteirão convicto aos 70 anos de idade, Freddie era cheio de energia e de entusiasmo, e é um daqueles típicos "um em um milhão" (Buddy descrevia Freddie dessa forma, mas depois mudou de ideia e disse: "*Nem em* um milhão há alguém como você!"). Estar com Freddie significava ouvir milhares de histórias sobre Buddy e sobre sua própria vida agitada e, podemos dizer, até mesmo chocante. As histórias de Freddie nos levavam de volta às ruas do Harlem ou de Greenwich Village nos anos 1940 e 1950, ou de Hollywood Hills nos anos 1960 e 1970, e inevitavelmente terminavam com um *grand finale* como: "e aquele jovem no telhado do Harlem que chamava a si mesmo de Detroit Red mais tarde ficou conhecido como... Malcolm X", ou "aquele jovem ator de Nova York que roubou minha namorada era... Marlon Brando", ou "o cara com sotaque britânico na beira da piscina ao lado da casa de Jack Nicholson na Mulholland Drive era... Stanley Kubrick".

Encontrei Freddie pela primeira vez durante as sessões de *Burning*

For Buddy em 1994, quando escutei Steve Smith tocar. Smith sempre havia sido um ótimo baterista, mas, de repente, ele se tornou um *monstro,* com tanta musicalidade e uma técnica tão linda que perguntei a ele:

— O que aconteceu com você?

Steve sorriu e disse:

— Freddie.

Então eu mesmo marquei um encontro com Freddie mais tarde naquele mesmo ano, em Nova York, e ao longo daquela semana (e ao longo de todo o ano seguinte de prática diária) ele me orientou para que eu fizesse uma completa reinvenção da minha abordagem do instrumento (uma tarefa nada fácil depois de 30 anos tocando bateria, mas um desafio que se provou recompensador e produtivo). Além disso, Freddie tinha se tornado uma das pessoas mais importantes da minha vida, daquelas que surgem exatamente quando você mais precisa e quando você está realmente pronto para elas. Chamo isso de "princípio da confluência do acaso". Ou, bem mais simples, de encontrar a pessoa certa na hora certa.

[Carta para Brutus]
6 de maio de 1999
Encino Califórnia

Buenos dias, compañero

Sim, cá estou eu passando uns tempos no bangalô do Freddie, cara. Como posso começar a situar você? Bem, é um subúrbio calmo de San Fernando Valley, com ruas arrumadas e gramados dignos de um cartão-postal, ciprestes, pinheiros, limoeiros e laranjeiras simetricamente posicionados e terrenos pequenos completamente cheios de bangalôs estreitos e quintais usurpados por piscinas modestas. Um desses bangalôs estreitos é o do Freddie, e na entrada para carros há um Rambler de duas portas marrom desbotado dos anos 1960 (que pertencia à falecida mãe dele) e um Firebird 1971, também marrom desbotado, e também um carro negligenciado e sem uso. Atrás deles há um Infiniti preto das antigas, modelo conversível.

Também estacionado na rua há um Dodge quatro portas de meados dos anos 1970, que Freddie usa para dirigir por aí.

Difícil mesmo é descrever o interior da casa. Quartos pequenos repletos de partes e pedaços de mobília adquirida no mercado de pulgas, caixas empilhadas junto às paredes, uma mesa coberta com fotos e papéis caprichosamente empilhados, um som *stereo* antigo, um bar embutido com revestimento estofado de courino branco e, atrás dele, uma pilha de um metro de altura de malas e caixas cheias de coisas, *closets* e araras de pendurar roupas que datam provavelmente de 50 anos atrás, tudo espremido num quarto com uma bateria, abafado com almofadas e toalhas. A pequena cozinha tem um papel de parede antigo decorado com flores amarelas já desbotadas, cada espaço coberto com pratos, panelas e frigideiras, eletrodomésticos sem uso, pedaços de papel e uma mini TV. Por todos os cantos da casa, há milhares de revistas, todinhas sobre bateria e *jazz* (nada de publicações sobre atualidades, ou fofocas, ou "estilos de vida" americanos).

E, quer saber, eu *gosto* daqui. Depois de escapar das tentações traiçoeiras de Los Angeles (falarei mais sobre isso em um minuto), rodei por Laurel Canyon até Mulholland Drive (que agora tem um novo significado, não apenas porque sei quem Mulholland foi, mas pela figura gigantesca que ele representa para a história local), com a nebulosa Los Angeles de um lado e o vale nebuloso de outro. Foi um ótimo trajeto pelas conhecidas curvas traiçoeiras e mortais. Parei aqui ontem à tarde só para ver Freddie e talvez tomar um café e deixá-lo falar um pouco, e em seguida retomar o meu caminho.

Mas agora estou instalado no abafado quarto dos fundos com uma cama de embutir, um edredom do Mickey Mouse, caixas de revistas sobre bateria e jazz, uma luminária de três lâmpadas num canto, uma cadeira de jardim de alumínio quebrada, uma mesinha de TV (sem TV), um abajur que não funciona e uma garrafa de The Macallan, e eu não quero mais *ir embora!* É um refúgio, um santuário, um lugar em que um cara pode simplesmente *ficar curtindo.* Embora fique óbvio que Freddie me deixa com vergonha no quesito "solteirão vingador" (uma inspiração!), as coisas por aqui simplesmente *dão certo*. Talvez seja como a descrição de uma casa feita por Le Corbusier: "uma máquina

para morar". Assim como o velho Rambler ou o bar estofado de courino branco, a casa pode não ser exatamente *funcional*, mas sejamos francos: o que é que isso tem a ver?

Para o contexto em que Freddie vive, as coisas na casa simplesmente estão *certas.* A máquina funciona. Você não pode usar a louça do armário, porque elas estão empilhadas lá desde que ele se mudou para cá – 14 anos atrás. Então você usa os pratos que estão no escorredor de louça. O freezer está cheio de sacos plásticos com alguma coisa dentro, mas nada de gelo. A geladeira tem algumas embalagens de comida pronta do mercado, coisas que Freddie pode aquecer no meio da noite quando sentir fome. E o sofá de veludo dourado está coberto de sacolas de lavanderia e revistas, mas Freddie as coloca de lado e cobre tudo caprichosamente com uma toalha listrada, para que você possa se esticar. Ao que parece, as cortinas do meu quartinho não são abertas há 14 anos — sem falar na janela —, mas, para a minha surpresa, elas abrem! O velho Dodge funciona. A piscina está limpa. Limões crescem no quintal. O sol brilha. Não vou a lugar algum.

Veja, eu tive um momento bem *confuso* lá em Los Angeles, "depois da colina". E, sim, como você pode esperar, tem a ver com uma *mulher*. Ah, meu velho. Você lembra que contei a você que tinha conhecido aquela jovem canadense, Gabrielle, da última vez em que estive aqui? Na época, eu nem sequer *pensei* em pensar nela (por um milhão de bons motivos), nem por um segundo. Mas mais tarde Andrew me contou que ela estava sempre falando *de mim,* e ela disse que eu era um "gostoso" (ninguém nunca me chamou *disso* antes!). Fiquei vermelho e satisfeito com isso, principalmente devido ao meu atual estado de insegurança existencial, mas não levei a ideia muito a sério. Principalmente devido ao meu atual estado de insegurança existencial.

Mas dessa vez ela me pegou de jeito. Você sabe, ela me fuzilou com aquele *olhar* que as mulheres têm. *[Recapitulando a noite do "Não saia da cidade sem falar comigo"]*

Então, quando começou, eu estava me escondendo no bangalô do Freddie, meu refúgio, meu esconderijo, meu santuário, onde esperava cair na real e parar de pensar naquela garota.

Diga de novo: “Não, não, não”.

Você me conhece bem o suficiente para entender que não consigo ser “casual” em uma situação dessas, e certamente não quero esculhambar a vida *dela,* sobretudo devido ao meu atual estado...

Quero dizer, não quero mesmo.

Mas é claro que um cara fica indefeso sob a ação desses pensamentos e sentimentos, e eu posso apenas tentar reunir as minhas forças para continuar *fugindo,* voltar para a estrada e viajar. Estou longe de estar pronto para lidar com as implicações que um lance desses teria, mesmo presumindo que poderia ser divertido durante, digamos, os primeiros dois minutos. O quão estúpido alguém pode ser? Bem, nas palavras de Cérebro: “O tempo dirá, Pinky, o tempo dirá”.

Tenho certeza de que você entendeu. Sou uma pequena alma confusa e assustada sentada no sofá de veludo dourado do Freddie. Bebendo. Freddie saiu para ir ao dentista e ao nutricionista, e se não fosse por isso eu não teria tempo para dar uma palavrinha (mesmo no papel). Mas, pensando bem, isso poderia acontecer mesmo se ele estivesse: parte do que torna Freddie tão singular é o fato de que ele é tão completamente alheio ao resto do mundo. Neste momento, isso *dá certo* para mim.

Ele deixa o rádio tocando o tempo inteiro na mesma estação (no momento, o som vem do banheiro) com uma programação no estilo “O melhor da música dos Estados Unidos”, sem se importar muito com a época ou o estilo, mas eles realmente tocam um monte de canções ótimas. Como: *Go away little girl, Crazy, Unchained melody, I got it bad and that ain’t good, I’ve got a crush on you, I’ve got you under my skin.*

E houve uma que me pegou em cheio noite passada, dedicada a nós dois: *Our day will come – Nosso dia vai chegar*.

Agora eles estão tocando *The way we were – Como éramos.* Ah, meu velho, pegue essa, por você e por mim, e se quebre aos pedaços.

8 de maio de 1999
Bishop, Califórnia

Saí da casa do Freddie pelas 10h30min da manhã de hoje. Deixei

um bilhete para ele, então segui pela rota do "leste da Califórnia", pegando a 395 e passando por Mojave, Big Pine, Lone Pine e Owens "Lake" até Bishop, o centro de todo Owens Valley. A mesma estrada sobe em direção a Reno para em seguida voltar ao norte da Califórnia. Depois, segue para o Oregon e então direto para Washington. Outro dia, localizei a represa Grand Coulee Dam (a maior?) no mapa, então pensei em passar por lá no caminho (eu não tenho muita certeza de para *onde* ir, talvez de novo para Vancouver).

Neste instante, o principal é: cair fora da Califórnia imediatamente!

Principalmente devido ao meu atual estado de insegurança existencial.

Adeus, amor.

Ou, ao menos, paixonite...

Um Ghost Rider abalado

Minha pequena alma de bebê tinha ficado totalmente confusa por causa desses sentimentos totalmente inesperados – e totalmente *indesejados.* Por isso, enquanto eu seguia para o norte, eu ficava repassando isso na minha cabeça continuamente. De certa forma, parecia bem simples: se esta garota estava interessada em mim, e eu interessado nela, eu devia apenas convidá-la para sair e ver no que dava. Mas não era da minha natureza ser muito casual com relação a *nada,* e havia complicações demais que meu pobre e coitado cérebro tinha que examinar: desde tentar entender a real natureza dos meus sentimentos (nunca é fácil) até pensar na pergunta pesada que eu não poderia deixar de fazer: o que Jackie e Selena pensariam disso tudo?

Minha anotação no diário daquela noite captura o meu estado mental muito bem:

Ainda atormentado e confuso, mas me movendo na direção certa – para longe.

Não consigo acreditar no estado em que me encontro, em todos os sentidos. Esforçando-me muito para dar um jeito em mim mesmo, mas uma parte de mim diz "se entrega" – faz a curva e volta para lá.

Como deixei isso acontecer*?*
Depois de toda a minha conversa sobre solteirice etc.
Que tolo.

Então, por enquanto eu apenas continuo a andar, com a esperança de que o tempo e a distância me ajudem a recuperar seja lá qual for o "equilíbrio" que eu tinha alcançado antes daquela segunda temporada fatídica em Los Angeles. Eu estava aprendendo uma lição de quanto eu poderia "controlar" meus sentimentos, e ao longo do caminho eu adotei um novo lema: "Você não pode dizer a si mesmo como se sentir".

Com o tipo de acaso feliz que os livros às vezes trazem ou revelam, naquela época eu estava lendo o livro de Joseph Conrad, *Vitória* (que eu tinha escolhido por causa de uma carta que Jack London, fã de Conrad, havia escrito para o autor elogiando a obra). Fiquei impressionado com os paralelos entre as minhas experiências recentes e seus efeitos e aquelas vividas pelo personagem principal, Heyst. Enquanto estava lendo, eu às vezes me obrigava a parar e a copiar uma passagem no meu diário, de tão perfeitamente que alguns trechos refletiam meu próprio estado de espírito.

Para onde ele teria ido depois de todos esses anos? Nenhuma alma que lhe pertencesse vivia em qualquer lugar da Terra. Ele tinha se dado conta recentemente deste fato – não tão remoto, apesar de tudo –, porque é o fracasso que faz o homem entrar em si mesmo e reconhecer os seus recursos. E, apesar de ter decidido se retirar do mundo como um ermitão, ele ainda assim irracionalmente era atingido por uma sensação de solidão que tinha lhe acometido no momento de renúncia. Isso o machucava. Nada é mais doloroso do que o choque das contradições agudas que laceram nossa inteligência e nossas emoções.

[...]

"Vou me deixar levar pela corrente", disse Heyst a si mesmo deliberadamente.

Ele não queria dizer isso em um sentido intelectual, sentimental ou moral. Ele queria se deixar levar inteira e literalmente, corpo e alma, como uma folha solta levada pelas correntes de ar debaixo das árvores imóveis

de uma floresta, para vagar sem nunca se agarrar a nada.

"Esta deverá ser minha defesa contra a vida", ele disse a si mesmo, com a consciência interior de que não havia outra alternativa válida para o filho de seu pai.

Ele se tornou um vira-lata e um vagabundo, austeramente, por convicção, enquanto outros fazem por causa da bebida, do vício ou por alguma fraqueza de caráter — fez com deliberação, enquanto outros o fazem por desespero. Essa, despida dos fatos, tinha sido a vida de Heyst até aquela noite perturbadora. No dia seguinte, quando ele viu a garota chamada Alma, ela deixou nele, com seu jeito de olhar para ele com uma ternura franca, rápida como um raio, uma impressão profunda, um toque secreto no seu coração.

[Carta para Brutus]
11 de maio de 1999
Salish Lodge
Snoqualmie Falls, Washington

E aí, Zeus,

Definitivamente, este é o lugar perfeito para a nossa turma Scooter Trash. Com vista para as mesmas cachoeiras que aparecem na abertura do seriado Twin Peaks (muitas das cenas foram filmadas nesta área, de acordo com o livro de Deb sobre a TV americana, que nós todos devemos comprar. Por exemplo, você sabia que Grizzly Adams foi filmado em Kanab, no Utah?). É um hotel quatro estrelas, com um restaurante quatro estrelas – o local onde nós dois estamos agora, recém terminando um ensopado de salmão delicioso regado a um delicado vinho Sonoma (agora somos esnobes com os vinhos, depois de nossa visita a St. Helena no outono passado, onde achamos o relativamente calmo Sonoma Valley – e o Jack London State Park – muito mais simpáticos do que a procissão de carros através de Napa Valley). Estamos aguardando o prato principal de esturjão (tive de experimentar, com que frequência se vê isso num cardápio?), embora você provavelmente acabasse optando pelo cervo ou pelo carré de cordeiro.

Desde a minha última carta, enviada de Alturas, na Califórnia, tive outro dia superlativo na 395, que de agora em diante declaramos como sendo uma das melhores estradas dos Estados Unidos. Hoje de manhã, andei em meio às pradarias e fazendas irrigadas no leste de Washington, apreciando a paisagem desprezada e vazia, as estradas sinuosas da bacia do rio Columbia, e parei na represa Grand Coulee Dam (era enorme).

Mas antes deixe eu contar a você sobre a viagem de ontem: 834 quilômetros de Alturas a Connell, em Washington, uma pequena cidade agrícola, onde percebi que já estava suficientemente cansado para parar. Ao ler as anotações do meu diário, achei que talvez elas possam dar uma boa ideia de como foram aqueles dois dias. Então, aqui vai:

9 de maio Bishop – Alturas
108.208 (620 km)

Aqui no restaurante "Pizza and Pasta Place" para comer uma lasanha especial. Dia bom o suficiente, claro e ensolarado, embora frio – sempre em torno de 1.500 metros de altura, com montanhas de picos nevados à vista na maior parte do tempo. Artemísias e zimbros no lugar das montanhas com florestas que eu esperava ver por causa da indicação do mapa – ou meio que esperava, para ser mais exato.

O restaurante está cheio de casais mais velhos celebrando o Dia das Mães, o que é ao mesmo tempo lindo e cruel. É possível supor que Alturas não tenha muito a oferecer além deste lugar. Percebi que o rapaz no hotel Super 8 descreveu-o como um restaurante "taliano".

Liguei para minha mãe hoje de manhã (dois anos atrás, Brutus e eu telefonamos para nossas mães de Coalinga, não muito longe dali), mas ninguém atendeu. Consegui falar com ela depois, e também falei com Deb.

Tocando em Reno: James Brown, Lou Rawls, Engelbert, Wayne Newton.

Uma cidade pequena tentando permanecer viva – centro administrativo do condado de Modoc, com um foro de Justiça, poucos hotéis de beira de estrada, restaurantes, um hotel mais antigo (algum desses lugares é habitável?), um cinema, videolocadora, armazém, loja de bebidas e duas

lojas de "antiguidades". Um lugarzinho legal, de verdade, com parque, museu (fechado, infelizmente) e ruas bem bonitas com pinturas nos diversos muros antigos: um esquiador cross-country*, um ciclista, um pescador de fly, carros antigos na parede de uma concessionária da GM. No geral, ela deve estar em melhores condições do que estava há 10 anos.*

Lendo Great plains*, de Ian Frazier – obviamente um espírito semelhante ao meu.*

10 de maio Alturas – Connell, Washington
109.042 (834 km)

Seguindo pela 395, uma legítima e excelente estrada norte-americana. Frio nesta manhã: gelo sob as rodas do sistema de irrigação. Vi a temperatura a 6ºC ao meio-dia. Fazendas, pastagens, sálvia e zimbros, lagos alcalinos, um longo trecho circundando o Lago Goose com formações de rocha escarpada, Hogback Summit a 1.535 metros, e então apenas sálvias e brotos em meio às pedras até Wagontire, no Oregon. Subi até as florestas de pinheiros próximas a John Day (tive problemas por trafegar na estrada com o "safety car" na "pista", então segui para as campinas arredondadas depois de Battle Mountain). De repente, elas surgiram à minha frente abertas e amplas, estendendo-se até onde o horizonte alcança. Atravessei o rio Columbia duas vezes, cruzando o pesadelo de franquias das "Tri-cities" Pasco, Kennewick e Richland [na junção dos rios Columbia e Snake], e depois segui para as regiões agrícolas irrigadas.

Agora é hora do jantar no restaurante caseiro Michael Jay's. Fica do lado do hotel M & M, diária de 30 dólares. Muitos caminhoneiros e caminhonetes de construção. Uma viagem longa e boa para pensar. As coisas só ficaram mais movimentadas perto de Colúmbia, mas de resto foi uma viagem tranquila.

E nós estamos no bar agora, apreciando um Martell Cordon Bleu com um café *espresso*. Uma subida de nível considerável se compararmos aos últimos dias, que passei em hotéis das redes Super 8, M & M e "restaurantes caseiros".

E depois do dia que acabei tendo hoje, foi uma melhora merecida. Houve apenas duas vezes nesta longa viagem (levando em conta tudo,

desde o início em Quebec, em agosto passado) que eu tive sérios problemas estomacais (a primeira foi depois de um jantar num restaurante "caseiro" em Hope, na Colúmbia Britânica) e a segunda hoje, depois do café da manhã no "Restaurante Caseiro Michael Jay's", em Connell, Washington. Apenas duas, mesmo incluindo as aventuras no México e em Belize. Hoje, eu me peguei no meio de uma clareira de artemísias e de plantações irrigadas de vegetação baixa, sem um galho sequer para me cobrir, e tive que me agachar atrás de uns fardos de feno no acostamento, gemendo e purgando...

Então foi a vez do tempo. Aqui está uma anotação do diário, com alguns rabiscos de rascunho que não quero esquecer:

11 de maio
Connell – Snoqualmie Falls
109.588 (546 km)

Lind – Washington – Feira de colheita Combine Demolition Derby!
Máquinas e equipamentos de irrigação por todo lado.
Pássaro: cabeça laranjada, asas pretas e brancas [melro de cabeça amarela]
[Mais tarde] Bem, estou aqui em Salish Lodge. Parece que apenas a cachoeira estava no seriado Twin Peaks, mas ela é muito legal. Fui até a represa Grand Coulee, ótima viagem por estradas excelentes e vazias, e ficou ainda melhor depois: penhascos nos vales dos rios, lagos e estrada sinuosa. Ótima parte do noroeste aqui, pela paisagem e pelo clima.
E TAMBÉM: Acabei telefonando para Gabrielle! As palavras vieram à minha cabeça hoje de manhã: "A resposta é sim". Eu me senti como um adolescente atrapalhado por causa disso, mas consegui o número dela com Andrew e me obriguei a ligar para ela. Marquei um encontro para voltar lá depois de Vancouver. Agora eu vou ficar cada vez mais apavorado em relação à próxima semana. Oras. Sem dúvidas, só pensar nela já acendeu uma faísca na minha vida. E agora, tomando uma iniciativa. Muito bem.
Eu acho...
Também foi ótimo ter ligado para ela da represa Grand Coulee. Um lugar para lembrar.
Eu espero...

Sem falar em todas essas dúvidas e medos. Ouça sua voz interior.

Infelizmente, o dia foi só ladeira abaixo depois disso. Ruim do estômago, tempo ruim. A I-90 está cada vez mais fria e chuvosa, os caminhões passam em alta velocidade, traiçoeiros, e me deixavam às cegas. Medo de haver gelo na pista.

Mais uma vez, enganei a morte e sobrevivi.

Conversei com a Deb, mas eu apenas disse a ela que estava seguindo para o sul, e que talvez encontrasse meus "novos amigos" em Los Angeles. Veremos como as coisas vão antes de contar para ela – espero que ela entenda. Deb é a única que pode achar isso estranho, e eu odiaria que isso acontecesse.

Somos muito ligados um ao outro.

14 de maio
Vancouver

E aí, Razor Willie!

Aqui estou, de volta para você, escrevendo do meu *entulhado* quarto de hóspede na casa de Danny e Janette. E só tem um banheiro. Eu sempre digo a eles que os dois precisam de um lugar maior, principalmente porque eles, os senhores feudais, continuam arrecadando mais cães e tendo mais bebês e coisas assim. Mas eles estão ocupados demais para isso.

Contudo, estou aproveitando o máximo que posso. Sento no chão para brincar de carrinho com meu camarada Max, levo os cães Tara e Barfy para passear pelas matas com Janette (grávida, com um barrigão gigante para uma mulher *petit* como ela, mas mesmo assim ela não reduziu sua carga de trabalho, e tampouco está caminhando mais devagar), e fiz uma trilha com Danny pelo rio Capilano até a represa Cleveland (chamada assim em homenagem ao primeiro encarregado da água em Vancouver; que tipo de personagem será que *ele* foi?). Ainda para a programação de hoje, Danny sugeriu darmos uma volta de bicicleta ou que fôssemos nadar numa piscina local, e para amanhã ele reservou barcos a remo para nós darmos uma volta pela enseada de Burrard, como fizemos na minha visita em setembro passado. Foi muito bom estar lá em meio aos cargueiros, às enormes boias de

sinalização, aos pássaros marinhos e às focas que subiam à superfície. Além disso, a vista para a cidade é esplêndida por lá: dá para ver Stanley Park, a ponte Lion's Gate e, acima, as verdes montanhas com seus picos nevados. Eles me mantêm bem ocupado quando estou por aqui.

Hoje de manhã deixei uma mensagem com os seus "atendentes", então espero receber notícias suas até amanhã. Sua mais que excelente carta para "Pancho" estava aqui quando cheguei, e agradeço por algumas coisas boas que você me disse. Isso significa muito, meu irmão.

Por ora, vou terminar esta carta, e sem dúvida conversaremos sobre o resto dos eventos recentes "na linha".

Avante, major
El Romancero

Além de Brutus, a única pessoa para quem contei sobre os meus planos foi minha mãe. Ela sabia mais que qualquer outra pessoa o que eu estava enfrentando nos últimos dois anos, e ela e Jackie tinham sido muito próximas, então eu sabia que o que minha mãe me dissesse seria justo. Eu precisava que alguém me dissesse que o que eu estava fazendo não tinha nenhum problema, e quando liguei para minha mãe e disse que estava seguindo para Vancouver e que depois voltaria a Los Angeles porque tinha "um encontro com uma garota", ela ficou *empolgada* – muito animada por eu estar dando este grande passo na minha vida. Isso me fez sentir um pouco melhor com relação à minha decisão repentina.

Quando eu cheguei a Vancouver e contei toda a história para Danny e Janette, eles devem ter ficado confusos: em parte preocupados e em parte divertindo-se com a minha "paixão", mas também me apoiaram. Enquanto minha moto estava na concessionária BMW local para revisão, Danny me levou para comprar algumas roupas mais "arrumadas", e três dias depois eu peguei a moto e segui para o sul novamente – desta vez pela "rota expressa", a Interestadual, sob a chuva, o vento e o frio de Washington e do Oregon.

Na primeira noite, em Salem, no Oregon, eu tentei expor tudo o que estava sentindo numa carta para Deb e contar a ela o que eu

estava fazendo – senti que *tinha* que fazer isso –, então mandei por fax, pedindo a ela que me ligasse quando eu estivesse em Los Angeles para "rir da minha cara – só para eu ter certeza de que tudo está bem entre nós".

Quanto a mim, embora tivesse tomado a grande decisão de voltar lá e ver Gabrielle, eu não estava nem um pouco confortável com a mera ideia do encontro. Na apresentação imaginária do meu caso perante o meu eternamente presente "júri fantasma", Jackie e Selena, eu finalmente cheguei à conclusão de que, se eu contasse a Selena que tinha um encontro com uma mulher linda, ela provavelmente diria: "Isso aí, papai!".

Jackie, por outro lado, dificilmente ficaria *animada,* mas consigo imaginá-la revirando os olhos para Selena e dizendo a ela do seu jeito meio seco: "Bem, acho que temos que deixar o seu *pai* se *divertir* um pouco..."

O segundo dia me carregou pelos 994 quilômetros entre Salem, no Oregon, e Stockton, na Califórnia. Rodei pelo magnífico cenário que compõe a fronteira do Oregon com a Califórnia, passando pelo pico branco e reluzente do Monte Shasta e pela extensão azul do Lago Shasta. Naquele dia eu passei da chuva fria para o sol quente, e dos abetos da cidade de Douglas para os carvalhos viçosos da Califórnia, e depois para as palmeiras.

Naquela noite, enquanto eu voltava do restaurante Carrow's para o inevitável hotel da rede Best Western, passei sob a Interestadual e reparei na rampa de acesso que eu teria de pegar na manhã seguinte. Olhando para a placa "I-5 Sul", senti uma sensação estranha de *descrença,* e me dei conta de que ela era um reflexo das minhas desconfianças internas a respeito de tudo. Eu não tinha fé no futuro, nem mesmo sequer em pegar a estrada novamente na manhã seguinte.

Mas é claro que eu acabei fazendo isso, e enfrentei outra manhã fria, clara e brilhante em que cruzei as fazendas irrigadas e os ranchos de Central Valley, e as "Montanhas Shar-pei", como eu chamava aquelas colinas carameladas e enrugadas que lembram aquela raça de cachorro. A Tejon Pass, a 1.200 metros de altura, estava fria e nebulosa, e assim permaneceu por todo o caminho até Hollywood e de volta a Sunset Marquis.

Na noite anterior, eu tinha ligado para o meu cunhado, Steven, e contado a "notícia". Ele me deu um apoio cauteloso porque, como de praxe, estava preocupado comigo: "só não quero que você se machuque".

Escrevi no meu diário: "Eu também, mas... você não pode dizer a si mesmo como se sentir".

Infelizmente, Deb também não conseguiria disfarçar os sentimentos dela. Como eu tinha pedido, ela me ligou no hotel, e eu soube na hora que ela não iria "rir" de mim. Ela estava claramente às lágrimas, e a voz dela falhava enquanto ela disse: "Estou tendo alguns problemas com isso". Ah, querida.

Ela estava bem aborrecida, e soluçou: "Eu não achava que você já teria algum interesse *romântico*". Comecei a sofrer pontadas de culpa e uma dúvida dolorosa enquanto falava para ela que eu também pensava assim, mas que simplesmente tinha acontecido e que eu sentia muito que ela estivesse aborrecida com isso. Disse a Deb que ligaria de volta naquela mesma semana, com a esperança de que ela se "acostumasse" um pouco com a ideia. Ou talvez este "experimento" falhasse sozinho e deixasse de ser importante.

De qualquer forma, minhas próprias emoções caóticas ficaram ainda mais agitadas por causa dessa conversa. Mais tarde naquele mesmo dia, eu estava no chuveiro e de repente fui atacado de surpresa por um choro compulsivo, e me esvaí em lágrimas por causa de tudo.

Mas, do meu jeito característico e obsessivo, eu me atirei nesta nova aventura, jogando a precaução aos ventos proverbiais e romantizando aquela garota de um modo nervosamente determinado (para não dizer desesperado). Aluguei um reluzente Porsche Boxster e levei Gabrielle primeiro para um encontro junto com Andrew e seu amigo Rich, e mais tarde para o meu hotel para tomarmos um drinque. Ficamos acordados a noite toda falando sobre nossas vidas e nossos corações partidos.

Como eu não tinha participado de nada parecido com um "encontro" em mais de 20 anos, fiquei surpreso por me sair tão bem nesse novo papel. Mas novamente parecia que eu tinha desenvolvido uma nova "persona adaptável" para essa missão, uma nova máscara (só que sem armadura) chamada "Ellwood, o baladeiro de

Hollywood". Durante aqueles dias inebriantes, Andrew e eu tínhamos até mesmo começado a conversar sobre alugar uma *casa* juntos em Hollywood Hills. Assim eu poderia passar mais tempo lá, e certamente o "tolo que eu era" teria apenas *rido* da ideia.

Contudo, de certa maneira, a ideia já não parecia tão louca, pelo menos não para Ellwood, enquanto ele se arrumava e acompanhava Gabrielle até o novo museu Getty, levava a garota para jantar no Bel Air Hotel e para fazer compras, e também a levava para jantar num restaurante perto do mar em Malibu, com a lua cheia se erguendo atrás das palmeiras, e depois passeava de carro com ela no caminho de volta para Hollywood com a capota baixa na noite fresca e perfumada. Conduzindo a caminhonete de Andrew, levei Gabrielle e ele até Death Valley para que Andrew pudesse escolher algumas paisagens para fotografar, e mostrei a eles alguns dos meus lugares favoritos daquela região.

Certa tarde, Gabrielle e eu estávamos passeando entre as palmeiras à beira da praia em Venice Beach, captando o cenário surreal (que na verdade se parecia com um *set* de filme) de lojas de souvenir, vendedores ambulantes, cartomantes, músicos de rua e o desfile de indivíduos de aparência estranha. Havia vários leitores de tarô, e eu fiquei um pouco curioso com aquilo. Embora eu sempre tenha sido um cético em relação às cartas, tento ficar aberto a todas as possibilidades (gosto de pensar que essa é a diferença entre um cínico e um cético: o cínico desdenha, e o cético apenas *duvida*). Então, achei que seria divertido ter a minha primeira leitura de tarô. As imagens nas cartas de tarô sempre pareceram românticas e místicas para mim, e alguns nomes que eu conhecia pareciam intrigantes: A Torre, O Enforcado, Os Amantes, O Tolo.

Dentre os leitores de cartas da calçada, escolhi o único que *não* estava vestido com um traje cigano: um homem magro e esguio com cerca de 60 anos e um rosto marcado pela idade. Enquanto eu me sentava junto à mesa ao lado dele, sua expressão permanecia calma e objetiva. (Mais tarde, soube que ele era um veterano do Vietnã e um homem prático, com os pés no chão.) Ele abriu o seu baralho de cartas já bem gasto diante de nós, com as cartas viradas para baixo e separadas em dois montes, que foram unidos com um elástico de

borracha. Sem perguntar qualquer coisa e sem tentar reunir quaisquer "pistas", ele empurrou um dos montes em minha direção e me disse para escolher cinco cartas. Eu as escolhi de um modo que parecesse aleatório, e ele as colocou na mesa com as faces viradas para cima.

A Morte, A Sabedoria, A Torre, A Roda da Fortuna, A Papisa.

Depois de alguns segundos de silêncio, ele sacudiu a cabeça e disse:

– Isso é bem incomum.

Então ele me deu sua interpretação, que me deixou tão perplexo que fui obrigado a pedir que ele anotasse para mim num papel:

– Depois de uma grande tragédia e atribulação, você está tentando reconstruir a si mesmo e a sua vida. A dor da separação está gerando infelicidade, e você está insistindo em conflitos passados, viajando com remorsos. Você trabalha com artes performáticas de alguma espécie – ator? músico? – e seu trabalho lhe oferece abundância, mas isso está se deteriorando à medida que você se move para uma direção diferente. Agora você está viajando para longe de casa, tentando começar um novo ciclo, mas você não está pronto. Você precisa de mais discernimento.

Então ele me fez escolher cinco cartas da pilha seguinte, e continuou:

– Depois de uma época de dificuldade, infelicidade e problemas financeiros, você vai encontrar um recomeço com um relacionamento e uma época de superabundância. Esta pessoa não vai apenas lhe dar afeto, mas também ajudará a resolver os seus problemas com dinheiro. Ela será uma verdadeira *parceira* para você.

Meu queixo caiu, e *ainda* está caindo. Aquela pequena leitura era tão verdadeira em cada aspecto, antes e agora, que, como disse na época: "Balançou meu mundo". Era algo muito além da possibilidade de adivinhação ou de generalidades, e os eventos subsequentes e outras leituras futuras apenas reforçaram aquela experiência – a repetição me deu "evidência empírica" de como aquela ocasião havia sido especial.

Nos dias seguintes àquela leitura eu caminhei por aí balançando a cabeça. Uma parte do meu cérebro estava procurando em vão por uma explicação racional, enquanto outra parte estava se esforçando para

encontrar um meio de incorporar esse conhecimento na minha nova visão de mundo. Como um cético-racional-científico encontra um lugar em sua filosofia para isso? (Embora antes eu pudesse pensar a mesma coisa com relação à morte.)

Quanto ao progresso dos esforços românticos de Ellwood, tudo *parecia* estar indo muito bem, mas Gabrielle escondia os seus sentimentos. Não dava para dizer se estávamos apenas nos divertindo juntos ou se *começávamos* alguma coisa. Ellwood se contentava em apenas atuar como um "super-herói romântico", mas o resto de "nós" tinha outras preocupações mais sérias.

Tentei esclarecer meus sentimentos no meu diário.

Com Gabrielle, as coisas estão ficando complicadas, tanto em relação aos sentimentos quanto às concretudes. Este tolo definitivamente está se apaixonando, mas não sabe se é recíproco. Minha carência é um tanto quanto pateticamente desesperada, mas de novo: não se pode dizer a si mesmo como se sentir. Ela tem um "poder sobre mim", não há dúvidas. Estou tão agitado e mexido por dentro, e ao mesmo tempo me sinto deprimido e extasiado. Não acho que eu esteja forte o suficiente para enfrentar isso agora, mas, de novo, não se trata de uma questão de escolha.

Nas palavras de cortar o coração proferidas por Grace Bailey no CD Wind at My Back: "Don't let me lose again – Não me deixe perder novamente".

São tempos perigosos, e eu temo pelo futuro – pela primeira vez em 11 meses e 5 dias [desde a morte de Jackie. Tenho medo de que se as coisas não derem certo eu acabe realmente mal de novo. Ainda assim, não faria nada diferente. Isso teria sido um erro ainda maior.

Mas... não me deixe perder novamente.

Look in
Look the storm in the eye
Look out
To the sea and the sky
Look around
At the sight and sound

Look in look out look around

Olhe para dentro
Olhe para o olho da tempestade
Olhe para fora
Para o mar e para o céu
Olhe em volta
Para a vista e para o som
Olhe para dentro olhe para fora olhe em volta

(Force 10, 1987)

Capítulo 13
INTERLÚDIO DE VERÃO

Got to keep on moving
At the speed of love
Nothing changes faster
Than the speed of love

É preciso continuar se movendo
Na velocidade do amor
Nada muda mais rápido
Do que a velocidade do amor

(The Speed of Love, 1993)

Depois de cinco dias e cinco noites de “romance extremo”, vários indicadores pareciam me dizer que era hora de pegar a estrada novamente. Gabrielle precisava voltar a cumprir a longa jornada de trabalho do seu horário normal no restaurante, então ela não teria muito tempo para mim. Além disso, a chegada do mês de junho me chamava de volta para a casa à beira do lago. Já era verão por lá, verde e suave após um duro inverno com muita neve, e eu estava com saudades de lá. Gabrielle e eu concordamos em nos ver de novo em breve, talvez no Canadá, ou talvez em São Francisco, que ficava a apenas uma hora de avião de Los Angeles, e tivemos uma doce despedida em Sunset Marquis.

Havia chegado a hora de eu me recompor e tentar compreender o caos das minhas emoções, e eu sabia que uma longa viagem cruzando os Estados Unidos seria a arena perfeita para isso. Então, em vez das minhas costumeiras rotas cheias de voltas, peguei a interestadual em Los Angeles e simplesmente comecei a *pilotar* enquanto os meus pensamentos febris marcavam os quilômetros da Califórnia, de Nevada, de Utah, do Colorado, de Nebraska, de Iowa, de Wisconsin e da península superior de Michigan, e depois de Ontário. Em apenas cinco dias eu estava de volta à casa do lago.

Fiquei tão feliz por estar lá novamente que eu corria pela casa, pelas matas e ao redor do lago, tentando ver tudo de uma vez só. Keith tinha cuidado perfeitamente do lugar, como de costume, e os jardins ofereciam uma vista de esplendor cuidadosamente planejado. No geral, parecia um cenário bem diferente do que aquele que eu tinha deixado para trás em meados de abril, reflexo tanto das mudanças sazonais quanto das mudanças pelas quais minha pequena alma de bebê havia passado nesse meio-tempo.

Parecia também que havia um novo membro na minha alma fragmentada e multifacetada, uma *persona* (talvez não tão voltada para a “adaptação”, mas sim para o “desenvolvimento”) que eu poderia descrever melhor como uma garota de 14 anos, graças ao meu repentino gosto por música pop adolescente, especialmente por músicas açucaradas, e pela tendência de cair no choro até mesmo nas partes *alegres* do meu programa de TV de domingo à noite, *Wind at my back* (no canal CBC, claro, um drama familiar passado nos anos 1930,

uma espécie de *The Waltons* de Ontário). Pensei que talvez minha pequena alma de bebê tivesse crescido e se tornado uma garota adolescente, e eu a batizei de "Gaia", em homenagem à deusa primitiva.

Enquanto eu estivesse me adaptando ao verão, esperava construir outra vez uma rotina ocupada para mim, escrevendo minhas cartas terapêuticas e saindo ao ar livre para praticar exercícios terapêuticos, alternando semanas em que eu ficasse sozinho com semanas em que recebesse visitas terapêuticas de amigos e de familiares. (Sim, a minha vida girava em torno da terapia.) Eu até mesmo ousei manter a esperança secreta de começar a escrever com *seriedade,* fosse para retomar o meu livro que estava pela metade sobre a turnê do Rush ou fosse para trabalhar na história do Ghost Rider – mas eu teria de pensar melhor sobre isso.

Uma passagem do livro de George Eliot, *The mill on the floss,* expressava bem o estado pós-traumático em que eu estava entrando, e me deu a pista de que eu ainda iria passar por tempos difíceis:

Há algo que se prolonga na agitação que acompanha os primeiros choques de um problema, assim como uma dor aguda é muitas vezes um estímulo, e que produz uma força transiente em forma de excitação. É na vida lenta e transformada que se segue – em um período em que a dor se torna insípida e não tem mais a intensidade emotiva que se contrapõe à dor – em um momento em que um dia sucede o outro em uma mesmice banal e desprovida de expectativas, e os julgamentos são uma rotina sombria; – é então que o desespero se torna ameaçador, é então que se sente a decisiva voracidade da alma, e os olhos e os ouvidos ficam tensos diante de algum segredo da existência que não conhecemos, que deverá contribuir para o recrudescimento da natureza da satisfação.

Nos meus primeiros dias de adaptação à casa do lago, escrevi ao meu amigo Mendelson Joe para contar tudo a ele.

9 de junho de 1999
Lac St. Brutus, Quebec

Bom dia, Joe,

Esta é uma daquelas ocasiões em que mal posso acreditar que já faz tanto tempo desde a última vez que escrevi para você – no final de fevereiro, segundo meus registros. Contudo, hoje em dia eu fico *contente* com certa frequência ao perceber que alguns meses passaram voando. Isso significa que tenho ocupado meus dias bem o suficiente para permitir que o Tempo, o suposto curandeiro, faça seu trabalho.

Recém voltei da Cidade do México, onde fui buscar minha moto. Voltei para casa rodando através do México e do oeste dos Estados Unidos em seis semanas, numa rota de 14.000 quilômetros. A maior parte do tempo foi gasta com voltas pela costa oeste dos EUA, onde visitei alguns amigos canadenses expatriados em *Los Porrangeles*, além de meu irmão e sua família em *San Francouver* (aquela da Colúmbia Britânica). Semana passada, resolvi que já era hora de ir para casa, e peguei a "rota expressa" saindo de Los Angeles.

Você sabe que prefiro as rodovias secundárias, as emocionantes estradas asfaltadas de pista única do oeste, mas ainda assim há algo de especial em uma jornada longa e contínua, mesmo no revestimento de concreto da "*Superslab"*. Brutus e eu fizemos algumas maratonas cruzando o país durante a turnê do Rush (de Virgínia para Frisco em quatro dias, de Toronto para Los Angeles em cinco) e nós passamos a gostar do modo como podemos acelerar zunindo pela estrada e parar apenas para abastecer e para "intervalos biológicos", com uma *jukebox* mental recuperando cada música que você já ouviu e tocando elas em sua cabeça. Claro que você fica duro e dolorido, e sente frio e fica molhado, mas este é o preço a pagar.

Dessa vez eu fiz uma travessia verdadeiramente épica ("Cinco mil quilômetros em cinco dias" seria a manchete), porque só o que eu queria era estar *aqui*, e também porque a ideia de uma longa viagem pela rodovia "interestados mentais" era muito sedutora para mim.

Atravessei o Mojave (38ºC no "Termômetro Mais Alto do Mundo" em Baker, Califórnia), o deserto elevado da Great Basin, os estados de Nevada e de Utah, e andei por uma das melhores rodovias interestaduais de todos os Estados Unidos, a I-70, que cruza as monumentais formações rochosas de Utah sob um límpido céu azul e

depois sobe em direção às Montanhas Rochosas do Colorado.

O tempo ficou meio "cretino" perto do leste do Colorado (embora não tenha "partido pra ignorância", como aconteceu na região do noroeste do Pacífico; essas são apenas algumas das minhas novas classificações meteorológicas para motociclistas), com nuvens, vento e chuvas ocasionais, mas nada muito sério. Evitei as porras de cidades cosmopolitas no leste do Mississippi rodando para cima, cruzando o Nebraska, o Iowa, o Wisconsin, a península superior de Michigan, e a fronteira com Nossa Nação em Sault Ste. Marie, logo depois daquela velha arena onde, como lembro bem, fizemos um show juntos há muito tempo. [Em meados dos anos 1970, Joe abriu para o Rush em alguns shows no norte de Ontário, e o público ficava tipicamente perplexo com o seu jeito peculiar de cantar, tocar guitarra e bater os pés no chão com energia.]

Depois atravessei Ontário (ridiculamente cheia de policiais), passando por Sudbury, North Bay e pela capital de Nossa Nação, até finalmente estar de volta na minha garagem. A GS já tinha percorrido 60.105 quilômetros desde que parti daqui em agosto passado, e o odômetro agora acusa 117.312 quilômetros. E ela ainda está rodando como uma campeã.

Apesar de ter cobrido uma distância dessas em tão pouco tempo, foi uma viagem muito *segura* (tanto quanto possível, é claro). Em comparação com o perímetro urbano e as autoestradas com cruzamentos e seus tratores e vacas repentinos, rodar pela Interestadual é o que os britânicos chamam de um "*dawdle*", ou "matar um tempo". Isso ocorre principalmente no oeste, onde o trânsito é bem mais calmo e se pode andar praticamente sozinho na estrada por *dias*. Mesmo tendo viajado no feriado do American Memorial Day, o que encontrei foi uma rota bem tranquila, e andei mais rápido do que esperava. Eu tinha calculado levar seis ou sete dias para cruzar o país, mas quando entrei no "estado mental Interestados", apenas segui em frente.

Obviamente, o segredo não é andar em "Velocidade Máxima". Para começar, isso só atrai as atenções da Lei, e quem precisa desse inconveniente? Eu não. De qualquer maneira, todos os estados do oeste têm limites de velocidade em torno de 110 e 120 km/h, então é

possível andar tranquilamente perto dos 130 km/h, o que é rápido o suficiente. Então eu só tento manter a "margem de proteção de dois segundos" entre minha moto e os outros veículos ao meu redor, ficar longe de seus pontos cegos (enquanto me forço a lembrar que, seja lá o que acontecer, eu permaneço totalmente *invisível* para eles) e continuar rodando, com apenas uma parada para abastecer e outra numa área para descansar/mijar. Assim se passaram os quilômetros, e os dias.

Por muitas ótimas razões, não gosto de viajar à noite (bem, eu *gosto*, mas não acho que seja uma boa ideia). Um dos grandes motivos é que não faz sentido cruzar por uma paisagem que você não pode ver, mas também há *outras* coisas que não vemos, como buracos na pista e restos de recapagem de pneus de caminhão no asfalto. E é claro que você não quer ficar cansado demais e cometer um erro bobo. Sendo assim, eu parava todo dia por volta das 17h e partia de novo logo cedo pela manhã. No último dia, como eu estava chegando perto de casa, fui mais longe: percorri 1.300 quilômetros em 14 horas, mas ainda assim cheguei antes do anoitecer.

Como eu posso ver agora, foi a coisa certa a se fazer: sair de casa durante a mudança de estação. Eu estava me "afundando" pouco a pouco, dia após dia, e precisava de uma mudança. Precisava levar minha alma de bebê para dar uma volta.

Além disso, a última Grande Viagem de Los Angeles para casa foi especial de um jeito diferente, porque agora há um pote de ouro em cada ponta do arco-íris: minha linda casa aqui, e uma linda garota lá do outro lado!

[Recapitulação do Grande Romance]

Você deve conseguir imaginar a transformação profunda que isso trouxe à minha vida. Sua carta mais recente me aconselhou a viajar nesta direção, por assim dizer, embora eu possa afirmar que eu mesmo não tenho pensado muito nesse assunto. Eu só queria continuar tocando as coisas de maneira relativamente solitária, ser um ermitão no inverno e no verão e viver como um cigano na primavera e no outono. Aquele era o meu pequeno plano de vida, e certamente eu não

tinha intenção alguma de me apegar a alguém. Pelo contrário, eu queria me fechar para tudo aquilo: “Não toco em ninguém e ninguém toca em mim”.

Mas como tenho dito a mim mesmo com frequência nos últimos tempos: “Você não pode dizer a si mesmo como se sentir”.

Mas alguns sinais eletromagnéticos e bioquímicos agiram sobre o meu corpo – analisando isso por uma perspectiva nada romântica –, e de repente tudo ficou diferente. É uma coisa tremenda. Outro dos meus lemas atuais: “Que diferença uma dama faz”.

Tudo que sei é que eu poderia ter voado de graça da Califórnia para Quebec, pois minha cabeça estava nas nuvens.

E esta é a minha historinha de hoje, Joe. Definitivamente bem mais alegre do que a maioria das minhas histórias recentes, e isso só serve para mostrar... bem, mostra alguma coisa. É claro que há sempre um lado escuro, e às vezes eu tenho sido atormentado por dúvidas, inseguranças, medos e culpas de uma ordem totalmente diversa, mas, de novo: você não pode dizer a si mesmo como se sentir.

Há outra expressão do francês que se aplica muito bem à minha atitude atual sobre a vida em geral: *Ça vaut la peine,* ou seja, “Vale a pena”.

Isso também serve para mostrar... alguma coisa.

De todo modo, estou tentando me ajustar às atividades de verão: já estou remando diariamente e quero começar a pedalar e também fazer algo, sei lá, mais produtivo.

Nada como um *Romance* para deixar um cara animado para “fazer alguma coisa” (provavelmente apenas uma variação do ato de “se exibir”), mas veremos o que vai sair disso, se é que vai sair alguma coisa. Por enquanto, fico feliz em ter todas essas novidades animando a minha pequena alma de bebê.

O amor não é grandioso?

Às vezes é....

NEP

[Carta para Brutus]

le petit oiseau d’été

11 de junho de 1999

Lac St. Brutus, Quebec

E aí, Schnitzelgrülsen!

Bom dia para você, diretamente de uma manhã dourada de início de verão. O sol brilha intensamente no céu azul imaculado, as ondinhas percorrem o lago e há contornos de verde por toda a volta. Mesmo às 9h30min, a temperatura já é de 23ºC.

Os ventos fracos sopram do sudeste, o barômetro está estável, a umidade é de 80%, e parece que estamos sob a influência de uma zona de alta pressão estacionária. Depois de uma semana algo sombria, tanto por fora quanto por dentro (no meu caso), a mudança é bem-vinda.

Estou indo com calma nas atividades de verão. Hoje de manhã, acordei antes do sol clarear as árvores, fiz suco e café e fiquei parado próximo à janela da cozinha para observar os pássaros no meu alimentador enquanto lavava alguns pratos. Um pouco de Sinatra tocava baixinho para não perturbar as visitas (Steven e Shelly estão aqui em casa; Deb e Rudy se acomodaram no anexo para hóspedes), enquanto eu dou uma organizada na casa.

A regra imposta pelo Solteirão Vingador nesta residência – de que a louça deve ser lavada apenas na manhã seguinte e *não* logo após o jantar – tem o efeito colateral de fazer a pessoa que acorda mais cedo ser obrigada a encarar a tarefa. Que, nesse caso, sou eu. Contudo, tenho certeza de que você pode imaginar que isso não é tão desagradável *dans une scène si belle comme ça ici.*

Ontem de manhã eu presenciei uma cena espetacular: um pintassilgo amarelo brilhante estava empoleirado de frente para um tentilhão vermelho, enquanto um beija-flor com colarinho de rubi sugava o néctar de uma flor bem rente à minha janela. Mesmo no verão, o Café Ornitológico do Chef Ellwood é muito popular na vizinhança, e consigo observar muitos pássaros que passariam de forma despercebida não fosse pelos comedouros.

Lentamente, estou me acostumando a essa recente mudança de estação, tentando encontrar padrões de atividade e uma “propensão”, acho que se pode falar assim, para me levar adiante dia e noite. Nesta

primeira semana de retorno, tenho sentido uma espécie de falta de sincronia em relação a tudo, inclusive ao ambiente. Parece que ainda estou bastante confuso e desorientado, algo que vem de dentro, e estou tendo dificuldade para me concentrar ou até mesmo para dar conta das atividades rotineiras. Basicamente, estou mexido por dentro, como se estivesse agitado.

Tenho saído para remar quase todos os dias, mas geralmente eu não consigo "me entregar" àquela atividade, e não sou capaz de entrar naquele transe agradável que torna todo tipo de movimento tão valioso para esta minha pequena alma de bebê. Parecia que eu estava puxando os remos e impulsionando os pés com uma sensação de agitação, frustração e até mesmo com raiva: espanque aquela água!

Não é nem um pouco surpreendente o fato de que eu estou tendo um pouco de dificuldade para me acomodar. Tenho aquela velha sensação de estar "no meio do redemoinho", com tantas emoções me atingindo em cheio, algumas tão *fortes* que meu próprio cérebro mal consegue acompanhá-las, e muito menos atribuir-lhes algum sentido. Ainda assim, aquele pequeno órgão inoportuno continua tentando, e gira as engrenagens com dificuldade como faziam os computadores primitivos, sucessivamente tentando resolver questões impossíveis e tomar decisões impossíveis. É assim que eu estou.

Esta época do ano também é dura, porque junho é outro dos meses "amaldiçoados" no meu ano. Dei-me conta agora de que toda esta *estação* é amaldiçoada ("Verão cruel"), porque julho e agosto também trazem seus "dias negros e sombrios". Ah, meu velho.

Os aniversários não são tão ruins, porque pelo menos ainda é possível celebrá-los. São os outros, que passei a chamar de "Dias D", que realmente são difíceis.

Eu esperava que o próximo "Dia D" [20 de junho, aniversário de morte de Jackie] pudesse ser "marcado" pela conclusão do mausoléu no cemitério Mount Pleasant, mas o projeto sofreu um revés atrás do outro (na verdade, não foi culpa de ninguém – ou talvez minha, por não pressioná-los muito), e não ficará pronto a tempo. Isso é deprimente.

Na quarta-feira eu vou a Toronto (a contragosto) para ir ao médico e ao dentista e participar de algumas obrigações sociais e cuidar de

uns negócios. Eu tinha planejado passar por lá o domingo, o temido dia 20, e pegar um voo para São Francisco ainda naquela noite. (Há certa ironia horrível aqui, eu sei, mas as coisas simplesmente aconteceram dessa forma). Agora, eu já não sei o que farei nesse dia, mas não será bom.

Ontem Deb e eu estávamos olhando umas coisas de Selena e organizando sua coleção de chaveiros e de copinhos (quantos desses foram comprados por você e eu em nossas viagens!) na Biblioteca Memorial Selena. Num primeiro momento estava tudo bem, estávamos rindo de diversas coisas e conversando sobre Selena, mas então, enquanto Deb abria mais caixas e eu via outros "souvenirs" dela – bichinhos de pelúcia e outros enfeites do seu quarto – eu comecei a ficar muito mal. Fui para o andar de baixo e sentei na cozinha chorando descontroladamente, e isso durou um bom tempo. Eu me servi uma ou duas doses generosas de The Macallan e toquei todas as minhas canções tristes bem alto (para tentar "me acabar" nelas), mas não consegui parar de chorar e soluçar por cerca de duas horas. Finalmente, fui me deitar e consegui dormir por um tempo, e então acordei exausto, mas um pouco mais calmo. Isso já tinha acontecido antes algumas semanas atrás, em Los Angeles, quando eu fiquei sozinho numa certa tarde e fui arrebatado por uma abjeta onda de dor. Bem, não é surpreendente que eu me sinta assim de tempos em tempos, acho.

Domingo, 13 de junho

O dia seguinte do dia seguinte...

Todos os meus hóspedes já se foram e a tarde está quente. No momento, estou curtindo em paz, peladão. ("Não olhe para mim!")

Fico feliz de relatar que, desde a manhã de ontem, o mundo se transformou moderadamente por aqui, tudo por causa de um simples mergulho: eu fui nadar no lago. Agora que o lago também faz parte do meu mundo de maneira mais tangível – e mais *sensual –,* faz uma grande diferença. Acho que é meio cedo para nadar, embora eu quase nunca tenha estado aqui nesta época do ano. Aparentemente, fez bastante calor por algumas semanas enquanto eu estava fora, então

talvez haja mesmo reflexos do aquecimento global no meu lago. De qualquer maneira, eu gosto disso.

Fiquei um pouco parado junto à escadinha para tomar coragem, mas depois que entrei na água tudo ficou bem. Eu nadei seguindo a margem até o lugar que eu ainda considero ser *sua* pequena doca e depois fiz o caminho de volta como um "teste" preliminar, já que faz um ano (percebo agora) desde que nadei pela última vez, exceto pelos banhos de mar em Loreto, no Golfo da Califórnia.

Nadar aquela longa distância com três braçadas a cada intervalo de respiração foi um alívio imediato para o meu cérebro. É melhor que remar, de certa forma: se parece mais com o transe que alcanço ao praticar esqui *cross-country*. Não sei por que motivo, mas as coisas parecem ser assim. A pesquisa sobre estados de transe vai continuar.

Na noite passada eu estava contando a Steven e Shelly como você tinha sido "O Descobridor Desta Terra", e como tal você deve lembrar do gosto bom que essa água tem quando encosta nos lábios e de sua ótima textura no contato com a pele. Enquanto eu nadava me guiando pela margem, não pude deixar de pensar noutro verão "Era uma vez" (*Once upon a time,* uma das minhas canções favoritas de Sinatra), e eu me lembrei de todas as vezes em que eu nadava pela margem até aquela rocha em frente à sua doca, gritando "Kee-ah-kee!" e tirando dúvidas sobre palavras cruzadas e coisas assim antes de nadar de volta.

Mas chega disso. Já senti o suficiente dessa tristeza abjeta para um único final de semana, obrigado.

Hoje, em mais uma manhã imaculada, saí cedo para dar uma longa remada ao redor das seis ilhas, uma rota que eu chamo de "círculo completo". Depois que Steven e Shelly foram para o aeroporto e Deb (estamos nos entendendo melhor agora, mas ainda não é a mesma coisa de antes) e o pequeno Rudy voltaram para casa, eu me afundei na minha poltrona por um momento em silêncio total, e então fui para a doca, tirei minhas roupas e nadei pela margem, passando pela casa de Louie e pela casa dos Chalmers até chegar à rocha de Duddy. Depois voltei imerso num transe perfeito e inconsciente.

Desde que comecei esta carta, a combinação de um pouco de sol, um pouco de água e um pouco de exercício tem feito maravilhas. (Um

pouco de paz e de tranquilidade também não faz mal.) Sinto-me melhor, e aposto que também *pareço* melhor. Se é que isso é possível para um cara atraente como eu, que encanta gatinhas de Hollywood.

Ou pelo menos como o Ellwood. Veja bem: na minha personalidade eternamente dividida (agora já passou da esquizofrenia, entrou na trifenia, quadrofenia, chegando à polifenia), agora há alguns caras diferentes que estão meio que... conspirando para se tornarem os chefes da minha própria vida. E o mais virtuoso de todos nós é Ellwood, que vem se tornando a minha faceta de Hollywood, o Super-herói Romântico.

Ele não é como aquele velho cara que costumávamos ser, o baterista desengonçado com um nome estranho que ninguém conseguia pronunciar. Certamente, Ellwood não é como qualquer um dos retalhos daquele cara que ainda possam restar em nós. E Ellwood não é bem igual ao John Ellwood Taylor ("sempre triste o tempo todo"), ou ao Chef Ellwood, nem mesmo ao lendário Ghost Rider. E ele certamente não é nada parecido com a pequena Gaia, a adolescente que está sempre chorando e fica sentimental quando ouve música pop.

Contudo, e isso deve ser dito, quando Ellwood atinge seu estado mais elevado, não é exagero afirmar que ele incorpora todas as outras personalidades.

Do modo que Walt Whitman muito bem descreveu: "Eu sou amplo, eu contenho multidões" e tal.

De um ponto de vista mais prático, espero que meu caderno de anotações tenha espaço suficiente para abrigar o número crescente de atividades do meu "grande elenco". Era bom quando éramos apenas pedaços daquele outro cara, junto com John Ellwood Taylor, Chef Ellwood e o Ghost Rider. Mas agora, mesmo adicionando o Super-herói Romântico, Ellwood, o enredo tem sido um pouco tenso.

É sério, meu caro! Primeiro nós tivemos que interromper as viagens do Ghost Rider enquanto Ellwood nos obrigou a voltarmos a Los Angeles só para que ele pudesse cortejar à moda antiga de uma linda jovem donzela. E agora, o Ghost Rider, já cansado da estrada, mal voltou para sua garagem e quer descansar durante o verão (e passar um tempo deitado na rede com John Ellwood). Mas nosso Super-herói

Romântico resolveu que quer voltar para a Califórnia e levar todos nós de avião para São Francisco, arrumar-se todo e desempenhar o papel de *El Romancero* outra vez.

Veja só o problema.

Bem, se há uma coisa que aprendi com as reviravoltas do mundo é que é simplesmente inútil tentar controlar esta montanha-russa maluca chamada Vida, então tudo que podemos fazer é aguentar firme.

Assim disse o profeta, o Reverendo L. Wood Hubbard.

E por falar em textos inspiradores, vou anexar algumas citações proféticas de *Victory*, de Joseph Conrad, que casualmente eu estava lendo durante a minha *crise de coeur* algumas semanas atrás, quando passei por Alturas, pela represa Grand Coulee, por Snoqualmie Falls, por Vancouver e, mais uma vez, por Los Angeles. Acho que você vai achá-las pertinentes. Foi outra daquelas experiências sincronizadas da Costa Oeste, meu velho.

Espero que você esteja bem aí. Seja um bom garoto e ligue para nós em breve, certo? Nós *todos* adoraríamos receber notícias suas quando voltarmos da costa, lá pelo dia 25 ou 26. Seja um bom garoto!

E digamos que, quando o Reverendo L. Wood terminar seu livro com pensamentos austeros e sensíveis, enviaremos uma cópia para você. Você e seus amigos podem ser as primeiras ovelhas de seu "rebanho".

Agora, vamos orar por nossa redenção, irmão.

Blá, blá, blá...
De "todos nós"
Para todos vocês...

Pois então... O super-herói romântico do nosso grupo, Ellwood, novamente pegou uma carona para Toronto, cuidou de alguns negócios, jantou com Alex e a esposa dele, Charlene, e com Geddy e a esposa dele, Nancy (não há dúvidas de que Ellwood deixou todos animados com as histórias de suas proezas românticas), visitou o cemitério para algumas horas de choro e depois pegou um voo para São Francisco para encontrar Gabrielle.

Mais uma vez, Ellwood fez o melhor que pôde para impressionar a garota: reservou uma suíte luxuosa num hotel em Nob Hill com vista para a bela cidade e para a baía de São Francisco, levou-a para passeios de carro pela cidade, para uma excursão de barco até Alcatraz, a uma apresentação do musical *Rent* e a uma noite de Stravinsky na orquestra sinfônica, mas não parecia estar dando certo. Talvez ele estivesse indo rápido demais, um conflito inevitável entre suas intenções sérias e uma mulher jovem que agora parecia personificar a canção *Girls just wanna have fun* (*As garotas só querem se divertir*), de Cindy Lauper. Ou talvez fossem seus suspiros constantes e suas lágrimas ocasionais. (Ou já era hora de considerar o *inverso* do nosso "princípio da confluência do acaso": talvez ela fosse apenas a pessoa errada na hora errada). De qualquer maneira, Gabrielle tinha se tornado "fria" de uma forma inexplicável, e depois de quatro dias Ellwood pegou um voo de volta para Montreal, cabisbaixo e confuso.

O que vamos fazer agora? Se a vida fosse uma canção de Sinatra, sempre que você tivesse "problemas com mulheres", tudo ficaria bem e você ficaria *bêbado*. Então, usei essa "saída de emergência provisória" mais uma vez e fui farrear por uns dias. (Na adolescência de Selena, tentei instruí-la uma vez a respeito dessas coisas com o seguinte conselho: "Tudo com moderação, com excessos ocasionais". Ela respondeu: "Tudo bem, papai, parece-me bom". E eu disse: "Filha, para *mim* tem sido!")

Acordei com uma ressaca daquelas e, como às vezes acontece, eu tinha uma visão novinha em folha com *clareza dos fatos*.

Obviamente havia chegado o momento de agir de forma radical e tomar medidas desesperadas, e eu tinha somente um último refúgio para explorar: tocar bateria. No passado, eu sempre havia encontrado na prática da bateria o refúgio perfeito, um estado de transe inspirador no qual eu mergulhava totalmente e que sempre me fazia esquecer de todo o resto. Decidi que era hora de tentar fazer isso.

Sem querer me pressionar, nem dar falsas esperanças aos meus "sócios" profissionais, eu reservei em segredo um estúdio das proximidades (onde trabalhei tantas vezes com o Rush ao longo dos anos, começando em 1979, quando estive pela primeira vez naquela região de Quebec que depois se tornaria tão importante na minha

vida). Tomei todas as providências tendo como mediadoras Sheila, do escritório (a quem eu sempre podia confiar um segredo), e Nathalie, a gerente do estúdio, que me inscreveu nos seus registros como "The John Taylor Project".

Keith estava fora da cidade visitando sua família em Toronto, então meu amigo Trevor me ajudou a transportar até o estúdio a bateria amarela Gretsch, que havia sido armazenada na sala da caldeira ao lado de um pequeno e negligenciado conjunto de bateria que eu antes usava para praticar. Comecei a ir lá todos os dias e ficar por algumas horas; eu tocava vários padrões rítmicos, sem maiores metas, só para ver o que saía daquilo. Fazia exatamente dois anos que eu não tocava, desde o último show da turnê do álbum *Test For Echo*. Mas, depois de tocar o instrumento por mais de 30 anos, a técnica física voltou rapidamente.

O que me surpreendeu, no entanto, foi o que aconteceu *musicalmente*. Logo percebi que, a partir dos padrões rítmicos aleatórios que eu estava tocando, estava surgindo um "tema" mais amplo – eu estava "contando minha história". Não em termos de composição musical ou das letras, mas eu pensava enquanto tocava certa passagem: "esta é *aquela* parte".

Uma vez, apontei que a natureza básica da arte era "contar histórias", e eu nunca tinha sentido isso de forma tão verdadeira. Toquei a raiva, a frustração, a dor e até mesmo as partes da minha viagem, os ritmos da estrada, a exuberância da paisagem, os altos e baixos dinâmicos do meu ânimo, a suíte narrativa que surgia, tudo era tão purificador e energizante quanto o suor e o esforço de contar a minha história.

Também continuei a minha narrativa de uma forma mais usual e verbal por meio das inevitáveis cartas para Brutus.

Le corbeau dans la pluie
(ou "Um doido na Chuva")

6 de julho de 1999
Lac St. Brutus, Quebec

E aí, Schmützfink!

Uma manhã escura e sombria, com algumas pancadas de chuva pesada. E quer saber? É exatamente como eu me sinto: escuro, sombrio e pesado.

Então eu vou descontar em você! (Afinal, para que servem os amigos?)

Há uma neblina cinzenta sobre o lago e também uma neblina cinzenta sobre a minha pequena alma de bebê. Hoje os uivos de lobo desabam num lamento decrescente. Ah, meu irmão, estes são tempos confusos, e é claro que o meu cérebro está seriamente perturbado. Os Mistérios da Vida, os Mistérios das Mulheres e principalmente os Mistérios do Luto. Ultimamente, tenho me dado conta de que ainda estou longe de superar tudo isso. Não que eu já devesse ter superado, mas às vezes eu me iludo por uns tempos.

Lá na Inglaterra, quando eu estava lendo todos aqueles livros sobre luto, eu deparei com algumas informações que eram inaceitáveis e inacreditáveis naquela época, porque eu ainda não *estava pronto para elas.* Então, algum tempo depois, eu passaria por cada uma daquelas fases, e descobriria que a experiência humana que havia sido acumulada e transposta para aqueles livros era, sem dúvida alguma, completamente verdadeira. Um exemplo de informação inaceitável era a sugestão de que o "segundo ano de luto é pior", o que, ao longo de todo o primeiro ano, eu não conseguia imaginar que fosse *possível.* Agora estou começando a entender.

É difícil de descrever, ou talvez seja cedo demais para tanto, porque eu recém comecei a pensar sobre isso nesta semana (quando o segundo ano começou). Parece que neste ponto a tristeza abjeta começa a se transformar num estado menos dinâmico e menos emocional para dar lugar a uma sensação de vazio e a um mal-estar diário de imobilidade sem destino. Estou percebendo que isso, de certa forma, é mais difícil de encarar. Ou é mais difícil de se descobrir o que fazer para superar isso.

Está mais difícil do que nunca encontrar motivação para fazer qualquer coisa, para me importar com qualquer coisa e para seguir em frente e encarar as frustrações e preocupações do dia a dia – e está

mais difícil não *beber*. Ultimamente, tem sido muito difícil esperar até a hora do próximo drinque. Tenho me esforçado para manter minha "dose básica" no mínimo suportável: dois uísques e uma taça de vinho no jantar diariamente.

Não estou muito entusiasmado com a vida neste momento, parece que em breve eu estarei entorpecido. Como eu não estou *interessado* na vida, eu quero *fugir* dela.

Para ser sincero, isso seria aceitável se fosse me ajudar a atravessar esta época particularmente difícil, como aconteceu no ano passado, e eu fosse parar logo em seguida. Mas não quero que a minha vida se degenere ao ponto de eu me tornar um alcoólatra patético e decadente. Na medida em que posso "escolher" que tipo de vida terei (e nós dois não temos o "livre-arbítrio" em alta conta, não é?), há certos futuros que eu não quero cogitar. Sem dúvidas, um deles é a possibilidade de me tornar qualquer alcoólatra em qualquer nível. Principalmente – horror dos horrores – me tornar um alcoólatra em *recuperação*.

Então, estou cuidando seriamente da situação, e realmente não acho que vou deixar a questão da bebida sair de controle. Ainda assim, odeio ter a obrigação de meramente me preocupar com isso, sabe? (Não: na verdade, você não sabe! Você bem que *queria* ter que se preocupar com o risco de se tornar um bêbado!)

De qualquer modo, vamos falar sobre o clima, ok?

Duas noites atrás eu fui acordado às 2h da madrugada por trovões, vento e chuva; levantei e assisti à mais impressionante tempestade elétrica que já vi. Os raios surgiam tão rápida e constantemente que iluminavam meu caminho pela casa enquanto eu corria para o andar de cima para fechar as janelas. Depois, eu fiquei deitado na cama para observar o show sobre o lago, um bombardeio de artilharia constante de relâmpagos que abrasavam a retina. Flashes rápidos e distantes e até mesmo pequenas "explosões" pareciam formar teias de aranha no céu, e às vezes várias delas apareciam de maneira simultânea. Lembrei-me da semana anterior, quando sobrevoei Montreal de avião e pude ver os fogos de artifício de St. Jean-Baptiste Day sobre La Ronde.

A imagística evocava a artilharia da Primeira Guerra Mundial,

batalhas no mar, lâmpadas de flash espocando num show dos Beatles, fogos de artifício, todo esse tipo de coisa, mas foi a Nathalie, do estúdio, quem encontrou a melhor definição (insira aqui um sotaque franco-canadense): "Era como uma... *discoteca!"*

De acordo com o noticiário da noite passada na rede CBC, o vento e os raios da tempestade deixaram muitos estragos, e algumas áreas da região dos Laurentides continuavam sem energia elétrica até então. Apesar disso, na minha casa a luz apenas oscilou algumas vezes. Eu realmente vi muitas árvores e galhos caídos ontem de manhã enquanto dirigia pela estrada até Laval.

Quanto aos outros tipos de "clima", mencionei que as coisas pareceram meio "frias" em São Francisco, e eu voltei para casa um pouco... desapontado. Ok, muito desapontado. Ainda telefono para ela com frequência, mas sinto certo *distanciamento.* Nunca se sabe o que se passa na cabeça das mulheres, não é?

Ainda no tema do "clima de hoje", há as minhas preocupações sobre a "segurança financeira" futura. De acordo com os cheques que Sheila recém me enviou para assinar – com um bilhete dizendo "Eu posso precisar deles agora que você se tornou um *jet-setter*" – atualmente eu gasto cerca de seis vezes mais do que a minha renda. (Na verdade, quem gasta isso é o Ellwood – eu não consigo controlar aquele cara!) Parece que lidar com toda essa má sorte e com a tragédia não tem sido apenas desagradável, mas também custa *caro* (ainda mais depois daquelas longas estadias em Londres e Barbados, e também por ter deixado meus investimentos nas mãos de um corretor cada vez mais "criativo"). Além disso, a velha galinha dos ovos de ouro levou um baque pesado nos últimos anos. Ai. Eu não esperava já ter que me preocupar com *isso*. Você entende que eu ainda tenho alguns *huitlacoches* na minha bolsa do tanque de combustível, e sempre há o dinheiro dos investimentos para ser gasto (apesar do investimento que representa "gastar" com as coisas do cotidiano). Então, contanto que eu não viva por muito tempo, devo ficar bem...

Ou... eu posso voltar a trabalhar. Contudo, está claro para mim que essa ideia ainda assusta minha pequena e insensata alma de bebê. Verdade seja dita, minhas experiências com a bateria no Le Studio estão indo bem, e confirmei que não apenas continuo capaz de tocar

com boa técnica, como também continuo capaz de *me comunicar* por meio do instrumento.

Esta abordagem "narrativa" tem me levado a lugares interessantes musicalmente falando, e apenas por ser algo que faço todos os dias – por ter um lugar para ir e algo a fazer – isso já tem sido muito bom pra mim. Dar uma volta e suar bastante lá sozinho "vale o incômodo", mesmo que, por agora, eu ainda não me sinta pronto para mergulhar num grande "projeto" com os outros caras. Acho que a diferença é que eu posso até estar pronto para *tocar,* mas ainda não estou pronto para *trabalhar.* Então, vou deixar isso de molho por um tempo.

Eu sempre pensei que, se algum dos meus antigos interesses voltasse a me entusiasmar, escrever seria naturalmente o primeiro deles – é uma atividade tranquila e solitária na qual eu poderia me refugiar com suavidade. E não há dúvidas de que tenho algumas histórias para contar. Contudo, ainda me sinto muito longe de ter a força e a disciplina necessárias para um grande projeto literário, embora eu saiba ao menos que posso tocar bateria se der na telha. Ou se eu precisar.

"Para conseguir um pouco de dinheiro para a gasolina que você põe no caminho", só para citar o que Ray sempre diz. Você deve lembrar que eu estava falando sobre *fazer uma turnê,* mas esqueça isso. É evidente que eu não consigo sequer pensar em fazer parte *daquele* circo neste momento. Eu não teria a força nem a tolerância necessárias. (Nem meu navegador.)

Mas, por enquanto, ainda estou tocando bateria em segredo, não muito certo sobre o que eu realmente quero fazer a respeito disso. Se é que eu quero fazer alguma coisa. E, se quiser, *quando?*

Outro ponto importante para mim é a questão de comprometer o meu tempo de maneira tão intensa neste momento: concordar em ir a algum lugar e trabalhar durante longas horas neste outono, ou neste inverno, ou na próxima primavera. O que o Ghost Rider diria a respeito disso? Ou John Ellwood?

Aqueles dois já se sentem um pouco inquietos, e estão implorando para fazermos uma viagem. Ontem mesmo, enquanto andávamos com a GS pelo interior na zona rural nos limites de Lachute, eles nos lembraram de como é bom viajar e de quão melhor seria se

estivéssemos com as bagagens e acelerando o dia inteiro pela estrada até Havre St. Pierre, ou Twin Falls, em Idaho, ou Moab, no Utah. Aqueles caras também garantiram para nós que viajar seria muito melhor para nosso(s) atual(is) estado(s) mental(ais), e isso também ajudaria a controlar a questão da bebida e do cigarro.

Sendo assim, o que é que eu vou dizer *para aqueles* caras? Provavelmente você consegue imaginar a reação de Ellwood diante da ideia de ficar trancado em algum estúdio em Toronto por quatro ou cinco meses. Não faz o tipo dele, de jeito nenhum. E quanto à Gaia, a adolescente de 14 anos – será que *ela* dá a mínima bola para tudo isso?

Portanto, estamos em dúvida: há algumas questões e alguns enigmas (com amigos como você, quem precisa de enigmas?), certa ambiguidade, vários dilemas e uma enorme confusão.

A vida não é ótima?

Hoje não, querida – estou com dor no coração.

Depois da leitura de tarô inacreditavelmente precisa em Venice Beach em maio, eu aprendi a ler as cartas para mim mesmo de um jeito simples (com a ajuda de um daqueles manuais para leigos). Na noite passada, fiz a "leitura de três cartas" e me saíram O Tolo, o Seis de Copas Invertido e o Nove de Paus Invertido. Resumidamente, aqui está minha interpretação para as duas primeiras cartas:

"Você está tentando partir para uma nova aventura, explorar novos caminhos e se comprometer com o futuro de uma forma corajosa e desprendida, mas você não está pronto. Suas emoções ainda estão presas no passado, envoltas por sentimentos de nostalgia, e você tem que se libertar disso para poder seguir em frente".

E aqui está a interpretação da última carta, extraída diretamente do livro:

O Nove de Espadas Invertido também tem o desejo de proteger e de ser solícito aos outros, mas este homem mal pode cuidar dele mesmo. Na maioria das vezes, o Nove de Espadas Invertido indica que faltam perseverança e força física para levar as coisas adiante. Você sofreu um golpe mental ou físico, e sua saúde não está boa o bastante para que você siga com as difíceis tarefas que terá pela frente.

Você precisa descansar e se recuperar antes de sair e partir para a batalha novamente. Você não está preparado, e deve checar as coisas antes de dar o próximo passo. Você pode estar vulnerável, fraco demais para lutar ou simplesmente exausto. Às vezes, esta carta surge quando você sente que foi abandonado pelos outros ou quando está preocupado com alguma coisa. O Nove de Paus Invertido sugere que é melhor se recompor e se acalmar antes de dar o próximo passo.

Vou deixar esta leitura falar por si mesma, tanto em relação aos meus infortúnios românticos quando aos meus experimentos com a bateria. Tipo, vai devaaaagaaar, amigo. Sim, óbvio.

Bem, isso já é o suficiente para os meus dedos por um único dia, e eu realmente espero que esta não tenha sido uma carta muito "sombria". Não vá ficar preocupado comigo agora. Tenho bastante o que fazer e bastante com que me preocupar, tanto em relação a você quanto a mim, e não estou disposto a ficar preocupado em saber se você está preocupado comigo. Sacou?

Espero que sim.

Dias melhores pela frente, certo?

Certo...

le petit nuage noir

22 de julho de 1999
Lac St. Brutus, Quebec

E aí, Bafo de Onça,

Estou experimentando uma nova abordagem por aqui: resolvi ficar na cozinha com o meu laptop nesta perfeita manhã de verão. Senti vontade de "desabafar" um pouco com você, mas a manhã está gloriosa demais para eu sequer cogitar me trancar no escritório, então pensei em tentar isso. A vista é melhor. Os beija-flores fazem repetidas visitas ao alimentador para pássaros próximo à janela. Alguns tentilhões de penugem dourada voam rapidamente ao redor do Café

Ornitológico do Chef Ellwood, os umidificadores estão ligados sobre o gramado, os insetos estão zumbindo e a máquina lava-louças trabalha silenciosamente.

Como você, tenho certeza, estou de pé desde as 6h30min. Depois de espremer as laranjas e fazer o suco, abri a lata de lixo sob o balcão e vi um par de olhos negros brilhantes: era um ratinho, animado apesar de desgrenhado. Eu não sabia o que fazer com ele, então levei a lata de lixo para fora, virei-a de cabeça para baixo e deixei o pequeno roedor correr para longe.

Chequei a composteira ao lado da garagem e fiquei feliz ao ver que os guaxinins não tinham conseguido passar pelo bloco de concreto que coloquei no topo dela ontem – tive que fazer isso porque os patifes inoportunos deram um jeito de mover as duas pedras grandes que eu tinha colocado lá, cada uma do tamanho de um tijolo. Também percebi com satisfação que aqueles bandidinhos mascarados tinham tentado invadir mais uma vez o Café Ornitológico do Chef Ellwood, mas não obtiveram sucesso. (Parece que eles são *loucos* por sementes de girassol, e que tinham vencido sem muito esforço as barreiras que eu tinha construído para deixar os esquilos longe escalando a estrutura e batendo contra o comedor até que as sementes caíssem no chão. Mas acho que agora eu finalmente os derrotei.)

Depois eu perambulei até a doca e fui remar um pouco pelas águas tranquilas. Nas margens de Sammy Cay, consegui avistar o ninho de mobelhas de que o [vizinho] Charles tinha me falado noutra noite. Ele tem ficado de olho nas mobelhas desde o início do verão, e me contou onde procurar o ninho com dois ovos, mas me alertou para não chegar muito próximo caso houvesse corvos por perto. O motivo é que eu poderia assustar um dos pais e afastá-lo do ninho (eles se revezam), dando àqueles corvos nojentos e usurpadores uma chance de atacar os ovos.

Provavelmente isso fazia sentido, e ontem eu remei para dar uma olhada, mas fiquei longe quando vi dois corvos sobrevoando acima dos pinheiros como Faísca e Fumaça. Hoje de manhã eu trouxe comigo o meu binóculo e flutuei em silêncio ao longo da margem de L'Île Selena, enquanto procurava em meio às rochas e às árvores no lado de Sammy Cay. Foi necessário procurar um pouco, mas

finalmente avistei a penugem preta e branca do pássaro no ninho (eles parecem tão grandes fora da água), e então distingui seu sinistro olho vermelho, com uma aparência muito demoníaca e primitiva.

Depois de um bom café da manhã com ovos mexidos e torradas (com um novo carregamento de geleia de maçã com amora alpina que a Deb conseguiu para mim na loja Newf, em Brampton), encontrei-me novamente em uma encruzilhada (do tipo, "ok, e agora?"). Então, decidi experimentar uma nova atividade: escrever cartas em outros cômodos da casa. Faz diferença, e talvez eu me sinta melhor. Na língua de Los Angeles, meu humor recente poderia ser expresso da seguinte forma: "Eu não estou na-aaa-ada feliz".

Esta semana tem sido um pouco melhor do que a semana passada (se levarmos em conta os "níveis de comiseração"), mas ultimamente eu venho descobrindo que passar os dias de um modo mais ou menos saudável requer *esforço* pra caralho. Em uma tentativa de me recompor, eu tenho remado todos os dias, e nos últimos dois dias eu me empurrei para fora da porta para dar uma volta de *mountain bike* ao redor do Lac St. Ellwood, o que resultou num bom treino de pedal de 10 quilômetros e com muitas subidas – embora eu não soubesse exatamente para *que* eu estaria treinando. Talvez eu resolva levar isso mais adiante. (Ou resolva me *forçar* a fazer isso.)

Tudo tem a ver com *força de vontade,* não é mesmo?

De certa forma, isso também deve fazer sentido para você. Você certamente não poderia "suportar" suas atuais circunstâncias sem um constante exercício de força de vontade. E entenda que isso realmente vai se tornando cansativo com o tempo.

Mas, insisto, as "escolhas" são limitadas, então tudo o que podemos fazer é tentar superar os dias e as noites. Cansar o corpo com exercícios físicos ao longo do dia parece me dar uma permissão para ficar relaxando na rede e lendo à tarde, com a consciência clara e o corpo exausto. E até mesmo permissão para cochilar – às vezes até bem depois da hora do drinque. Portanto, acho que estou mantendo as coisas sob controle. Mas, vale reforçar: isso requer muito esforço.

[Mais tarde]

A noite está meio assustadora. A lua está um pouco além do quarto

crescente, alta e brilhante entre as nuvens que passam (com o sempre popular efeito de "galeão fantasma"), enquanto relâmpagos espocam à distância atrás das nuvens pesadas ao norte e ao leste.

23 de julho de 1999

É manhã novamente. Hoje está mais quente, como percebi enquanto pilotava a GS até St. Sauveur. Depois disso, fiz uma parada em Vaillancourt's para encher os alforjes de laranjas, café e pão. Eu estava usando minha roupa de couro de praxe, mas deveria ter vestido o macacão Vanson; provavelmente vou usá-lo na minha viagem para Toronto, porque a previsão do tempo diz que a temperatura continuará subindo.

Conversando com "aquela mulher" na noite passada, descobri que ela ficaria em Ontário durante a maior parte do mês de agosto, já que tinha conseguido o papel principal num filme independente que está sendo rodado por lá. Espero que tenhamos a oportunidade de nos encontrar e então... ver como a coisa vai. Ela parece estar disposta a isso, ao menos até o ponto que a percepção de um homem atinge.

Na semana passada, eu estava escrevendo para Dan Hudson [um artista amigo meu que visitei em Alberta no início da minha jornada], que recentemente rompeu com sua namorada de longa data, Laurie, e fiz a seguinte observação: "Um homem confuso por causa de uma mulher não rende manchete de jornal".

De resto, a vida por aqui anda um tédio, e quase sempre bem irritante. Fico com um humor asqueroso na maior parte do tempo; às vezes sinto ódio da maneira como o tempo passa lentamente, assim como fico ressentido ao sentir que a vida está acontecendo sem a minha presença – embora fique claro que a coisa de que mais preciso é que o tempo passe (você entende isso também, né?). Mas se trata do velho ciclo: quando você está deprimido, outras pequenas chateações apenas servem para deixá-lo ainda mais deprimido. Vejo coisas aqui em volta que eu poderia fazer, ou que deveria fazer, e não faço nada: fico me debatendo incansavelmente entre "atividades marcadas" de maneira forçada, praguejando e resmungando contra mim mesmo o tempo todo. Também não tenho sido uma boa companhia para os

meus hóspedes. Eles entendem, é claro, e conseguem se divertir sozinhos, mas eu gostaria de me livrar desse ciclo. Estou cansado de me sentir *tãã-ãã-ãão* descontente.

Tenho feito alguns planos de viagem meio incertos para o fim do mês que vem (ou pelo menos imaginado alguns planos incertos que eu poderia fazer). Eu poderia pegar o navio *Nordik Express* em Labrador, como fizemos, então perambular por Newf durante um bom tempo e depois ir até Nova Scotia e passar um tempo com Lesley Choyce e a família Williams. Depois eu faria a travessia de *ferry* até o Maine e, finalmente, seguiria para Nova York, porque passar uma semana por lá em setembro poderia ser legal. Contudo, seria difícil deixar de fazer um passeio em torno de Gaspé, e talvez depois cortar caminho pelos Adirondacks até Nova York. Na sequência, eu suponho que iria "rumo ao oeste, velho amigo." Mas não sei.

24 de julho de 1999

Uma manhã de sábado chuvosa, e me sinto inexplicavelmente melhor. Apesar do esforço que precisei fazer para atravessar esta semana, ela finalmente terminou, e consegui cumprir minhas metas: sair para fazer duas "atividades" todos os dias (voltei a fazer os longos trechos a nado pela margem do lago nos últimos dias, somadas sempre ou a uma volta de bicicleta, ou a uma remada). Consegui beber e fumar menos. Por mais humilde que sejam, essas são ambições suficientes para uma semana.

No começo da semana que vem, farei uma viagem a Toronto para cuidar dos negócios, e no final da semana haverá uma reunião do Front Lounge Club [Alex, Liam e Andrew, o grupo chamado assim porque era a "área de fumantes" do ônibus na turnê do Rush], e provavelmente não haverá alas de não fumantes por lá. No entanto, vamos dar muitas risadas, e mal isso não faz. (Segundo a revista *Seleções Reader's Digest,* rir é o melhor remédio, não é?)

Depois, terei alguns dias de "recuperação" antes da chegada de Brad e Rita na segunda semana de agosto. Não marquei nenhuma outra visita para depois disso, e acho que nem vou marcar. Receber visitas é uma experiência ambígua. Distrai, mas exige muito de mim.

Me faz companhia, mas deixa bagunça. É menos solitário, mas... bem, é menos solitário.

Se "aquela mulher" estiver no Canadá em agosto, quero estar disponível, e, considerando que no ano passado eu parti para minha viagem em 20 de agosto, talvez esta também seja uma boa data para partir neste ano.

Recém me dei conta de que apenas duas coisas me deixam um pouco animado agora: namorar e andar de moto. Mas, ainda assim, são duas coisas!

E, mais uma vez, esta carta nos leva por todo o mapa emocional. Como estamos com os "ânimos em alta" neste sábado de manhã chuvoso, esta pode ser uma boa hora para fechar o envelope. Assim eu posso enviá-la pelo correio antes que eu parta para a cidade grande, e antes que todo o resto da loucura tenha início.

Enquanto isso, podemos refletir sobre o seguinte provérbio Maasai:

Meetai dikir nemesheyui.

Não há montanha que nunca termine.

Ou, talvez, sobre este aqui, do povo Swahili, cuja contemplação pode trazer mais proveitosa: Ukenda chooni na giza basi shetani atakupiga kofi. Se você for ao banheiro no escuro, o diabo pode dar um tapão na sua orelha.

Pense nisso, rapaz...

NEP

[Carta para o meu colega Geddy no aniversário dele, data que também marcava o aniversário da minha estreia no Rush, em 1974. Em anos anteriores, nós da banda sempre procurávamos trabalhar num período semelhante a um "ano letivo", gravando e fazendo turnês durante o outono, o inverno e a primavera, mas ficando em casa durante todo o verão.

Mesmo sendo melhores amigos "no trabalho", a gente não se via muito durante as folgas, então minha mensagem anual de meio de verão no aniversário de Geddy geralmente era uma forma de atualizar o outro em relação ao que acontecia no âmbito pessoal, e também uma "carta para colocar as notícias em dia". Assim como naquele

ano...]

29 de julho de 1999
Lac St. Brutus, Quebec

Será que já chegou mesmo?

Parece que sim.

Sim, segundo o meu calendário, estamos novamente naquela época do ano em que ocorre a Saudação Anual com Canto, Dança e Atualização de Verão em razão de seu aniversário, diretamente ao vivo das margens tranquilas de Lac St. Brutus.

Recém voltei para cá ontem à noite, depois de uma rápida estadia de apenas um dia em Toronto para checar algumas questões médicas, e de duas viagens curtas de dois dias, ao estilo de Brutus, por estradas secundárias.

Ontem de manhã eu estava saindo cedo do Four Seasons para ir até a casa dos meus pais em Severn Bridge e tomar o café da manhã com eles, mas assim que estava tirando a moto do estacionamento, percebi que o pneu traseiro estava murcho. Não havia muito o que fazer: peguei meu kit de reparos, localizei um prego grande no pneu, removi-o e fechei o buraco, como já fiz tantas outras vezes antes, em vários locais exóticos.

E é nessas situações que um bom hotel mostra seu valor: em vez de ficarem "azedos" por presenciar uma cena na sua entrada principal que poderia passar uma imagem de menos classe do hotel – um motoqueiro da Scooter Trash vestido com roupas de couro e sentado no chão atrás de sua motocicleta velha e empoeirada com ferramentas espalhadas por todo lado –, o carregador de malas correu para pegar um compressor elétrico e me ajudar a encher o pneu, e o porteiro me trouxe uma garrafa de água Evian e uma toalha – porque fazia um calor abafado na cidade ontem, mesmo às 7h da manhã.

Então tudo ocorreu muito bem, mesmo para uma situação desagradável como essa.

Com o conserto finalizado, parti para o norte, mas quando cheguei à casa dos meus pais percebi que o pneu continuava esvaziando. Sem saber que outra coisa fazer, fiz um remendo maior e parti para

Huntsville. Eu tinha planejado pegar a rota de Algonquin Park e cruzar o Ontário até chegar em casa. Fiz um roteiro diferente a cada vez que tive que ir a Toronto neste verão, e aquele era o único que faltava. Além do mais, fazia um dia lindo para isso.

Quando cheguei a Huntsville, o pneu continuava esvaziando rapidamente, então, antes de seguir para o interior de Ontário (próxima parada, hum, Barry's Bay), parei na borracharia Thompson Tire na Highway 11, que tinha sido recomendada para mim num posto de gasolina. Na hora eu pude ver que eles lidavam com pneus de caminhão e de trator, e quando eu perguntei ao encarregado ("Bob", é claro), ele me disse que não sabia nada sobre pneus de motocicleta. Mas, em vez de me mandar seguir adiante, concordou que se eu removesse o pneu, ele poderia dar uma olhada nele. Logo ele viu que o prego tinha atravessado direto pela parte lateral externa do pneu, e que não havia conserto.

Já fazia algumas horas que eu estava tenso, rodando com um pneu que eu sabia que estava perdendo ar, mas naquele momento eu fiquei *realmente* preocupado, porque eu sabia bem que o meu pneu tem um tamanho incomum. Como era de se esperar, Bob ligou para todas as lojas de moto e para todos os fornecedores na região de Barrie, mas foi em vão. Enquanto isso, eu tentava decidir se deveria levar a moto de caminhão até Toronto ou pedir que enviassem um pneu novo pelo ônibus de linha, e busquei encarar a realidade de que eu estava preso lá por mais um dia e, provavelmente, teria que passar a noite na casa dos meus pais. Tenho andado muito inquieto nos últimos tempos, e acho que eu não estava disposto a isso.

Então, a recepcionista sugeriu um lugar onde o irmão dela, que andava de moto, costumava comprar peças usadas. Inacreditavelmente, o proprietário ("Johnne Smith") veio em meu socorro: parecia que ele tinha feito um pedido de um pneu certa vez e errou um dígito, e isso resultou nessa "improbabilidade", pois se tratava de um pneu exatamente do tamanho de que eu precisava. Bob me disse para pegar o carro dele e dar uma olhada e, se desse certo, ele mesmo instalaria o pneu para mim.

Enquanto ele me entregava as chaves, apontou para um Bonneville preto, todo empoeirado, e disse:

– Só fique sabendo que está uma bagunça dentro do carro, porque eu não limpo. E não baixe a janela do lado do motorista ou ela vai sair do trilho.

E lá fui eu. Parecia que Johnne Smith estava tão feliz por se livrar daquele pneu quanto eu estava em comprá-lo: era de uma marca barata, a Pacific Rim, mas certamente servia para me levar até em casa. E serviu. Quando a situação foi resolvida, já passava das 16h, e eu ainda tinha uma longa viagem pela frente. Mas, mesmo assim, fazia um dia lindo e foi um passeio maravilhoso, com lagos, chalés, pinheiros, colinas e fazendas na lateral da estrada.

Enquanto cruzava o Ottawa Valley, eu apreciei o pôr do sol mais longo do mundo. O sol baixava lentamente no céu límpido e traçava o contorno da minha sombra e da moto na lateral da estrada. O crepúsculo não se converteu em escuridão total antes de eu cruzar o rio em direção a Quebec, onde estava de volta às estradas conhecidas, então não precisei viajar à noite por mais do que meia hora.

Quando a moto já estava estacionada na minha garagem, e eu saboreava o meu merecidíssimo copo de The Macallan no balcão da cozinha, comecei a sorrir, pensando: “Que bela aventura a de hoje!”.

E assim tem sido: alguns dias são bons, outros são ruins. Neste caso, é claro, poderia ter sido muito pior de diversas maneiras, e tais descaminhos foram evitados em grande parte pela “bondade de estranhos”. No final das contas, eu acabei me sentindo um pouco melhor com relação ao mundo e à vida. Outro motivo para o meu sorriso era uma ideia que às vezes passa pela minha mente depois do final de um longo e perigoso dia: “enganei a morte de novo”.

(Mesmo sabendo que jamais vou conseguir um empate *nesse* placar...)

Hoje fui com meu Audi até o correio e ao mercado em Vaillancourt’s, e já foi aventura suficiente.

No geral, ultimamente, tenho vivido altos e baixos. A comparação com um ioiô veio à minha mente ontem, porque embora eu esteja indo para cima e para baixo, na verdade não estou indo a lugar nenhum. E, às vezes, eu realmente sinto que estou me segurando pelas pontas dos dedos a alguma coisa. À Vida, eu suponho.

Em Londres, quando eu estava lendo todos aqueles livros sobre

luto, fiquei impressionado com uma citação: “o segundo ano é o pior”. Ai. Naquela hora, isso parecia impossível de se imaginar, e eu simplesmente rejeitei essa ideia. Mas agora aqui estou eu, no que acabou sendo uma soma de dois segundos anos, e é duro. Parece que a tristeza abjeta e o extravasamento emocional começam a se dissipar um pouco, mas deixam para trás um grande vazio.

Aqui está o que escrevi para um ex-funcionário (que prefiro não identificar). Ele travou uma longa batalha contra o vício em heroína e, depois de seis anos “limpo”, sofreu uma recaída durante a turnê de *Test For Echo*, quando eu tentava dizer para ele que não precisava se sentir culpado ou envergonhado por causa do que aconteceu na última turnê. Escrevi contando que minhas reações ao drama dele foram as seguintes: primeiro, “pobre coitado fodido”; e segundo, “isso poderia ter acontecido comigo”.

Se o primeiro é o ano da tristeza, então o segundo é o ano do vazio. De alguma forma, é ainda mais difícil de lidar com isso, de fazer alguma coisa, de se manter ativo, e sem dúvidas eu já estou bem cansado por tentar manter o controle por tanto tempo. Como você bem sabe, qualquer tipo de existência diária que exija muita força de vontade – seja para fazer algo ou para deixar de fazer algo – pode causar desgaste e “pegar você” quando estiver fraco.

No entanto, eu certamente continuo lutando. Há um mês, voltei de São Francisco confuso e atordoado devido ao Grande Mistério da Mulher, mas reagi a esse problema de um jeito saudável: fui tocar bateria.

[Recapitulação da minha experiência de tocar bateria]

Ao longo do caminho, outras questões também foram respondidas. Percebi que, embora esteja pronto para *tocar* de novo, eu ainda não estou pronto para *trabalhar* novamente. Ao menos não por enquanto. Então, deixei a bateria de lado por um tempo, mas agora sei que o poder continua lá e que eu posso fazer aquilo se tiver vontade.

Foi bom descobrir isso, mas de certa forma ficou claro para mim que eu ainda não estava pronto para o compromisso, para a

cooperação, para encarar um "projeto" sério. É o mesmo limite que atingi quanto à minha escrita – quase todos os dias eu me sento e escrevo para alguém, geralmente para o meu outrora companheiro de viagens de moto que está em sua Casa de Encarceramento, ou para alguém com quem perdi contato, mas que ainda quero presente na minha vida. Escrevi centenas de páginas por causa disso nos últimos meses, e elas geralmente funcionam para mim como um diário e um confessionário. (Semana passada, eu recebi uma mensagem na secretária eletrônica de Mark Riebling, comentando que a carta que ele tinha recebido era "tremendamente próxima à literatura, meu amigo".) Ainda assim, os mesmos limites se aplicam a essa situação: estou pronto para "brincar" com as palavras, mas não para "trabalhar" com elas.

Justo, é claro. Há progresso em andamento, mas não será rápido, nem fácil. Tempo, tempo, tempo...

Nesta ocasião, que também marca nosso 25° aniversário, só queria deixar você a par de qual é a minha situação em relação a essas questões.

O resto do verão ainda é meio vago para mim. Já faz algum tempo que estou com vontade de sair por aí ao estilo "Ghost Rider" de novo, porque viajar definitivamente provou ser a melhor terapia. Mas estou tentando adiar a partida para o final de agosto, como fiz no ano passado, a fim de evitar as multidões e o calor do verão. Estou pensando em antes ir para o leste, para repetir o trajeto da minha primeiríssima viagem de moto, feita ao lado de Brutus, que nos levou ao "fim da estrada" na margem norte de St. Lawrence, de *ferry* até Labrador e, em seguida, para as estradas de Newfoundland e de Nova Scotia. Tenho alguns amigos na região de Halifax, então provavelmente vou acabar passando uns dias ou uma semana por lá.

Há um *ferry* de Nova Scotia até o Estado norte-americano do Maine que poderia ser uma boa viagem de barco que me levaria a passar um tempo em Nova York – algo bem agradável no mês de setembro.

Depois, acho que eu poderia seguir para o oeste, tanto do Canadá quanto dos Estados Unidos, e visitar regiões que não pude da última vez, além de passar novamente por alguns dos meus lugares favoritos: os parques nacionais, cidadezinhas excelentes como Moab, no Utah, e

St. Helena, na Califórnia, e depois talvez voltar para ver Baja e o resto do México. Veremos.

E esta é basicamente a minha história. (Existe a arte de "contar histórias", mas certamente isso não quer dizer que contar histórias seja necessariamente uma *arte!)* Apesar de tudo, estou segurando firme por aqui, e minha filosofia de vida nesses dias cabe em uma frase que aprendi com nosso camarada da Berlitz School [Geddy, Alex e eu fazíamos aulas de francês antes de nossos shows durante algumas turnês, com professores da rede Berlitz em várias cidades], Jean Gallia: *Ça vaut la peine,* vale a pena.

É interessante que *peine* também pode ser traduzida como "pesar", e eu quase consigo mentalizar a ideia de que valeu a dor de perder Selena e Jackie em troca da alegria de tê-las conhecido.

Quase....

Minha outra frase favorita nos últimos tempos vem do Swahili:

"A hiena diz: não tenho sorte, mas estou sempre em movimento".

Hiena, c'est moi.

Espero que as coisas estejam bem com você e com os seus, e que você tenha um ótimo dia hoje. (E nos outros dias também.) Escreva-me umas linhas se tiver vontade, e há uma chance de que eu faça outra viagem a Tarawnna algum dia desses, e podemos nos encontrar lá.

Desejo o melhor para você, meu amigo, e mal posso esperar para nos vermos e conversarmos em breve.

P.

[Carta para meu cunhado Steven]

5 e 6 de agosto de 1999

Lac St. Brutus, Quebec

E aí, irmão,

Faz tempo que não nos falamos, hein?

Não, faz tempo que você não fala, não eu. Bem, ok, faz um tempo

que você também não recebe notícias minhas, mas não é sobre isso que eu quero falar agora. Quero falar sobre *você,* rapaz!

Ok, chega de falar de você. E quanto a mim?

Bem, começando pelo clima (que é o lógico a se fazer), aqui temos uma noite espetacular, com grandes recifes de nuvens cinza a leste, o céu azul e brilhante acima, e um pôr do sol púrpura a oeste. Três pássaros estão perfilados no lago que reflete a luz em tons pastel do céu luminoso. O CD *Ray of Light*, da Madonna, está tocando na biblioteca, e eu estou aqui digitando esta mensagem para você.

Eu sei que você tem se exposto à atmosfera tóxica da península de Niágara ultimamente, e tenho certeza de que este é um dos motivos do seu silêncio recente. Só o que posso fazer é almejar ao mesmo tipo de "distrações". Por exemplo, na semana passada eu fui o anfitrião de uma reunião do "Front Lounge Club", estrelando Alex, Liam e Andrew (veterano de duas turnês como nosso "assistente pessoal", além de ser nosso fotógrafo de longa data). Como você pode imaginar, comemos boa comida, rimos muito e nos mimamos também de muitas outras formas.

Eu recém fui até a sacada para dar mais uma olhada, e agora o céu a leste está rosa e cinza, a água tranquila reflete um tom roxo metálico, e uma névoa baixa está se arrastando pelo lago vinda da "Estrada do Porco-espinho" [uma trilha que Steven e eu tínhamos aberto seguindo as marcas inconfundíveis deixadas por um porco-espinho na neve]. Nada mal.

Enfim, agora vou passar uns dias sozinho antes que Brad e Rita cheguem no domingo. Eles vão ficar aqui até sexta, e são minhas últimas "reservas confirmadas" para o verão. Estou "fechado para a temporada de férias" ou algo assim. Não há planos concretos para depois, mas há várias... possibilidades.

Depois dos meus experimentos musicais no mês passado, ficou claro para mim que (ainda?) não estou forte o suficiente para pensar em levar adiante um projeto com os outros caras da banda, nem estou pronto para comprometer o tempo que tal empreendimento iria exigir de mim. Internamente, todos nós concordamos com isso: John Ellwood quer continuar sendo um solitário melancólico; o Ghost Rider ainda ouve o chamado das estradas longínquas; e quanto ao Ellwood...

bem, Ellwood quer comprar uma casa em Hollywood Hills e se tornar um playboy internacional. Pelo menos até que ele torre todo o nosso dinheiro... O Ghost Rider definitivamente está organizando outra jornada, quanto mais cedo melhor, e o bom e velho John Ellwood Taylor também ficaria contente de voltar a ser apenas um estranho solitário e melancólico vagando de cidade em cidade. (A Gaia não se importa: ela pode chorar e cantar com as canções açucaradas das "boy bands" em qualquer lugar.)

Hoje enviei um fax para Terry Williams em Halifax para informá-lo de que eu estava pensando em seguir para aquela direção "em algum momento entre o final de agosto e o início de setembro". Quando conversei com ele no telefone mais tarde, ele não parecia achar que isso fosse *específico* o suficiente, mas Terry não entende o modo como as coisas vêm funcionando nos últimos tempos.

Se eu for para Newfoundland antes de chegar a Nova Scotia, posso pegar um *ferry* que segue de lá para o Maine, o que me deixaria em um ponto favorável para que eu seguisse depois até Nova York, onde eu também gostaria de passar uma semana em setembro e receber uma dose de cultura. Recentemente, tenho enviado mensagens aos amigos que vivem naquela região, e eles também insistem em saber exatamente *quando.* Credo, eu não sei... *em algum momento!*

De um jeito ou de outro, vou rodar para oeste novamente enquanto o tempo ainda estiver bom, e provavelmente seguirei mais ou menos o meu padrão do outono passado: circularei pelo sul e talvez visite regiões do oeste dos Estados Unidos pelas quais não passei da última vez.

Afora isso, ultimamente eu me sinto como um ioiô: balançando para cima e para baixo, mas sem ir realmente para nenhum lugar. E preso só pelas pontas dos meus dedos...

É estranho pensar que, quando olho para trás e vejo o inverno passado, parece que aquela foi uma estação de relativa paz e equilíbrio! *Na época*, é claro que eu não me sentia assim, mas é dessa forma que as coisas parecem agora. Tem sido um verão difícil, em que venho tentando viver normalmente em meio a uma grande *dor* vazia, e isso ainda não terminou. Em mais de um aspecto, as coisas estão além dos limites suportáveis, e embora o verão não tenha sido o que

eu esperava (eu tinha uma fantasia em um dos meus cérebros de que entraria numa rotina fabulosa de exercícios físicos e de trabalho criativo), pelo menos eu já posso ver o fim de tudo isso. Suponho que o fim seja "a estrada".

Bem, ainda é o que funciona melhor para mim, então eu vou de encontro a ela. Fico contente por pelo menos ter essa alternativa, porque hoje nada mais é suficientemente atraente ou cativante para me manter de pé. Parece que eu tenho que fazer esforço apenas para atravessar os dias, escrevendo algumas cartas, realizando algumas tarefas, preparando um jantar decente e não bebendo muito. (Exceto durante as reuniões do Front Lounge Club.)

Ao mesmo tempo, eu consigo obter algumas "pequenas vitórias". Hoje eu enviei uma carta bonita para minha sobrinha, Hannah, em resposta a uma carta dela, e enviei uma cópia da minha videoaula para meu amigo de 16 anos, Nick, de Palm Springs, um baterista iniciante e neto de Buddy Rich. Por meio desses pequenos gestos, eu me permito sentir que deixei minha marca no dia e no mundo.

São minúsculos desafios que imponho a mim mesmo, como dirigir até a cidade, comprar flores novas, repor as sementes nos comedores para pássaros, sair para remar ou andar de bicicleta, limpar a cozinha, lavar a roupa, qualquer coisa: é dessa forma que eu alcanço vitórias pequenas e atingíveis.

Uma vida mensurada em desafios minúsculos e pequenas vitórias. Acho que não é tão ruim assim, e provavelmente muitas pessoas boas vivem seus dias dessa maneira. E talvez elas também desejem que essas pequenas vitórias fossem um pouco mais exigentes, ou até mesmo mais recompensadoras, mas fazemos o melhor que podemos com o que temos, não é?

Eu realmente queria ter o "seja lá o quê" (o interesse, a motivação, a ambição) de pensar numa jornada mais *aventureira,* como ir para o sul da África, para a Europa ou para a Austrália, mas isso exigiria muito tempo de planejamento, e em lugares como esses eu ficaria mais ou menos preso a um itinerário, ou pelo menos teria que pensar muito à frente o tempo todo. Não poderia simplesmente vagar de um Best Western para um Super 8 e depois para um Pelican Reef Beach Club [um lugar charmosamente descolado onde nos hospedamos em

Belize]. Por agora, penso que estou mais confortável com esse tipo de liberdade descompromissada.

Ah, sim, liberdade descompromissada. Acho que, hoje em dia, esse é o meu estado de espírito favorito, quer eu esteja "ermitando" aqui ou "ciganando" através da América. Talvez isso seja o "suficiente para o dia", mas ainda assim eu daria qualquer coisa para ter algum entusiasmo e alguma motivação. No entanto, assim como várias outras *commodities* preciosas, essas coisas não podem ser compradas.

Bem, esses são meus pensamentos alegres por hoje. Ou melhor, da noite passada e da manhã de hoje, porque agora já é "amanhã" – outro dia frio e nublado, com o lago tão calmo que as mobelhas deixam trilhos ondulados e prateados na floresta refletida na água.

E vê se me conta como vão as coisas com vocês, certo?

NEP

[Carta para Brutus]
le plus grand yo-yo du monde

14 de agosto de 1999
Lac St. Brutus, Quebec

E aí, Fleischkopf!

Difícil de acreditar que já se passaram três semanas desde que mandei a última carta rabugenta para você, mas pelo menos tivemos uma boa conversa por telefone na semana passada. E agora, já que tiramos todas aquelas risadas e faceirices do caminho de novo, é claro que é hora de mais uma carta rabugenta. Isso não deixa você contente?

Eu estou...

Os últimos dias foram frios e nublados em Camp Ellwood, e ontem choveu bastante o dia todo, mas não posso dizer que ando reparando muito no tempo. Estou conectado demais com o meu "clima interior", acho. Mais uma vez, apenas tenho passado os dias e as noites sentindo ainda o tal do efeito ioiô: um pouco para cima, um pouco para baixo, indo a lugar nenhum, preso pela ponta dos dedos. E dizendo muitos palavrões.

Sim, tem sido outra semana dura em Camp Ellwood.

Principalmente, é claro, no mais negro dos dias, o 10º [segundo aniversário da morte de Selena]. Eu não sabia o que esperar daquele dia, mas sabia que não seria agradável. Pensei que estava me preparando para o pior ao começar a manhã com um Bloody Mary e um comprimido de Valium e continuando na mesma linha, mas, assim como o começo de tudo dois anos atrás, nada ajudou realmente.

(Mais tarde naquele dia, Brad comentaria: "Sabe, às vezes álcool e drogas apenas não são o suficiente". Tive que protestar: "Ei, cara, eles estão fazendo o melhor que podem!".)

De qualquer maneira, fiquei bastante feliz por Brad e Rita estarem aqui comigo, porque obviamente ninguém seria tão forte ou mais compreensivo comigo do que eles dois.

Algumas semanas atrás, Deb e eu levamos a estrutura do dossel da cama de Selena (toda em ferro trabalhado e com pintura dourada feita artesanalmente em Toronto) e a colocamos nas matas entre a casa do lago e o terreno de Louie, acima de Deliverance Point. A estrutura toda elegante combinou perfeitamente com a mesa de piquenique de Deb, enfeitada com pedacinhos de cerâmica, que já estava por lá, e o conjunto todo ficou muito lindo em meio às árvores.

Eu não tinha mais ido lá até esta semana, quando mostrei o lugar para Brad e Rita. Quando vi como aquele cenário havia ficado realmente perfeito, dei-me conta de que era o local perfeito para a celebração em memória de Selena.

Mais tarde, chamei Keith e disse a ele que largasse seu trabalho no jardim para se juntar a nós. Pegamos uma garrafa de champanhe (com taças apropriadas), um pouco de salmão defumado, patê e bolachas, um vaso de flores que Rita colheu no jardim, acendemos uma vela e sentamos lá naquele refúgio elegante em meio às árvores por um momento, vislumbrando o lago através da vegetação fechada. Um brinde à princesa.

Um pouco depois, desci pelo caminho que leva até o lago, e quando voltei para lá pela elevação sobre as rochas, tive que parar e absorver o quadro surreal diante de mim – um cenário digno de Fellini, com a estrutura dourada da cama de Selena emoldurando a mesa, as taças, a comida, a vela e as flores e Brad, Rita e Keith, todos

no meio do bosque.

Mais tarde, de volta em casa, sentei junto ao balcão da cozinha (com um Macallan à minha frente "fazendo o melhor que podia") enquanto Brad e Rita preparavam o jantar. Embora eu geralmente seja bem prestativo na cozinha, já tinha avisado: "Não vou fazer nada". E é claro que eles entenderam. Então, lá estava eu sentado, bebendo e escutando algum CD que tocava quando, de repente, tudo começou a transbordar. As lembranças transbordavam, as lágrimas transbordavam, e isso durou muito tempo.

Tudo me fazia chorar – tudo o que eu via, ouvia ou pensava. Cada música que eu botava para tocar, feliz ou triste, cada lindo passarinho no alimentador para pássaros, as árvores, as flores, o lago, cada lembrança. Tudo era escuro porque Selena não estava lá. Como sempre, em meio a essa torrente de emoções, eu tentava entender aquilo tudo, e finalmente tudo se resumiu a um único sentimento que reside na raiz de todas essas tristezas e memórias, e, mais uma vez, aquela voz falou numa frase clara: eu sinto tanto a falta dela.

Outras pessoas às vezes colocam isso em palavras para mim, dizendo-me que sentem saudades de Jackie ou de Selena, mas eu não posso dizer que ligo muito para isso (tipo: "*Você* sente saudades delas?"). Nem mesmo Deb e eu dizemos essas coisas em voz alta, acho que porque parece óbvio demais. Mas é claro que isso apenas significa que é obviamente e completamente verdadeiro.

E, da mesma forma, é verdade o tempo todo, não apenas quando eu paro para chorar por causa disso. Acho que, depois de um tempo, você aprende a fingir que guardou isso em um canto de sua mente. Por uns tempos. Mas o fato de que faz dois anos inteiros desde aquele momento terrível, e pensar em todos os outros momentos terríveis que vieram depois, certamente não lembra em nada algum tipo de superação. Na verdade, isso meio que me deixa triste...

Contudo, tenho pelo menos um dia bom para contar para você:

Quinta, anteontem, portanto, eu finalmente consegui montar uma "equipe de trabalho" e passei o dia inteiro rachando lenha. Isso, pelo menos, fez bem para minha alma de muitas maneiras. No inverno passado, eu passei tanto tempo aqui (quatro meses, em vez das costumeiras três ou quatro semanas) que eu queimei até o último pau

de lenha que havia (e estava até mesmo começando a lançar um olhar de cobiça para a madeira da estrutura do puxadinho).

No mês passado, tentei organizar uma equipe de trabalho, mas tanto Ron quanto Pierre [lenhadores locais] estão bastante ocupados nesta temporada. O resultado é que agora eu me vi no final do verão e ainda sem uma pilha de lenha para chamar de minha, e não podia mais viver com isso. Eu estava me sentindo tão inadequado para um homem das florestas do norte estando despreparado para o inverno daquele jeito. (Como falam em Los Angeles: "Estou tipo assim *naa-aaa-ada* preparado".) Então, semana passada eu avisei o Keith que não poderia aguentar essa situação por muito tempo, e que esta quinta seria o dia, mesmo que tivéssemos que cortar a lenha sozinhos.

A imagem que Keith imaginou de mim usando uma motosserra e derrubando árvores deve ter inspirado ele a se tornar mais persuasivo, já que ele conseguiu fazer com que Pierre liderasse a brigada da motosserra (eu), enquanto ele e Brad faziam a limpeza e o transporte da madeira. Nós cortamos apenas árvores mortas que estavam próximas à estrada (mas não muito próximas das linhas de transmissão de energia): as derrubamos e cortamos em pedaços lá mesmo, enquanto Keith e Brad as arrastavam para a caminhonete e as largavam junto ao puxadinho para fazer lenha mais tarde, durante o outono, quando eu já tivesse partido. (Você vai me entender: eu tinha que estar lá para cortar as árvores, por uma questão de orgulho, mas não para rachar lenha. Afinal das contas, o bom caçador não tem que carnear a fera).

No final do dia, Pierre decidiu que já tínhamos uma boa quantidade de lenha empilhada ao lado do puxadinho, a maior parte de madeira de bordo, de forma que eu estava garantido para o inverno. Já que a madeira vinha de árvores mortas, eu não precisava me preocupar em curtir a lenha, pois ela já estava pronta para ser queimada.

Mas, cara, vou lhe dizer: cortar madeira é trabalho duro. Brad olhou para mim no final do dia (enquanto esvaziava outra Budweiser) e disse com seu melhor sotaque *cockney*:

– Você parece acabado, parceiro.

Sim, cara. Nós dois estávamos exauridos, embora concordássemos

que não sentíamos nenhuma dor específica, apenas a sensação global de fadiga por todo o corpo, das pontas dos dedos das mãos até as pontas dos dedos dos pés. Depois do jantar, caí de sono no sofá, e ontem, depois que Brad e Rita partiram, passei quase o dia todo na cama. Totalmente acabado.

Mas o mais importante é que uma necessidade básica da minha alma tinha sido suprida: a lenha estava pronta para o inverno que se aproximava, e a falta dela já não perturbava mais a minha consciência.

Posso gritar para o mundo inteiro do pico mais alto: "*Não* sou um total fracassado, eu tenho *lenha!*".

Agora, se eu conseguir organizar mais um dia como aquele e arrumar uma equipe para ir até o bosque e fazer uma limpeza de terreno nas trilhas, eu terei feito pelo menos *parte* de tudo o que eu gostaria de ter feito neste verão. Escrevi para Steven outro dia sobre o modo como eu imaginava que essa estação seria na primavera passada, quando pensei no que fazer neste verão, ousando visualizar todas as coisas boas, as atividades físicas e o trabalho criativo que eu começaria, e como eu iria me sentir ótimo com tudo isso.

Bem... eu tenho lenha!

E, além do mais, há outros problemas na floresta: bem, desde o Grande Combate do Esquilo de Abril não tinha havido um novo surto de atividade clandestina na redondeza. Mas uma nova Guerra Fria começou, e mais uma vez eu permaneço em estado de vigília, lutando em vão para repelir os ataques e as depredações noturnas no Café Ornitológico do Chef Ellwood. Refiro-me, é claro, à minha mais recente campanha quixotesca de contra-ataque, desta vez contra aqueles que atacam à noite: os Patifes Mascarados.

No começo era apenas a Mãe, mas agora os três filhotes estão grandes o suficiente para subir até o alimentador também, e, cara, eles amam as sementes de girassol! E vou te dizer o que mais: esses vagabundos gorduchos são bem mais difíceis de superar do que os esquilos (eu me adaptei a um estado de coexistência pacífica com meus antigos antagonistas, e me conformei em permitir que eles catassem as "sobras" espalhadas pelo chão).

Mas esses guaxinins são inacreditáveis! Tentei passar graxa em

todo o poste de suporte do alimentador, grudei percevejos no prato antiesquilo, depois tachinhas de carpete, em seguida derramei molho de Tabasco sobre ele (sugestão de alguém, não me lembro de quem), usei dois pratos antiesquilo em distâncias diferentes junto ao poste, e até mesmo assoviei para os ladrões bastardos da janela do meu quarto quando os escutei perambulando em torno do alimentador às três da madrugada. Nada os manteve afastados!

Agora... Brad me deixou um lindo e pequeno rifle Remington calibre 22 que estava jogado no porão da casa dele, apenas para que eu possa atirar em latinhas e coisas assim. Mas nada melhor do que uma arma para que você comece a ter algumas ideias. (Não *aquele* tipo de ideia, seu bobo – como Brad, você sabe que sou melhor do que isso –, mas pensamentos sobre eliminar os guaxinins). Pode apostar que essa seria a solução preferida de Keith, ele *odeia* esses caras, assim como detesta também a marmota que come as flores e destrói o gramado. Mas, além das questões morais e da minha sensibilidade delicada, não acho que ficaria satisfeito em derrotá-los com esse recurso.

Estou determinado a ser mais esperto do que um roedor. (Afinal de contas, eu tenho lenha!)

Durante a vigília da noite passada, bolei um novo plano: por que não enrolar o poste com pedaços de arame farpado? Acho que vai dar certo, e está começando a parecer a melhor ideia até o momento – se bem que... quem poderia imaginar que eles iriam avançar sobre graxa e percevejos?

Idiotas.

Se o arame farpado não funcionar, será a vez das minas terrestres Mace...

Enfim, para resumir: acho que o que estou vivendo nesse momento é uma reprise de abril passado. Sei que já é hora de ir para a estrada de novo, porque estou me sentindo muito deprimido e parece que a única coisa que funciona comigo é pegar a estrada. Só que, *justamente porque* eu me sinto tão deprimido, não consigo me motivar para começar a tomar qualquer providência para a viagem. (Talvez eu encontre algo para me inspirar, como aconteceu da última vez com as gatinhas da bandeirinha na estrada perto de Lac Cochon.)

Porque, por exemplo, neste exato momento, eu deveria estar me organizando para ir até Toronto, pois tenho uma consulta com o Dr. Earl na segunda-feira, além da costumeira lista de outras coisas para fazer na cidade, pessoas para visitar etc. Mas, até o momento, eu simplesmente não sinto vontade de fazer isso, e nem mesmo reservei um quarto de hotel. Tipo, foda-se. Earl vai sugerir outro exame, provavelmente uma endoscopia (que ótimo!), e só vou conseguir marcar para daqui a um mês, e até lá eu já estarei longe de qualquer maneira, e... bem, não parece que valha a pena agora. Eu poderia simplesmente ligar e cancelar, e então eu não teria que ir a lugar nenhum amanhã, porque eu não acho que eu realmente queira ir.

A menos que... eu receba uma ligação de uma certa jovem...

Ela deixou uma mensagem na secretária eletrônica no início da semana, dizendo que estava em Ontário, mas que não tinha um telefone ou um número que pudesse deixar para eu ligar de volta. Por isso, ela entraria em contato de novo dentro de alguns dias. Ela ainda não ligou, mas, para falar a verdade, a situação toda tem cada vez menos impacto sobre mim. Posso ser teimoso por natureza, mas não tento realmente resistir ao inevitável; nem ao não inevitável. As coisas ainda não acabaram para mim, mas posso dizer que, a não ser que as ações dela mudem em breve, eu vou continuar gradualmente a... esfriar...

O quê?

Sim, claro que você entende.

E sabe o que mais? Esta carta não ficou tão amarga como eu temia que pudesse ficar. Começar uma carta para você é sempre um mistério, porque eu não tenho nenhuma ideia do que vai sair. Pelo mesmo motivo, começar uma carta para você é sempre *confortável,* porque eu sei que não *importa* realmente o que eu escreva: você vai aceitar, e mesmo festejar, independentemente do que eu tiver a dizer.

O mesmo vale para você, amigo. Como eu disse antes, em nossas respectivas posições eu não acho que possamos nos colocar mais para baixo do que já estamos, então vamos deixar nossos sentimentos extravasarem, por bem ou por mal. Sabemos que eles serão recebidos da mesma forma que estão sendo oferecidos:

Amargamente!

Com muita amargura,
Daquele que logo terá partido
Ghost Rider

Summer's going fast
Nights growing colder
Children growing up
Old friends growing older
Experience slips away...

O verão está passando rápido
As noites estão ficando mais frias
As crianças estão crescendo
Os amigos estão envelhecendo
A experiência se esvai

(*Time Stand Still, 1987*)

Capítulo 14

RUMO AO LESTE

You move me
You move me
Your buildings and your eyes
Autumn woods and winter skies
You move me
You move me
Open sea and city lights
Busy streets and dizzy heights
You call me
You call me

Você mexe comigo
Você mexe comigo
Seus prédios e seus olhos
As matas no outono e o céu de inverno
Você mexe comigo
Você mexe comigo
O mar aberto e as luzes da cidade
As ruas movimentadas e as alturas vertiginosas
Você me atrai
Você me atrai

(The Analog Kid, 1982)

Em 29 de agosto, numa manhã fria, ensolarada e com vento, o Ghost Rider pegou a estrada de novo, desta vez rodando para o leste. Foi necessário todo esse tempo para eu me motivar a viajar de novo, porque eu tinha ficado preso na mesma armadilha da primavera anterior: eu me sentia tão deprimido que, embora soubesse que era hora de partir, não era capaz de me animar suficientemente para *ir embora*.

Depois de viajar por algumas estradas secundárias agradáveis e cruzar a zona rural do centro da província de Quebec, peguei a autoestrada principal, a Autoroute, para fazer o curto caminho até Quebec City. Não pude deixar de notar as placas que haviam sido colocadas pelo governo da província anunciando a cidade como *Capitale Nationale*. Obviamente, tratava-se de uma provocação deliberada que partia de setores assumidamente separatistas, cujo único êxito – assim ocorre com muitos movimentos políticos – parecia ter deixado as pessoas *irritadas*.

Como a minha BMW GS estava aguardando algumas peças para uma revisão de última hora, peguei uma moto diferente para esta nova jornada, mais potente e mais elegante: a BMW K 1200 RS (a quarta e mais recente da minha coleção de máquinas vermelhas). Como ela tem um espaço limitado para bagagem, deixei o meu equipamento de camping em casa, mas levei todo o resto comigo, inclusive meu galão de gasolina extra – ainda mais aconselhável para essa, porque o tanque de combustível era menor e a moto era mais "beberrona" devido ao seu motor de quatro cilindros.

Meus planos continuavam tão flexíveis como sempre, apenas com um vago desejo de voltar a Newfoundland. Além disso, eu tinha avisado alguns amigos em Halifax, na Nova Scotia, de que iria visitá-los... em algum momento.

Uma semana mais tarde, depois de escrever para Brutus na minha cabeça durante seis dias, finalmente pude colocar as palavras no papel. O nome "Snorri" se refere ao primeiro europeu nascido na América do Norte, uma garota viking nascida no lugar que depois ficou conhecido como L'Anse Aux Meadows, Newfoundland. Brutus e eu tínhamos aprendido isso durante nossa primeira viagem de moto juntos, em setembro de 1995.

Durante aquela viagem, Jackie e Georgia também se juntaram a nós. Elas pegaram um avião para Halifax e alugaram um carro, assim puderam nos seguir pelas paisagens exuberantes de Cabot Trail, na Nova Scotia, por alguns dias. Por isso, eu também corria em direção *àquelas* memórias fantasmas.

4 de setembro de 1999
Northern Lights Inn
L'Anse au Clair, Labrador
E aí, Snorri!

Nem preciso dizer que eu queria que você estivesse aqui, mas vou falar de qualquer maneira: sinto sua *falta,* cara! E não tenho nenhuma dúvida de que você também gostaria de estar aqui. Ou "em qualquer lugar, menos aí", hein?

Já faz seis dias que venho ditando cartas para você na minha cabeça, então pensei que já era hora de colocar no *papel* alguns daqueles pensamentos. Já tenho tantas coisas para contar que nem sei mais por onde começar, então acho que vou começar pelo início. Foi no último domingo, 29 de agosto, quando peguei a estrada por volta das 7h da manhã, andei até Lachute, depois dobrei para leste na 158 até Berthierville, cruzei Quebec City pela Autoroute até o rio Saguenay. Fiz a travessia num *ferry* lotado até Tadoussac, depois peguei a estrada secundária que corta Baie St. Paul (também movimentada, e havia uma grande corrida de bicicletas acontecendo por lá) e depois rumei para leste, sempre checando os horários do *ferry* enquanto avançava [para atravessar a margem sul do rio St. Lawrence].

A embarcação de Grand-Escoumins até Trois-Pistoles só saía bem mais tarde, mas aquela de Forestville até Rimouski partiria em algumas horas, então decidi esperar: melhor do que correr para tentar pegar a balsa de Baie-Comeau até Matane, que saiu por volta das 17h30min. Essa acabou se mostrando uma boa decisão porque esta última balsa, alardeada como "o *ferry* mais rápido de Quebec" (comparado com aquele que sai de Quyon para Fitzroy Harbour, talvez?) *voava* deixando dois jatos de água para trás*,* e a travessia

completa durou apenas 55 minutos. Quando chegamos, eu parei em Rimouski no Hôtel des Gouverneurs, bem à beira do rio, onde já dava para sentir o cheiro do ar marinho.

No dia seguinte, continuei rodando por Gaspé em uma manhã fria e nublada. O céu ficava gradualmente mais claro, mas não ficou *quente*. A parte norte continuava tão linda quanto eu lembrava de nossas visitas anteriores, mas a *população* havia crescido muito. Eu tinha a sensação de ser constantemente obrigado a reduzir a velocidade ao me aproximar das pequenas cidades e dos vilarejos, tendo que ultrapassar carros, caminhões e comboios de motor-homes. Um dia com 700 quilômetros percorridos me levou aos arredores de Campbellton, em New Brunswick, com direito a paradas para admirar o farol perto de Forillon (parece que é o mais alto do Canadá) e, é claro, a grande rocha com um buraco no meio em Percé. Embora eu tenha ficado tentado a me hospedar lá, segui em frente porque eu havia reservado um lugar no *ferry* que saía de North Sydney com destino a Port-aux-Basques no dia 2, e inexplicavelmente eu achava que agosto tinha apenas 30 dias.

Pelo menos dessa vez, o erro de cálculo típico de um Scooter Trash trouxe vantagens, porque, quando eu sintonizei o Weather Channel na manhã seguinte e vi que era dia 31, eu soube na hora o que eu tinha a fazer: atravessar a nova ponte Confederation até a ilha P.E.I. [Prince Edward Island]. Nas palavras daquele livro que você me deu anos atrás (sobre Labrador): "E assim eu fiz".

(A propósito, dá para acreditar? O Howard Johnson's de Campbellton estava *lotado*! Foi a única vez que isso aconteceu comigo nos seis meses e 60 mil quilômetros de viagem – com a exceção do Sunset Marquis, em Los Angeles, naquela vez a respeito da qual lhe contei, mas isso tinha sido durante uma semana de promoções ou algo do gênero. Felizmente, Campbellton tem um novo hotel da rede Comfort Inn, que provavelmente era melhor ainda, apesar do medíocre restaurante chinês ao lado dele.)

(E a *música* que tocavam naquele restaurante? *Knock on wood, The letter, Time won't let me, Midnight confessions, Kicks, Spooky*, *Kind of a drag, Windy*, *The diamond ring* – experimente tocar algumas *dessas* no seu capacete por um tempo para ver o que é bom.)

O clima estava sublime quando cruzei New Brunswick: ensolarado, céu claro e temperatura amena. E a ponte... era comprida: 12,9 quilômetros, para ser mais exato. De lá eu fiz uma volta pelo leste da P.E.I., passando por todas as fazendas e hotéis (geralmente, pelas duas coisas ao mesmo tempo). Meu diário resume a confirmação de nossas impressões iniciais: "Lindo, mas eu diria que não é muito inspirador". Contudo, eu realmente fiquei hospedado num lugar agradável, uma espécie de resort em Brudenell, com campo de golfe à beira do rio com pequenas cabanas agradáveis e um bom restaurante.

Lá finalmente terminei de ler *Herzog,* de Saul Bellow, que eu estava lendo de forma intercalada com outras coisas havia meses. Achei que é "definitivamente um ótimo livro, tão diferente de *Henderson the Rain King.* Mais profundo e mais abrangente." Já li muito nesta viagem, incluindo o primeiro livro de Jack London sobre as histórias de Yukon, *Son of the wolf*, e uma peça cômica do século XIX chamada *Three men in a boat,* de Jerome K. – de quem ouvi falar no programa de TV a que assisto no domingo à noite, chamado *Wind at my back* (sua inocência sentimental tem um forte apelo ao meu lado feminino de 14 anos de idade!) – e livros de Max Braithwaite, que aparentemente inspiraram esta série televisiva. Também li *Night of the Caribou,* que comprei no *ferry* Caribou em Newfoundland, e conta a história real do submarino alemão que em 1942 lançou torpedos num outro *ferry* também chamado de "Caribou" que existia naquela época. Agora que sobrou apenas um livro – *Wolf willow,* de Wallace Stegner – vou ter que ler *Moby Dick,* que tenho carregado comigo há seis meses como um "livro reserva", para o caso de eu ficar preso em algum lugar se alguma coisa quebrasse ou algo assim acontecesse. Dei-me conta hoje de que nesta mesma época no ano passado eu estava no *Alasca*, o ponto mais longínquo a que levam as estradas da América do Norte. E, no ano anterior àquele, eu estava na *Inglaterra.* Ai.

Na manhã seguinte,
L'Anse au Clair.

Bem, após sete dias de um bom tempo quase milagroso, choveu durante a noite, e hoje o dia está cinza e nublado. Neste momento,

estou aguardando a hora da partida do *ferry*, com a ideia de seguir para Rocky Harbour e talvez fazer uma trilha em Gros Morne [um parque nacional] amanhã.

Então... de Brudenell, atravessei de *ferry* para Pictou, depois desci até Cape Breton e fiz a volta pelo cabo, como nós quatro tínhamos feito em 1995. Mais uma vez, o tempo estava espetacular, e novamente havia muitas outras pessoas circulando por lá.

Este é um trajeto *verdadeiramente* espetacular, embora o trânsito pesado tenha causado alguns problemas na minha relação com a BMW K-12. Certamente, não tem nada a ver com a *potência* (adoro acelerar com facilidade), e apesar do seu peso e do seu comprimento ela é bem fácil de pilotar – embora eu tenha raspado os pedais no asfalto algumas vezes. Mas, quando você está pendulando numa longa curva, com o giro alto e a marcha baixa, é *muito* difícil controlar a aceleração. A moto tende a perder a estabilidade, ou a oscilar, ou a desnivelar, e ela não oferece o mesmo equilíbrio entre velocidade e ângulo de inclinação que eu consigo alcançar com a GS.

Anotação no diário:

Tinha pensado em parar no Keltic Lodge, mas... não queria mais lembranças. E eu precisava *de óleo sintético, e de um uísque* de verdade – *duas coisas que provavelmente não vou encontrar por uns tempos. Também tinha pensado em mudar de planos e seguir para Halifax para comprar pneus, mas eles não parecem piores hoje, então talvez, com um pouco de sorte, eu possa continuar rodando com esses.*

Impressionante o quanto eu me lembrei *daqueles passeios – mesmo seguindo na direção oposta, rumo a Gaspé –, dos lugares onde paramos etc. Hoje foi especialmente tocante circular por Cabot Trail. Melhor não pensar muito nisso – o que pode ser uma ideia ainda melhor do que parecia à primeira vista.*

Então, eu cheguei a Sydney a tempo de comprar óleo e uísque, hospedei-me no bom hotel Delta, depois peguei o "Caribou" na manhã seguinte – outro dia radiante, e a temperatura continua subindo dia após dia. Quando saí do *ferry* já passava das 18h, e pensei em ficar em Port-aux-Basques, embora tenha percebido que "um de nós" (provavelmente o próprio Ghost Rider) tinha decidido tapar os

ouvidos após essa decisão.

E, sem dúvidas, era muito bom pilotar. Assim que me livrei do movimento dos outros veículos do *ferry*, fiz um passeio ótimo e *rápido*. Cheguei a 220 km/h em certo momento, e atingi os 200 km/h várias vezes – acho que seria possível rodar facilmente a 250 km/h, contanto que se escolhesse o trecho certo da estrada. O tempo estava maravilhoso, os abetos balançavam naquela zona interiorana, e as curvas eram radicais – acho que aquela moto havia sido projetada para isso: pilotar em alta velocidade...

O que rolou até a manhã seguinte: enquanto seguia para Stephenville pela Rodovia Trans-Canadá, vi um policial no retrovisor com as luzes acesas e a sirene ligada. Porra – 136 km/h numa estrada com limite de 100 km/h, e ele me pegou no radar e me multou. Filho da mãe! Agora minha ficha limpinha ficaria manchada com o acréscimo de muitos pontos na carteira, e precisarei me preocupar com isso sempre que eu viajar dentro do Canadá. Por *dois* anos! Morra, morra, morra!

Mas continuei (agora com mais cuidado) até a Great Northern Peninsula na Viking Trail. Passei pela cidade natal "daquela mulher", circulei por algumas ruas e parei no cais para fumar um cigarro em sua homenagem, fosse lá onde ela estivesse e fosse lá o que ela sentisse ou pensasse a meu respeito. (Talvez o "lance" dela comigo tenha acabado? Se for, amém.)

Volto para você amanhã, com certeza...

Mais tarde, pensei de novo naquela cena. Eu tinha parado lá no cais do pequeno vilarejo pesqueiro que se fixava à costa estéril como um crustáceo preso a uma rocha, olhando para o conjunto de casinhas simples, os galpões de equipamento de pesca espalhados pela beira da praia e os barcos de pesca já bem gastos no porto. Eu consegui imaginar a garotinha que tinha crescido naquele cenário e compará-la com a jovem ambiciosa e "durona" que conheci em Hollywood.

O caminho daqueles vilarejos de pescadores no Canadá até Sunset Boulevard, na Califórnia, era bem longo – sob quaisquer critérios. Mas, para o bem ou para o mal, ela percorreu aquele trajeto. Quando

falo sobre minha própria personalidade, fico feliz em dizer que “Sou o que a vida fez de mim”, e o mesmo tinha acontecido com Gabrielle. Para alguém tão jovem, ela já tinha vivido muita coisa.

Fumei um cigarro junto às armadilhas para lagosta e os blocos de concreto do quebra-mar, e do nada comecei a ter um choque de realidade. Gabrielle não era mais “de lá”, não era quem eu tinha pensado que ela pudesse ser. E eu estava livre das minhas tolas ilusões. Daquele momento em diante, dei-me conta de que eu já não sentia mais nada por ela.

5 de setembro de 1999
Ocean View Motel
Rocky Harbour
De volta, Astronauta Bonitão,

(Eu andei me lembrando de você naquela longa viagem que fizemos aqui, por causa dos óculos de sol *muito chiques* que você usava. E esquecia em todos os lugares.) Saí de St. Anthony ontem e sorri ao pensar em nós usando aqueles “walkie-talkies” ridículos naquela viagem. Lembrei de nosso passeio para Goose Cove certa manhã e você anunciando:

– Câmbio e desligo.

Minha viagem de St. Barbe até St. Anthony desta vez não foi muito diferente daquele dia: o mesmo vento forte *dos diabos*, e também fazia muito frio. Dei uma conferida no Weather Channel quando cheguei e soube que fazia 8ºC e o vento soprava a 40-50 km/h, o que propiciava uma sensação térmica de -1ºC. Isso é, se você estivesse *parado.*

Fiquei no mesmo hotel da outra vez, o Vinland (os anos não foram bons para ele, embora ele agora esteja passando por uma reforma), e na noite seguinte eu queria ter ficado no Red Bay, do lado de Labrador, mas todas as quatro cabanas estavam ocupadas. Até mesmo considerei rebaixar o nível de minha viagem e ir a uma das duas pousadas B&Bs, mas melhor não. Depois de uma caminhada até o novíssimo Centro de Informações Turísticas, segui pela excelente estrada secundária até L’Anse au Clair. (Eu acho qu*e n*ós provavelmente estávamo*s congelando* naquela manhã, então não

pudemos apreciar que ótima estrada ela era.)

Reparei que muitas casas, de ambos os lados do estreito, pareciam ter sido *recém-construídas:* valorizavam o lado bonito do *design* das casas pré-fabricadas e apresentavam muitas experimentações decorativas – gnomos de jardim, bicicletas antigas com cestinhos cheios de flores (assim como motores estacionários a vapor, carroças, trenós e carrinhos de mão), bandeiras e dois bonecos de gesso preto e branco sentados sobre um banco de jardim.

Havia várias escolas fechadas, e uma delas havia sido transformada em um asilo para idosos: irônico e autoexplicativo. [Muitos dos jovens de Newfoundland saem de lá em busca de emprego e formam família em outros lugares, então apenas os mais velhos permanecem morando naquela cidade.]

Amanhã vou tentar fazer uma trilha subindo Gros Morne, e depois quem sabe eu siga a Fogo Island e fique em St. John's por uns dias. Vou ver se consigo uma cabine no *ferry* Argentia e, se não conseguir, provavelmente voltarei para Port-aux-Basques.

E depois para Halifax – e... ? Eu não sei, veremos isso depois.

Quero mandar esta carta pelo correio amanhã, e provavelmente vou ligar para você de St. John's, antes mesmo de você receber esta carta, então vou encerrar por aqui.

Câmbio e desligo de Down East, seu, seu

Capitão

7 de setembro de 1999

Hotel Fogo Island

Fala aí, Brewi

[Todas as saudações nesta carta se referem a pratos obscuros de Newfoundland.]

Claro, eu sei que recém mandei uma carta de Rocky Harbour na noite passada, mas, poxa! Para quem mais eu iria escrever *deste* lugar? Afinal de contas, não era este o nosso plano de cinco anos atrás: sair de Rocky Harbour e seguir para Fogo? Pelo menos, até nós percebermos que você tinha estragado tudo. (De novo.) (E de novo.)

Fiz uma ótima viagem de Rocky Harbour pela Viking Trail, e cheguei a pensar em Wallace Stegner e no modo como ele descreveu os tormentos de sua infância, antes de ele crescer e se tornar um ótimo escritor (*Wolf willow* é um livro *tão* maravilhoso) e, mesmo assim... agora ele está morto. E, quer saber, isso lança certa luz aos meus pensamentos sobre o fato de alguém fazer um "bom trabalho" e alcançar a "imortalidade". Tipo, por que isso seria bom? Você está *morto*.

Suponho que essa seja uma maneira cínica de ver as coisas – conforme a definição de "cínico" de Paul Theroux, que afirma que ele nada mais é que um idealista desapontado. É, eu sou bem assim.

E no tempo todo em que eu fico pensando sobre esses temas pesados, a canção *Invisible man* (*O homem invisível*), do 98 Degrees [a *boy band* favorita da Gaia], está tocando no fundo na minha cabeça (incrível como às vezes o nosso pequeno cérebro pode trabalhar em tantos níveis diferentes), e agora estou rodando por esta ótima estrada e perdido nisso tudo.

Esse é o motivo para andar por aí como o Ghost Rider.

Então, quando eu estava em Notre Dame Junction e era recém meio-dia, o que mais eu poderia fazer além de ir até *o fim:* "fazer toda a volta", certo? [É uma frase de uma canção folclórica de Newfoundland, *I'se the B'y",* com um verso que diz "*Fogo, Twillingate, Moretons Harbour, fazer toda a volta".*] Então segui esse trajeto pelo norte até Twillingate, onde tirei uma foto da moto em frente ao Masonic Hall (construído em 1906), depois fiz o retorno para Moretons Harbour, onde tirei uma foto em frente ao museu, e acelerei até Farewell para pegar o *ferry* até Fogo Island. ("Farewell to Fogo", que em inglês quer dizer "Adeus a Fogo" – maneiro.)

Mas é claro que começou a chover torrencialmente no momento em que fizemos uma breve parada nas ilhas Change, com um ar de solidão, e em seguida seguimos para Fogo. Antes de partir nesta manhã, dei uma olhada no guia de viagem sobre Newfoundland em busca de hotéis e pousadas, e fiquei entre o Quiet Cannon Hotel e um estabelecimento epônimo. Bem...

O Quiet Cannon estava lá sob a chuva logo após a doca do *ferry*, como se fosse um Legion Hall dilatado, com restaurante e *lounge*.

Então, continuei andando em direção à cidade de Fogo, e avistei um vilarejo ao longo do porto com estilo semelhante ao dos vilarejos de New England, com um hotel simpático e (rá!) talvez até mesmo uma livraria.

Só que o hotel Fogo Island ficava sob a chuva no meio do nada (num entroncamento com a estrada para Joe Batt's Arm) e parecia... igualmente nada convidativo. Já usando o tanque reserva, segui até a cidade de Fogo sob a chuva torrencial e o frio congelante.

Em outro dia, a cidade provavelmente pareceria um tanto pitoresca, com algumas casas em estilo vitoriano antigas e três igrejas que se amontoam em torno da enseada circular, na ilha com um número surpreendente de árvores, como pinheiros-do-canadá, abetos e alerces, que depois abriam caminho para as terras áridas assoladas pelo vento e pela maresia. E eu já falei que estava chovendo? Muito.

Então, eu circulei pela cidade, tirei uma foto em frente ao correio para completar o cenário de "volta completa", engoli o orgulho e voltei até a encruzilhada em Joe Batt's Arm e para o lugar onde estou agora.

No fim das contas, ele acabou se revelando limpo, simpático e barato (ou pelo menos razoável – a diária custa 55 dólares), e eu comi de jantar uma refeição decente de peru caseiro com sopa de legumes (bem, tenho certeza de que a *lata* de onde tiraram ela foi aberta dentro de casa!) e bagre com purê de batatas e uma taça de um vinho branco bebível.

Por falar em refeições, esqueci-me de contar que voltei para o café Lightkeeper's em St. Anthony, e ele continua muito bom. Dentro do mar, vi ao longe alguns *icebergs* flutuando em meio às ondas brancas, enquanto eu me banqueteava com um peixe ensopado e com o especial da casa de caranguejo ao vapor. Na última vez em que estive lá com você, experimentei o *parfait* de maçã assada pela primeira vez. Desta vez, eu preferi o *parfait* de amora alpina; e na noite seguinte, em L'Anse au Clair, foi sorvete com amora alpina, e nas últimas duas noites, em Rocky Harbour, torta de amora alpina. Amo muito essa fruta.

Também quero contar para você sobre o "prato do pescador" que comi em L'Anse au Clair, com camarão, salmão, halibute, capelin

defumado, vieiras e bacalhau (com uma textura semelhante à de um cogumelo).

Mas, por mais improvável que seja, o maior *flashback* que tive foi no Centro de Informações Turísticas de Gros Morne. Não sei se você se lembra disso, mas eu nunca vou me esquecer de quando voltamos caminhando para nossas motos naquele dia enquanto eu contava a você como eu estava me sentindo *bem,* o quanto eu estava feliz, cheio de vida, e como eu me sentia simplesmente completo, existencialmente falando. Ah, será que algum dia nós nos sentiremos tão bem de novo?

Provavelmente não por um longo tempo.

Ontem eu fiz a trilha até o topo de Gros Morne. Pelo menos eu tirei uma foto da placa lá em cima. Choveu pelo caminho todo, e a neblina era tão densa que eu conseguia ver apenas em um raio de 15 metros de distância, mas ainda assim foi uma boa caminhada, e como eu não fui "distraído" pela paisagem espetacular, fiz a subida de 16 quilômetros em quatro horas e meia, em vez de levar as sete horas previstas no guia de viagem.

Depois, voltei para o centro de informações turísticas, assisti a uma apresentação de slides sobre todas as coisas que eu *teria* visto e levei minhas roupas molhadas e embarradas a uma lavanderia em Rocky Harbour. Depois jantei um bacalhau empanado no Fisherman's Landing.

Agora está ficando escuro aqui em Fogo, e ainda chove forte, embora o ar realmente tenha um *aroma* fantástico. Por que será que a costa do Atlântico sempre parece ter um cheiro mais "oceânico", mais pungente, fragrante, salino e "estuarino" do que o Pacífico? Será por causa das marés? Da vida marinha?

O *ferry* sai amanhã às 7h da manhã, então vou levantar às 5h30min e seguir para St. John's. Tenho algumas rotas e paisagens diferentes para escolher, dependendo do clima. E então acho que *telefonarei* para você.

Até mais, coçadinha...

8 de setembro de 1999

Hotel Newfoundland, St. John's

St. John's

E aí, Scrunchions!

A chuva caiu durante quase a noite toda, e então parou antes do amanhecer nublado, quando eu carregava a moto para me dirigir até o *ferry*. Peguei o caminho mais longo, cruzando Musgrave Harbour e Wesleyville, e foi um passeio muito bom, grande parte dele ao longo da costa, com o sol espiando ocasionalmente através de *três* camadas de nuvens, cada uma delas numa altitude diferente.

Sem encontrar um lugar adequado para tomar café da manhã até que eu pegasse a Rodovia Trans-Canadá em Gambo, tive que sobreviver com o café e o bolinho que vendiam no *ferry*. O resto da viagem foi bem bonito, embora o clima estivesse um pouco... instável. Frio, depois quente, depois com garoa, depois aberto, depois (enquanto eu tirava minha capa de chuva, é claro) caiu uma *chuvarada,* e tive que fazer a clássica troca de roupas debaixo de um viaduto novamente.

Cheguei a St. John's por volta das 13h, então segui para Cape Spear [a porção de terra mais ao leste de toda a América do Norte]. Cara, mal posso acreditar que fiz esse percurso de bicicleta com tanta facilidade anos atrás; é uma subida e tanto.

Eu recém larguei o telefone. Falei com Andrew, de Los Angeles, que me contou que "aquela mulher" tinha tentado entrar em contato *comigo* recentemente. Ela está de volta a Los Angeles e pedi a ele que me desse o novo número dela. Bem, vamos ver no que isso vai dar. Ele também me mandou uma foto Polaroid da assistente de fotografia de quem ele vem me falando há algum tempo, que é jovem, bonita e inteligente e quer "*tanto* conhecer você, Neil". Claro, é um festival de gatinhas sem fim para o velho Ellwood...

[Mais tarde] Agora estou no restaurante Cabot Club, aqui no hotel, com vista para o porto e para os montes Narrows. Os postes estão acesos nas margens enquanto escurece, e a luz reflete nas águas tranquilas. E, ah, cara – simplesmente não seria justo contar para você da refeição que tive agora. Só vou dizer que, depois de tantos lugares em que já estive, e de tudo que já passei para chegar aqui, "Ça vaut la

peine'.

O quê?

Amanhã eu tenho que dar conta de alguns "serviços e reabastecimento", como ir ao correio, à livraria (comprar alguns livros *novos* para ler, embora eu recém tenha adquirido uma nova coleção de Ray Guy), reservar um lugar no *ferry* para Nova Scotia (não havia nenhuma cabine disponível na última embarcação Argentia, com saída no sábado, então parece que tenho que voltar a cruzar a ilha até Port-aux-Basques), descobrir quando custou minha multa por excesso de velocidade e pagá-la, pegar algumas coisas na farmácia, várias coisinhas assim.

Há pouco dei uma volta rápida em torno da cidade; fui até Duckworth e voltei aqui para Water Street. Está tão *quente* lá fora, há apenas umas gotas de chuva perdidas aqui e ali, e é incrível como mesmo em plena noite de quarta-feira há *vida* nestas ruas. É bom ver tudo isso – já que não posso ser integrado a ela. (Uma questão gramatical interessante aqui, com esse "sujeito passivo". Geralmente, alguém pode se ver livre dele, se escolher ser pedante, mas esse ali é difícil de evitar. Como o exemplo que ouvi numa peça inglesa, quando a mãe reclama que a namorada americana do filho dela usa sujeitos passivos, e o filho responde: "Sim, eu sei, mãe, e isso é algo a que você não será submetida!".)

Tive que rir quando desci os degraus do foro de Justiça, lembrando da sua história de "tentativa de suicídio" e de seu pobre infeliz colega de cela – que você iria levar junto quando fugisse daquele lugar [outra das histórias hilárias da juventude de Brutus, quando ele – bem, é melhor deixar que *ele* conte essa história algum dia].

Cara, você ainda é minha pessoa favorita número um, mesmo quando você não está aqui. Você ainda é muito *presente,* sabe?

Estou fechando esta carta para poder enviá-la amanhã. Terry Williams me disse que há uma carta sua esperando na casa dele, então vou começar uma nova lá. Ou até mesmo antes.

Você já deve estar ficando de saco cheio de mim, pequena framboesa?

Do seu amigo,

Langue de Morue

Passei um dia em St. John's cumprindo algumas tarefas como ir ao correio, reservar lugar no *ferry* de Newfoundland para Nova Scotia, fazer compras na loja de livros usados, visitar o museu e ir atrás da minha multa por excesso de velocidade (aliviado por saber que, como um "estrangeiro", eu só tinha que pagar 75 dólares e não levaria nenhum ponto na carteira).

Agora que já era possível prever minha chegada a Halifax com alguma certeza, liguei para Terry Williams para contar a novidade. Como eu estava ligando para o celular dele, quando ele atendeu eu disse (na minha melhor "voz de rádio"):

– St. John's está um *agito!*

E uma voz desconhecida respondeu:

– Imagino que esteja... Vou chamar o meu pai.

Era o filho de Terry, Aaron, de 18 anos, e tive que rir da reação rápida do garoto. Rapazinho espertalhão.

Meu amigo Andrew ainda estava tentando cuidar de mim (mesmo lá de longe, em Los Angeles), e ele me fez ligar para a esposa de um amigo com quem ele tinha trabalhado aqui, Alan Doyle, da banda Great Big Sea. A esposa de Alan, Joanne, o irmão dele, Bernie, e sua esposa, Lisa, se juntaram a mim para jantar num restaurante italiano, La Dolce Vita, e eles podem ser descritos, como a maioria dos habitantes de Newfoundland, como "pessoas adoráveis".

Depois fiz a longa viagem de volta atravessando Newfoundland, dessa vez pela Rodovia Trans-Canadá, com longos trechos livres nos quais fiquei tentado a acelerar a K-12 um pouco mais outra vez – até que levei outra multa, no mesmo pedaço da estrada. Contudo, dessa vez, eu sabia que a multa não era tão cara, então nem me importei muito.

Depois de uma travessia de *ferry* sem grandes acontecimentos (mas agradável como sempre) para Sydney, em Nova Scotia, continuei até Halifax e estacionei a minha moto na garagem de Terry. Conheço Terry desde os meus 20 e poucos anos, quando eu morava em St. Catharines e nós dois dirigíamos MGBS; ele trabalhava como DJ na estação de rádio local. Embora já não estivesse mais "atrás do microfone", Terry ainda trabalhava no ramo. Ele e sua família já

tinham morado em St. Catharines, Hamilton, Kingston, Halifax, Sudbury, Winnipeg e Toronto antes de voltarem a Halifax. Felizmente, eles gostavam de lá.

Também conheço a esposa de Terry, Christine, há muito tempo. É uma mulher animada e alegre, que compartilhava do temperamento efusivo e do grande senso de humor do marido. Aaron era discretamente inteligente e educado (para alguém de 18 anos), e seu irmão mais velho, Zak, era outro tesouro da família. Nascido com síndrome de Down, ele tinha uma natureza doce e carinhosa bem característica, e como ele e eu éramos os que acordavam mais cedo na casa, geralmente compartilhávamos o café da manhã com caixas de cereal e um silêncio amistoso e confortável. Depois de algumas manhãs como aquela, um dia ele disse:

– Neil, vou sentir sua falta o dia inteiro na escola hoje.

Isso fez meu coração sorrir.

Em 12 de setembro, atravessei meu 47º aniversário sem contar nada aos Williams até o dia seguinte. Para amenizar seu constrangimento, expliquei que eu não queria fazer grande caso disso e que eu tinha celebrado ao meu próprio modo (comprando duas caixas dos meus bombons favoritos, Bridge Mixture, e comendo tudo enquanto bebia um copo de uísque e lia meu livro – esse é *meu* tipo de festa). Claro que isso não os convenceu e, na noite seguinte, eles compraram um bolo e cantaram para mim.

Outro presente chegou para mim naquele dia – um envelope via FedEx de Andrew com duas fotos Polaroid da assistente de fotografia com quem ele estava trabalhando, Carrie. Ele tinha me falado dela um pouco antes de eu sair de casa, e queria que eu fosse diretamente para Los Angeles para conhecê-la. Mas eu recém tinha superado uma experiência romântica desagradável, e não estava muito interessado em outra – então, apenas disse para ele esperar até eu chegar lá, quando "veríamos". (Mas ela realmente parecia linda naquelas fotos, cabelo longo e castanho, esguia, sorriso sexy.)

A K-12 ficou na concessionária local para a troca de pneus e para a revisão de 10 mil quilômetros, então Terry me deu carona para ir atrás de algumas coisas e fazer compras – incluindo comprar um novo par de Rockports, meu calçado que serve tanto para fazer trilha

quanto para sair para jantar, já que os mais velhos estavam perdendo sua boa reputação para o segundo propósito. (Uma vez, li que os garçons julgam a clientela pelos sapatos.) Também reservei um *ferry* de Yarmouth, em Nova Scotia, para Portland, no Maine. Eu tinha decidido seguir para Nova York e depois voltar para casa e trocar de moto antes de ir para o oeste outra vez. A estrada ainda era o melhor lugar para o Ghost Rider estar.

Depois de alguns dias agradáveis com a família Williams, eu me despedi e andei com a K-12 limpa e revisada até o centro de Halifax para me encontrar com Lesley Choyce na universidade onde ele lecionava (autor prolífico, poeta, professor, editor, entrevistador de TV – era um homem de letras muito trabalhador). Mais tarde, fui até a casa dele em Lawrencetown Beach (onde ele surfava quase diariamente – e ele também foi campeão canadense de surfe certa vez) para encontrar sua esposa, Terri, e dar uma olhada em sua casa de campo com 200 anos de idade, na qual Lesley havia construído alguns anexos interessantes. Um poeta surfista da Renascença, isso é o que ele era.

A casa de hóspedes era um pequeno trailer no pátio dos fundos, e depois de um excelente jantar regado a boa música e boa conversa com Lesley (ele fez comentários interessantes sobre minha "relação especial" com os livros: "Você os absorve para dentro da sua *vida"*), gostei de passar a noite como um "morador de trailer", com a chuva pesada batendo no telhado de metal.

De manhã, parti para fazer o curto trajeto até o terminal do *ferry* em Yarmouth, e então comecei uma carta para Brutus.

17 de setembro de 1999
Yarmouth, Nova Scotia

E aí, Grossglöckener

"Mi casa es en su boca." Sacou? *My house is in "your mouth".* Minha casa fica na sua boca.

Yarmouth, your mouth, su boca, entendeu agora? Credo.

Sim, o velho Floyd [o furacão] decidiu que eu tinha que ficar mais

um pouco nesta cidade, e cancelar minha travessia de *ferry* devido aos ventos fortes e às ondas enormes (um bando de frutinhas, na minha opinião!), então fiquei por aqui procurando um apartamento, um emprego e orçando caminhonetes usadas.

É uma cidadezinha bem bonita, mesmo para os padrões exigentes de John Ellwood (ele é o único de nós que se importa com esse tipo de coisa, é claro; o Ghost Rider só pilota a moto, o Chef Ellwood só cozinha, Ellwood só quer saber de festa, e a adolescente de 14 anos, Gaia, só fica se lamuriando com músicas pop adolescentes e com o Amor). Fomos a um hotel minimamente decente (Best Western "Mermaid"), a um restaurante (Captain Kelly's), a um museu (predominância de coisas ligadas a temas náuticos, como se poderia esperar, embora a Gaia tenha ido às lágrimas por causa da fotografia de um cão sentado em frente a uma casa destruída por um incêndio onde tinha tentado, sem sucesso, tirar seu dono inconsciente da cama, e oito horas depois ele ainda estava sentado em frente às ruínas de sua vida – sabemos como o cão *se sentiu*, não é?), a uma loja de bebidas e ao correio (nenhum desses dois últimos era necessário hoje, mas eles tinham que *estar lá*, né?)

Sem dúvida você percebeu o novo papel de carta: é mais fino e um pouco menor. Desde 1988 eu venho usando o mesmo tipo de bloco Hilroy, que faz parte do meu kit de correspondência para viagem, mas por óbvias razões de mudanças tecnológicas já não se consegue mais comprar algo assim. Os elementos centrais são a capa frontal e a contracapa, que protegem o bloco no cesto de sua bicicleta ou nos alforjes da moto. Eu tenho mantido o mesmo bloco nos últimos anos, comprando refis quando necessário, mas você pode imaginar que ele já está meio desgastado de tanto viajar, e como ele (e você) se tornaram meus convidados frequentes para jantar nos restaurantes mais finos... bem, isso estava ficando um pouco sem classe.

A K-12 também foi equipada com novos pneus, mimada com uma revisão de 10 mil quilômetros e uma nova roda frontal (vítima de um buraco na estrada em St. Anthony, perto do café Lightkeeper's, embora eu estivesse a apenas 50 km/h), e que me custou *800 dólares*. Estou ficando mais íntimo desta moto, e acho que quero *usá-la* para a travessia até o oeste. Mas é claro que a GS ainda é a minha

“preferida”, e eu sinto falta de sua capacidade para levar bagagem, do tanque de combustível maior, do conforto para viagens longas e de poder levar comigo meu equipamento de camping. Red Bay foi um exemplo perfeito para esse tipo de situação, mas aconteceu até mesmo aqui: o primeiro lugar para que eu liguei estava lotado, e se o recepcionista e eu não tivéssemos decidido reservar duas noites para mim na noite *passada* (só por garantia), eu poderia ter problemas para arrumar um lugar onde dormir hoje à noite, porque aqui há muitas pessoas que chegam para embarcar e desembarcar nos *quatro ferries* (de hoje e de amanhã, para Portland e Bar Harbor). Contudo, depois de 12.000 quilômetros, parece que eu e a K-12 finalmente estamos nos entendendo. Até mesmo a resposta delicada à aceleração parece estar se ajustando, embora eu precise de mais um trecho tão difícil quanto a Cabot Trail para poder ter certeza (talvez na viagem de Nova York de volta a Quebec). Sem dúvida, minha ameaça de trocá-la por uma nova BMW R-1150 GS ainda está de pé!

Até agora, o furacão Floyd se mostrou menos dramático do que eu tinha antecipado (ou *esperado:* imaginei que, se meu *ferry* fosse cancelado, eu poderia pelo menos ter alguma *aventura* para sair de lá, e estava preparado para o pior, com Maglite e cigarros no criado-mudo). O que vimos foi apenas um pouco de chuva e de ventos moderados por aqui, e, de acordo com o Weather Network, a mídia em Nova York estava chamando o furacão de “Fracassado Floyd”.

Passei a maior parte do dia lendo *Tomcat in love*, de Tim O’Brien, e o livro é *ótimo.* Tão diferente dos outros livros dele, engraçado e irônico, meio parecido com Nabokov, usando o recurso do “narrador suspeito”.

Hoje de manhã eu terminei um livro de contos de David Guterson (autor de *Neve sobre os cedros*) que também era bom. Junto com a roda da moto estragada, que eu deixei com Terry para que ele enviasse para a minha casa (um enfeite de parede de 800 dólares?), deixei também duas coletâneas de contos de Patrick O’Flaherty e uma de Ray Guy, além do livro *Wolf willow.* Agora estou levando outro de Stegner, *The spectator bird,* e o livro de Saul Bellow chamado *The adventures of Augie March.* Então ainda tenho algumas leituras a fazer.

De qualquer maneira, é melhor encerrar esta carta e enviá-la.

A travessia de *ferry* se tornou meio dramática, para não dizer um pesadelo, embora não tenha sido uma *aventura* de qualquer tipo*,* mas apenas uma chateação. O *ferry* chegou com oito horas de atraso no dia seguinte, e já estava lotado com passageiros que haviam passado o final de semana no cassino anexo. Como eles já estavam com um dia de atraso na programação, foi dito a eles que poderiam ficar a bordo para a viagem de volta – juntamente com todos *nós,* que havíamos reservado as mesmas cabines.

Numa reunião lotada e infeliz no bar do navio, as pessoas foram realocadas para as poucas cabines remanescentes em ordem de prioridade: primeiro os portadores de necessidades especiais, depois as famílias, depois os casais, enquanto os que viajavam sozinhos tiveram que se empilhar nas cabines com beliches no deck inferior. Eu compartilhei a cabine com um garotão festeiro, Al, e um motorista de ônibus, Joe, mas quando voltei mais tarde naquela noite (depois que fiquei esperando horas na fila para poder jantar e caminhei pelo deck por um tempo), Al estava dormindo na cama superior do beliche e Joe tinha ido embora. Quando vi Joe na manhã seguinte, ele me contou que Al tinha cambaleado cabine adentro, vomitado e desmaiado. Depois ele começou a roncar, e por isso ele tinha ido dormir no ônibus.

Enquanto esperava para desembarcar, conversei com um motociclista de New Hampshire, e quando disse a ele que estava seguindo para Nova York para "pegar um pouco de cultura", ele torceu o nariz e disse:

– Não sei quanta *cultura* você vai encontrar em *Nova York*!

Foi exatamente a mesma resposta, palavra por palavra, da oficial da Alfândega e de Imigração em Portland. Então, ela me perguntou:

– Você já foi preso?

– Não.

– Você já teve suas impressões digitais colhidas por alguma razão?

– Não.

– Você já esteve nas forças armadas?

– Não.

Então ela me fez a pergunta mais estranha de todas:

– Você tem uma passagem de volta?

Eu apenas apontei para a moto e ela fez uma careta, sinalizando para eu passar.

Então, segui em frente e cruzei o Maine, New Hampshire, Vermont, Massachusetts, o Estado de New York e um canto de Nova Jersey (seis estados em uma única tarde – coisas que só acontecem no Leste dos Estados Unidos), e logo entrei nas ruas malvadas da cidade de Nova York.

Um hotel na parte sul do Central Park, com vista para o parque e para a "selva de prédios" de Manhattan, um barco a remo no lago numa gloriosa manhã de setembro, um dia de chuva caminhando pelas ruas movimentadas de Manhattan em meio a uma floresta de guarda-chuvas, visitas ao MoMA e ao Metropolitan (motivadas pelas reações "religiosas" à grande arte que estavam adormecidas há muito tempo), uma noite com dois amigos que produziram e dirigiram meu vídeo sobre bateria, Rob e Paul (o que incluiu participar da festa de lançamento de um álbum de Paul McCartney, um episódio muito estranho), e duas noites longas, repletas de bate-papo com o meu amigo escritor Mark Riebling – que também incluiu forçá-lo a se render às preferências de sua namorada, Mindy, e também às minhas preferências para assistirmos à comédia musical *Chicago*. De certa forma, a alma teutônica de Mark não tinha o que você pode chamar de "frivolidade". Durante a performance do musical, com toda a sua "cantoria e dança", eu me peguei sorrindo só de pensar em Mark assistindo àquilo. Foi bem divertido, contudo, e Mark parecia sofrer graciosamente, se é que não estava contente.

Eu tive um momento constrangedor na festa de Paul McCartney, o tipo de coisa de que sempre tenho pavor, quando alguém me reconhece e pede um autógrafo. Era um rapaz educado e articulado, talvez um jornalista (ele me disse: "Eu não esperava ver *você* aqui", o que era bem compreensível), mas, quando aconteceu de novo alguns minutos depois, eu comecei a ficar nervoso e a me sentir desconfortável, e saí de lá o mais rápido que pude.

Durante todas as minhas viagens como Ghost Rider, eu fui reconhecido poucas vezes – para meu alívio –, mas é claro que eu

geralmente ficava “de guarda”, especialmente quando alguém me olhava de um certo modo. Os cartões de crédito em nome de “John E. Taylor” tinham evitado qualquer “reconhecimento” do meu nome, o que era mais frequente no meu caso – talvez porque eu ficasse escondido atrás do palco (ou dos vídeos) como “o baterista”.

Na minha primeira noite em Nova York, Mark Riebling e eu tínhamos ido a um restaurante na Grand Central Station e sentamos no bar da praça enorme, de frente ao vasto entra-e-sai da multidão e do teto salpicado de estrelas. Eu vi um cliente do outro lado conversando com o *barman*, que veio até nós e perguntou:

– Algum de vocês é baterista?

Eu me senti no direito de negar, e depois sorri para mim mesmo quando vi que ele estudava meu cartão de crédito cuidadosamente, depois sacudia a cabeça para o outro cara.

Apesar dos 20 anos ou mais de celebridade modesta, eu nunca consegui me sentir confortável com encontros desse tipo. Mas agora, após os terríveis episódios da minha vida pessoal, isso parecia ter se tornado duas vezes pior. Seja lá quem eu fosse, eu definitivamente não era mais aquele que *essas* pessoas achavam que conheciam.

Comentei no meu diário: “Nos últimos tempos, isso tem me aborrecido mais do que nunca – eu não sou mais ‘aquele cara’”.

Cast in this unlikely role
Ill-equiped to act
With insuficient tact
One must put up barriers
To keep oneself intact

Escalado para esse papel improvável,
Mal preparado para agir
Com tato insuficiente
Devemos impor barreiras
Para nos mantermos intactos

(*Limelight, 1980*)

Capítulo 15

NO CURSO DO VENTO

Rising, falling at Force 10
We twist the world and ride the wind

Subindo e caindo em Força 10
Invertemos o mundo e controlamos o vento

(Force 10, 1987)

Na escuridão antes do amanhecer, logo após as 6h, carreguei a K-12 e rodei pelo Central Park até a estrada Henry Hudson Parkway, depois segui para a ponte George Washington. Durante a travessia, olhei rapidamente para a neblina sobre Manhattan durante o crepúsculo, que sempre garante uma vista impressionante. Rodando por Palisades Parkway, eu olhei para o outro lado do rio entre os muros verde-escuros de diferentes espécies de pinheiros bem aparados e outras árvores de madeira de lei, enquanto o sol vermelho se erguia sobre as casas e os depósitos enfumaçados.

Assim que a via expressa New York State Thruway me levou para fora da aglomeração urbana, peguei uma saída para a autoestrada de pista dupla através de Catskills e em seguida dobrei para norte na Highway 30, que me trouxe por todo o caminho cruzando Adirondacks até a fronteira com o Quebec. O dia estava ensolarado e agradavelmente fresco, e havia pouco trânsito numa estrada quase perfeita, com curvas radicais entre as montanhas, florestas e lagos. Eu estava novamente em meu refúgio da alma.

Contudo, assim que cruzei a fronteira com o Canadá, começou a chover em proporções tanto bíblicas quanto "Floydianas". Pego por essa chuva torrencial sem fim na pequena balsa de Hudson até Oka (meu décimo *ferry* daquele circuito pelo leste), eu tive que ficar em pé na chuvarada, usando o capacete e vestindo apenas parte da minha roupa impermeável. Ignorado por todos e pingando, observei todas as pessoas quentinhas e secas dentro de seus carros até chegar ao outro lado, onde pude vestir o resto da minha roupa especial para chuva.

Eu cheguei à casa do lago completamente ensopado, profundamente exausto e entorpecido por causa do frio. Ainda assim, apenas as duas últimas horas da viagem foram horríveis – as primeiras oito horas tinham sido perfeitas.

(Uma metáfora sobre a vida. Pelo menos para a minha vida.)

Acordei para mais um dia em meio à neblina antes do alvorecer, que desta vez subia do lago antecipando o sol amarelo e brilhante através das árvores, que já estavam vestidas pela glória do outono. Quando coloquei o pé para fora, senti o frio repentino e respirei aquele ar. Fiquei impressionado e renovado por me sentir assim.

Não conseguia parar de pensar: "Por que vou a outros lugares?"

Mas eu sabia o motivo, e só estava dando uma pausa lá para trocar de montaria, como se fosse um tropeiro da Pony Express. Eu ainda precisava permanecer em movimento, e ainda tinha que ficar *longe* daquela casa por um tempo. Três dias depois, carreguei a GS e peguei a estrada de novo, sem saber por quanto tempo ou até onde eu iria. Meu único plano era seguir para oeste em direção a Vancouver e visitar de novo Danny, Janette, Max e meu novo sobrinho, Nick, que tinha nascido em junho. O resto eu decidiria no caminho. "Alguma coisa vai acontecer."

Como de costume, eu retomei minha história para meu amigo Brutus.

1º de outubro de 1999
Sauk Centre, Minnesota

A-2 Bruté!

Sim, esta é uma das possibilidades que ainda não discutimos para o seu futuro: que tal luta livre profissional? Você provavelmente teria que "ganhar um pouco de corpo" (como o Cartman, no episódio de South Park *Weight Gain 2000*), mas com um bom técnico (como eu) e a motivação adequada (que tal "*From hard time to the big time*") você pode tornar isso realidade, cara. Sem falar onde isso pode levar você: pense em Jesse Ventura, o governador deste estado, cujas opiniões agora são citadas até mesmo por Mark Riebling, pelo amor de Deus!

Cara, você tem que admitir, seu futuro é tão brilhante que não temos de usar óculos escuros, apenas capas de chuva...

Eu tenho usado a minha nos últimos quatro dias, e não há possibilidade de trégua à vista. Estou rodando "furioso como o diabo" para o sul, tentando escapar do frio maligno que atravessa as pradarias e os estados de Dakota do Norte e Dakota do Sul. Talvez eu pare em Oklahoma antes de esquentar de novo. Comecei por aquela rota interessante sobre a qual conversamos, que fica na margem do rio Ottawa, do lado de Quebec, onde a 148 termina em Île des Allumettes (Ilha dos Fósforos?), depois segui para Ontário e para a chuva torrencial. Desisti em North Bay, onde acabei me hospedando em um

lugar agradável à beira do lago e apreciei uma boa refeição no Churchill's (a especialidade da casa eram costeletas de primeira, e mesmo um adorador de carne de coelho como você teria gostado).

Houve uma tempestade de raios implacável naquela noite, e outra na manhã seguinte. Mas, enquanto eu saía de North Bay, um céu de mármore acinzentado e um breve raio de sol me encorajaram a continuar pela "rota panorâmica", e eu segui para o norte até Temagami. Deu tudo errado.

Chuva, caminhões, trechos em obras, barro e frio. Encolhi-me todo sob as goteiras das calhas de um barracão à beira da estrada para fumar, pensando: "Por que não estou em casa, quentinho e seco, escrevendo um ótimo livro ou algo assim?". E você sabe que só *imaginar* aquilo tudo já parecia uma ideia adorável. Mas a resposta continuou a mesma: "Cale a boca e volte para a estrada!".

E foi o que eu fiz. Cruzei as torres das minas de Tommins, o "Caminho da Shania Twain" (ah Deus!), passei por South Porcupine, a cidade natal de Pegi [funcionária de Ray e da banda que também tinha sido fundamental na Casa do Luto, nos dando apoio, especialmente para Jackie], com lembranças muito antigas de algumas apresentações em colégios de lá, depois pelas florestas amarelas, solitárias e encharcadas pelas chuvas, cruzando Chapleau, e segui todo o caminho até a boa e velha Wawa. Uma anotação do diário daquela noite:

A previsão do tempo mostra temperaturas de apenas um dígito por toda a região das pradarias, e eu me sinto... perdido. Imerso em lágrimas e em incertezas. Não sei para onde ir ou o que fazer. Mais uma vez, ler me tranquiliza, leva-me para longe e para os problemas de Augie [The adventures of Augie March, de Saul Bellow]. Mas ainda estou perdido.

Contudo, no dia seguinte, voltei para a estrada e circulei Lake Superior debaixo de chuva, com todos os caminhões, trechos em obras, barro e frio. Vislumbres de uma paisagem gloriosa entre as pancadas de chuva, e vi até mesmo alguns raios ofuscantes ao cruzar Thunder Bay, quando as nuvens ficaram escuras novamente e a chuva torrencial desabou.

Por razões extravagantes (e que ao final se mostraram equivocadas), eu queria chegar até Fort Frances, ou até mesmo a Rainy River. Contudo, perto de Atikokan, este coração já estava cansado, encharcado e congelando, então me acomodei em outro White Otter Inn, juntamente com as equipes que trabalhavam nos reparos das estradas. O Weather Network mostrou o quanto meu coração estava errado por preferir o oeste, e nesta manhã, quando fazia apenas 3°C e estava chovendo outra vez, eu finalmente entendi o recado. Apesar de todo o potencial de ser uma linda e agradável viagem pela rodovia de pista dupla deserta até Rainy Lake (Lago Chuvoso, um nome apropriado para o dia de hoje), quando nós chegamos a Fort Frances, com o vapor infernal de suas fábricas de celulose e a fumaça fedorenta, acabamos seguindo para International Falls (a qual, segundo os boletins do tempo de Stuart Hall sobre Burlington, Vermont, era a região mais fria dos Estados Unidos, alternando as temperaturas mais baixas do dia com Caribou, no Maine, que definitivamente estava mais quente hoje!), e segui direto para o *sul* pela Highway 71.

Ainda mais fria, registrei 5ºC às 14h num termômetro digital junto a um banco em Wadena, no Minnesota. Trechos alegres do diário do Senhor Sempre Otimista: "Pinheiros avermelhados na extremidade da pradaria, lagos e rios, um casal de águias carecas, o trânsito carregado na direção contrária (caçadores de final de semana), a chuva dando uma trégua e – nada de insetos!" [O que significa que não havia insetos esmagados na minha viseira.] Tive que rir daquela observação irremediavelmente otimista.

(A propósito, eu vi uma matéria no Weather Channel que confirmava que as cores de outono são despertadas pelo ângulo do sol, como eu suspeitava, e não pelo frio ou pela geada. Pelo que parece, existe um tipo de reação ao ângulo do sol que interrompe a fotossíntese e corta o abastecimento de clorofila. O *fator principal* é que o clima local pode afetar apenas a *duração* das cores – independentemente de o vento e a chuva derrubarem ou não as folhas).

Tantas conexões com as experiências que tivemos nesta mesma época do ano em 1996, perto do final da turnê do Rush: Michigan,

Wisconsin e, é claro, Minnesota (hoje vi um adesivo de para-choque: "Nosso governador pode nocautear o seu governador"), a viagem até Minneapolis, e de lá até as "Quint Cities", e mesmo a viagem cruzando o país, com nossos pés empoleirados sobre os cabeçotes do motor para aproveitar o calor do exaustor.

Hoje mesmo fiz isso, vestido com todo o meu traje para clima frio, com a capa de chuva, a balaclava, as meias grossas e todos os sistemas de aquecimento ligados no máximo. E, como nas outras ocasiões, estava longe de ser o suficiente, porque com a velocidade da moto e do vento, a sensação térmica era de, digamos, -90ºC (nem tenho que dizer "O quê?", porque você sabe bem do que estou falando).

Mais tarde, vi um lugar nas placas de trânsito e tive um estalo. Você já leu alguma obra de Sinclair Lewis? Seu livro *Main Street*, publicado em 1920, passava-se aqui, na cidade onde ele cresceu (chamada de Gopher Prairie no romance), e gerou uma grande controvérsia na época, principalmente entre os moradores da cidade que ele satirizou tão impiedosamente.

Então, enquanto eu andava, perguntei-me se hoje em dia eles reconheceriam o valor de seu filho ingrato. Bem, encontrei minha primeira pista quando a Highway 71 se tornou a "The Main Street Original", que levava ao Sinclair Lewis Park e à intersecção principal da cidade com a Sinclair Lewis Avenue, que passava pelo Lar Infantil Sinclair Lewis – e, mais adiante, seguia para o Sinclair Lewis Museum and Interpretive Center (onde uma simpática velhinha prometeu me enviar um adesivo de Sinclair Lewis assim que recebesse um novo lote), ao lado do Gopher Prairie Motel. Então, acho que sim, ele recebeu algum reconhecimento: afinal, foi o primeiro escritor norte-americano a ter recebido um prêmio Nobel de Literatura.

Aqui no "AmericInn", cercado pelos detritos usuais das paradas de caminhoneiros junto às saídas das interestaduais (I-94) – McDonald's, Hardees, Super 8 e redes de supermercados –, fiquei pensando o que o velho Lewis, um comunista, diria sobre a versão moderna de sua Main Street. Provavelmente nada, porque ele está morto...

2 de outubro de 1999
Maryville, Montana

Rá, rá, que cartão! E eu tinha muitas coisas de que rir hoje, rapazinho, a começar pelo fato de ter que tirar o gelo do banco da moto hoje de manhã, com -1ºC, e depois ter que seguir pelos campos nevados do sul de Minnesota e do norte de Iowa. Pelo menos a estrada estava seca, o céu estava claro e azul, e mais uma vez não havia insetos!

Sou obrigado a afirmar que, na verdade, foi uma viagem muito boa, porque a Highway 71 continuava a me levar para o sul através de plantações de milho marrons e de outras de trigo e soja. Vi colinas gentis e as cidades arrumadinhas com seus silos que pareciam saídos de um filme de ficção científica, os monumentais prédios dos foros de Justiça e as enormes lojas de implementos agrícolas. O trânsito de sábado estava tranquilo, e nomes de cidades como Sacred Heart (Coração Sagrado), em Minnesota, e Spirit Lake (Lago do Espírito), em Iowa, mantiveram-me entretido.

A julgar pelo Weather Channel, ir para o oeste parecia o mais prudente a se fazer agora, e estou pensando em pegar a Highway 36 para cruzar o norte do Kansas. Espero chegar ao Colorado na segunda-feira e ir até uma concessionária BMW para trocar o óleo, talvez em Fort Collins. (Agora estou seguindo pelo curso do vento e pela lista de concessionárias!)

A chuva está vindo para esta direção e deve chegar amanhã, trazendo mais frio. Então, não faz sentido continuar pela 71; ela já cumpriu o seu dever. Durante o jantar desta noite, no excelente (não) Country Kitchen (ao lado do também *não* excelente hotel Super 8), eu terminei o épico *The Adventures of Augie March,* e ele definitivamente vai entrar na minha lista de livros recomendados para você, juntamente com *Wolf Willow* e *Tomcat in love.* Se há qualquer outra coisa em particular que mencionei em cartas anteriores e você leu e gostou, deixe um recado falando disso para o Danny ou a Janette, porque (apesar das aparências) ainda estou nas redondezas de Vancouver, e estou tentando organizar algumas leituras para você.

Afora isso, vou finalizar esta carta agora e espero enviá-la pelo correio no começo da próxima semana. (E eu ainda odeio este papel de carta tosco e de espessura muito fina, mas nem mesmo na maior

papelaria de Nova York eu consegui encontrar um daqueles bons blocos feitos para as máquinas de escrever de antigamente. Que mundo este no qual vivemos, hein?)

E por hoje é só, de Maryville, Montana. Falarei com você em breve.

El queso pocito

4 de outubro de 1999
Santa Rosa, Novo México

El Cuervo!

(Por onde passei apenas algumas horas atrás!) Sim, este é o ponto a que tive de chegar para poder me *aquecer!* Quando mandei uma carta para você hoje de manhã de Garden City, no Kansas, fazia -1ºC. Dá para acreditar neste tempo f.d.p.?

Porém, fiel à minha promessa, continuei seguindo para o sul até que a temperatura chegasse a pelo menos 15ºC, e foi necessário que eu viesse até aqui. E, sim, ainda estou a caminho de Vancouver, embora eu também tenha conversado com Andrew e ele tenha me dito que "todo mundo" quer que eu vá a Los Angeles. (Ainda não telefonei para aquela mulher, mas estou curtindo um bom clima introspectivo de viagem e não *preciso* enfrentar tudo aquilo neste exato momento, ok? Ghost Rider Redux. Até onde eu saiba, está *tudo acabado* com ela. Contudo, agora Andrew fica falando dessa outra garota com quem ele trabalha, Carrie, que "mal pode esperar para me conhecer". Ele me mandou algumas fotos Polaroid quando eu estava em Halifax, e ela parece realmente linda, mas eu não preciso enfrentar tudo isso agora.)

Então, acho que deixei você esperando em Maryville, no Missouri. A manhã seguinte estava fria e chuvosa (surpresa!) enquanto eu contornava a velha St. Joe. Depois, segui para o oeste pela Pony Express Highway, a 36, e fiz um ótimo passeio – principalmente quando a chuva deu uma trégua por algumas horas. As pradarias de Great Plains começaram abrupta e inconfundivelmente perto de Norton, quando dobrei para sudoeste na 383, e rodei entre os campos

marrons e abertos, onde havia marcas da ferrovia sobre canais de pedra cortada que indicavam o ano de “1897”. Havia também urubus-de-cabeça-vermelha que sobrevoavam as carcaças sobre a estrada. O sol finalmente apareceu, embora os termômetros das cidades nunca tenham ultrapassado os 10ºC. Por aqui, na Highway 83, eu segui a histórica rota da Scooter Trash – aquela que pegamos de Ogallala cruzando Dodge City e Pratt até chegar a Fairview, em Oklahoma.

E agora estou em Santa Rosa, onde recém voltei do restaurante “Route 66” (parece que é um dos clássicos restaurantes dos tempos áureos da Rota 66) onde eu pedi o #1, Full Mexican Meal, com *enchilada*, tacos, *tamale*, feijão e arroz. (Você não teria gostado dessa comida, porque é claro que havia *carne* no meio.)

Agora, estou de volta à minha “cela” (desculpas) no Ramada Limited, que até que é bem agradável. Depois de várias noites em hotéis das redes Super 8 e Best Western, o Wheat Lands de Garden City, no Kansas (cujo envelope você deve ter recebido), foi um mimo inesperado. Enquanto eu fazia o *check-in*, reparei numa foto grande em preto e branco de Truman Capote, que parecia muito descolado usando um boné de beisebol e uma blusa de gola alta com casaco transpassado, posando em frente a um anúncio estilo anos 1950 do Wheat Lands. Ele tinha se hospedado lá durante as filmagens de *A sangue frio*, nos anos 1960 (li o livro durante minha viagem no outono passado – mais uma conexão com um “Escritor Fantasma”). O gerente me contou que o pai e o avô dele tiraram a foto, e que o velho Truman costumava voltar lá com frequência naquela época, porque ele ficou “amigo” de uma professora da escola secundária local. Uau, hein?

Na noite passada, dei uma caminhada por Finney County Courthouse, onde Dick e Perry tinham ficado encarcerados, e hoje de manhã fui de moto até Holcomb, em busca da casa da família Clutter. Você entende que eu estava meio envergonhado de perguntar onde a casa ficava, mas achei uma que se encaixava na descrição de Capote e, fosse ou não a casa certa, saí de lá bastante “abalado”.

A casa também é mencionada no livro *Great plains,* do qual lhe falei esses tempos, e do qual lembrei muito nos últimos dias. Adicionei-o na sua lista de livros, juntamente com *World enough* de Lesley Choyce.

De lá, segui para o sul pela 83 e cruzei novamente a cidade de Liberal, no Kansas. Em seguida peguei a Highway 54, que me levou para sudoeste através do braço de Oklahoma, pegando um cantinho do Texas, e depois segui para o deserto elevado de sálvia e zimbros do Novo México. Como acontece com frequência, a paisagem parecia mudar exatamente na fronteira, tornando-se uma terra mais plana, uma área aberta até onde a vista pode alcançar, com as vastas regiões de plantações irrigadas de soja e trigo e cidadezinhas agrupadas em torno das enormes torres de armazenagem de grãos, onde havia silos imensos e metálicos de aparência meio intimidadora. Muitas fazendas de gado confinado fediam tanto que eu *quase vomitei*, e às vezes elas se estendiam por vários hectares, abrigando incontáveis currais redondos como montes de massa de cores estranhas. Todas aquelas vacas engordando para nós comermos...

Nossos camaradas da BMW em Albuquerque não estavam trabalhando, então pensei que, em vez de correr até lá, eu poderia seguir mais devagar hoje – apenas 657 quilômetros, contra os 855 de ontem – e ficar aqui no estacionamento, vestindo roupas demais para o clima, mas me sentindo bem tranquilão e pensando: *"Estou quentinho!"*.

Até que enfim – depois de 2.913 quilômetros desde Atikokan – estou aquecido.

5 de outubro de 1999
Cortez, Colorado

E hoje, oba, estou com mais calor ainda. Mas é um dia meio estranho. Nas palavras daquela canção do Talking Heads: "*Some good points / some bad points / ah, but it all works out*" ("Algumas coisas boas / algumas coisas ruins / ah, mas tudo faz sentido"). São eles que estão dizendo.

Já de pé por volta das 4h30min da manhã, depois de duas mudanças de fuso horário repentinas, voltei para o restaurante "Route 66" para tomar café da manhã logo depois das 6h, com o ar agradavelmente fresco e vendo as estrelas, os planetas e uma lua crescente brilhante com a luz cinérea iluminando a parte escura.

Então peguei a I-40 um pouco depois das 7h: o sol surgia no retrovisor, as sombras de passagens anteriores enquanto eu rodava entre os caminhões de Jim Palmer, Covenant ("It is not a Choice, It is a Child" – "Não é uma escolha, é uma criança") [slogan contra o aborto que estava escrito em ambas as carretas dele], de England, Dick Simon (com o gambá) e diversos outros. Como precisava de gasolina, não pude deixar de parar no Clines Corners, onde também consegui alguns ótimos adesivos *vintage* de alguns estados do oeste.

Enquanto esperava pela troca de óleo e pela colocação de um novo pneu frontal (17.000 quilômetros e ainda parece bom, mas eu achei que era melhor fazer a troca agora), vi um lugar no mapa de Albuquerque marcado como "Ernie Pyle Memorial Branch Library", então peguei um táxi para dar uma olhada. Anos atrás, alguém me mandou uma coletânea das colunas de Ernie Pyle chamada *Ernie's America,* e comecei a me interessar por sua vida e por seu trabalho. Ele era outro daqueles caras interessantes: havia sido um "repórter itinerante" durante os anos 1930, quando dirigia por aí com sua esposa, Jerry (a quem ele sempre se refere como "aquela garota que está de carona comigo") e conversava com pessoas, para depois contar suas histórias de um jeito meio direto e despretensioso. Mais tarde, Pyle se tornou um correspondente tremendamente popular durante a Segunda Guerra Mundial, até que foi morto por um franco-atirador perto de Okinawa, em abril de 1945, apenas alguns meses antes do fim do conflito. Infelizmente, Ernie e Jerry não eram pessoas muito felizes. Ambos eram alcoólatras: ela era mentalmente instável, e ele era impotente. (Obviamente, as duas condições podem ter alguma relação!)

De qualquer maneira, parece que a casa deles tinha sido ali, e embora agora seja uma biblioteca com livros em todos os cômodos (e também no *closet*), ela permanece da maneira como eles a deixaram, e apresenta algumas recordações interessantes da vida e da carreira de Ernie e algumas maravilhosas fotos em preto e branco da vida deles naquela casa. Foi uma distração que valeu a pena.

Depois voltei para a estrada, só que... por que você não me contou que, apesar de seus "pontos" com belas vistas [muitos mapas usam linhas pontilhadas para indicar que se trata de uma estrada com belas

paisagens], a Highway 44 na verdade era uma autoestrada em linha reta e movimentada, com muitos caminhões e paisagens bem comunzinhas de sálvia e zimbros, com nada além de umas poucas elevações rochosas? E por que não me disse que Farmington era uma forma de opressão em quatro pistas, movimentada e empoeirada, com lojas de franquia e um amontoado a sudoeste desprovido de qualquer senso estético? (Não sei o que está acontecendo por lá, se são apostadores e aposentados ou outra coisa, mas definitivamente é o lado ruim dos Four Corners). E por que você não me contou que não havia absolutamente *nenhum lugar* para se hospedar em Shiprock? Porque fica na Rez [reserva Navajo], eu acho...

Contudo, fazia 32ºC por lá e cerca de 26ºC aqui em Cortez, e foi maravilhosamente bom poder andar a tarde toda só de camiseta e com o traje de couro por cima. Havia muitos lugares para ficar aqui (a minha escolha de hoje foi o Best Western) e um bom restaurante, o "Main Street Brewery". Então você teve sorte. (Ah, claro!)

Há um bom ditado afixado na parede aqui (faz parte de um "mural" extraordinário): "Nunca se aproxime de um touro pela frente, de um cavalo por trás, ou de um tolo por qualquer direção".

No momento, estou lendo *Wonderful Life*, de Stephen Jay Gould, um livro sobre as diferenças entre a "sobrevivência do melhor adaptado" e a "sobrevivência do mais sortudo", mas estou achando difícil me prender a este livro. Por exemplo, quem se importa sobre a contingência da vida primitiva? E quanto à contingência da vida *moderna?* (Ah, claro!)

Sobre esse assunto: gostaria de declarar que hoje me ocorreu que, se você está banido de rodar pelas estradas dos Estados Unidos de agora em diante, pelo menos você pode ter a certeza de que já andou pelas melhores. Se isso servir de consolo...

Tenho certeza de que servirá.

Ah, claro – feliz aniversário – é amanhã, eu acho.

Um ano inteiro de injustiça.

6 de outubro de 1999

Moab, Utah

Agora sim, assim tá melhor. Não apenas *estar* aqui, mas também *chegar* até aqui. Diga a todos os seus clientes que a estrada Colorado 141 é "uma obrigação" – é a melhor que o Ghost Rider pegou nesta temporada de outono, e certamente uma das melhores de todos os tempos para a turma da Scooter Trash. Preciso dizer mais? É claro!

Afinal de contas, eu sou *seu* Ghost Rider, este é meu *trabalho,* certo?

Bem, você parte de Cortez subindo através das florestas amarelas e verdes até chegar a Lizard Head Pass, a 3.115 metros de altura, onde fazia frio, mas não frio *demais,* e então desce para Telluride. Creio que você já esteve aqui na temporada de esqui, não é? Bem, esta região também tem um visual maravilhoso no outono, e cabe dizer que vale a pena ficar aqui por um ou dois dias para andar de *bike* ou fazer trilhas.

Ontem fiquei me perguntando se eu não estava ficando um pouco *saturado* da lendária paisagem do sudoeste, e anotei no meu diário sobre a rota de ontem: "linda vista, mas talvez familiar demais". Mas então eu me redimi: "Mas não. Como sempre, é uma *estrada".*

E com certeza, logo no dia seguinte eu fiquei de queixo caído: e era por causa da *estrada.* De muitas maneiras ela lembrava nossa viagem por Sheep Creek Canyon e Flaming Gorge (que, afinal de contas, fica apenas a trezentos quilômetros dali), a começar pelos paredões altos de rochas vermelhas nos dois lados. A estrada segue as curvas do rio San Miguel de maneira deliciosa, e então se abre para formações de aparência mais monumental. A vista se estende sobre a vegetação rasteira em vermelho, carmesim e laranja, com trechos de aspens amarelos e brilhantes se erguendo no alto, além dos ocasionais choupos-do-canadá dourados ao longo do rio.

O tempo todo fazíamos curvas e seguíamos por uma estrada sinuosa. Então, chegamos às formações de rochedos cinza, que mudaram do arenito para o calcário [na verdade era xisto, como depois fiquei sabendo no museu de Moab], e logo avançamos em direção a Grand Junction, onde havia pedras tombadas e terras áridas. Consegue imaginar? Ah, sim, e em todos aqueles 150 quilômetros eu passei por talvez outros seis veículos. Sublime.

Em seguida, tentei encontrar um caminho secundário para Moab que passasse por Cisco, mas levei um balde de água fria quando vi

uma placa dizendo: “Sem acesso a Moab” – o que provavelmente era mentira, né? Mas o fato é que estou aqui, e apesar de tudo é uma ótima cidadezinha. E que localização! Amanhã vou seguir para a seção The Needles de Canyonlands, porque lá tem uma trilha de 17 quilômetros até “The Confluence” (a confluência dos rios Green e Colorado, é claro), que seria ótimo ver.

Depois disso, bem... apesar de tudo, ainda estou no meu caminho para Vancouver, então penso em pegar uma rota que evite o risco de neve (agora está nevando em qualquer lugar com altitudes superiores a 1.900 metros em Cascades, e isso significa, por exemplo, que a rota de Sedro Woolley estará fechada). Como sempre, acho que vou acabar decidindo na estrada que caminho seguir. O “Jazz Rider”, improvisando no caminho, não é mesmo?

Mas quero botar esta carta no correio amanhã (para garantir o carimbo postal de Moab), então vou calar a boca agora. Da próxima vez, vou contar para você sobre a “Escala Brutus”, onde o medidor da temperatura do óleo da sua moto também serve para revelar a temperatura externa. (Ah, sim!)

El Viajero Fantomo

Depois de outra refeição maravilhosa no Center Café, um restaurante *gourmet* bastante improvável, localizado no meio da humilde e pequena Moab, fiz uma nova visita ao pequeno museu. Então, voltei à excelente livraria Back of Beyond. Dessa vez, comprei 10 livros “irresistíveis”, e vários deles foram encaixotados e despachados pelo correio para Vancouver na manhã seguinte, junto com algumas camisetas para Danny, Janette, Max e para o “novo carinha”, Nick.

Numa manhã de chuva forte, segui para a região de The Needles, onde fica o parque nacional Canyonlands, atravessando a paisagem espetacular dos montes rochosos e dos pináculos, e parei no centro de informações turísticas para pegar informações sobre a trilha. Nos jardins em torno do Centro, havia plantas nativas identificadas por pequenas placas, de modo que, quando comecei a caminhar pela trilha, eu pude colocar mais nomes no cenário ao meu redor:

rabbitbrush (grande, amarelado), erva de serpente (moita pequena e verde), sálvia grande (tem um perfume *ótimo* na chuva), *lepidium* (hastes segmentadas, moita pequena) e atriplex (verde como sálvia, maior, parecida com a algarobeira).

A chuva diminuiu gradualmente, mas eu fiquei feliz com o tempo nublado e mais fresco enquanto começava a subida um tanto árdua, para depois me arrastar para cima e para baixo pelas paredes do cânion e por alguns riachos arenosos entre as formações de arenito vermelho erodido, com zimbros espalhados e pinheiros da espécie *pinyon*. Um coelho marrom-escuro se agachou sob a saliência de uma rocha, e alguns lagartos pequenos se aqueciam nos breves momentos de sol brilhante.

8,8 km me levaram ao impressionante precipício no alto do paredão do cânion, de onde se avistava a confluência das águas marrons do rio Colorado e o verde do rio Green, bem como uma linha clara entre eles no meio da corredeira. Sentei na beira do penhasco para almoçar e absorver completamente este local lendário e remoto, levando minha imaginação até os tempos das explorações do Major Powell, no final do século XIX – histórias que li no livro de Wallace Stegner, *Beyond the hundredth meridian*.

Mesmo passados mais de 100 anos, ainda existe apenas um modo de chegar àquele local: pela água. Bem lá embaixo, eu vi dois caiaques coloridos sob um banco de areia, e duas figuras minúsculas caminhando em torno deles.

Naquela noite, experimentei um restaurante diferente em Moab – o Poplar Place Pub and Restaurant, e ele estava lotado. Na verdade, a cidade inteira estava lotada por causa de alguma grande competição de *mountain bike* que começaria dentro de alguns dias. O local tinha decoração com madeira de pinos envernizada e reboco branco, objetos decorativos locais de *rock-art* (conforme eu tinha visto escrito na fachada de Newspaper Rock, que parei para olhar no meu caminho de volta de Needles) e tocava rock “colossalmente baixo”.

Fui sentar no bar para comer (a luz era melhor, e lá era permitido fumar), mas não era possível beber vinho lá, apenas cerveja. Utah. “Exigem licenças comerciais distintas”, explicou a atendente do balcão do bar. Com fome depois da caminhada, atirei-me numa salada grande

com *scampi* de camarão e massa, mas reparei num jovem com uma barbicha e cabelo estilo romano que me encarava de vez em quando. Logo a namorada dele veio checar minha "identidade" por ele. Escrevi no meu diário: "Agora eu quero fugir".

Naquela noite, conversei com meu irmão Danny ao telefone e lhe garanti que ainda estava me dirigindo a Vancouver. Ele me disse que faltavam poucos dias para o Dia de Ação de Graças Canadense, e insistiu para que eu chegasse antes da data para poder me juntar a eles no tradicional banquete com peru. Então, nos dias seguintes, acelerei o ritmo e acumulei quilômetros, andando pelas interestaduais.

8 de outubro
Moab – Boise
128.565 (952 km)

Um dia longo, mas relativamente indolor. Um bom pedaço da Interestadual ao redor dos 140 km/h. Movimentada no perímetro urbano de Price, mas no outro *sentido, e terrível em Salt Lake City. As obras gigantescas da construção de uma rodovia por lá continuam, e além disso estamos no feriadão de Columbus Day, como fiquei sabendo.*

Pobre Utah. Crescendo rápido demais (li que é o Estado de crescimento mais rápido nos EUA), e não tem como parar esse tipo de ação. Recusar empregos aos eleitores? Duvido. A nuvem de fumaça *causada pela poluição está bem perceptível hoje, provavelmente em parte devido à construção da rodovia e pelos notoriamente corruptos Jogos Olímpicos de Inverno. Ruim demais.* Costumava ser *tão lindo aqui, e as pessoas eram tão ativas. Eu me lembro dos dias em que andava de bicicleta por aqui e reparava que todos os carros tinham um suporte para bicicletas e/ou para esquis. Também foi duro para eles quando a maioria mórmon foi diluída. Os outros não compartilham necessariamente os seus valores de trabalho árduo e esforço. Ou seu desejo por manter as coisas bonitas. Organizadas, limpas e ajeitadas.*

Estou lendo avidamente o livro Road fever*, de Tim Cahill. Tão... pertinente. Há alguma coisa acontecendo aqui no hotel, um jogo de* hockey *na cidade, e parece que há algumas bandas hospedadas aqui (uma delas é australiana). Agora sei como é ter um hotel agradável invadido por um*

bando de gente de vida mansa!

E mais um *desvario: devo também confessar, Querido Diário, que ultimamente ando preocupado com a bebida. Desde o verão, esse é um problema que definitivamente se agravou, e agora exige atenção.*

Então: fique de olho quando eu beber...

Fui tomar um café no bar justo quando o pianista parou de tocar. Não tem nada mais que faça valer a pena ficar aqui. Gente bizarra com celulares, fumando e bebendo para passar o tempo, mas de maneira resoluta. Hora de partir de novo...

Dormi mal na noite passada, e me senti "moderadamente preguiçoso" durante todo o dia seguinte: febril, com dor por todo o corpo e com um nó no estômago. Mesmo assim, lancei-me para outra longa viagem (866 quilômetros) até Vancouver, no Estado de Washington, onde eu pude ligar para Danny e dizer: "Estou em Vancouver". Só que na outra, a americana.

Uma febre baixa geralmente tem um efeito parcialmente alucinógeno no meu cérebro e, enquanto eu andava em meio ao trânsito surpreendentemente pesado no amplo deserto de sálvia a leste do Oregon, percebi que meus pensamentos corriam para direções abstratas.

E, pela primeira vez, eu não estava pensando em *mim mesmo,* mas nas pessoas que me cercam – num sentido mais amplo, nas pessoas dos Estados Unidos, e as minhas esperanças em relação ao futuro delas minguavam. (Pode ter sido a febre que me fez parar de pensar na minha *própria* vida por uns instantes.) Naquele momento, eu tinha viajado por quase todo o Canadá e pelos Estados Unidos, passando por cidades, vilarejos e zona rural. Todos os dias eu via muitas pessoas cuidando de suas vidas e interagindo umas com as outras, e percebi que minha opinião geral sobre elas não era... muito elevada.

Fossem eles homens ou mulheres, jovens ou velhos, todos agiam e se comportavam de tal maneira que pareciam cruéis (uns com os outros, principalmente com seus *filhos*), mesquinhos, egocêntricos, hipócritas e *presunçosos.* "Castigue os presunçosos", disparei no meu diário, mas me dei conta de que eles eram "inexpugnáveis por natureza". Às vezes eu me encontro compartilhando a visão negra da

humanidade expressa por Roger Waters na canção *Animals,* do Pink Floyd, na qual ele divide as pessoas entre cães, porcos e ovelhas. Muito embora eu teria acrescentado ainda algumas outras espécies – aquela dos poucos *humanos* que tentavam tomar conta desse "curral" e ser *legal* com os outros animais. Tive que admitir que muitas pessoas, talvez a maioria, realmente não se comportam muito bem umas com as outras.

A maioria das pessoas passa a vida inteira num círculo bem pequeno de amigos e de vizinhos com o mesmo tipo de pensamento que elas. Dentro desse círculo, é fácil aceitar a ilusão reconfortante da bondade humana (exceto para com aqueles malditos *forasteiros)*. Mas se tal isolamento acabasse de repente e os presunçosos se encontrassem presos num gueto do leste ou no sul de Los Angeles, ou encarando um grupo de fundamentalistas muçulmanos, seu mundo poderia se tornar muito maior num estalo, e muito mais escuro. *É* uma selva lá fora.

Ao mesmo tempo, assim como havia acontecido durante a minha jornada pela Estrada da Cura, ao fim eu acabei alcançando certo estado de "Aceitação", mesmo que fosse uma aceitação atormentada. Também me pareceu que eu estava adquirindo um senso de aceitação sobre o mundo do jeito que ele era. E, como sempre, meus pensamentos, minhas viagens, minhas leituras e minha escrita pareciam estar todos interligados.

Eu tinha gostado muito do livro *African Madness,* de Alex Shoumatof, que li alguns anos atrás. Recentemente, eu tinha lido outro livro dele, *Legends of the american desert,* uma coletânea de contos que mais parecia ser sobre o México e o Estado norte-americano do Novo México do que sobre os quatro verdadeiros desertos do oeste americano. No livro, Shoumatoff admitiu que sua intenção era escrever uma "hidrografia" do sudoeste: sua história contada a partir da preciosidade da água. Mas ele continuava "desviando do assunto", e acabou com um livro que era, de certo modo, "esquizofrênico". O texto e as histórias eram excelentes, sem dúvidas, mas ao tentar capturar a urdidura intrincada daquela vasta e complicada região ele tinha imposto a si mesmo uma tarefa que era praticamente impossível – *sintetizar* todo aquele material em alguma

grande definição.

Todos esses temas surgiram juntos na minha anotação do diário daquela noite:

Simplesmente é, ou seja, é isso que o livro acaba dizendo, e é o modo como eu começo a me sentir em relação ao mundo ao meu redor. Simplesmente é.

Lide com isso.

Eu tento, e pelo menos eu ainda tenho a curiosidade *que me mantém seguindo adiante. Talvez até mesmo esperança. Que parece ter ido embora, juntamente com o idealismo e com a fé. Ilusões nunca mais. Simplesmente é.*

Lide com isso.

Don't ask me; I'm just sympathizing
My illusions are a harmless flight
Can't you see my temperature is rising?
I radiate more heat than light

Não me pergunte; estou apenas sendo solidário
Minhas ilusões são um voo inofensivo
Não consegue ver que minha temperatura está subindo?
Eu irradio mais calor do que luz

(*Presto, 1991*)

Capítulo 16

O MOTOQUEIRO DA COSTA

All of us get lost in the darkness –
Dreamers learn to steer by the stars
All of us do time in the gutter –
Dreamers turn to look at the cars

Todos nós nos perdemos na escuridão –
Os sonhadores aprendem a se guiar pelas estrelas
Todos nós passamos um tempo na sarjeta –
Os sonhadores se viram para ver os carros

(The Pass, 1991)

Mais uma vez, Vancouver foi um bom lugar de descanso para o Ghost Rider (e também para o "resto de nós"), no velho conhecido quarto de hóspedes da casinha vermelha em Kitsilano, com Danny e Janette. Max já está com três anos, e adorei me sentar no chão com ele para brincar com blocos e carrinhos de brinquedo – isso sempre faz bem para a alma. Eu o chamava de "Peewee", e ele me chamava de "Tio Engraçado". E o novo carinha, Nick, já estava com quatro meses e era um bebê incrivelmente calmo – eu o chamava de "Bebê Buda". Os pais de Janette, Stewart e Vera, haviam vindo de New Brunswick para também fazer uma visita. Assim, foi legal me juntar a eles para o Dia de Ação de Graças. Eu também consegui falar com Brutus ao telefone, e nós dois tivemos outra conversa boa e divertida. Brutus sempre conseguia achar um lado divertido em sua situação, ao menos no telefone. Como eu, ele guardava as reclamações para quando escrevia cartas. O clima em meados de outubro estava bom em Vancouver, o que era incomum, com uma sucessão de dias ensolarados e de temperatura amena. Ativos como sempre, Danny e Janette me levaram para remar na enseada de Burrard novamente, e pela primeira vez eu tentei usar um caiaque mais estreito, do tipo que usam em competições. Num dia de mar agitado e com muitas ondas, foi uma experiência que despertou sentimentos mistos, dada a minha técnica limitada. É que, quando eu tentava "alinhar" os remos ao puxá-los dentro da água, geralmente um deles não conseguia vencer as ondas e acabava ficando acima da linha da água. Mais tarde, Janette me contou que tinha conseguido ouvir meus palavrões vindos de longe, carregados pelo vento.Tive um desempenho um pouco melhor na minha primeira tentativa de andar de *roller*, orientado por Danny – um treinador profissional e mestre de todos os esportes (à exceção talvez da natação e do remo). Fiquei contente porque em nenhum momento eu precisei "fazer uso" do equipamento de proteção que Danny insistiu para que eu vestisse: as joelheiras, cotoveleiras, luvas e capacete.Depois, fiz outra trilha com Danny pelo rio Capilano até a represa, e caminhei com Janette pelos bosques com os dois cães da raça labrador, a preta e mandona Tara e o cão tolo de pelo caramelo Barley. Fomos a alguns bons restaurantes, e também fizemos alguns jantares em casa. No fim da semana, minha fiel escudeira voltou limpa

e brilhante da John Valk, a concessionária BMW, com uma nova bateria, um novo botão de partida (que finalmente sucumbiu aos ferimentos provocados pelo "incidente do diesel" em Alberta um ano antes) e um novo vidro para o tanque de óleo. Era hora de pegar a estrada de novo.Viajar era certamente a melhor coisa para mim, e eu tinha resolvido que tentaria ficar na estrada até depois do Natal outra vez, como havia feito no ano anterior, e seguir para o sul cruzando os Estados Unidos. Depois, talvez eu explorasse algumas partes diferentes do México. Mais uma vez eu tinha poucos planos, apenas algumas possibilidades. Os caras de "South Park" tinham me convidado para sua festa anual de Halloween em Los Angeles, e eu decidi que essa era uma desculpa boa o suficiente para ir até lá, então reservei uma semana no Sunset Marquis a partir do dia 27 de outubro, dali a 10 dias. Como o tempo já não estava nada "amistoso" nas montanhas, pensei em seguir pela rodovia da costa até chegar à Califórnia. Brutus e eu já tínhamos andado em partes dela durante a turnê do Rush, mas achei que seria bom fazer o trajeto completo, só para poder dizer "já fiz isso". O pessoal da costa oeste sempre perguntava: "Ei, cara, já pegou a rodovia da costa?" Eu também liguei para Steven e perguntei se ele queria me encontrar em Moab em breve, onde poderíamos alugar uma 4x4 e explorar algumas partes remotas de Canyonlands às quais eu não ousaria tentar chegar sozinho. Em vez disso, ele sugeriu que talvez pudéssemos pegar emprestado o Humvee do pai de Shelly mais perto do final do ano, e então ele me encontraria para fazermos algumas explorações de estradas secundárias em Baja California durante o Natal. A ideia pareceu interessante, e combinamos que continuaríamos em contato enquanto eu estivesse viajando para o sul. Eu também conversei com Liam, o "chefão" da banda havia muito tempo (nós o chamávamos de "o presidente"). Ele ia ficar alguns dias em Seattle, não tão longe dali, começando uma turnê com outra banda (era sempre bom para a minha consciência saber que ao menos ele estava *trabalhando*). No fim da manhã de 17 de outubro, parti de Vancouver para percorrer o curto trajeto até Seattle, fiz o *check-in* no hotel onde Liam estava hospedado, o Paramount (do outro lado da rua do velho Paramount Theater, onde o Rush tocou muitas vezes no final dos anos 1970 – antes que nós nos "graduássemos" para tocar nas

arenas maiores – e que também me trouxe algumas lembranças). Liam não voltaria antes do anoitecer, então dei uma caminhada pelo agradável centro de Seattle e pela área das feiras, encontrando de maneira previsível as cafeterias a cada esquina e muitos "hipsters" de todas as idades – reparei particularmente num homem de 50 anos, com cabelo ralo e cor púrpura, e resumi isso numa anotação no diário: "Seattle é tão... *Seattle*". Liam voltou tarde para o hotel (cheio de histórias para contar sobre a banda para a qual estava trabalhando e sobre as esposas intrometidas dos caras, todas ex-strippers) e resolvemos pedir um jantar no quarto para colocar a conversa em dia e tomar uns drinques. Sempre parecia que não aconteciam muitas coisas nas minhas viagens pelo continente, mas naquela noite eu continuei contando histórias sem parar por várias *horas,* começando pelo furacão nas Províncias Marítimas e seu efeito na travessia de *ferry* e continuando com a vez em que peguei a Pony Express Highway e cruzei o Kansas num domingo que começou chuvoso, mas logo se tornou ensolarado, conforme a região montanhosa de Midwest abruptamente dava lugar às pradarias de Great Plains bem diante dos meus olhos. Também relembrei a abrupta curva à esquerda em Atikokan que resultou numa travessia de 8.913 quilômetros do Canadá até chegar às glórias de Moab e às miríades de deleites de Baja. Espero que eu não tenha sido chato *demais.* Pelo menos, não tive que me preocupar em chatear meu amigo Brutus, meu "público cativo", e no dia seguinte eu comecei a viajar com ele de novo, e a ver coisas e fazer planos pelos olhos dele mais uma vez.

18 de outubro de 1999
Rockaway Beach, Oregon
E aí, Groovy Dude!

Finalmente estamos a sós de novo... Ótimo. Mas é claro que vamos aproveitar o melhor que pudermos, não é? E hoje à noite estamos fazendo isso, e você está adorando isso aqui, amigo. O hotel Silver Sands é modesto, mas é o tipo de lugar perfeitamente adequado, e fica *sobre* o oceano. Do lado de fora da minha janela há uma estreita faixa de gramado, e logo adiante há alguns pequenos montes de areia e de

relva a cerca de 30 metros da praia tranquila, das ondas quebrando e da curva do Pacífico azul. Na primeira vez em que fui lá fora após ter chegado, com um copo de Macallan na mão, fiquei lá escutando a música maravilhosa que o Pacífico executa: um acorde contínuo de tons intermediários, o quebrar das ondas em alta frequência e um som grave e poderoso sob isso tudo. Espero que isso embale nosso sono a noite toda. Em nossos sonhos... Retomando: passei uma semana divertida com a família Lindley-Peart e todos pareciam bem. Max está se tornando uma pessoa cada vez mais interessante, e seu pequenino irmão, Nick (Tank), é o Bebê Buda: é muito calmo e tem um temperamento ótimo, além de ser receptivo (com o seu "Tio Engraçado"), e ele parece incorporar aquele lance do poema "Desiderata": "Ande tranquilamente em meio ao ruído e ao ímpeto...". Parece que é bem isso o que ele faz na maior parte do tempo, e que isso sirva de lição para nós. E, de fato, tenho pensado – ou me dado conta – nisso ultimamente: eu preciso me adaptar a um modo completamente diferente de viajar. Talvez eu adote o Modo Jazz, improvisando e tomando decisões à medida que sigo em frente, reagindo aos outros "músicos", ao clima, às estradas e ao trânsito. Em outras palavras, minha "sessão rítmica". Parte da mentalidade "lide com isso" diz respeito à necessidade de se *adaptar* – é preciso aprender a improvisar, e não apenas a desempenhar um papel escrito. Estou lendo o excelente livro de Bruce Chatwin *In Patagonia,* que eu já queria ter lido há anos. Por falar em livros, recebi um fax bem legal do livreiro Bryan Prince, e parece que ele vai se encarregar de enviar os seis livros para você diretamente de Niagara Falls, no estado de Nova York, para evitar quaisquer atrasos ou extravios. Espero que tudo dê certo, porque há alguns tesouros lá que podem distraí-lo por um tempo, assim como fizeram com este seu humilde servo. Fico feliz de estar aqui por você, irmão. Nas palavras do grande filósofo Forrest Gump: "É tudo o que eu tenho para dizer sobre isso". E, agora que o sol está se pondo, as ondas estão tocando seu acorde, o copo está vazio e o estômago está roncando, vou procurar um lugar para jantar. Até mais, irmão.

19 de outubro de 1999

Brookings Harbor, Oregon

De volta para você, Peregrino –

Você e eu aprendemos alguns anos atrás que a linha costeira se estende por um longo caminho. E que requer um longo tempo. Pense na Pacific Coast Highway, de San Simeon até Monterey. Pense no México, de Puerto Angel (atingida recentemente por aquele terremoto) até Mazatlán. Pense na rodovia Oregon 101, de Newport até Cannon Beach. Bem, eu queria pegar uma rota diferente e evitar a neve nas montanhas, e agora, quando pessoas chatas perguntarem se eu já peguei a rota "panorâmica" pela costa, poderei lhes assegurar que sim. Algumas vistas lindas do oceano azul. As ondas arrebentando na praia, pontas rochosas gigantescas se erguendo do mar, coníferas a sotavento, espécies altas de abeto Douglas contribuíam para formar um belo cenário. Contudo, depois que você vê isso uma ou duas vezes...

...do final de uma pista com muito trânsito, sem poder acelerar e se arrastando atrás de um motor-home enorme com um reboque ou de um caminhão basculante de rodado duplo. Ou quando finalmente a estrada se abre um pouco mais ao sul de Coos Bay (nome legal), uma neblina amarga chega e esconde o caminho, o trânsito e a paisagem. E a temperatura é de 8ºC. É por isso que minha caligrafia pode estar um pouco tremida: estou aqui há meia hora, bebi uma dose e fumei, mas ainda estou tremendo! A apenas alguns quilômetros da Califórnia. Vai esquentar em breve. Estou pensando em dar uma olhada nas árvores grandes amanhã (sim, bem isso!), e em seguida talvez eu circule pela "Costa Perdida". Depois, decidirei se já tive o suficiente de linha costeira, e então sairei em busca das montanhas e dos desertos, onde os homens de verdade pilotam suas motos. (Estranhamente, só vi cinco ou seis motociclistas por aqui, mas vi *dúzias* de ciclistas de longa distância). Acho que já contei para você que fui convidado para a festa de Halloween dos caras do South Park, o que me dá um "destino" no qual pensar. Gostaria de visitar a região de Sonoma de novo, e talvez me hospedar em St. Helena (ainda no Top 3 das cidades favoritas de Ellwood, juntamente com Moab e Loreto). Tentarei chegar àquela

pousada em Yosemite para passar umas duas noites e fazer uma trilha por lá, e é claro que o Death Valley sempre estará lá me esperando. Ainda voltaremos juntos lá algum dia, combinado? Provavelmente também vou a Palm Springs, e depois vou dar uma guinada para leste. O sul do Arizona merece um pouco de "viagens jazzísticas" (ocorreu-me que uma teoria etimológica que diz que a origem da palavra "jazz" vem do verbo francês "jaser", que significa "conversar", e é o que eu faço: converso com o clima, com o trânsito e com a estrada, e decido para onde eles querem que eu vá). Ainda estou tentado a seguir para Big Bend [Texas], então pretendo vagar naquela direção para em seguida escolher uma nova "porta de entrada" para o México. Talvez Gringo Pass, passando pelo parque nacional Organ Pipe Cactus, onde eu não me importaria de acampar de novo. Você se importaria? Fico contente de que haja muitas coisas pelas quais ainda me interesso o suficiente para que eu me levante de manhã para dar uma *olhada* nelas. No começo dessa jornada pelo oeste eu tinha umas dúvidas, e ficava me perguntando para onde eu iria e o que faria, além dos velhos grandes enigmas: "Quem sou eu? O que eu deveria estar fazendo? Para onde estou indo? Quando tudo terminará? E por que – bem, simplesmente: por quê?". Mas não. Eu acho que concordamos que não vale a pena nos incomodarmos com essas perguntas. Não é sobre o porquê, mas sobre *como*. Certo? Dãã̃ã! De qualquer maneira, hoje à noite estamos de novo com vista para o mar, hospedados em um Best Western junto a uma enseada com penhascos e areia grossa, centenas de troncos gigantes acinzentados pela maresia, a neblina gelada que já descrevi anteriormente (nada de janelas abertas nesta noite, infelizmente) e ondas em câmera lenta que quebram em intervalos de 10 segundos. Você sabe, o *outro* tipo de cena do Pacífico. Ainda acho que o Pacífico *soa* melhor do que o Atlântico, em uma generalização vergonhosa, mas cada vez mais tenho a certeza de que o Atlântico *tem um aroma* melhor. Ou pelo menos mais complexo. Não sei por que as coisas são assim, mas do Alasca ao México, nesta costa, o oceano parece exalar um aroma *brando*, se comparado ao Atlântico. Padrões de correntes diferentes? Espécies diferentes entre as marés? Descubra aí, ok? E, tendo incumbido você com esta missão, eu me despeço. Esta carta será enviada amanhã, daqui do Oregon, onde

somos burros demais para que nos permitam desperdiçar nossa gasolina.

Ghost Rider

[Brutus de novo]

20 de outubro de 1999

Mendocino, Califórnia

E aí, Unicórnio do Arco-Íris de Cristal,

Tipo, uau, cara, este lugar é totalmente descolado e maneiro, né? Em mais uma tarde com neblina e temperatura amena, dei uma volta por essa cidadezinha meio *hippie* e meio vitoriana, com gérmen de trigo, apanhadores de sonhos e hotéis B&B. Bonitinha e fofinha. E veja bem: não sabemos o *que* pensar. Talvez precisemos ficar mais um dia só para tentar entender melhor. Parando agora para pensar, o passeio que fiz hoje foi maravilhoso. (Sabe, nem sempre a gente se dá conta disso na hora: acho que nem consigo perceber antes que acabe.) Estava frio e nublado de manhã, então eu fui devagar, meio que "me encontrando" pela 101, andando apenas a velocidades que me permitiam *ver*. E vou lhe dizer uma coisa: temos que ser mais seletivos ao recomendar essa estrada da Costa Perdida. Ela é o que os motociclistas profissionais (como o Ghost Rider) definiriam como uma estrada "muito técnica", entende? Estreita, irregular, sinuosa... poderíamos dizer que não foi muito bem "projetada", assim como algumas estradas mexicanas. Trechos aleatórios cobertos de cascalho, geralmente nas curvas mais fechadas (é claro), e quase sempre exigindo a primeira marcha nas retomadas, com árvores grandes nos dois lados, ou curvas abertas e longas em meio à neblina e à pradaria, além de descidas íngremes mergulhando na cerração. Na primavera passada, Geddy me pediu conselhos para uma viagem de carro de cinco dias que ele faria entre Portland e Vancouver, e tenho certeza de que já contei para você sobre a rota minuciosa que tracei para ele. Ele acabou não indo, mas é claro que esta é uma das rotas que eu recomendei, baseado nas minhas anotações sobre nossas reações a cada trajeto. Contudo, reconheço que um bom Ghost Rider tem que olhar para a "sessão rítmica" de um modo um pouco diferente quando

ele está tocando para um *público,* não é? O clima, o trânsito e as estradas são capazes de despertar muitos estados de espírito, e muitas *viradas* de humor. Algumas pessoas podem não sentir a vibração, cara, nem estar dispostas (ou resignadas) a se adaptar. E ainda há o "fator técnico". Devemos selecionar as estradas adequadamente para nossa clientela específica, *n'est-ce pas*? (Francês para "não é mesmo?".) De qualquer maneira, as sequoias mais uma vez me pareceram muito *altas.* Estavam por toda a volta e subiam até o céu, com os raios de sol (colunas, na verdade) cortando a névoa (um pouquinho menos densa que a cerração, para sermos precisos), tão grandes que às vezes chegavam a ser *alarmantes,* meio como ver um elefante bem de perto, ou uma baleia, ou... uma árvore realmente imensa. E havia muitas delas, embora todas ficassem em bosques nomeados, como os cedros vermelhos em Vancouver Island. (Receberam o nome dos filantropos que *salvaram* o bosque, sem dúvidas). Ainda assim, elas estão *lá,* e é possível trafegar lentamente em meio às "Monarcas da Névoa", como o livro ilustrado as chama (o mesmo que vi no centro de informações turísticas, onde parei para pegar um "carimbo de passaporte" para a capa interna do meu diário), e mergulhar no seu perfume delicado. É a mesma sensação solene de estar numa catedral formada por aqueles pilares inacreditavelmente altos e grossos. (Eu sei que você deve estar pensando: "Fui lá, fiz isso, peguei o adesivo", mas não, eu não tive coragem de andar de moto pelo "Drive-Thru Tree" sem você.)"Não sem meu Brutus!" Eu estava falando sério no telefone no outro dia, meu caro irmão bizarramente peludo. Quando eu digo "Você está sempre comigo", não estou sendo falso ou sentimental, entende? Quero dizer que estou constantemente pensando sobre onde estou e no que estou fazendo *vis-à-vis* com *você*: o que você diria sobre isso, o que eu diria para você, como eu posso descrever o lugar e associá-lo a todas as coisas que nós sabemos. E muito do que *somente* nós saberíamos, arrisco dizer. Ou compreenderíamos. Então, com relação ao que eu disse sobre estar aí por *você,* eu quero que você saiba que você está aqui por *mim* também, de um modo muito real, e é bom para mim pensar nessas cartas e escrevê-las. E é tudo o que eu tenho a dizer sobre isso. De volta a Mendocino. Agora percebo que o que me deixou perplexo foi ter circulado por 10 ou 12 quadras da cidade sem

encontrar nada "real". Nenhum McDonald's, nenhum Super 8, nenhuma NAPA Auto Parts, nenhum Home Hardware, nada de supermercados. Apenas um hotel grande de estilo clássico vagamente vitoriano (mas meio *yuppie*, é claro) chamado Hotel Mendocino. Lembrava o Copper Queen Hotel em Bisbee (uma cidade parecida com esta, pensando bem), onde tive uma boa estadia, então fiquei tentado a dar uma chance a este, mas quando soube que era um hotel apenas para não fumantes, desisti (antes perguntei, com uma inocência jocosa: "Você quer dizer que não é possível fumar nem mesmo *no seu próprio quarto?*"). Então, voltei para os arredores da cidade até o lugar onde estou agora, o Hill House. (Ele teria uma vista para a cidade, mas não consigo ver nada por causa da neblina!) De qualquer modo, é muito bom. Um prédio principal grande de estilo vitoriano com restaurante e bar e alguns módulos semelhantes a casas em cada lado, com talvez uns 50 quartos ao todo. Tivemos um bom jantar com sopa de lentilha, carne de porco defumada, frango grelhado com batatas e feijões assados, e bebemos uma boa seleção de vinhos. Agora que a neblina se dissipou um pouco, posso ver a lua crescente e ouvir o som das ondas quebrando a distância. (Não tão distantes, obviamente). Contudo, ainda está frio. Ah, claro: uma rota que nós *vamos* recomendar aos nossos clientes é a Highway 1, no trecho entre Leggett e a costa. É uma estrada de montanha esplendorosa, com bom asfalto e curvas bem projetadas (por exemplo: as retomadas de curva podem ser feitas em segunda marcha em vez de primeira; e, no geral, ela é menos "técnica"). Ocasionalmente, veem-se os raros caminhões transportando madeira ou um motor-home para ultrapassar, mas no geral ela é ótima, e provavelmente tem belas vistas quando não há neblina. (Mais tarde naquele dia, o tempo estava claro no continente – e chegou a fazer calor por meia hora –, embora ainda houvesse neblina sobre o mar). Isso provavelmente acontecia por causa da tal corrente Humboldt, até porque aqui é Humboldt County. Ou talvez possa ser por causa daquele efeito do Pacífico conhecido como "La Puta". Provavelmente, é. E hoje também vi algumas florestas de eucalipto maravilhosas, com aquele agradável aroma forte e medicinal, e às vezes a estrada seguia por túneis em forma de arco formados por árvores que, acredito, eram ciprestes. Nas colinas sem

vegetação acima da Lost Coast, avistei um falcão peregrino e algumas cotovias, e a neblina subia do mar com formas em movimento que pareciam fantasmas. Sim.

21 de outubro de 1999
Mendocino, Califórnia

Pareciam fantasmas, sim. E, um dia depois, continua igual. E parece adequado, de alguma forma, porque definitivamente há um ar de "Twilight Zone" nesta cidade. Não há lojas de conveniência, mas há um bom armazém geral (eles não tinham óleo sintético, mas encontrei os blocos de papel de máquina de escrever obsoletos que estive procurando sem sucesso em papelarias e farmácias de costa a costa). Nada de adesivos, mas eles tinham meu uísque The Macallan 18 anos. Nada de GAP, nada de Safeway, nem Dairy Queen, nem Rite-Aid e também nenhum *Walmart*. Mas há uma loja chamada "Sacred Symbols", que oferece sessões de hipnose, leitura de cartas e energização. E, é claro, há muitas coisas feitas de madeira de demolição, pedras, vidro e velas, e muitas roupas casuais caras. Um museu decente e uma livraria. Muitas lojinhas e padarias, mas poucos restaurantes. Basicamente, parece haver apenas um hotel na Main Street, além deste aqui. O que começou a me ganhar foi a localização: todo o cabo que circunda a cidade até o mar é um parque estadual, com penhascos, arcos e cavernas no mar e relva alta de grama resistente ao sal. Eu mal conseguia ver o oceano através das formas de neblina em movimento. Ele estava uns 30 metros abaixo de mim, com milhares daquelas algas se movendo em meio às ondas lentas como se estivessem vivas, e vi também as ondulações e a espuma a cada vez que uma rocha submersa era revelada como se fosse um grande animal vindo à superfície. No geral, era assustador de um jeito bom. E, conforme eu dava uma volta e retornava à cidade, olhando os prédios da Main Street, longe demais para identificar os carros clássicos estacionados e identificando apenas a linha das lojas uniformemente estilizadas, senti-me como se estivesse em outra época, sabe? Algo entre 1895 e 1967. Este lugar está começando a me conquistar – talvez seja efeito da neblina. Mas não é só isso: há algo mais traiçoeiro

se encaminhando, porque na minha voltinha pela cidade após o meu passeio junto ao penhasco eu comprei um substituto para o meu surrado moletom de viagem e uma camisa para sair para jantar, além de mais um par de meias de cashmere (pareciam tão decadentes que não pude resistir). Então, tomei café e comi biscoitos numa pequena cafeteria enquanto atualizava minhas anotações no diário. Seria possível que eu estivesse me transformando no meu *irmão* aqui? Assustador. A propósito, Mendocino tem esse nome por causa de Mendoza, que foi governador regente da Cidade do México no século XVI. (E o cabo foi batizado primeiro, muito antes da cidade a 60 km de distância.) Teve seu início em grande estilo em 1850, quando derrubavam as sequoias para alimentar o crescimento de São Francisco durante a corrida do ouro. Uma das minhas teorias é que eles ficaram presos numa falha temporal como forma de reparação de seus pecados anteriores contra o planeta. Há semelhanças com Nantucket, por exemplo, ou Lahaina, em Maui. Uma história de extermínio de coisas grandes evolui para um santuário pitoresco de nostalgia romântica. Fazendo sua Energização. E me deixa perplexo que este lugar pudesse ser (calafrios) uma "colônia de artistas". Não, não, tudo menos isso! (Ouvi duas hippies de meia-idade no correio conversando sobre mudar-se para lá, e uma delas disse: "Seria tão bom para o meu *trabalho"*.) Contudo, já ouvi dizerem isso de Bisbee também, e não acho que seja necessariamente um beijo da morte. Mas nunca ouvi falarem assim a respeito de *Moab.* Ainda bem! E me ocorre que nem eu nem nossos clientes deveriam se hospedar em qualquer lugar com a palavra "Fort" no nome. Eu contei a você sobre a atmosfera infernal em Fort Frances, e ontem eu pensei em parar em Fort Bragg, mas parece que a vista para o mar havia sido obstruída por uma madeireira da empresa Georgia Pacific, e todos os hotéis à beira da estrada tinham vista *para aquilo.* Então, nada de Forts, exceto nos Territórios do Noroeste – onde não há mesmo muitas opções! Mas eu estou fazendo digressões aqui. Repetidamente. Bem, acho que esse é meu trabalho, eh? (Jeito canadense para dizer "né?")Pense nisso como um nome para as zonas de restrição de Mendocino: "Homeogótico". Isso serve. E agora já passa das seis, é hora de pensar sobre o jantar. Por enquanto vou deixar esse *rap* por aqui, meu irmão

do gueto. Que você possa caminhar em vales de amor, um reino de paz, borboletas, passarinhos cantando, arco-íris, o som das ondas, os espíritos das sequoias e as vibrações suaves. Ou, talvez, seja apenas a neblina... Adeus por agora, Raio de Sol, e Tenha fé, irmão.

Ghost Rider

[carimbo de "passaporte"]
24 de outubro de 1999
Parque Nacional Yosemite

Yo, Yo, Windigo

Aí está o "carimbo de passaporte" de que eu estava falando, e este aqui é o papel de carta da falha temporal de Mendocino. Esperamos que seja mais aprazível que aquela coisa frágil de correio aéreo que estávamos acostumados a usar. (Melhor que seja, porque eu comprei dois blocos, para o caso de eu não conseguir voltar ao passado de novo por uns tempos.)Antes que eu tente contar os últimos dois dias movimentados, quero trazer você até aqui: o Ahwanee, o exemplar mais perfeito de um hotel com paredes de troncos e de pedras que você pode imaginar, com uma sala de jantar palaciana e um teto alto de vigas de madeira, candelabros triangulares de ferro alinhados com velas elétricas, janelões gigantes refletindo sua luz e mesas em número suficiente para acomodar mais de cem hóspedes. O que, infelizmente, está acontecendo neste momento.Creio que, depois de Yellowstone, este é o parque nacional mais movimentado em que já estive. A estrada que traz ao parque é extraordinária: uma estrada de montanha lindamente projetada, na qual a terceira marcha era quase sempre suficiente, havia bom ângulo nas curvas fechadas e o asfalto perfeito por todo o percurso, mas uma série de "comboios" de carros se amontoavam na minha direção, e havia ainda mais trânsito no outro sentido (domingo à tarde), então ultrapassar era raro e exigia muito cuidado. Uma paisagem verdadeiramente épica, com rochas cinzentas esculpidas por estrias glaciais em meio a pinheiros e cedros, além do delicioso ar a 1.200 metros de altura. Havia um lindo alojamento na chegada, mas por toda a parte, como na região próxima a Yosemite

Village (pense no Grand Canyon) e no centro de informações turísticas (pense em Mount Rushmore), há uma sensação de que se está, não sei bem... num lindo *shopping* ao ar livre, digamos. Mas tenho certeza de que farei um relatório mais objetivo amanhã, depois que eu fizer uma trilha e me acalmar um pouco. Foram dois dias estranhos. Ontem de manhã eu saí de Mendocino (que, agora posso dizer, definitivamente foi um dos destinos favoritos), e segui pela Highway 1 junto à costa. Foi uma ótima viagem, apesar da neblina constante (há três dias), principalmente quando a estrada se afastou da costa para desviar a construção de uma ponte (agora que me dei conta do motivo), cortando por uma ravina com alguns trechos mais emocionantes, como um que era bastante íngreme e em zigue-zague. Depois, havia mais uns trechos emocionantes que subiam até o próximo pontal. Gloriosa – se ela fosse só sua. Mas você sabe como é a chance de que isso aconteça em uma estrada como aquela: pequena. Contudo, eu perseverei (só para dizer que eu *fiz!)* por todo o caminho até Jenner (acho que era), onde voltei para o interior do continente através das colinas amarelas, dos eucaliptos e dos bosques de pinheiros. Era lindo, mas com um pouco de trânsito demais. Também havia muitas casas, alamedas, carros e motoristas que apareciam do nada nos cruzamentos. Resumindo, foi uma viagem tensa. Depois, atravessei Santa Rosa direto para Sonoma Valley, onde pensei em ficar uma ou duas noites, embora eu tenha cometido um típico erro do Scooter Trash: achava que era quinta-feira, e não sexta. Esqueça isso. Então, parei na livraria Jack London em Glen Ellen, andei até a cidade de Sonoma (linda) e escolhi um lugar nas proximidades que não fosse popular entre o pessoal de São Francisco. A escolhida foi a cidade de Petaluma, e fiquei em um inevitável hotel da rede Best Western e comi em um restaurante Carrow's (ambos medíocres, e uma reprise exata do que passei em maio passado em Stockton. Ótimo). Com outro dia à frente antes que pudesse me familiarizar com este lugar (de novo, imagine como é um final de semana em um lugar a apenas um dia de viagem de carro de São Francisco), eu pensei em tentar algo um pouco... fora dos padrões. Diga, ou melhor *cante:* "Saturday Night in Salinas" ("Sábado à Noite em Salinas"). Mas antes eu ainda tinha que passar pelo Blackhawk Auto Museum, bem na saída de Danville, que

eu havia visitado no ano passado.Talvez eu tenha contado sobre ele: o mais lindo museu de carros que este repórter já viu, sendo eu já visitei todos os "grandões". Cada carro lá é único de alguma maneira: um Chrysler com carroceria Ghia; os melhores exemplares de Duesenberg, Packard, Pierce-Arrow, Bugatti, V-16 Cadillac, Isotta-Fraschini, Rolls, Hispano-Suiza e Mercedes; o primeiro e único protótipo Jaguar XJ-13; além de Le Mans, Delage, Delahaye, Lagonda. Imagina só! Cada um deles tinha sido restaurado com a perfeição de um ourives, e eles eram exibidos em dois andares de salões de granito, com luz excelente e bastante espaço entre um e outro. (E são cerca de *150* carros.) Depois, voltei ao cruzamento suburbano da interestadual (nada de prazer em pilotar naquele dia... mas vou me retratar: lembro-me de passar por San Pablo Bay, perto de Sears Point, e observar as aves limícolas – *himantopus*, caradrinos e escolopacídeos – e alguns dos viadutos eram... divertidos). Mas você conhece o ditado: são as estradas que levam você para onde você está indo. Eu pensei no que Steinbeck disse de Salinas, é claro, e me ocorreu que poderia ser um acréscimo importante para a turnê dos Escritores Fantasmas do Ghost Rider (e *isso sim* daria um livro, não é mesmo?). O National Steinbeck Center, nos limites da parte antiga da cidade de Salinas, é o melhor centro desse tipo que já visitei. Apresenta a história da região de maneira convencional (como em Yuma, Moab, Yarmouth etc.), mas através da literatura de Steinbeck, com seleções e ilustrações criativas, com dioramas e objetos cênicos interativos. "Por razões estúpidas demais para explicar" (citando Riebling), fui parar num hotel abaixo de qualquer padrão (o Travel Inn, 35 dólares a diária, mas pelo menos a comida era boa). Na manhã seguinte, tomei um bom café da manhã no Tabacchi's Family Coffey Shoppe. Apesar da ortografia errada de "coffey shoppe", em vez de "coffee shop", era um daqueles lugares clássicos, com um balcão turquesa e mesas com sofá de couro, bancos de cantiléver no balcão comprido, assentos de courino verde-escuro e música *country* com seus lamentos. E aqui está a minha marca no mapa da rota improvisada de Salinas até aqui. [Mapa feito à mão em anexo.] Sei que você está impressionado com todos os "efeitos especiais" desta carta, mas eu também suspeito que você ficará (secretamente) impressionado com esta rota. Principalmente se você

acreditar que eu realmente fiz este caminho. Embora tenha cometido um erro *crucial* de manhã, quando procurava a County Road G-17, e também alguns equívocos menores mais tarde (como você sabe, essas estradas dos condados não são excessivamente identificadas com sinalizações numeradas), consegui ir adiante, e, como diz Frank Sinatra em "My Way", "may I say, not in a shy way" (*"e posso dizer sem falsa modéstia"*). Melhor eu nem começar... De qualquer maneira, aquela State Highway 25 é a mesma estrada que pegamos de Coalinga e hoje me dei conta de como éramos *mimados* naquela viagem, andando apenas por estradas maravilhosas, os dias sem sobressaltos (graças a você, é claro; ou, mesmo que eu tenha tornado *possível,* foi você quem fez com que *acontecesse*), e simplesmente aceitando o sublime como algo normal.

Bem, agora o Ghost Rider conhece melhor essa estrada, porque, ao invés de ficar cochilando num Prevost [ônibus de turnê] durante quilômetros entre um lugar e outro, estou *percorrendo* todo o trecho, entende? Faz toda a diferença. Alguns trechos da Highway 25 eram fantásticos (e é claro que várias turmas de motoqueiros de fim de semana também tinham decidido pegá-la). Havia muita variação de paisagens – desde os subúrbios quase mexicanos pelos quais passei (uma falha temporal que revelava como o México poderia ser em tempos passados: *legal!),* seguindo para o Long Valley de Steinbeck, com fazendas irrigadas e plantações de legumes e verduras em grandes escala, que se estendiam pela planície sob a neblina com um aroma de *vida* (em vez de apenas "comida").

Depois, subi novamente pelas colinas de relva amarela, com vários trechos sinuosos e adoráveis (e nada de motor-homes ou caminhões, apenas uns poucos carros e caminhonetes), para depois descer a serra até Central Valley: algodão, alface, repolho, alcachofra, amêndoas, vinhedos e o Aqueduto da Califórnia – amplo, dramático, e com águas ligeiras. Finalmente, fui para cima das montanhas, onde avistei pinheiros e onde esta história começou (eu acho).

25 de outubro de 1999
Yosemite

No final da tarde seguinte...

De volta de uma caminhada pela trilha do paredão do cânion que durou o dia todo. Subi 900 metros (de um total de 1.200m) em 6,5 km, e o percurso total tinha cerca de 20 km. Sinto um cansaço agradável por todo o corpo, fiz algumas bolhas – provavelmente causadas pela descida, porque o chão consistia em lama seca com uma areia fina e cascalho por cima. A descida era bastante íngreme, por isso era necessário estar preparado para escorregar, com os joelhos dobrados e jogando o peso para trás, como um esquiador, o que também era cansativo. A minha meta era chegar a Glacier Point, com vista para quase todo o vale até Halfdome e, mais ao longe, para os picos sem neve entre o chaparral, os pinheiros e os abetos.

Contudo, o lado ruim era que também dava para chegar até lá de *carro,* o que a maioria dos bons norte-americanos fez: eles podiam simplesmente estacionar, caminhar (ou se arrastar) por 100 metros, dar uma olhada na vista e descer de lá dirigindo novamente.

Sou obrigado a acreditar que essas pessoas não compartilham a mesma *experiência* daquela vista sem estarem cansadas, suadas e com os pés doloridos, mas satisfeitas por terem conquistado aquela beleza toda através do esforço, sabe? Até mesmo o *almoço* parece mais saboroso!

Você sabe que faz um bom tempo que venho falando sozinho a respeito de transformar essas aventuras num livro algum dia, e hoje isso ficou na minha cabeça de novo enquanto eu escrevia no meu diário:

Nos últimos dias, tenho pensando cada vez mais sobre o grande livro que "supostamente" eu deveria estar escrevendo. Não sei se isso significa alguma coisa, mas a ideia de tentar pegar tudo o que eu sei (até mesmo sobre esta viagem) e colocar num livro é muito intimidadora. Até mesmo tudo o que eu sei sobre o dia de hoje bastaria para um livro inteiro. O que eu vejo e o que eu penso enquanto caminho.

Milhões de pensamentos surgem, todos conectados, como se fossem uma película se desenrolando. Então, assim que eu paro, tudo desaparece. Snap. *Pensando bem, o mesmo acontece enquanto estou andando de moto.*

Você sabe como é: todos aqueles pensamentos circulando pelo seu

cérebro, fazendo sentido e tomando forma, até que você consegue *ver* como as coisas devem ser.

Ah, mas "tornar tudo realidade"... essa é a parte difícil. Vai levar um longo, longo tempo e será necessário que eu me torne um ermitão sério (ênfase nas duas palavras), e vou ter que me forçar a colocar em palavras muitas coisas difíceis, por isso preciso me certificar de que eu esteja pronto, realmente pronto para isso.

Ainda não estou, com certeza, mas talvez eu esteja me encaminhando para isso. "Trabalhando duro", não é? Agora que eu recém encontrei um *pesquisador,* eu poderia chegar a algum lugar – um lugar que não seja, digamos, atrás das grades.

Então se mexe e sai desse lugar, ok? Tenho *trabalhos* importantes para você!

E agora vim sentar aqui no bar para tomar um conhaque, porque eu realmente mereço. Ainda é estranho para mim estar num bar para não fumantes, mas assim é a Califórnia.

E, me conta, como você acha que me sinto tendo um melhor amigo que não fuma, não bebe e que é um celibatário vegetariano? Ah, eu sei que não se trata de uma *questão de escolha,* e tenho certeza de que serei capaz de "reabilitar" você em pouco tempo e de "recorromper" você. (Embora eu tenha receio de que você esteja sozinho com relação ao lance do *celibato,* colega.)

Mais motivos para valorizar as lembranças daquela turnê de *Test For Echo*. Eu continuo achando que nós estávamos "mimados", mas acho que só se considerarmos que ser mimado é ter, digamos, uma boa vida. Nem perto disso. O problema é que as coisas pioraram *tanto* desde então! Com certeza, considero aquela turnê o melhor momento da minha carreira e da minha vida. Tudo estava tão certo, e nós aproveitamos aquilo ao máximo. Não poderíamos ter feito melhor.

Sempre que as pessoas expressam algo como "inveja" em relação à minha atual existência nômade (exceto *você*), eu imediatamente as coloco em seu lugar (de um modo delicado, é claro). Esta não é uma "jornada feliz", mas um *exílio* desesperado e inquieto. Como eu disse, eu preferiria estar em casa, escrevendo um ótimo livro. Contudo... tenho que lidar com isso.

Da forma como estamos lidando, e continuaremos lidando, certo,

Windigo? (Lendário espírito nativo transformado pelo gosto da carne humana num ser amaldiçoado que assombra a noite e assusta as crianças. Ver na obra de, hmm, eu acho que era Stegner.)

E por ora era isso, quero botar esta carta pelo correio. Estou partindo para Furnace Creek amanhã, e depois para Los Angeles (no próximo dia 28). Liga para mim naquela semana.

G.R.

Nos últimos tempos, eu tinha percebido outro sinal claro de amadurecimento da minha pequena alma de bebê – uma preocupação renovada com o mundo natural pelo qual eu estava viajando. Naquele momento, já estava claro que eu tinha conservado meu *amor* pela natureza, mas isso não significava que eu me *importava* com ela. Depois das traições da vida terem abalado completamente minha fé e meus ideais, por um longo tempo eu não havia sentido qualquer tipo de *responsabilidade* em relação ao mundo ao meu redor ("Ah, salve o nosso planeta!"). Contudo, por muitos anos antes disso, os interesses ambientais e filantrópicos tinham sido uma parte importante da minha vida.

Todo mês de dezembro, nossa contadora Sheila me enviava uma longa lista das contribuições para caridade do ano anterior, páginas e mais páginas, e eu repassava tudo aquilo com Selena, mostrando a ela com quais "causas" estávamos contribuindo e quanto dinheiro era doado para cada uma, e explicava o porquê de fazermos aquilo. Erradicação de doenças infantis, entidades de proteção do meio ambiente, preservação da floresta tropical, construção de abrigos para mulheres, água potável para a África, pesquisas para a cura da AIDS, programas comunitários, coisas desse tipo. Queria que ela soubesse e compreendesse minha filosofia de "se você se der bem na vida, faça o bem". Contudo, eu também acreditava que se "você praticar o bem, você *receberá* o bem", o que obviamente não tinha acontecido. E uma das consequências de meus ideais terem sido despedaçados era que continuei a ser generoso com os amigos e com as pessoas nas ruas, mas perdi todo o interesse em contribuir com as instituições de caridade.

Todo Natal, Jackie costumava comprar *caixas* de comida e de

produtos domésticos e pedir que entregassem ao banco de alimentos local (ela se recusava a sair do anonimato, como uma vez pediram que fizesse). Mais cedo naquele ano, Deb me contou a respeito de uma mensagem na secretária eletrônica da casa de Toronto de um tal "Sr. Caixa", perguntando por onde andava Jackie, e esperando que ele não a tivesse ofendido por algum motivo.

No funeral de Selena, meu irmão Danny leu um poema De W.H. Auden, que mais tarde Jackie e eu concordamos em colocar no memorial de nossa filha (sem saber à época que aquele seria também o memorial de *Jackie*, ou ao menos não tão cedo). É o famoso lamento que termina assim: "Derramem o oceano / E varram os bosques / Porque nada, nunca mais / Resultará em qualquer bem".

Naquela época, era certamente assim que eu estava me sentindo, como se o "fim do mundo" tivesse chegado. Então, quem precisaria de estrelas, de oceanos ou de bosques? Mesmo depois de tantos quilômetros na Estrada da Cura, eu ainda acredito que "nada, nunca mais, resultará em qualquer bem", mas eu estava lentamente retomando o meu interesse pelos oceanos e pelas florestas.

Logo a leste de São Francisco, a caminho de Yosemite, passei por um parque industrial que expelia fumaça (um oximoro óbvio) e que ficava escondido bem longe da cidade. Isso me levou a pensar que, da mesma forma com que as pessoas modernas haviam se "separado" da vida natural – ficando distanciadas e insensíveis não apenas em relação à caça e à pesca, mas com tudo o que fosse relacionado à produção de seus alimentos –, o mesmo estava acontecendo com a *indústria*. Cada vez mais, as fábricas ficavam fora da vista, em "parques industriais" ou em áreas desabitadas – e isso não acontecia apenas no oeste, já que eu havia visto fábricas de produtos químicos nas colinas de West Virginia, ao longo do rio Mississippi e nas áreas rurais do meio-oeste americano.

Enquanto eu subia o paredão do cânion até Glacier Point naquela manhã, percebi uma camada de névoa laranja que se estendia de ponta a ponta do Yosemite Valley – sinal de poluição. Na mesma trilha, reparei em uma placa com informações sobre alguém chamado de "guardião" de Yosemite, que havia dinamitado a moraina no leito do vale em 1890 para "rebaixar o lençol freático". Como esse cara se

tornou um “guardião” da beleza natural de Yosemite era algo além da minha imaginação.

Naquela época, eu estava lendo *Sand County Almanac,* de Aldo Leopold, escrito em 1949 – um livro considerado uma das obras seminais sobre consciência ecológica. Leopold não era um naturalista diletante, mas um caçador experiente, um homem que gostava de estar ao ar livre e que compreendia que os *humanos* também faziam parte do mundo natural. Ele não se opunha ao uso dos recursos naturais, mas protestava contra a destruição sistemática de tudo *em torno* dele. “Manter cada engrenagem da roda é a primeira regra do desenvolvimento inteligente”, escreveu.

Enquanto eu vagava pelas estradas secundárias do oeste, ficava cada vez mais evidente que cada uma daquelas rodovias tinha sido aberta por um mineiro, um madeireiro ou um fazendeiro, e que agora esses mesmos profissionais tinham obviamente se tornado *inimigos* da terra que haviam desbravado – principalmente porque, com o tempo, eles haviam crescido e se tornado corporações impessoais dedicadas a expelir fumaça tóxica, desmatar as florestas das montanhas, apropriar-se indevidamente de terras públicas e represar todos os rios que encontrassem. No oeste do Canadá e dos Estados Unidos, florestas, campinas, desertos, vales, rios, cânions, montanhas e praias ainda estavam sendo engolidos em escala prodigiosa, e não havia sinais de que isso fosse parar tão cedo.

“Caos é a lei da natureza; ordem é o sonho do homem”, escreveu Henry Adams. Enquanto este “idealista desapontado” em particular (para não dizer “cínico”) tinha aprendido a aceitar que a natureza, e a vida, eram totalmente aleatórias, caóticas e *insensíveis,* “ordem” não era exatamente o meu sonho – eu desejava apenas a beleza. E talvez um pouco de paz...

I ought to be second nature –
At least, that’s what I feel
“Now I lay me down in dreamland” –
I know perfect’s not for real
I thought we might get closer –
But I’m ready to make a deal

Devo estar habituado –
Pelo menos, é o que eu sinto
“Agora que me deito na terra dos sonhos” –
Sei que o perfeito não é real
Eu pensei que pudéssemos chegar mais perto disso –
Mas estou pronto para fazer um acordo

(Second Nature, 1987)

Capítulo 17

TELESCOPE PEAK

Carry all those phantoms
Through bitter wind and stormy skies
From the desert to the mountain
From the lowest low to the highest high

Carregue todos esses fantasmas
Através do vento gélido e dos céus tempestuosos
Do deserto para a montanha
Do baixo mais baixo ao alto mais alto

(Ghost Rider, 2001)

[Carta para Brutus]
[carimbo de “passaporte”]
26 de outubro de 1999
Parque Nacional Death Valley,
Death Valley, Califórnia

Buenas tardes, companheiro do leste,

Imagine a seguinte cena: lavanderia em Furnace Creek Ranch, uma unidade de tijolos de concreto do tamanho de um banheirinho de parada de beira de estrada, no meio do estacionamento de trailers, às 17h45min. [Na verdade, acho que são 16h45min]. O sol recém se escondeu atrás das casuarinas, que já perdem as folhas. [Na verdade, acho que são tamargas.] (Deve ser por causa de algum tipo de dano provocado pela poluição.) E eu estou aqui esperando. Eu também poderia encontrar essa pequena relíquia abafada na minha rota para Yosemite, mas você conhece o ditado: não deixe para amanhã...!

Mas, como já disse antes, é bom estar aqui (bem, não *aqui* – embora não seja desagradável sentar num banco junto a uma mesa de piquenique e ficar olhando a alameda estreita entre os trailers e motor-homes (dos que posso ver daqui, três são de Nevada, um da Califórnia e outro de... Dakota do Sul. E olha só isso: agora estou preso num parêntese dentro de um parêntese. Bem, vou me livrar de *um.* E vou levar você comigo.) Pronto).

Então, tive uma boa viagem hoje. E a causa disso não foi apenas poder andar pela avenida de pinheiros e abetos altos no parque de manhã cedo, ou seguir o caminho sinuoso pela floresta com raios de sol cheios de fumaça (de um incêndio “controlado” e “prescrito”, como as placas indicavam) e então seguir até o final da linha das árvores em Tioga Pass (ensinaram-me que se pronuncia “tai-oga”) a 3.000 metros de altura, ou ainda descer pela estrada sinuosa do outro lado sobre o lago Mono, com as estranhas formações de tufa calcária ao longo da margem. Não, a melhor parte do dia estava reservada para a serra *seguinte* (Sagehen talvez?) e para o amplo mar aberto de sálvia. E, como acontece com o mar de verdade, quando você está lá o tempo desacelera. Cada fonte de perigo e cada fonte de beleza está,

literalmente, a quilômetros de distância.

E quando o mundo se abriu e desacelerou daquele jeito, suspirei alto, sacudi os ombros e automaticamente eu me senti... melhor. Quanto tempo havia passado desde a última vez em que eu tinha andado com as minhas pernas sobre o cabeçote do motor? Não consigo me lembrar. Definitivamente não foi na costa.

[mudança de cenário]

Agora ficou ainda melhor. Sala de jantar, com os últimos raios de luz sobre os montes Panamints e sobre Telescope Peak, onde espero me hospedar amanhã. Entre os meus ciclos de lavar e secar roupas, parei no centro de informações turísticas, e a guarda do parque gatinha (ah, aqueles uniformes, hein?) me disse que era uma trilha de três horas morro acima, subindo quase mil metros num trecho curto (de novo! Partes de mim ainda estão doloridas por causa da trilha de ontem), e depois cerca de uma hora para descer, e mais uma hora de moto para a ida e outro tanto para a volta. Desta vez, contudo, a subida ia de 2.400 metros a 3.300 metros, então poderia ser um pouco difícil. Ainda assim, tenho que tentar. Se eu conseguir, amanhã à noite vou comer *duas* sobremesas!

Tenho pensado se devo ou não contar a respeito das minhas refeições, e achei que, ei, melhor você saber, ou ser lembrado, que há algumas coisas aqui no "outro mundo", esperando por você. Entende?

Uma coisa engraçada: hoje eu pensei em pegar estradas *desconhecidas* sempre que fosse possível, como a 120 sobre Tioga Pass e a leste em direção a Nevada. Mas então eu percebi que *nós* já pegamos aquela estrada que liga Coaldale Junction a Westgard Pass, e havia outra que eu já peguei no ano passado, entre Sonora Pass (melhor que Tioga, devo dizer, tanto por causa da paisagem quanto pela "técnica") e Tonopah. A prova do interminável vigor do deserto é que, enquanto eu acelerava bem satisfeito, reparei em uma daquelas placas "históricas" das ruínas de uma cidade-fantasma chamada Palmetto (eles achavam que as árvores-de-josué eram pequenas palmeiras), que eu já tinha visitado no ano passado. Aquilo me fez sorrir, e me senti ainda mais contente por estar lá.

Agora mesmo, há um contorno de céu mais claro ao longo da silhueta de picos agudos dos montes Panamints, algo formidável.

Então, hoje à noite, vou comer taco de lagosta quente com molho gelado de *chile,* uma taça de vinho Kendall-Jackson Chardonnay e vieiras com massa cabelo de anjo. Talvez também coma uma sobremesa que me "dê forças" para a caminhada de amanhã. Sabe, eu preciso fazer um estoque de carboidratos.

E eu fico pensando por que adoro tanto este lugar (Death Valley). Já fico contente por estar viajando sob o sol, observando a sálvia, os cactos *cholla*, um bando de cinco cavalos selvagens enquanto eu seguia pela 264, ranchos, plantações de feno irrigadas, minas ainda ativas e outras já abandonadas, a repentina "fronteira" onde as árvores-de-josué pontuavam a sálvia a certo ponto de elevação, fosse na subida ou na descida, e, logo depois de Cottontail Ranch ("Sempre Aberto"), na junção com a 95, os arbustos creosotes tomaram conta e pegaram o posto da sálvia de "biomassa dominante".

Pela primeira vez, peguei a estrada de Scotty's Junction para Scotty's Castle, e parei para comprar alguns dos adesivos legais e antigos. Perguntei a um guarda sobre aquelas áreas de entulho de erosão cujo nome tentei lembrar por cerca de uma hora (leques aluviais, estúpido), e então continuei até Grapevine Canyon e entrei no vale. Sorri novamente quando avistei aqueles morros perfeitos e enrugados e as planícies de creosote, as dunas de areia e os desertos de sal, e amei tudo aquilo. Não sei por que razão. Bem, eu provavelmente sei, mas se você tem que perguntar – então vou guardar para o livro de verdade. (Não a versão amadora chamada "Cartas para Brutus" que eu soube que você vai publicar.)

Você deveria saber também que, enquanto aprecia (ou suporta) meu volume imenso de comunicação ultimamente, meu diário anda reclamando:

"Você escrevia tudo isso para *mim*".

Quem é que ama você, baby?

Eu estava pensando há pouco no quanto outros motoqueiros trazem má reputação a todos nós, sabe? Hoje de manhã, em Ahwanee, acordei por volta das 6h30min. As janelas estavam abertas, e o ar fresco e o aroma dos pinheiros me mantiveram sob as cobertas por mais um tempinho. Enquanto eu apreciava meu primeiro cigarro do dia, ouvi o cano da descarga aberta de uma Harley explodindo, um

cilindro de cada vez, depois repetidas explosões e concussões, e finalmente o cara deu a partida num rugido pulsante em ponto-morto, para em seguida acelerar com tudo através do bosque como um caminhão Ford cara chata com a descarga quebrada (na verdade, esta é uma boa analogia).

Então, há pouco, dois motoqueiros desses apareceram na sala de jantar com as barrigas de cerveja estourando os botões de suas camisas havaianas. Quando eles foram informados sobre o traje exigido, "esporte fino", bufaram e reclamaram e saíram para o pátio, furiosos. Desclassificados.

Ultimamente, tenho notado que quanto mais eu viajo e mais pessoas eu observo em momentos de trabalho ou de lazer, mais baixa é a minha avaliação geral da degradação da humanidade. Isso é profundo. Eu sempre fui um idealista, acreditava na "possibilidade de melhorar" de cada pessoa e na bondade intrínseca da maioria delas. Então, esta mudança é tão profunda ao ponto de, digamos, eu nunca mais querer usar camisetas com algo escrito nelas, quando antes eu nunca usava camisetas ou moletons que *não* tivessem uma mensagem. Profundo, cara. Se você acompanhar o meu raciocínio. Certamente eu encontrei pessoas de quem gostei instintivamente, e claro que existem aquelas que conheço e valorizo, considerando-as "espíritos semelhantes". Mas são poucos. A maioria, pelo que concluí, simplesmente estraga todo o resto de nós, entende?

Aposto que sim. Embora você sempre tenha sido mais *tolerante* do que eu.

É essa a palavra? Eu ainda tolero muita coisa, provavelmente mais do que nunca, mas isso não significa que eu aceite, admire ou *aprecie* o que eu vejo. Apenas tento suportar isso.

27 de outubro de 1999
Death Valley

[adesivo com a foto da paisagem de Death Valley] – Manley Peak, saindo de Zabriskie Point, é claro, e à esquerda, no topo, fica Telescope Peak (com o pico branco naquele dia, pelo que parece, mas não hoje).

Comecei o trajeto de 104 quilômetros pela estrada em constante deterioração; fui da boa rodovia estadual asfaltada até um trecho mais estreito e com asfalto irregular, terminando numa estrada nivelada com cascalho. E então, nos últimos quilômetros, ela se tornou uma subida agressiva e desnivelada coberta de cascalho. Igual àquela estrada Hunter Mountain Road, com areia, cascalho, pedras, costeletas e curvas perigosas ("curvas '*peligrosas*'") acima de penhascos íngremes. (Placas avisando: "Aberta apenas para veículos com tração 4x4" – rá!)

E isso foi só para chegar até o início da trilha, a 2.400 metros de altura. Depois, segui a pé por 11 quilômetros até o topo, atravessando a cordilheira de sálvia, depois os zimbros e, em seguida, pinheiros, mognos da montanha (outro tipo de árvore, como as sequoias gigantes e os pinheiros ponderosa, que precisa de fogo para germinar), coníferas acima de 2.700 metros e, finalmente, os antigos pinheiros *bristlecone* acima de 3.000 metros.

O pico da montanha em si era árido, com rochas dentadas (embora parecessem bem confortáveis quando me deitei lá na chegada) e apenas um pouco de relva. Mas é claro que a vista era estupenda. O vale inteiro muito abaixo de nós, o chão branco em torno de Badwater (a parte que eles chamam de "deserto químico") e o oásis de Furnace Creek, que parecia uma manchinha verde minúscula. E, bem abaixo a oeste, ficava Panamint Valley, com suas enrugadas montanhas marrons, as dunas de areia numa das extremidades e a estrada que corta o vale praticamente invisível exceto para minha imaginação. Finalmente, em algum lugar bem mais adiante, avistava-se Father Crowley Overlook.

Agora, contudo, estou cansado e dolorido. Mais uma vez, descer foi quase tão difícil quanto subir, à exceção do fato de que ao menos respirar se tornava cada vez mais fácil. Em um determinado ponto, comecei a enumerar minhas dores enquanto caminhava: pescoço, ombros, costas, região lombar, quadris, coxas, tendões, joelhos, panturrilhas, tornozelos e, principalmente, os pés. (Aiiiiiiiiiii!) Mas eu consegui completar o trajeto sem precisar de um helicóptero de resgate.

E pelo menos não havia como ir de *carro* até lá em cima, então eu só compartilhei a experiência com dois outros caras que, assim como

eu, sentaram-se lá em cima em silêncio, comeram seus lanches e olharam em volta (pedi que um deles tirasse uma foto minha para comprovar a façanha), e passei por outro mochileiro na descida. Checando as assinaturas no livro da trilha na base da montanha, percebi que, em média, apenas três pessoas o assinavam diariamente, embora alguns admitissem que não tinham conseguido chegar ao topo.

Agora, meu cérebro está tão cansado quanto meu corpo (tive tantos pensamentos enquanto eu caminhava), por isso eu espero dar uma desligada por uns tempos em Los Angeles (rá!), e também quero abusar completamente deste meu corpo saudável demais. Chega de "treinar", não é?

E, lá em Los Angeles, eu certamente conseguirei conversar com *você,* então guarde alguma coisa para termos assunto. Eu estava pensando hoje que um dos motivos de eu escrever tantas cartas ultimamente é que tenho me hospedado em lugares melhores, onde os restaurantes tendem a ter uma luz mais apropriada. Não é muito boa para ler, mas é boa o bastante para me abrir com você através da escrita!

E agora, depois de contar que comi ensopado de caranguejo com milho e grelhados à moda Southwestern, com filé, frango e camarões com molhos apropriados, bebi uma taça de vinho tinto Benziger Cabernet e comi pêssegos à moda Indian River com sorvete, café, conhaque e muita água, vou deixar você sozinho.

Estou ansioso para conversar com você, *muchacho*, e saber o que "está pegando" por aí.

De Death Valley, onde o Ghost Rider lavou roupa (onde seria melhor?), desejo a você *Buenas Noches*.

G.R.

E foi então que me dei conta...

Enquanto eu estava lá no topo de Telescope Peak, Death Valley – o Vale da Morte – aparecia diante dos meus olhos, mas ele também tinha ficado *para trás*. Mais uma vez, havia grandes mudanças no horizonte.

changes never end
hope is like an endless river
the time is now, again

as mudanças nunca acabam
a esperança é como um rio sem fim
o momento é agora, de novo

(Ceiling Unlimited, 2001)

Capítulo 18
EPÍLOGO: PARA SEMPRE

Love is born with solar flares
From two magnetic poles
It moves toward a higher plane
Where two halves make two wholes

O amor nasce com explosões solares
De dois polos magnéticos
Ele se move em direção a um plano mais alto
Onde duas metades se tornam dois inteiros

(The Speed of Love, 1993)

Menos de um dia depois eu estava em Los Angeles; menos de uma semana depois Andrew me apresentou a Carrie, meu verdadeiro anjo redentor; menos de um mês depois estávamos completamente apaixonados, e menos de um ano depois nos casamos numa cerimônia de conto de fadas perto de Santa Bárbara.

Carrie:

Linda, inteligente, culta, criativa, carinhosa.

Olhos de um verde profundo, cabelos longos e escuros, sorriso radiante.

Alta, esguia, esbelta, um lindo conjunto.

Meio inglesa, meio sueca, toda americana, toda minha.

A resposta para uma prece que eu jamais tinha ousado proferir, ou sequer *sonhar*. Carrie. Amiga, alma gêmea, namorada, esposa, uma nova jornada, a maior aventura.

Contudo, devo admitir que, mesmo depois de termos nos conhecido, eu ainda resisti a esta salvação improvável por um tempo, pois à época me sentia um pouco como um gato escaldado. A metáfora pode lembrar o ditado "gato escaldado tem medo até de água fria", e eu acho que essa pequena alma de bebê já tinha sido escaldada mais de uma vez. Mas o povo do leste da África tem um ditado diferente: "É mais fácil incendiar uma madeira que já foi chamuscada antes". Ou talvez fosse como as sementes dos pinheiros *ponderosa* ou das sequoias, que devem ser tocadas pelo fogo antes de poderem gerar uma nova vida.

Depois de nosso primeiro e constrangedor encontro num restaurante de Hollywood com Andrew e a garota com quem ele saía, Carrie e eu nos vimos de novo naquela mesma semana, quando Andrew (um cupido determinado) combinou uma caminhada pela trilha no parque estadual Topanga junto com seu cão, Bob, um amistoso Jack Russell Terrier. Carrie e eu caminhamos juntos por todo o percurso (Andrew discretamente seguia à nossa frente com Bob – eram nossos cicerones), e conversamos sobre o mundo e sobre nossas vidas. Mas, teimosamente, eu ainda me recusava a considerar aquilo "um encontro", ou a achar que eu deveria *fazer* alguma coisa, e no dia seguinte eu continuei minha viagem despreocupadamente.

Uma ou duas semanas mais tarde, por algum motivo eu me flagrei

dando meia-volta e retornando a Los Angeles. Assim, Carrie e eu tivemos nosso primeiro encontro a sós num restaurante em Laguna Beach, e depois tomamos um drinque no Ritz Carlton. Mais uma vez, conversamos com facilidade e ficamos mais amigos, mas não "flertamos" muito – ao menos até o instante em que a vi ao longe, do outro lado do restaurante: aquele vislumbre único e inesquecível de seu rosto desprotegido pararia o tempo e mudaria tudo. Um momento que derreteu minha determinação de frieza e me trouxe de volta à terra do amor.

Mas, de novo, com a típica falta de consciência, peguei a estrada de novo (àquela altura, Carrie já me chamava de seu "El Conquistador", sempre com minha armadura negra de couro partindo de moto em busca de aventuras), só que mais uma vez me peguei com vontade de voltar a Los Angeles. Desta vez, eu já não podia resistir ao fato inegável de que ela era a mulher certa, e depois de uma visita de dois dias a Santa Mônica, onde ela morava, tudo estava encerrado para o Ghost Rider.

Mesmo assim, "El Conquistador" partiu novamente. Steven e eu tínhamos combinado de nos encontrarmos em Tucson em meados de dezembro para ir à Baja com o Hummer do sogro dele (história para outra hora), mas eu não conseguia parar de pensar em Carrie. Alguns dias depois de começar a viagem, liguei para ela e pedi que me encontrasse em Cabo San Lucas para passarmos um final de semana juntos. Em seguida, como Steven e eu tínhamos sido bem-sucedidos em "matar" o Natal, peguei um voo de volta para a casa do lago, e Carrie se juntou a mim para entrarmos no novo milênio com um amor entusiasmado e com esperanças renovadas.

Em janeiro de 2000 eu me mudei para Santa Mônica para ficar com Carrie, porque ela tinha uma carreira em ascensão como fotógrafa, enquanto eu tinha apenas... ela. Frequentemente, eu tinha aquela sensação de estar "no meio do redemoinho": minhas emoções se elevavam em direção a uma recém-descoberta alegria num dia para, noutro dia, mergulhar na conhecida tristeza de antes. Mas a tendência parecia apontar sempre para cima, e me comprometi a construir uma vida nova com Carrie. Eu tinha encontrado a verdadeira salvação para minha pequena alma de bebê, e mais uma vez eu queria viver *para*

sempre. Matriculei-me na academia local, comecei a fazer aulas de ioga, parei de fumar e até cortei um pouco a bebida. Tudo podia acontecer, e às vezes isso é muito bom.

Em 9 de setembro de 2000, nossas famílias e amigos mais próximos se reuniram no jardim de um hotel em Montecito, num dia ensolarado com flores, música, champagne e dança; um dia de alegria, de risadas e de triunfo. Havia muita alegria para todos que tinham me ajudado a sobreviver naquela estrada longa e solitária, como meus pais, Geddy e Alex, Ray, Liam, Sheila, Brad e Rita.

Enquanto estava lá de pé sob o arco de flores brancas antes da cerimônia, ouvindo a orquestra tocar antes da entrada triunfal de Carrie, eu olhei para o grupo de convidados bem-vestidos e sorridentes, e voltei o olhar para além das árvores até a imensidão azul do Pacífico. Por um momento, pensei em tudo que tinha me levado até ali, e meu rosto começou a desmoronar. Mas foi só um instante, um pequeno momento decisivo de compreensão, e depois de paz, então eu sorri com orgulho e felicidade quando desci até o gramado e peguei a mão de Carrie.

E agora, quando coloco um ponto final nesta história, já estamos em janeiro de 2002. Há um ano, voltei a trabalhar com Geddy e Alex num pequeno estúdio de gravação em Toronto, compondo, fazendo os arranjos e gravando o novo álbum do Rush, chamado *Vapor Trails*. O título surgiu de uma metáfora que apareceu pela primeira vez em uma carta para Hugh Syme, escrita no verão de 1999, como uma referência improvisada aos fantasmas da memória.

A canção *Vapor Trail* também foi uma das primeiras letras que escrevi para o projeto, porque as primeiras músicas em que trabalhei invariavelmente carregavam alguma "bagagem" filosófica e emocional de algum tipo. Canções como *Sweet miracle* e *Earthshine* refletiam a alegria da minha nova vida, e mais tarde passei para temas menos pessoais e mais conceituais.

Carrie ainda tem a vida e o trabalho dela em Santa Mônica, e nós montamos nosso lar por lá, mas não queríamos ficar separados por períodos muito longos. Então, ao longo do ano, nós alternamos entre nossa casa na Califórnia e o apartamento alugado em Toronto – a introdução dela à vida de um músico (e à vida de esposa de um

músico).

Uma coincidência maravilhosa fez com que Brutus conseguisse liberdade condicional em janeiro de 2001, e ele começou a trabalhar num estúdio de fotografia em Toronto na mesma época em que voltei para lá. Mais uma vez, éramos dois melhores amigos que podiam se *ver* quando tivessem vontade, e as "cartas para Brutus" escritas em mesas solitárias de restaurantes e em quartos de hotel distantes foram substituídas por noites em que passamos conversando sobre os lugares onde estivemos, quem éramos e o que esperávamos que acontecesse. Até mesmo sonhamos a respeito de viajar juntos novamente um dia.

O irmão de Jackie, Steven, continuou a ser um dos meus melhores amigos (embora vivendo num dos cantos mais escondidos de Ohio); Keith continua a manter a casa do lago em perfeitas condições para nós (apesar da raridade das nossas visitas, em meio a todas as viagens e ao trabalho), e a única pessoa que pareceu ter problemas para me deixar "seguir em frente" foi Deb. Tentamos diversas vezes reparar a ruptura entre nós, mas quando contei a ela que estava noivo de Carrie, Deb pareceu se sentir abandonada, traída e extirpada das lembranças que compartilhávamos, e reagiu com uma carta emotiva que nos afastou ainda mais. Mesmo assim, continuamos a nos comunicar da melhor forma que podemos, e Carrie até mesmo concordou em se encontrar com Deb na esperança de ajudá-la a aceitar a maneira como as coisas são agora, mas talvez esta seja uma lacuna entre o passado e o futuro que jamais poderia ser preenchida. Ainda assim, continuamos tentando.

E eu ainda tento construir minhas próprias pontes, buscando colocar minhas experiências em palavras, tanto como "terapia" contínua quanto como um empreendimento em fase de conclusão. Depois de algumas semanas no estúdio, eu já tinha um punhado de letras terminadas e queria deixar Alex e Geddy trabalharem nos arranjos antes de continuarmos, então comecei a rever minhas anotações no diário e as cartas das minhas viagens. Antes que me desse conta, estava trabalhando na tarefa impossível de transformar todo aquele material e todas as coisas a que eu tinha sobrevivido neste livro. Era mais um longo processo, doloroso às vezes e difícil sempre, mas parecia ajudar a deixar meus fantasmas descansarem. A cura

continua.

Tendo isso em mente, olho para trás para outro momento decisivo, ocorrido no final de uma tarde, logo após eu ter me mudado para Santa Mônica. Eu fui até o píer de Santa Mônica sozinho e fiquei olhando para o mar enquanto pensava sobre tudo o que tinha acontecido e em como a minha vida, milagrosamente, tinha sofrido uma reviravolta mais uma vez. Pensei em todos aqueles quilômetros sem descanso, geralmente tristes (88 mil deles), percorridos entre a doca em Lac St. Brutus e aquele píer com vista para o Oceano Pacífico. E também pensei na distância que a minha pequena alma de bebê tinha vencido na Estrada da Cura, começando naquela doca com um cigarro e um copo de uísque, procurando sentido em duas rochas com formato de pato do outro lado do lago. Dei-me conta de que todas as minhas "personalidades" também tinham encontrado sua redenção naquele momento, e que eu gradualmente estava me recompondo em uma única entidade central. O baladeiro de Hollywood, Ellwood, estava feliz por ter se mudado para a Califórnia, como ele sempre quis, e por poder namorar uma mulher linda todos os dias (e todas as noites) de sua vida. John Ellwood Taylor, o *bluesman* andarilho, estava feliz por deixar suas canções tristes de lado e cantar algo mais alegre por uns tempos, enquanto a pequena Gaia, a adolescente de 14 anos, estava toda resplandecente com emoções indistintas e poesia romântica. Apenas um de nós já não tinha mais lugar neste novo mundo ensolarado: o Ghost Rider.

De pé no píer de Santa Mônica, o final extraoficial da Rota 66, a "estrada fantasma", percebi que aquele era um lugar perfeito para me dar conta, de repente, de que a estrada do Ghost Rider também terminava ali. Eu não era mais um ermitão, não era mais um cigano, não era mais uma personalidade dividida: eu estava me tornando um só novamente (embora não mais um homem sozinho), com uma vida repleta de alegria e significado, passando os dias e as noites em um lugar ao qual eu pertencia – ao lado da mulher que me amava tanto. Carrie.

Eu tinha encontrado meu lugar de descanso e de redenção, e o trabalho do Ghost Rider estava encerrado. Agora ele poderia seguir o seu próprio caminho, avançando até o final daquele píer e entrando

diretamente no pôr do sol.

And if the music stops
There's only the sound of the rain
All the hope and glory
All the sacrifice in vain
If love remains
Though everything is lost
We will pay the price,
But we will not count the cost

E se a música parar
Há apenas o som da chuva
Toda esperança e glória
Todo o sacrifício em vão
Se o amor permanecer
Embora tudo esteja perdido
Nós pagaremos o preço,
Mas não nos importaremos com o custo

(Bravado, 1991)

Agradecimentos

Devemos cumprir sozinhos algumas jornadas da vida, mas nenhuma estrada livre pode tranquilizar uma alma sofrida como os corações abertos das pessoas atenciosas. Eu quero aproveitar esta oportunidade para agradecer formalmente os familiares e amigos que cuidaram de mim quando eu não podia cuidar de mim mesmo: meus pais, Glen e Betty, minhas irmãs Judy e Nancy, meu irmão Danny e sua esposa Janette, Deb e Mark, Steven e Shelly, Keith, Brutus e Georgia, Brad e Rita, David e Karen, Paul e Judy, Ray e Susan, Sheila, Pegi, Geddy e Nancy, Alex e Charlene, e Liam e Sharyn.

Na estrada, algumas das pessoas acima me ofereceram hospitalidade e uma bem-vinda distração, assim como Dan e Laurie, Gump, Trevor, Nathalie, a família Williams, Freddie, Rob e Paul, Andrew (nosso benfeitor), os parceiros expatriados de Hollywood, a família Nuttal; e todos que mais diretamente me ajudaram a formatar estas páginas: Lesley Choyce, Mark Riebling e meu irmão Danny, que me deu alguns conselhos astutos e valiosos. Paul McCarthy é um gênio no ramo editorial e foi generoso, solidário, encorajador, criterioso e incisivo, e me levou a tentar tornar minha história mais profunda e mais rica.

Minha moto e eu gostaríamos de estender nosso apreço especial às concessionárias BMW de Salt Lake, Iron Horse em Tucson, Shail's e John Valk em Vancouver, e McBride Cycle em Toronto.

Às vezes, quase posso sustentar o sentimento elevado de que a dor de perder Jackie e Selena foi válida pela alegria de tê-las conhecido. Não sei se algum dia vou ser capaz de aceitar tal sentimento, mas o mais importante é que eu aceito o *hoje* – a alegria de conhecer Carrie e a inspiração de ser amado por ela. Sem ela, *Vapor Trails* não teria existido, e este livro não teria sido escrito.

"Dedicado ao futuro, com honra ao passado".

Para saber mais sobre nossos lançamentos, acesse:
www.belasletras.com.br